

# ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. Portela</i>	<i>119</i>
<i>G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel</i>	<i>199</i>
<i>G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira</i>	<i>301</i>
<i>G.R.E.S. Paraíso do Tuiti</i>	<i>427</i>
<i>G.R.E.S. Unidos do Viradouro</i>	<i>513</i>





# **G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL**



**PRESIDENTE  
FLÁVIO SANTOS  
PRESIDENTE DE HONRA  
ROGÉRIO DE ANDRADE**



**Pede caju que dou... Pé de  
caju que dá!**



**Carnavalesco  
MARCUS FERREIRA**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> <i>Pede caju que dou... Pé de caju que dá!</i>					
<b>Carnavalesco</b> Marcus Ferreira.					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Marcus Ferreira e Fábio Fabato.					
<b>Autor(es) da Sinopse e Defesa do Enredo</b> Fábio Fabato.					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Marcus Ferreira, Fábio Fabato, Marcelo Plácido, Vânia Reis e Wilker Jorge.					
	<b>Livro/Revista</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultas</b>
01	Caju – Coleção 500 Perguntas e Respostas.	João Pratagil Pereira de Araújo.	Embrapa, Brasília – DF.	2015.	Todas.
02	Grande Enciclopédia Larousse Cultural.	Grande Enciclopédia.	Nova Cultural.	S/ Ano.	Bul/Cas, Pág. 1046.
03	Brasil – Histórias, Costumes e Lendas.	Domingo Alzugaray, Cátia Alzugaray. Texto: Alceu Maynard Araújo. Desenhos: José Vanzellotti.	Editora Três.	1993.	Todas.
04	Almanaque de Brasilidades – Um Inventário do Brasil Popular.	Luiz Antonio Simas.	Bazar do Tempo.	2018.	Todas.
05	Coisas que o Povo Diz – Luís da Câmara Cascudo.	Luís da Câmara Cascudo.	Global Editora.	2009.	Todas.
06	Dicionário do Folclore Brasileiro.	Luís da Câmara Cascudo.	Global Editora.	12ª Edição, 2012.	Pág. 162.
07	Aves Brasileiras e as Plantas que as Atraem.	Johan Dalgas Frisch e Christian Dalgas Frisch.	Global Editora.	3ª Edição.	Todas.

08	Terra Papagalli – Narração para Preguiçosos Leitores da Luxuria, Irada, Soberba, Invejável, cobiçada e Gulosa História do Primeiro Rei do Brasil.	José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta.	Editora Alfaguara.	2009, 20 <sup>a</sup> Reimpre ssão.	Todas.
09	Carmen – A Vida de Carmen Miranda, a Brasileira Mais Famosa do Século XX.	Ruy Castro.	Companhia das Letras.	2005.	Todas.
10	O Rio Antes do Rio.	Rafael Freitas da Silva.	Editora Relicário.	5 <sup>a</sup> Edição, 2010.	Todas.
11	Debret e o Brasil – Obra Completa.	Julio Bandeira e Pedro Corrêa Lago.	Capivara Editora.	1816 – 1831.	Todas.
12	Tempo de Caju.	Socorro Acioli.	Positivo.	2012.	Todas.
13	Caju: Negócio e Prazer.	Anya Ribeiro de Carvalho e João Augustinho Telles.	SETUR.	1997.	Todas.
14	O que faz o Brasil, Brasil?	Roberto Damatta.	Rocco.	1998.	Todas.
15	Singularidades da França Antártica.	André Thevet.	Nacional.	1944.	Todas.
16	O Cajueiro Nordestino.	Mauro Mota.	CEPE.	2011.	Todas.
17	Tempo dos Flamengos: Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil.	José Antônio Gonsalves de Mello.	TopBooks.	2001.	Todas.
18	O Caju, o Brasil e o Homem.	Gilberto Freyre.	Acervo IPHAN.	1977.	Todas.

19	Historia Naturalis Brasiliae.	Georg Marcgraf e Willem Piso.	Acervo Fiocruz.	1648.	Todas.
20	Tratado da Terra do Brasil.	Pero de Magalhaes de Gândavo.	Conselho Editorial – CEDIT.	1576.	Todas.
21	Verdade Tropical.	Caetano Veloso.	Companhia das Letras.	1997.	Todas.
22	Tropicália: A História de uma Revolução Musical.	Carlos Calado.	Editora 34.	1997.	Todas.
23	Noites Tropicais: Solos, Improvisos e Memórias Musicais.	Nelson Motta.	HarperCollins.	2000.	Todas.
24	O Conceito de Angústia.	Sören Kierkegaard.	Vozes.	2013.	Todas.
25	O Poder Simbólico.	Pierre Bourdieu.	Betrand Brasil.	1989.	Todas.
26	Lendas e Mitos, Poemas e Outros Textos.	Adrião Neto.	Gráfica Pinheiro de Teresina.	2022.	Todas.
27	Natureza viva: As Representações Simbólicas do Caju na Cultura Nordestina.	Flávia Fernanda Fernandes.	Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE).	2021.	Todas.
28	As Várias Faces do Brasil: a Imagem do Caju em Macunaíma.	Jakeline Fernandes Cunha de Paula.	USP.	2009.	Todas.
29	Os Cajueiros: A Paisagem-Horizonte de Macunaíma.	Jakeline Fernandes Cunha de Paula.	Revista Cerrados.	2022.	Todas.
30	O Turista Aprendiz.	Mário de Andrade.	IPHAN.	2015.	Todas.
31	E Triunfo? A Questão dos Bens Culturais no Brasil.	Aloísio Magalhães.	Nova Fronteira.	1997.	Todas.
32	Macunaíma, o Herói Sem Nenhum Caráter.	Mário de Andrade.	Oficinas Gráficas de Eugênio Cupolo	1928.	Todas.

33	As Três Irmãs: Como um Trio de Penetras “Arrombou a Festa – Mocidade, Beija-Flor e Imperatriz.	Alan Diniz, Alexandre Medeiros e Fábio Fabato.	NovaTerra.	2012.	Todas.
34	Pra Tudo Começar na Quinta-Feira: O Enredo dos Enredos.	Fábio Fabato e Luiz Antonio Simas.	Mórula.	2015.	Todas.
35	Tieta do Agreste.	Jorge Amado.	Companhia das Letras.	1977.	Todas.
36	Gabriela, Cravo e Canela.	Jorge Amado.	Companhia das Letras.	1958.	Todas.
37	O Enterro da Cafetina.	Marcos Rey.	Rígel.	2003.	Todas.
38	Manifesto Caju (1979).	Helio Oiticica.	Folha de São Paulo.	1992.	Todas.
39	Contando a Arte de Tarsila do Amaral.	Angela Braga-Torres.	Global.	2018.	Todas.
40	J. Borges: entre fábulas e astúcia.	Maria Alice Amorim.	Cepe.	2019.	Todas.
41	Pauliceia Desvairada.	Mário de Andrade.	Novo Século.	2017.	Todas.
42	Manifesto Antropófago.	Oswald de Andrade.	Revista da Antropofagia.	1928.	Todas.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Histórico Carnavalesco:**

**Marcus Ferreira** - Arquiteto e designer gráfico formado pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). O carnavalesco fez sua estreia, em 2009, pela Mocidade de Vicente de Carvalho, levando a agremiação ao antigo Grupo B. Em 2010, manteve a escola no grupo, com o enredo “Bonecas: impossível não se apaixonar por elas”. Por conta deste elogiado e premiado desfile, assumiu a Estácio de Sá no ano seguinte, sendo considerado a revelação do carnaval 2011 da Série A. Faturou diversos prêmios de melhor carnavalesco, figurinista, além do prêmio internacional “Top Of Business” – oferecido pelo Hotel Sheraton.

Posteriormente, na Série A, assinou apresentações em agremiações como Unidos do Jacarezinho, Renascer de Jacarepaguá, União do Parque Curicica, Acadêmicos da Rocinha e Inocentes de Belford Roxo. Em 2017, deu o título ao Império Serrano com um enredo sobre o centenário do poeta Manoel de Barros – “Meu quintal é maior que o mundo!” – levando a escola da Serrinha de volta ao Grupo Especial, após nove anos.

No ano de 2020, fez sua estreia na elite do carnaval carioca e conquistou o campeonato, ao lado de Tarcísio Zanon, com a Unidos do Viradouro no enredo sobre o grupo musical “As Ganhadeiras de Itapuã”. Na esteira de um título inspirado, “Viradouro de alma lavada”, este segundo título da história da escola de Niterói garantiu a Marcus todos os prêmios carnavalescos referentes ao quesito enredo. Conquistou, no mesmo ano, diversas láureas referentes a seus quesitos, tais como o Estandarte de Ouro de “Melhor Enredo”; Troféu Plumas e Paetês, Rádio Tupi e Gato de Prata como o melhor carnavalesco do ano.

Conquistou a terceira colocação do Carnaval de 2022 com a Unidos do Viradouro, garantindo todas as notas máximas nos quesitos que defendia: Alegorias e adereços, Fantasias e no premiado Enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” - um relato ao carnaval carioca sobre o pós-pandemia de 1919. É, ainda, o autor dos figurinos da peça teatral “O futuro chegou ontem”, de Kleber Di Lázzare, inspirada no enredo citado, e que esteve em cartaz na cidade de São Paulo em 2021.

Fez sua estreia na Mocidade Independente de Padre Miguel no carnaval de 2023 – escola que, em sua história, consagrou grandes artistas como Arlindo Rodrigues, Fernando Pinto e Renato Lage. Conquistou o troféu Estandarte de Ouro “Categoria Fernando Pamplona de Criatividade”, em razão da utilização de materiais alternativos e surpreendentes no carro abre-alas.

Sua aposta será novamente num perfil evidente de arte – o olhar para um Brasil desconhecido – a vertente que o tem consagrado como o artista de visões regionais, dos causos *sui generis* e desconhecidos de nosso país. “Pede caju que dou... Pé de caju que dá!” surge a partir de um desses pensamentos. Sim, desbravar o verdadeiro sentimento nacionalidade, o que somos e não reconhecemos. Eis um fruto nativo, o caju, que passeia pelo verdadeiro sentimento de brasilidade, tão pertinente a seu perfil carnavalesco e à história temática da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Apontado por especialistas como um dos grandes talentos da nova geração no universo das escolas de samba, é um dos únicos artistas a conquistar a ascensão em todas as séries do Carnaval Carioca pelas quais passou. Mantém a linha de enredos inéditos e embebidos em brasilidade, uma de suas marcas desde o início de sua trajetória nos carnavais da Série A e, pelo quarto ano consecutivo, no Grupo Especial.

**Histórico enredista/pesquisador:**

**Fábio Fabato** – Jornalista formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Fabato é assessor de imprensa especializado em comunicação corporativa (atua, há 15 anos, como funcionário de carreira da empresa Finep, agência de financiamento vinculada ao Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação), e também escritor e pesquisador de cultura popular. Na esteira de uma relação familiar com a Mocidade Independente de Padre Miguel (seus pais desfilaram por mais de 20 anos seguidos pela agremiação), produziu a primeira biografia da escola – “As três irmãs – Como um trio de penetras ‘arrombou’ a festa” (editora NovaTerra, 2012), obra em parceria que homenageou, além da Mocidade, a Beija-Flor de Nilópolis e a Imperatriz Leopoldinense.

A partir desse projeto seminal, Fabato passou a fazer a curadoria da série literária “Família do carnaval” (editora NovaTerra), que complementou “As Três Irmãs”. Ao todo, foram quatro livros que apresentaram a história das principais escolas de samba do Rio de Janeiro, reunidas a partir dos seus estilos, numa espécie de “família”. O último lançado – “As Matriarcas da Avenida: quatro grandes escolas que revolucionaram o maior show da Terra” – contou, em 40 crônicas, as histórias das escolas que serviram de base para a atual configuração do carnaval carioca: Acadêmicos do Salgueiro, Estação Primeira de Mangueira, Portela, Salgueiro e Império Serrano. Aqui, Fábio Fabato assinou parte dos capítulos da Mangueira.

A segunda obra, “As Titias da Folia – O brilho maduro de escolas de samba de alta idade”, vencedora do Prêmio Edison Carneiro de “Melhor livro de não ficção sobre carnaval”, trouxe as memórias de Unidos da Tijuca, Vila Isabel, Viradouro e Estácio de Sá. Fabato escreveu alguns capítulos sobre esta última. No terceiro projeto, “As Primas Sapecas – Alegria, crítica e irreverência na avenida”, as homenageadas foram Caprichosos de Pilares, União da Ilha e São Clemente.

Em parceria com Luiz Antonio Simas, Fabato assinou, ainda, uma obra de referência sobre a história dos enredos de carnaval e dos principais carnavalescos do Rio, “Pra tudo começar na quinta-feira – o enredo dos enredos” (editora Mórula, 2015), livro que ganhou prêmio da Prefeitura do Rio de Janeiro alusivo aos 450 anos da cidade. O jornalista também é coautor de um romance chamado “Louvre-Rivoli: estação partida” (NovaTerra, 2015), que, apesar de tratar de uma história de amor ligada à cidade Paris, é pleno de referências ao carnaval carioca.

Como comentarista, Fabato estreou em 2007, na 98 FM. Em 2010 e 2011, comentou o desfile das escolas de samba pela rede de televisão Bandeirantes. Ainda na TV, comentou – em 2016, 2017 e 2018 – o desfile das campeãs pela TV Brasil. De 2012 a 2022, foi, ainda, comentarista da Super Rádio Tupi, integrando a maior equipe de transmissão da folia carioca no rádio brasileiro. Durante a pandemia (2020 e 2021), ao lado do jornalista João Gustavo Melo (enredista/pesquisador da escola de samba Unidos do Viradouro), do jornalista Rodrigo Hilário (enredista/pesquisador da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis) e do artista plástico André Rodrigues (um dos carnavalescos da escola de samba Portela), criou o canal de lives “Boi com Abóbora”, o maior sucesso de comunicação e entretenimento online do período, sucesso de público e crítica, reconhecido com prêmio pelo site Carnavalesco.

Já na função de enredista e/ou pesquisador, escreveu os argumentos de três temas da Mocidade Independente de Padre Miguel (“Namastê, a estrela que habita em mim saúda a que existe em você”, 2018; “Elza Deusa Soares”, 2020 e “Batuque ao caçador”, 2022). Dos quatro hinos da Mocidade que ganharam Estandartes de Ouro de “Melhor samba” desde a criação do prêmio conferido pelos jornais O Globo e Extra (em 1972), dois saíram de sinopses escritas por Fabato (2018 e 2022). A pesquisa do enredo “Batuque ao Caçador”, de 2022, aliás, foi eleita a melhor do ano pelo Prêmio Plumas e Paetês

Apassionado pela Mocidade, Fábio Fabato enxerga que “Pede caju que dou... Pé de caju que dá!” é a escolha certa para um momento de reforçar de laços do Brasil com sua democracia e questões mais íntimas. A aposta é em brasilidade, leveza, mas também na riqueza que existe no interior de algo, aparentemente, simples. Eis a volta da Mocidade sensorial e sensual, estilos consagrados desde a fundação.

#### **Equipe de Criação:**

**Fábio Fabato** – Enredista e pesquisador.

**Henrique Pessoa** – Revisão textual.

**Highor Pfaltzgraff** – Assistente carnavalesco.

**Monclair Filho** – Projetista de alegorias.

**Rômulo Roque** – Desenhista de fantasias.

**Andre Luis Junior** – Revisão histórica.

#### **Outras informações julgadas necessárias:**

**Logomarca (Arte Visual – Carnaval 2024)** - A logomarca da Mocidade Independente de Padre Miguel para o Carnaval de 2024 possui muito da identidade que marcou carnavais memoráveis da escola. Os signos tropicais presentes ambientam a história de um fruto nativo, de narrativa desconhecida por grande parte de nós brasileiros. A figura de Carmen Miranda inicia, a partir da década de 30, um movimento identitário de retomada pelos elementos de nacionalidade de nosso país. A marca remonta a imagem principal estrelada pela artista no clipe/cena “The Lady in Tutti-Frutti Hat”, da comédia musical cinematográfica “The Gang’s All Here” (“Entre a Loura e a Morena”, de 1943), de Busby Berkeley, que completou 80 anos em 2023. Bruna Santos, primeira porta-bandeira da Mocidade, foi escolhida como a estrela da identidade visual do enredo “Pede de caju que dou... Pé de caju que dá!”.

#### **Sites consultados:**

<https://fundacaocargill.org.br/beneficios-do-caju/#:~:text=O%20caju%20foi%20levado%20pelos,Costa%20do%20Marfim%20e%20Brasil.>

<https://arapuru.com.br/semana-do-caju-arapuru/>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/caju.htm>

<https://brasilecola.uol.com.br/frutas/caju.htm>

<https://www.mombora.com.br/blog/historia-da-castanha-de-caju/>

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/noticia/2020/10/02/de-onde-vem-o-que-eu-como-caju-pode-virar-ate-queijo-mas-nao-e-fruta.ghtml>

<https://www.cerratinga.org.br/especies/caju/>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caju>

<https://arapuru.com.br/semana-do-caju-arapuru/>

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/caju>

<https://www.youtube.com/watch?v=K5TEAciRZak>

<https://www.youtube.com/watch?v=1e2BEKz-pPk>

<https://www.youtube.com/watch?v=DKq1VmcJGIM>

<https://www.youtube.com/watch?v=dLiyI5p0wkY>

<https://www.youtube.com/watch?v=i1BGrbfUHn4>

Programa Brasil Legal (Regina Casé com Tom do Cajueiro):

[https://www.youtube.com/watch?v=I2\\_mJOi67E](https://www.youtube.com/watch?v=I2_mJOi67E)

<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/7361236>

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao43/materia05/>

<https://revistacaju.com.br/2016/06/24/caju/>

### **Filmografia consultada:**

“The Gang’s All Here”, diretor Busby Berkeley (“Entre a Loura e a Morena”, de 1943).

“O Cajueiro Nordestino”, diretor Linduarte Noronha (1962).

“Macunaíma”, diretor Joaquim Pedro de Andrade (1969).

“O Enterro da Cafetina”, diretor Alberto Pieralisi (1971).

“Tropicália”, diretor Marcelo Machado (2012).

“Torquato Neto - Todas as Horas do Fim”, diretores Eduardo Ades e Marcus Fernando (2017).

“Bacurau”, diretor Kleber Mendonça Filho (2019).

### **Principais canções/poesias de consulta e inspiração:**

“Geleia Geral” (Torquato Neto/Gilberto Gil).

“Cajuína” (Caetano Veloso).

“Joa” (Caetano Veloso).

“Morena Tropicana” (Alceu Valença).

“Chuva de Cajus” (Alceu Valença).

“Caju em Flor” (João Donato/Ronaldo Bastos).

“Caju” (Silva).

“Caju” (Rachel Reis).

“Cajueiro Velho” (Luiz Gonzaga).

“Como as Primeiras Chuvas do Caju” (Ângela Linhares/Ricardo Bezerra).

“Soneto ao Caju” (Vinícius de Moraes)

Discografia completa (Caju Pra Baixo).

## **HISTÓRICO DO ENREDO**

O desfile das escolas de samba é uma forma impressionantemente brasileira de narrar. Auto embebido nas fuzarcas de Momo, mas também em profunda análise social, comportamental - e até filosófica - de uma gente e um lugar forjados em paraíso, guerra, escravidão, cultura popular, entrecruzamentos infindos, desvarios, verdades, bazófias, controvérsias e um bocado de utopias.

Os grêmios nasceram, fundamentalmente, em áreas periféricas e se permitiram relações de troca em meio ao voo em cego dos segredos de existir. Não à toa o porquê de perdurarem, a despeito de titubeios aqui e acolá, de era em era.

Mas são as funções de expressão e esponja do entorno que mantiveram este troço todo de pé, e a partir de saberes que, no começo do século XX, sentiam severa perseguição por parte de uma sociedade inda com ares escravocratas. Ou seja, contra toda forma de repressão dos aparelhos estatais, as escolas viraram mecanismo de expressão único e vigoroso desse mesmo Estado. Eis o esplendor d'uma idiossincrasia com plumas e paetês que só revela a musculatura inacreditável de tais instituições coletivas.

O enredo de carnaval nasce de uma ansiedade. Da observação emocionada sobre/pelos organismos vivos e pulsantes, as escolas de samba, que são os tais verdadeiros monumentos forjados em luta. E cada uma dessas células espalhadas pela cidade e estado apresenta identidade própria e singular capacidade de refletir as externalidades. Filha, síntese e orgulho da populosa Zona Oeste do Rio de Janeiro, a Mocidade Independente de Padre Miguel gosta de falar do Brasil. A Verde-e-branco – cujo maior ícone (José Pereira da Silva, o Mestre André) – nasceu no EXATO dia do primeiro campeonato das escolas de samba, 7/2/1932, é a cara desse Brasil que tem, no carnaval, uma avenida transversal para pensar e processar seus aspectos.

Um país que teve sua democracia reforçada nas últimas eleições pode e deve estar em festa. Ela nos iguala, no aprofunda, nos investiga emocionalmente. A festa é um dos ativos que lastreiam o Brasil. E historicamente as festas nasceram a partir da fartura do chão. Ou seja, quando os campos esbanjam flora e as árvores ficam plenas, os buchos terminam cheios e o reforçar de laços é imediato. Desde os povos originários, passando aos invasores e àqueles que, infelizmente, foram escravizados por muito tempo, as festas na esteira da fertilidade da terra são traço de união e cessam – mesmo que brevemente – disputas.

Com tamanho sarapatel de brasilidades em pulsação, foi que decidimos, portanto, homenagear uma riqueza brasileira que simbolizasse este momento de alegria. O caju, fruto nativo, está na sabedoria que formou a nação desde bem antes dos relatos ocidentais brancos. Foi motivo de apaixonamento, de conflito, de arte (até em tempos de guerras), nos moldou essencialmente. De sabor doce e travoso, à moda da vida, desfila inversão corporal bastante curiosa. Singelo e complexo, raiz e independência econômica mundo afora. Quer algo mais carnavalesco?

No campo do patrimônio cultural, o designer e pesquisador Aloísio Magalhães – que criou o Centro Nacional de Referência Cultural – fez uma brilhante análise sobre a riqueza desse produto, uma de suas melhores contribuições críticas. Ele salienta que o caju, além de ser um fruto natural do Brasil,

possui três predicados importantes – o de consciência histórica - isto é - conhecido desde os primórdios da colonização até hoje; o do espaço, pois abrange praticamente a maior parte do território brasileiro; e, por último, o das múltiplas possibilidades em matéria de utilização e de produtos derivados:

*A diversidade de usos é tal que ele já saltou para fora do museio direto e já tem os usos simbólicos. Medidor de tempo, divisor de espaço temporal: antes e depois da chuva do caju. Você tem objetos de arte usando o caju; mobiliário com trabalhos de talha feitos com caju; pintura feita com uso do caju, poesia citando caju, literatura em torno do caju, música em torno do caju. Enfim, ele entra numa penetração multifacetada na comunidade que o configura como objeto cultural.*

Tantas camadas inspiraram os autores do enredo para um tipo de mergulho – tão urgente quanto outras urgências – e que anda em falta na manifestação fundamentalmente popular: a verdade e grandeza que, muitas vezes, moram na simplicidade. E já que, em 2024, o poeta Torquato Neto – homenageado pela canção “Cajuína” – faria 80 anos, o caju da Mocidade é apresentado com alma bastante tropicalista, temática que perfumou propostas vitoriosas outrora.

O histórico desse enredo, pois, tem sua gênese no comprometimento com a felicidade dos que vão consumi-lo. Assim, foi pensado seu argumento, que gerou a sinopse (origem do inspirado samba de enredo) e vai desembocar na receita do desfile.

Bom apetite!

## SINOPSE DE ENREDO

### PEDE CAJU QUE DOU... PÉ DE CAJU QUE DÁ!

*“Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido”.*

**(Breviário Tropicalismo Para Principiantes, Torquato Neto)**

#### **Carne de Caju**

O poeta sempre mira a própria terra para trançar letras e alçar voos. Nada mais natural que ele e seus parceiros, além de tantas outras inspirações, buscassem uma fruta nativa, farta e com certo capricho corporal para explodir em cores toda a revolução tropicalista. Pudera! A suculência agridoce que seduz os lábios, diz a ciência, é mero penduricalho acessório. O fruto, no duro, está no alto, qual um cocar, *black power* ou coroa: a castanha. Mas quem é bobo de não se lambuzar com tudo?

No país de inversões igualmente marcantes e da arte que passou a transgredir e realçar o profundo da brasilidade, nosso recado carnalizado tá na mesa: o redemoinho antropofágico da Tropicália cravou os dentes também em carne de caju. *Yes, nós temos pra chuchu!* A partir dele, simbora abocanhar o Brasil de tantas porções e sabores?

Quem não possui um cajueiro de copa verdinha no lado esquerdo do peito? Pinta de rim, mas convite ao pecado. Caju-de-árvore, caju-anão, caju-rasteiro, caju grandão e pequenino, caju amarelo, rosado ou pra lá de vermelho. Protagonista de soneto composto, quiçá, na banheira de Vinicius: *“consistência de caralho e carrega um culhão na natureza”*. O materialismo elementar pelo avesso. Que mancha, que arde, que abunda! Que chove. Exagerado e a prumo. Tupi *acayu* a pau.

*Cajuí or not cajuí, that is the question!* Faremos dele carnaval!

#### **Anacardium Occidentale**

E vamos de mergulho no passado, contado em castanhas guardadas pelos povos originários. Cada caju na cabaça, uma primavera. O povo do indígena Porã, expulso do lugar de origem, só encontrou felicidade quando floresceram as castanhas guardadas numa cabaça especial pelo pajé Tamandaré, seu avô, e que estavam perdidas. O sábio, mesmo depois de morto, inspirou lições a seus descendentes. Veio a seguir o tempo de caju, de generosidade, já que a “noz que se produz”, para além do beabá da Botânica, semeia fartura, memória e afeto. Nas cerimônias que envolvem o Torém, ritual sagrado dos Tremembés, os espíritos dos indígenas que cantaram para subir proseiam com os vivos. O entornar desbragado de mocoioró, ou vinho de caju, rega a raiz das tradições – já que a festa esbarra na época de colheita.

Contam os sabidos que as tribos do interior buscavam o litoral enfeitado pelas árvores abarrotadas. As ditas “Guerras do Caju” surgem assim, e bem antes de Cabral, mas ganharam mais adstringência quando as treze naus apontaram no horizonte. Aí, cresceu o olho gordo pra ordem de tonelada! O portuga logo melou os bigodões de interesse. O francês, *mon amour*, pôs na boca, nos bolsos e deu firma em célebre ilustração. Já ao dono real da terra... Bem, restou lutar – borduna em punho – contra as mumunhas do afanar institucionalizado, nosso amargor histórico.

E nem falamos do holandês, que também não marcou bobeira naquele fuzuê: Nassau tratou de legislar, pôs carimbo e remeteu aos seus como presentinho inflacionado.

Velas ao vento na contramão. Estava arranjada a invasão – o caju-desbravador a fazer epopeia com pose de *Tupiniquim Caju Fruit Company* – pelo inverso itinerário das grandes navegações. Retorno à vista! *The Brazilian Way Of Life* natural reverenciado com rapapés e incrementado do lado de lá do oceano por monarcas e súditos.

### **Caju-rei**

Mas, se até o nada asseado D. João topava um banho de gato maroto na antiga Praia do Caju (para se curar das picadas por carrapatos), e Pedro II era retratado como Pedro Caju pelas charges dezenovistas... Quis o fruto erguer o seu reinado nas bandas de cá mesmo. Em Pirangi do Norte (quina litorânea superior do país), no ano da libertação dos escravizados, um pescador de nome Luiz Inácio plantou o danado que vestiu a faixa de maior cajueiro do mundo.

No lugar de subir, a galhada se espichou para os lados, com a aparição de novas raízes ao tocar o solo. Danou a crescer sem parar. O “Polvo Potiguar” de tentáculos cheirosos fez fama e enumera colheitas a sumir da memória, espécie de refazenda em trajetória interminável. Já o pescador com nome de presidente seguiu os dias sempre próximo à criação improvável. Certa vez, bastante velhinho, sentou-se prum descanso à sombra da árvore e nunca mais acordou. Um dos ciclos aromatizados pela planta-sentinela do litoral.

Tudo parecia mar calmo, só que pintou contestação. O típico duelo de meninotes de calça curta sobre quem ostenta o maior tronco. Recentemente, o autocoroado “Cajueiro-Rei” (também com pinta de polvo), nas franjas do Delta do Parnaíba, tratou de reivindicar o alto da rampa de campeão da fita métrica. Ou seria quilométrica? No caso deste, há, ainda, uma lenda sobre trágico amor indígena a tiracolo: dizem que – cercados por mar de cavalos-marinhos, peixes-bois, tartarugas e golfinhos – dois guerreiros lutaram pelo amor da cunhã-poranga Jacira. Culminou em tragédia acompanhada de milagre.

Após a disputa, o perdedor emboscou o seu rival e a amada num passeio em que colhiam cajus. Duas flechadas, ambos mortos. Foi, então, que a tempestade plena de raios e trovões do dia seguinte produziu cena mágica: no exato lugar do enterro do casal, emergiu a planta de dimensão extraordinária. Alguém duvida?

O quiproquó entre os dois cajueiros inspirou torcidas organizadas, teorias rocambolescas da Biologia, um “mede aqui, mede acolá” ainda distante do apito do juiz. Mas, enquanto não existe régua com o devido amém de ambos os lados, tudo é poesia para a castanha-*commodity* e seu pedúnculo famoso: seguem campeões de audiência entre paladares gringos e nossos. Autênticos reis do mundo. Reis à caju.

### **Mosaicaju**

Entre pelejas e causos da sabedoria dos povos – com delírios por excesso de caju fermentado nas ideias ou verdades incontestes –, o filho legítimo dessa aldeia gigante grudou como “noda”. Expressão de memória coletiva, nos lábios de mel da literatura, economia musculosa, holofote dos anjos ou demônios que nos conectam ao sentimento e calorzinho de nação. Castanha-mátria, caju-pátria. Confidentes dos nossos profundos quintais interiores.

Nas curvas do destino e desatinos de Macunaíma, tão metáfora da vida brasileira, ah!, lá está o caju a marcar e serpentear os seus passos contraditórios. Acompanhante-anti-herói-espelho-meu.

Caju-brasuca também na corda bamba com pincel na mão: a “Feira” e o “Romance” modernistas de Tarsila em contraste com a “cica” memorial da melancólica aquarela de Debret a partir da escravidão.

Haja caju para tantas camadas sobre tela! Telas, por óbvio, da mais pura vida real extraída do pé. Pede caju que dou... Pé de caju que dá!

Dá em tela de caju-caipi-pop, virado pra dentro industrialmente enquanto as pernocas inda não bambeiam: a própria enciclopédia dos amigos pós-doutores em língua enrolada.

Consistente, cortadinho em rodela, do prato e da polpa, sabor agreste e cerrado, que encanta o doce e o salgado. Para quem quebra castanha coletivamente – a própria alegoria da roda cronológica –, gosto de pertencimento compartilhado. Laço. Ou mero pedaço, vá lá.

Tela do caju-família. Vitamina, crendice e mistura que nos inflamam. Das cantigas, do licor, do suco. *“Goiabada para sobremesa...”*. Refresco. O dedilhar na viola embriagado de saudades. E até compota enfeitadinha, fita e tudo. Remedinho da mamãe. Receita passada como herança no caderninho amarelado que não se empresta nem ao melhor amigo. Sujeito-elo entre a rua e a varanda. Toalha de mesa estendida com água na boca. Pinga. Para participar de brincadeira popular e religiosa: da quermesse à curimba, do sambão ao batidão na esquina de casa.

Tela do caju-moleque. Com travessa de cajuzinhos a perfumar a vivência dos mais experientes – *“quando você ia aos cajus, eu já voltava com as castanhas assadas”*. Virou também recado reto para o vacilão que resolve brigar de bobeira: *“ei, vai tomar caju!”*. E segue o bloco! Que contorna a praça e abraça o velho cajueiro, debruçado na fuzarca como bom anfitrião namorador. Rostinhos colados à malemolência do cancionista, o fim de festa traz o beijo da morena tropicana, vejam só. Pele macia, saliva doce, sim, vou lhe desfrutar. *“Ô, iô, iô, iô”* ...

### **Geleia Geral**

*“O poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia. Resplendente, cadente, fagueira, num calor girassol com alegria. Na geleia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia...”*. Natural que a geleia geral de sabores acima tenha, de fato, a própria alma da Tropicália, e aí pensamos outra vez no poeta, mais, especificamente, numa canção a ele dedicada: *“existirmos a que será que se destina?”*. A dúvida existencialista em meio à ambivalência do fruto-não-fruta parece extrato nosso chupado de canudinho com aquele barulhinho sacana. Ora, existimos para a vocação de fazer cultura popular e da riqueza exuberante da terra, inda que descuidadas. Eis que o Brasilzão mira a água cristalina do velho Atlântico e lá está peladão e sem vergonha: é o seu próprio fruto jamais proibido. Travesso um tanto, travoso para tantos, “totoso” no total.

Que mistério tem o corpo continental que goza flora como fogos de artifício e se entorpece da energia do povo na loucura de ser? Salada mista de gritos ambulantes que vendem e consomem fertilidade, é mascate de prazeres até o talo. A alquimia desengonçada do rapaz metido a gato-mestre na barraca de caipirinha: *“com açúcar, dotô?”*. Somos vida cajuína mergulhada em delirante cortejo *made in sol e mar*, desfile na areia, curvas de sereia, sumo e pegada.

Um viva ao paraíso tropical que tudo dá e ao estado de festa indomável na relação entre gentes e chão – o melhor caju do pé de Brasil. Ou seria o melhor Brasil do pé de caju?

Alegria gaiteira, convenhamos, já muito experimentada no terreiro fervido dos independentes. Basta *“olharmo-nos intacta retina”*: na cabeça, uma estrela. No corpo macio, o rebolado passista e a pulsação do tambor. Que tal a suculência da carne de carnaval, o salivar permitido, lamber os beijos sem qualquer pingo de culpa?

Cá estou, “cajuinamente”, servida de bandeja com a dose de feitiço que me fez banquete desejado desde moça.

Vai, batida mais quente, e vê se leva o aroma do reencontro comigo mesma: sou dádiva que se espalha como caju. Sou o fruto mais doce e *sexy* da capital da folia.

Sou quem morde o seu coração... SOU A MOCIDADE!

*Carnavalesco – Marcus Ferreira.*  
*Autoria do enredo – Marcus Ferreira e Fábio Fabato.*  
*Sinopse – Fábio Fabato.*

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O filme “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho, é uma saga bem brasileira de luta pelo chão. Num momento-chave daquele Pernambuco raiz, vermelho-dor e terra batida, a médica Domingas (personagem de Sonia Braga) oferece suco de caju (o fruto nativo e múltiplo) ao inimigo estrangeiro (interpretado por Udo Kier), que planeja destruir a cidade e seus habitantes num jogo perverso.

Como uma espécie de oferenda da curimba, ritual originário ou a própria Santa Ceia à brasileira, serve de preâmbulo ao espetáculo seguinte: a terra resguardada com o corpo suado e pingando de sangue por toda a gente do lugar.

Sim, o caju é uma das primeiras armas para domar o assassino. E o cartão de visitas para, sem rodeios, dizer que proteção forte - no Brasil - começa a partir do exaltar da verdade/fertilidade de um local.



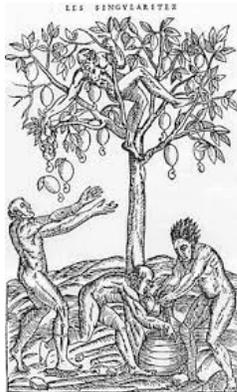
Ora, o caju é história, identidade popular, economia e indústria fortes – sobretudo no Nordeste brasileiro (responsável por 95% da produção) – com possibilidade de feitiço a qualquer paladar. Edulcorado e rascante qual a própria existência (e as questões que nos envolvem). Autêntico amigo fiel do brasileiro, confidente dos segredos à mesa, afeto memorial das varandas da infância. No artigo “O Caju, o Brasil e o Homem” de 1977, o escritor e sociólogo Gilberto Freyre expressa a dimensão cultural e simbólica do caju na cultura brasileira:

*“Tornou-se corrente entre brasileiros a expressão pitoresca ‘colher mais um caju’, para significar, na vida de uma pessoa ou de uma instituição, mais um ano de existência. O que indica quanto de existencial o caju tornou-se para numerosa gente do Brasil já europeizado. Pois, o que há de mais significativo na existência de um povo, que o seu sentido de tempo? Que o modo de contá-lo? Ligado a esse sentido de vida-tempo é que o caju se tornaria, no Brasil civilizado, por vezes com projeções transbrasileiras, suco, refresco, doce, licor, vinho, batida, símbolo - inclusive, na caricatura política, do próprio segundo imperador do Brasil, Dom Pedro II – e a castanha do caju, confeito, peça de jogo infantil e também símbolo. Registre-se que da resina do cajueiro se vem fazendo no Brasil cola para grudar coisas diversas; que a flor do cajueiro há quem a considere a mais cheirosa das flores brasileiras do mato sendo célebres versos a seu respeito como os que falam de ‘cajueiro pequenino carregadinho de flor’, que a árvore, na verdade de ordinário antes pequenina que imponente, cresce retorcendo-se, mais horizontal do que verticalmente com seus galhos prestando-se às primeiras travessuras agrestes de meninos ainda pequenos; que Cajueiro é, no Brasil, nome de família; que há uma chuva, no Nordeste, que se chama dos cajus; que há, no mesmo Nordeste, quem misture a fruta do cajueiro, cortada em pequenas talhadas, em vez de laranja, na muito brasileira feijoada e também quem nela injete cachaça para chupar um caju assim misto; que a castanha tanto apreciada quando assada de modo rústico como sob as formas sofisticadas de castanha, aperitivo de mesa fina, ou de castanha confeitada...”*

O cajueiro pertence à família Anacardiaceae, que é composta por cerca de 70 gêneros e 700 espécies. Quanto ao gênero, o cajueiro pertence ao *Anacardium*, constituído por aproximadamente 22 espécies, sendo 21 originárias das Américas do Sul e Central e uma da Malásia. Dessas 22 espécies de cajueiro já relatadas, apenas a espécie *Anacardium Occidentale* L., de origem brasileira, é explorada comercialmente. Ou seja, o danado do caju é mesmo nosso!

Os povos originários de diferentes regiões e raízes, num Brasil ainda puro e sem a presença europeia, já brigavam nas ditas “Guerras do Caju” por aquele sabor pleno de camadas. Desde sempre, a castanha é disputada a dente e unha depois das “Chuvas de Caju”, e vitaminou paladares de modo intuitivo, antes de a ciência ocidental europeia se debruçar sobre suas propriedades. No livro “Tempo de caju”, Socorro Acioli criou os personagens indígenas Tamandaré (pajé e avô sábio) e Porã (líder do povo, o neto) para sintetizar lições relativas ao caju nesse chão ainda puro, como a contagem de tempo por castanhas em cabaças. No texto, Porã guia a tribo em época de invasões inimigas e percebe que as 70 castanhas guardadas pelo falecido avô (que estavam perdidas, mas protegidas pelas entidades das matas), depois de florescerem, representariam local seguro para sua gente. Assim foi e Porã viveu a felicidade da abundância sob a proteção espiritual de Tamandaré.

Mas, na experiência real de nação, com os gringos já por aqui, sabemos que muitos indígenas sofreram e o caju virou febre, artigo de luxo e exportação. Presume-se que o cajueiro chegou em Goa, principal colônia de Portugal nas Índias Orientais, entre 1560 e 1565. Os portugueses levaram a planta para a Índia entre 1563 e 1578. Depois da Índia, foi introduzida no sudeste asiático, chegando à África durante a segunda metade do século XVI, primeiro na costa leste, seguida da oeste e, por último, nas ilhas. E nem falamos da Europa, obviamente, amarradona na novidade. A ilustração mais antiga sobre o cajueiro, feita pelo monge francês André Thevet, quando de suas andanças exploratórias pelo litoral do Nordeste, data de 1558.



Contam que o príncipe Maurício de Nassau, governador da colônia holandesa implantada no Nordeste do Brasil no século XVII, era tão apaixonado por caju que baixou decreto aqui protegendo os cajueiros. Mas não deixou de faturar... Exportando-o para o lado de lá do oceano em forma de compota. Aliás, foi ele quem inspirou o naturalista alemão Georg Marcgraf, ao lado de Willem Piso, a criar a obra de referência “*Historia Naturalis Brasiliae*” (confeccionada em observações a partir da década de 1630), de modo a investigar a diversidade de nossa fauna e flora. O investigador de brasilidades Luís da Câmara Cascudo descreve que Marcgraf falou do caju de modo pitoresco – “*fruta típica que tem o sabor entre a pêra e o limão, com um rim grudado em cima*” – mas a ilustração principal da publicação que apresentou nossa diversidade já o entregava ares de alteza.

Sim, o Brasil como uma espécie de paraíso na Terra, onde a cornucópia da fartura jorra dos braços de sua divindade. É possível identificarmos um Adão e uma Eva indígenas postados à frente de um caminho de árvores frondosas. Mais acima, a presença da serpente confirma o cenário. E, no lugar da maçã, um arbusto carregado de cajus.

Na composição imaginária dessa estampa, a “delícia nativa” assume lugar de destaque naquele Éden tupiniquim. Tal visão reverbera o papel da fruta como ícone das bandas de cá. O tempo correu, a história abriu frentes, conquistas e derrotas, mas todo ano os cajueiros seguem plenos e impactam nosso povo.



De acordo com a Embrapa, a importância social do caju traduz-se pelo número de empregos diretos que gera, cerca de 35 mil rurais e 15 mil na indústria, além de em torno de 250 mil empregos indiretos nos dois segmentos. Para o semiárido nordestino, o valor é ainda maior, afinal, os trabalhos do campo são gerados na entressafra das culturas tradicionais como milho, feijão e algodão. Reduz-se, de tal modo, o êxodo rural.

Apesar de, como dito, o cajueiro ser filho legítimo, o país está longe de representar o principal produtor mundial de castanha de caju atualmente. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), sua produtividade média por hectare é considerada relativamente baixa em comparação com outros países produtores – como Índia, Vietnã e Costa do Marfim – o que acende um alerta. Precisamos incrementar com tecnologia e inovação o nosso campo e ganhar produtividade econômica a partir do fruto que é fonte de vitaminas, ferro, cálcio e, sabe-se, nasce pleno de atributos medicinais.

Bem, este enredo quer fazer do brasileiro um orgulhoso por ser conterrâneo do caju e ativar todas as conexões que ele provoca a partir do sentido do paladar. O “acayu”, como dizem os Tupis, é *per se* amarração de laços. Da colheita coletiva. Do assar ritualístico das castanhas. E um bocado de devaneios na esteira dos auspícios do que tanto gosto provoca.

***“Para assar, usa-se depositá-las num velho recipiente frestado de flandres mais largo do que o profundo, a fim de que as castanhas não fiquem muito superpostas e o calor se distribua bem. Lançado o fogo embaixo, comunica-se pelas frestas e o óleo das cascas logo se inflama, levantando labaredas que, à noite, parecem de uma fogueira de São João.*”**

*A assadeira, de certa distância, e sempre  
protegendo os olhos contra o lançamento  
de partículas de cáustico, mexe e remexe  
as castanhas com uma vara, a fim de que todas se inflamem bem.  
O declínio das chamas indica o término da operação,  
assistida por adultos e crianças.  
A vara entorna o vasilhame de cima do seu apoio  
em tijolo e as castanhas se espalham no chão  
ainda fumegante. Jogam-lhes punhados de areia  
e logo começa a quebra com pedaços de pedra ou pau,  
tarefa muito disputada pelos meninos.”  
(O cajueiro nordestino, Mauro Mota)*

Mas a Mocidade planeja mais, a experiência sensorial de sentir o próprio Brasil a partir da mordida no caju. Sua homenagem parte da possibilidade, outra vez, de louvar um país inteiro – algo que, convenhamos, nunca deve se esgotar. Sobretudo, com os pés roçando a tela de asfalto, confundida com divã coletivo do terapeuta Momo, a chamada Sapucaí. É preciso experimentar culturas nossas sob diferentes possibilidades, vontade que os tropicalistas já proclamavam há mais de 50 anos. Que tal, então, unir o caju com a Tropicália nessa saga de autodescobertas?

*“Assumir completamente tudo o que  
a vida dos trópicos pode dar,  
sem preconceitos de ordem estética,  
sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a  
tropicalidade e o novo universo  
que ela encerra, ainda desconhecido”  
(Breviário Tropicalismo para Principiantes)*

Em 2024, Torquato Neto, que assinou o “Breviário Tropicalismo para Principiantes”, faria 80 anos. Poeta piauiense vigoroso, foi dos fundadores da agitação que mergulhou de cabeça no profundo do Brasil, e em sua essência forjada no solo e na natureza, por intermédio da arte. Ao lado do cantor e compositor Gilberto Gil, dentre outras canções, escreveu “Geleia Geral”, música que incorpora todos os elementos de brasilidade e se transformou num hino daquele momento:



*“O poeta desfolha a bandeira  
E a manhã tropical se inicia  
Resplendente, cadente, fagueira  
Num calor girassol com alegria  
Na geleia geral brasileira  
Que o Jornal do Brasil anuncia (...)”*

Torquato morreu cedo, ainda nos anos de 1970, e com a Tropicália a pleno vapor em oposição à Ditadura Militar, antítese daquele colorido tropicalista todo. O suicídio (com 28 anos) do dito “Anjo Torto” mexeu com o movimento artístico e o íntimo das principais personagens.

Numa ida à cidade de Teresina, capital do Piauí, um tempinho depois do falecimento, o cantor e compositor Caetano Veloso (outro expoente da Tropicália) conheceu o pai do poeta, Dr. Heli, que o convidou para uma visita à casa da família.

O encontro foi regado a lembranças, fotografias e muita, muita cajuína – bebida típica do estado e de todo o Nordeste feita a partir do caju.

Vocês acham que parou por aí? Óbvio que desembocaria em senhora composição. E assim foi: a homenagem eterna do baiano para o amigo e àquele pai ainda enlutado – a música “Cajuína”.

*“Existirmos a que será que se destina?  
Pois quando tu me deste a rosa pequenina  
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina  
Do menino infeliz não se nos ilumina  
Tampouco, turva-se a lágrima nordestina  
Apenas a matéria vida era tão fina  
E éramos olharmo-nos intacta retina  
A cajuína cristalina em Teresina...”*

Bem, em sua necessidade histórica de pensar o Brasil e os seres humanos de modo sinestésico e a partir de convites ao devaneio, a Mocidade é organismo que não para de fazer vinculações emocionadas e de refletir o entorno. Reflexão é a sua sanha atormentada, já que a inquietude vem dos tempos primeiros, quando inovou até na pancada sobre o couro dos instrumentos. Nascida de um terreiro, é formada da terra e da musicalidade que dela extraiu, e saiu por aí semeando frutos, pintando a bandeira do Brasil com as ditas “vergonhas” expostas, indo ao espaço ou sonhando com ele, a imaginar cidades que ficaram eternas nas lembranças – tão Brasil e nós todos.

Em tempos de democracia salvaguardada, é hora de reconciliação e (re)apaixonamento pelas coisas nossas – como o caju reinante nos quintais e campos fartos.

A natureza está insinuante para o delírio e as investigações mais profundas sobre os porquês de sermos brasileiros. A pele arrepiada é a árvore que cresce no solo vocacionado para florir. Assim mesmo, ligação direta, torrão forjado nas ranhuras de chão, o mesmo que é pista na apoteose gozosa plena do bom e velho Ziriguidum.



Já inspirada, então, pelo dito “fruto-não-fruta” que transforma agora em enredo, a Mocidade da “Tropicália Maravilha” – que pediu “Diretas já” em tantas “viradas” e se pintou do verde-louro da flâmula – botou Caetano para rodar no vinil e lá encontrou a citada “Cajuína”. Pensou no Torquato, no Gil, no poder da arte em tempos de urgência. E chorou por Gal, Rita Lee, Zé Celso, eternos guris tropicalistas.

Ora, nos devaneios foliões com elementos que movem o imperativo de falarmos do Brasil pulsante a partir de um dos tesouros da terra, é impossível não salpicar também o espírito mordedor tropicalista, mesmíssimo do poeta Oswald de Andrade e dos modernistas todos.

Tudo se liga como nódoa, a dita “noda” de caju.

Eis, pois, o momento de, outra vez, devorarmos as coisas da terra – e com o acréscimo de pitadas dos revolucionários que nos formaram artisticamente. Terra que tanto apaixonou Fernando Pinto – gênio que partiu de nosso convívio em um acidente acontecido, ironicamente, na avenida fluminense chamada Brasil.

Sim, terra. De novo.

Só que a partir desse filhão que tanto orgulho traz.



Inédito como homenageado na festa do terreiro do samba. Jamais vasculhado outrora em sua profunda capacidade de expressão dos tempos, de um povo, síntese para o atual estado de inquietude – já que é filho do chão, tem a “pegada” como pele macia, produziu inspiração desde os primórdios e precisa ser abraçado para voltar a se expandir.

O coração do mundo, o Brasil, apresentado no compasso do *Anacardium Occidentale*, o coração ocidental, o caju – filho que exprime com precisão quem, iluminado ao Sol do Novo Mundo, se pintou de poesia e peculiaridade.

A castanha reinante, o pedúnculo do sabor. Invertido. Pervertido. Atrevido. A própria libido.

“**Pede caju que dou... Pé de caju que dá!**” é um auto de enamoramento coletivo via nosso caju moleque, orgulho tropical. A contra-bólide foliã, à Oiticica, da terra em expansão sem amarras, a Mocidade “elétron livre” e feliz de tudo. Uma expressão de brasilidade na esteira dos melhores signos que fizeram apaixonante nosso Grêmio Recreativo quase setentão.

*“O enredo da Estrela é o puro sumo da terra,  
uma proposta abusada: quer, nada mais, nada menos...  
Do que reorientar o carnaval, o  
sentido da compreensão de nossa civilização,  
do nosso povo sensual, nos fazendo assumir  
desejos e pecados mais profundos.  
O pequeno notável Gilberto Freyre disse*

*uma vez, em entrevista, que ele teve a pretensão de redescobrir o Brasil.*

*Ou seja, que seria, portanto,  
um concorrente de Pedro Álvares Cabral.*

*Para esse carnaval, a Mocidade não se coloca em tarefa menor...”*

*(Franco Cava, poeta, cantor e membro da ala de compositores da escola)*

Felizes, pois, os convidados para a ceia do “meu caju, meu cajueiro” estendida nas varandas de Chica e Maria do Siri, as mães da escola-moça cheia de personalidade.

Justificamos assim nossa aventura civilizatória, seguida de convite ao prazer.

Selamos com um “cheiro”, nada mais.

*Fábio Fabato e Marcus Ferreira, fevereiro de 2024*

## **SETORES DE DESFILE**

Eis o desfile (que celebra o caju e, por tabela, o Brasil a partir dele) em cinco blocos de propostas bem evidentes e definidos. Há perceptível sentido cronológico nos setores após uma entrada-painel em que o homenageado é apresentado – e que são desdobrados nas alas, carros e quesitos para mostrar a força temática que embala tantas nuances do fruto.

Com sua natureza corpórea “invertida” (o fruto é a castanha, não o imaginado corpo), aliás, como dizem da afinação bateria da Mocidade – também “invertida” – espécies, pois, de metáforas das próprias inversões do país, o primeiro setor permite – de imediato – essa forma de começo transversal (como boas-vindas ou cartão de visitas). A abertura, portanto, chega na carona de uma visão de tropicalidade, já que esta é nosso essencial (até em razão do clima) desde o começo dos tempos, e o caju se insere nessa gênese.

Depois, então, vem o passo a passo da história, até uma explosão de sabores final.

As partes, pois, são – de modo cristalino e direto – as seguintes:

***1) Apresentação do caju (como se ele dissesse “olha eu aqui!”), este brasileiríssimo, a partir de visões/movimentos artísticos do século XX presentes no imaginário coletivo como síntese nacional;***

***2) O caju como “menina dos olhos” antes mesmo de o Brasil ser Brasil e também depois das invasões estrangeiras;***

***3) As árvores extraordinárias que expõem o quanto o caju é um “rei” do torrão verde e amarelo – chão forte, lendas, polêmicas e sabedoria oral;***

***4) O caju na rotina do país a partir de uma praça foliã e sui generis, mimetizado em produtos surrealistas que o misturam a elementos de dia a dia, como uma espécie de “noda” (nódoa) grudada nos pilares civilizatórios;***

***5) O caju e a Mocidade como ícones de um gigante país que se olha no espelho e percebe o óbvio: é filho das riquezas do chão e vendedor de prazeres tropicais a céu aberto.***

Agora, antes do mergulho no desfile em si, vamos detalhar estes setores:

### **1º SETOR – CARNE DE CAJU**

O começo do desfile da Mocidade (da Comissão de Frente ao carro Abre-Alas) apresenta o HOMENAGEADO CAJU a partir de signos nossos do século XX – Carmen Miranda e a banana na Comissão, o fruto tropical no casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, os balangandãs das baianas (que inspiraram Carmen) e o Tropicalismo (no abre-alas).

O conceito é direto:

Na Comissão de Frente, questionar o que se vendia como ideal de país no momento do dito “Brasil moderno” (sobretudo, a partir da Nova República, em 1930) e brincar com o que seria uma confusão histórica: a banana por ícone nacional – que, no grupamento de abertura (acompanhada de Carmen Miranda), é destronada pelo caju. Ora, a banana é asiática. Aliás, até Carmen não era brasileira, mas vamos tratar de enchê-la de cajus para “consertar” a falha icônica. No primeiro grande carro, a partir dos signos de investigação antropofágicos do Tropicalismo (em que a fauna e flora são exaltadas) nosso caju, já devidamente destacado, abre veredas para toda sua saga. Todo o bloco de entrada é absolutamente amarrado em figuras que impregnaram o imaginário coletivo brasileiro como mitos representativos, com profundo lastro nas memórias consagradas da nação.

Vemos, portanto, uma apresentação plena de tropicalidade do fruto nativo homenageado. Ou seja, o caju, inserido no rol das muitas inspirações artísticas do século XX – o Modernismo, o samba, os balangandãs, a baiana, a Tropicália (“*Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar (...) Apenas vivendo a tropicalidade*”) – se utiliza de alguns personagens e simbologia artística sedimentados no imaginário para desembarcar na Avenida e iniciar sua aventura de brasilidade e conexões entre o chão fértil e a cultura popular. Os cajus de todos os tipos que enfeitam nossos campos e perfumam o litoral promovem aqui uma espécie de revisitar das referências e marcos totêmicos que apresentaram o Brasil para o mundo e se transformaram em nossa identidade.

É tempo de sacudir os galhos e mexer com o senso comum para exaltar um – de fato – filho da terra:  
*Yes, nós temos caju!*

## **2º SETOR – ANARCADIUM OCCIDENTALE**

As memórias sobre o país seminal descrevem as muitas tribos (seus costumes, crenças, rituais) que habitavam o interior e o extenso litoral. Ficaram famosas as “Guerras do Caju” entre indígenas, já que, muito antes de a ciência europeia sonhar com a existência de um fruto pleno de possibilidades de aplicação, a sabedoria dos povos originários já o incorporara à alimentação, à rotina e até aos ritos em que um fermentado derivado da iguaria possibilitava o prostrar maroto com espíritos. O colonizador topou com estas bandas a partir de 1500 e, obviamente, a paixão pela riqueza dos cajueiros foi imediata. Paixão embebida em interesse econômico, é óbvio. A briga por terrenos fartos de caju ganhou novos personagens e, de tal modo, fez-se numa espécie de contramão na história, com o aporte do fruto – na esteira de toda a pompa e circunstância – do lado de lá do marzão com pinta de infinito.

## **3º SETOR – CAJU-REI**

Como um dos principais filhos do Brasil, foi aqui que o caju estabeleceu o seu reinado. O setor apresenta as formações dos dois cajueiros que se destacam pelo tamanho – suas lendas, polêmicas e tradições locais – e brinca com um curioso duelo contemporâneo sobre qual seria o maior. O primeiro que caiu na boca da moçada, e ganhou a alcunha de “Maior Cajueiro do Mundo”, foi plantado no Rio Grande do Norte, em 1888, ano da libertação dos escravizados. Quem lançou na terra a semente do também dito “Polvo Potiguar” foi um pescador homônimo do atual presidente da República - Luiz Inácio (de Oliveira) – que faleceu à sombra da árvore gigantesca.

Mas o Cajueiro-Rei, no Delta do Parnaíba (Piauí), que também se espalhou para os lados perto do litoral e ganhou ares de “polvo”, anos à frente, passou a reivindicar o protagonismo das medidas. Diz a sabedoria oral que sua formação envolve trágica lenda Tremembé de disputa de dois guerreiros pelo amor de uma cunhã-poranga. Entre o “Polvo Potiguar” e o outro polvo, a Mocidade não toma partido e faz graças com todas as nuances da saborosa polêmica nordestina. Quem vence mesmo é o caju-rei.

#### **4º SETOR – MOSAICAJU**

Aqui, o caju está mergulhado na vida cotidiana brasileira, em aspectos de dia a dia que parecem simples via displicente espiadela, mas fortalecem as relações sociais do nosso povo e são monumentos das tradições e afetos repassados entre gerações: o cinema, o circo, o café na esquina, a arte visual, as letras e os tipos populares mais marcantes, o bar, etc. Um filho legítimo da terra, obviamente, grudou como “noda” (nódoa) nos pilares que nos entregaram sentido e sentimento de nação, autêntico confidente e reproduzidor moleque dos ecos e efervescência dos passeios públicos. A Mocidade propõe um grande bloco folião de múltipla experimentação do caju e da cultura pop. Nele, partir de um carnavalesco mimetismo inspirado na alma da festa – o fruto samba faceiro e popular, sob diferentes fantasias e inusitadas associações, como artista principal de uma praça de brasilidades. O caju aqui é recriado na esteira da própria recriação de elementos tradicionais rotineiros fundidos a ele (as fantasias se mostram assim) com a aparição de novos e inusitados produtos (com nomes foliões *sui generis* a atestar mútuo contágio) que, digamos, conversam e se “devoram” culturalmente, a própria Antropofagia cultural. Ora, a praça é o próprio reduto a liberdade criativa e a Mocidade se permite esta piração utópica e até científica de saberes e sabores.

*“O caju, ao mesmo tempo doce e travoso, suculento e adstringente, é na rapsódia uma imagem representativa desse Brasil multifacetado e desigual”,* proclamou a pesquisadora Jakeline Cunha em *“As Várias Faces do Brasil: a Imagem do Caju em Macunaíma”*. Nesse pitoresco mosaico sociocultural que flerta obviamente também com o Surrealismo, o pintor Jean-Baptiste Debret consegue encontrar a pintora Tarsila do Amaral e a “sanha modernista” a partir do fruto, o autor Mario de Andrade e o cineasta Joaquim Pedro de Andrade desfilam as controvérsias de Macunaíma de modo folião, o circo, a xilogravura, o café, biroscas e o remedinho de família são contaminados pelo fruto nativo. Sim, ante o perde-ganha do dia a dia, o caju, literalmente, “faz a vida” em novas vidas. Nossa refazenda da refazenda (da refazenda, da refazenda...) desfila o puro suco do fruto do carnaval.

#### **5º SETOR – GELEIA GERAL**

Para finalizar, com inspiração na música “Cajuína”, o gigante Brasil mira o Oceano Atlântico como se espelho este fosse, e faz a pergunta existencialista evocada pela letra eterna de Caetano Veloso para Torquato Neto: *“existirmos: a que será que se destina?”*. O setor se complementa ao penúltimo, já que o país do mosaico de culturas e inspiração enxerga, então, que as suas principais vocações envolvem a riqueza do chão múltiplo e fértil, evocada pela canção “Geleia Geral”. Entregamos, enfim, uma “geleia” de Brasil praiano e misturado, “vendedor” de prazeres, orgulhoso de sua produtividade, sensualidade, dos frutos saborosos que viu brotar. A própria Mocidade Independente de Padre Miguel (com uma “castanha” estrelada sobre o corpo passista pulsante) é um deles, cuja “batida mais quente” o povo espera provar em todos, todos os carnavais.

*“O caju morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro”,* decretou Mário de Andrade, um dos alquimistas das coisas nossas, como símbolo da própria mordida antropofágica que propomos aqui.

Que assim seja. Sempre.

## **ROTEIRO DE DESFILE**

### **1º SETOR – CARNE DE CAJU**

**Comissão de Frente**  
EU QUERO UM LOTE, SABOROSO E CARNUDO!

**Elemento Cênico**  
UM LOTE MADE IN BRAZIL.

**Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
OS CAJUS DA MINHA TERRA

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Diogo Santos e Bruna Santos**  
YES, NÓS TEMOS CAJU!

**Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
OS CAJUS DA MINHA TERRA.

**Tripé I**  
CAJU-BALANGANDÃ.

**Ala 01 (BAIANAS)**  
O QUE É QUE A BAIANA TEM? CAJU NO BALANGANDÃ!

**Ala 02**  
BREVIÁRIO DO TROPICALISMO.

**Alegoria I – Abre-Alas**  
O PECADO É DEVORAR!

### **2º SETOR – ANARCADIUM OCCIDENTALE**

**Ala 03**  
O PAJÉ TAMANDARÉ.

**Ala 04**  
O GUERREIRO PORÃ.

**Grupo Performático** – Guardiã e guardiãs do Segredo de Tamandaré.

**Tripé II**  
QUE NÃO FIQUE PRA SEMENTE NEM UM TASCOS DE MORDIDA.

**Musa I (Mayara Nascimento)**  
MOCORORÓ – CHAMA ARDENTE.

**Ala 05**  
O TORÉM – RITUAL DE VISÕES INEBRIANTES.

**Ala 06**  
O INVASOR – A GUERRA DO CAJU.

**Ala 07**  
OS OLHOS DE TAMANDARÉ.

**Ala 08**  
ARACAYUS – PARAÍSO VERDE DAS AVES.

**Grupo de Adereços**  
TERRA PAPAGALLI.

**Musa II (Fernanda Passon)**  
AJURUETÊ – PAPAGAIO-VERDADEIRO.

**Alegoria II**  
TUPINIQUIM CAJU FRUIT COMPANY – UM QUIPROCÓ! VIROU GUERRA ASSUMIDA.

**3º SETOR – CAJU-REI.**

**Ala 09**  
SERES MARINHOS DA ALDEIA.

**Ala 10**  
LUIZ INÁCIO: O PESCADOR DO CAJUEIRO.

**Ala 11 (PASSISTAS)**  
GUERREIROS TREMEMBÉS.

Rainha de Bateria (Fabíola Andrade) – CUNHÃ-PORANGA JACIRA.

**Ala 12 (BATERIA NÃO EXISTE MAIS QUENTE)**  
GUERREIROS MULUNGU E MUÇAMBÊ.

**Ala 13**  
ARCO E FLECHA DE MULUNGU.

**Ala 14**  
ESPÍRITOS ANCESTRAIS DOS TREMEMBÉS.

**Ala 15**  
COLHEITA DO “POLVO”.

**Musa III (Jojo Todynho)**  
TESOURO DO “POLVO” SAGRADO.

**Alegoria III**  
BOSQUE DOS “POLVOS” SAGRADOS EM TERRAS ONDE TAMANHO É  
DOCUMENTO.

**4º SETOR – MOSAICAJU.**

**Ala 16**  
“CINECAJUNAÍMA”.

**Ala 17**  
BRINCANTE “CIRCAJU”.

**Ala 18**  
“XILOCAJUGRAVURA”.

**Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
“MERCAJUEIRAS”.

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Diego Moreira e Isabella Moura**  
FEIRANTES “MERCAJU”.

**Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
“MERCAJUEIRAS”.

**Tripé III**  
“VENDACAJUÍ”.

**Ala 19**  
“CAFEJUZINHO”.

**Ala 20 (LGBTQIA+)**  
“CAJUFETINA”.

**Ala 21 (COMPOSITORES)**  
“BIROSCAJU”.

**Musa IV (Luana Fernandes)**  
CAJU-CRENDICE.

**Alegoria IV**  
BLOCO DO CAJU NA PRAÇA.

**5º SETOR – GELEIA GERAL.**

**Ala 22**  
UMA GELEIA GERAL BRASILEIRA.

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Jeferson Pereira e Elaine Ribeiro**  
DITANDO UMA MODA TROPICAL.

**Ala 23**  
CAIPI-CAJU – A BATIDA MAIS QUENTE.

**Ala 24 (BARRACÃO)**  
A MOCIDADE É A CARA DO BRASIL!

**Musa V (Aline Mineiro)**  
GELEIA GERAL.

**Alegoria V**  
A MOCIDADE É A ESTRELA TROPICAL DO BRASIL!

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
Tripé 01	<p><b>“CAJU- BALANGANDÃ.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>O objeto denominado balangandã é um conjunto de figuras de metal em forma, normalmente, de figa, algum fruto ou animal que, presos uns aos outros, ganha ares de cacho. O próprio caju era um dos frutos representados entre balangandãs, evidenciado como ícone de sorte. Usado, primeiramente, por mulheres negras escravizadas na Bahia na função de adorno, o balangandã era mais que objeto decorativo preso ao pescoço: simbolizava a busca pela liberdade e alforria da população negra no Brasil colonial. Sua primeira concepção é de amuleto, devido ao fato de cada penduricalho ser escolhido de acordo com a devoção ou por propiciar benefícios. Traz também a característica de ornamento, pois - ao contrário de outros amuletos que ficavam escondidos debaixo das vestes - este era confeccionado para ser exibido. Consagrado pela canção “O que é que a baiana tem?”, de Dorival Caymmi (gravada por ele e Carmen Miranda, em 1939) ingressou para o rol de ícones identitários de apresentação do Brasil ao planeta.</p> <p style="text-align: center;"><i>“O que é que a baiana tem? Só vai no Bonfim quem tem Um rosário de ouro, uma bolota assim Quem não tem balangandãs não vai no Bonfim...”</i></p> <p>Neste tripé de abertura da Mocidade Independente de Padre Miguel, (escola nascida de terreiro, com bateria forjada nos preceitos de Oxóssi), o amuleto da escola (Tia Nilda) reinventa seu amuleto de sorte, aqui composto somente por cajus (o fruto nativo que apresentamos como o ícone da terra fértil a ser exaltado ao longo da apresentação). Ou seja, com Tia Nilda, matriarca e liderança das mães baianas sobre o tripé, pedimos licença a todos os deuses e deusas protetores da nação e do carnaval, fazemos as devidas reverências para o povo, mesuras para a imprensa de todos os meios, às autoridades e julgadores/julgadoras, e seguimos adiante num cortejo comprometido – sobretudo – com a felicidade, a identidade e as brasilidades, não apenas rimas, mas o próprio estilo consagrado da agremiação. Axé!</p> <p><b>Baluarde</b> – Tia Nilda. <b>Fantasia:</b> O Amuleto da Mocidade.</p>

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>“O PECADO É DEVORAR!”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Depois de “golpear” a banana e se assumir verdadeiro ícone nacional na Comissão de Frente, destacando-se, ainda, nos balangandês das baianas pedindo passagem, o CAJU já está em seu platô de destaque – a flora brasileira – é devidamente apresentado como estrela. E a Mocidade traz o homenageado e, vá lá, ele mesmo, atrevido de tudo, se mostra para toda a Avenida, na esteira de uma visão assumidamente tropicalista. Ou seja, alusiva ao movimento investigador e de louvação das coisas nossas, e que nos entrega natural familiaridade à nação. Aquele foi um momento de nossa memória oposto ao cinza da Ditadura Militar (final da década de 1960), de líderes como o poeta Torquato Neto e o cantor e compositor Gilberto Gil, dentre tantas personalidades fundamentais às nossas descobertas mais profundas, a partir da arte. Filho da fertilidade do chão, chamado de “invertido” (já que o fruto é a castanha e o corpo é denominado pedúnculo floral), referencial memorial de quintais e infâncias, daí vem o fato de – num necessário e inédito enredo sobre ele – sua “vestimenta” e associação de abertura incorporar os signos, parte dos revolucionários e as revolucionárias da Tropicália, um flerte com a “alma” colorida e festeira daquele festival de sensações. Em seu carro abre-alas com dois chassis, a Verde-e-Branco, escola de samba que cantou o Brasilão fagueiro como nenhuma outra, berra – ao lado das figuras dos citados Torquato e Gilberto Gil (e do cantor e compositor Caetano Veloso e da cantora e compositora Rita Lee) – que o caju é O VERDADEIRO SÍMBOLO DA TERRA, flor aberta no florir do Brasil, o materialismo pátrio elementar, o próprio Gigante a prumo, as dores e delícias de sermos o que somos nas viradas da vida. Além disso, impossível não lembrar que Torquato – homem do “Breviário</p>

01	<p><b>“O PECADO É DEVORAR!”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Tropicalismo para Principiantes” – faria 80 anos, em 2024. A mensagem, pois, está completa com esta associação entre fruto e Tropicalismo, na gênese do cortejo.</p> <p>À frente do carro, no giratório, a flor do cajueiro (pentâmera, de cinco pétalas - como flor estelar) desabrocha acompanhada de meia dúzia de estrelas de cinco pontas que são símbolo da Mocidade (aludindo aos seis campeonatos da agremiação). Ícones complementares que pedem passagem como discursos de verdade no terreiro do que planejam contar. No alto do carro, as esculturas de cabeças dos citados artistas tropicalistas (Torquato, Gil, Caetano e Rita) giram e devoram (real e antropofagicamente, como os modernistas que inspiraram a Tropicália) o fruto aqui louvado. Mordem, pois, a carne de caju para sentir o sabor do Brasil. Convidam o público a fazer o mesmo. O carro traz em ambos os módulos, ainda, signos de inspiração visual em obras da artista plástica brasileira Beatriz Milhazes, assumida apaixonada pela Tropicália e pelo carnaval, e que retratou o caju em muitas peças, como “Cajus” (<i>fig. 1</i>) e “Caju” (<i>fig. 2</i>). Sua produção dá asas ao abstrato geométrico relacionado aos sentidos de pertencimento ao Brasil. A artista traz em sua técnica a opção pelo efeito de espirais, entregando efeitos de movimento em curvas, como uma espécie de passeio artístico pelas “ondas” brasileiras, as mesmas sintetizadas na pele macia do caju. Vê-se também, na organização das formas, o intenso jogo cromático de contraste ou complementaridade – estrutura compositiva de iluminação do imaginário coletivo a partir da fluidez e do cinético – como se o “mel” do fruto, evocado na letra do samba, escorresse pelos lábios e enfeitiçasse a pista.</p> <p>À frente do segundo módulo do carro, um grande cajueiro psicodélico - na carona da técnica de Milhazes - faz a conexão entre terra, arte e o próprio tempo, numa espécie de união sensorial para todas as camadas do fruto que serão retratadas. Eis o caleidoscópio</p>
----	---	---

01

**“O PECADO É DEVORAR!”**



**\* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.**

que emana do cruzamento de referências proposto.  
O caju está devidamente posto na mesa-pista da Avenida para banquete artístico-emocionado do nosso povão faminto de festa.



**Semi-Destaques Femininas:** Flor-Estrelar Tropical.

**Composições Femininas:** “Tropicajulista” Maravilha.

**Composições Masculinas:** “Tropicajulista” Maravilha.

**Destaque Frontal Central** – Marcos Lerroy.

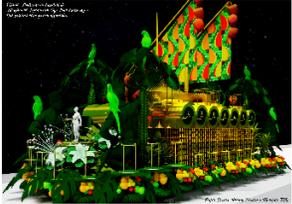
**Fantasia:** Caju-Tropicalista.

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
Tripé 02	<p><b>“QUE NÃO FIQUE PRA SEMENTE, NEM UM TASCO DE MORDIDA.”</b></p>  <p>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</p>	<p>O caju é uma dádiva nascida no Brasil que perfuma interiores, litorais e a sabedoria dos povos. Na tribo do guerreiro Porã, personagem fictício do livro “Tempo de caju”, de Socorro Acioli, que trazemos para apresentar as tradições ligadas ao caju dos povos do tronco Tupi, os indígenas costumavam contar seus anos de vida pelas safras de caju. Assim, <i>“quando o último caju era colhido, cada indígena escolhia uma castanha bem bonita e guardava em uma cabaça secreta, que eles enfeitavam e escondiam como um tesouro. Para cada castanha guardada, mais um ano se contava”</i>. Esta foi uma lição do sábio Tamandaré, falecido avô de Porã – ambos personagens fictícios de Socorro inspirados nas lições do folclorista Luís da Câmara Cascudo. O tripé apresenta uma fusão de visões – tanto da mitologia nativa Tupi-Guarani, quanto dos colonizadores que, primeiramente, apenas demonstraram encantamento com aquele paraíso no Atlântico. A entidade Mboi Tu’i, espécie híbrida de serpente, é quem protege ferozmente trechos das florestas tropicais assustando invasores (outros indígenas ou externos), como os que tentavam conquistar os espaços de verde fecundo que Tamandaré escolheu para fixar seu povo e ver florir os cajueiros (na base da alegoria estão as flores representadas) e guardar o segredo das castanhas. Ao mesmo tempo, o naturalista alemão Georg Marcgraf, em “Historia Naturalis Brasiliae” – apresenta o Brasil dos povos originários como a própria representação do Jardim do Éden bíblico.</p>

<p>Tripé 02</p>	<p><b>“QUE NÃO FIQUE PRA SEMENTE, NEM UM TASCO DE MORDIDA.”</b></p>  <p>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</p>	<p>Na ilustração principal, vê-se a serpente (que representaria os naturais signos de tentação naquele cenário idílico), mas há uma adaptação bastante significativa: o fruto em destaque é o caju, não mais a “proibida” maçã. Aqui, portanto, na esteira das referências plásticas apontadas na ilustração clássica de Georg, trazemos proposta visual carnavalesca que se utiliza de natural e importantíssima licença poética de arte misturada à citada lenda indígena, o que confere robustez histórica e coerência ao retrato. A ideia é a promoção da sensibilidade e entendimento da plateia a partir da força visual da mensagem, já que miramos em algo presente no imaginário coletivo: uma espécie de visão de Eden brasileiro com destaque para nosso verdadeiro ícone de sabor (o fruto caju na boca de uma representação ofíδια – aludindo Mboi Tu’i – imiscuída em jardim de mata verde e florido).</p> <p><b>Semi-Destaque</b> – Lara Mara.  <b>Fantasia:</b> O pecado de Mboi Tu’i.  <b>Semi-Destaque Central</b> – Highor Pfaltzgraff.  <b>Fantasia:</b> O Pajé Tamandaré.</p> <p><b>Grupo performático:</b>  <b>Fantasia:</b> As guardiãs e o guardião do segredo de Tamandaré. (o grupo virá com componentes sem calçados – conectando diretamente terra e céu - ladeando este tripé).</p>
-----------------	--	--

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
02	<p><b>“TUPINIQUIM CAJU FRUIT COMPANY – UM QUIPROCÓ! VIROU GUERRA ASSUMIDA.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Quiseram os ventos do Mercantilismo, de caso pensado ou por acaso, fazer com que os caminhos das embarcações que rumariam à Índia, no seio da expansão marítima, topassem com o que seria chamado de Brasil. Por aqui, já havia o desenrolar de um processo histórico em que o tronco Macro Tupi, entre os Séculos 8 e 9, originou as nações Tupi e Guarani. São as mais faladas nos últimos 524 anos em nosso torrão continental, justamente, porque tiveram um contato mais próximo com o homem branco. Na chegada da comitiva do navegador Pedro Álvares Cabral, em 1500, estima-se que a população indígena atingisse cinco milhões de indivíduos.</p> <p>Os Tupis ocupavam a região costeira que se estende do Ceará até Cananeia (SP). Os Guaranis espalhavam-se pelo litoral sul do país e a zona do interior, na bacia dos rios Paraná e Paraguai. Em outras regiões, encontravam-se outras tribos, genericamente chamados de Tapuias, palavra Tupi que designa os que falam outra língua. Fato é que muito antes dos invasores europeus, as ditas “Guerras do Caju” – nos períodos em que os cajueiros ficavam repletos – já ocorriam a torto e direito. Com os portugueses (também, sobretudo, franceses e holandeses) nestas bandas, o caldo engrossou, afinal, correram de boca em boca os valores que pulsavam daquela joia de corpo macio (o pedúnculo) e cabeça prodigiosa (a castanha). Ora, o fruto do cajueiro é a própria castanha - com casca dura e amêndoa protegida por líquido viscoso, cáustico e inflamável. <i>“Sua casca é mais amargosa que o fel. Se tocarem com ela nos beijos, dura muito aquele amargor e faz empolar toda a boca; pelo contrário, este caroço, assado, é muito gostoso”</i>, assim a descreveu o historiador e cronista Pero de Magalhaes de Gândavo (em “Tratado da Terra do Brasil”, 1576).</p>

<p>02</p>	<p><b>“TUPINIQUIM CAJU FRUIT COMPANY – UM QUIPROCÓ! VIROU GUERRA ASSUMIDA.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Sim, o caju foi cultuado, imortalizado (ficou famosa a ilustração de indígenas e um cajueiro criada pelo frade francês André Thevet, em 1558), negociado, surrupiado, protegido, incrementado e até taxado (o holandês Maurício de Nassau, que comandou Pernambuco, baixou decreto protegendo os cajueiros, mas tratou de faturar ao remeter doces em compota para a Holanda). Na Europa e na Ásia, enfeitiçou mesas e bolsos de quem tratou de cultivar a joia do nosso paraíso tropical.</p> <p>A Mocidade ilustra o autêntico “quiproquó” histórico pelo caju na esteira de um retrato bem-humorado e cronístico desse perdedor, espécie de charge geral da mensagem que pretende passar. Na alegoria, vê-se uma embarcação à vela (alusiva àquelas que desembarcaram os sujeitos do Velho Mundo por aqui, no século XVI) apresentada ao contrário, ou seja, em navegação DE RÉ numa explícita e idílica manifestação de um caju “conquistador” de todos os paladares do outro lado do Atlântico.</p> <p>Sim, um fruto saboroso que vale ouro! Um verdadeiro tesouro para os invasores! O sabor do <i>acayu</i> cultuado por Tupis, também representados na alegoria, faz o caminho inverso das antigas embarcações. Eles, aliás, usavam também as castanhas para contar anos - uma para cada safra. Tantas castanhas, tantos os anos de vida. O sentido permanece até hoje: “<i>de caju em caju</i>” (de ano em ano); “<i>chupou mais um caju do balaio de sua existência</i>”, “<i>mais um caju na árvore da sua vida</i>”. A opção pela embarcação estilizada, ladeada por <i>aracayus</i> e muitos papagaios (como os ajuruetês, coreografados dentro da embarcação), compoendo cenografia com ares tropicais – naturalmente, guiada pelos apontamentos estrelados do céu – entrega esta sensação cronológica, de encontro de dois mundos que correm em velocidades e naturezas distintas, aludindo a obras de artistas estrangeiros de missões francesas e holandesas que mergulharam na paisagem brasuca quase intocada, como Eckhout, Post e Taunay.</p>
-----------	---	---

02	<p><b>“TUPINIQUIM CAJU FRUIT COMPANY – UM QUIPROCÓ! VIROU GUERRA ASSUMIDA.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Velas com caju ao vento na contramão da historiografia, eis a nossa ilustração assumidamente foliã e na proa da licença poética – mas expressiva de modo realista para compor um tempo pretérito – a bailar nos mares bravios que promoveram tantos encontros, lutas, descobertas e invasões. Nossa ideia é também ver florescer mais debates – no bojo das matas brasileiras ainda tão saqueadas por invasores de terras e exploradores – o sentimento de defesa das terras dos indígenas, a partir de toda a saga secular dos cajueiros brasileiros. Importante ressaltar que a alegoria se apresenta com mil mudas de cajueiros doadas pela Embrapa como cobertura vegetal, em caixas de madeira de feira, representadas no alto.</p> <p><b>Composições Femininas Frontais:</b> Flor-Cajueiro.</p> <p><b>Composições Femininas Superiores:</b> Nobreza Caju Fruit Company.</p> <p><b>Composições Masculinas Laterais:</b> Bravos Tupis-Guaranis.</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal</b> – William Marques. <b>Fantasia:</b> Delícia Nativa.</p> <p><b>Semi-Destaque Central</b> – Victoria Castelhana. <b>Fantasia:</b> Sabor Nativo.</p> <p><b>Destaque Central</b> – Rodrigo Leocádio. <b>Fantasia:</b> Nobre Caju Fruit Company.</p> <p><b>Grupo Perfomático (Caravela)</b> <b>Fantasia:</b> Ajuruetês.</p>
----	---	---

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>“BOSQUE DOS ‘POLVOS’ SAGRADOS EM TERRAS ONDE TAMANHO É DOCUMENTO.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Conta a sabedoria oral que um pescador de nome Luiz Inácio (sim, o mesmo nome do atual presidente da República Federativa do Brasil, mas com o sobrenome “de Oliveira”) foi quem plantou, em Pirangi do Norte (Rio Grande do Norte), o dito “Maior Cajueiro do Mundo” (<i>fig. 1</i>). Foi no exato ano de libertação dos escravizados (1888), pouco mais de um ano antes da Proclamação da República.</p> <p>De acordo com estudos científicos, o seu crescimento incomum ocorre devido a uma anomalia genética. No lugar dos galhos seguem para cima, como ocorre com todos os cajueiros, eles rumaram para os lados e, devido ao peso, tocaram o solo. Quando esses galhos alcançaram o chão, novas raízes apareceram, num tipo particular de refazenda interminável.</p> <p>O tronco principal está dividido por cinco grandes galhos, e quatro deles sofreram a alteração genética, formando raízes e novos troncos que determinaram a imensa árvore. Com 8.500 m<sup>2</sup>, a planta produz cerca de duas toneladas e meia de cajú, ou seja, em torno de 80 mil frutos por safra, o equivalente à produção de 70 árvores. O formato inusitado fez com que pareça – inspirado, ainda, no fato de estar pertinho do mar – uma espécie de polvo gigante. Muitos habitantes da região, aliás, o chamam de “Polvo Potiguar”. Luiz Inácio, o pescador, tinha tanta devoção pelo “monumento” que ajudou a criar que passava muitos dos seus dias à sombra do cajueiro. Morreu velhinho (aos 93 anos), justamente, num desses descansos.</p>

03	<p><b>“BOSQUE DOS ‘POLVOS’ SAGRADOS EM TERRAS ONDE TAMANHO É DOCUMENTO.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Nem viu, portanto, a polêmica recente lançada por outro cajueiro – o dito “Cajueiro-Rei” (fig.2) – em outra região litorânea (Cajueiro da Praia, nas franjas do Delta do Parnaíba, no Piauí), que reivindica o alto do topo no quesito “comprimento de cajueiros”, também erguido em formato que lembra bastante um polvo de tentáculos cheirosos de caju.</p> <p>A Mocidade carnavaliza com lirismo e poesia a origem litorânea das duas árvores, apresentando um polvo gigante estilizado – feito com muitos materiais alternativos (resíduos da reprodução de fantasias – cortes de espuma, tarucel, gramas sintéticas e boias de piscina). A ideia é mostrar os cajueiros como se forjados em terrenos de areia e a partir da brisa soprada por personagens marinhos reais e imaginários (tartarugas, espongiários, estrelas-do-mar, cavalos-marinhos, peixes, sereias – em esculturas ou na fantasia de componentes), criando cenografia embebida em assumidas metáforas. O polvo cajueiro é aqui, então, um romântico e carnavalesco ser vivo que gera o fruto, cujas propriedades organolépticas também envolvem suco, caldo, licor. Isto inspira tal associação surrealista de árvore de terra com licença aquática, como se os cajus fossem lançados, como elementos híbridos, dos dois paraísos.</p> <p>Destaca-se, portanto, a representação do animal imersa em composição simbiótica entre água e solo (que, aqui, chamamos também de Bosque dos Polvos Sagrados – denominação parecida com a imaginário Tremembé sobre a origem do Cajueiro-Rei). Os tentáculos balançam como galhos, compondo perfeitamente o mosaico folião que a escola planeja retratar: a conexão de mar com terra - berçário da fecundidade brasileira.</p> <p>O polvo ostenta, ainda, uma faixa que emula o símbolo presidencial do Brasil exibido em dias de Posse.</p>
----	--	--

03

**“BOSQUE DOS ‘POLVOS’ SAGRADOS EM TERRAS ONDE TAMANHO É DOCUMENTO.”**



**\* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.**

Aí, portanto, está a primeira sinalização da “disputa” sobre quem possui o maior tamanho (por liberdade criativa, “receberia” a faixa), numa brincadeira também com o nome “Luiz Inácio” – o pescador que plantou o “Polvo Potiguar”.

Além disso, a partir do estudo da textura dos dois cajueiros exaltados aqui neste carro, a representação carnavalesca do animal apresenta colorações distintas: uma mais alaranjada (esquerda da escultura, árvore do Rio Grande do Norte) e a outra arroxeada (à direita, árvore do Piauí), sugerindo o “conflito” (mesmo que apenas uma guerrilha folclórica) expresso na teoria. Mas no fim das contas, o resumo da ópera é evidente: não importa quem vence, o importante é que o maior é nosso, dono do país e ostenta a faixa de campeão entre os cajueiros do mundo.



1



2

**Composições Femininas:** Seres Aquáticos do Cajueiro-Rei.

**Composições Masculinas I:** Seres Aquáticos do Cajueiro-Rei.

**Composições Femininas II:** Sereias e o Fruto Paradisiáco.

**Personagem Frontal** – Tom do Cajueiro.

**Fantasia:** Luiz Inácio.

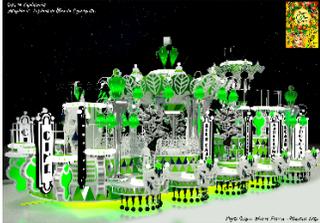
**Destaque Central** – Iran Chagas.

**Fantasia:** Polvo-Rei do Bosque Sagrado.

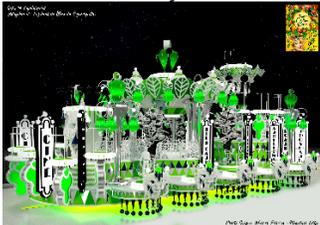
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
Tripé 03	<p><b>“VENDACAJUÍ.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Desde o Brasil dos povos originários - bem antes até de ser Brasil - o caju é personagem da rotina e ingrediente ritualístico. Anos à frente, foi incorporado às artes, às charges, ao retrato de cada tempo. Jean-Baptiste Debret foi um pintor e desenhista francês especialíssimo. Integrou a Missão Artística Francesa, que criou na antiga capital brasileira uma academia de Artes e Ofícios, mais tarde, Academia Imperial de Belas Artes (foi professor).</p> <p>Mestre com pincel bastante autoral, pôs nas obras o cotidiano do século XIX e, obviamente, os escravizados do país recém-independente compunham tais panoramas. Uma de suas aquarelas mais famosas apresenta uma mulher preta vendendo, justamente... Cajus! (<i>fig. 1</i>).</p> <p>Hoje, é possível confrontá-la diretamente com a tela “A Feira” (<i>fig. 2</i>), da pintora paulista Tarsila do Amaral (exponente do Modernismo) - uma espécie de banca de variados frutos, como o nosso homenageado – e com obras como “Romance” (<i>fig. 3</i>), todas criadas por ela no século seguinte, e marcadas por apresentar um Brasil luminoso e de linhas modernas. O cotidiano nesses casos já é outro (a escravidão foi abolida em 1888 e o Brasil buscava mostrar-se como um país revigorado e colorido).</p> <p>Épocas diferentes, mas, em ambos os olhares, a visão de comércio, escambo e negociações a partir da fertilidade da terra, que marcam nossos passeios públicos há séculos, estão presentes. No tripé, vemos a representação de um Brasil que sugere, em parte, o período de Debret (à frente, está mimetizado de modo alegórico e carnavalesco um balaio ou cesto emulando a tela “Negra vendendo cajus” – mas com personagem humano que remonta Tarsila do Amaral no centro, o próprio mesclar de obras sugerido na composição alegórica), além do retratar do próprio pintor em destaque humano.</p>

<p>Tripé 03</p>	<p style="text-align: center;"><b>“VENDACAJUÍ.”</b></p>  <p style="text-align: center;"><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Posicionado atrás, em razão de aparição cronológica, emula-se o citado país moderno e em linhas mais diretas de construções urbanas muito presentes nas composições de Tarsila. A já enunciada tela “Romance” é a referência das janelas geométricas que compõem a traseira do tripé, como sinalização de que estão abertas ao encontro de tempos distintos aqui promovido. As obras de Tarsila do Amaral, aliás, como sugere o enredo e o samba, “implodem” a tradição clássica geral da arte brasileira (por isto, Tarsila está no balaio e o samba promove sagaz brincadeira no verso “<i>vai, Debret, chupa essa manga!</i>” - termo metafórico e ligado à oralidade das ruas, como se os artistas disputassem uma pretensa verdade representativa da nação a partir do caju e a pintora, no fim das contas, “vencesse”).</p> <p>Contrastes à parte, em todos os espaços do tripé, há toques evidentes do aproveitamento múltiplo do fruto homenageado pela Mocidade na atualidade, uma reinterpretação carnavalesca de “A Feira” e que sugere tal “vitória”. Sim, é possível enxergar sua incorporação a diversos produtos/guloseimas - muitas vezes, improváveis – que perfumam paladares, ambientes e cardápios atuais. Eis o danado salpicado sem fazer rodeios nos pilares da terra, grudado como “noda” (nódoa). Doces, salgados, receitas com muito ou apenas um pouquinho de um fruto que tanto sabor entrega - do hambúrguer vegetal (nova joia <i>foodtech</i>) ao bom e velho cajuzinho das festas da gurizada - fato é que a toalha em branco e verde da Mocidade está estendida, e os talheres dispostos, para um autêntico banquete à brasileira a partir dessa feira geral com sanha modernista.</p> <p>Pecado é não se lambuzar com tantas possibilidades para apreciar levando a mão à boca, em tigela, ou no garfo.</p> <p>Afinal, se polpa é desse jeito... Imagine a castanha, não é mesmo?</p>
-----------------	---	--

Tripé 03	<p style="text-align: center;"><b>“VENDACAJUÍ.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	 <p><b>Personagem I (Frontal) – Marcelo Adnet. Fantasia: Jean-Baptiste Debret. Personagem II – Regina Casé. Fantasia: Tarsila do Amaral.</b></p>
----------	---	--

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira (Carnavalesco).		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
Carro		
04	<p><b>“BLOCO DO CAJU NA PRAÇA.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>O símbolo da Democracia é a praça pública. Na Grécia Antiga, seu nome era Ágora, espaço privilegiado das discussões políticas relevantes para a vida social, local do debate, da dialética, de “parlar” – origem, aliás, da própria noção de Parlamento em diferentes sistemas. Fato é que a praça manteve importância social através dos tempos e diversos sentidos foram incorporados às dinâmicas que promove a céu aberto, sobretudo, num país com estreita ligação com a terra, como o nosso Brasilão festeiro e inzoneiro.</p> <p>A praça permite, ainda, a construção de laços afetivos, a relação com a natureza e a própria promoção de um tipo de lazer com signos de pureza, desatrelado do frenesi capitalista que envolve, por exemplo, os shoppings centers. Circulam os tipos, os assuntos, os burburinhos que entregam robustez aos pilares socioculturais de um povo. As engrenagens civilizatórias brasileiras começam a se mexer a partir do que sonha, grita ou dança a boa e velha praça.</p> <p>E movem também, portanto, a alegoria dedicada à ultra presença do caju na rotina e nos símbolos que entregaram sentido de pertencimento à nossa gente – seja na arte, no comércio, na prosa furtiva sobre o coreto, no boca a boca que faz a vida de tantas e tantos, até mesmo do próprio fruto homenageado. A partir das metamorfoses do caju, que se fantasia de vários modos para amplo aproveitamento (do pedúnculo à castanha), algo carnalizado nas alas anteriores, a Mocidade arma um delicioso bloco em sua homenagem no meio da praça do povo – local que também se veste ao sabor do fruto.</p>

04	<p><b>“BLOCO DO CAJU NA PRAÇA.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>O reduto por onde desfila o bloco do caju traz inspiração assumidamente Art déco (do termo “Arts Décoratifs” ou, em português, Artes Decorativa) – movimento artístico que começou na França e se manifestou entre 1925 até 1939 – justamente, o período do Brasil ansioso por uma identidade, discutida desde a Semana de Arte Moderna de 1922. Em formas e inscrições com preocupação aerodinâmica e destaque para escadarias, impressos, filigranas (também muito marcante nos letreiros), a técnica déco criou uma cara para o país em obras como Cristo Redentor, Central do Brasil e Viaduto do Chá. Natural, portanto, que a praça com arquitetura modernista da Mocidade, amalgamada ao caju, abrace linhas de tal natureza. Desfilam no bloco personagens foliões clássicos – pierrôs, arlequins e colombinas (citados na obra modernista “Pauliceia Desvairada”, de Mario de Andrade) – também ligados à carnavalização do fruto-enredo. O caju, a praça e o carnaval apontam juntos a perspectiva de uma nação que se une e se descobre a partir das suas vocações mais profundas.</p> <p>Na esteira do uso de filigranas e desenhos geométricos, literalmente, armamos um coreto com elementos citadinos que estruturam a ideia de um grande cajueiro estilizado (nos postes, como árvore sugerida, os cajus estão para baixo, como planta decorativa). Eis o velho espaço público ocupado pela festa (as festas, sobretudo, ligadas à fertilidade da terra, são matéria-prima de forja da alma do Brasil), com o saracotear de foliões em tradicionais bailes, como o do Caju-Amigo - clássico carioca da metade do século passado - e em blocos, como o próprio Caju pra Baixo (banda com origem na Zona Oeste carioca que virou febre nacional), o do Cajueiro (em Pirangi) e o Caju na Gandaia (Piauí). Aliás, se bobear, ainda vale se jogar nos braços da massa no Pré-Caju - e porque nosso destino... ah, é rosetar.</p>
----	---	---

<p>04</p>	<p><b>“BLOCO DO CAJU NA PRAÇA.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>Sim, o bloco do caju na praça é a síntese memorial e farrista do fruto que grudou como “noda” na vida do brasileiro - espécie de amigão, confidente e, vá lá, a própria conexão (possibilitada pela terra) entre gerações. Afinal, são tantos carnavais naquela pracinha da aurora de nossas vidas, sob a luz das estrelas...</p> <p><b>Composições Femininas I:</b> Colombina do Bloco Caju.  <b>Composições Masculinas I:</b> Arlequim do Bloco Caju.  <b>Composições Masculinas II:</b> Pierrô do Bloco Caju.</p> <p><b>Personagem</b>– Alex de Oliveira.  <b>Fantasia:</b> Rei-Momo do Bloco Caju.  <b>Semi-Destaque Central</b> – Marilda Lafitte.  <b>Fantasia:</b> Rainha do Bloco Caju.  <b>Destaque Superior</b> – Carlos Tavares.  <b>Fantasia:</b> Caju-Filigrana.  <b>Velha-Guarda:</b> Presidente Sr. Arnaldo.  <b>Fantasia:</b> Fuzarcas do Bloco Caju.</p> <p><b>Descrição:</b> amantes da folia desde os tempos da fundação da Mocidade, os integrantes da Velha Guarda (defensores dos valores, memórias, causos e sonhos de criança independentes), simbolizam a fuzarca do grande bloco armado a céu aberto – coletivo que é festa garantida a todas as idades. Eis o espírito democrático evocado pela grande praça fantasiada de folia e, obviamente, também do fruto homenageado. O sorriso e a sabedoria caminham unidos aos senhores e senhoras que criaram a Verde-e-branco.</p> <p><b>Componentes do grupo musical “Caju Pra Baixo”</b>  <b>Fantasia:</b> Malandros do Bloco do Caju</p> <p><b>Descrição:</b> Na grande praça de brasilidades estilizada, os integrantes do grupo, nascido na Zona Oeste, que tem brilhado por todo o país – Caju Pra Baixo – vestem a malandragem tipicamente nossa para compor este cenário em que o fruto desfila festa e alegria de viver.</p>
-----------	---	---

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira (Carnavalesco)		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
Carro		
05	<p><b>“A MOCIDADE É A ESTRELA TROPICAL DO BRASIL.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p><i>“Existirmos: a que será que se destina?”</i>, questionou um dos versos mais intrigantes de nossa MPB, na abertura sem rodeios da canção “Cajuína”. Eis uma fusão do Existencialismo de Sören Kierkegaard, que diz que as respostas filosóficas podem ser encontradas dentro do próprio indivíduo, e o caju, fruto com ar existencialista, já que transita seu mistério corporal (e por isto a personificação em sensuais esculturas à frente) entre o doce e o adstringente – muitas vezes ao sabor de quem o morde, não do que é em si. Aliás, faz-se o próprio fruto-não-fruta em razão de uma inversão curiosa (o fruto é a castanha, o corpo macio é o pedúnculo).</p> <p>A Mocidade Independente de Padre Miguel se apropriou do verso eterno para, depois de desfilar várias camadas do caju anteriormente, levar o país – mirando o espelho d’água do Atlântico – a fazer o mesmo autoquestionamento ao final do seu desfile.</p> <p>Ora, depois de apresentar que o filho legítimo da terra significa história, afeto, cultura popular, arte, economia forte... Só podemos concluir que o Gigante existe e se entende (depois de se olhar refletido) para as riquezas que emanam do solo tropical, e para as muitas possibilidades que frutos – como o caju – entregam à vida das pessoas. A máscara solar à frente da alegoria representa Juca – a inversão do nome do fruto (máxima corpórea do caju) como personagem brasileiro que coroa o caju como símbolo nativo e alude a este autocontemplar do país.</p> <p>Eis que o próprio coletivo a dar asas ao cortejo de assumido compromisso com a brasilidade – a Mocidade, outro fruto nativo, só que surgido em terreiro a partir do toque no couro, com o evocar espiritual, de festa e afeto – se apercebe do óbvio: também é uma das riquezas do Brasil.</p>

<p>05</p>	<p><b>“A MOCIDADE É A ESTRELA TROPICAL DO BRASIL.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p>A partir do existencialismo pátrio evocado pela cajuína, a agremiação da Zona Oeste também enxerga a sua importância de ser.</p> <p>O carro final, portanto, traduz o colorido dos pais que goza um tipo particular de felicidade tropical a partir do que seus frutos entregam: sensualidade, beleza, efervescência, calor humano. A Mocidade, este fruto da Zona Oeste carioca que tem rebolado nos corpos e, vá lá, uma castanha de cinco pontas na cabeça é, aqui, aproximada do caju por licença poética e coroada, ao lado do fruto e sob os raios solares, a estrela tropical do país.</p> <p>Sua bateria – a da batida mais quente –, consagrada pela famosa canção “Salve a Mocidade”, de Luiz Reis (com vozeirão de Elza Soares), é diretamente exaltada numa composição com o samba: “a batida mais quente deixa o povo provar”. Ou seja, a escola entrega uma associação sinestésica entre percussão e paladar, já que a alegoria mistura produtos vendidos na orla com tambores e tipos praianos. Sim, uma exaltação em duplo sentido aos sabores que se bebem como elixir de ótimas venturas, fonte inesgotável de delírios sensoriais, ao ato de festejar bebendo e comendo (como o danado do brasileiro tanto ama), aqui, a partir do fruto em drinks, caipirinhas, sucos, picolés, iguarias e o que mais couber na vontade. Deixa o povo delirar no caju! Eis um caleidoscópio de sentidos, inclusive, com caipirinhas de caju servidas à plateia. Fundidos, a Mocidade e o caju completam a mensagem na esteira de uma celebração existencial de nós mesmos: nascemos para sermos felizes. E, sim, é com sorriso no rosto que tudo se encerra!</p> <p><b>Composições Femininas I:</b> Madames-Caju.  <b>Composições Masculinas I:</b> Moleques-Castanha.  <b>Composições Unissex (Alto):</b> Juca: O Brasileiro.</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal</b> – Ludmilla Aquino.  <b>Fantasia:</b> Madame Caipi-Caju.  <b>Destaque Central</b> – Regina Marins.</p>
-----------	--	---

05	<p><b>“A MOCIDADE É A ESTRELA TROPICAL DO BRASIL.”</b></p>  <p><b>* O projeto apresentado acima foi utilizado para a confecção de nossas alegorias e serve apenas como referência para o entendimento cênico aqui representado.</b></p>	<p><b>Fantasia:</b> Sra. Salada de Frutas. <b>Destaque Central</b> – Ronaldo Barros. <b>Fantasia:</b> Sr. Puro Suco.</p> <p><b>Grupo Teatral Feminino</b> <b>Fantasia:</b> A Batida Mais Quente. *Grupo Feminino representando garçonetes, que virá distribuindo a dita “Batida Mais Quente” (de caju) da Mocidade Independente de Padre Miguel para a plateia (o grupo virá ladeando nossa última alegoria).</p>
----	--	---

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b>TRIPÉ 01 (CAJU-BALANGANDÃ)</b>  <b>Baluarde</b> – Tia Nilda.  <b>Fantasia:</b> O Amuleto da Mocidade.</p>	<p>Baluarde.</p>
<p><b>CARRO ABRE-ALAS (O PECADO É DEVORAR!)</b>  <b>Destaque Central Frontal</b> – Marcos Lerroy.  <b>Fantasia:</b> Caju-Tropicalista.</p>	<p>Maquiador e Estilista.</p>
<p><b>TRIPÉ 02 (QUE NÃO FIQUE PRA SEMENTE, NEM UM TASCÓ DE MORDIDA.)</b>  <b>Semi-Destaque frontal</b> – Lara Mara.  <b>Fantasia:</b> O pecado de Mboi Tu'i.  <b>Semi-Destaque Central</b> – Highor Pfaltzgraff.  <b>Fantasia:</b> O Pajé Tamandaré.</p>	<p>Artista.  Economista.</p>
<p><b>CARRO 02 (TUPINQUIM CAJU FRUIT COMPANY – UM QUIPROCÓ VIROU GUERRA ASSUMIDA.)</b>  <b>Semi-Destaque Frontal</b> – William Marques.  <b>Fantasia:</b> Delícia Nativa.  <b>Semi-Destaque Central</b> – Victoria Castelhana.  <b>Fantasia:</b> Sabor Nativo.  <b>Destaque Central</b> – Rodrigo Leocádio.  <b>Fantasia:</b> Nobre Caju Fruit Company.</p>	<p>Administrador Público.  Esteticista.  Personal-Hair e Make-Up.</p>

<p><b>CARRO 03 (BOSQUE DOS “POLVOS” SAGRADOS EM TERRAS ONDE TAMANHO É DOCUMENTO.)</b> <b>Personagem Frontal</b> – Tom do Cajueiro. <b>Fantasia:</b> Luiz Inácio. <b>Destaque Central</b> – Iran Chagas. <b>Fantasia:</b> Polvo-Rei do Bosque Sagrado.</p> <p><b>TRIPÉ 03 (VENDACAJUÍ.)</b> <b>Personagem I (Frontal)</b> – Marcelo Adnet. <b>Fantasia:</b> Jean-Baptiste Debret. <b>Personagem II</b> – Regina Casé <b>Fantasia:</b> Tarsila do Amaral</p> <p><b>CARRO 04 (BLOCO DO CAJU NA PRAÇA.)</b> <b>Personagem</b>– Alex de Oliveira. <b>Fantasia:</b> Rei-Momo do Bloco Caju. <b>Semi-Destaque Central</b> – Marilda Lafitte. <b>Fantasia:</b> Rainha do Bloco Caju. <b>Destaque Superior</b> – Carlos Tavares. <b>Fantasia:</b> Caju-Filigrana.</p> <p><b>CARRO 05 (A MOCIDADE É A ESTRELA TROPICAL DO BRASIL!)</b> <b>Semi-Destaque Frontal</b> – Ludmilla Aquino. <b>Fantasia:</b> Madame Caipi-Caju. <b>Destaque Central</b> – Regina Marins. <b>Fantasia:</b> Sra. Salada de Frutas. <b>Destaque Central</b> – Ronaldo Barros. <b>Fantasia:</b> Sr. Puro Suco.</p> <p><b>*Destaques da Mocidade</b> - A Mocidade Independente possui em seu histórico nomes que fizeram parte do hall dos melhores destaques da maior festa popular do mundo. Figuras como Beth Andrade, Marlene Paiva, Fátima Tenório, Kayambe, Paulo Santi, Vera Benévolo, Rosana e Mariinha servem de inspiração para o nosso time. Marcos Lerroy é nosso destaque mais experiente, com 25 anos de amor dedicados ao ofício de entregar mais vida, luxo e beleza às nossas alegorias. Um viva a esta militância, devoção e forma de arte carnavalesca!</p>	<p>Artista.</p> <p>Matemático.</p> <p>Ator/Apresentador.</p> <p>Atriz.</p> <p>Arquiteto.</p> <p>Costureira.</p> <p>Personal-Hair.</p> <p>Publicitária/ Jornalista.</p> <p>Comerciante.</p> <p>Químico.</p>
--	--

<p><b>*Tia Nilda (Baluarte)</b> – Eis a indiscutível referência matriarcal da Mocidade Independente, assim reconhecida - carinhosamente - pela comunidade de Padre Miguel. Iniciou sua trajetória em nossa escola no carnaval de 1979 – “O Descobrimento do Brasil”, do carnavalesco Arlindo Rodrigues, primeiro campeonato da Estrela-Guia. A paixão vem desde menina e a conquista do atual posto se deu passo a passo, com ternura e laços afetivos construídos. Hoje, é considerada um patrimônio vivo do carnaval carioca, uma referência para as alas de Baianas de todas as agremiações. Possui em seu histórico o prêmio Estandarte de Ouro de Personalidade do Carnaval de 2019 e dois Estandartes de Melhor Ala de Baianas do Rio de Janeiro.</p>	
<p><b>Local do Barracão</b> Rua Ridavávia Corrêa, 60, Gamboa, Rio de Janeiro – Barracão 10.</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Marcelo Plácido (Direção de Carnaval).</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Phillip Alves – 37 Anos.</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Bryan Pinheiro Vieira – 31 Anos.</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Manoel Lima – 44 Anos. Andréa Vieira – 53 Anos.</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro Assis – 44 Anos.</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Sidney Augusto – 34 Anos.</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Roosevelt – 55 Anos.</p>
<p><b>Iluminador Chefe de Equipe</b> Fuka – 62 Anos.</p>	<p><b>Outras informações julgadas necessárias:</b>  <b>Espelharía</b> – Anselmo Miranda – 62 Anos.  <b>Almoxarife</b> – Edward Moraes – 56 Anos.  <b>Espuma</b> – William Alexandre – 44 Anos.  <b>Laminação</b> – Paulo Rogério – 38 Anos.  <b>Placas Vácuo Form</b> – Ulisses Gonçalves – 61 Anos.  <b>Parintins</b> – Marlon Cardoso – 50 Anos.  <b>Equipe Decoração Alegorias</b> –  Elemento Cênico Comissão de Frente, Tripé 01 e Carro Abre-Alas – Lenno Vidal – 42 Anos.  Tripé 02, Alegoria 02 e Alegoria 05 – Edward Moraes – 56 Anos.  Alegorias 03, 04 e Tripé 03 - Lili – 54 Anos.</p>

	<p><b>Portaria –</b> Igor da Motta Garcia Alves - 23 Anos. William da Silva Alves – 47 Anos.</p> <p><b>Técnica –</b> Alcinei Gomes Conceição – 51 Anos. Joel Ferreira da Silva – 51 Anos. Kelvin da Silva – 23 Anos.</p> <p><b>Secretariado Adm.-</b> Elton Oliveira – 43 Anos.</p> <p><b>Elétrica Barracão –</b> Sidney Augusto – 39 Anos.</p>
--	---

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira (Carnavalesco)

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

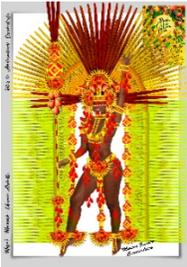
\*O fruto homenageado - **registre-se de imediato para fins de compreensão sensível** - é apresentado ou sugerido sob diferentes visões/roupagens (natural, artística, histórica, espiritual, em fusão a outros elementos, etc.), ao sabor da relação direta com a proposta artístico-temática de cada setor.

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>O que é que a Baiana tem? Caju no Balangandã!</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A canção “O que é que a baiana tem?”, de Dorival Caymmi, gravada pelo próprio e por Carmen Miranda, em 1939, virou um dos clássicos do que seria uma espécie de identidade nacional a ser apresentada ao mundo naquele tempo de Estado Novo. Na letra, um dos versos diz:</p> <p><i>“O que é que a baiana tem? Só vai no Bonfim quem tem Um rosário de ouro, uma bolota assim Quem não tem balangandãs não vai no Bonfim...”</i></p> <p>O balangandã, em seu formato original, era tido como amuleto para os povos africanos, que acreditavam prevenir contra o mau-olhado e toda ordem de forças adversas.</p>	Baianas	Tia Nilda (Baluarte)

01	<p><b>O que é que a Baiana tem? Caju no Balangandã!</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Os objetos de sua composição são, normalmente, a figa, algum fruto ou animal que, ligados uns aos outros, ganham forma de cacho.</p> <p>O próprio caju também se faz balangandã, e como símbolo de sorte. Aqui, a Mocidade pede bons ares e fluidos, justamente, agarrada em sua forma <i>sui generis</i>.</p> <p>Sim, são cajus os balangandãs que ornaram as saias das mães baianas da Mocidade Independente de Padre Miguel, incorporando (com propriedade e lastro histórico) o fruto nativo e abundante ao que cristalizou no imaginário como a referência-síntese do Brasil e concretizando a mensagem teórica.</p> <p>Eis, pois, a abertura de caminhos para um desfile que pretende fazer o Brasil saborear suas próprias vocações e riquezas.</p> <p>Nossas matriarcas desfilam cores dos cajus existentes, perfumam olhares e giram em saudação aos guias protetores.</p> <p>Fazem os balangandãs de cajus conectarem presente, passado e futuro.</p> <p>Vibram positividade na condução da Estrela-Guia rumo a uma apoteose tropical.</p> <p>A magia da nossa brasilidade está no ar.</p> <p>Axé!</p>	Baianas	Tia Nilda (Baluarte)
----	--	---	---------	----------------------

02	<p><b>Breviário do Tropicalismo</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>No “Breviário Tropicalismo para Principiantes”, está lá:</p> <p><i>“Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido”.</i></p> <p>Aqui, a Mocidade abre caminhos seguindo história adentro e funde o caju à figura das Burrinha (classicamente, um indivíduo com traje acinturado, de modo a simular um homem cavalgando), folguedo popular no Brasil com inspiração africana e integrado a diferentes manifestações populares, como Bumba-meu-boi (louvado pelos tropicalistas) e até a importante capítulo do desfile das escolas de samba do Rio (anos 60). A guitarra em forma de caju remonta de modo estilizado um dos principais símbolos da Tropicália. Pede-se passagem, portanto, para, como enunciado, viver a tropicalidade da terra fértil, solar e da arte – apontamentos do Breviário e da música seminal.</p>	Comunidade Responsável: (Fabianne Tavares)	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	--	---	---	--

03	<p><b>O Pajé Tamandaré</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>O livro “Tempo de Caju”, de Socorro Acioli, apresenta o personagem de ficção Tamandaré, assumidamente, inspirado em relatos do grande folclorista investigador das coisas nossas Luís da Câmara Cascudo sobre os povos originários, notadamente, do tronco Tupi. Pajé de um povo comandado pelo seu neto – Porã – a representação do sábio Tamandaré sinaliza o desejo da Mocidade em apresentar diferentes tradições que envolvem a relação dos indígenas com o caju e a tropicalidade da terra. Em tempos de conflitos contra inimigos internos e externos (“Guerras do Caju”), ou baixa fartura, é Tamandaré quem aponta os caminhos e soluções.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
04	<p><b>O Guerreiro Porã</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>O livro “Tempo de Caju”, de Socorro Acioli, apresenta o personagem de ficção Porã, assumidamente, inspirado em relatos do grande folclorista e investigador das coisas nossas Luís da Câmara Cascudo sobre os povos originários, notadamente, do tronco Tupi. O guerreiro Porã é o líder do seu povo e conduz comandados e comandadas em momentos de conflitos com outras tribo e invasores externos (“Guerras do Caju”), num autêntico périplo pela sobrevivência. A Mocidade também sintetiza lições e tradições familiares dos povos originários nessa representação indígena.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.

-	<p><b>Mocororó – Chama Ardente</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Mocororó é um vinho extraído do caju fermentado, elaborado, notadamente, pelos povos originários Tremembés. A bebida é feita com o fruto espremido, coado e misturado com a resina do cajueiro. Essa mistura é colocada dentro do cajado presente no adereço, de modo a fermentar e entregar a chama ardente (representada nas cores da fantasia da nossa musa) de uma embriaguez especial.</p>	<p>(Mayara Nascimento) Musa I</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
05	<p><b>O Torém – Ritual de Visões Inebriantes</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Ao entornar o Mocororó, os indígenas davam início ao sagrado ritual do Torém, que permite o ativar de conexões espirituais e permanece parte das resistentes tradições até hoje. Seus cantos permeiam a vivência do povo Tremembé, sua relação com a natureza, inspirando-se em plantas e no período da colheita do caju azedo (a partir de setembro), base da citada bebida sagrada. O momento da dança – ela se dá pelo balançar das cabaças, que guardam o segredo da bebida, conduzidas pelos componentes - tem uma forte ligação com a ancestralidade e, ao mesmo tempo, pode incorporar toques de leveza, já que também se dança para comemorar acontecimentos de rotina.</p>	<p>Samballet (Coreografada) Responsável: (Vânia Reis)</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>

06	<p><b>O Invasor – A Guerra do Caju</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Os invasores europeus – notadamente, para fins de nossa representação, portugueses, franceses e holandeses – chegaram a partir de 1500. Promoveram o escambo com os nativos, relataram aos seus líderes as maravilhas naturais do dito “paraíso” do lado de cá do Atlântico. Ficaram famosas as visões do frade francês André Thevet (1558) e do naturalista alemão Georg Marcgraf (década de 1630) reportando visões idílicas sobre os cajus e os nativos. Mas logo impera a sanha do interesse comercial e controle. O caju é arrancado, incrementado e levado para Europa e Ásia. A ciência ocidental de então rapidamente descobriu os benefícios gastronômicos e medicinais da castanha e do pedúnculo. No bojo do assumido espírito de leveza do enredo, a Mocidade opta por uma representação bem-humorada e satírica do dito “olho claro” que se assanhou para o nosso “fruto-ouro” e passou a dar as cartas - espada em punho - na terra tropical.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	---	--	------------	--

07	<p><b>Os Olhos de Tamandaré</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Na ânsia de proteger o povo de Porã do dito “olho claro” (invasor externo) e dos históricos invasores internos nas constantes “Guerras do Caju”, o sábio Pajé seguiu, mesmo do plano espiritual, atento aos passos e inquietudes da tribo, salpicando nos caminhos respostas que poderiam ser encontradas a partir da própria relação rotineira com a terra. Os olhos do avô Tamandaré simbolizam, portanto, os das entidades protetoras dos povos originários, e jamais deixaram de guiar os de Porã ao destino da sobrevivência e fartura. Como representação icônica da ligação espiritual do Pajé com seu neto, o florescer primeiro vem a partir do olho em destaque – posicionado no alto da fantasia. Eis a síntese da proteção superior para o destino certo da felicidade de quem está aqui embaixo.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	--	--	------------	--

08	<p><b>Aracayus – Paraíso Verde das aves</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>O país do caju foi descrito pelos colonizadores como um “Paraíso Verde” (o naturalista Georg Marcgraf entrega esta visão para o príncipe Maurício de Nassau, governador da colônia holandesa implantada no Nordeste do Brasil no século XVII, em “Historia Naturalis Brasiliae”).</p> <p>A Mocidade põe o caju no bico para um voo que remonta o cenário natural paradisíaco indígena de deslumbramento encontrado pelas 13 naus quando aqui chegaram e traz, na fantasia, as fusões inspiradas pela palavra <i>aracayu</i> – que mistura “papagaio” e “árvore”. Em suma, aqui estão evidenciadas as nuances das folhagens dos cajueiros mimetizadas na exposição de um dos maiores semeadores (e devoradores) do fruto.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	--	---	------------	--

-	<p><b>Terra Papagalli (Grupo de Adereços)</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>“Terra Papagalli” foi um nome que concorreu com o de “Brasil”, e até com certa vantagem, nos anos que se seguiram à invasão travestida de descoberta em 1500. Se tivesse vingado, nosso país seria conhecido hoje por um nome de bicho. A partir do mesmo título do bem-humorado livro “Terra Papagalli, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, que descreve as confusões de um personagem português em meio ao Brasil recém-achado, a Mocidade traz uma representação - com os componentes sobre pernas de pau – da tropical visão de fauna e flora que encantou o colonizador.</p> <p>Na carona de uma das maiores diversidades de pássaros do mundo, louvamos o papagaio que – sim, do alto (e por isto as pernas de pau) – rasgam a riqueza da flora, conduzindo sementes de norte a sul, por interiores, e salpicando os litorais, permitindo o disseminar do fruto que passou a se confundir com beleza natural, sobrevivência de povos, cultura popular e exploração econômica.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
---	--	--	------------	--

-	<p style="text-align: center;"><b>Ajurutê</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Ajurutê é um dos nomes em Tupi de uma das aves mais conhecidas do Brasil, o dito “Papagaio-verdadeiro”. Tornou-se o “louro” do imaginário popular, inspirou o personagem Zé Carioca, criado por Walt Disney em 1941 como a representação popular do brasileiro e, aqui, é relacionado ao caju, o fruto nativo que apresentamos como símbolo de fartura do país. O animal auxilia, ainda, no fertilizar natural de campos por sementes de todos os tipos – e que forjaram o espalhar de árvores fabulosas (como o cajueiro).</p>	(Fernanda Passon) Musa II	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
---	--	--	------------------------------	--

<p>09</p>	<p><b>Seres Marinhos da Aldeia</b></p>  <p><b>*A ala possui diversificação dos elementos marinhos nas cabeças de nossos componentes.</b></p> <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Os dois maiores cajueiros do Brasil e do planeta (no Rio Grande do Norte e no Piauí), que “guerreiam” neste setor sobre qual ostenta o maior “documento”, nasceram próximos ao litoral. São autênticos confidentes do que murmuram as águas que banham o Brasil e permitiram chã bom para o florescer d’um fruto com tantas camadas – de propriedades organolépticas especiais, aplicações gastronômicas infinitas e profunda relação cultural com os brasileiros. O mar de riquezas possibilitou as riquezas que a terra tratou de fecundar. A proximidade com a praia e os seres aquáticos - que permeiam o imaginário paradisíaco de cada grande cajueiro - parece ter inspirado no formato: ambas as árvores lembram polvos, pois cresceram para os lados, com galhos que emulam tentáculos. No Rio Grande do Norte, ele é até chamado assim. A Mocidade traz aqui alguns dos habitantes do marzão que banha o Brasil, confidentes e testemunhas da suntuosidade tropical <i>sui generis</i> dos dois maiores cajueiros nossos.</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	--	-------------------	---

10	<p><b>Luiz Inácio – O Pescador do Cajueiro</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Segundo a tradição oral, foi um pescador homônimo do presidente Lula – seu nome era Luiz Inácio (mas de Oliveira) - quem plantou, em 1888, ano da libertação dos escravizados, o chamado “Maior Cajueiro do Mundo”, em Pirangi do Norte, estado do Rio Grande do Norte. A árvore de dimensões extraordinárias, conhecida como “Polvo Potiguar”, cresce sem parar, desde então. O pescador morreu à sombra da árvore, durante um descanso, aos 93 anos. A fantasia mimetiza a figura desse pescador com elementos marinhos ligados à sua grande paixão: o fruto tropical símbolo de Pirangi.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
11	<p><b>Guerreiros Tremembés</b></p>  <p><b>(Fig. Feminino)</b></p>  <p><b>(Fig. Masculino)</b></p> <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>As passistas e os passistas independentes trazem fantasias que descrevem ícones e signos marcantes dos guerreiros Tremembés, habitantes da região do chamado Cajueiro-Rei. Hoje em dia, ele reivindica a alcunha de maior do planeta (fica encravado na região do Delta do Parnaíba, no estado do Piauí). A fantasia traz elementos, ícones, cores... Enfim, a própria simbologia marinha a circundar e perfumar o cotidiano dessas tribos que, no começo, viviam em plena harmonia, sem quaisquer divisões de território.</p>	(Passistas)	George Louzada.

-	<p><b>Cunhã-poranga Jacira</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A lenda Tremembé que perfuma as cercanias do Delta do Parnaíba, decodificada pelo escritor piauiense Adrião Neto, descreve a Cunhã-poranga Jacira, filha do cacique Itaim, da tribo de mesmo nome, como a mais formosa do litoral piauiense. Foi ela, indiretamente, o motivo do fim da paz entre todas as aldeias da região, já que dois guerreiros de diferentes origens decidiram duelar pelo seu amor – Mulungu e Muçambê. Os desdobramentos do duelo, diz a sabedoria popular, resultaram no nascimento do dito “Cajueiro Rei”. A rainha da bateria “Não Existe Mais Quente” estiliza com beleza essa famosa indígena em tons que remontam a paisagem marítima.</p>	<p>(Fabiola Andrade) Rainha de Bateria</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel e Mestre Dudu.</p>
---	---	---	--	---

<p>12</p>	<p><b>Guerreiros Mulungu e Muçambê</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A bateria da Mocidade Independente apresenta os guerreiros Mulungu (adereços arroxeados) e Muçambê (adereços alaranjados), respectivamente, da aldeia de Barrinha e da aldeia do Lago de Santana. Foram eles os indígenas que duelaram pelo coração da Cunhã-poranga Jacira. Após a luta, que terminou com discreta vantagem para Muçambê - e a decisão de Jacira de acatar as regras do jogo e ficar com o vencedor -, o casal passou a ser perseguido por Mulungu. O guerreiro derrotado jurou vingança, algo que o imaginário popular da região descreve como a origem do, hoje, impressionante “Cajueiro-Rei”. A partir de visão livre, carnavalesca e bastante irônica (no seio da próprio encontro forçado de civilizações a partir das invasões de 1500), a Mocidade Independente opta por apresentar com notas de humor e, óbvio, acidez histórico-satírica o duelo dos dois personagens aos vesti-los de fraque. A ideia é mostrar a disputa como se apontasse a vontade de um casamento consagrado em moldes ocidentais católicos contemporâneos com a bela Jacira, até como forma de troçar a historiografia tradicionalmente apresentada a partir de olhar branco (ainda presente no imaginário coletivo mesmo em temas dessa natureza).</p>	<p>(Bateria Não Existe Mais Quente)</p>	<p>Mestre Dudu.</p>
-----------	---	---	---	---------------------

13	<p><b>Arco e Flecha de Mulungu</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Após passeio romântico pela praia e pelo Bosque Sagrado, o casal - sem perceber que estava sendo seguido - dirigiu-se para o cajueiral ali próximo. Quando Muçambê colheu caju de uma haste à altura da mão e, com os dedos na castanha, fez com que chegasse à boca da amada, foi atingido por uma flecha. Enquanto Jacira gritava por socorro e tentava acudi-lo, também recebeu uma flechada mortal. Mulungu fugiu, se atirou ao mar e, dizem, foi estraçalhado por um tubarão. A fantasia da ala incorpora uma visão leve, idílica e até com pitada de surrealismo e bom humor para suavizar a tragédia lendária: apresenta Mulungu em meio ao mar e o primeiro desabrochar das flores de cajueiro após flechar o casal.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
14	<p><b>Espíritos Ancestrais dos Tremembés</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A incredulidade diante do crime mexeu com as aldeias e, inclusive, com os deuses todos. No dia do sepultamento do casal, do céu em revolta veio impressionante ira (e ele se mostrou arroxeadado). Diz a lenda, decodificada pelo escritor piauiense Adrião Neto, que o ouriçar dos espíritos ancestrais Tremembés produziria a mágica improvável no dia seguinte, já que o Cajueiro-Rei teria sido originado, de forma surpreendente, nesse contexto.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.

15	<p><b>Colheita do “Polvo”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Cercados pela riqueza da fauna marinha brasileira, o “Maior Cajueiro do Mundo” (chamando “Polvo Potiguar”) e a joia natural do Delta do Parnaíba - que também lembra o formato de um polvo e é igualmente próximo do mar -, sentem, todo ano, a própria vocação mágica para o dito “Tempo de caju”, ou seja, o da colheita – já que representam prova real de profunda fertilidade que a terra tropical pode fornecer. Apresentadas anteriormente as formações de ambos os cajueiros, a Mocidade sintetiza o frutificar geral ao brincar com o apelido do cajueiro do Rio Grande Norte, de “tentáculos” cheirosos (aproximando, naturalmente, a visão de uma ‘árvore-polvo” também do cajueiro piauiense). Homenageia, pois, a refazenda em trajetória interminável das árvores ou “polvos”, de safra em safra, orgulho do povo (aqui, sem L).</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
-	<p><b>Tesouro do Polvo Sagrado</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>O “Polvo Potiguar” e o “polvo” do Piauí são tesouros da terra, prova de fertilidade e, hoje, destinos turísticos à beira-mar, na esteira de coincidências, lendas e improbabilidades impressionantes. Aqui, vemos uma representação idílica com ares marinhos de uma autêntica joia natural possibilitada pelo murmurar do oceano.</p>	(Jojo Toddynho) Musa III	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.

16	<p><b>“Cinecajunaíma”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>O caju é um confidente, acompanhante e espelho durante os passos do complexo personagem “Macunaíma, o herói sem caráter”, no livro homônimo de Mário de Andrade, autêntica joia do Modernismo extravasado em páginas, telas e canções no começo do século XX, e desdobrado em outros movimentos (como a Tropicália). Aqui, para compor o mosaico de brasilidades que forma o setor – expondo uma espécie de inserção carnavalesca do caju no dia a dia, na arte e nos aspectos sociais do povo – o caju é fundido ao cinema, o que homenageia também a sua consagrada presença nas telonas, na esteira do filme de mesmo nome da obra seminal – Macunaíma – de Joaquim Pedro de Andrade, com Paulo José, Grande Otelo e superelenco.</p> <p>Nessa lógica de devoração cultural antropofágica que mistura literatura e cinema a partir de um amuleto que não é o muiiraquitã da obra original - mas o fruto homenageado - o próprio Mário de Andrade entrega uma síntese com frase que eternizou em “O turista aprendiz”: <i>“o caju morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro”</i>. O figurino, ao homenagear a sétima arte, não deixa de nos remeter a outros filmes que trataram do caju – como “O Cajueiro Nordestino” e “Bacurau”.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	--	---	------------	--

17	<p><b>Brincante “Circaju”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>No setor que apresenta um panorama de brasilidades – espécie de praça salpicada de caju para mostrar sua aderência (como “noda”) à rotina – o circo, joia cultural andarilha que chega como caravana nas cidades e no campo para entregar sabores de infância, pureza e poesia à dureza da vida cotidiana, também está retratado. A Mocidade desfila, por licença poética, um “bloco” aproximando o caju e o circo, de modo a evidenciar a facilidade de penetração que ambos têm junto ao povo. Sob a lona ou sob o cajueiro, pendurados no trapézio ou na ginástica pueril de arrancar cajus dos galhos, a vida goza mistérios, sabor e poesia (como num sagaz repente que passeia na boca artista), e – nas mágicas da terra e do coração – é possível construir memória e laços de afeto.</p> <p>Tem marmelada? Tem, sim, senhor! E caju? Tem por todos os lados, meu amor!</p> <p>O figurino encarna os brincantes itinerantes dessa animada caravana de fusão de elementos populares.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	--	--	------------	--

18	<p><b>“Xilocajugravura”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A xilogravura é a arte que funciona como uma espécie de painel de retratos sobre nossa gente. Considerado o maior xilogravurista em atividade, o pernambucano J. Borges tem peças cultuadas por todo o planeta. O que aqui chamamos de “Xilocajugravura” funde o caju à técnica de Borges, trazendo, ainda, a sombrinha da terra natal do artista (referente à efervescência do ritmo do frevo) ornada com o fruto homenageado. Na cabeça, o famoso chapéu em meia-lua alusivo ao sertão é símbolo de resiliência e das lutas históricas do povo brasileiro. A fantasia – plena de estamparias remetendo a Borges e ao caju – é mais um ingrediente no caleidoscópio sociocultural dessa praça especial que a Mocidade armou para o setor que exalta a presença do fruto na rotina. A partir de tal união carnavalesca, afirmamos a xilogravura e o caju como discursos de Brasil e parceiros moleques nesse local onírico que exacerba de modo criativo tantos elementos de brasilidade.</p>	Comunidade	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	--	--	------------	--

<p>19</p>	<p><b>“Cafejuzinho”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Ótimo para despertar pela manhã, aquecer uma tarde fria e até virar motivo para uma boa conversa, o café acompanha a vida de brasileiras e brasileiros, que podem saboreá-lo no formato instantâneo, robusto, pó, grãos torrados, aromatizado, gourmet ou orgânico. Dizem que, a partir dele, lê-se até sorte grande. Será? Fato é que o caju é amuleto nos balangandãs das baianas e, na sabedoria nordestina, quando se quer fazer referência a uma conquista rara, dizem que só acontece “<i>de caju em caju</i>”. A Mocidade, na sanha de fusão do “filho nacional” caju e seus derivados ao que virou rotina por aqui estende a mesa para o desfile de um figurino pop modernista pra lá de original. O “Cafejuzinho” é a própria união foliã surrealista na receita da praça de brasilidades que proclama a cultura do sabor como signo de pertencimento e sociabilidade. A fantasia representa o café servido nessa idílica localidade, que também é perfumada pelos sabores do cajuzinho, sua iguaria em destaque na sobremesa. Acabamos de passar um quentinho, quem quer provar?</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	---	-------------------	---

20	<p><b>“Cajufetina”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Autores como Jorge Amado – revelador do profundo intestinal das coisas e relações sociais nossas, notadamente, do estado da Bahia – sempre preferiram conferir força a personagens historicamente marginalizados (prostitutas, bêbados, mendigos, malandros), criticando o descaso e a hipocrisia do tratamento a eles conferido pelas elites dominantes. Apontou caminhos com bom humor e humanidade nas investigações profundas do povo presentes em clássicos como “Gabriela, cravo e canela” e “Tieta do Agreste” (neste livro, há a receita da chamada Frigideira de Maturi, a partir do caju). No filme “O Enterro da Cafetina”, de Alberto Pieralisi, inspirado no livro de Marcos Rey, a dona de famoso bordel carioca morre e determina em testamento que seu enterro seja como uma das festas que dava no estabelecimento. Inspirada em olhares artísticos assim de humanidade para nossa gente (que ama o caju e o vê como joia a ser incorporada às melhores receitas sem desmerecer seu cunho popular), a Mocidade veste de preto a Ala LGBTQIA+ alusiva à cafetina e, portanto, enterra todos os preconceitos, fundindo-a ao fruto e sua capacidade de adaptação, penetração e, óbvio, resistência.</p> <p>O caju e a cafetina “fazem a vida” na praça do povo, gritam urgências, esbanjam irreverência e desfilam protagonismo social. São, sim, Brasil pra caju!</p>	Comunidade (Ala LGBTQIA+)	Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.
----	---	---	---------------------------------	---

<p>21</p>	<p><b>“Biroscaju”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Birosca, bares e botecos são imãs da sociodiversidade compartilhada. Com ou sem mesas nas calçadas, acabam tornando-se referências do que deveria ser uma sociedade de convívio mesclado na diversidade social e econômica. A coexistência diária entre as pessoas que são distintas entre si é o primeiro movimento para se romper com o racismo e com todas as formas de preconceito. A birosca - com suas prosas, resoluções e entra-e-sai – liga-se ao caju moleque e sua capacidade inclusiva de tipos, já que se espalha nação adentro como ativo econômico e cultural. O caju, aliás, está nas receitas e cartas dos próprios estabelecimentos, num movimento antropofágico devorador <i>a priori</i>. Os compositores da Mocidade tomam um porre de inspiração e derramam ziriguidum sem freio na pista do carnaval, sob os auspícios do fruto nativo.</p>	<p>Compositores</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	---	---------------------	---

-	<p><b>Caju-Crendice</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo, as crendices populares “participam da própria essência intelectual humana e não há momento na história do mundo sem a sua inevitável presença.” Fruto nativo presente no campo, nos quintais e na vida até afetiva do brasileiro, se as propriedades organolépticas do caju já eram investigadas antes mesmo da chegada da ciência europeia, naturalmente, os efeitos e benefícios da castanha e do pedúnculo foram repassados - por tradição e até vão achismo - entre gerações. Receitinha da mamãe, remedinho da vovó, o caju é um amigão de poderosa “química” na praça de brasilidades que a nossa musa apresenta.</p>	<p>(Luana Fernandes) Musa IV</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
---	--	--	--------------------------------------	---

<p>22</p>	<p><b>Uma Geleia Geral Brasileira</b></p>  <p>(Fig.01 Vendedor de Suco de Caju)</p>  <p>(Fig.02 Mascate de Castanhas)</p>  <p>(Fig.03 Vendeira de Cajuína)</p>  <p>(Fig.04 Saladista de Frutas)</p>  <p>(Fig.05 Mercante de Sorvete de Caju)</p>	<p>A Mocidade Independente utiliza duas canções ligadas a Torquato Neto, uma de sua autoria ao lado de Gilberto Gil – “Geleia Geral” –, e a outra, de Caetano Veloso, para ele – “Cajuína” –, como inspiração para esta ala que mistura cinco figurinos diferentes e complementares de cores vibrantes, e que aludem a tipos de vendedores de tropicalidade ligados ao fruto homenageado (respectivamente, vendedor de suco, mascate de castanhas, vendeira de cajuína, saladista de frutas e mercante de sorvete de caju) e à fartura da terra nas praias de norte a sul do país.</p> <p>A partir do encontro dos versos “<i>o poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia</i>” (“Geleia Geral”) e “<i>existirmos: a que será que se destina?</i>” (“Cajuína”), a escola propõe a idílica e existencialista visão de um Gigante que, mirando o Atlântico a beijar as praias, questiona ao espelho d’água acerca de sua vocação, ou seja, sobre os porquês de existir como nação. Ora, é a citada “<i>manhã tropical</i>” quem entrega a tão desejada resposta. Afinal, o “<i>calor girassol</i>” possibilita o desfile praiano de personagens, fatura, curvas - no qual produtos e riquezas derivados do nosso caju são desfilados, negociados, exaltados consumidos.</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	---	-------------------	---

<p>22</p>	<p><b>Uma Geleia Geral Brasileira</b></p>  <p>(Fig.01 Vendedor de Suco de Caju)</p>  <p>(Fig.02 Mascate de Castanhas)</p>  <p>(Fig.03 Vendeira de Cajuína)</p>  <p>(Fig.04 Saladista de Frutas)</p>  <p>(Fig.05 Mercante de Sorvete de Caju)</p>	<p>Um tipo de escambo e troca-troca pós-moderno – mas, agora, a própria venda de prazeres – que remonta os primeiros contatos do dono da terra com os invasores e fecha perfeitamente o arco temático proposto pelo enredo, amarrando a mensagem enunciada desde o argumento. Aqui, tudo se desenrola sob a inspiração da festa cotidiana de estar ao sol – esta que nos une, nos iguala e possibilita gozar todas as formas de felicidade. Eis um mercadão de Brasil e caju a céu aberto com múltiplas possibilidades de sabor. Sim, o torrão se vê por aqui!</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	--	-------------------	---

<p>23</p>	<p><b>Caipi-caju - A batida mais quente</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Sob o mesmo sol, mirando-se a partir da “<i>intacta retina</i>” evocada pela canção “Cajuína”, a Mocidade Independente também se nota como uma das vocações do Brasil. Ou seja, um fruto da terra, de terreiro, destinado a afetar pessoas e promover a sociabilidade. Nada mais caju, não é mesmo? Tudo isto na carona da dita “batida mais quente” de Mestre André, ou seja, consagrada no imaginário popular e por todos os amantes do carnaval – sobretudo depois do eternizar na canção “Salve a Mocidade”, de Luiz Reis – como a melhor bateria da folia. Numa fusão carnavalesca, a Mocidade é “servida” – de modo sinestésico e metafórico – como uma bebida, a famosa “batida” consumida nas praias. Misturada, portanto, a uma deliciosa caipi-caju (elemento presente na cabeça dos desfilantes), a Estrela une a carne de carnaval à pele macia da carne do fruto, evocada pela música “Morena Tropicana”, de Alceu Valença. Um cruzamento saboroso de sensações – como o próprio Brasil. “<i>Morder a carne de caju para sentir o sabor do Brasil</i>”, dissemos na justificativa. Sim, o sentimento é total e a concretização da teoria acontece plenamente.</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	---	-------------------	---

<p>24</p>	<p><b>“A Mocidade é a Cara do Brasil!”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>  <p><b>Bandeira que será conduzida por alguns componentes (obra da artista plástica Orádia Porciúncula), um revisitar da bandeira brasileira com o verde das folhas dos cajueiros (nominados), o amarelo trazendo desenhos da flor da árvore e, no centro, as estrelas alusivas aos campeonatos da escola, o fruto homenageado carregado pelo Castorzinho (um dos símbolos da escola) e uma frase do refrão do samba.</b></p>	<p>A ala traz componentes do barracão e pessoas que tiveram papel especial para fazer brotar o desfile da Verde-e-branco. O figurino é uma espécie de jardineira estilizada - indumentária muito usada pelo carnavalesco Fernando Pinto - e que virou sua marca. Até hoje, ele é uma inspiração por ter plantado um estilo de alegria e tropicalidade da escola, e que fez com que este coletivo campeoníssimo ganhasse – de fato – “a cara do Brasil”. São esses jardineiros brincantes que prepararam o terreno e cuidaram de toda a magia de um desfile assumidamente apaixonado por louvar as brasilidades via o caju. Nessa espécie de contra-bólido folião de expansão de energia e libertação de amarras, devolvemos com arte coletiva a terra para a terra, a Mocidade a ela mesma. Que mistério delicioso possui esta entidade única que goza estrelas na pista e se entorpece da energia do povo folião e de sua comunidade na experiência de ser? Só quem se permitiu sentir tamanho febril delírio poético pode dizer. Evoé!</p>	<p>Barracão</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
-----------	--	--	-----------------	---

-	<p><b>“Geleia Geral”</b></p>  <p><b>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A fantasia da musa designa a canção que dá título ao setor, na esteira de um Brasil orgulhoso de sua vocação para a tropicalidade, para o sol forte sobre os corpos bronzeados e identificado pelos frutos, pelo calor humano em contato direto, e pelos derivados que se originam da terra fértil (como o caju).</p>	<p>(Aline Mineiro) Musa V</p>	<p>Departamento de Carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.</p>
---	---	--	-----------------------------------	---

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Corrêa, 60, Gamboa, Rio de Janeiro – Barracão 10.	
<b>Diretor Responsável pelo Ateliê</b> Wilker Jorge (Comissão de Carnaval).	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Eliane dos Santos Gomes.	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Layone Ventura, Edson França, Marta Ferreira, Mamede Junior, Letícia Santana, William Alexandre e Edson Queiroz.
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Layone Ventura, Edson França, Marta Ferreira, Mamede Junior, Letícia Santana, William Alexandre e Edson Queiroz.	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José Carlos.
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções:</b> <b>Ateliê de Protótipos - (Aderecista Chefe)</b> Márcio Paulino – 35 Anos.  <b>Equipe de Costura - (Costureira Chefe)</b> Eliane dos Santos Gomes – 50 Anos. <b>(Costureiras de Apoio)</b> Roberta Abraim – 39 Anos. <b>(Corte)</b> Leôncio Alves (Xodó) – 39 Anos.  <b>Ateliê de Composições e Figurinos Especiais - (Aderecista Chefe)</b> Leandro de Souza – 43 Anos.  <b>Compras –</b> Layone Ventura – 45 Anos. <b>Almoxarife –</b> Giovani Leal – 34 Anos. <b>Arame –</b> Almir da Costa – 61 Anos. Djan Marcelo – 42 Anos. <b>Placas –</b> Ulisses Gonçalves – 61 Anos. <b>Pintura de Arte –</b> Leandro Assis – 44 Anos. <b>Espuma –</b> William Alexandre – 44 Anos.	

**Outras informações julgadas necessárias:**

*\*As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência.*

*\*Foram produzidas sobre as mãos de nossos artesãos, 2600 fantasias que serão apresentadas em nosso desfile oficial.*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Autor(es) do Samba-Enredo**

Paulinho Mocidade, Diego Nicolau, Cláudio Russo, Richard Valença, Marcelo Adnet, Orlando Ambrósio, Gigi da Estiva, Lico Monteiro e Cabeça do Ajax.

**Presidente da Ala dos Compositores**

Domenil Santos.

**Total de Componentes da  
Ala dos Compositores**

80 componentes.

**Compositor mais idoso  
(Nome e Idade)**

Jaci Campo Grande – 84 anos.

**Compositor mais jovem  
(Nome e Idade)**

Richard Valença – 31  
anos.

**SAMBA-ENREDO**

EU QUERO UM LOTE  
SABOROSO E CARNUDO  
DESSES QUE TÊM CONTEÚDO  
O PECADO É DEVORAR  
É QUE ESSE MOTE BEIRA ANTROPOFAGIA  
DESCE A GLOTE POESIA  
PEDE CAJU QUE DÁ  
DELÍCIA NATIVA  
ONDE EU POSSA PÔR OS DENTES  
QUE NÃO FIQUE PRA SEMENTE  
NEM UM TASCOS DE MORDIDA  
AÍ TUPI NO INTERIOR DO CAFUNDÓ  
UM QUIPROQUÓ! VIROU GUERRA ASSUMIDA

**PROVOU PORÃ (PROVOU!) FRUTA NO PÉ  
SE LAMBUZOU TAMANDARÉ  
O MEL ESCORRE, OLHO CLARO SE ASSANHA  
SE A POLPA É DESSE JEITO, IMAGINE A CASTANHA**

POR OUTRAS PRAIAS, A NOBREZA APROVOU  
SE ESPALHOU... TÃO FÁCIL, FÁCIL!  
E NESTA TERRA ONDE TAMANHO É DOCUMENTO  
VOU ERGUER UM MONUMENTO PARA SEU LUIZ INÁCIO  
NESSA BATALHA, TEVE APERREIO!  
DUAS FLECHAS E NO MEIO UMA TAL CUNHÃ-PORANGA  
TARSILA PINTA A SANHA MODERNISTA,  
TIRA A TRADIÇÃO DA PISTA  
VAI, DEBRET, CHUPA ESSA MANGA!  
É TROPICÁLIA, TROPICANA, CAJUÍNA  
PELA INTACTA RETINA, A ESTRELA NO OLHAR  
CARNE MACIA COM SABOR INDEPENDENTE  
A BATIDA MAIS QUENTE DEIXA O POVO PROVAR!

**MEU CAJU, MEU CAJUEIRO  
PEDE UM CHEIRO QUE EU DOU!  
O PURO SUCO DO FRUTO DO MEU AMOR  
É SENSUAL ESSE DELÍRIO FEBRIL  
A MOCIDADE É A CARA DO BRASIL!**

**Outras informações julgadas necessárias:**

## **DEFESA DO SAMBA-ENREDO**

### **LETRA**

#### **REFRÃO DE CABEÇA/FINAL**

*Meu caju, meu cajueiro (A)  
Pede um cheiro (A) que eu dou! (B)  
O puro suco do fruto meu amor (B)  
É sensual esse delírio febril (C)  
A Mocidade é a cara do Brasil! (C)*

O refrão de cabeça ou final do samba da Mocidade, com rimas emparelhadas, na maioria externas, faz uma louvação ao homenageado - o caju - e ao cajueiro, via sua personificação afetiva. Nela, o sujeito do discurso (o sambista com fala em primeira pessoa) se “declara” por intermédio de pronome possessivo (duplo “meu”). O narrador apresenta, ainda, sua relação “rasgada” com o caju a partir do que seria a extração do maior concentrado daquele sentimento - “*o puro suco do fruto do meu amor*” (recurso traduzido no talentoso duplo uso de preposição e artigo “de” + “o” para flertar com figuras como metáfora, assonância e hipérbole, perfumadas por sentido de adição, com o evidenciar pleno do aspecto passional desejado pela narrativa). Pedir “*um cheiro*” é expressão popular de carinho entre pessoas (sobretudo, no Nordeste brasileiro) e, como afirma a sinopse/pesquisa do enredo, o caju é mesmo um personagem íntimo do povo, destaque dos quitutes, quitandas e quintais. Tudo isto torna legítima e natural tal relação - sacramentada como um “*delírio febril*” nas sensações todas promovidas pelo múltiplo aproveitar do fruto - o sentido caloroso da proposta. O estribilho é completado com uma exaltação de profunda verdade histórica: “*a Mocidade é a cara do Brasil*” - já que esta é agremiação-síntese da Zona Oeste do Rio de Janeiro, nascida em terreiro e com histórico de enredos de cunho tropicalista, que usou e abusou de elementos marcantes relacionados à construção identitária do nosso país.

#### **PARTE 1**

*Eu quero um lote (A)  
Saboroso e carnudo (B)  
Desses que têm conteúdo (B)  
O pecado é devorar (C)  
É que esse mote (A) beira Antropofagia (D)  
Desce a glote (A) poesia (D)  
Pede caju que dá (C)*

A primeira parte do samba faz uma apresentação sinestésica do protagonista do desfile - em que é possível senti-lo como carne a ser real e culturalmente mordida, bem à moda dos tropicalistas e modernistas. Os sete primeiros versos apresentam sofisticadíssima construção de rimas internas e externas, com variação entre emparelhadas, interpoladas e misturadas, combinadas de modo a entregar não apenas o conforto ao canto e sonoridade, mas o sentido de apreciação gastronômica. O narrador afirma querer um carregamento dos melhores cajus disponíveis, assumindo-se uma espécie de pecador incorrigível por tamanha vontade de morder o fruto e, obviamente, também o Brasil.

Na sequência - de modo profundamente inteligente e integrado ao enredo - sinaliza que este gesto de cravar os dentes num ícone brasileiro lembra a Antropofagia (o movimento Modernista de, digamos, autodescoberta da nação, liderado, dentre outros, pelo poeta Oswald de Andrade e um dos “motes” de Tropicalistas, como Torquato Neto e Gilberto Gil). Contemporâneo de Oswald, Mário de Andrade fala do caju a partir da mesma lógica cultural antropofágica - “*o caju morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro*” – e se insere no balaio de referências.

A correlação arrepia o cantante ao ser arrematada com o “engolir” da poesia e, então, atingir uma sutil brincadeira que distorce de modo proposital (o próprio homenageado da vez é chamado de “fruto invertido”) o título do enredo. Ou seja, quem pedir caju e, portanto, pedir um pouquinho de Brasil ioiô e iaiá... A terra vai dar.

*Delícia nativa (E)*

*Onde eu possa pôr os dentes (F)*

*Que não fique pra semente (F)*

*Nem um tasco de mordida (E)*

*Aí Tupi no interior do cafundó (G)*

*Um quiproquó! (G) Virou guerra assumida (E)*

Começa aqui a passagem do primeiro para o segundo setor do enredo. Ainda abusando de sofisticado esquema de rimas interpoladas entregando o sentido antropológico de investigação sinalizado pelo tema, o narrador segue na sanha de arregar a bocarra para o fruto - com a chegada do momento de classificá-lo como “*delícia nativa*”. O verso imediatamente sinaliza a origem brasileira do caju e abre frente para tratar dos povos originários (“*Aí Tupi*” refere-se ao povo Tupi, dono da expressão *acayu* (caju), mas também pretende abarcar os demais grupos indígenas por natural licença poética marcante em composições carnavalescas), que já conheciam os benefícios da castanha e do pedúnculo bem antes de 1500.

As ditas “Guerras do Caju” - travadas por diferentes tribos - marcaram o período pré-colonial e, neste trecho, os compositores, de maneira profundamente auspiciosa, usam as expressões da vivência oral “*cafundó*” (para definir o Brasil profundo) e “*quiproquó*” (para expressar confusão) em potente rima sequenciada. O resultado é perfeito para chamar o refrão de centro.

## REFRÃO DE CENTRO

*Provou Porã (Provou!) fruta no pé (A)*  
*Se lambuzou Tamandaré (A)*  
*O mel escorre, olho claro se assanha (B)*  
*Se a polpa é desse jeito, imagine a castanha (B)*

O refrão de centro apresenta assumidas rimas fortes e emparelhadas em fins de verso (externas) para evidenciar a vontade de explosão e conexão potente entre as partes. Como expresso na sinopse, “a tribo do indígena Porã, expulsa do lugar de origem, só encontrou felicidade quando floresceram as castanhas guardadas por Tamandaré (seu avô), até então, perdidas.” Veio a seguir o “tempo de caju”, de generosidade, para aquele povo. Os dois primeiros versos do estribilho lembram a importância do fruto a partir desses dois personagens de ficção inspirados na bibliografia de Luís da Câmara Cascudo. Eles simbolizam costumes típicos dos povos originários abraçados pelo imaginário comum (o consumo *in natura*) e abrem caminho para o que a história registra com precisão quando as treze naus cá bateram: os olhos estrangeiros (notadamente, aqui, portugueses, franceses e holandeses) cresceram de desejo e interesse diante daquele “mel” todo.

O caju virou cobiça, foi taxado e exportado. A estrofe termina com um verso inspiradíssimo que traduz a alma gaiteira do brasileiro e da cultura popular (na qual o fruto está totalmente imerso) para externar seu valor e o motivo de tamanha ambição e assanhamento do dito “*olho claro*” (os estrangeiros): “*se a polpa é desse jeito, imagine a castanha*”.

## SEGUNDA PARTE

*Por outras praias, a nobreza aprovou (A)*  
*Se espalhou... (A) Tão fácil, fácil! (B)*  
*E nesta terra onde tamanho é documento (C)*  
*Vou erguer um monumento (C) para seu Luiz Inácio (B)*  
*Nessa batalha, teve aperreio! (D)*  
*Duas flechas e no meio (D) uma tal Cunhã-poranga (E)*

Com rimas misturadas pelo centro e em fins de verso, a entrada da segunda parte do samba faz uma conexão entre o segundo setor e o terceiro setor do enredo. O narrador sinaliza que o caju também brilhou lá fora e caiu nas graças dos gringos. Mas é aqui - “*terra onde tamanho é documento*” - o seu torrão forte. O verso em destaque sinaliza a “briga” entre os estados do Rio Grande do Norte e do Piauí (a essência do setor 3) sobre qual seria o cajueiro de maior medida no Brasil e no planeta. Foi um pescador homônimo do atual presidente da República - sim, chamado Luiz Inácio (de Oliveira) - quem plantou o dito “Maiores Cajueiro do Mundo” (RN), em 1888. E por isso a sagaz brincadeira na letra sobre “*erguer um monumento*” para o homem.

Já nas franjas do Delta do Parnaíba (PI), o Cajueiro-Rei reivindica o trono das medidas. De acordo com lenda Tremembé descrita na sinopse, dois guerreiros disputaram o amor de uma Cunhã-poranga de nome Jacira. Culminou em tragédia acompanhada de milagre. Após a disputa, o perdedor emboscou o seu rival e a amada durante passeio em que colhiam cajus.

Duas flechadas, ambos mortos. Foi, então, que a tempestade plena de raios e trovões do dia seguinte produziu cena mágica: no exato lugar do enterro do casal, emergiu a planta de dimensão extraordinária. Os compositores, como se nota, refletiram com precisão e criativa maestria a competição cultural da fita métrica.

*Tarsila pinta a senha modernista (F)*

*Tira a tradição da pista (F)*

*Vai, Debret, chupa essa manga! (E)*

*É Tropicália, tropicana, cajuína (G)*

*Pela intacta retina, (G) a estrela no olhar (H)*

*Carne macia com sabor independente (I)*

*A batida mais quente (I) deixa o povo provar (H)*

O quarto setor e o quinto setor estão contemplados nos versos finais com rimas internas e externas misturadas, e fechamento interpolado. Ambos retratam o caju absolutamente grudado na cultura nacional – seja na arte, na festa, no dia a dia, seja por intermédio d’uma pensata filosófica sobre um país que se olha no espelho e percebe que existe fundamentalmente para a tropicalidade e as coisas que brotam da terra fértil. Os versos que convocam Tarsila e Debret para a festa são, possivelmente, os mais inspirados da composição porque apresentam as muitas nuances da presença do fruto como retratos de rotina. Jean-Baptiste Debret foi um pintor, desenhista e professor francês. Integrou a Missão Artística Francesa, que fundou, no Rio de Janeiro, uma academia de Artes e Ofícios, mais tarde Academia Imperial de Belas Artes, onde lecionou. Notável artista, demonstrou em suas telas nosso cotidiano no século XIX - que englobava tanto a aristocracia, a população em geral e até a vida dos escravizados.

Uma de suas aquarelas mais famosas apresenta uma mulher escravizada vendendo cajus, e que contrasta com a tela modernista “A Feira”, também plena do fruto. Na assinatura desta, lê-se Tarsila do Amaral, pintora paulista e uma das expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922, que redefiniu os conceitos artísticos brasileiros. A letra se utiliza de engenhosa licença poética ao sugerir uma espécie de duelo entre um Debret mais tradicional, e sua visão dezenovista de nossa porção continental recém-independente, contra as cores vivas do Brasil moderno de Tarsila (século XX) – “*Tarsila pinta a sanha modernista / Tira a tradição da pista*”.

Eis que “*Vai, Debret, chupa essa manga!*”, como primoroso achado, arremata a mensagem de modo cirúrgico. Afinal, evoca uma expressão popular contemporânea (“*chupa essa manga!*”), como se o francês tivesse de lidar com suposta derrota no “embate”, denotando aqui inspiração na brincalhona sabedoria oral, em burburinhos de esquina nos quais o caju aparece sob diferentes roupagens. A manga, dádiva popular como o homenageado, evidencia a “instituição” da feira (a da tela e a real), na perspectiva de polo para o circular e exacerbar de brasilidades.

Por fim, a canção “Cajuína”, homenagem do cantor e compositor Caetano Veloso para Torquato Neto (que havia se suicidado em 1972), é a inspiração dos versos derradeiros. A partir de um dos ditos trechos “existencialistas” de nossa MPB - “*Existirmos: a que será que se destina?*” - o enredo convida a nação gigante a se olhar como manancial de riquezas (a própria Mocidade - tão a cara do Brasil - incluída aí).

Ora, no samba, o narrador afirma que, pela “*intacta retina*”, o país da carne macia do caju e da carne de carnaval vê a estrela e pede para o povo provar a “*batida mais quente*”. Eis o duplo sentido entre percussão e bebida, a própria sinestesia alvissareira do enredo, e que completa a mensagem.

Além de muito inspirada, inventiva e sofisticada, a letra da obra é, pois, o perfeito reflexo da proposta, a própria “noda” (nódoa) que não desgruda em instante algum do visual proposto.

### **MELODIA**

Um samba que tem a melodia com a cara do Brasil - bem moleca, sensual e brejeira.

De cara, um refrão diferente – em que a parte forte está no segundo caso da tônica. A própria melodia, junto à letra, faz o corpo mexer mesmo quem não queira.

A primeira do samba tem uma pitada de ritmos nordestinos com versos colados que faz o samba “andar”.

Na segunda parte da primeira do samba, já se nota uma melodia carioca - podemos dizer de pegada malandreada - preparando para mais um ponto forte, que é o refrão do meio.

Este estribilho apresenta uma estrutura que flutua muito no segundo caso da tônica. A melodia induz o ouvinte e o desfilante à sensualidade.

A segunda do samba é a onde existe um descanso natural de samba-enredo, um lamento que deixa a interpretação rica, passando por relativo.

Já na segunda parte da segunda do samba, uma mistura forte de samba com ritmos nordestinos, muito marcante no final, entrega para melodia em menor - preparando para a explosão que é o refrão principal.

Mocidade Independente de Padre Miguel 2024  
Dp Musical

F G A D / A /  
Oioioio...  
Levada de frevo...

9 D / A / G / F#m /

17 G / A / D / A /

25 G / F#m / G / Bm Bm E7 E7 A  
Pausa ate voltar a voz...

33 1,2,3... Contagem... A / E/G# / D/F# E7 A

41 A7 D E7 C#m F#7 Bm E7 A

49 E7 A A(maj7) A6 E7 A F#7 Bm

57 F#7 Bm Bm7 E7 / Bm C° A/C#

65 E/G# C#m7(b9)/G / F#7 / C#m7(b9) / F#7

73 / G7 / F#7 / Bm A7 D

2

81 E7 C#m F#7 Bm E7 A A E

89 D A / Bm E7 A A7 D

97 E7 C#m F#m 1. Bm E7 A 2. Bm /

105 E7 / A / E F° F#m /

113 Bm E7 D/A A / G#m7(b9) C#7 F#m /

121 Bm E7 A / C#7 / F#m /

129 C#7 / F#m A/G D#m7(b9) / E/D /

137 C#m C#m7 G7 F#7 / B7(add9) / Bm E7

145 A A7 Dm / Am / E7 /

153 Em7(b9) A7 Dm G7 C F#maj7 Bm7(b9) E7

161 A E7 DC ao S A / E/G# / D/F# E7

169 A A7 D E7 C#m F#7 Bm E7 3

177 1. A E7 2. A A7 D E7 C#m F#7

185 Bm E7 A A D / A /  
Oioioio...

193 G / F#m / G / F#maj7

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestre Dudu (Eduardo Oliveira) – 42 Anos.

**Outros Diretores de Bateria**

Adriano Bresciani, Alan Rocha, Alexandre Ricarte, Artur Ferreira, Carlos Alexandre Alves, Danielle Cavalcante, Geovane Gomes Martins, José Amaro, Lázaro Dias, Lê Tavares, Leandro da Silva Martins, Luiz Eugênio, Milton Pereira, Paulo César Mendes Martins, Luiz Eugênio, Milton Pereira, Paulo César Mendes Martins, Paulo Vitor Oliveira, Peterson Patrick Mallet, Rômulo Lima, Rubem Fernandes, Uilton Rodrigues, Wagner Pereira.

**Total de Componentes da Bateria**

270 – Duzentos e setenta componentes.

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
15	15	16	-	-
<b>Caixa</b> 80	<b>Tarol</b> -	<b>Tamborim</b> 40	<b>Tan-Tan</b> -	<b>Repique</b> 40
<b>Prato</b> -	<b>Agogô</b> 12	<b>Cuica</b> 24	<b>Pandeiro</b> -	<b>Chocalho</b> 24
<b>Zabumba</b> 2	<b>Triângulo</b> 2			

**Outras informações julgadas necessárias:**

**Sobre a Bateria do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (Bateria Não Existe Mais Quente)** – Inventora da paradinha, da batida de terceira, do chocalho com platinelas, dona de um conjunto rítmico citado como “revolucionário” pela imprensa carioca desde a fundação (1955), reconhecida não apenas ao longe, mas no pulsar dos corações. A bateria da Mocidade Independente, forjada em terreiro ainda nos tempos boleiros (Independente Futebol Clube, criado em 1952), é a mais inovadora e louvada da história do carnaval. Uma instituição dentro da instituição que arrebatou apaixonados desde os tempos de Mestre André (José Pereira da Silva, o maior maestro do povo) até o atual regente, Dudu, passando por Mestre Jorjão, Tião Miquimba, Mestre Coé e tantos(as) batuqueiros(as) que escreveram deslumbrantes páginas de glória. Eis um segmento também feminista (quem não se apaixonou pelos chocalhos das mulheres da família Oliveira?), que tem uma canção da MPB todinha para ela, eternizada na voz da deusa Elza Soares (“Salve a Mocidade”, de Luiz Reis, trilha sonora da novela “O Rebu”). Ela é próprio festival do couro, do povo, a alegria da cidade. Ora, toda aula sobre bateria começa, *a priori*, pelos saberes que emanam de Padre Miguel.

Este ano, mais uma vez, Mestre Dudu ensaiou de modo bastante intenso seus ritmistas, com o intuito de associar as características e valências consagradas do segmento rítmico que lidera – associadas com bossas, paradas e convenções – ao samba de enredo.

É possível notar, de novo, a afinação de surdos “invertida” em relação à sistematização das demais baterias, já que, na Verde-e-branco, o surdo de primeira tem timbre agudo, enquanto o de segunda ecoa de modo grave. A batida de terceira, como citada cria da casa, entrega, ainda, mais balanço ao ritmo. No naipe de caixas de guerra, o som característico possui uma acentuação específica, inclusive no toque da “mão fraca”, que auxilia a produzir certo “molho” especial. Esta, aliás, é a base do que a curimba sinaliza como Agueré de Oxóssi, marca musical característica da entidade protetora da agremiação.

Não podemos nos esquecer do naipe de chocalhos, que, além ser uma fila também dançante, se destaca pela tradicionalíssima “subida cascavel”, após as chamadas dos repiques. O complemento das peças leves vem com os tamborins e agogôs, outros naites historicamente fortes, altamente vinculados às tradições musicais da “Não Existe Mais Quente”. O fato é que nossa orquestra popular, desde o primeiro roncar das cuícas, requer atenção sensível e especial a cada instrumento e instrumentista em sua passagem. O resultado está na resposta corpórea imediata de sambistas e plateia, no exaltar há quase sete décadas do autêntico samba brasileiro – aqui, com as pitadas de magia da Zona Oeste.

Este ano, integradíssimos à proposta temática e ao samba-enredo, Dudu e seus comandados trazem novidades: duas zabumbas e dois triângulos, conferindo molejo e novas possibilidades para as bossas ante um fruto abundante que traz a alma do Nordeste brasileiro. A bateria planeja a todo instante “conversar” com a obra em suas múltiplas possibilidades de ações e movimentações pela avenida.

Salve a Mocidade! E salve a bateria da Mocidade!

**Mestre Dudu** – Carlos Eduardo Arcanjo de Oliveira, o Mestre Dudu, nasceu em 10 de novembro de 1981 (junto com o nascimento da Mocidade) e desfila na bateria da escola há quase 30 anos. Inicialmente, como ritmista, passou a integrar o time de repiques de bossa da Mocidade em meados dos anos 90, quando seu pai, o lendário Mestre Coé, comandava a “Não Existe Mais Quente”. Tornou-se diretor anos depois e passou a comandar os ritmistas da Estrela-Guia em 2012, na primeira temporada da Superdireção de Bateria coordenada por Andrezinho (cantor e compositor, filho de Mestre André). A partir de 2016, faz um trabalho solo à frente do segmento e conseguiu resgatar diversas características históricas do segmento. A batida de caixa, a afinação dos surdos, as características impactantes do surdo de terceira, e a qualidade na operação de cada um dos instrumentos e fundamentos. Foi mestre de bateria também da Unidos de Padre Miguel na década passada. Em novembro de 2021, lançou o livro “As Paradinhas da Não Existe Mais Quente”, em parceria com o músico Gabriel Lopes. Sob o seu comando, a bateria da Mocidade voltou a brilhar e ganhar o prêmio Estandarte de Ouro no Carnaval 2018, algo que não acontecia desde 2002. Dudu é, hoje, um dos grandes nomes da escola e um dos mais respeitados mestres de bateria da nova geração do carnaval carioca, descendente direto daqueles que forjaram no couro esticado esta joia fundamental da cultura popular.

**Ala 12 (Bateria Não Existe Mais Quente):** Guerreiros Mulungu e Muçambê

A bateria da Mocidade Independente apresenta os guerreiros Mulungu (adereços arroxeados) e Muçambê (adereços alaranjados), respectivamente, da aldeia de Barrinha e da aldeia do Lago de Santana. Foram eles os indígenas que duelaram pelo coração da cunhã-poranga Jacira. Após a luta, que terminou com discreta vantagem para Muçambê - e a decisão de Jacira de acatar as regras do jogo e ficar com o vencedor -, o casal passou a ser perseguido por Mulungu. O guerreiro derrotado jurou vingança, algo que o imaginário popular da região descreve como a origem do, hoje, impressionante “Cajueiro-Rei”. Na esteira de uma visão livre, carnavalesca e bastante irônica (no seio da próprio encontro forçado de civilizações a partir das invasões de 1500), a Mocidade Independente opta por apresentar com notas de humor e, óbvio, acidez satírico-histórica o duelo dos dois personagens aos vesti-los de fraque. A ideia é mostrar a disputa como se apontasse a vontade de um casamento consagrado em moldes católicos ocidentais contemporâneos com a bela Jacira, até como forma de troçar a historiografia tradicionalmente apresentada a partir de olhar branco (ainda presente no imaginário coletivo mesmo em temas dessa natureza).



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

**Fabiola de Andrade**

**(Rainha de Bateria):** Cunhã-poranga Jacira.

A lenda Tremembé que perfuma as cercanias do Delta do Parnaíba, decodificada pelo escritor piauiense Adrião Neto, descreve a Cunhã-poranga Jacira, filha do cacique Itaim, da tribo de mesmo nome, como a mais formosa do litoral piauiense. Foi ela, indiretamente, o motivo do fim da paz entre todas as aldeias da região, já que dois guerreiros de diferentes origens decidiram duelar pelo seu amor – Mulungu e Muçambê. Os desdobramentos do duelo, diz a sabedoria popular, resultaram no nascimento do dito “Cajueiro Rei”. A rainha da bateria “Não Existe Mais Quente” estiliza com beleza essa famosa indígena em tons que remontam a paisagem marítima).



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

<b>Diretor Geral de Harmonia</b> Sandro de Menezes – 54 Anos.
<b>Outros Diretores de Harmonia</b> Vitor Hugo Gomes de Oliveira – 41 Anos; Marcos Paulo Carvalho Silva – 31 Anos; Jorge Hindriches da Silva – 60 Anos; Claudio Marcio Madeira – 53 Anos; Pedro Henrique Dutra Souza – 23 Anos; Marcelo dos Santos Marinho – 44 Anos; Florentino Souza da Silva – 64 Anos; Cristiane Araújo da Paixão Santiago – 46 Anos; Gilberto Pereira da Silva – 59 Anos; Wagner Fernandes de Assis – 39 Anos.
<b>Total de Componentes da Direção de Harmonia</b> 50 Componentes
<b>Puxador(es) do Samba-Enredo</b> Zé Paulo Sierra.
<b>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo</b> <b>Cavaco 01</b> – Jotinha. <b>Cavaco 02</b> – Leandro Paiva. <b>Violão</b> – Victor Alves. <b>Acordeão</b> – Ivan.
<b>Outras informações julgadas necessárias:</b>  A harmonia da Mocidade Independente de Padre Miguel, impulsionada por seu samba de enredo bastante popular entre componentes e o público em geral, foi trabalhada semanalmente em ensaios de canto, ocorridos às quintas-feiras, na quadra histórica da agremiação (à rua Coronel Tamarindo, na franjas da Vila Vintém, sua comunidade). Além disso, semanalmente, aconteceram ensaios técnicos de rua com concentração na altura da Praça Guilherme da Silveira, em Bangu, com denominação especialíssima que caiu no gosto do dito “mundo do samba”: “Caju Folia”. Nestes treinos, a obra foi ensaiada de modo consistente junto aos desfilantes, na esteira de andamento adequado ao canto e integração comunitária. Carro de som, bateria e corpo coletivo, portanto, desembarcam na Marquês em profunda sintonia, para produzir um espetáculo de felicidade e qualidade musical, em torno do gênero samba de enredo, aos amantes da festa.  <b>Sandro de Menezes (Diretor Geral de Harmonia e Evolução)</b> – Presente na Mocidade Independente, em diferentes funções, há 28 anos. Sim, seu primeiro desfile foi o carnaval campeão de 1996. Desfilou como diretor de harmonia nos dois anos seguintes. De 1999 a 2003, foi representante de ala comercial. Nos carnavais de 2004 a 2008, desfilou como vice-presidente de Ala Comercial. Voltou ao segmento de harmonia em 2009, no qual permaneceu por oito carnavais seguidos. Na folia de 2018, fez parte da coordenação de harmonia – onde permaneceu até 2022. No último desfile da Mocidade, fez parte da coordenação da direção de carnaval e harmonia e, para o próximo carnaval, assume a direção geral de harmonia.

**Zé Paulo Sierra (Intérprete Oficial)** – Iniciou sua carreira no extinto Bloco Chupeta da Abolição. Foi cantor e compositor na escola mirim Aprendizes do Salgueiro durante dois anos. Ingressou na Caprichosos de Pilares no concurso de samba-enredo para o carnaval de 1993, sendo convidado pelo saudoso intérprete Luizito a integrar o carro de som da escola. Em 1997, assumiu o microfone oficial da Unidos da Ponte (Série A). Em 1998, retorna para a Caprichosos de Pilares como intérprete-apoio do também saudoso Jackson Martins. No Arranco do Engenho de Dentro, em 2006, conduziu o samba “Gueledés, o retrato da alma”, faturando o prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Samba-enredo naquela oportunidade. Durante os anos de 2008 e 2009, retorna como intérprete oficial da Caprichoso, amealhando diversas premiações de “Melhor Intérprete” da Série A (Prêmio Sambanet, Troféu Jorge Lafond, Troféu Carnaval Carioca). Faz sua estreia como cantor oficial no Grupo Especial pela Estação Primeira de Mangueira no Carnaval de 2010, agremiação em que permaneceu por quatro carnavais. Na Unidos do Viradouro, estreou em 2014, permanecendo na escola de Niterói por dez carnavais seguidos. Foi campeão (já com a escola de volta ao Especial após algum tempo na Série A), em 2020, quando deu voz ao incendiário “Viradouro de alma lavada”, que balançou a Sapucaí. Em 2024, faz sua estreia na Mocidade Independente de Padre Miguel.

**Carro de Som (Canto de Apoio)** – Ronny Caetano, Viviane Santos, Milena Wainer, Benson, Vanderley Mocidade e Carlinho Piloto.

**André Luís Felix (Diretor Musical)** – Músico, produtor musical, técnico de áudio e diretor musical. Seu primeiro trabalho musical profissional foi no ano de 1990, em um grupo de samba de roda na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Iniciou no universo das escolas de samba, como cavaquinista, na Acadêmicos de Santa Cruz. Tem passagens por diversas escolas de samba como Estácio de Sá, Unidos do Viradouro, Porto da Pedra, Acadêmicos do Cubango e agremiações paulistanas – como Vai-Vai e Águia de Ouro. Produziu por dois anos os CDs das escolas de samba de Amapá. Na Mocidade Independente de Padre Miguel, foi produtor musical nos anos de 2009, 2012 e está, ininterruptamente, desde o carnaval 2017, ano de nosso último campeonato.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Sandro de Menezes – 54 Anos.

**Outros Diretores de Evolução**

Vitor Hugo Gomes de Oliveira – 41 Anos; Marcos Paulo Carvalho Silva – 31 Anos; Jorge Hindriches da Silva – 60 Anos; Claudio Marcio Madeira – 53 Anos; Pedro Henrique Dutra Souza – 23 Anos; Marcelo dos Santos Marinho – 44 Anos; Florentino Souza da Silva – 64 Anos; Cristiane Araújo da Paixão Santiago – 46 Anos; Gilberto Pereira da Silva – 59 Anos; Wagner Fernandes de Assis – 39 Anos.

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

60 Componentes.

**Principais Passistas Femininos**

Tássia Flores de Almeida – 26 Anos; Crislin da Conceição Pinto Andrade – 30 Anos; Millene Aparecida Figueiredo de Souza – 30 Anos;

**Principais Passistas Masculinos**

Rômulo Carlos dos Santos – 25 Anos; Luis Gabriel de Oliveira – 21 Anos; Yuri Fernando Nicolau – 21 Anos;

**Outras informações julgadas necessárias:**

A evolução da Mocidade Independente de Padre Miguel, impulsionada por seu samba de enredo bastante popular entre componentes e o público em geral, foi trabalhada semanalmente em ensaios técnicos de rua, com testes intensos de toda a movimentação cênica a partir da Praça Guilherme da Silveira, em Bangu. Os treinos, aliás, tinham denominação especialíssima que caiu no gosto do dito “Mundo do samba”: “Caju Folia”. Fato é que, na esteira desse processo perene de calibragem das valências, a obra foi incorporada de modo fluido à sabedoria expressa nos trançar de pernas de passistas e componentes (a arte secular e mágica do samba no pé), possibilitada pela execução do samba de enredo (carro de som + bateria) em andamento adequado à resposta corporal natural dos brincantes, sem sobressaltos ou atropelos, integrando de modo uniforme (característica histórica da agremiação) todo o coletivo. A opção da escola é uma evolução leve e fluida, em coerente e plena associação com o que apontam samba e enredo.

**George Louzada (Coordenação da Ala de Passistas)** - Atualmente, é diretor de duas alas de passistas com grande representatividade no cenário do carnaval carioca. No grupo especial, está à frente da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel desde 2011 e conta com um elenco de 100 passistas. Já no grupo de acesso, é o diretor da G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel desde 2014, e conta com um elenco de 70 passistas. Além da direção das alas, George é estudante e dançarino de danças de matrizes africanas há cerca de 10 anos, atuando nos maiores palcos do Rio de Janeiro e do Brasil em festivais, teatros, exposições e seminários.

É, ainda, diretor geral do projeto de dança Passos da Zona Oeste. Como guardião, ao lado dos seus comandados e comandadas, do ofício de manter viva a chama do samba no pé – uma glória civilizatória que reforça laços de afeto e pertencimento, conectando a terra ao balé dos astros a partir do trançar de pés e pernas – trazemos mais alguns detalhes sua ampla experiência.

Currículo:

- Coreógrafo geral de alegorias e alas do GRES Beija Flor de Nilópolis - 2015 e GRES Mocidade Independente de Padre Miguel - 2016.
- Coreógrafo da Comissão de Frente da Acadêmicos de Vigário Geral, em 2018, garantindo as notas máximas na categoria e um prêmio.
- Nos últimos 10 anos, contribuiu para a conquista de mais de 15 prêmios para ala de passistas da Mocidade Independente, sendo responsável pelo maior número de prêmios na categoria em 2015.
- Coreógrafo da Comissão de frente do Arame de Ricardo (2015 a 2017), garantindo em todos os anos as notas máximas na categoria e quatro prêmios.
- Técnico vice-campeão do Brasil Samba Congress 2018 (O maior concurso de samba no pé do Brasil)
- Jurado do Brasil Samba Congress 2019.
- Atuante na equipe responsável pelas passistas do Carnaval de SAN LUIS - ARGENTINA de 2011 a 2015.
- Professor-instrutor do festival Mega Samba - Sesimbra - Portugal 2019.
- Professor Instrutor no workshop de samba no pé e dança afro na escola de dança UK SAMBA SERIES - Londres - Inglaterra 2019.
- Coach de moda pela agência GPMS MODELS, onde atuou durante dois anos, formando e ministrando palestras e aulas para futuros modelos.
- Apresentador do programa “Quesitos” ao lado do grande carnavalesco e comentarista de carnaval Milton Cunha.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<p><b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Departamento de Carnaval (Marcelo Plácido, Marcus Ferreira, Sandro de Menezes, Vânia Reis e Wilker Jorge)</p>		
<p><b>Diretor Geral de Carnaval</b> Departamento de Carnaval (Marcelo Plácido, Marcus Ferreira, Sandro de Menezes, Vânia Reis e Wilker Jorge)</p>		
<p><b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Tia Nilda.</p>		
<p><b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 Baianas</p>	<p><b>Baiana mais idosa (Nome e Idade)</b> Luzia Moreira Ferreira – 88 Anos</p>	<p><b>Baiana mais jovem (Nome e Idade)</b> Luana Regina Gonçalves Gomes – 39 Anos</p>
<p><b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Sr. João Arnaldo de Assis, 61 Anos.</p>		
<p><b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 50</p>	<p><b>Componente mais idoso (Nome e Idade)</b> João Batista de Figueiredo – 81 Anos</p>	<p><b>Componente mais jovem (Nome e Idade)</b> Fábio Azevedo Coelho – 47 Anos</p>
<p><b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Dill Costa – Atriz;</li> <li>2. Jojo Todynho – Cantora/Compositora;</li> <li>3. Marcelo Adnet – Ator/Apresentador;</li> <li>4. Regina Casé – Atriz.</li> </ol>		
<p><b>Outras informações julgadas necessárias:</b></p>		
<p><b>Departamento de Carnaval:</b></p> <p><b>Marcelo Plácido</b> – Marcelo Plácido está na Mocidade Independente desde o ano de 2004. O começo de sua atuação foi no setor Patrimonial. Dez anos depois, já experiente e integrado aos setores, abraçou o cargo de diretor de barracão e, nos anos de 2015 e 2016, integrou a Comissão de Carnaval. De 2017 a 2022, exerceu função administrativa na quadra social da escola. Retorna para o Carnaval de 2023 na função de diretor, junto à Comissão de Carnaval.</p> <p><b>Marcus Ferreira</b> – *Descrição item Ficha Técnica Enredo acima.</p> <p><b>Sandro de Menezes</b> – *Descrição item Ficha Técnica Harmonia acima.</p> <p><b>Vânia Reis</b> – *Descrição item Ficha Técnica Mestre-Sala e Porta-Bandeira, abaixo.</p>		

**Wilker Jorge** – Iniciou sua trajetória profissional na Mocidade Independente no Carnaval de 2000 como coordenador das alas de comunidade, função que exerceu até a folia de 2008. Foi membro da Comissão de Carnaval de 2004 a 2008, como diretor artístico e responsável pela coordenação de fantasias de alas e composições. Acumulou, ainda, em 2006/07, o cargo de vice-presidente financeiro da agremiação.

Em 2009, foi contratado pela Estação Primeira de Mangueira como membro da coordenação de carnaval na execução artística de fantasias – função que exerceu até 2013. De 2010 a 2012, atuou como jurado de fantasias e alegorias no carnaval de Porto Alegre. Na temporada de 2013/14, volta a atuar pela Mocidade Independente, na direção artística e coordenação de fantasias.

No desfile das escolas de samba de 2018, coordenou a direção artística de fantasias da Acadêmicos do Grande Rio. Retorna para a Mocidade na função de gestor artístico das fantasias e na Comissão de Carnaval do Carnaval 2024.

**Departamento Comunitário** – Maria das Graças.

**Departamento Cultural** – Renato Buarque e Fernanda Santos.

**Departamento Esportivo** – Rafael Japa.

**Departamento Social** – Leonardo Mazzei.

**Departamento de Marketing e Comunicação** – Bryan Clem.

**Relações Públicas** – Margareth de Oliveira (Pituca).

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Paulo Pinna e Departamento de Carnaval.		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Paulo Pinna.		
<b>Assistente(s) de Coreografia</b> Fábio Luiz Albuquerque da Silva e Juliana Soares Rodrigues.		
<b>Gestão Criativa Comissão de Frente</b> Rodrigo Monteiro.		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>  Máximo de 15 componentes aparentes	<b>Componentes Femininos</b>  Variação de número de componentes aparentes ao sabor das cenas	<b>Componentes Masculinos</b>  Variação de número de componentes aparentes ao sabor das cenas
<b>Outras informações julgadas necessárias:</b>		
<p><b>Nome da Comissão de Frente:</b> <i>Eu quero um lote, saboroso e carnudo!</i></p> <p><b>O que representa:</b></p> <p><b>Histórico que embasa a Comissão de Frente (apenas para respaldar a escolha. A coreografia será descrita na sequência)</b></p> <p>A partir do fim da República Velha e a ascensão da Nova República, em 1930, com Getúlio Vargas, primeiramente, no poder até 1945 (de 1937 a 1945, ele governou ditatorialmente num período chamado Estado Novo), o Brasil correu atrás de sua industrialização e de se “apresentar” para o mundo. Carmen Miranda ganhou voz e reconhecimento por aqui nesse momento como cantora de samba e caiu nas graças do poder com suas canções de letras apaixonadas pelo país. De fato, a gravadora que a lançou, a estrangeira RCV Victor, tinha o desejo de fazê-la uma figura de carisma numa época em que o rádio explodia. Assim, uma das estratégias utilizadas foi omitir sua origem portuguesa (mais tarde, assumida) para que fosse legitimada como a típica brasileira com ares de despojamento e brejeirice, emulando uma visão estereotipada da baiana. Ademais, era também branca, de olhos claros e muito vistosa, o que agradava o gosto visual eurocêntrico predominante na mídia e no cenário musical daquele contexto. Sua sedução para padrões da época fez com que fosse apontada como a cantora que tinha o “it verde e amarelo”.</p> <p>Em 1938, Braguinha e Alberto Ribeiro lançaram para o carnaval a marcha "Yes, nós temos bananas" como uma resposta à música norte-americana “Yes, we have no bananas”, dos compositores Frank Silver e Irving Cohn. Foi um sucesso e uma espécie de assumir folião da expressão “República de bananas” (como se referiam ao Brasil). No ano seguinte, Carmen interpretou sua baiana estilizada no filme “Banana da terra” (1939) com o número musical “O que é que a baiana tem?”, em que cantava e dançava a icônica música de Dorival Caymmi. Tamanho foi o sucesso que essa performance foi incorporada às suas apresentações musicais no Rio Janeiro, e vestida do jeitinho que a eternizou. Já era uma das maiores estrelas do samba no Brasil e ovacionada como um símbolo da nação.</p>		

Agora que tinha incorporado uma personagem tão marcante da Bahia e do cotidiano carioca ao seu repertório, seria, então, a vez de emigrar novamente. Aos olhos das emissoras e diários – e do governo Vargas – personificou a missão de difundir no exterior o samba e a cultura brasileira.

A trinca Carmen + samba (ou marchinhas) + bananas (que contemplavam seu visual consagrado) acabou virando a tradução do Brasil para gringo ver. E o próprio país se reconheceu assim. Uma mulher sensual, evocando signos de tropicalidade daqui, e que acabou por se tornar musa em Hollywood. No exuberante filme “The Gang’s All Here” (“Entre a Loura e a Morena”, de 1943), a estrela luso-brasileira-já-mulher-do-mundo protagoniza uma de suas mais icônicas e incomparáveis cenas, interpretando a música “The Lady in the Tutti-Frutti Hat” em meio a uma dança com grande elenco e diferentes representações e reproduções de bananas. Foi um assombro de poesia em tempos de guerra!



### **A Coreografia**

Ocorre que, se Carmen não é brasileira... Tampouco, a banana nasceu por aqui (ela é, originalmente, asiática). E é este o “mote” (para lembrarmos do nosso samba) utilizado pela Comissão de Frente - que abre os caminhos do enredo que homenageia o caju para sentir o real sabor do Brasil. Bem, na esteira dos 80 anos da famosa cena do musical de Busby Berkeley e de um ideal tropicalista de nação a partir da associação de Carmen Miranda com a banana, utilizaremos signos, figurinos e representações da personagem principal para uma espécie de “golpe” com ar iconoclasta no pretense fruto ícone nacional. Nosso caju, portanto, vai tomar para ele o protagonismo brasileiro durante a cena.

A coreografia traz um tripé – em que podemos ver caixas cenográficas (como lotes de frutos, e daí o título do grupamento de entrada) em que, primeiramente, é desfilado o ícone historicamente consagrado – a banana. Portanto, com figurinos inspirados no original do filme “The Gang’s All Here” (“Entre a Loura e a Morena”, de 1943), durante a famosa cena perfumada pela canção “The Lady in the Tutti-Frutti Hat”, vê-se primeiramente alusão à delícia asiática que acabou “vendida” nos anos 30 e 40 como “a cara” do Brasil.

Porém, ao longo de movimentação envolvente, o caju passa a triunfar na cena e se assume símbolo nacional. Trocando miúdos, com o desenrolar da coreografia, nosso homenageado ganha destaque (também baseado nas imagens clássicas de Carmen Miranda dirigidas por Berkeley).

A ideia é mexer com o público e “abrir os caminhos” de maneira efusiva, calorosa e, obviamente, muito impactante a partir de coreografia vigorosa e jogos cênicos.

**Nome do Elemento Cênico:** *Um lote Made in Brazil.*

**Criação do Elemento Cênico:** Marcus Ferreira.

**Confecção:** Leno Vidal.

**O que representa:**

Caixas de frutos, ou seja, os lotes (em conversa direta com o samba), funcionam aqui como plataforma de cena para os desenhos coreográficos e a narrativa da Comissão de Frente. Ou seja, uma visão iconoclasta em que a banana perde o protagonismo na semiótica de ícone da terra (afinal, trata-se de um fruto asiático) sendo substituída pelo brasileiríssimo caju, enredo da Mocidade.

**Sobre o Coreógrafo:**

**Paulo Pinna:** cursou Comunicação Social (Jornalismo), especializando-se em publicidade e propaganda. É formado em diversas modalidades da Dança: Ballet Clássico, Contemporâneo, Jazz, Sapateado e Hip-Hop. Especializou-se no Conservatório Nacional de Lisboa, em Portugal. Ingressou no universo da dança aos 15 anos, adquirindo experiência - como bailarino - em diversos programas de TV, a saber: Criança Esperança, Globo 50 anos, Melhores Anos, Verão 90, Malhação, Novela Gênese/ Reis, além de diversos musicais do cenário brasileiro, como Peter Pan, Terra de Oz e Cabaret Rouge. Estreou como coreógrafo de comissões de frente em 2015, na escola de samba Unidos da Região Oceânica. Permaneceu no carnaval niteroiense por mais sete anos. Em paralelo, participou, durante mais dez anos, de elencos como bailarino profissional em diversas comissões de frente do Grupo Especial. Assinou a coreografia da comissão de frente do Império Serrano no carnaval de 2020, tendo sido considerado um dos grandes destaques daquele ano da Série Ouro. Assumiu, então, a Direção Artística da Imperatriz Leopoldinense na temporada 2021/2022. Em 2022, liderou a comissão de frente da Unidos do Porto da Pedra – faturando todas as notas máximas e premiações referentes ao quesito. Continuou na agremiação, na Série Ouro, em 2023. Em paralelo, fez sua estreia na comissão de frente da Mocidade Independente de Padre Miguel, no Grupo Especial. Segue, em 2024, no setor que abre o desfile da Estrela-Guia de Padre Miguel.

**Outras informações julgadas necessárias:**

**Sobre o Gestor Criativo:**

**Rodrigo Monteiro – 46 Anos:** Formado em Design e especializado em Desenho de Propaganda e Técnicas Publicitárias, atua também como produtor cultural. É sócio-proprietário, há 20 anos, da Projetar Design e Representações no Mercado Publicitário, desenvolvendo projetos para a indústria de cosméticos e saneantes, como designer de produtos. Apesar da ampla carreira no mercado, está sempre atuando em design e artes plásticas ligadas diretamente ao mundo criativo do carnaval carioca. Desde os 17 anos, trabalha em direções de barracão e como projetista de alegorias e adereços. Na Mocidade Independente de Padre Miguel, participou ativamente dos Carnavais de 2003/04 e 05, e foi responsável pela loja oficial da agremiação no Parque Shopping Sulacap. Após esse período, seguiu em estreita relação com a Mocidade, atuando no desenvolvimento e criação do design de artes carnavalescas.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Diogo Jesus.	<b>Idade</b> 32 anos.
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Bruna Santos.	<b>Idade</b> 26 anos.
<b>2º Mestre-Sala</b> Diego Moreira.	<b>Idade</b> 27 anos.
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Isabella Moura.	<b>Idade</b> 22 anos.
<b>3º Mestre-Sala</b> Jeferson Pereira.	<b>Idade</b> 27 Anos.
<b>3º Porta-Bandeira</b> Elaine Ribeiro.	<b>Idade</b> 45 Anos.
<b>Outras informações julgadas necessárias:</b>	
<p><b>1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira</b>  <b>Nome da Fantasia:</b> Yes, nós temos Caju!  <b>Criação do Figurino:</b> Marcus Ferreira.  <b>Confecção:</b> Ateliê Fernando Magalhães.  <b>O que representa:</b></p> <p>A dádiva brasileira que chamamos de “CAJU” - este singelo amuleto tridimensional do mapa do Brasil - divide-se em duas partes: o fruto, que é a castanha, e o pseudofruto, formado pelo pedúnculo floral suculento, piriforme, de cores que promovem um passeio pelo amarelo, rosado, alaranjado, vermelho ou verde – este último, o matiz d’alma da nossa Mocidade Independente. As principais espécies de caju são o Anacardium Giganteum (cajuí, caju-da-mata, cajuaçu), Anacardium Humile (caju-anão, caju-do-cerrado), Anacardium Microcarpum (caju-do-campo, cajuaçu) e Anacardium Occidentale L. (caju-comum, caju, acaju, caju-de-casa), este último, brasileiro, e explorado comercialmente no mundo todo depois que foi levado daqui pelos colonizadores.</p> <p>O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Mocidade, Diogo de Jesus e Bruna Santos, veste “Yes, nós temos caju”, paródia da famosa marchinha de Braguinha e Alberto Ribeiro. A proposta é, justamente, uma direta apresentação da fatura cromática do dito “fruto-não-fruta”, compondo uma espécie de caleidoscópio, sobretudo, no girar firme de nossa condutora. Com o movimento circular das cores dos tantos caju impressas na saia, vê-se uma aquarela a distribuir sensação vertiginosa, que envolve o público em atmosfera de múltiplo ativar de sentidos. Sim, o feitiço visual faz um mimetismo com os próprios predicados do homenageado.</p> <p>Afinal, ele se confunde entre o doce e o travoso quando impressiona os paladares, traz uma inversão na própria alma definidora, com propriedades vitamínicas e medicinais que - de fato - emulam a complexidade do Brasil.</p>	

Tamanho mistério efervescente expresso na dança a dois seminal da ópera de rua brasileira é, pois, um convite ao público. Eis a hora de a poesia descer a glote da Avenida para louvarmos um filho legítimo da terra, espelho total, gostoso e o tal.

Sim, pode pedir caju... Que a Mocidade vai dar!



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

### **Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:**

**Nome da Fantasia:** Os cajus da minha terra.

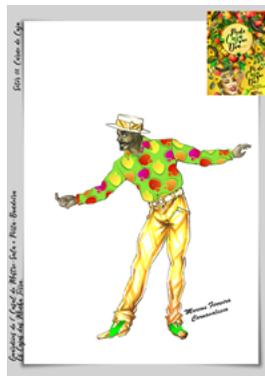
**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira.

**Confecção:** Leandro de Souza.

**Coreógrafo(a):** Vânia Reis.

**O que representa:**

Os guardiões do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira se apresentam vestidos de “Os cajus da minha terra”, numa mistura carnavalesca especial que homenageia lendários artistas brasileiros e canções consagradas da MPB em conversa direta com o fruto homenageado pela Mocidade – representados em diferentes cores no figurino. Sim, a escolha encontra-se entrelaçada aos signos de abertura (calçados em ícones representativos do país construídos a partir do início da Nova República e consagrados ao longo do século XX), e que são ressignificados no cartão de visitas do desfile.



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

**Outras informações julgadas necessárias:**

**Diogo Jesus – 32 anos:** Estudante de Moda. Foi criado no mundo do samba sob olhar atento de grandes bambas na arte do bailado, como o grande Carlinhos Brilhante, no Projeto “Madureira Toca, Canta e Dança”, de Waldir Galo. Quando criança, iniciou com cinco anos sua trajetória como segundo mestre-sala no Império do Futuro – escola de samba mirim do Império Serrano. Seguiu trajetória nos Filhos da Águia (agremiação mirim da Portela), onde foi diretor de harmonia, carnaval, intérprete e primeiro mestre-sala. Foi promovido a terceiro mestre-sala na Azul-e-branco, onde ficou até 2013. De 2011 até 2013, defendeu – como primeiro mestre-sala – o pavilhão da Acadêmicos da Rocinha (Série A). Sua estreia no Grupo Especial, como primeiro mestre-sala, foi em 2014 (Portela), ao lado da experiente Danielle Nascimento – filha de Vila Nascimento, chamada de Cisne da Passarela. Chegou à Mocidade Independente em 2015 (defendeu nossas cores ao lado de Lucinha Nobre). Permaneceu por mais dois carnavais, sendo campeão em 2017 (parceria com a porta-bandeira Cristiane Caldas). Em 2018, foi o primeiro mestre-sala da Acadêmicos do Cubango. De volta ao Especial, defendeu pela primeira vez, o pavilhão do Império Serrano (2019). Retornou à Mocidade Independente em 2020 bailando com Bruna Santos e, até hoje, permanecem juntos em elogiada parceria.

**Bruna Santos – 26 anos:** Professora de Ballet e Jazz. Fez sua estreia em nossa escola de samba mirim – a Estrelinha da Mocidade – no Carnaval de 2014, mesmo ano que defendeu o segundo pavilhão da Unidos de Bangu (no grupos de base da Zona Oeste carioca) Assumiu o primeiro pavilhão da Bangu nos anos de 2016 e 2017 (Série Prata). Foi também primeira porta-bandeira da Unidos da Ponte (2018), e da Acadêmicos do Sossego (2019). Em ambos os anos, já defendia o segundo pavilhão da Mocidade Independente de Padre Miguel. Firma brilhante parceria com o mestre-sala Diogo Jesus, já como primeira porta-bandeira, a partir do carnaval de 2020. Em 2024, seu modo vibrante e gracioso ao conduzir o pavilhão da Mocidade é bastante aguardado.

**Prêmios** – Diogo Jesus e Bruna Santos conquistaram juntos os seguintes prêmios de Melhor Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira do carnaval de 2020: Oscar UFRJ e Samba Conexão. Bruna Santos conquistou, ainda, o Prêmio Estrela do Carnaval, do site Carnavalesco, Troféu O Abre-Alas, Prêmio Samba na Veia, Prêmio Sambista Inesquecível e Prêmio Carnaval Rio de Revelação do Carnaval (2020).

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:**

**Nome da Fantasia:** *Feirantes Mercaju.*

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira.

**Confecção:** Ateliê Fernando Magalhães.

**O que representa:**

A fantasia do segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira consagra o caju, filho da terra, como parte da rotina da praça do povo, impregnado em seus pilares fundamentais. E ela, a praça, tem no comércio a céu aberto - as feiras, bancas, camelôs - um tipo de negócio popular de brasilidades que é a própria alma do brasileiro. O caju é disputado no braço pelo público consumidor, os preços são berrados e debatidos no grito em decibéis incalculáveis, a barganha e a malemolência, base do próprio jeitinho brasileiro, ditam o tom e são a moeda principal num tipo muito particular de jogo de sedução. Dentre todos os produtos cultivados no campo, o caju traz marcas peculiares e ganha o apogeu numa feira ambulante que abastece os mercadinhos Brasil adentro. O par de feirantes faz mesuras envolventes para conseguir a venda e aqui, obviamente, não seria diferente. A conquista principal da dupla “Mercaju”, entretanto, não está no retorno financeiro, mas é o aplauso efusivo da plateia presente ao desfile da Marquês de Sapucaí. Vai caju aí, dotô?



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

**Guardiões 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:**

**Nome da Fantasia:** *Mercajueiras.*

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira.

**Confecção:** Leandro de Souza.

**Coreógrafo(a):** Vânia Reis.

**O que representa:**

As ditas “Mercajueiras” protegem a apresentação do casal, completando o panorama geral de escambo, troca-troca e venda da feira livre ligada ao homenageado. Das mais de 20 espécies de cajueiro já relatadas, apenas a *Anacardium Occidentale L.*, de origem brasileira, é explorada comercialmente. Ou seja, o caju é de fato coisa e propriedade nossas e, aqui, as guardiãs instigam a plateia a se apaixonarem pela venda casada (arte secular da dança de asfalto + fruto nativo) proporcionada pela dupla. Quem vai querer?



\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

### **Outras informações julgadas necessárias:**

**Diego Moreira – 27 anos:** Em 2007, inicia formação artística no quadro de mestres-salas e porta-bandeiras mirins da Acadêmicos do Grande Rio, permanecendo até 2010. Em 2014, figura como segundo mestre-sala da Unidos da Ponte – tradicional agremiação de São João de Meriti – onde permaneceu por mais dois carnavais. Na Unidos de Bangu, se apresentou como segundo mestre-sala de 2018 até o último carnaval. Desde 2018, é o primeiro mestre-sala da Botafogo Samba Club, escola da Série Prata. Em 2023, fez sua estreia como segundo mestre-sala da Mocidade Independente de Padre Miguel.

**Isabella Moura – 22 anos:** Fez sua estreia na Inocentes, escola de samba mirim da Caprichosos de Pilares, em 2007, onde permaneceu por mais sete carnavais. Em 2012, foi a primeira porta-bandeira da Unidos do Jacarezinho, defendendo por mais dois anos a agremiação. Foi a segunda porta-bandeira da União de Jacarepaguá em 2015 e 2016, e da Caprichosos de Pilares nas duas folias seguintes. Na União de Jacarepaguá, dançou com o primeiro pavilhão durante dois anos: 2017 e 2018, ano em que também defendeu o terceiro pavilhão da Unidos de Bangu. No desfile seguinte, foi promovida ao posto segunda porta-bandeira da Vermelho e branco. Fez sua estreia como segunda porta-bandeira da Mocidade Independente de Padre Miguel no carnaval de 2020, posto que ainda é seu no próximo carnaval.

### **3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:**

**Nome da Fantasia:** *Ditando uma Moda Tropical.*

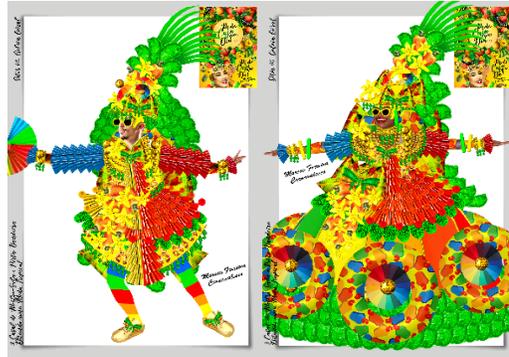
**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira.

**Confecção:** Ateliê Fernando Magalhães.

### **O que representa:**

O terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira compõe o espetáculo frenético de cores e tropicalidade que dita moda no ensolarado litoral brasileiro. A partir do encontro dos versos “*o poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia*” (“Geleia Geral”) e “*existirmos: a que será que se destina?*” (“Cajuína”), a escola propõe a imagem de um país que, encarando o Atlântico como espelho natural, questiona sobre seu destino, ou seja, os porquês para ser a moradia/laço de milhões. Ora, aí a já citada “*manhã tropical*”, então, possibilita, justamente, a tão aguardada resposta. Sim, o “*calor girassol*” possibilita a apresentação praiana de tipos, pujança, curvas - onde o mel da fuzarca misturado ao do pedúnculo pendurado nos cajueiros escorre faceiro.

O casal, portanto, estampa o caju protagonista nessa moda toda de viver o gozo *per se*, consumista, com óculos escuros e arco-íris de emoção, fruto-astro-principal das sensuais vitrines de areia. Vistos do alto, completam o carrossel vertiginoso de delírio, magia e frescor proporcionado pelo coletivo. O prazer abunda.



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

#### **Outras informações julgadas necessárias:**

**Jeferson Pereira (Jefinho) – 27 Anos:** Iniciou sua trajetória no mundo do carnaval na Estrelinha da Mocidade pela Ala do Carneirinho, onde também realizou o sonho de ser passista infantil. Logo depois, foi promovido a Rei de Bateria. Ainda na agremiação-mirim, ganhou a primeira oportunidade para ocupar o posto de primeiro mestre-sala.

Já na Mocidade Independente, realizou, primeiramente, o sonho de ser passista. Durante cinco anos consecutivos, ao lado de Bruna Santos, integrou o segundo casal de Mestre-sala e Porta-bandeira. Retorna à Mocidade em 2024, ao lado de Elaine Ribeiro, ocupando o posto de terceiro mestre-sala da Estrela-Guia de Padre Miguel.

**Elaine Ribeiro – 45 anos:** Sua trajetória na Mocidade Independente foi iniciada no carnaval de 2008, onde seguiu por mais cinco carnavais. Em 2016, participou do concurso para segunda porta-bandeira e saiu vitoriosa. No carnaval de 2021, foi primeira porta-bandeira da Unidos de Lucas, alcançando as notas máximas (Série Prata). No último carnaval, defendeu, também pela Série Prata, a União do Parque Acari, como porta-bandeira oficial da agremiação (desfilará no mesmo posto, em 2024, mas na Série Ouro). Ainda no ano que vem, fará dupla com Jefinho para compor o terceiro casal da Mocidade.

**Ensaiadora do quadro de casais de Mestres-salas e Porta-bandeiras da Mocidade Independente de Padre Miguel:**

**Vânia Reis:** Coreógrafa, professora de Ballet, Jazz, Afro e de Dança Contemporânea. Iniciou sua trajetória com apenas dez anos de idade, na ala das crianças da Mocidade Independente de Padre Miguel (carnaval de 1979, primeiro título da escola). Permaneceu como componente até o carnaval 2003, quando também assumiu a coordenação da ala de passistas de nossa escola. Em 2004, fundou a famosa ala Samballet e seguiu coreografando componentes de alas e alegorias. Na folia de 2005, defendeu as cores da Caprichosos de Pilares. Em 2007, coreografou alas e a comissão de frente da agremiação Azul-e-branco – obtendo todas as notas máximas do quesito. Retornou à Mocidade em 2008, na direção artística da escola e na coordenação da ala de passistas. Permaneceu até 2011. Desde 2019, faz a preparação artística e coreográfica de nossos casais de mestre-sala e porta-bandeira. Em 2024, estreia na direção artística da Mocidade Independente de Padre Miguel (compõe a Comissão de Carnaval), auxiliando nosso time de profissionais na gestão cênica do próximo desfile.



# **G.R.E.S. PORTELA**



G.R.E.S.  
**PORTELA**®

**PRESIDENTE**  
FÁBIO PAVÃO



# Um Defeito de Cor



**Carnavalescos**  
**André Rodrigues e Antônio Gonzaga**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> Um defeito de cor					
<b>Carnavalescos</b> André Rodrigues e Antônio Gonzaga					
<b>Autor(es) do Enredo</b> André Rodrigues e Antônio Gonzaga					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> André Rodrigues e Antônio Gonzaga					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> André Rodrigues, Antônio Gonzaga, Beatriz Chaves e Marcelo David Macedo					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Um Defeito de Cor	GONÇALVES, Ana Maria	Record	2006	TODAS
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  Coautoria do enredo: Ana Maria Gonçalves, Gilca Soares e Jader Moraes  Consultoria: Ana Biatriz Paixão, Marcelo de Mello, Lorraine Mendes, Fábio Pavão e Vanderson Lopes.					

## **HISTÓRICO DO ENREDO**

Para o carnaval de 2024, a proposta do GRES Portela está baseada no principal fator simbólico que dá consistência para ela ser o que é e chegar onde chegou: O Afeto. Ancestralidade cultuada no sagrado feminino, no terreiro da mãe de todas as outras que vieram depois, Iyá centenária.

A escolha deste tema, que será contado através deste enredo, se dá pela importância e necessidade de celebrar e cultivar na arte, na cultura, junto do maior mecanismo de comunicação deste país (os desfiles das escolas de samba), a trajetória de uma negra mãe que se confunde a tantas outras até os dias de hoje. E precisamos não apenas nos espelhar na história, mas principalmente valorizar as descendentes desses movimentos de coragem por amor à continuidade.

Narrar essa história é como narrar a busca pelo sentido da nossa existência enquanto sujeitos negros ativos neste Brasil. Por que somos? Por que assim fazemos? Por quem lutamos? Em memória do quê? Nossos passos vêm de longe e precisamos honrar cada pegada trilhada na dor que é ser negra na história afro-brasileira. Identidades plurais que são moldadas a todo tempo.

Baseado no romance “Um Defeito de Cor”, da escritora Ana Maria Gonçalves, o enredo traz uma outra perspectiva que refaz os caminhos da história da mãe preta, Luiza Mahin, que poderia ser a história da mãe de qualquer um de vocês, ou melhor dizendo, que é a negra história das mães de todos nós.

Considerando que esse livro de aproximadamente novecentas páginas é uma grande carta onde Kehinde (o verdadeiro nome de Luisa) conta a sua história, a Portela sonha com uma outra carta onde o filho responde a sua mãe, que deixou como legado um relato de todas as suas histórias. Dispõe-se a fazer o caminho inverso. Portanto, sou eu, seu filho, Luiz Gama, que contarei essa história a partir de agora.

Afastados desde a minha infância, o enredo demonstra o tamanho do orgulho que sinto da trajetória de minha mãe, exaltando os principais momentos em que o afeto foi fator decisivo em sua jornada.

Essa é a saga de uma mulher que se incorpora a tantas outras que lhe atravessam, ensinam e revigoram, em um legado de persistência na insistência de sobreviver. Inúmeras trajetórias diferentes, que possivelmente foram vivenciadas por gerações e gerações de escravizados ao longo dos anos, e quem sabe até hoje por todas as mulheres que nasceram com este “defeito de cor”.

"Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga, sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade."

Eis A Carta:

(Sinopse)

Minha mãe, aqui quem te escreve é Omotunde. Recebi a carta que me deixaste. Sim, estou de volta. Vim com o vento, tal qual um Abiku Fefee, inesperadamente.

Lembrando das histórias que me contava, estou tal qual um pássaro, como se voasse, buscando em minha cabeça cada lugar que pisou, capaz de ser você em cada encontro que tivesses nesses longos anos.

Até hoje quando repasso tuas memórias, procuro ter olhos de Daomé, olhos de jeje, olhos de águia (que era o espírito preferido da mãe de vossa mãe). Agarro-me ao poder de sentir o cheiro, de ouvir o som, de sentir a terra sob meus pés, de ver as famílias no mercado, os bichos que correm, o barulho das crianças e a calma no fim da tarde - mas nunca serei capaz de imaginar tudo o que sentiste na pele.

Sou capaz, minha mãe, de sentar-me à sombra de uma árvore qualquer e pensar ser uma gameleira, um Iroco, e dali mesmo ver a ti, sorrindo e brincando com tua irmã Taiwo, como todo Ibêji deve ser. Ibêjis, como bem me ensinou, trazem boa sorte e riqueza para a família em que nascem. E que sorte a tua ainda ter vivido e aprendido com as tuas mais velhas.

Luisa, minha mãe, todas as vezes que fui ao mar eu vislumbrava o manto de Iemanjá, enxergava as ondas tecer o pano que usava Durójaiyé, minha ancestral, raiz da nossa árvore. Todas as vezes que eu fui ao mar, imaginei a dor que passou. O mar deveria ser negro, se não pela quantidade dos nossos que a ele foram jogados, talvez pela solidão que ele causa em seu infinito incerto. A solidão, minha mãe, é negra feita a noite, mas a noite é uma mulher preta - e quem está com ela nunca está só.

Nesta carta eu te chamo pelo nome, Kehinde, teu verdadeiro nome, pois sei que muitos ainda vão lê-la e espero que não te confundam. Uma mulher negra pode ser feita de muitas outras, mas não pode ser confundida, pois cada uma carrega sua própria história e devem ter o direito de contá-las. Tanto não são iguais que, aposto, minha mãe, que muitas fizeram o mesmo ao chegar nos portos desta terra: jogaram-se ao mar.

Muitas se jogaram para fugir, mas eu me vejo quando tu relatas que pulaste nas águas não apenas em busca da liberdade, mas principalmente para guardar tua memória, fugindo do batismo, procurando preservar o mais precioso bem que te restava: a tua identidade.

Luisa Mahin, quando chegaste a Salvador, ela não salvava ninguém: corrompia corpos, cortava laços, rompia almas. Era muito pagã para a tua santidade de menina Jeje. Não há santos em Daomé que nomeiam meninas. Não nasceram divindades em Savalu. Ali surgiram forças, reis e rainhas, que te ensinaram a cultuar e dos quais eu sou herdeiro.

Honrar quem veio antes é o que faço. Eu sou porque tu fostes, minha mãe.

Tu nunca estiveste só. O espírito da águia te levava às pessoas certas, às mulheres certas. Teu destino te levou ao encontro das tuas origens. Foste à Nega Florinda, sacerdotisa Vodunsi, que te acolheu e te protegeu com o amuleto que uniu tua alma à d tua irmã. Encontrou a Noche Nae, a rainha Agontimé, que te guiou até as Minas, no Maranhão, para conhecer e encontrar o teu próprio Vodun.

O destino te levou à Mãe Rosa, da irmandade negra no recôncavo de Todos os Santos, que foi quem te iniciou no caminho de volta para me encontrar. Todas essas mulheres fizeram um pouco de ti e um pouco de mim. Foram elas que te deram a liberdade através do ouro de Oxum, ouro que comprou a tua alforria e fez de mim um negro livre. Sou filho dos muitos colos negros que te acolheram na vida.

O Xangô que carrego é a herança das tuas andanças por justiça. O meu senso é o teu, meu direito é o teu, minha lei é tua.

Hoje eu me vejo junto aos muçurumins na Revolta dos Malês, mas nunca como tu fizeste. A revolta que mudou os rumos deste país escravista passou pelas tuas mãos, assim como imaginamos que tantas outras também partiram da tua inquietude justiceira. Tu mostraste para o Brasil que era possível ser livre fortalecendo outras mulheres nessas batalhas.

Há quem te chame de Rainha do Brasil. Eu te coroo a Rainha do Brasil que você lutou para fazer! Os caminhos de uma nova nação estavam no tabuleiro de ifá.

Foram nas tuas lutas por um lugar melhor que nos perdemos. Ouvi tuas histórias ainda menino e desde então és a minha maior heroína. A história da heroína que foi espelho para esta terra.

Soube que me procurava nos porões, nas ruas, nas valas, nas matas, nas praças, entre as barracas do mercado, entre os meninos que corriam no vento. Onde estava Luiz Gama, o teu filho?

Soube antes mesmo de tuas cartas porque eu sentia que tu não desistirias, assim como eu não desisti. Sabia por que sempre desconfiei, desde que me contou a história dos Abikus, de que éramos assim. Eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer... pelo menos até que nos encontrássemos. E por isso não morremos, porque eu não deixarei tua história desaparecer.

Eu entendo quando retorna à mãe África procurando encontrar um caminho, uma solução, um conforto, um colo, na busca por este teu filho. Digo com convicção que me encontrou. Eu estava em África e no Brasil. Você estava em mim e eu em você. Como estamos e estaremos amanhã.

Retornou, me achou, e mesmo cega me viu onde ninguém mais poderia enxergar. Hoje agradeço à tua fé, é ela que nos une no amor.

Desejo que na misericórdia de qualquer um desses deuses dos homens, todas as mães pretas encontrem seus filhos para retornarem ao porto de sua África. Que elas ouçam e se inspirem nos teus passos, ainda que no futuro entendam que o maior defeito que não podem corrigir por seus filhos é o único que carregam de nascença, o defeito da cor. Um defeito para o olho de quem vê, que cerceará o destino delas, jogando sobre seus ombros todo o peso de uma sociedade inteira que julga os que assim vieram à terra. Amar demais não é defeito, buscar justiça é um direito.

Não te culpas pela violência do destino, não há força que nos defenda do defeito que (para eles) carregamos, mas lutaremos inspirados em cada mulher, que forma cada outra mulher negra, corpos que fundaram essa nação. Lutaremos, pois debaixo de nossas peles, sob a superfície escura, arde o fogo sagrado da justiça. Luisa, minha mãe: seu corpo é o meu corpo, sua luta é minha luta, seu sangue é meu sangue, seu verbo é o meu verbo, sua voz é a minha, sua pele é a minha, seu coração é o meu, seu amanhã é o meu, o seu chão é o meu chão.

Eu honro a tua maior façanha que foi SOBREVIVER. Que Orgulho, Luisa Mahin.

A benção minha mãe...

Luiz Gama, teu filho

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

### Um Defeito de Cor

“Em nós, até a cor é um defeito.

Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime.

Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade.”

Luiz Gama

Início esta nossa conversa dizendo que “Um Defeito de Cor” é o nome de um romance escrito por Ana Maria Gonçalves. Uma obra ficcional que concebe uma história para Luisa Mahin, mulher guerreira que povoa o imaginário de luta do Movimento Negro brasileiro como símbolo de força e resistência.

Luisa Mahin é tão importante que, em 2019, foi inscrita no Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria. Mas pouca coisa foi escrita sobre ela e, historicamente, muitos chegam a duvidar de sua existência. Isso porque muitos não a conheceram como eu a conheci: “baixa de estatura, magra, bonita, a cor de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito ativa, geniosa, insofrida, vingativa.

Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e, mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. ”Foi assim que a descrevi em uma escrita em 25 de julho de 1880 para meu amigo Lúcio de Mendonça. Era assim que me lembrava dela, com a memória emaranhada em feitos que vim a descobrir mais tarde, quando cheguei a buscá-la pelo Brasil e em África. É assim que ela se tornou conhecida, “minha mãe”, aquela a quem dei à luz nestes poucos parágrafos de uma carta e em poemas que tentam dar conta, sem conseguir, da grandeza e do exemplo desta negra mina carregada para sempre nos braços do Tempo e da História.

De onde quer que esteja, sei que Minha Mãe está atenta à missão que cumpro agora: apresentar-lhes o enredo da Portela para o Carnaval 2024.

Sinto que eu, Omotunde, pois assim me batizou, devo reforçar que toda a saga imaginativa do desfile é unicamente baseada numa carta que Minha Mãe deixou para mim, em virtude de nossas ausências da vida um do outro, e que se tornou o livro “Um

Defeito de Cor”, tão rico de referências necessárias para a construção narrativa do enredo e para a sua fundamentação até chegar à Marquês de Sapucaí.

Pois a Portela considera que a saga ficcional criada pela escritora Ana Maria Gonçalves se basta como base para este desenvolvimento, justamente por trazer à tona a importância de um tema fundante da sociedade brasileira, tendo como diferencial a humanização dos sujeitos através das relações construídas entre si e a partir de como a história os atravessa.

Começamos, então, pelo título original, “Um Defeito de Cor”.

Escrevi certa vez que “em nós, até a cor é um defeito”, e me entristeço em ver que, embora certas condições tenham mudado, a denúncia ainda é válida. No período colonial, os cargos mais altos na Administração, na Igreja e nas Forças Armadas eram reservados para pessoas brancas. Quando esses cargos eram ocupados por pessoas negras, desde que se destacassem muito, é claro, elas tinham antes que escrever ao Imperador, provando bons antecedentes e competência, e pedindo dispensa do “defeito” de cor. Esta é uma lei que não existe mais. Mas outras, quase tão insidiosas quanto, não escritas e abrigadas por uma estrutura que as protege e alimenta, fazem com que meus irmãos e minhas irmãs muitas vezes sejam impedidos de existir de acordo com suas competências e potências. E, muitas das vezes, impedidos de simplesmente viver, esmagados pela perpetuação da cultura racista impregnada no amedrontado olhar do branco brasileiro, embora este país sempre precisou e continuará precisando de nós para vir a ser o que quer que seja que deseja ser.

Veja a minha história: mesmo tendo nascido do ventre livre de minha negra mãe, no dia 10 de novembro de 1840, meu branco pai me vendeu como escravo e fui embarcado à força em um navio para o Rio de Janeiro. Foi ali que o destino reservado para pessoas de cor como a minha pôs um fim aos sonhos de minha mãe e prendeu-a ao enredo de uma vida inteira: me reencontrar e me dar vida mais uma vez, tantas vezes quantas fossem necessárias, como só as mães sabem fazer. Como muitas mães não podem deixar de fazer, ao longo dos séculos e ainda hoje. Quantas mães ainda hoje têm filhas e filhos arrancados de si sem ao menos terem a possibilidade de defendê-los? Quantos destes destinos são sequestrados, desvirtuados, anulados, reprimidos, torturados, achados por armas perdidas, perdidos para sempre de si mesmos? É aqui que o destino de Kehinde, Minha Mãe, transita nas dobras do Tempo e se emaranha com os destinos de tantas outras mães negras neste país.

Mulheres cujas vidas dariam muitos e muitos livros, contando de si e de suas crias, das que vingaram e das que sucumbiram, dando nomes, sobrenomes e, acima de tudo, vida a pessoas que o sistema insiste em tratar como estatística. Por isso foi

importante o registro das memórias de minha mãe no livro “Um Defeito de Cor”. Tão importante que, nestes descuidos que o mundo comete de vez em quando, permitindo que o amor e o propósito de uma vida derrubem barreiras tão intransponíveis quanto o tempo e a distância, não pude me furtar de responder. A herança deixada por minha mãe, que foi a narrativa da história que ela não pôde viver comigo, eu abraço, agradeço e respondo com a carta transformada em enredo pela Portela.

Na primeira parte, falo sobre como me toca saber de onde venho: a profunda ligação de Minha Mãe, Kehinde, com as mulheres de nossa família primordial; com sua mãe – minha avó -, com sua avó – minha bisavó – e, principalmente, com sua irmã gêmea – minha tia Taiwo. Apesar do macabro encontro com os guerreiros do reino de Daomé sob a sombra de um Iroco, ele não foi mais forte que os laços ancestrais de afeto, a espiritualidade e a vontade de sobreviver que continuou as unindo.

Mesmo à distância, mesmo depois das mortes que cada um de nós passamos a carregar ao longo da vida, porque tem muito deste mistério que só as mulheres conhecem e que, para começar a entender, a gente teve que dar o nome de matriarcado. Algo que, para elas, é apenas viver, tendo que prover para si e para os seus, a partir do que elas sabem ser essencial para a nossa sobrevivência como humanidade: o amor.

Este afeto que as habita e que faz Oxalá, quando acha que já estão prontas para retornarem ao Aye, ou seja, à terra, benzer seus oris, soprar os seus ventres e dizer: “Vai, mulher! Vai espalhar amor sobre a terra!”. E ela vai. E se junta a outras mulheres, e dá vida a outras mulheres, e acha força para lutar contra o que parece imbatível, seja a indiferença, a injustiça, ou reinos inteiros, numa continuidade tão viva e entrelaçada às questões espirituais que é através deste sopro de vida que Kehinde irá se reconectar com sua ancestralidade já em terras brasileiras.

Foi o que fez minha bisavó, ao tomar para si os cuidados de minha mãe e minha tia, depois de presenciar a morte da própria filha. Nossa família morava no antigo reino do Daomé, atual Benin, uma área com muitos conflitos que levaram vários de seus filhos (povos iorubanos) e povos vizinhos à escravidão no Novo Mundo. Minha mãe conta que foi assim: os soldados do cruel Rei Adandozan passaram em frente à sua casa e reconheceram, desenhado na parede, o símbolo do culto ao Vodun Bassem (a cobra).

Era um culto proibido no reino, e minha bisavó tinha sido uma de suas sacerdotisas, ao lado da rainha Agontimé, que tinha sido destronada e vendida como escrava para o Brasil. É nesse episódio tão violento que matam a mãe de minha mãe, por defender a mulher mais velha. Tudo acontece à sombra de um baobá, e Kehinde e Taiwo, ainda mais fortalecidas após todo esse horror, sobrevivem sob a proteção de sua avó, e minha bisavó, Dúrójaiyé.

Neste tempo, e daqui de onde vejo, penso que elas podem ter sobrevivido também por causa da proteção do espírito da Águia, vodum preferido de minha bisavó. Não há dúvidas em meu coração que a Águia estava lá para interceder pelas mulheres da minha família e conceder a elas a esperança de construir um novo destino. E foi o que elas fizeram, como narro a vocês na segunda parte da minha carta-enredo, mostrando como minha mãe, Kehinde, fez um pacto com a sobrevivência ainda muito antes de chegar ao Brasil.

Após terem que deixar a casa em Savalu, por causa da inarrável violência causada pelos soldados de Daomé, à qual apenas sobreviveram, minha bisavó Dúrójaiyé, minha tia Taiwo e Minha Mãe Kehinde seguiram para Uidá. Viagem longa feita a pé e de barco, durante a qual as meninas foram conhecendo o que havia para conhecer daquele mundo que se expandiu. Foi em Uidá, por exemplo, que elas tiveram o encanto de se colocarem, pela primeira vez, na frente do mar, cuja cor imediatamente relacionaram com o manto azul de Iemanjá, bordado pela avó. Uidá foi para elas um lugar de respiro, onde encontraram, como eu já disse, a esperança de um recomeço, pessoas solidárias e amorosas, mas também onde foi perdido qualquer rastro de inocência que ainda conservavam dentro de si. Ali conheceram a escravidão e foram sugadas por ela, que tinha Salvador como a outra ponta da travessia.

O sequestro e a escravização de africanos no porto de Uidá era um mistério assombroso para Kehinde, Minha Mãe. Ao ser capturada, junto com sua irmã, não tinha certeza do que seria feito delas: se seriam dadas como presentes em pequenas canoas, por serem gêmeas e, por isso, portadoras de boa sorte; se seriam sacrificadas como oferendas aos deuses (“virar carneiro”); ou para onde estariam sendo mandadas, um lugar hipotético conhecido como “estrangeiro”. Viver, porém, era algo que elas ainda não sabiam que custaria tão caro durante a travessia. Um custo que os corpos adoecidos da avó e da irmã não conseguiriam pagar, por não suportarem o cruzar dos mares. Para mim, por tudo isso, o mar deveria ser negro como o vejo, por carregar, além dos corpos que ficaram para trás, a dolorosa representação de uma enorme solidão; por outro lado, há uma verdade incontornável: Iemanjá jamais permitiria que uma mulher negra feito a noite percorresse todo esse caminho sozinha.

Assim, Minha Mãe desembarcou ainda mais corajosa, pois sabia estar sendo guiada, protegida e fortalecida pelos espíritos ancestrais que carregava junto consigo, seja os que chamamos de Orixás, dos voduns da avó, da força da alma que dividia com a gêmea e que tinha ficado só para ela, das entidades e dos espíritos dos seres divinais. Iemanjá a cobriu com seu manto, Nanã a acolheu em seu colo, Xangô lhe prometeu justiça. E foi assim, fortalecida pelos seus, que, ao chegar à Baía de Todos os Santos, minha mãe fugiu do batismo a que eram submetidos todos os escravizados que pisavam

no chão da nova terra, jogando-se ao mar. Ela queria, a todo custo, conservar o nome com que era conhecida pela ancestralidade, pelos orixás, pelos voduns de sua avó e de sua irmã, e com o qual continuaria a se apresentar ao sagrado e ao secreto: Kehinde. Saravá, minha mãe! Saravá!

Para mim, seu filho, é aí que santifico Minha Mãe, tamanha era sua fé e coragem na ancestralidade diante de uma Salvador que oprimia, com suas igrejas, os negros que chegavam com suas crenças. Imagine tudo isso para uma menina Jeje! É por tudo isso que o nome de Minha Mãe vive, Kehinde! E dizê-lo em voz alta para os quatro cantos do mundo é preservar a história dela e a história de todos nós.

Mais tarde, porque quis e por conveniência, adotou o nome que, em parte, compartilhamos: Luisa. Mãe de Omotunde, este que vos escreve. Este que se sentiu, mesmo com os longos anos roubados da nossa convivência, conectado a ela através deste cordão umbilical que nunca foi cortado, apesar de tantos terem tentado: o Afeto. É destas coisas que estão para além do corpo e além do Tempo, algo que se explica apenas pela forte espiritualidade que aprendi com ela a cultivar.

Entre estas boas memórias que Minha Mãe me causa, quero lhes contar sobre um terceiro momento que muito me emocionou: a espiritualidade. Construída a partir da colaboração de muita gente que, sequestrada pela escravidão, alijada da terra, da família, dos locais de fé, do nome e sobrenome, da liberdade, da convivência com os seus, precisava ir além do miúdo diário para encontrar forças para continuar vivendo. Gente de terras que hoje chamamos de Angola, Moçambique, Congo, Benin, Nigéria, Cabo Verde. Iorubás, nagôs, jejes. Jeje-Mahi, Jeje Dahomey, Jeje Savalu, Jeje Modubi, Tambor de Mina (Jeje Mina), Jeje-Fanti-Ashanti. Falantes de gbe, fon, hauçá, ewê. Muitas Áfricas em um só lugar.

Gente tanta que por aqui, no Brasil, tentou se conectar do jeito que sabia e que podia. Gente que acreditava em orixá, gente que acreditava em vodun, gente que não acreditava em mais nada. Gente que voltou a acreditar em gente quando seus caminhos cruzaram com gente muito iluminada e transformada em simples mão de obra. Mulheres como Nega Florinda ou a rainha Agontimé, que ajudou minha mãe a se reconectar com as Yamís, as Mulheres Pássaros, com os voduns da minha avó e, conseqüentemente, da minha família, tornando-se uma sacerdotisa vodunsi na Casa das Minas do Maranhão, um culto apenas de mulheres. Foi Ná Agontimé também que, valendo-se de um recurso muito empregado por escravizados trabalhadores de minas de ouro em Minas Gerais, deu a Minha Mãe uma estátua de Oxum cheia de ouro em pó, usado mais tarde para comprar sua liberdade. Que nunca deveria ter perdido, em um mundo regulado pela justiça de Xangô.

Os voduns e os orixás sempre levaram Luisa, Minha Mãe, ao caminho certo, ainda que parecesse errado ou apenas uma coincidência. Mas como diz um conhecido meu: “Não há coincidências nesta história, o destino tudo traçou”. O destino levou Minha Mãe a conhecer redes de mulheres que se uniam pela espiritualidade e ver florescer importantes irmandades como a Irmandade da Boa Morte, comandada por mulheres de Ketu. Espiritualidade que eu, rebatizado Luiz Gama após ser vendido, homem negro nascido em um Brasil Escravizado e católico, herdei, como posso ver, não apenas de minha mãe, mas de toda uma aldeia. Por toda a vida, tive como referência cultos gerenciados por padres, todos homens. Por isso, muito me encantou a vivência espiritual de Minha Mãe em lugares como a Casa das Minas, onde se reconectou e foi vodunsi regida por Agontimé. Lá, os voduns eram cultuados apenas por mulheres, numa casa cheia de mistérios que também assentou o Brasil como terreiro de vodun e orixá.

Esta resposta a Minha Mãe, aqui transformada em enredo, tem muito do que sou, e eu sou o que Kehinde, mesmo à distância, me permitiu ser. Porque minha ancestralidade é o fogo de justiça que, durante muito tempo, e ainda hoje, nem sempre pôde vingar e se manifestar na vida de meu povo, embora muitos tenham lutado. E é disso que trata o quarto assunto desta minha carta através da Portela.

Uma das formas que inventaram para nos matar foi dizer que não nos importávamos com o nosso destino. Dizer que, docilmente, aceitávamos tudo o que nos era imposto pelas pessoas que, na lei dos homens, diziam nos possuir. Minha Mãe, como a descrevi na carta para meu amigo Lúcio, era “muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa”, e como tal, não poderia deixar de participar – e até ser presa por isso – de revoltas contra a escravidão, nem todas com finais felizes. Este também sou eu: altivo, genioso, insofrido, vingativo, rebelde. Assim minha mãe me fez, mesmo não estando por perto, porque ela ajudou a plantar, lá atrás, sementes que iriam florescer como armas a serem usadas nas lutas que travei. Vejam só os instrumentos que ajudaram a talhar a mulher que ela foi:

- Minha mãe, Kehinde (Saravá!), se uniu com os muçurumins, negros islamizados, na Revolta dos Malês, talvez a insurreição mais importante do Brasil Escravizado. Pense em um feito importante, e vai ser este: mulheres como ela, que se aliou aos Alufás, os comandantes religiosos que também eram os líderes políticos destes movimentos, ajudaram a mudar os rumos da escravidão, provando que os brancos estavam muito errados, e até por isso provocando medo neles, que não acreditavam na nossa capacidade de organização e planejamento. Se podiam escravizar os nossos corpos, cedo ou tarde perceberiam que não tinham poder algum sobre as nossas consciências e a nossa intelectualidade, superior à de grande parte deles. Éramos políglotas e viajados, com uma rede estabelecida com escravizados do mundo inteiro e com os que haviam

ficado em África, através dos portos que fabricavam e alimentavam a escravidão. Eles, os brancos escravizadores, mal sabiam falar português, geralmente não sabiam escrever, e quando muito conheciam uma ou outra cidade vizinha; enquanto a Rebelião Malê, por exemplo, foi planejada através de bilhetes que corriam a cidade disfarçados de folha de fumo que enrolavam os charutos, escritos em língua hauçá através de caracteres árabes.

- Minha Mãe, Kehinde (Saravá! Saravá!), participou da Cemiterada ao lado de seus principais líderes, pessoas importantes na vida da cidade de Salvador. Isto prova que ela lutava não apenas pela liberdade dos escravizados, mas também por hábitos e modos de existir que implicariam em um aumento da qualidade de vida de toda a população daquele lugar, e não só: em minha carta-resposta, usei dizer que se qualquer um desses movimentos fossem vitoriosos, Minha Mãe seria coroada a Rainha do Brasil, tamanha foi a importância de sua participação em tantos movimentos de luta, que tornaram Salvador uma fundamental referência na busca pela liberdade dos negros escravizados.
- Kehinde (Saravá! Saravá! Saravá!) também me deixou pistas que, mais tarde, confirmariam quem eu seria. Em sua longa carta chamada “Um defeito de cor”, Minha Mãe me ensinou o provérbio “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje”, que é o mais perfeito exemplo disso: quando nasci, ela consultou o Babalaô Ogumfiditimi, que revelou no jogo do Ifá que eu seria um legítimo filho de Xangô, sempre guiado pela bravura e lutando ao lado de quem merecia justiça, usando o meu machado de duas pontas e o poder de atirar raios para castigar os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Se eu tivesse sabido disto – só soube muitos anos depois, quando li sua carta-herança -, não teria vivido de modo mais exato a fazer com que a profecia se cumprisse.

Meu machado foi a caneta com que escrevi a liberdade. Meu machado é também a caneta com que escrevo a carta-resposta para Minha Mãe (Saravá, Kehinde!), na esperança que ajude a tornar a história dela ainda mais conhecida, fazendo justiça também à sua memória e existência. O Brasil Escravizado não soube merecê-la, como continua não merecendo as mães pretas que geram em seus ventres, suas mentes e seus corações possibilidades de existência longa, justa e digna.

Mas o Brasil Livre merecia uma rainha com o espírito de Luisa Mahin, Kehinde, Minha Mãe, que sempre ouviu de sua avó, Dúrójaiyé, que nunca se esquecesse de Xangô, de Nanã, dos Ibejis e de Oxum. Essa terra tão sonhada merece Rainhas-Mães coroadas por filhos como eu, filhos também de Xangô, pai a quem peço que lhes proteja e lhes aqueça o coração com as labaredas que, com o tempo e na luta diária, elas aprendem a atravessar sem se queimar. Não porque quiseram, mas porque precisaram.

Rainhas-Mães formadas pela dinastia de todas as mulheres nascidas antes delas e que vão todas, pessoalmente, ensiná-las a lutar, a sorrir, a chorar, a pedir, a orar, a acalantar, a pacificar, a fingir, a sofrer, a proteger, a superar, a festejar, a incentivar, a aliciar, a ensinar, a aprender, a amar, a cuidar, a amamentar, a gerar, a parir.

E que honra ter sido parido por Kehinde, que, como uma forte Yabá, vestida de seu adê da grande mãe Oxum, que amamentou o Brasil e o defendeu como seu próprio filho, deixou-me como herança um alguidar de dendê, do meu Xangô, com seu amalá. Essa minha busca por justiça em seu nome me fez conceber uma coroa digna de uma grande rainha.

Sinto até hoje a dor de saber que foi durante as incontáveis viagens feitas por Minha Mãe para se encontrar que acabamos nos perdendo após meu pai me vender. Se os negros conseguissem a vitória, talvez pudéssemos nos reencontrar mais cedo do que esperávamos. Talvez a negra mina pudesse ter seu filho no colo mais uma vez, e outra, e outra, vivendo de todo o amor reservado a Mães-Pretas-Rainhas que aqui, no milagre só delas, inventado para continuar gerando vida a partir do que muitas vezes é só dor, eu tento honrar e merecer para contar a última parte deste enredo.

Confesso que não contive as lágrimas ao ler na carta de Minha Mãe sobre o tanto que me procurava. Luisa chegou ao ponto de voltar a África, tornando-se uma Agudá. Fez a façanha de cruzar terras e mares em minha busca, uma busca pelo nosso abraço. Em minha carta, faço questão de dizê-la o quanto sempre estivemos ligados e que, mesmo que este abraço nunca aconteça, nós estamos um no coração do outro, o lugar onde as pessoas nunca morrem, nem se esquecem.

Ela me deixou uma enorme carta como legado, e foi nesta herança que eu me vi tantas vezes. Foi através dela que confirmei que o meu destino era seguir seus passos, à minha maneira. E me encanta dizer a vocês que eu, Luiz Gama, o Omotunde de Minha Mãe, me tornei um advogado. Um filho de Xangô, como previu o Ifá. Promovi centenas de encontros de mães e filhos que também tiveram suas histórias separadas pelo Brasil Escravizado, e deixei meu nome na história como um abolicionista. Mesmo assim, me considero pouco, pois tudo o que sempre quis era ter tomado a benção de minha mãe por mais uma vez, já que tudo o que me tornei foi para seu orgulho. Ainda sonho com isso.

Sua luta não foi em vão, nem irá parar. Muitos saberão de sua história através de mim, e assim saberão quem foi Kehinde, o nome que sobreviveu ao Tempo. Que a existência de Minha Mãe possa acalantar e inspirar todas as mulheres que até hoje esperam no porto o retorno de seus filhos, e que seus passos as fortaleçam para que

elas, imbuídas do fogo da justiça sagrada, consigam abraçá-los também por mais uma vez. Porque eu, repito, ainda sonho com isso.

Que através deste enredo, levado a milhões de pessoas, a Portela possa nos ajudar a espalhar o Afeto como real possibilidade de sobrevivência, principalmente para a população negra deste país que nasceu quilombo e hoje é favela.

A benção, Minha Mãe! Saravá, Kehinde! Teu nome vive em cada um de nós!

## **ROTEIRO DO DESFILE**

**Comissão de Frente**  
**Sagrado Feminino Ensino**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Squel Jorgea e Marlon Lamar**  
**Saudação à Terra**

**Guardiões do Casal**  
**Frutos da Terra**

**Destaques Performáticos**  
**Tia Surica, Duda Ferreira e Helena Ferreira**  
**A Matriarca e as Ibêjis**

Ala 01 – Comunidade  
Matriarcas

**1º Tripé**  
**Raízes de Savalu**

Ala 02 – Comunidade  
Culto Vodun

**Alegoria 01**  
**Terras de Daomé**

Ala 03 – Comunidade  
Soldados de Daomé

Ala 04 – Comunidade  
O Manto Azul (Baianas)

Ala 05 – Comunidade  
Presentes de Branco

**Destaque de Chão**  
**Iemanjá**  
**Geórgia Chagas**

Ala 06 – Comunidade  
A Travessia

**2º Tripé**  
Sob a Proteção de Iemanjá

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Emanuel Lima e Thainara Matias**  
**Santos no Altar**

Ala 07 – Comunidade  
Santidade Menina Jeje

**Destaque de Chão**  
**Wenny Isa**  
O Sagrado Secreto

**Grupo 1**  
**Departamento Feminino da Portela**  
**Mão que acolhe outra mão**

**Alegoria 02**  
Salvador Pagã

Ala 08 - As muitas áfricas desta terra

Grupo Performático  
Culto das Mulheres Pássaros

Ala 09 – Comunidade  
As Vodunsis

**Destaques de Chão**  
**Nilce Fran**  
**Noche Naê - Agontimé**

Ala 10 – Comunidade  
Ensinamentos de Agontimé

**Rainha de Bateria**  
Bianca Monteiro  
Oxum

**Personagem**  
Mestre Nilo Sérgio  
Luiz Gama

Ala 11 – Bateria  
Ouro de Oxum

Ala 12 – Comunidade  
Reencontrando seus Voduns

Ala 13 – Comunidade  
Irmandade da Boa Morte

**Destaques de Chão**  
**Shayene Cesário e Alice Alves**  
**Ancestralidade Jeje e Culto aos Ancestrais**

**Alegoria 03**  
Sagrado Feminino

Ala 14 – Comunidade  
Xangô, a Justiça que Arde

Ala 15 – Comunidade  
Estratégia de Ganho

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Vinícius Jesus e Osanna Batista**  
**Sonhos de Libertação**

Ala 16 – Comunidade  
O Destino do Sangue Malê

Ala 17 – Comunidade  
O Respeito dos Alufás

Ala 18 – Comunidade  
Um Levante pela Morte Digna: A  
Cemiterada

**Destaques de Chão**  
**Jeronymo Patrocínio**  
**A Nobreza de Pele Preta**

Ala 19 – Comunidade  
O Povo do Brasil Livre

**Destaque de Chão**  
**Sheron Menezes**  
**Negra é a Pele da Liberdade**

**Alegoria 04**  
Cortejo à Rainha do Brasil

Ala 20 – Comunidade  
Agudás - O Retorno

Ala 21 – Comunidade  
Tocar as Raízes

Ala 22 – Comunidade  
O Legado - A Carta

Ala 23 – Comunidade  
Reencontros

Ala 24 – Comunidade  
Um Defeito de Cor

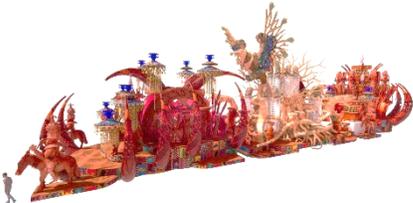
**Destaques de Chão**  
**Amanda Oliveira e Victória Campos**  
**Raízes que não se soltam e Os ventos do**  
**Reencontro**

**Alegoria 05**

Em cada porto, nosso ninho...

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> André Rodrigues e Antônio Gonzaga		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que representa</b>
*	<p><b>Tripé 01</b> <b>Raízes de Savalu</b></p>  <p>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Enquanto escrevo esta carta, me imagino envolto por este cenário que é nossa terra primordial, Savalu, local de nossas raízes e do início de nossa jornada, onde se iniciou a vida de Kehinde, minha mãe. Vejo os voduns dançando enquanto tudo em volta chamava a sua atenção quando menina, numa vida em perfeita harmonia com o Tempo.</p> <p>Personagem: Luiz Gama Destaque Central: Mãe Ancestral da História (Ana Maria Gonçalves)</p>
01	<p><b>Alegoria 01</b> <b>Terras de Daomé</b></p>  <p>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Nas primeiras páginas da carta de minha mãe, era possível compreender o tamanho dos desafios que a vida lhe impôs. Ela conta com detalhes a complexa formação de tudo à sua volta. Fiquei espantado como uma mulher já idosa escreveu suas memórias com tanta fidelidade.</p> <p>Não à toa, foi simples imaginar este reino de Daomé erguido nas entranhas da cobra Dan. Sobraram apenas os ossos da costela.</p> <p>Em meio a esse cenário, eu vislumbrava os ibêjis protegidos entre os galhos do Iroco e pelo espírito da Água que sobrevoava a árvore sagrada, tudo guardado pelos espíritos de Bessen, que são os espíritos da cobra, o vodun do culto Jeje.</p> <p>Os soldados do rei Adandozan surgem em meio a esta fantástica visão como se defendessem a seu Reino.</p> <p>Enxergar todos os relatos da violência através dos olhos de uma menina é também relativizar a realidade, como quem foge da crueldade das imagens reais.</p>

01	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 01</b> <b>Terras de Daomé</b></p>  <p style="text-align: center;"><b>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</b></p>	<p>Imaginar um rei que mata uma cobra, que é justamente o principal vodun do culto que praticam, é também relativizar a violência da dominação iorubá sobre estes povos. É assim que os mitos nascem e se perpetuam.</p> <p>A maneira como a Portela retrata minha visão é tão sonhadora quanto o carnaval lhes permite ser, ainda mais estando dimensionada à memória de uma menina.</p> <p>Na alegoria, é possível ver as costelas da cobra, como grandes marfins, que trazem em seu interior os soldados daomeanos em escultura de bronze (típica arte do Benin). Ladeando estão também os cavaleiros do reino iorubano.</p> <p>O Iroco surge em meio a este reino, como quem resiste e persiste. Suas raízes se transformam nas cobras que representam Dan (a cobra sagrada da família Jeje) e no alto de seus galhos o espírito da Águia. Este espírito está protegendo as imagens de Ibêjis, que se apresentam em meio aos galhos e o tronco da árvore.</p> <p>Vemos também os para-sóis, os mesmos usados pelos nobres do Benin, que massacraram e perseguiram os cultuadores dos voduns.</p> <p>Voduns que são representados por seus símbolos, principalmente de animais, que estão em toda a base da alegoria.</p> <p>Destaque Central - Rei Abaka (Carlos Reis) Destaque Central Alto - Rei Adandozan (Nil D'Iemonjá) Semidestaques Laterais (3ª parte) - Sacerdotes Daomeanos (Jorge Veneno e Carlos Martins) Composições Masculinas e Femininas - Povo de Daomé Composição Cênica - Ritual Vodun</p>
----	--	---

<p>*</p>	<p style="text-align: center;"><b>Tripé 02</b> <b>Sob a Proteção de Iemanjá</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Uma visão etérea, poética e sensível. Sem entender muito bem enquanto lia a carta de minha mãe sobre a importância de sua fé e a força dos voduns e dos orixás, concretizei em minha mente uma miragem lírica da grande mãe dos mares, a negra Iemanjá, uma mulher que é deusa, é mar e é noite, tudo ao mesmo tempo. Uma força surpreendente que consegue carregar um navio inteiro de um lado ao outro do oceano, fazendo o que pode por seus filhos. A dona de todas as cabeças, segundo o candomblé, que usa de toda a sua enormidade para levar até um outro porto aqueles que conseguia salvar e que dali em diante seriam carneiros – como imaginava minha mãe, Kehinde – a serem vendidos para os brancos.</p> <p>Na realização da Portela, esta grande Iemanjá carrega um navio branco, que causou tantos horrores aos meus irmãos de continente, irmãos de cor. Essa grande sereia que não apenas protege os vivos, mas acolhe e guia os negros espíritos africanos que ficaram pelo mar.</p> <p>Destaque Frontal Baixo – A Noite é uma Mulher Negra Destaque Lateral Alto – Carneiro Sob a Proteção de Iemanjá</p>
<p>02</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 02</b> <b>Salvador Pagã</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Foi possível sentir os toques dos sinos das grandes igrejas de Salvador ensurdecendo meus ouvidos só pelo fato de imaginar a visão que a pequena Kehinde tinha da cidade que recebia os carneiros de além-mar. Com certeza lhe era assustador estar diante dessas enormes construções de adoração aos santos dos brancos que oprimia quem as renegavam e que, assim, convertiam-se no terror. Apesar de minha criação, me coloquei em dúvida sobre a fé na crença que carrego na santa igreja católica por tanto terror causado em nossos irmãos. Santa mesmo, só minha mãe; santo mesmo, só o teu nome. Esta mulher forte que enfrentou o esquecimento imposto por esta cidade tão pagã, a partir de tudo que acreditava ser verdadeiramente sacro.</p> <p>Minha mãe foi a menina Jeje que, ao escolher sozinha seu nome, Luisa, não se convertia, mas agia como se transformasse os símbolos deste novo mundo em um escudo para sobreviver a ele.</p>

<p>02</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 02 Salvador Pagã</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Por isso, na visão desta alegoria, orixás mulheres dançam acima de todo o complexo de fachadas das igrejas erguidas no Brasil Escravizado. Assim como os estandartes agora são de uma santa negra e os anjos, antes brancos, agora negros de pele.</p> <p>As igrejas ainda refletem o mar nesta miragem que temos da história. Na frente da alegoria, eu vejo Kehinde ser amparada por uma rede de mulheres que a recebem e acolhem em Salvador, as mesmas que a ajudaram a sobreviver neste mundo; uma mão que acolhe outra mão. Eu também sou fruto dessa rede de apoio. Sem elas, não seria possível contar essa história para todos vocês.</p> <p>Grupo Cênico - A União Pela Sobrevivência / Destaque do Grupo: Kehinde Jovem (Destacamos que a bailarina que interpreta a personagem Kehinde nesta alegoria no grupo cênico é uma jovem passista da Portela, de 15 anos de idade, que por magia do destino também se chama Kehinde.)</p> <p>Destaque Central Médio – Sacerdote Pagão (Wagner Mendes) Destaque Central Alto – Sagrado Salvador (Carlos Ribeiro) Destques Orixás – Yabás – orixás femininos Composições – Negra Santidade Personagem: Luiz Gama</p>
<p>03</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 03 O Sagrado Feminino</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>As paredes de barro e bambu, os tecidos dos mantos, os altares. Na Casa das Minas, os voduns são cultuados aos pés das árvores, e as Vodunsis (sacerdotisas do culto vodun) são as únicas a conhecerem os segredos que carregam o culto ancestral.</p> <p>Uma profusão de velas, o misticismo da iniciação e os espíritos que se revelavam nesta casa, tudo era nítido em minha frente, uma vez que tive contato com os relatos de minha mãe, Kehinde, sobre quando chegou ao terreiro comandado por Nã Agontimé, em São Luís do Maranhão.</p> <p>Este momento foi o mais importante na sua busca pelo reencontro com os voduns de sua avó e sua ancestralidade assentada em Savalu.</p>

<p>03</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 03</b> <b>O Sagrado Feminino</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>A Casa das Minas (Jeje-Minas) representava para Kehinde uma conquista muito pessoal na busca por reencontrar-se nos caminhos do culto que aprendeu com Dúrójaiyé. Assim fez minha mãe, uma mulher que buscou o encontro com sua própria alma em um tempo de servidão.</p> <p>As cobras de Dan ressurgem como o símbolo que sustenta esta casa, agora em outras terras. E os Iaôs estão sob o véu do misterioso sacro. Em contraponto aos templos erguidos em Salvador, este sim cultuava o sagrado que lhe era verdadeiro, e que aprendi a entender como parte de mim.</p> <p>O enorme olhar de uma preta velha em posseção surge bem na frente desta alegoria que a Portela recriou a partir de minha visão. A frente deste enorme rosto, Nega Florinda, uma das mais importantes personagens desta história, a primeira a reconhecer minha mãe por seus Voduns e quem lhe incentivou a ir em busca de Agontimé no Maranhão.</p> <p>Ergue-se um altar na parte final desta visão alegórica, onde está o simbolismo das muitas crenças pelas quais minha mãe se deparou ao cruzar estas terras, os diversos cultos do Brasil Escravizado.</p> <p>Destaque Central Baixo – Nega Florinda (Vilma Nascimento)          Destaque Central Médio – O Sagrado Feminino (Érica SuperNova)          Destaque Central Alto – A Força de Bessen, o vodun da Cobra (Rogéria Meneguel)          Composições Performáticas – Iaôs          Composições – Energia das Minas</p>
<p>04</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 04</b> <b>Cortejo à Rainha do Brasil</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Nunca me traí a partir das minhas emoções e dos sentimentos referentes a minha mãe, pois tudo o que pressenti se confirmou a partir da carta que ela me deixou. Eu sabia que, mesmo após nosso afastamento, estaríamos sempre unidos pelo afeto. E ela, como uma grande mulher, esteve à procura de si mesma, em minha busca e também arquitetando um Brasil Livre – tudo ao mesmo tempo. Essa é a pluralidade de uma mulher que desempenhou diferentes papéis, sendo uma única sujeita que carregava as marcas mais humilhantes da formação social brasileira.</p>

<p>04</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 04</b> <b>Cortejo à Rainha do Brasil</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>Por destacar-se tanto nessas arquiteturas em busca de um país mais justo, sendo protagonista em lugares nunca imaginados para uma mulher na época, na minha visão, minha mãe, Kehinde, seria coroada a rainha do Brasil! Imagino para ela uma coroação digna de uma grande rainha africana no país que mais recebera negros do continente-mãe na história. Seria lindo ver a rainha da justiça ladeada por leões de Xangô, cortejada pelos enormes sombreiros de Maracatu e adornada de fitas da Congada, tudo como sempre imaginaram os negros escravizados quando, em suas festas, reinterpretavam por aqui suas coroações.</p> <p>Seria uma festa digna da altivez da negrura. Digna da vitória dos malês, dos hauçás, dos jejes, dos iorubanos, do povo de santo, do povo africano!</p> <p>É um sonho sobre o que poderia ser o futuro de um Brasil com uma mulher no poder. Uma mulher que se doou por esta liberdade. E, aqui, nesta alegoria, a Portela retrata os detalhes do sonho que sonhei para todos nós.</p> <p>Personagem – Kehinde (Antonia Rodrigues)          Personagem – Luis Gama          Composições – A Corte de Luisa          Destaque Central Baixo – Espírito Real do Brasil Livre (Marcília Lopes)          Destaque Central médio – O Espírito de Justiça (Roberto Vasconcelos)          Destaque Central Alto – Xangô, padroeiro do Brasil Livre (Paulo Brito)          Destaque Frontal Esquerdo e Direito – Sacerdotisas da Corte de Kehinde (Alicia Garcia e Diva Pavessi)</p>
<p>05</p>	<p style="text-align: center;"><b>Alegoria 05</b> <b>Em Cada Porto, Nosso Ninho...</b></p>  <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</p>	<p>“(...) te afastando de mim, dificultando a sua vida por causa das decisões erradas que eu tomava, às vezes até sem saber por quê. Será que isso explica nossos desencontros? Será que você acredita em tudo que acabei de contar? Espero que sim, e fico até pensando se não foi mesmo o melhor para você. Quanto a mim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria. E talvez, num último gesto de misericórdia, qualquer um desses deuses dos homens me permita subir ao convés para respirar os ares do Brasil e te abençoar pela última vez.”</p>

05	<p><b>Alegoria 05</b> <b>Em Cada Porto, Nosso Ninho...</b></p>  <p><b>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.</b></p>	<p>Essas foram as últimas palavras da carta de minha mãe. As últimas palavras do livro Um Defeito de Cor. Esta também é a última imagem deste carnaval.</p> <p>Um desfile onde a Portela me possibilita atravessar o tempo, ignorar a realidade e abraçar a minha mãe para poder receber sua bênção. Como se estivéssemos no porto de onde partiu seu último barco, como se eu ainda fosse aquela criança, como se estivéssemos em nosso próprio ninho, como o da Águia que nos uniu.</p> <p>Para, a partir daqui desejar que todas as mães que buscam até hoje seus filhos possam embarcar em suas próprias jornadas, tomar seus barcos e serem levadas até o abraço que acalenta o coração de uma mulher.</p> <p>A Portela coloca nos barcos as mães que perderam seus filhos para a violência de uma sociedade que vê neles um defeito de cor, um defeito irreparável, o único motivo para separá-los, tal qual fizeram comigo e Kehinde. Cada uma traz consigo o objeto de sua luta, uma bússola que não as tira do caminho da justiça.</p> <p>Que a Velha-Guarda da Portela, presente nesta alegoria, possa simbolizar o abraço desta escola tão importante em todos aqueles que precisam e buscam este afeto.</p> <p>Velha-Guarda da Portela</p> <p>Composição nos Barcos – Mães</p> <p>Destaques Centrais – O Reencontro (Kehinde e Luiz Gama)</p>
----	--	---

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Higor Machado	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Adilson	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Edson Futika
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Simone	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Gilmar e Rafael
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Fuca	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Cal
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Laminação em Fibra	Nino
Espelhos	Sandro e Equipe (Bigodes)
Placas de Vacum	Carlos e Badu
Decoração	Adriano Zerbone - Carro 01 e Tripé 01 Isaac Neves – Tripé 02 Luiz Augusto - Carro 02 Latifa - Carro 03 Sheila - Carro 04 Anderson Fulgencio - Carro 05
Movimento e Esculturas de Ferro	Zeli Lanoa e Ageu Lanoa
Esculturas Isopor	Simone Rios
Borracheiro	Luiz
Almoxarifado	Bruno Martins Lemos e Marcus Viniágucius
Serviços Gerais	Mineiro; Victor; Dionísio; Rose
Efeitos	Alan Carvalho
Pintura	Gilmar e Rafael Zion
Espuma	Alex Sandro
Compras	Marcus Vinícius, Felipe e Dionísio
Secretaria	Rosana Rosa e Ronaldo

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

André Rodrigues e Antônio Gonzaga

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>*Personagens</b> <b>A Matriarca e as Ibêjis</b></p>  <p><b>*Elemento cenográfico para Tia Surica</b></p>	<p>Para mim, um homem que busca o seu reencontro com suas origens, é tão bonito ver a Portela transformar sua principal baluarte, a matriarca do terreiro da Yá Centenária, na representação de minha bisavó, a matriarca da minha família primordial e dar a ela um local digno e de destaque, como elas merecem.</p> <p>Não há jeito de começar esta narrativa sem reverenciar os mais velhos e os mais novos. Por isto, que beleza ver que, para representar as ibêjis desta história (minha mãe Kehinde e minha tia Taiwo), estão as meninas que simbolizam o interesse da juventude negra na leitura.</p> <p>Saravá para quem conta, saravá para quem ouve. Saudamos a terra, os mais velhos e os mais novos, e, assim, vamos à nossa história.</p>	Personagens	Tia Surica & Pretinhas Leitoras: Duda e Helena Ferreira

<p>02</p>	<p style="text-align: center;"><b>Ala 01 – MATRIARCAS</b></p> 	<p>Ao iniciar nosso voo pelo conjunto de alas do desfile da Portela, me deparo com o conjunto das Matriarcas. Elas são o simbolismo do que compreendi sobre a vivência de minha mãe ainda em Savalu, visto que ela, em sua carta, exalta a importância de figuras como sua avó Dúrójaiyé, sua mãe Dúróorílke e sua irmã Taiwo. O elo dessas mulheres trouxe o sentido de continuidade entre elas, em um momento no qual o sagrado feminino deveria ser perpetuado e cultuado de acordo com os seus papéis de relevância no convívio familiar e no próprio contexto de organização social.</p> <p style="text-align: center;">-</p> <p><i>As fantasias, que foram construídas a partir de referências de figurinos étnicos da região, trazem consigo estampas criadas exclusivamente para este desfile, e remetem aos mantos de incorporação vodun, onde cada figura representa um antepassado monarca. Notei também como a Portela coloca em cada mulher desta ala uma pequena escultura de criança que é carregada nas amarrações dos tecidos, tal qual os relatos de minha mãe.</i></p> <p><i>É a força do matriarcado carregando as gerações futuras enquanto ainda levam em suas cabeças os cestos e os jarros, o fardo cotidiano.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Jean Oliveira</p>
-----------	--	--	------------------------------	----------------------

<p>03</p>	<p><b>Ala 02 – CULTO VODUM</b></p> 	<p>O culto aos Voduns (ou aos ancestrais) era a base da crença das mulheres da linhagem de minha mãe, ainda que houvesse uma fusão iorubá por uma violenta influência. Esse mesmo ritual foi proibido pelo rei Adandozan, de acordo com o próprio relato dela. São os praticantes desse rito que hoje conhecemos como Jejes, que quer dizer “aqueles que não são iorubás”.</p> <p>As incorporações voduns chamam atenção também por suas apresentações a céu aberto e em grandes grupos. O misticismo e a exuberância das danças foram vistos como ameaças pela nova regência de poder, representada por monarcas figurados como para-sóis.</p> <p><i>O grupo exhibe uma das formas de ritualização vodum, onde os incorporados dançam descalços e cobertos por terra e pó, interagindo com esses elementos durante todo o processo, causando grande impacto para quem os vê. Nas laterais da ala, um grupo de para-sóis representam os chefes e os soberanos, que passaram a repreender essas manifestações após dominarem a região do Benin.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Felipe Nascimento &amp; Diogo Nascimento</p>
-----------	---	--	------------------------------	---

<p>04</p>	<p><b>Ala 03 – SOLDADOS DE DAOMÉ</b></p> 	<p>Os soldados de Daomé eram um exército de homens que serviam aos mandos do Rei Adandozan, que proibiu o culto vodun em Savalu. Através de ações promovidas pelo monarca, esses soldados perseguiram e acusavam de feitiçaria o culto a Dan, como fizeram com Agontimé e as mulheres da minha família.</p> <p>A partir das ordens dadas pelo rei, esses guerreiros agiam de modo violento e cruel, fazendo minha mãe, sua avó Dúrójaiyé e sua irmã Taiwo partirem de Savalu a caminho de Uidá após a invasão que resultou na morte de Kokumo e Dúróoriike, seu irmão e sua mãe.</p> <p>-</p> <p><i>O figurino representa o exército de Daomé, através da iconografia de uma máscara em madeira e marfim, construção característica da região de Savalu, no atual Benin. As lanças e as ponteiros nas costas simbolizam a luta e os confrontos desses agentes.</i></p>	<p>Tradicional Ala Águia na Folia</p>	<p>Renato Vasconcellos</p>
<p>05</p>	<p><b>Ala 04 – MANTO AZUL</b></p> 	<p>Assim que chegou em Uidá, minha mãe pôde ver e sentir o mar pela primeira vez. Embora estivesse acostumada com os rios e as areias de Savalu, nada se igualava à imensidão azul do mar. Era mais macio e brilhante. O movimento das ondas do mar fingia que ia, mas sempre voltava, junto ao vento que formava uma brisa suave como a cor do pano de Iemanjá de sua avó, Dúrójayé. Uma confusa, mas bonita mistura de canais, pequenas ilhas, bancos de areia e muitos tons de azuis entre céu e mar.</p> <p>-</p>	<p>Baianas da Portela</p>	<p>Jane Carla</p>

05	<p><b>Ala 04 – MANTO AZUL</b></p> 	<p><i>As baianas da Portela trazem o abraço feminino de Dúrójaiyé em seu manto azul. O uso de estamparias africanas acolhe o branco da renda, misturando a representação das vestes de uma anciã, guardiã da ancestralidade de sua família, com elementos que remetem a Iemanjá e ao mar azul que movimenta a branca espuma.</i></p>	Baianas da Portela	Jane Carla
06	<p><b>Ala 05 – PRESENTE DE BRANCO</b></p> 	<p>Uidá era diferente de Savalu. Ela era mais movimentada e vívida, características que despertavam a curiosidade de minha mãe. Era uma cidade com muitos brancos em posição aristocrática, que andavam acompanhados de homens pretos carregadores. Conforme ouviu assim que chegou na cidade, esses pretos se tornariam “carneiros no estrangeiro”, carne muito apreciada por esses brancos. Era uma forma de dizer que essas pessoas teriam sua trajetória marcada pela travessia para terras desconhecidas, sendo, a partir daí, escravizadas.</p> <p>-</p> <p><i>O figurino apresenta uma visão estilizada de um carneiro com elementos que dialogam com grafismos africanos na estampa e na representação da cabeça do animal. A canoa na cabeça carrega a imagem de dois ibêjis, representação de Kehinde e Taiwo em travessia. As ibêjis (gêmeas) eram lidas como um presente valioso no mercado escravista, pois representavam um símbolo sagrado de sorte.</i></p>	Comunidade da Portela	Harmonia da Portela

	<p><b>Iemanjá</b></p> 	<p>À frente do mar, estará a representação dessa importante orixá a quem minha mãe Kehinde, junto à sua irmã Taiwo e sua avó Dúrójayé, se apegaram na dolorosa travessia do Benin para o Brasil.</p> <p>Iemanjá, a dona das águas, mãe de todas as cabeças, protetora de todas as mudanças.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Geórgia Chagas</p>
<p>07</p>	<p><b>Ala 06 – A TRAVESSIA</b></p> 	<p>A travessia é uma das passagens mais violentas da trajetória de minha mãe, Taiwo e Dúrójayé. A saída do continente africano para o Brasil navegando por um mar de solidão e crueldades resulta em mais um episódio de perdas. Não era somente uma despedida das experiências vividas em Savalu e Uidá até aquele momento, mas um rompimento de memórias ancestrais.</p> <p>Kehinde se apegava muito a Iemanjá conforme sua avó lhe aconselhou, a orixá das águas, a mesma do manto bordado, que cuidaria dessa travessia e a levaria até o destino em vida.</p> <p>Infelizmente, nem todos tiveram essa sorte. Por isso, chamo o oceano de Atlântico Negro, não apenas pelos corpos de nossos irmãos que por lá ficaram, mas pela imensidão que nos remete a tanta solidão; imagine, então, a uma pequena menina africana.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia representa a imensidão do Atlântico negro, com o balanço das ondas e a luz que reflete nas águas, guiando o destino de Kehinde.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Harmonia da Portela</p>

08	<p><b>Ala 07 – SANTIDADE MENINA JEJE</b></p> 	<p>Minha mãe desembarcou após o longo período de travessia pelo mar do Atlântico pondo os pés em terra firme, nas areias da Ilha dos Frades. Ali, ela foi entregue a uma nova realidade: tudo o que a pertencia durante os períodos em Uidá e Savalu deveria ser esquecido, pois era visto como pagão pelos brancos. Era hora de novos nomes brancos, novos deuses brancos.</p> <p>Embora não soubesse o que significava ser uma alma pagã, minha mãe se negou a aceitar o novo batismo ao lembrar do conselho de sua avó, Dúrójaiyé, que disse que o seu nome era um elo ancestral. Por isso, para os brancos, ela seria Luisa; para os seus voduns, sempre Kehinde.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia do grupo mescla elementos visuais que remetem a uma santa católica e a uma entidade do Candomblé, simbolizando esse confronto de vivências religiosas que aportam em Salvador. Com a representação de uma santa negra com um filho, pintura do artista plástico Emerson Rocha, o figurino mostra a influência dos sagrados na adaptação de Kehinde em sua nova terra, carregando seu nome em uma espada de São Jorge, como uma arma de defesa e de preservação de sua ancestralidade.</i></p>	Comunidade da Portela	Harmonia da Portela
----	--	---	-----------------------	---------------------

	<p><b>O Sagrado Secreto</b></p> 	<p>O papel da personagem é representar o simbolismo sacro-católico do nome Luisa Mahin, que Kehinde escolhe para ser conhecida no Brasil. O sagrado segredo está no fato de que o nome escolhido esconde e protege a verdadeira identidade ancestral que liga esta mulher, a minha mãe, às suas origens.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Wenny Isa</p>
	<p><b>Grupo 1 Mão Que Acolhe Outra Mão</b></p> 	<p>A Portela escolhe o principal grupo que simboliza a união e organização feminina de seu terreiro para prestar uma homenagem simbólica às tantas mulheres desta narrativa, tão importantes para que Kehinde seja a importante personagem que é. Sobreviver é um fator decisivo para a vitória, ainda mais quando se escolhe o caminho a seguir na vida; e minha mãe escolheu lutar. Para que isto fosse real, tantas outras mulheres lhe acolheram do caminho de África até se encontrar em terras do Brasil. A elas, todas as nossas reverências: mulheres reais que possibilitaram a vida de tantas outras, se protegendo e se incentivando no projeto de vida. Parece muito atual, e talvez seja.</p>	<p>Departamento Feminino da Portela</p>	<p>Aldaleia Rosa Negra da Portela</p>

<p>09</p>	<p><b>Ala 08 – AS MUITAS ÁFRICAS DESTA TERRA</b></p> 	<p>Quando mamãe chegou em solo brasileiro, logo percebeu que ali não era somente um lugar de desembarque dos povos embarcados em Uidá, mas que outros africanos também tiveram sua trajetória atravessada pelos brancos, como um presente para eles.</p> <p>E foi quando ela, apesar do sofrimento, entendeu as muitas Áfricas que transitavam em terras brasileiras. Tons de pele e sotaques diferentes. Alguns saudavam a terra e as areias, ou batendo ou encostando a testa no chão, esquecendo de que virariam carneiros, mas nunca esquecendo de agradecer aos espíritos em que acreditavam pela possibilidade de ainda viver.</p> <p>-</p> <p><i>O figurino proposto apresenta uma composição de estampas originais e carrega retratos de pessoas negras de diferentes etnias que chegaram escravizados ao Brasil. A roupa traz a imagem de máscaras de diferentes origens étnicas, simbolizando a ancestralidade como um grande totem. A preservação, circulação e difusão de identidades negro-brasileiras consistem na rede de sobrevivência e troca.</i></p>	<p>Tradicional Ala Mocotó</p>	<p>Rafael</p>
-----------	--	---	-----------------------------------	---------------

<p>10</p>	<p><b>Grupo Performático - O Culto das Mulheres Pássaros</b></p> 	<p>Mãezinha contou em sua carta que as mulheres das sociedades geledés são chamadas de feiticeiras, por causa das sete lyámis que foram enviadas ao ayê por Olodumaré. Essas mulheres têm a capacidade de se transformar em pássaros, e o som emitido por um desses pássaros é que dá nome à sociedade: òsòrongà. Quando as sete feiticeiras foram mandadas à terra, pousaram sobre seis árvores, sendo que três escolheram árvores do bem e três escolheram árvores do mal.</p> <p>Em São Salvador, havia um lugar sagrado para o culto geledé. É um lugar chamado Dendezeiros do Bonfim, onde provavelmente ainda existe um grande Iroco, sob o qual as pessoas evitavam passar durante a noite, principalmente à meia-noite, quando é ainda mais forte o poder das Iyámis, assim como ao meio-dia. Quando souberam que Kehinde era do Daomé, lhe disseram que muitas pessoas de suas terras se reuniam em um lugar chamado Bogum, que provavelmente era um jeito de dizer "vodun".</p> <p>Foi então um dos primeiros momentos em que a ancestralidade apontava para Minha Mãe. O Culto das Mulheres Pássaros reunia as negras herdeiras do Benin, herdeiras dos voduns.</p> <p>-</p> <p><i>Na fantasia da ala, a Portela representa estas mulheres que andam e dançam com suas capas, que se transformam nas asas desta máscara africana de pássaro que carregam no peito.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>G'leu Cambria</p>
-----------	--	---	------------------------------	----------------------

<p>11</p>	<p><b>Ala 09 – AS VODUNISIS</b></p> 	<p>Kehinde conheceu importantes mulheres que lhe protegeram e lhe orientaram no seu caminho de redescoberta, e eu lembro bem quando ela cita Nega Florinda. Ela havia sido capturada como carneiro há sessenta anos, mas vivia como liberta há pouco mais de trinta. No Daomé, tinha chegado a ser voduno (voduno ou vodúnsi: nome dado às sacerdotisas jejes no culto de Dãnh-gbi, a Grande Serpente), como a mãe de minha mãe antes de ser expulsa da corte de Abomé.</p> <p>Disse também que deveria conhecer quase todos os voduns que a sua avó conhecia, e que poderia até conversar com ela sobre eles. Mas que não adiantaria muito, porque eles eram de África e ainda não estavam assentados no Brasil, pois tinham ficado por lá.</p> <p>Durante o longo tempo que estive na presença dessas vodunsis, como Nega Florinda, minha mãe aprendeu tudo o que lhe foi oferecido sem comprometer o segredo, como sua avó teria ensinado. São as sacerdotisas voduns que a reconectam, através da espiritualidade e da sua ancestralidade.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia mostra as Vodunsis como essa senhora mística que abraça as serpentes. Na cabeça, as cobras, e nas mãos um grande castiçal simbolizando os ritos sagrados na Casa das Minas. Na livre interpretação do carnaval, as cores remetem a roupas típicas de festejos populares do Maranhão, como o Cazumbá.</i></p>	<p>Tradicional Ala dos Impossíveis – Comunidade da Portela</p>	<p>Nilce Fran</p>
-----------	---	---	--	-------------------

	<p><b>Noche Naê – Agontimé</b></p> 	<p>Nilce Fran, a lendária passista, irá representar uma das mulheres mais importantes na vida de Kehinde, a Agontimé. Esta personagem é quem recria os laços de Minha Mãe com sua ancestralidade através da espiritualidade, seja lhe apresentando o seu vodum na Casa das Minas, seja presenteando Kehinde com uma estátua de Oxum, que, apinhada de pó de ouro em seu interior, permite a Minha Mãe comprar a própria liberdade.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Nilce Fran</p>
<p>12</p>	<p><b>Ala 10 – ENSINAMENTOS DE AGONTIMÉ</b></p> 	<p>É em contato com essas mulheres tão poderosas, conhecedoras dos segredos e dos encantos do axé de Jeje-Mina, que minha mãe redescobre a história de seu povo. E através dos relatos dela, descobri a importância e a força política de Agontimé, o que explica a violência contra os seguidores de Dan, que é quando a nossa história começa.</p> <p>A saga conta que, no Benin, Agontimé foi traída e expulsa por Adandozan. Desde então, iniciou-se a perseguição ao culto dessa rainha. Em terras brasileiras, Kehinde aprende com a rainha Agontimé a cuidar dos voduns na Casa das Minas, no Maranhão, e também a perpetuar os cultos da antiga terra ancestral, terra de sua mãe e de sua avó. Como, por exemplo, o Ritual da Pantera, que só acontecia em África, mas que marcou a trajetória das mulheres guias espirituais do rito Jeje.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia proposta para os/as passistas da Portela faz referência à rainha Agontimé e à sua realeza, através da representação da pantera preta. Na cabeça, uma coroa estilizada compõe com uma máscara negra de pantera. O figurino adornado em ouro traz o misticismo e a beleza do ritual.</i></p>	<p>Passistas da Portela</p>	<p>Nilce Fran</p>

	<p><b>Oxum</b></p> 	<p>A orixá Oxum acompanha minha mãe desde o início de sua saga de vida. Não tenho dúvidas de que foi seu amor e seu cuidado pelo sagrado feminino que uniu Kehinde a outras muitas mulheres nesta história. Foi o seu poder que fez com que Agontimé lhe entregasse uma estátua, negra feito o ébano, cheia do ouro que foi o provedor da liberdade de Minha Mãe e de minha suposta liberdade. Oxum carrega o segredo das mulheres negras, da maternidade, mas principalmente do elo do ventre, este que jamais será quebrado.</p>	<p>Rainha de Bateria</p>	<p>Bianca Monteiro</p>
	<p><b>Personagem Luiz Gama</b></p> 	<p>Eis mais uma representação deste que vos fala em pleno cortejo da Portela.</p>	<p>Mestre de Bateria</p>	<p>Nilo Sérgio</p>

<p>13</p>	<p><b>Ala 11 – OURO DE OXUM</b></p>   <p><b>* Por motivo de respeito ao sagrado religioso, os ogãs da bateria da portela desfilam com figurinos com menor uso da cor preta. Os mesmos se matêm com roupas litúrgicas africanas na cor dourada, estilizadas, remetendo ao significado da ala.</b></p>	<p>Em um dos momentos em que tentava atrair mais forças para o culto vodun, Agontimé reconheceu em Kehinde o vodun de Dúrójaiyé, e a presenteou com uma estátua de Oxum em madeira para que a deusa da fertilidade encontrasse terrenos férteis que pudessem crescer vitoriosos.</p> <p>Com o passar dos dias, minha mãe pensou em rifar o presente dado por Agontimé, pois era uma escultura que muitos se interessavam. Mas quando foi entregá-lo, uma cobra apareceu, fazendo Kehinde arremessar a escultura como forma de se proteger. E foi ali que ela viu a possibilidade de liberdade através do ouro contido no interior da imagem. A cobra, sem dúvidas, era um sinal de Dan, abençoando a união de duas mulheres que cultuavam os voduns e perpetuariam esse ritual ancestral.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia dos ritmistas da Tabajara do Samba é a representação da riqueza maior, a liberdade, através do ouro de Oxum. O figurino em tons de ouro e preto é adornado com espelhos, referência ao Abebé carregado pela entidade. Uma espécie de corda dourada em laço na parte de trás da cabeça dialoga com a obra OXUM, da artista Nádia Taquary, presente na exposição “Um defeito de cor”.</i></p>	<p>Bateria Tabajara do Samba</p>	<p>Nilo Sérgio</p>
-----------	---	---	--	--------------------

<p>14</p>	<p><b>Ala 12 – REENCONTRAN- DO SEUS VODUNS</b></p> 	<p>Embora não pudesse participar dos ritos, o que me interessou nos relatos de minha mãe foi como ela gostava de estar na Casa das Minas, entre mulheres de funções diversas, produzindo força sagrada e coletiva. A cada dia que passava nessa comunhão, um relato de acolhimento e reverência espiritual.</p> <p>Foi na Casa das Minas que Kehinde aprendeu a se reconectar com os Voduns, especialmente com os voduns que Agontimé outrora havia reconhecido quando a viu, os voduns de sua avó. Principalmente o vodun da Águia, que, mesmo sem que ela soubesse, a acompanhou por toda a vida até chegar ali.</p> <p>Agontimé aprendeu com as vodunsis que Vodun é vida, é a natureza que nos cerca. Estes espíritos a acompanhariam até o final de sua trajetória na terra, pairando pelo ar, a protegendo e a guiando.</p> <p>-</p> <p><i>O grupo representa a dança dos voduns, o movimento do espírito que movimenta a vida, através da iconografia da Águia. Uma grande Águia na cabeça rege o movimento da roupa. A roupa é adornada com pedras, cores e estampas que remetem aos bordados das roupas de festas regionais de São Luís.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Harmonia da Portela</p>
-----------	--	---	------------------------------	----------------------------

15	<p style="text-align: center;"><b>Ala 13 – IRMANDADE DA BOA MORTE</b></p>  	<p>Certa vez, li sobre o período em que Mamãe conheceu a Irmandade da Boa Morte. Ela passou por algumas irmandades de brancos como a Santa Casa, e algumas outras que tinham um papel político mais potente; porém, se interessou mesmo pela Irmandade da Boa Morte, baseada na Igreja da Nossa Senhora do Carmo.</p> <p>Essas irmandades tinham seus segredos guardados por mulheres como Mãe Rosa, e os homens daquele lugar não desempenhavam um papel de importância como nos cultos católicos que conheço.</p> <p>Foi na irmandade que minha mãe entendeu como as mulheres negras foram importantes defensoras dos cultos afros nestes locais, e, também, dos santos que acolhiam os escravos que recorriam às igrejas para manifestar sua fé.</p> <p style="text-align: center;">-</p> <p><i>O figurino reinterpreta as vestimentas clássicas da Irmandade da Boa Morte na Bahia, com a simbologia de seus torsos, guias, terços e babados de renda branca, preta e vermelha. E a ala recria também uma procissão, com os sacerdotes homens que carregam os andores e adornos para os santos das igrejas onde os cultos afro-cristãos acontecem. Entre santos católicos e sacerdotisas ecumênicas.</i></p>	Comunidade da Portela	Harmonia da Portela
----	--	--	-----------------------	---------------------

	<p><b>Ancestralidade Jeje &amp; Culto aos Ancestrais</b></p> 	<p>À frente da alegoria 03, o papel da fantasia “Culto aos Ancestrais” é representar a o culto a Dan, a cobra-símbolo ancestral neste rito que, trazido ao Brasil na travessia do Atlântico, dá base à Casa das Minas, casa que abriga Minha Mãe no reencontro com o seu passado, agora aqui no Brasil. Ao seu lado, a representação da religiosidade dos cultos Jejes. Esses ritos, que têm origem em Daomé, foram onde Kehinde nasceu e aprendeu a louvar sua ancestralidade, reconectando-se com eles na Casa das Minas, apoiada por Agontimé.</p>	<p>Destaques de Chão</p>	<p>Shayene Cesário &amp; Alice Alves</p>
<p>16</p>	<p><b>Ala 14 – XANGÔ, A JUSTIÇA QUE ARDE</b></p> 	<p>Desde sua saída de Savalu, Dúrójaiyé repetia constantemente para minha mãe que nunca abandonasse Nanã, os Ibêjis, Oxum e Xangô. Percebi, enquanto lia os relatos dela, que Xangô constantemente se manifestava em sua vida, e que ele nunca a abandonou.</p> <p>Suponho que venha desta ligação o ímpeto de justiça que Kehinde sempre teve durante toda a sua trajetória. Foi esse sentimento que a guiou, levando a conhecer grandes pessoas e a ser reconhecida por seus valiosos feitos.</p>	<p>Tradicional Ala Raízes da Portela</p>	<p>Luciano Luck</p>

<p>16</p>	<p><b>Ala 14 – XANGÔ, A JUSTIÇA QUE ARDE</b></p> 	<p>Xangô é o orixá que aclamaria a coroação de minha mãe como a rainha do Brasil, pois todas as suas batalhas buscavam a justa redenção e a liberdade do povo negro em um país escravo.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia representa a justiça de Xangô, orixá-rei que coroa a luta de Kehinde. O uso de fitas e do estandarte nas mãos faz alusão aos cortejos de Congada e Maracatu, referências visuais que marcam a identidade desse momento do desfile. O leão, animal sagrado do orixá, também é representado no figurino.</i></p>	<p>Tradicional Ala Raízes da Portela</p>	<p>Luciano Luck</p>
<p>17</p>	<p><b>Ala 15 – ESTRATÉGIA DE GANHO</b></p> 	<p>Mamãe me inspirou em tantas passagens impressionantes de sua história, mas a sua habilidade para ensinar outras mulheres negras a fazerem os melhores quitutes, a enriquecerem para financiar algumas insurreições e a terem a liberdade de circular pela cidade repassando informações entre os revoltosos, é de uma grandeza e uma destreza no entendimento do ser humano sem tamanho. O que me impressionava os olhos enquanto lia tal relato era o acolhimento a outras mulheres, que ela construía aos poucos. Uma rede de fortalecimento dos ideais para esta terra.</p> <p>-</p> <p><i>A tradicional ala das damas da Portela, com suas tradicionais sombrinhas, traz a representação da articulação social das mulheres de ganho, com seus vestidos de renda e tabuleiro de doces. Com a penca de balangandãs e os quitutes sobre o torço na cabeça, a ala feminina da Portela simboliza a rede de mulheres empreendedoras e articuladoras.</i></p>	<p>Damas da Portela</p>	<p>Harmonia da Portela</p>

<p>18</p>	<p><b>Ala 16 – DESTINO DO SANGUE MALÊ</b></p> 	<p>Ao longo do tempo, mamãe continuou interessada no desejo de libertação dos seus semelhantes. Espantei-me ao saber com detalhes em sua carta sobre como chegou a ser importante personagem do que seria até hoje a principal revolta do Brasil Escravizado. Buscando maneiras de prover a justiça de Xangô, ela estava nas principais insurreições.</p> <p>E foi então que ela se viu envolvida pelos muçurumins, que embora fossem de uma religião diferente e afastados por laços de fé opostos dos nos outros negros, estavam a ela unidos pelo desejo de liberdade e justiça. Os malês mudariam o destino do Brasil, era como o Ifá respondia, e minha mãe seria então uma das grandes personagens dessa história.</p> <p>-</p> <p><i>O figurino representa a luta dos muçurumins, e suas vestes clássicas em branco são recriadas com rendas e fitas. Nas mãos, um escudo estilizado traz o tabuleiro de Ifá, guiando a luta dos negros malês por justiça.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Harmonia da Portela</p>
-----------	---	---	------------------------------	----------------------------

<p>19</p>	<p><b>Ala 17 – O RESPEITO DOS ALUFÁS</b></p> 	<p>Em muitos momentos, Kehinde obteve a ajuda e os conselhos de poderosos homens como os Alufás. Sinto a importância em ressaltar isso, pois em religiões muçulmanas, praticadas pelos muçurumins, as mulheres não tinham voz. Eram homens alfabetizados, escravos de valor por sua capacidade de ler e fazer contas, e malvistas por serem estratégicos e fazedores de motins.</p> <p>Mas minha mãe furou a barreira dentro dessas condições, tornando-se uma mulher respeitada entre eles. Em muitas passagens de sua carta, ela cita Alufás como Ali e Lucitam, líderes que a estimavam como personagem importante na busca por justiça.</p> <p>-</p> <p><i>A Ala dos Compositores da Portela veste figurino em alusão a estes líderes religiosos, com roupas brancas longas, que virou costume nos grupos religiosos negros no Brasil, e uma espécie de gorro. Os compositores, apropriadamente, simbolizam os detentores do saber, donos dos ensinamentos e das palavras.</i></p>	<p>Compositores da Portela</p>	<p>Sérgio Procópio e Camarão Neto</p>
-----------	--	--	--------------------------------	---------------------------------------

<p>20</p>	<p><b>Ala 18 – UM LEVANTE PELA MORTE DIGNA: A CEMITERADA</b></p> 	<p>Depois de um período longo de revoltas, principalmente após a Batalha de Água dos Meninos, algumas pessoas da região começaram a criar superstições sobre os enterros.</p> <p>Quando um nobre morria, ele era enterrado o mais próximo possível do altar e pelos arredores da igreja, ou seja, mais perto de Deus e de um bom descanso eterno. Claro que nós, escravizados ou filhos deles, não tínhamos a mesma honraria depois de mortos. De forma constante, isso causava mau cheiro e o contato com algumas doenças nas proximidades.</p> <p>Por isso, algumas pessoas da época eram a favor da construção de um novo cemitério, o Campo Santo. Como havia uma oposição a tal morada, se insurgiu na Cemiterada, revolta onde o povo saiu às ruas com paus, pedras e tambores até chegar ao cemitério da igreja. A dignidade da morte para os corpos pretos foi uma das histórias em que minha mãe se envolveu que mais me encantaram. Aquela era a busca por ser gente no direito de viver livre e também pelo direito de morrer em paz.</p> <p>Kehinde não escolhia lutas, ela estava disposta a ser justa.</p> <p>-</p> <p><i>O figurino representa a revolta da Cemiterada. Na licença poética do carnaval, as vestes são adornadas com fitas e um esqueleto, e um tambor feito de ossos é carregado nesse grande cortejo. Na cabeça, a fachada de uma igrejazinha.</i></p>	<p>Tradicional Ala Explode Coração</p>	<p>Egídio</p>
-----------	--	--	--	---------------

	<p><b>A Nobreza de Pele Preta</b></p> 	<p>A fantasia personifica o sonho que tenho ao imaginar como seria o Brasil caso Kehinde, minha mãe, fosse vitoriosa em qualquer um dos levantes negros dos quais participou. Essas insurreições buscavam liberdade e justiça para os povos que foram sequestrados em África para serem escravizados no Brasil. O personagem representa a histórica luta da população negra afro-brasileira, que, em meus sonhos, se vitoriosa fosse, nos faria viver em um país onde a pele preta, para além de respeito e do acesso a direitos básicos, seria nobre e digna de todas as honrarias.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Jeronymo Patrocínio</p>
<p>21</p>	<p><b>Ala 19 – O POVO DO BRASIL LIVRE</b></p> 	<p>Como disse a vocês neste documento, em minha carta a Lúcio sobre minha mãe eu escrevo: “Dava-se ao comércio - era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.”</p> <p>Antes de ler sua carta, era assim que eu conhecia a figura de Kehinde: como alguém que nunca desistiu e que sempre perseguiu a justiça por seus iguais. Foram muitas insurreições, muitas revoltas, muitas batalhas. Fico em meus pensamentos imaginando, após tanto sofrimento, a felicidade que não seria para o povo ver que sua rainha é alguém que sempre esteve do seu lado, nas trincheiras.</p> <p>Um novo reino se ergueria, comandado por Kehinde e sob as bênçãos de Xangô, o justiceiro.</p> <p>-</p> <p><i>O grupo veste figurino que representa a luta por um Brasil livre, justo e feliz. Um grande estandarte, em vermelho como o</i></p>	<p>Tradicional Ala Sambart - Comunidade da Portela</p>	<p>Jeronymo Patrocínio</p>

<p>21</p>	<p><b>Ala 19 – O POVO DO BRASIL LIVRE</b></p> 	<p><i>sangue das insurreições, traz uma releitura de emblema para essa nova concepção de país, e um escudo verde, ouro e negro. O punho cerrado está presente no escudo e no adereço de mão, uma flâmula. Nas costas, lanças que representam a luta dos negros em seus movimentos por justiça, são afirmadas com fitas.</i></p>	<p>Tradicional Ala Sambart - Comunidade da Portela</p>	<p>Jeronymo Patrocínio</p>
	<p><b>Negra é a Pele da Liberdade</b></p> 	<p>A destaque traz o simbolismo do sonho de Kehinde nas lutas que travou pelo Brasil. Liberdade é o que buscou para o seu povo, liberdade é o que significa o mínimo de dignidade, liberdade é o legado da incessante busca dos que nasceram com esta cor. Só poderia ser uma mulher negra a carregar a simbologia do que seria, para mim, o maior legado do reinado de minha mãe. Saravá a Liberdade, Saravá Kehinde!</p>	<p>Destaque de chão</p>	<p>Sheron Menezes</p>

22	<p style="text-align: center;"><b>Ala 20 – AGUDÁS, O RETORNO</b></p> 	<p>Quase todos os dias, minha mãe visitava o cais e se sentava em alguma amurada olhando o mar. Assistia o movimento dos barcos e das pessoas que chegavam, esperando encontrar-me entre elas. E foram tais pensamentos que a levaram aos sonhos do reencontro. Quando dormia, era como se já estivesse chegado com o navio no porto de Uidá, onde haveria uma grande festa esperando por ela, com quase todas as pessoas que ela conhecia, até mesmo as que nunca tinham estado lá. Era o conforto do seu lugar, que servia para estancar a falta de seu filho.</p> <p>E foi ali que minha mãe teve ainda mais certeza da partida em minha busca, imaginando que a minha volta como escravo de um senhor para a África era uma possibilidade. Por isso retornou, procurando encontrar um caminho, uma solução, um conforto ou um colo na busca por este teu filho. Agudás era como chamavam estes africanos que retornavam ao continente mãe, levando na bagagem novos sonhos e muitas saudades.</p> <p style="text-align: center;">-</p> <p><i>A fantasia do grupo representa a maré dos retornantes agudás. Na cabeça, uma máscara em madeira, e o uso de estampas com inspiração africana de raízes e correntes marítimas reconstroem o movimento das ondas dos negros que voltam ao continente-mãe.</i></p>	Tradicional Ala Amor e Paz	Mariana Tavares
----	--	--	-------------------------------	--------------------

	<p><b>Ala 21 – TOCAR AS RAÍZES</b></p> 	<p>Minha mãe retornou a África e só retornaria ao Brasil apenas uma vez. Foi acolhida por sua terra, tocou suas raízes e, mesmo após ler sua carta, eu nunca soube quando e nem onde se encantou. Hoje, busco tocar minhas raízes refazendo seus caminhos e entendendo o tamanho de seus feitos.</p> <p>Continuo sonhando com nosso abraço, nosso reencontro, sua benção. Minha mãe, Kehinde, é uma raiz que sustenta uma árvore imensa, tão grande que pode tocar o céu, e todos podem vê-la e tomá-la como exemplo. Este é o meu sentimento e a minha busca no reconhecimento de sua trajetória.</p> <p>Este enredo me traz a tranquilidade de que a árvore desta raiz seguirá dando lindos galhos e cipós, ou para alcançá-la, ou para mostrar-lhes o caminho da terra.</p> <p>-</p> <p><i>O figurino representa o reencontro de Kehinde com suas raízes ancestrais em território africano. Entender que sua luta e seu corpo são sementes, e, que delas, crescem raízes e florescem um tronco forte para o seu povo. A fantasia é toda composta com estampas que representam raízes e galhos especialmente desenhadas para o desfile da Portela. Do rosto de Kehinde, nascem tranças, raízes e um grande baobá em suas costas, simbolizando a força de sua história, que enraíza novas sementes e também alcança o céu.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Harmonia da Portela</p>
--	--	---	------------------------------	----------------------------

	<p><b>Ala 22 – O LEGADO – A CARTA</b></p> 	<p>Kehinde deixa um legado importante para o Brasil. São 952 páginas de uma carta em que relata não apenas a sua trajetória, mas refaz os caminhos de um Brasil Escravizado, evidenciando os agentes transformadores de nossa época. Com riqueza de detalhes, minha mãe me escreveu o que tomei de base para aprender mais sobre nossos ancestrais e, assim, tornar-me um grande homem, como alguns me reconhecem. Ser o filho de Kehinde, o filho de Luisa Mahin, e entender a visão e o lugar de uma mulher negra.</p> <p>Quando digo que a maior vitória de minha mãe foi sobreviver em um tempo tão violento, digo também que seu maior legado é a possibilidade de contar sua história e eternizá-la nas páginas desta carta.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia da tradicional ala de Tia Surica carrega as páginas da memória. Toda composta com passagens importantes do livro Um Defeito de Cor, representa a ideia de que somos construídos das páginas que nossos ancestrais escrevem. Somos formados pelos registros e pela luta dos que se movem por nós. Na cabeça, um turbante também é estampado com passagens do livro, e nas mãos, uma caneta de pena representa a própria história que continua sendo escrita em uma eterna ideia de continuidade e Afeto.</i></p>	<p>Tradicional Ala Feijão da Vicentina</p>	<p>Tia Surica</p>
--	---	--	--	-------------------

	<p><b>Ala 23 – REENCONTROS</b></p> 	<p>Sou um exemplo do legado de força e coragem de Kehinde. Não apenas como abolicionista, jurista e advogado, eu, Luiz Gama, fui responsável por libertar mais de 500 pessoas, além de promover o encontro de mais de 400 casos de mães e filhos.</p> <p>Pude ver novamente mulheres carregando suas crias, além de ver a felicidade do Afeto em outros olhares, como sempre quis fazer em minha vida: novamente abraçá-la e ter a sua benção. Tudo que fiz ainda foi pouco, buscarei fazer ainda mais; porém, queria muito dizer a Kehinde: Teu Filho Venceu, Mulher. Eu sobrevivi e vivi para proteger ainda mais vidas.</p> <p>-</p> <p><i>A fantasia da ala apresenta estamparia com os anúncios de Luiz Gama para promover os reencontros de mães e filhos. A silhueta de uma matriarca africana traz um rosto de criança, inspiração em máscara daomeana, abraçado em seu colo. Na cabeça coroada, uma mãe negra e seu filho.</i></p>	<p>Tradicional Ala Sambola</p>	<p>Fernanda Bilbao</p>
--	--	---	--------------------------------	------------------------

	<p><b>Ala 24 - UM DEFEITO DE COR</b></p> 	<p>Esta carta-enredo se manifesta na luta pelos afetos perdidos de mães e filhos que ainda são negligenciados. Negras ausências, colos vazios e destinos que ainda navegam por incertezas. Que possam navegar pelas marés que nunca baixam graças ao movimento de outras mulheres que reverberam as correntezas que as levam em frente, em busca de seus reencontros, ou seja, que possam seguir em busca de justiça em um movimento que nunca cesse ou seque, movimento este que é sustentado pela força de tantas mulheres que se mantêm firmes diante da injustiça deste país que ainda é o Brasil Escravizado de outrora. Que possam reencontrar a paz no abraço quente do destino que tanto procuram.</p> <p>-</p> <p><i>O encerramento do desfile da Portela é um grande mar de mulheres pretas em uma ode à justiça e à honra do legado matriarcal negro brasileiro. Uma fantasia em camadas com estamparia autoral que apresenta rostos das grandes matriarcas que fizeram a história da Portela e que hoje abraçam a saga de Kehinde em seu manto azul. Nas mãos, um grande estandarte homenageia mulheres que foram violentadas pelo descaso social com a perda de seus filhos. Uma Portela é um Brasil feito de Kehindes, mães pretas que escrevem todos os dias novas páginas por um país onde a cor não seja lida como um defeito.</i></p>	<p>Comunidade da Portela</p>	<p>Harmonia da Portela</p>
--	--	---	------------------------------	----------------------------

	<p><b>Raízes que não se Soltam &amp; Os Ventos do Reencontro</b></p> 	<p>À frente da alegoria 05 da Portela, haverá a representação das profundas raízes que mãe e filho criam. Estes laços são eternos, tão profundos e sólidos que, mesmo distantes, são formados por existências que não se soltam, nem enfraquecem. A ancestralidade é a fonte de todo o conforto e o acalento dos corações de quem busca os seus reencontros.</p> <p>Ao seu lado, estará representado o simbolismo do reencontro entre mães e filhos. No desfile da Portela, são essas as asas de borboletas que levam os barcos que carregam as mulheres rumo ao porto onde esses reencontros são possíveis.</p>	<p>Destaques de Chão</p>	<p>Amanda Oliveira &amp; Victória Campos</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Júnior Schall, Marcio Emerson e Valter	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> João Vitor Ferreira Neto (Muqueca)	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b>
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Luiz Claudio, Ana Paula, Mauro, Anderson, Fábio, Adriana e Ricardo	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Washington
<b>Outros Profissionais e Respektivas Funções</b>	
Placas de Vacuum	Carlos e Badu
Esculturas Isopor	Simone Rios
Almoxarifado	Bruno Martins
Serviços Gerais	Renato Celso (Mineiro); João Victor; Dionísio Moraes; Rosemayre Ciraso e José Antonio Marcos.
Pintura	Gilmar e Rafael Vieira
Espuma	Alex Sandro
Compras	Marcus Vinícius e Felipe Lopes
Secretaria	Rosana Rosa e Ronaldo Maestrello
Financeiro	Felipe Lopes
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Autor(es) do Samba-Enredo** Rafael Gigante, Vinicius Ferreira, Wanderley Monteiro, Bira, Jefferson Oliveira, Hélio Porto & André do Posto 7  
**Presidente da Ala dos Compositores**  
 Serginho Procópio e Camarão Neto

<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
100	Noca da Portela (90 anos)	Rafael Faustino (27 anos)

**Outras informações julgadas necessárias**

Samba-Enredo 2024 - Um Defeito de Cor

O samba genuinamente preto  
 Fina flor, jardim do gueto  
 Que exala o nosso afeto  
 Me embala, oh! Mãe, no colo da saudade  
 Pra fazer da identidade nosso livro aberto  
 Omotunde, vim do ventre do amor  
 Omotunde, pois assim me batizou  
 Alma de Jeje e a justiça de Xangô  
 O teu exemplo me faz vencedor  
 Sagrado feminino ensinamento  
 Feito água, corta o tempo  
 Te encontro ao ver o mar  
 Inspiração a flor da pele preta  
 Tua voz, tinta e caneta  
 No azul que reina Iemanjá

**Salve a Lua de Benin, viva o povo de Benguela**  
**Essa luz que brilha em mim e habita a Portela**  
**Tal a história de Mahin, liberdade se rebela**  
**Nasci quilombo e cresci favela!**

Orayeye Oxum, Kalunga!  
 É mão que acolhe outra mão, macumba!  
 Teu rosto vestindo o adê  
 No meu alguidar tem dendê  
 O sangue que corre na veia é Malê!  
 Em cada prece, em cada sonho, nêga  
 Eu te sinto, nêga  
 Seja onde for  
 Em cada canto, em cada sonho, nêgo  
 Eu te cuido, nêgo cá de onde estou

**Saravá Kehinde! Teu nome vive!**  
**Teu povo é livre! Teu filho venceu, mulher!**  
**Em cada um nós, derrame seu axé!**

## **JUSTIFICATIVA DA LETRA DO SAMBA-ENREDO**

Organizada por Virgílio Magalde de Azevedo e o Grupo de Compositores.

É pertinente iniciar o tema com a tese de Lélia Gonzalez sobre a neurose cultural brasileira, onde ela defende que a verdadeira mãe, ao longo da história do Brasil, foi a mulher preta na figura de mucamba, babá, empregada e cuidadora. Segundo Lélia, vivemos em uma sociedade forjada pelo afeto de mães pretas e o racismo é devido também a uma negação a esse fato (a famosa neurose). Ela diz em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*: "*Ela (a mulher preta), simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: que é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe prá dormir, que acorda de noite prá cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. Enquanto mucama, é a mulher; então "bá", é a mãe. A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve prá parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a "mãe preta" é a mãe.*"

Logo, somos todos filhos, quer reconhecamos ou não, de mães pretas, de incontáveis Kehindes. Somos todos frutos de afeto de Oxum, Iemanjá, Nanã, Iansã, Dúrójaiy, Dúrórilke, Tanisha, Luísa, Aja, Jamila, Nega, Florinda, Agontimé, Felicidade, Verenciana, Aréola, Esmeralda, Adeola, Esméria, Liberata, Antônia, Firmina, Claudina, Benta, Monifa, Assunta, Luiza, Balbiana, Tonha, Isabel, Adenike, Amélia, Cristina, Maria Das Graças, Nilaja, Aina, Geninha, Conceição e tantas outras.

A cura desse trauma colonizador envolve olhar o passado com o conhecimento que temos hoje e curá-lo. Foi assim que Exu matou um pássaro e é assim que combatemos o racismo. Nessa perspectiva, somos todos Luiz Gama ao encontro de nossas mães pretas que o empreendimento colonial e racial separou. O samba-enredo que se inicia abaixo é a nossa tentativa de reencontro.

Atenção! Esse não é apenas um enredo para 2024. É uma alavanca para fazer girar a roda do mundo e desafiar quem está no centro. Um amuleto espiritual em favor dos excluídos e esquecidos. Um Contra-Egun para afastar o fantasma da democracia racial. Um ebó para descolonizar o corpo, o imaginário e a alma. Um patuá contra a injustiça da história única. Uma reza para proteger os diversos. Uma mandinga para fazer brotar afetividades. Saravá!

## **O SAMBA GENUINAMENTE PRETO**

O samba como estilo musical foi criado a partir de ritos e instrumentos artísticos e religiosos africanos e afro-brasileiros. Esse samba como cultura nasceu de um povo preto e, a partir dele, originou-se uma nova forma de viver na diáspora, o Brasil. Olhando como metáfora, ele também é Luiz Gama, um filho preto de uma mãe preta. A vibração, o som e a música de Kehinde.

## **FINA FLOR, JARDIM DO GUETO**

A figura da flor em várias culturas simboliza o feminino, a criação e o nascimento. A fina flor no nosso contexto é algo belo que surgiu mesmo diante de tanta injustiça, de uma vida de escravidão, de violência colonial, do gueto onde um povo foi jogado. O samba e a história de Kehinde são tecnologias ancestrais para instigar a viver, apesar de tanta tentativa colonial de silenciar e matar um povo.

### **QUE EXALA O NOSSO AFETO**

Dessa flor emana um perfume que nos orienta, nos cobre, nos une, alimenta e dá carinho. Essa é uma história de afeto, de mãe e filho. Essa é a nossa história e através dela nos reunimos e inventamos os nossos sambas. O samba é o meio que provê o nosso encontro, é a nossa declaração de amor, nosso afeto.

### **ME EMBALA, OH! MÃE, NO COLO DA SAUDADE**

O filho aqui, Luiz (Omotunde), pede colo, que o acalenta, o conforto e encanto. Ele, que sente falta da mãe. Deve-se lembrar que Omotunde foi separado de sua mãe ainda criança. Kehinde teve que fugir após a Revolta dos Malês e seguir sua missão. Depois, seu filho foi vendido pelo pai.

### **PRA FAZER DA IDENTIDADE NOSSO LIVRO ABERTO**

É como se Luiz Gama falasse: *Para mostrar a todos quem eu sou, quem nós somos. Eu sou porque você foi. Através do livro, dessa história, mostra mãe, quem nós somos.*

Podemos lembrar também que muitos questionam a identidade de mãe e filho, se Luísa Mahin seria mesmo mãe de Luiz Gama: *faz mãe, da identidade, do seu nome e história de vida, nosso livro aberto!*

### **OMOTUNDE, VIM DO VENTRE DO AMOR**

Luiz diz: *Sou Omotunde.*

Esse é um nome africano que significa "a criança voltou". Aquele nascido do amor de mãe.

### **OMOTUNDE, POIS ASSIM ME BATIZOU**

Seu nome e seu batismo foram formas de salvá-lo. Uma criança recebe um nome para estar protegida e ter caminhos abertos no futuro.

Uma passagem do livro diz que:

*"O Babalaô Gumfidity disse que os nomes tinham sido muito bem escolhidos e me contou que as crianças nascidas depois da morte de um irmão são o tipo mais perigoso de abiku, o mais temido, porque são crianças substitutas, aquelas que vêm para tomar o lugar dos que tinham morrido. Isso faz com que tenham uma forte ligação com o morto, precisando ser muito mais vigiadas..." (Um defeito de cor)*

### **ALMA DE JEJE E A JUSTICA DE XANGÔ**

Alma como algo que foi negado e na letra é reafirmado. Kehinde era de Daomé, era Jeje, do tambor de jeje, um povo que habitava Togo, Bana e Benin (Daomé). Alma que carrega também a justiça de Xangô. Duas crenças em um corpo que busca liberdade.

### **O TEU EXEMPLO ME FAZ VENCEDOR**

A história de Um defeito de cor é para Omotunde, Luiz Gama. Esse livro é para ele reconheça a sua história. Durante toda a leitura, não é pela fala, mas pelos exemplos que aprendemos. Sempre aprendemos ao vermos o que o outro faz. Podemos imaginar a Kehinde como nossa mãe, nos ensinando a cada momento através de seus acertos e erros.

### **SAGRADO FEMININO ENSINAMENTO**

A história do livro é baseada na luta de uma mulher, que também apoia e traz outras mulheres consigo. Luiz está dizendo: esse ensinamento que vem da mulher é, para mim, sagrado.

### **FEITO ÁGUIA, CORTA O TEMPO**

A águia voa e corta o vento, as nuvens e pode ir em todas as direções. Águia esta que era o vodum preferido da avó de Kehinde. Também o ensinamento de Kehinde viaja planos, dimensões e temporalidades.

Um fato curioso é que a águia renasce após os 40 anos, quebrando e arrancando o bico na rocha para outro nascer e, depois, conseguir retirar suas guarras velhas para novas renascem.

Corta a linearidade do tempo, não tem mais fim, é "início, meio e início" (Nêgo Bispo). O tempo se torna espiralar (Leda Maria Martins) ou Exusíaco: "Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje".

### **TE ENCONTRO AO VER O MAR**

O mar que os separa é o que também os une: Brasil-África, terra-navio, vida-morte... O mar está sempre presente no livro: Atlântico, Ilha dos Frades, Salvador, Itaparica, Rio de Janeiro, Santos, Maranhão... Em muitas filosofias e religiões, o mar e suas qualidades são as representações do sagrado, de Deus. Luiz aqui está dizendo: *Te encontro, mãe, ao ver aquilo que não tem fim.*

### **INSPIRAÇÃO A FLOR DA PELE PRETA**

Sua história inspira, é a Rosa Negra de Omotunde, é a flor da África. É o amor, afeto, beleza, a perfeição da cor preta, do Orixá preto, da divindade preta, do filho preto.

### **TUA VOZ, TINTA E CANETA**

Kehinde deixou sua voz e pensamentos por meio de um manuscrito, um livro, a tinta e caneta. Já Luiz Gama, com tinta e caneta, libertou mais de 500 escravizados e desafiou o mundo.

### **NO AZUL QUE REINA YEMANJA**

É o azul da caneta, o azul do mar de Iemanjá, o azul da Portela, o azul que vem do infinito... é no azul que Omotunde e Kehinde se encontram, é no mar e também na Portela.

O primeiro capítulo do livro traz a comparação entre o pano de Iemanjá e o mar: *"Eu achei que o mar era da cor do pano de Iemanjá que a minha avó tinha em Savalu, só que mais brilhante e mais macio. Tocado pelo vento, o mar ia de um lado para outro, fingia que ia e voltava. (...) Quando voltamos para casa, a minha avó estava brava, mas a Titilayo sorriu e disse que era bom para uma pessoa ser apresentada ao mar o quanto antes, pois era uma visita à morada de Iemanjá."*

### **SALVE A LUA DE BENIN**

A lua sempre acompanhou a imaginação e os sonhos dos humanos. Na lua habitam os imortais, os heróis, os antepassados e tudo mais que influencia as nossas ações. Só lembrar que na lua podemos ver a figura do herói São Jorge!

Luiz exalta: *Viva o nosso panteão de deidades, nossos orixás, os ancestrais de nossa família de Daomé (Benin)!*

### **VIVA O POVO DE BENGUELA**

Luiz exalta: *Viva o povo africano que nos moldou, formou e nos deu o samba.* A Nação Benguela aqui representando todo esse legado e história. Foi um importante grupo "étnico" para a formação da sociedade brasileira. Sabe-se que os Angolas foram um dos maiores grupos que embarcaram, em forma de sequestro e prisão, no porto Benguela para o Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro.

Em um trecho de Escravidão, Volume I, de Laurentino Gomes:

*"Situada pouco mais ao sul, Benguela funcionou como um dos grandes centros do tráfico por mais de duzentos anos, embora fosse uma cidade pequena, com uma população entre 1,5 mil e 3 mil habitantes. "Entra uma nau de Angola e desova, no mesmo dia, quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos", surpreendia-se no século XVII o padre Antônio Vieira ao observar a intensa movimentação de navios negreiros no cais da cidade de Salvador. Ali, segundo ele, era possível testemunhar a "transmigração imensa de gentes de nações etíopes"*

*(...) Na África, o maior porto de embarque foi Luanda, hoje capital de Angola, de onde saíram 2,8 milhões de cativos. O segundo foi Ajudá, na atual República do Benim, com 1 milhão. O terceiro foi Benguela, com 764 mil. Angola, sozinha, embarcou 5,7 milhões de cativos para o Novo Mundo."*

### **ESSA LUZ QUE BRILHA EM MIM**

Podemos pensar na estrela e seu símbolo de esperança e de espírito. Esse legado africano que guia Luiz da ilusão colonial e da terrível escravidão, direcionando, apesar de tudo, à sua missão.

### **E HABITA A PORTELA**

Essa luz, essa ancestralidade, tem seu lugar natural na Portela. Uma escola preta, escola de Paulo, Caetano, Rufino, Heitor dos Prazeres e muitos outros... em um território preto, Madureira, diáspora da pequena África. Um samba preto, uma dança preta, um canto preto, um batuque preto.

### **TAL A HISTÓRIA DE MAHIN**

Assim como a vida de Kehinde: neta, filha, irmã, mãe e avó. Símbolo da emancipação de mulheres e de heroísmo.

### **LIBERDADE SE REBELA**

O direito de fazer escolhas e agir conforme a própria vontade é conquistado em quilombos, conjurações, revoltas e ações de rebeldia. A liberdade se tornou luta.

### **NASCI QUILOMBO E CRESCI FAVELA!**

Quilombo vem do *bantu* e significa uma sociedade de jovens guerreiros, comunidades formadas por resistência social e cultural. Já favela é o nome de uma planta que nasce no morro, faz também relação com a Bahia e Canudos. É também um símbolo de resistência em um solo precário, rochoso, difícil... O samba mostra aqui a continuação da luta, da resistência e a origem das favelas que vemos por aqui no Rio de Janeiro. Nos chama atenção para as questões sociais atuais.

### **ORAYEYE OXUM, KALUNGA!**

Uma homenagem e um chamado a Oxum, uma das protagonistas (a grande protagonista-entidade dessa história). Devido à estátua de Oxum, que continha ouro dentro, que Kehindé compra a sua liberdade, a de seus amigos, sobrevivendo por um bom tempo. Pela mitologia dos Orixás, a história de vida de kehinde está enredada na de Oxum, uma está implicada na outra. Em terra, Kehinde vive as representações do mito de Oxum, assim como qualidades e desafios.

Kalunga, em *bantu*, quer dizer um local sagrado, a ligação da terra com o céu, Orum. É também representado como o mar, o grandioso, a imensidão. É pela Oxum que Kehinde se relaciona com o sagrado, com a imensidão. Oxum é o seu elo a todo um panteão africano. O rio faz isso, liga o alto com o baixo, as nuvens até o subsolo, a montanha com a planície ou o vale dos oceanos.

### **É MÃO QUE ACOLHE OUTRA MÃO, MACUMBA!**

Essa espiritualidade é que socorre, acolhe, ampara e cuida. É por ela que também podemos fazer o bem, mutualmente. Poderíamos ser a mão que bate, entretanto, por sermos tocados pelo afeto de Oxum é que reproduzimos seu amor uns com os outros. A mão é companheirismo, união, respeito, confiança que tanto aprendemos com estas mulheres nessa linda história... somos levados pela mão, feito criança, pela espiritualidade. É pelas mãos que damos força e vida ao poder superior. É pelas mãos que tocamos e criamos, pelas mãos que nos protegem e dão VIDA.

A macumba, em *bantu*, pode ser instrumento musical, um nome genérico para rituais de religiões afro-brasileiras ou feitiçaria e magia.

Interessa pensar aqui na magia, no encantamento. É por entender que algo me acolhe é que vejo esse mundo como encantado. É por me entender fruto do milagre que vejo o que está em minha volta como milagre. Podemos também pensar nas religiões ou filosofias afro-brasileiras. É pelo acolhimento que chegamos a elas e é um dos grandes motivos de continuarmos. São pelas mães de santo, iabás e matriarcas que recebemos alimentos em forma de afeto, comida, histórias, roupas e curas.

### **TEU ROSTO VESTINDO O ADÊ**

Adê em ioruba significa coroa. A coroa é o símbolo de reconhecimento de nobres, santos e deuses. Fica na cabeça por ser a nossa ligação com o supremo. São as virtudes mais elevadas que podemos ter. Representa também a vitória e a imortalidade (ou não esquecimento). Kehinde aqui é consagrada e elevada.

### **NO MEU ALGUIDAR TEM DENDÊ**

Alguidar é um vaso de barro e no candomblé está ligado às funções sagradas. Dendê é mais que um óleo de palma, é um instrumento ancestral.

Exu é aquele abre os caminhos. É também o orixá da fertilidade, é dele o dendê. Na mitologia dos orixás, o óleo representa a seiva da reprodução, metáfora do sexo, a força vital. O dendê tem em si características de outros orixás: o fogo de Xangô, o amarelo de Oxum, o dourado de Omolu.

Luiz diz: *a minha vida tem a sua força vital, minha mãe. Eu ofereço o melhor que tenho. Minha vida - minhas palavras e atitudes, suor e sangue - serão aqui seu alimento. Eu sou grato por tudo!*

### **O SANGUE QUE CORRE NA VEIA É MALÊ!**

Faz referência aos malês, africanos de religião muçulmana. A revolta dos malês, que Kehinde participou ativamente, foi a maior revolta de escravizados e ex-escravizados do Brasil. Há uma ligação e certa alusão à revolta, inteligência e força de um povo que resistiu a todo momento.

### **EM CADA PRECE, EM CADA SONHO, NÊGA**

#### **EU TE SINTO, NÊGA, SEJA ONDE FOR**

Esse é um momento de afeto e carinho entre um filho e sua mãe. Há algo fora da razão e da materialidade em que o aparentemente ausente se torna presente em preces, sonhos e em um sexto sentido.

Luiz diz: *Eu te sinto comigo, mãe. Apenas morre quem não é mais lembrado. Você, mãe, está cada vez mais presente. A minha vida é a prova de sua existência. Nós nos fazemos viver um ao outro. É assim que também acontece nas nossas vidas com quem já não está mais aqui.*

**EM CADA CANTO, EM CADA SONHO, NÊGO  
EU TE CUIDO, NÊGO CÁ DE ONDE ESTOU**

A resposta de sua mãe, que continua cuidando, guardando e amando o seu filho de onde está. Enfim, o tão esperado encontro promovido pelo enredo da Portela.

Kehindé diz: *Em qualquer lugar, até nos seus sonhos, eu te guardo. Não há limites, nenhum lugar é longe ou distante para o amor. O amor nunca morre, filho. Você é meu orgulho e esperança!*

**SARAVA KEHINDE! TEU NOME VIVE!  
TEU POVO É LIVRE! TEU FILHO VENCEU, MULHER!  
EM CADA UM DE NÓS, DERRAME SEU AXÉ!**

Luiz exalta: *Salve, minha mãe! Teu nome, que tentaram colonizar e apagar, continua mais vivo do que nunca.* - Lembremos que originalmente é por relatos de Luiz Gama que sabemos de Kehinde, a Luísa Mahin. *Teu povo, o povo preto, teve a sua liberdade. Eu venci porque você lutou! Minha deusa, minha rainha, minha Oxum, dê-nos o que tens de sobra, seu axé: seu amor, energia, vida, vitalidade e todos os mais de mil nomes dessa força, todas as mil páginas dessa história.*

Aqui a importância da palavra “derrame”, se derrama normalmente o que está cheio, o que transborda, o que tem tanto que jamais ficará sem:

*Derrame, oh mãe, a sabedoria de seu livro e vida em nós.*

Em outro olhar, podemos também imaginar esse clamor na Portela:

*Saravá toda a ancestralidade!*

*Dona Ester protetora, águia redentora, Clara que nos guia, tua escola vive!*

*Todas as "Kehindes" (iabás, tias, mães de santo e matriarcas), teu povo é livre!*

*Oh, Oxum, Oh Nossa Senhora da Conceição, teu filho portelense venceu, “mulher”! Em cada um de nós, derrame a vitória Azul e Branco, axé!*

**FICHA TÉCNICA****Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Nilo Sérgio				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Armando Marçal, Jorge André, Mestre Penha, Nilson Simões, Douglas Jorge, Marlon Costa, Daniel Costa, Orelha, Pablo Cruz, Demétrius, Paulo Richard, Raul Cyrillo, Luiz Alves, Sidley Fernandes				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 292 (duzentos e noventa e dois) componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 11	<b>2ª Marcação</b> 11	<b>3ª Marcação</b> 16	<b>Conga</b> 12	<b>Xequerê</b> 01
<b>Caixa</b> 90	<b>Tarol</b> X	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> X	<b>Repinique</b> 38
<b>Prato</b> X	<b>Agogô</b> 28	<b>Cuica</b> 25	<b>Pandeiro</b> X	<b>Chocalho</b> 24
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
Bossa do primeiro refrão iniciando no final da palavra "Livro Aberto" e início da palavra "Omoduntê"				
Congas: Agabi de mão ou tedô, toques ligados culto a Xangô.				
Caixas: Fazendo Alujá de Xangô, toque também em homenagem ao orixá.				
Demais instrumentos: Sustentação da bossa sem ferir melodia do samba e sem interferir na cadência do mesmo				
Agogô: Toque do Agabi				
Marcação: Primeira e segunda marcando o rum sustentando os toques das congas e das caixas;				
Bossa iniciando na segunda parte do refrão do meio				
Congas: Louvando a Oxum, dona das águas doces, na levada do Ijexá;				
Marcações: Na caída da segunda, conversação entre as marcações de primeira e segunda, louvando Nossa Sra da Conceição, que no Candomblé é Oxum				
Caixas: Marca a conversação da primeira marcação com a segunda na caída para a segunda parte do samba, louvando Nossa Sra da Conceição, que no Candomblé é Oxum				
Demais instrumentos: Sustentação da bossa sem ferir melodia do samba e sem interferir na cadência do mesmo				
É desta forma que a Tabajara do Samba se apresentará na Sapucaí como segunda escola a desfilar na segunda-feira dia 12/02/24.				

Orayeyê Oxum!!!!

**Mestre de Bateria: Nilo Sérgio**

Herdeiro de Mestre Marçal, Nilo Sérgio é três vezes vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Bateria, em 2010, 2012 e 2013, além de ter ganhado o prêmio de Revelação em sua estreia. Desde o carnaval de 2006 é Mestre de bateria da Portela, sagrando-se campeão em 2017.

**Rainha de Bateria: Bianca Monteiro**

Bianca Monteiro é aluna de Serviço Social e Rainha de Bateria. Nasceu no samba, filha de diretor de harmonia e começou a desfilar aos 14 anos como passista. É dançarina, professora de samba no pé e já foi Princesa oficial do Carnaval 2015/2016. Em 2016 recebeu o convite para assumir o posto de Rainha de Bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, sendo campeã do Carnaval logo no seu primeiro no ano de 2017. Esse é o sexto ano à frente da Bateria Tabajara do Samba.

É a idealizadora e coordenadora do projeto social Oficina de Artes Paulo da Portela, que promove a cultura do carnaval, samba, dança, canto, teatro e artes cênicas para a comunidade de Oswaldo Cruz e Madureira. É um projeto de ensino e promoção da cultura do samba para as comunidades e o público em geral. Esse projeto é realizado na quadra da Portelinha. Está no terceiro ano e tem cerca de 200 alunos. Destes, 90% são mulheres e 80% são negros. Todos os professores são do mundo do samba: passistas, ritmistas, músicos, cantores, historiadores, etc.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

<p><b>Diretor Geral de Harmonia</b> Julinho Fonseca</p>
<p><b>Outros Diretores de Harmonia</b> Alex França, Alexandre, Alexandre Marcelino, Alexsander Campos, Anderson, Andreia, Angela, Antônio Oliveira, Bianca, Camila, Carlão, Carlos Jorge, Charles, Claudio Roberto, Cleide, Diego, Eddie Murphy, Edilasio, Eduardo, Eduardo Freitas, Edvaldo, Elaine, Eugênio, Fabrício, Felipe Medrado, Gilberto, Hallison, Iza, Jaime, Joana, Juci Flor, Julio Cesar, Jussara, Kleber, Leandro Paqueta, Leo, Luan Felipe, Lucas Ceda, Lucas Hélio, Luciane, Macário, Marcelo Araújo, Marcia, Marvio, Nalva, Nardo, Nilson, Olenir, Osier, Osnir, Patrick, Paty Brasil, Paula Nogueira, Paulinho, Rachel, Raphael Machado, Regina Celi, Rosangela, Rufino, Selma, Sidney, Thiago Pantoja, Tio Edison, Vitor Andrade, Vitor Antônio, Vitor Leite, Washington, Wendel, Willian, Wilmar</p>
<p><b>Total de Componentes da Direção de Harmonia</b> 70</p>
<p><b>Puxador(es) do Samba-Enredo</b> Gilsinho (Intérprete oficial), Niu, Rodrigo Tinoco, Edinho, Rafael Faustino, Felipe Tinoco e Clebinho.</p>
<p><b>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo</b> Leandro Lima (cavaco), Gabriel (cavaco), Igor Souza (violão) e Felipe Sorriso (violão)</p>
<p><b>Outras informações julgadas necessárias</b> Gilsinho: Filho de Jorge do Violão, músico da Velha Guarda da Portela, Gilsinho começou sua carreira em São Paulo, passando por escolas como Vai-Vai, Barroca da Zona Sul e Vila Maria. No Carnaval carioca, estreou na Portela em 2006, permanecendo como primeiro intérprete de nossa agremiação até 2013. Após breve passagem pela Unidos de Vila Isabel, retornou para a Portela no Carnaval de 2016, contribuindo para a conquista do título portelense de 2017. Ganhou o prêmio Estandarte de ouro de melhor intérprete nos anos de 2012 e 2022.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Junior Schall e Julinho Fonseca

**Outros Diretores de Evolução**

Alex França, Alexandre, Alexandre Marcelino, Alexsander Campos, Anderson, Andreia, Angela, Antônio Oliveira, Bianca, Camila, Carlão, Carlos Jorge, Charles, Claudio Roberto, Cleide, Diego, Eddie Murphy, Edilasio, Eduardo, Eduardo Freitas, Edvaldo, Elaine, Eugênio, Fabrício, Felipe Medrado, Gilberto, Hallison, Iza, Jaime, Joana, Juci Flor, Julio Cesar, Jussara, Kleber, Leandro Paqueta, Leo, Luan Felipe, Lucas Ceda, Lucas Hélio, Luciane, Macário, Marcelo Araújo, Marcia, Marvio, Nalva, Nardo, Nilson, Olenir, Osier, Osnir, Patrick, Paty Brasil, Paula Nogueira, Paulinho, Rachel, Raphael Machado, Regina Celi, Rosangela, Rufino, Selma, Sidney, Thiago Pantoja, Tio Edison, Vitor Andrade, Vitor Antônio, Vitor Leite, Washington, Wendel, Willian, Wilmar

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

70

**Principais Passistas Femininos**

THAMIRES MATTOS  
INGRID BLACK  
DIRLENE COSTA  
CAROLINE XAVIER

**Principais Passistas Masculinos**

FLÁVIO LOPES  
ARTHUR SANTOS  
LUCAS MATTOS

**Outras informações julgadas necessárias**

**FICHA TÉCNICA****Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Júnior Escafura		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Junior Schall, Claudinho Portela e Higor Machado		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> 0	<b>Quantidade de Meninas</b> 0	<b>Quantidade de Meninos</b> 0
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Jane Carla		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 70	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Dulcineia, 87	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Livia Cardoso, 38
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Aymoré Azevedo		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 100	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Mirinho, 93	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Márcia Marinho, 57
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Tia Surica, Ana Maria Goncalves, Thereza Cristina, Maria Rita, Lázaro. Ramos, Thais Araujo, Silvio de Almeida, Antônio Pitanga, Maju, Flávia Oliveira, Adriana Lessa, Cafu, Amaury Lorenzo, Ícaro Silva, Sheron Menezes, Adriane Galisteu e Thalita Rebouças.		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Léo Senna e Kelly Siqueira		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Léo Senna e Kelly Siqueira		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15	<b>Componentes Femininos</b> 14	<b>Componentes Masculinos</b> 1
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <b>O que Representa: Sagrado Feminino Ensino</b>  <i>Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saibas pelo menos de onde vens.”</i> <i>(Provérbio Africano)</i>  O Afeto, o respeito à Ancestralidade, o sagrado feminino são importantes pilares da GRES Portela. E sob suas asas, numa licença poética, a Comissão de frente vem com a missão de realizar o maior sonho do narrador: contar a história de sua mãe e promover (quem sabe?) o tão esperado reencontro.  Nessa trajetória, marcada por sua busca incansável, Kehinde tem como guia e suporte o poder que gera a união das mulheres, o Afeto e a confiança na ancestralidade feminina; assim é como encenamos os passos de Kehinde em busca do abraço de seu filho Omotunde, o Luiz Gama.  Uma mãe que insistiu em não desistir de seu filho a partir de tantas outras que não se desamparam, mesmo diante da imensa dor da ausência, eis o grande legado, o grande ensinamento.  <i>"Honrar quem veio antes é o que faço. Eu sou porque tu fostes, minha mãe."</i>  O elemento alegórico é inspirado numa escultura africana chamada "O Círculo da Vida", e contém grandes imagens de mulheres de braços dados, em um círculo, onde juntas formam um templo que guarda saberes ancestrais como o poder da criação, configurando através de suas tranças e raízes o fluido de poderes da natureza feminina que cria, conecta e transmite em sucessão infinita, como seres cíclicos que são.  <i>"Luisa, minha mãe: seu corpo é o meu corpo, sua luta é minha luta, seu sangue é meu sangue, seu verbo é o meu verbo, sua voz é a minha, sua pele é a minha, seu coração é o meu, seu amanhã é meu amanhã, seu chão é o meu chão."</i>  Dentro desse grande abraço, trazemos nossas bailarinas vestidas das essências e raízes, simbolizando as conexões ancestrais e atemporais que acontecem neste enredo. No corpo e no gesto de cada mulher desta comissão de frente, está a rede de apoio que transcende a dor e transforma cada obstáculo em caminho, deixando um rastro de liberdade, justiça e amor.		

*“Uma chama não perde nada ao acender outra chama.”*  
(provérbio africano)

**Personagens:**

Kehinde: Personagem principal, mulher, mãe, que chegou ao Brasil como muitas outras que chegaram de África, escravizada.

Apesar das dificuldades, nunca desistiu nem abandonou seus ideais de liberdade e justiça.

Grande Mãe: Uma figura feminina representando a ancestralidade. Vem a frente do carro fazendo a "guiança". É a personificação do sagrado feminino matriarcal, transmitindo a herança espiritual das mulheres, suas intuições, pertencimentos, poderes, acolhimentos e afetos; indispensáveis para que o encontro aconteça.

Omotunde/Luis Gama: filho de Kehinde, o grande objetivo final da busca de sua mãe, a personagem central desta narrativa

**Personagens:**

Kehindé: Personagem principal, mulher, mãe, que chegou ao Brasil como muitas outras que chegaram da África. Escravizada.

Apesar das dificuldades, nunca desistiu nem abandonou seus ideais de liberdade e justiça.

Grande Mãe: Uma figura feminina representando a ancestralidade. Vem a frente do carro fazendo a "guiança". É a personificação do sagrado feminino matriarcal, transmitindo a herança espiritual das mulheres, suas intuições, pertencimentos, poderes, acolhimentos e afetos; indispensáveis para que o encontro aconteça.

Omotunde/Luis Gama: filho de Kehindé, o grande objetivo final da busca de sua mãe, a personagem central desta narrativa.

Ficha técnica:

Assistentes:

Flavio Arco-Verde

Zeca Pita

Thiago Caetano

Kallanda Caetana

Direção de arte: Bia Junqueira

Efeitos especiais:

Alexandre Arrabal

Figurinos: Cris Rose

Projeto Alegórico e efeitos: Ageu La Noah

**Kelly Siqueira:** Bailarina, coreógrafa diretora de arte e pesquisadora, Kelly Siqueira, graduada em Educação Física, Artes Cênicas e Ballet Clássico. Com formação corporal que passa por dança do ventre, artes circenses e performance, atua como Integradora Artística em suas criações. Realizou seus estudos, espetáculos e workshops em teatros, instituições artísticas e festivais pelo Brasil e no exterior, principalmente em Dubai onde se apresentou por 5 anos nos grandes eventos do mundo árabe. Atua há mais de 10 anos no Grupo Especial das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, coreografando dezenas de carros alegóricos e a Comissão de Frente da Portela, campeã em 2017. Coreografou a cerimônia da final da Copa do Brasil de 2018, 2020, 2021 e 2022. É coreógrafa e Diretora de movimento de diversos espetáculos teatrais como a Peça Pandora, direção Leona Cavalli, Elogio da Loucura, produzido por Manhas & Manias, direção de Eduardo Figueiredo, (2020), Peça Sexo, Champanhe e Tchau, direção Juliana Betti (2021), Novela Gênese - Record TV direção de Edgard Miranda (2021)

Em 2022, assinou também como figurinista e cenógrafa em grandes montagens em São Paulo como a remontagem de Elogio à Loucura, de Erasmo de Rotterdan e FAUSTO, dirigida por Zé Celso Martinez Corrêa.

Dirigiu seu primeiro curta-metragem “Mulheres da Independência, os Sussurros da Independência”, criou a empresa KL arte e movimento, em sociedade com Leonardo Senna, e voltou à direção da Comissão de Frente da Portela, no Carnaval de 2022, e dando prosseguimento ao trabalho agora em 2023.

**Leo Senna:** Coreógrafo, ator, sócio da KL Arte e Movimento.

Começou a trabalhar no Carnaval em 2001, na Grande Rio, com Joãozinho Trinta.

Desde então seguiu coreografando carros alegóricos na Mangueira, Salgueiro, Imperatriz, União da Ilha e Portela. Há 11 anos inicia uma parceria de criação com Kelly Siqueira.

Em 2016, convidado por Paulo Barros, fez o primeiro trabalho na Portela. Em 2017, assume a Comissão de Frente, ano em que a Escola foi campeã.

Em 2022, retorna a convite de Renato Lage e assume a Comissão de frente, com a Escola ficando em quinto lugar.

Coreógrafo das finais da Copa do Brasil, trabalhando para a CBF fazem 5 anos.

Em Teatro, atuou como ator, bailarino e cantor em grandes produções musicais por 9 anos.

Em Audiovisual, atua em séries como Rio Connection (Globo), Sentença (Amazon), o Mecanismo (Netflix) bem como em produções para TV Globo, SBT e Record.

Integrou a Intrépida Trupe por 10 anos, participando da criação e atuando nas produções dos espetáculos da Companhia.

**FICHA TÉCNICA****Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Marlon Lamar	<b>Idade</b> 29
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Squel Jorgea	<b>Idade</b> 41
<b>2º Mestre-Sala</b> Emanuel Lima	<b>Idade</b> 31
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Thainara Matias	<b>Idade</b> 30
<b>3º Mestre-Sala</b> Vinícius Jesus	<b>Idade</b> 26
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Osanna Batista	<b>Idade</b> 28

**Outras informações julgadas necessárias**

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
 Nome do Figurino: Saudação à Terra  
 Criação do Figurino: André Rodrigues e Antônio Gonzaga  
 Confecção: Ateliê Aquarela Carioca



**\* As imagens são dos croquis  
 originais e servem apenas como  
 referência.**

O que Representa: O primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da mais antiga Escola de Samba representará em seu desfile de 2024 o respeito que temos ao que veio antes, o mais antigo, ao mais velho, aquilo que é ancestral: A Saudação à Terra, através dos Orixás mais antigos que são cultuados na região do Benin.

Ela representará Nanã Buruku, a orixá mais antiga, portadora de sabedoria e mistérios, aquela que viu o mundo nascer e moldou em barro os primeiros homens. Já ele representará o pouco conhecido Sapatá, o Vodun da Terra, Rei da Lama e da Palha.

Ambos São Orixás assentados juntos.

Aqui, eu, como narrador da nossa história, não poderia deixar de saudar antes de tudo a ancestralidade que me permite viver, e que fundamentou a terra de minha mãe, da mãe de sua mãe e daí para trás, até chegarmos ao início de tudo. A terra tem valor essencial para quem é sequestrado dali, tanto pelo simbolismo afetivo quanto pelo significado de pertencimento.

Nós temos sempre que reverenciar e respeitar a terra que nos deu a possibilidade de viver.

Os mais velhos não deixam de ser vigorosos, sendo portadores da elegância na certeza de quem sabe o chão que fundou. Batam cabeça, silêncio e respeito, pois os donos da terra estão dançando.

Guardiões do Primeiro Casal: Frutos da Terra

Da terra, somos a perpetuação. A terra é vida em nosso acreditar no ciclo natural. Por isso, a mãe, o leite, o ventre o filho são o maior simbolismo de continuidade. Enquanto a terra se move e dança seus passos de quem sabe onde pisa, nós bailamos no compasso da vida que ela nos proporciona. Saravá à Vida!

Sobre o casal:

**Marlon Lamar:** Marlon Lamar foi apresentado ao carnaval das Escolas de Samba de São Paulo ainda criança como mestre-sala mirim na Príncipe Negro. Tornou-se primeiro mestre-sala aos 17 anos no Império de Casa Verde no qual foi Campeão do Carnaval Paulista no Grupo Especial em 2016.

Conquistou o Estandarte de Ouro de melhor mestre-sala pelo jornal Diário de São Paulo. Mestre-sala da Portela desde 2018, estreou no Carnaval Carioca em 2017 com passagem pela Unidos do Porto da Pedra. Atualmente, faz 7 anos defendendo o pavilhão oficial da Portela.

**Squel Jorgea:** Squel Jorgea, ainda na infância, "mergulhou" no universo do Carnaval Carioca, ouvindo as histórias e memórias, que giravam em torno do seu avô e dos desfiles antigos. A neta de Xangô da Mangueira, aos nove anos, ingressou no GRES Acadêmicos do Grande Rio, onde foi baianinha, passista, e iniciou o aprendizado sobre a arte da porta-bandeira.

Pela agremiação de Duque de Caxias, Squel desfilou por 19 anos, sendo, onze carnavais como a primeira porta-bandeira, onde conquistou três Tamborins de Ouro. No Carnaval de 2013, fez uma breve passagem pela Mocidade Independente de Padre Miguel. Seu encontro com a estimada escola de seu avô - a Estação Primeira de Mangueira - se dá para o carnaval de 2014.

Na Verde-e-Rosa, a porta-bandeira realizou conquistas importantes para a sua carreira: dois Estandartes de Ouro e dois títulos de campeã do Carnaval. Após nove anos, em 2022, ela encerra o ciclo defendendo o pavilhão da escola da família, quando completou 20 anos exercendo o ofício de porta-bandeira.

No ano de 2023, Squel fez uma pausa para realizar o sonho de ser mãe.

Squel retornará à Avenida Marquês de Sapucaí no carnaval de 2024, através do convite irrecusável da Centenária Portela, onde, ela entra para a história ao ser a primeira porta-bandeira a defender os pavilhões de Mangueira e Portela.

*Coreógrafa e Ensaiadora: Marluce Medeiros*

Marluce Medeiros, artista bailarina e coreógrafa, pós-graduada em preparação corporal nas artes cênicas pela Faculdade Angel Vianna e graduada em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Possui longa carreira como professora de dança, bailarina em diversos especiais de TV, programas, minisséries, filmes, comerciais, musicais e novelas, comissões de frente no Carnaval Carioca.

Atuou como assistente de coreografia em comissão de frente, assim como atuou em diversos musicais como preparadora corporal, entre eles “Bem Sertanejo - O Musical” onde atualmente é a diretora residente. Também é Diretora Assistente do Musical “Vozes Negras”, e, Diretora de Movimento e coreógrafa da peça “Charles Aznavour – Um Romance Inventado”. É a atual Presidente do Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro (SPDRJ).

Coreógrafa da T. Arte companhia de dança, prêmios recebidos nos últimos dois anos.

Fomento às artes - SMC

Retomada Cultural- SECEC

FUNARJ Ondas da Cultura.

Prêmio FUNARJ em Dança 2021

Janelão Cultural 2022 SMC

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome do Figurino: Santos no Altar

Criação do Figurino: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Confecção: Ateliê Alecombe



**\* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência.**

O que representa: O casal representa os santos católicos que nomeavam os africanos que chegavam aos portos como escravizados, santos em madeira que eram glorificados nos altares das igrejas barrocas da colônia escravista.

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome do Figurino: Sonhos de Libertação

Criação do Figurino: André Rodrigues e Antônio Gonzaga

Confecção: Ateliê Alecombe



**\* As imagens são dos croquis  
originais e servem apenas como  
referência.**

O que representa: O casal representa os sonhos do narrador do enredo em coroar sua mãe como Rainha do Brasil, por sua participação em tantas insurreições na luta por liberdade.

# **G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL**



**PRESIDENTE  
LUIZ GUIMARÃES**

**PRESIDENTE DE HONRA  
MARTINHO DA VILA**



*“Gbalá – Viagem ao Templo da Criação”*



**Carnavalesco**  
**PAULO BARROS**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b>					
<i>“Gbalá – Viagem ao Templo da Criação”</i>					
<b>Carnavalesco</b>					
Paulo Barros					
<b>Autor(es) do Enredo</b>					
Paulo Barros					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b>					
Isabel Azevedo, João Vitor Silveira, Paulo Barros, Simone Martins e Vinícius Natal					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b>					
Isabel Azevedo, João Vitor Silveira, Paulo Barros, Simone Martins e Vinícius Natal					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Mitologia dos Orixás	Reginaldo Prandi	Companhia das Letras	2001	Todas
02	Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo	Pierre Verger	Fundação Pierre Verger	2018	Todas
03	Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns	Pierre Verger	Edusp	2000	Todas
04	A Terra Dá, a Terra Quer	Antônio Bispo dos Santos	Ubu Editora	2023	Todas

05	Vence-Demanda: Educação e Descolonização	Luiz Rufino	Mórula Editorial	2021	Todas
06	Pedagogia das Encruzilhadas	Luiz Rufino	Mórula Editorial	2019	Todas
07	O Corpo Encantado das Ruas	Luiz Antonio Simas	Civilização Brasileira	2019	Todas
08	Samba de Enredo: História e Arte	Alberto Mussa e Luiz Antonio Simas	Civilização Brasileira	2010	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
09	As Culturas Negras	Arthur Ramos	Livraria Editora Casa do Estudante	1971	Todas
10	Orí e Memória: o Pensamento de Beatriz Nascimento	Rodrigo Ferreira dos Reis	Sankofa: Revista de História da África e dos Estudos da Diáspora	2020	Todas
11	Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira	Lélia Gonzalez	Revista Ciências Sociais Hoje/Anpocs	1984	Todas
12	A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami	Davi Kopenawa e Bruce Albert	Companhia das Letras	2015	Todas
13	Ideias para Adiar o Fim do Mundo	Ailton Krenak	Companhia das Letras	2019	Todas
14	História Geral da África – Coleção História Geral da África	UNESCO	UNESCO Digital Library e MEC	2010	Todas
15	A Busca da África no Candomblé	Stefania Capone	Pallas	2018	Todas

16	Los Instrumentos de La Musica Afrocubana	Fernando Ortiz	Ministério da Educação de Cuba	1952	Todas
17	Ensinando a Transgredir	bell hooks	Ed. Folha de São Paulo	2021	Todas
18	Outras Naturezas, Outras Culturas	Phillipe Descola	Ed. 34	2016	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
19	A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas	Manuel Quijano	Ed. CLACSO	2005	Todas
20	Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano	Grada Kilomba	Ed. Cobogó	2019	Todas
21	Percepção das Mudanças Climáticas	Déborah Danowski	Ed. 34	2014	Todas
22	The Perception of Environment	Tim Ingold	Taylor & Francis Group	2000	Todas
23	Ecologia: de Indivíduos a Ecossistemas	Michael Begon, Colin R. Townsend e John L. Harpe	Artmed	2007	Todas
24	Biologia Marinha	Renato C. Pereira e Abílio Soares-Gomes (Orgs.)	Editora Interciência	2009	Todas

25	Biologia Vegetal	Peter H. Raven, Ray F. Evert e Susan E. Eichhorn	Guanabara Koogan	2014	Todas
26	Corpo Humano: Órgãos, Sistemas e Funcionamento	Rafael Zorzi e Iriam Starling	SENAC	2010	Todas
27	Guyton & Hall – Tratado de Fisiologia Médica	John E. Hall	Elsevier Health Sciences	2011	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**OUTRAS FONTES CONSULTADAS:**

**Arquivos do Carnaval**

- Para embasamento da defesa do enredo de 2024, também foram consultados documentos sobre o desfile da Unidos de Vila Isabel de 1993, “Gbalá – Viagem ao Templo da Criação”, tais como matérias de jornais e fotografias do acervo do Departamento Cultural da agremiação e o livro Abre-Alas do carnaval de 1993, disponível no Centro de Memória da LIESA, além da realização de entrevistas e conversas informais com componentes do desfile à época.

**Documentário**

- *Lixo Extraordinário* – Vic Muniz. Direção: Lucy Walker. Paris Filmes, 2011.

**Constituição e Leis Federais**

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)

- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, Brasília, DF.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)

- BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, Brasília, DF.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)

- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008, Brasília, DF.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)

**Sites**

- ECO-92 – I Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

<https://www.politize.com.br/eco-92/>

- Carta da Terra (1994)

<https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educac%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentos-referenciais/item/8071-carta-da-terra.html>

- Convenção sobre Diversidade Biológica

[www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/convencao-sobre-diversidade-biologica](http://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/convencao-sobre-diversidade-biologica)

- Amazônia perdeu 10.267 km<sup>2</sup> em 2022, aponta Deter - Greenpeace Brasil

[www.greenpeace.org/brasil/blog/amazonia-perdeu-10-267-km%C2%B2-em-2022-aponta-deter/](http://www.greenpeace.org/brasil/blog/amazonia-perdeu-10-267-km%C2%B2-em-2022-aponta-deter/)

- 2023 deve ser o ano mais quente em 125 mil anos, diz observatório europeu | Meio Ambiente

<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/11/08/2023-deve-ser-o-ano-mais-quente-dos-ultimos-125-mil-anos-dizem-cientistas.ghtml>

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**OUTRAS FONTES CONSULTADAS:**

**Sites (continuação)**

- Estudo mostra que religiões de matrizes africanas foram alvo de 91% dos ataques no RJ em 2021  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/22/estudo-mostra-que-religoes-de-matrizes-africanas-foram-alvo-de-91percent-dos-ataques-no-rj-em-2021.ghtml>

- Deputado Fausto Jr. critica escola de samba por “blasfêmia”  
<https://revistacenarium.com.br/autor-de-lei-que-combate-intolerancia-religiosa-deputado-do-am-acusa-escola-de-samba-de-blasfemia/>

- Há 32 milhões de crianças e adolescentes na pobreza no Brasil, alerta UNICEF  
[www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-na-pobreza-no-brasil-alerta-unicef](http://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-na-pobreza-no-brasil-alerta-unicef)

- Jesus e diabo: ‘O bem vence no final’, diz coreógrafo da Gaviões da Fiel sobre desfile  
<https://veja.abril.com.br/cultura/o-bem-vence-no-final-diz-coreografo-da-gavioes-da-fiel-sobre-desfile>

- Por que os peixes estão morrendo por asfixia nos oceanos e rios? | National Geographic  
[www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2023/07/por-que-os-peixes-estao-morrendo-por-asfixia-nos-oceanos-e-rios](http://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2023/07/por-que-os-peixes-estao-morrendo-por-asfixia-nos-oceanos-e-rios)

**Obs.:** Além das fontes de pesquisa aqui citadas, foi realizada uma consultoria em biologia e meio ambiente com Luciene Valladares – Bacharel em Ciências Biológicas - Modalidade Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010) e mestre em Ecologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia/UFRJ (2013), Luciene possui 13 anos de atuação na área ambiental – com ênfase em ecologia, gestão socioambiental, licenciamento ambiental e sustentabilidade –, além de ampla experiência em trabalhos de campo, análise e interpretação de dados biológicos e elaboração de relatórios técnicos (estudos de impacto ambiental, programas ambientais, relatórios de atendimento às condicionantes ambientais e demais atividades relacionadas à gestão socioambiental).

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PERFIL DO CARNAVALESCO**

**PAULO BARROS**

Paulo Barros é artista, produtor de espetáculos e carnavalesco de agremiações do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que coleciona prêmios importantes, como os títulos da Unidos da Tijuca, em 2010, 2012 e 2014, agremiação que não vencida uma disputa desde 1936. O desfile de 2017 foi mais uma surpresa do carnavalesco, que, com o espetáculo “Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar”, venceu o carnaval para a Portela, após 33 anos da escola sem vitórias. Foi vice-campeão em 2004, 2005 e 2011, pela Unidos da Tijuca, e, em 2019, apresentou, na Unidos do Viradouro, o enredo “Viraviradouro!”, conquistando um inédito vice-campeonato, com o qual também fez história no carnaval carioca com a melhor colocação de uma escola recém-chegada da Série A.

Carnavalesco da Unidos de Vila Isabel, desde 2023, ano em que mais uma vez surpreendeu a Avenida com a alegoria de São Jorge, feita de luzes, no enredo “Nessa festa, eu levo fé!”, ocupou a primeira posição no *top trend* do Twitter na noite do desfile e ajudou a garantir a terceira colocação na disputa do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro para a sua agremiação.

Paulo Barros deixou sua marca em desfiles surpreendentes: no enredo “É segredo!” (Unidos da Tijuca, 2010), concebeu a performance de um grupo de bailarinos que troca de roupa em segundos na frente do público, usando técnicas de ilusionismo, enquanto caminha e se apresenta para milhares de pessoas. Em 2007, criou o enredo “É de arrepiar” (Unidos do Viradouro) e construiu a maior pista móvel de esqui do mundo com 26 toneladas de gelo. Sim, esquiadores se apresentaram em pleno verão do Rio de Janeiro. Produziu, em 2011, o espetáculo “Essa noite levarei sua alma” (Unidos da Tijuca) sobre o cinema, que despertou o interesse do Consulado Americano no Brasil para agendar uma visita da primeira-dama dos EUA, Michelle Obama, acompanhada de suas filhas e sua mãe. Logo depois do carnaval, a família do presidente conheceu o artista na Cidade do Samba, onde ficam os ateliês das agremiações, e pode se surpreender com a apresentação impressionante de bailarinos que faziam com que suas cabeças caíssem do pescoço em suas mãos. Por trás de toda essa engenhosidade, está um artista que não desiste dos desafios na busca de superar a si mesmo e provocar novas surpresas. Concebe e coordena a construção de grandes cenários sobre rodas, onde efeitos especiais incríveis acontecem. Conhecido por revolucionar os desfiles de carnaval, Paulo Barros criou alegorias onde até 300 componentes coreografam movimentos de tirar o fôlego. O carro alegórico do “DNA”, sua primeira criação em 2004 para um enredo sobre ciência (Unidos da Tijuca), ganhou as páginas da *Revista Nature*, em matéria intitulada “Ciência dá Samba”.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PERFIL DO CARNAVALESCO**

**PAULO BARROS (continuação)**

O carnavalesco fez sua estreia em filmes publicitários, em 2008, a convite da FIAT, para construir cenários e coordenar 150 bailarinos no lançamento de um novo modelo de automóvel em Porto de Galinhas, Pernambuco. Em 2013, foi o diretor das cerimônias da Copa das Confederações no Brasil, concebendo e produzindo os espetáculos de abertura e encerramento do torneio de futebol organizado pela FIFA. A capacidade de liderança e gestão de pessoas na coordenação de seus espetáculos transformou Paulo Barros em um caso de sucesso e despertou o interesse de empresas para palestras motivacionais em todo o Brasil. Nada escapa ao olhar atento desse profissional a cada detalhe de todo o processo de produção. O livro de sua autoria, *Sem Segredo: Estratégia, Inovação e Criatividade*, publicado pela Editora Casa da Palavra, em 2013, apresenta grande parte de sua experiência, onde ele conta como é capaz de “desconstruir” verdades e conceitos para inovar, transformar e surpreender.

**PERFIS DOS PESQUISADORES**

**ISABEL CRISTINA ALENCAR DE AZEVEDO**

Mestre em Letras (Ciência da Literatura/Semiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999). Possui graduação em Português-Literaturas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Graduação em Licenciatura em Letras pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Implantou e coordenou o Setor de Extensão da Escola de Comunicação da UFRJ, de maio de 1993 a dezembro de 1996. Participou da equipe técnica do Programa contra a Miséria e pela Cidadania da UFRJ, de 1993 a 1996, com ênfase na atuação em projetos de comunicação no campo da Segurança Alimentar. Ministrou disciplinas dos cursos de Marketing Cultural: Teoria e Prática e de aperfeiçoamento Gestão e Marketing na Cultura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CEPUERJ), de 1994 a 2009. Exerceu a Assessoria Especial do Ministério da Cultura no Rio de Janeiro, de abril de 1997 a junho de 1998. Atuou como Gerente de Projetos da Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, de julho de 1998 a junho de 2005. De 2000 a 2003, elaborou e coordenou o Plano Básico Ambiental de Comunicação do APM Manso/FURNAS, que criou quatro equipes de TVs comunitárias, grupos de Teatro do Oprimido e jornais comunitários em assentamentos rurais no interior da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PERFIS DOS PESQUISADORES**

**ISABEL CRISTINA ALENCAR DE AZEVEDO (continuação)**

Em 2004, ingressou na equipe de pesquisa e desenvolvimento de enredos do carnavalesco Paulo Barros, atividade que exerce até os dias atuais. Contribuiu para a criação de enredos, como o “O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível”, vice-campeão do carnaval do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Unidos da Tijuca, 2004). Ao longo de 20 anos de atuação, destaca-se a atuação para a conquista dos títulos da Unidos da Tijuca de campeã do carnaval do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, em 2010, 2012 e 2014, e vice-campeã também, em 2005 e 2011; o campeonato da Portela, em 2017, e o vice-campeonato da Viradouro, em 2019. Foi Superintendente Geral de Extensão da UFRJ, de julho de 2005 a janeiro de 2009, e assessora especial da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, de janeiro de 2009 a maio de 2011. Liderou a consultoria ao Comitê Olímpico Brasileiro na elaboração das propostas do Tema 2 – Cultura, Educação, e Atividades da Cidade, do Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos 2016, de 2008 a 2009. Coordenou a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 2005 a 2010. Atuou como presidente da Comissão de Coleta Seletiva Solidária da UFRJ, de 2006 a 2009. Atuou como membro do Comitê Técnico Multidisciplinar de Avaliação das Propostas dos Editais do PROEXT 2009 e 2010, na Secretaria de Ensino Superior/SESU/MEC.

Exerceu a Superintendência de Difusão Cultural do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, de junho de 2011 a setembro de 2015, e foi Diretora da Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, de 2015 a 2018. A experiência com popularização da ciência e comunicação científica, no período de 2007 a 2019, resultou em cerca de 60 exposições concebidas e elaboradas com diversas instituições de ciência e tecnologia e educação popular, como o Museu da Vida da Fiocruz, o CECIP – Centro de Criação em Imagem Popular, a Casa de Oswaldo Cruz, entre outras. Foi professora do Curso de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, de 2009 a 2019. Atua como produtora editorial, com destaque para a publicação da série de livros de arte *Avenida: Unidos da Tijuca*, em 2011, 2012 e 2013, e o livro *Sem Segredo: Estratégia, Inovação e Criatividade*, biografia do carnavalesco Paulo Barros, publicado em 2013, pela Editora Casa da Palavra. Foi consultora de Planejamento, Comunicação Institucional e Popularização da Ciência do Projeto de Comemoração dos 45 anos de Bio-Manguinhos, além de Coordenadora Executiva do mesmo projeto, de junho a setembro de 2021. Foi coordenadora de comunicação e educação do Projeto Pela Reconquista das Altas Coberturas Vacinais de Bio-Manguinhos/Fiocruz, de agosto de 2021 a dezembro de 2023, e responsável pelas ações do projeto nos estados do Amapá e Paraíba, que incluíram oficinas de comunicação comunitária, Teatro do Oprimido, redes de apoio em 41 municípios, site, publicações, eventos, roteiro e produção de 10 vídeos, entre outras atividades.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PERFIS DOS PESQUISADORES**

**JOÃO VITOR SILVEIRA**

É licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, além de ser Técnico em Química de Alimentos pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro. Tendo começado sua trajetória nas escolas de samba como ritmista, é integrante da bateria da Unidos de Vila Isabel há seis anos, além de ter desfilado também pela Alegria da Zona Sul, Lins Imperial e outras agremiações. Começou a jornada enquanto pesquisador e enredista no ano de 2023, auxiliando no desenvolvimento inicial do enredo da Beija-Flor de Nilópolis e conduzindo a pesquisa e o desenvolvimento do enredo da Acadêmicos de Niterói. No ano de 2024, além do trabalho na Unidos de Vila Isabel, conduz a pesquisa e o desenvolvimento de enredo da União de Maricá. Na pesquisa do universo das escolas de samba, escreveu diversos textos, principalmente, com enfoque nas baterias e nos sambas de enredo. Além disso, assina co-autoria em três obras do selo Carnavalize, selo literário especializado na pesquisa de carnaval: *Sal60: Uma Revolução em Vermelho, Branco e Negro*, em 2021, *Matriarcas do Samba Paulistano*, em 2023, e *Histórias da Portela: 100 anos de Glória*, também em 2023.

**SIMONE MARTINS**

Produtora editorial, com atuação em pesquisa e criação de textos; elaboração, produção e edição de material para diferentes áreas e suportes (impresso, eletrônico e audiovisual). É mestre em Semiologia/Ciência da Literatura, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com dissertação sobre a obra de Mário de Andrade (1999). Possui graduação/bacharelado em Português-Literaturas, pela Faculdade de Letras da UFRJ, e licenciatura plena em Letras, pela Faculdade de Educação da UFRJ. De 1987 a 1991, integrou a equipe de professores dos projetos “Aceleração da Escolaridade para Qualificação Profissional (ensino fundamental e médio)” e “Alfabetização de Jovens e Adultos e Educação Básica”, para moradores das comunidades do Complexo da Maré, oferecidos pela Sub-Reitoria de Desenvolvimento e Extensão da UFRJ. Foi assessora de Programas Acadêmicos da Sub-Reitoria de Graduação e Corpo Discente da UFRJ (1991-1993), atuando na Coordenação Permanente da Avaliação de Cursos de Graduação e no Programa Integrado de Bolsas de Ensino, Pesquisa e Extensão.

De 1994 a 2001, atuou na Escola de Comunicação (ECO/UFRJ), como coordenadora de estágio do Setor de Extensão e coordenadora editorial dos Laboratórios de Editoração e Multimídia da Central de Produção Multimídia, para alunos de graduação, com destaque para a edição das publicações: *Tiradentes: um Filme de Oswaldo Caldeira* (livro de arte do cineasta Oswaldo Caldeira); *Rádio Nova: Constelações da Radiofonia Contemporânea* (3 volumes); *Voto é Marketing?* (2 volumes); *Ecos do Cinema: de Lumière ao Digital*, entre outros produtos, como o site institucional. Na ECO, também deu orientação técnica em editoração para graduandos do curso de Produção Editorial, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Editoração e Comunicação e Artes.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PERFIS DOS PESQUISADORES**

**SIMONE MARTINS (continuação)**

De 2002 a 2023, exerceu, na Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, as funções de coordenadora editorial e coordenadora do Núcleo de Comunicação, participando da realização e divulgação de dezenas de exposições, entre outros eventos de popularização de ciência, arte e cultura, como mostras de vídeos, cursos, palestras, espetáculos de teatro e música etc., em parceria com diversas instituições. Entre as publicações editadas sob sua coordenação e produção, na Casa da Ciência, estão: *Série Terra Incógnita* (4 volumes, 2002 a 2005), com a Editora UFRJ e a Editora Vieira & Lent; *Centros e Museus de Ciência do Brasil* (2005, 2009 e 2015), com a ABCMC e o Museu da Vida/Fiocruz; *Revista Ciência para Poetas* (2008 e 2010); *Ciência em Foco: Pensar com o Cinema – vol. II* (2013), com a Editora Garamond e o CNPq; e livros de arte sobre a Casa da Ciência: *#ÉFestanaCasa! 25 anos* (2020) e *Essa Casa tem História* (2022), com a Editora Rebulição.

Desde 2004, integra a equipe de pesquisa e desenvolvimento de enredos do carnavalesco Paulo Barros. Ao longo desses 20 anos de atividade no carnaval, destaca-se a atuação para a conquista dos campeonatos (2010, 2012 e 2014) e vice-campeonatos (2004, 2005 e 2011) da Unidos da Tijuca; do campeonato da Portela (2017); e do vice-campeonato da Unidos do Viradouro (2019), nos desfiles do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Como produtora editorial, na equipe de Paulo Barros, participou das edições da série de livros de arte *Avenida – Unidos da Tijuca* (2011, 2012 e 2013), e do livro *Sem Segredo: Estratégia, Inovação e Criatividade*, biografia do carnavalesco, publicado, em 2013, pela Editora Casa da Palavra.

**VINÍCIUS NATAL**

Doutor em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição pela qual também se tornou mestre, no mesmo curso. É graduado em História pela Universidade Federal Fluminense e possui curso técnico em Publicidade e Propaganda pela Escola Técnica de Comunicação. cursou o Pós-Doutorado no Instituto de História da Arte da UERJ, pesquisando a vida e a obra do artista Miguel Moura. Em pesquisas de enredo, além de várias escolas do grupo de acesso, atuou como pesquisador do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, tendo elaborado, junto de Gabriel Haddad e Leonardo Bora, o enredo "Tata Londirá: o Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias", sobre o Pai de Santo Joãosinho da Goméia (2020), "Fala, Majeté! Sete chaves de Exu!" (2022) – ganhador do prêmio Estandarte de Ouro de melhor enredo – e, em 2023, na mesma escola, com o enredo "Ô Zeca, o pagode onde é que é? Andei descalço, carroça e trem, procurando por Xerém, pra te ver, pra te abraçar, pra beber e batucar". Em 2024, atua como pesquisador do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. Exerceu a função de pesquisador do Centro Cultural Cartola, atual Museu do Samba, instituição responsável pelo encaminhamento do dossiê que titulou as matrizes do samba do Rio de Janeiro como patrimônio imaterial brasileiro (IPHAN).

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PERFIS DOS PESQUISADORES**

**VINÍCIUS NATAL (continuação)**

Também foi Diretor Cultural do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, coordenando a instalação de um centro de memória – físico e virtual – [www.vilaisabelcultural.com.br](http://www.vilaisabelcultural.com.br) – além de implementar a constituição de um acervo de memória oral com componentes da agremiação, dando origem ao documentário *Kizomba – 30 Anos de um Grito Negro na Sapucaí*. Exerceu a função de Coordenador de Promoção das Políticas de Igualdade Racial (CPIR) do município do Rio de Janeiro, articulando políticas públicas para a questão racial na cidade, agindo na implementação do Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB) e do Centro de Interpretação do Cais do Valongo, patrimônio mundial sensível titulado pela UNESCO. Foi, também, professor de História do Colégio de Aplicação da UERJ. É um dos fundadores do grupo de pesquisa Pensamento Social do Samba. Além de artigos em revistas científicas, publicou três livros: *As Titias da Folia: o Brilho Maduro das Escolas de Alta Idade*; *Cultura e Memória nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro: Dramas e Esquecimentos*, ganhador do prêmio Afonso Carlos Marques do Santos em 2016, promovido pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; e *Cenografia Carioca: Carnaval e outros Fragmentos*, em 2021. Recentemente, lançou, em co-autoria, o livro *A Kizomba da Vila Isabel: Festa da Negritude e do Samba*, pelo Acervo do Samba da UERJ. Hoje, atua na pesquisa de exposições, em parceria com a Universidade de Brown, Universidade de Pittsburgh, na Pensilvânia, EUA, e o Laboratório de História Oral e Imagem, onde atua como pesquisador associado, sobre o legado da escravidão em um contexto global. Além disso, é curador, em parceria com Angélica Ferrarez, Ynae Lopes e Luiz Antonio Simas, da exposição “Pequenas Áfricas: O Rio que o samba inventou”, no Instituto Moreira Sales de São Paulo. Foi professor do departamento de educação da Universidade de Brasília, em 2023 e, atualmente, faz pós-doutorado no programa de relações étnico-raciais do CEFET/RJ.

## **HISTÓRICO DO ENREDO**

Há muito tempo, antes de o próprio tempo girar os ponteiros da vida, Olorum ordenou a Oxalá que criasse o mundo, e ele, zeloso com o seu trabalho, o fez, de pouco em pouco, para que pudesse promover o equilíbrio e a harmonia entre todos os seres que ali viveriam. Criou o planeta com uma vasta extensão de água. Depois, criou a terra, solo firme sobre o qual o restante da criação seria edificado. Criou, também, os seres aquáticos, as plantas e as diversas espécies de animais, formando o conjunto harmônico que conhecemos como Natureza. Depois, ali, concebeu sua maior missão que era a de criar um ser que pudesse povoar o mundo e viver junto dos outros seres vivos. Esculpido do barro, então, criou o homem, que teria a missão de ajudar a zelar pela criação, promovendo o equilíbrio, o respeito e a preservação entre as espécies. E, assim, a criação se preservou e manteve-se harmoniosa por bastante tempo.

Porém, com o passar de um tempo que girava nas “nas voltas da vida”, os demais orixás perceberam que Oxalá estava doente. Quanto mais o tempo passava, mais a doença se agravava e nem mesmo Omulu, o orixá que rege os caminhos da saúde, conseguia curá-lo. Foi então que recorreram a Olorum, o deus supremo, que não deixou dúvidas do porquê do adoecimento de Oxalá: o criador padecia, pois, no Ayê, mundo terreno onde habitavam os seres vivos, o homem havia se desviado dos propósitos para os quais tinha sido concebido, sendo responsável pelos males que assolavam a Terra. A ganância e a maldade fizeram com que a humanidade se perdesse e, se a criação não fosse restaurada, o criador continuaria a padecer.

Mas havia uma esperança: as crianças! Ainda dotadas da pureza em seus corações, era nelas que deveria ser depositada a esperança de Oxalá, pois somente elas poderiam salvar o mundo. Assim, Exu, orixá que liga os dois mundos – o Orum e o Ayê –, veio à Terra e levou crianças de todas as partes do mundo em uma jornada fascinante ao local onde tudo era criado e as noções de tempo e espaço se espalhavam nas poeiras do axé: o Templo da Criação. Recepcionadas pelos orixás e pelos seres habitantes do Templo, conheceram Olorum e partiram rumo à jornada de conhecimento mais importante de suas vidas. Era preciso salvar Oxalá!

Tão logo chegaram, testemunharam a criação da natureza vendo como os peixes de água doce e de água salgada foram criados para habitarem os rios e os mares do planeta, bem como as plantas se espalharam pela terra e as frutas adoçavam um ecossistema equilibrado. De frente para tudo isso, se encantaram com as maravilhas da Mãe Natureza e entenderam a importância de preservá-la. Ouviram-na contar histórias. Testemunharam a sua grandeza.

Logo depois, aprenderam como Oxalá havia criado um ser vivo essencial ao equilíbrio na natureza: o Ser Humano, imagem e semelhança delas mesmas, as crianças. Tomaram conhecimento do próprio corpo vendo, assim, a sua importância para a perpetuação da humanidade. Preservar o seu corpo era preservar a criação! Compreenderam que a matéria-prima do corpo humano era o barro – o material mais perfeito e que lhe daria movimento! –, pois, a partir dele, o ser humano foi criado para proteger toda a criação e preservar os seus.

Aprenderam, também, sobre os valores que são indispensáveis para a tarefa original do homem, de ajudar a zelar pelo restante da criação. Conheceram os ideais do trabalho justo e correto, do amor ao

próximo, da justiça plena e igualitária, do respeito, das artes, da preservação da natureza e da cura da mente e do corpo. Os valores, afinal, que importavam para o bem viver...

Já chegando ao fim da viagem e antes de retornar à Terra, as crianças entendem a sua real missão: a de espalhar pelo Ayê os ensinamentos recebidos. Ensinariam os seres humanos a cessarem com os males que destruíam as florestas, os mares, os rios, os animais e a eles próprios. Encontrariam os caminhos que a humanidade, incessantemente, buscava para afastar o sofrimento, consequência de sua autodestruição. Espalhariam as sementes e veriam ressurgir a primavera nos campos; fariam cessar o desespero das guerras e colheriam a paz entre os povos; voltariam a respirar o ar puro, a reinar com justiça e respeito às diferenças, a trabalhar para proteger toda a vida do planeta, conforme os desígnios de Oxalá. E, assim, a esperança curou pai Oxalá e ele voltou a amar e cuidar de sua criação.

“A criança é a esperança de Oxalá”. A Vila Isabel entoava seu canto para agradecer aos orixás e pedir proteção. Mostra que a viagem pode nos levar a encontrar a criança adormecida dentro de cada um de nós... Aquela que veio ao mundo como criação de Oxalá, que inspira arte, beleza e amor, e que esquecemos, todos os dias, por ambição desmedida, pela cegueira de atitudes mesquinhas e irracionais.

Que “Gbalá” nos traga a esperança de refazer a nossa história, de construir um futuro de equilíbrio, harmonia e prazer de comemorar a vida.

Salve o criador. Salve a criação!

**“Gbalá!”**

## **JUSTIFICATIVA DO ENREDO**

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, para o carnaval de 2024, traz o enredo “Gbalá – Viagem ao Templo da Criação”. Originalmente apresentado no carnaval de 1993, o enredo é de autoria do carnavalesco Oswaldo Jardim, atuante nas décadas de 1980 e 1990, no carnaval carioca. Nosso intuito, aqui, não é apresentar uma releitura fidedigna do carnaval apresentado na década de 1990; tampouco apresentar uma versão que escape, totalmente, ao proposto do formato original. Nosso objetivo é, portanto, respeitar a estrutura narrativa do enredo proposto – setorização –, trazendo uma leitura contemporânea sobre os assuntos abordados. Para tanto, nossa linha narrativa é construída pelo próprio samba de enredo composto por Martinho da Vila, que, em seu formato descritivo, nos deu pistas valiosas sobre a história apresentada na Marquês de Sapucaí.

É importante salientar, também, que, para o embasamento da defesa do enredo, foram consultados jornais periódicos da época, fotografias de arquivo, relatos orais de componentes e o livro abre-alas do ano original consultado no Centro de Memória da LIESA, todos devidamente referenciados no presente documento. Com isso, muitas das escolhas que fizemos têm o objetivo de seguir uma linha de pensamento adotada por Oswaldo Jardim na época, no que se refere ao conceito original do enredo. O que não significa, entretanto, que iremos fazer uma cópia do que foi apresentado no desfile original. Pelo contrário, nossa ideia é respeitar a narrativa do enredo, trazendo, à luz do presente, a releitura do carnavalesco Paulo Barros, uma adaptação que sensibiliza para as questões do mundo atual com novos significados desenvolvidos por nossa agremiação.

Vale destacar que o enredo se pauta em uma história criada e imaginada por seu autor, Oswaldo Jardim, não tendo nenhum compromisso direto com fatos históricos e datas. Trata-se de uma narrativa ficcional, com base na cultura yorubá – rascunhada, inicialmente, em papéis de pão e cigarro, como nos contou o carnavalesco Eduardo Gonçalves, assistente de Oswaldo Jardim em 1993 –, criada com o objetivo de problematizar a destruição do mundo pelo próprio homem. Entretanto, é importante marcar que, como se trata de uma narrativa ficcional, outras culturas e mitologias podem se cruzar com essa matriz em conceitos, símbolos e visualidades, sem que isso prejudique a narrativa apresentada por nossa escola. Afinal, a história conta com a presença de crianças de todo o mundo, que são chamadas ao Templo da Criação para salvarem o planeta.

A seguir, ressaltamos alguns pontos que consideramos importantes e que justificam, sobremaneira, a escolha de nosso enredo.

### **1 - Da atualidade**

Nos primeiros momentos de escolha do tema do enredo, algumas das principais perguntas que fazíamos eram: Por que escolher “Gbalá”? O que um enredo apresentado em 1993 poderia nos provocar nos dias de hoje? Por que deveríamos reeditar esse enredo?

Em nossas primeiras reuniões, de forma uníssona, acreditávamos ser um enredo bastante atual, pois tratava de questões que, se já eram relevantes em 1993, hoje são ainda mais urgentes. O argumento central do enredo, que é a salvação de um mundo destruído pelo próprio homem, é, hoje, um tema recorrente e uma pauta fortemente debatida na cena pública e científica.

Diversos autores têm trabalhado na perspectiva da análise de repensar o mundo a partir de um olhar que não tenha a cultura europeia como principal referencial e que atente para os efeitos nocivos da colonização nas Américas. Sob essa ótica, o mundo colonial teria posto em xeque a própria existência da humanidade a partir de um longo processo de exploração dos seus recursos naturais e de valores perpetrados em prol do capital industrial e de mercado.

Pensadores brasileiros, como o quilombola Antônio Bispo dos Santos – o “Nego Bispo” –, Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas, e internacionais, como Manuel Quijano, bell hooks e Grada Kilomba, concordam que o pensamento colonial e suas ações moldaram uma sociedade que destrói seu próprio habitat e, dessa forma, não é exagero dizer, também, que o próprio homem criou mecanismos de autodestruição. Isso sem citar a grande gama de autores indígenas, como Davi Kopenawa e Ailton Krenak, por exemplo, este último, eleito recentemente para a Academia Brasileira de Letras, que categoriza nossa nova era geológica como “Antropoceno”, ou seja, considerando o impacto negativo do homem sobre a Terra como uma das causas de destruição do planeta.

Logicamente, esses debates se dão, nos dias atuais, sob um prisma diferente dos que ocorriam em 1993, quando a humanidade foi alertada sobre as graves consequências de exploração desenfreada dos recursos naturais para existência do planeta. O ano de concepção do enredo – 1992 para o ano vindouro – foi o mesmo da realização da ECO-92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro. Com o objetivo de debater a respeito dos malefícios causados pelo homem à natureza, entre as deliberações do evento – incluindo a publicação de uma primeira versão da “Carta da Terra”, com as principais deliberações do grupo, que já havia sido rascunho em 1987, pela ONU – está um maior cuidado das potências mundiais para um olhar mais atento à natureza e à preservação do meio ambiente, pois era o próprio homem que destruía seu habitat.

Se, em 1992, havia um prenúncio das mudanças climáticas que colocariam em xeque a própria existência do planeta Terra, hoje, mais de trinta anos depois, se confirmam as expectativas dos graves problemas climáticos previstos, já que não cumprimos as metas propostas na ECO-92. Segundo matéria de Poliana Casemiro, do site G1, na coluna “Meio Ambiente”, o ano de 2023 teria sido o mais quente do planeta Terra em 125 mil anos. Os dados, coletados a partir de pesquisa feita pelo Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus, da União Europeia, ressaltam o caráter nocivo da ação humana com o seu próprio habitat, o planeta Terra.

Mais uma pesquisa alarmante, divulgada pelo Greenpeace e feita pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), mostra que a Floresta Amazônica foi desmatada em mais de 10.000 km de extensão, o que prejudicou, fortemente, o equilíbrio do ecossistema local. Tal fato, agravado por um desmonte do governo em relação à política ambiental, aumentou o número de queimadas na região, além da caça desenfreada e do extrativismo terem se tornado problemas graves em regiões com baixa fiscalização.

Outro marco foram os debates feitos em torno da segurança e proteção das crianças e dos adolescentes na formação de um Brasil que passava por seu período de reabertura política, no final da década de 1980 e início dos anos 1990. Fruto de um intenso e longo debate, o artigo 227 da Constituição Federal, a chamada “constituição cidadã”, previa a responsabilidade do Estado, da família e da sociedade em assegurar os direitos básicos às crianças e aos adolescentes. Afinal, eles eram a esperança para uma transformação política e social e para a construção de um mundo melhor. Assim diz o documento:

“Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Após a promulgação da constituição (1988), foi instituído pela Lei Federal 8.069, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que organiza as diretrizes, os direitos e os deveres para o bem cuidar dessa camada da população brasileira. Não é exagero dizer, portanto, que esses debates influenciaram, diretamente, a concepção do nosso enredo, pois, afinal, a esperança da salvação do mundo estava na mão desse público.

E cabe ressaltar que, até hoje, os direitos das crianças e dos adolescentes não foram garantidos em nosso país. Segundo estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em 2023, há mais de 32 milhões de crianças em estado de pobreza no Brasil, o que afeta, diretamente, o seu desenvolvimento. A ausência das escolas, a baixa renda, o trabalho infantil, a falta de moradia, saúde e habitação adequadas são graves problemas ainda a serem enfrentados.

Visto isso, consideramos que nosso enredo traz, a um público mais amplo, questões que estão sendo debatidas e, na ordem do dia, obrigam a opinião pública e as instituições dos mais variados níveis – inclusive as culturais, como as escolas de samba – a se posicionarem diante de questões cruciais para a nossa própria existência no planeta.

## **2 - Da defesa das culturas de matriz africana**

Outro ponto que consideramos crucial é a escolha de uma temática relacionada às culturas de matriz africana no Brasil como forma de resistência aos duros ataques por parte de grupos conservadores. A concepção de que essas culturas são inferiores ou a demonização de suas práticas sociais têm origem no passado colonialista e escravocrata, que alimenta o racismo estrutural, domina mentes e corpos e constrói opiniões preconceituosas a respeito da cultura negra no Brasil.

As culturas de matriz africana, no Brasil, vêm sofrendo diversos ataques e represálias, nas suas variadas vertentes. No campo religioso, por exemplo, em matéria de 2022 do *Jornal O Globo*, foi relatado que, dos casos de intolerância religiosa na cidade do Rio de Janeiro, 91% são realizados contra casas de umbanda, candomblé ou outras religiões de matriz africana. Mesmo que, em contrapartida, haja um crescente aumento de denúncias, graças aos avanços dos movimentos de resistência e dos canais de comunicação, contra a intolerância religiosa no país – em 2022, cresceu em mais de 100% –, esses casos tornam-se um dos principais problemas do Brasil contemporâneo.

Vale enfatizar que as escolas de samba são fruto de uma bricolagem de diversas influências culturais – entrudos, grandes sociedades etc. – e, mesmo tendo grande influência das procissões católicas, possuem sua nascente diretamente conectada aos terreiros da cidade. A Mangueira, por exemplo, é fruto da sociabilidade do terreiro de Tia Fé, a Portela se conecta à Dona Ester, bem como a Vila Isabel tem em sua nascente os terreiros do Morro dos Macacos e adjacências, tendo a saudosa Tia Cirene como uma de suas principais representantes e articuladoras.

São essas mesmas escolas que sofrem, também, duros ataques e perseguições por conta de grupos contrários à realização do carnaval, defendendo mesmo o fim da existência das escolas de samba enquanto organização cultural, pois, em sua visão, isso seria algo supérfluo e contrário à moral e aos

bons costumes cristãos. Um desses exemplos vividos recentemente foi protagonizado pelo deputado federal Fausto Júnior, do União Brasil, do Amazonas, que criticou em suas redes sociais uma alegoria carnavalesca do Salgueiro, gerando uma onda de ódio contra as escolas de samba do Rio de Janeiro. Outros casos puderam ser vistos anteriormente, como o episódio da escola de samba Gaviões da Fiel, de São Paulo, que, em 2019, ao apresentar uma batalha entre Jesus e Satanás na comissão de frente, foi duramente criticada por setores conservadores, com a justificativa de que estavam “exaltando a figura do demônio” e “misturando a figura de Jesus com macumba, já que escola de samba era coisa do demônio”. Alguns comentários davam conta de associar à pandemia de COVID-19, que logo depois assolou o mundo, com o fato de a escola de samba ter “blasfemado” a figura de Jesus Cristo e “misturado-o à macumba”.

Diversos pesquisadores ressaltam a importância de as escolas de samba abordarem enredos com temáticas sobre culturas africanas e afro-brasileiras. Além de atuarem em um sentido amplificado das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino das culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas – e o que são, afinal, as escolas de samba? –, muitas pautam, em seus enredos e sambas, questões relativas a um racismo religioso estrutural contra as religiões de matriz africana, servindo, mesmo, como arma de combate nessa trincheira.

Se pensarmos as escolas de samba em um sentido mais amplo de ensino e aprendizagem, como nos brinda Luiz Rufino, em *Pedagogia das Encruzilhadas*, por exemplo, assumimos que nosso papel é, também, debater e reafirmar a presença da cultura de matriz africana. A partir dos desfiles das escolas de samba, nossa missão enquanto instituição cultural que defende o samba como sua bandeira de luta é conscientizar o público amplo e denunciar, através da arte e do batuque, o importante papel que as diversas culturas africanas tiveram na formação cultural brasileira.

### **3 - Do trato com a memória**

A memória é um componente fundamental para a manutenção dos laços de sociabilidade de uma escola de samba, sendo capaz de formular identidades e reerguer histórias oclusas pela poeira do tempo. Como nos ensina a historiadora Beatriz Nascimento, o “Ori”, nossa mente e consciência que nos conecta à ancestralidade, é responsável por reforçar os laços com nossos antepassados e é essa a máxima, logo, para a manutenção das culturas afro-brasileiras, como é o caso das escolas de samba. Despertar a memória de “Gbalá” é, então, sobretudo, reforçar os laços de sociabilidade negra da Unidos de Vila Isabel com seu passado e sua história.

Se a memória embasa as relações sociais e constitui o espírito do que buscamos com a reedição do enredo, evocar o passado torna-se uma forma de pensar o presente. Por esse motivo, não encaramos a reedição de “Gbalá” como uma simples reprodução do desfile que foi realizado em 1993, mas como uma possibilidade de revisitar uma obra de arte – e quais não seriam uma das funções das obras de arte se não serem revisitadas e ganharem novas interpretações? – e tecer novas interpretações – provocações – sobre e a partir dela. Fica a pergunta: o que “Gbalá”, no tempo presente, nos provoca de reflexão?

Nesse mesmo sentido, e não à toa, durante o processo de desenvolvimento e preparação para o carnaval, foram realizadas diversas homenagens a alguns desfilantes que marcaram a memória do referido desfile. Nomes como Jorge Pedro e Maguila, membros da bateria da época, o então presidente Olício Alves dos Santos e Bira e Tuca, casal de mestre-sala e porta-bandeira mirim, foram agraciados com a placa de homenagens “Sou da Vila e não tem jeito”, oferecida pelo Departamento Cultural e pelos pesquisadores da agremiação. As homenagens foram oportunidades únicas não só de “agitar” a memória da escola em relação ao desfile, mas também de valorizar e reconhecer aqueles que fizeram parte desse processo. Além disso, foi realizada a primeira Festa Literária da Unidos de Vila Isabel, que, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, levou ao debate do grande público o tema “A criança é esperança de Oxalá”, relacionando o samba de enredo com a necessidade de sensibilização da educação formal para os assuntos relacionados ao ensino da história da cultura afro-brasileira.

Também foram realizadas algumas entrevistas e conversas informais com o intuito de melhor entender o contexto de produção à época. Nomes como a rainha de bateria do ano de 1993, Ana Beatriz Genuncio, o artista Cristiano Moratto, o carnavalesco Eduardo Gonçalves, a atual diretora de harmonia e, à época, integrante da ala das crianças, Joelma Veiga, entre outros personagens, foram fundamentais para que compreendêssemos o contexto de produção do desfile e as inquietações de Oswaldo Jardim naquele momento.

Ainda, nesse ritmo, somaram-se à nossa pesquisa alguns documentos guardados pela administração da escola, desde a década de 1960, hoje em posse do Departamento Cultural da agremiação, entre eles uma pasta com o nome do enredo de 1993 “Gbalá – Viagem ao Templo da Criação”. Em seu rodapé, em letras garrafais, estava escrito: “Injustiça!”. O que reflete o pensamento da equipe que atuava na administração da escola e secretaria da época – a saber, Dona Beta, que foi também presidente da agremiação, e Marquinhos, hoje membro da velha-guarda –, chamando atenção tanto pelo seu conteúdo de protesto, mas, também, pela importância dada ao carnaval da época, onde foi um imperativo o armazenamento de jornais, fotografias e dados da época.

A importância desse carnaval se dava pela memória da escola em relação a um sentimento do “poderíamos mais”. Lógico, a agremiação, naquele período, passava por sérias dificuldades financeiras e estruturais. O presidente era o, hoje benemérito, Olício Alves dos Santos, e a escola não possuía patrono. Os ensaios eram feitos em clubes alugados (como o Clube dos Portuários, onde foi realizada a final de samba-enredo, atual quadra da Unidos da Tijuca) e os carros eram confeccionados no barracão da Rua Equador, centro do Rio de Janeiro, em condições precárias, bem como a maioria das escolas de samba da cidade.

Mas o que importa, de fato, é que a memória de “Gbalá” se faz presente no imaginário do torcedor da escola e do morador do bairro de Vila Isabel como uma possibilidade de se tecer uma reflexão profunda sobre o status atual do mundo; mais que isso, gerar perguntas e respostas que tocam o passado de nossa agremiação.

## SETORIZAÇÃO

De início, é importante marcar que o desfile se trata, assumidamente, de uma narrativa ficcional criada por Oswaldo Jardim. Em entrevista à equipe de pesquisa do enredo, Cristiano Moratto relata que o enredo partiu da “mente imaginativa de Oswaldo” e que sua intenção era, de fato, fugir de uma “África comum”. Isso é corroborado por Eduardo Gonçalves, atual carnavalesco da Lins Imperial, que, na ocasião do desfile, ajudou Oswaldo na confecção de fantasias e alegorias. Gonçalves nos contou que viu nascerem os primeiros rabiscos do abre-alas em um papel de pão, onde a ideia do artista era trazer algo “que encantasse pela fantasia, pelo lúdico”. Era como se Jardim estivesse encantado pelas possibilidades de apresentar uma plástica, sobre um enredo categorizado “afro”, fora do lugar comum de um visual “afro” consolidado nas escolas de samba. E conseguiu.

Ainda, o enredo toma como ponto de partida a cultura religiosa yorubá dos orixás, e esse é um dado relevante que definirá o foco do enredo baseado nessa cultura africana. Segundo Arthur Ramos, em seu livro *As Culturas Negras*, bantus, geges e yorubás/nagôs foram os principais troncos etnolinguísticos trazidos ao Brasil durante o período da escravidão negra. A partir de uma reorganização e mistura dessas diferentes culturas africanas em território brasileiro, uma cultura afro-brasileira foi forjada como forma de sobrevivência e manutenção da memória e dos laços com o continente africano.

É importante marcar esse ponto, pois, diferente de uma percepção geral de que há, no Brasil, a sobrevivência “de uma cultura africana”, há “culturas africanas” que se conectaram ao Brasil por meio de um processo de escravização. Ressaltar essas especificidades faz parte, então, de um processo mais amplo de reconhecimento da pluralidade identitária de povos e etnias africanas que foram sequestradas e, forçosamente, tiveram que se reinventar nas Américas. Dessa forma, o enredo da Vila Isabel não se propõe falar de “África”, mas, sim, desfilando uma narrativa ficcional que parte da mitologia yorubana para contar essa história.

O desfile apresenta cinco setores, somando-se, a eles, a abertura, lida como prólogo ou resumo introdutório do enredo. **É importante dizer que para a setorização do enredo e sua sequência narrativa utilizamos o próprio samba de enredo**, composto por Martinho da Vila, como base para o desenvolvimento do desfile. Como defendem Luiz Antonio Simas e Alberto Mussa, a função base do samba de enredo é contar a história por meio de fantasias e alegorias no desfile. Por isso, na releitura do enredo, optamos por seguir o fio condutor proporcionado pelo samba para construir a nossa história. A seguir, um breve apanhado das ideias e da setorização:

### **Abertura**

A abertura possui o objetivo de trazer o conceito geral do enredo, ou seja, o adoecimento de Oxalá por conta dos males do mundo e a esperança de salvação nas mãos das crianças. Dessa maneira, a Comissão de Frente e o Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira propõem uma introdução ao tema, na forma de prólogo, onde as principais ideias do enredo são tratadas de maneira lúdica e conceitual.

### **Setor 1 - “Meu Deus! O grande criador adoeceu!”**

O primeiro setor, intitulado “Meu Deus! O grande criador adoeceu!”, apresenta, de fato, o início de nossa “estória”, onde são representados alguns dos males do mundo causados pelo homem, e, dessa forma, Oxalá adocece junto com sua própria criação. Na alegoria Abre-Alas e nas alas subsequentes, são apresentados alguns dos motivos que levam o mundo ao seu atual estado de degradação.

O setor finaliza quando Exu, orixá da comunicação entre o mundo espiritual e o mundo terreno – Orum e Ayê, na terminologia yorubá –, atendendo a um pedido de Olorum e de todos os outros orixás, desce à Terra e leva crianças, de diferentes partes do mundo, ao Templo da Criação, para que conheçam como o mundo foi concebido.

**Setor 2 - “Se encantaram com a mãe natureza”**

No segundo setor, já no Templo da Criação, as crianças são levadas, pelos orixás, para conhecer a **natureza**, contemplando as águas, os animais, as flores e os frutos. Compreendem a criação do mundo natural como fundamental para a harmonia do planeta e observam, atentamente, como tudo foi concebido.

**Setor 3 - “Descobrimo o próprio corpo”**

No terceiro setor, as crianças entendem a importância do corpo humano e algumas de suas partes mais importantes. Veem que cada órgão do ser humano é criado para compor um complexo sistema – o mais perfeito! – e que, do barro, muitos homens são esculpidos e criados.

**Setor 4 - “Conheceram os valores...”**

No quarto setor, de acordo com suas essências, os orixás ensinam alguns dos seus principais **valores às crianças**. Explicam o que deve ser seguido pelos seres humanos para que o mundo não se corrompa com maldade e ganância. Justiça para todos os seres, amor para curar as feridas, trabalho para o progresso e para o bem da Terra, entre outros... Assim, a humanidade entrará em equilíbrio. Esses são alguns dos valores que importam para o bem viver.

**Setor 5 - “Gbalá é regastar, salvar!”**

Depois de conhecer o Templo da Criação, as crianças se preparam para retornar à Terra. E, então, entendem a sua real missão: **voltar e ensinar aos adultos o que aprenderam**. Preservar o meio ambiente, lutar pela paz universal e proteger a natureza, os animais e as águas da Terra. Oxalá se levanta e se enche de esperança: as crianças salvarão o planeta. Rebatizadas nas águas sagradas, antes de seu retorno, demonstram que aprenderam a lição. Oxalá está salvo! Viva as crianças! Viva a Unidos de Vila Isabel!

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **ABERTURA**

**Comissão de Frente**  
**“PRA SALVAR A GERAÇÃO, SÓ ESPERANÇA E MUITO AMOR!”**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Marcinho Siqueira e Cristiane Caldas**  
**LUZ DA ESPERANÇA**

**Tripé 01**  
**TRIPÉ DE ABERTURA**

**1º SETOR**  
**“MEU DEUS! O GRANDE CRIADOR ADOECEU!”**

**Alegoria 01 – Abre-Alas**  
**“QUANDO ACABA A CRIAÇÃO, DESAPARECE O CRIADOR”**

**Ala 01 – Comunidade**  
**Responsável: André Lúcio de Oliveira**  
**FOGO QUE DEVASTA AS FLORESTAS**

**Ala 02 – Comunidade**  
**SOLDADOS DA GUERRA**

**Destaque de Chão – Musa**  
**Paula Bergamin**  
**A QUÍMICA PERVERSA**

**Ala 03 – Comunidade**  
**TERRA: PLANETA LIXO**

**Ala 04 – Comunidade**  
**CAÇADAS DESENFREADAS**

**Ala 05 – Comunidade**  
**EXU: SENHOR DOS CAMINHOS, GUIA DA ESPERANÇA**

Destaque de Chão – Musa  
Juliana Souza  
**GUARDIÃ DO TEMPLO DA CRIAÇÃO**

**Alegoria 02**  
**“E A INOCÊNCIA ENTROU NO TEMPLO DA CRIAÇÃO...”**

**2º SETOR**  
**“SE ENCANTARAM COM A MÃE NATUREZA”**

Ala 06 – Comunidade  
**PEIXES DE ÁGUA DOCE**

Ala 07 – Comunidade  
**CAVALOS MARINHOS**

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Jackson Senhorinho e Bárbara Dionísio**  
**FORÇA E ENERGIA DAS ÁGUAS**

**Tripé 02**  
**O MUNDO FANTÁSTICO DAS ÁGUAS**

Ala 08 – Comunidade  
**O ENCANTO DAS FLORES**

Ala 09 – Comunidade  
**FRUTAS: SABORES E CORES**

Ala 10 – Baianas  
**MÃE NATUREZA**

Destaque de Chão – Musa  
Andréa Andrade  
**ODE À MÃE NATUREZA**

**Alegoria 03**  
**A NATUREZA E SEUS ENCANTOS**

**3º SETOR**  
**“DESCOBRINDO O PRÓPRIO CORPO”**

Ala 11 – Comunidade  
CÉREBRO: MÁQUINA DA VIDA

Destaques de Chão – Musas  
Anna Karolina e Dandara Barreto  
GENES DA FOLIA

Ala 12 – Passistas  
O SAMBA ESTÁ NO DNA!

Rainha de Bateria  
Sabrina Sato  
CORRENTE SANGUÍNEA

Ala 13 – Bateria  
CORAÇÃO: A PULSAÇÃO PERFEITA

Ala 14 – Comunidade  
Responsável: André Lúcio de Oliveira  
O QUE OS OLHOS VEEM

Ala 15 – Comunidade  
ESTRUTURA MUSCULAR

Destaque de Chão – Musa  
Gabi Martins  
BARRO, A MATÉRIA-PRIMA

**Alegoria 04**  
**A CRIAÇÃO DO HOMEM**

**4º SETOR**  
**“CONHECERAM OS VALORES...”**

Ala 16 – Comunidade  
OGUM – O VALOR DO TRABALHO

Ala 17 – Comunidade  
OXUM – O VALOR DO AMOR

Ala 18 – Comunidade  
XANGÔ – O VALOR DA JUSTIÇA

Ala 19 – Comunidade  
OXUMARÊ – O VALOR DAS ARTES

Ala 20 – Comunidade  
OXÓSSI – O VALOR DA PROTEÇÃO À NATUREZA

Ala 21 – Velha-Guarda  
VELHA-GUARDA – O VALOR DA SABEDORIA ANCESTRAL

Destaque de Chão – Musa  
Dandara Oliveira  
OS SEGREDOS DA CURA

**Alegoria 05**  
**OMULU – O VALOR DA CURA DO CORPO E DO ESPÍRITO**

**5º SETOR**  
**“GBALÁ É RESGATAR, SALVAR!”**

Ala 22 – Comunidade  
O RENASCIMENTO DAS FLORESTAS

Ala 23 – Comunidade  
SOLDADOS DA PAZ

Ala 24 – Comunidade  
TERRA: PLANETA LIMPO!

Destaque de Chão – Musa  
Kauany da Glória  
A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA

Ala 25 – Comunidade  
Responsável: Fábio Costa  
**A PRESERVAÇÃO ANIMAL**

Ala 26 – Crianças  
**“A CRIANÇA É A ESPERANÇA DE OXALÁ!”**

Destaque de Chão – Musa  
Natacha Horana  
**CORES DE UM NOVO TEMPO**

**Alegoria 06**  
**O SAGRADO BATISMO**

Ala 27 – Compositores  
**POETAS DO TEMPLO DA CRIAÇÃO**

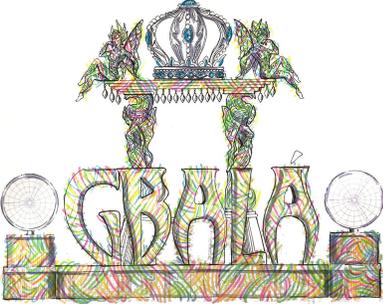
Ala 28 – Amigos da Vila  
**A VILA É RESGATAR, SALVAR!**

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Paulo Barros

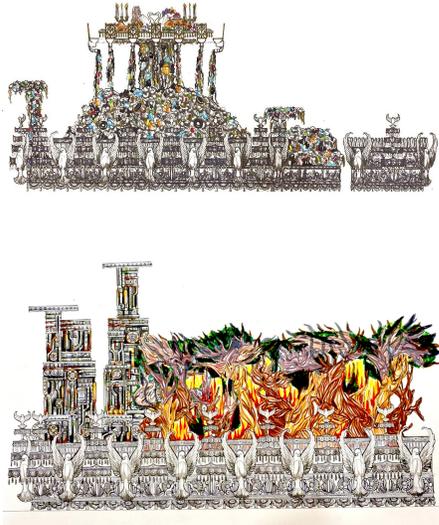
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p data-bbox="391 646 732 716"><b>Tripé 01</b> <b>TRIPÉ DE ABERTURA</b></p>  <p data-bbox="331 1272 792 1402"><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução do tripé.</i></p>	<p data-bbox="813 646 1546 716">O tripé apresenta o título do enredo e o símbolo da Unidos de Vila Isabel.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

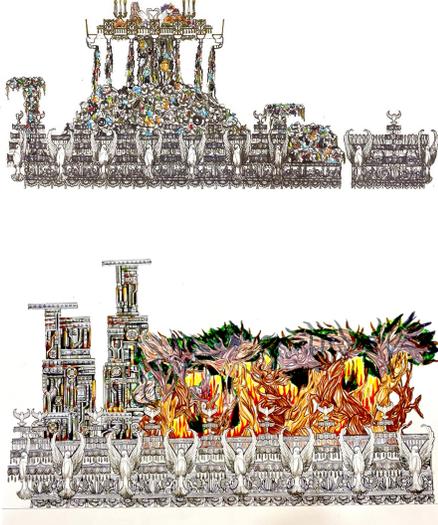
**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Paulo Barros

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>“QUANDO ACABA A CRIAÇÃO, DESAPARECE O CRIADOR”</b></p>  <p><i>* Essas imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	<p>A ganância desenfreada. A falta de compaixão. A exploração sem limites dos recursos naturais para atender aos anseios humanos frente a um mundo tão rico, vasto e plural que deveria viver em harmonia. Esses foram alguns dos motivos que adoeceram Oxalá e que demonstramos em nosso Abre-Alas. O primeiro chassi é uma representação de um dos principais motivos do caos no mundo, que é a desigualdade social, fomentada pela riqueza de poucos em detrimento da pobreza de muitos. Para tanto, escolhemos a simbologia do lixo – e como ele é capaz de se conectar com conceitos mais profundos do que apenas o seu impacto ambiental. Ainda que seja inestimável compreender como o excesso de resíduos acarreta em prejuízos ao meio ambiente, o lixo também ajuda a explicar como isso se relaciona com a vivência em nossa sociedade – uma espécie de lixo social. Ao observarmos a intervenção cênica na alegoria, percebemos que, em uma visão crítica e carnavalizada, os ricos aproveitam um banquete em uma mesa de jantar, encenando uma evidente disparidade social em relação aos pobres, que estão envoltos a um acúmulo de lixo na parte inferior da alegoria. Isso nos faz compreender a dinâmica de formação de lixo, de maneira que poucos ricos se aproveitam da maioria dos recursos, deixando os “restos” para os pobres. Ao pensarmos sobre essas pessoas, podemos fazer algumas relações com o texto “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, de Lélia Gonzalez, que relata um seminário em que as pessoas negras eram impedidas de falar por pessoas brancas e havia uma mesa na qual os negros não podiam se sentar. No decorrer do evento, Lélia consegue a palavra e profere a frase: “O lixo vai falar. E numa boa”, aludindo às pessoas, na sala, que eram consideradas como lixo, o resto, o descarte social. Dessa forma, a frase nos impele a uma reflexão sobre esse lixo, que seria não só físico, mas também social. Quem é o lixo de nossa sociedade?</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>“QUANDO ACABA A CRIAÇÃO, DESAPARECE O CRIADOR”</b> (Continuação)</p>  <p><i>* Essas imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	<p>Uma das referências para a construção da alegoria também está no documentário <i>Lixo Extraordinário</i>, de 2011, que tem como tema central a produção do artista Vik Muniz. Dirigido por Lucy Walker, o filme aborda uma visita ao Lixão de Gramacho, em Duque de Caxias, e dá um panorama geral do seu funcionamento e da realidade dos que ali vivem. A alegoria remete, também, sobre como a produção de lixo de poucos afeta a vida de muitos, conceito que se relaciona diretamente ao apresentado por Vik Muniz, gerando uma reflexão mais profunda sobre a realidade de como se dá a geração de resíduos, bem como os potenciais riscos de curto, médio e longo prazos gerados por ela.</p> <p>No segundo chassi, continuamos apresentando algumas razões para o adoecimento de Oxalá. É possível observar uma grande floresta em chamas, chamando atenção para problemas que podem impactar as florestas a ponto de gerar danos graves ao meio ambiente, como o aquecimento global, o desmatamento e os incêndios criminosos. Além disso, na parte de trás da alegoria, os contornos de uma fábrica simbolizam os impactos ambientais que o consumo desenfreado de recursos naturais pode ter, considerando que tal aceleração, muitas vezes, está conectado à demanda capitalista imposta pela necessidade implacável de consumo. Ao redor de todo o Abre-Alas, há opaxorôs e pombas, símbolos de Oxalá, com uma coloração envelhecida, apresentando o conceito de que os problemas que tanto influenciam no adoecimento de Oxalá fazem com que seus símbolos também envelheçam. A alegoria, de forma carnalizada e teatral, demonstra que Oxalá adoce porque a humanidade, tomada pela ganância e por sentimentos de poder, desvia o mundo de seu propósito inicial: a convivência em harmonia de todos os seres, e isso se reflete em seus símbolos.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Paulo Barros

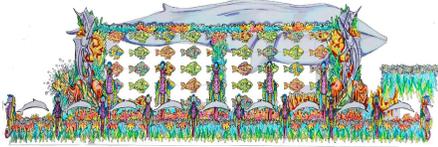
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>“E A INOCÊNCIA ENTROU NO TEMPLO DA CRIAÇÃO...”</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	<p>Guiadas por Exu, as crianças chegam ao Templo da Criação, que, ornado por um belo portal, é o local em que todas as coisas do mundo são criadas. Ao entrarem, se encontram com os outros orixás, que as levam, por sua vez, para encontrarem com o Deus dos deuses, Olorum – que, na mitologia yorubá, seria o Deus Supremo de tudo e de todos no Universo. Ali, orixás e crianças preparam-se para iniciar a jornada pelo Templo da Criação e se dedicar a esse aprendizado primordial. Desde a entrada do portal, as crianças são capazes de testemunhar seres fantásticos, que as acompanham e as auxiliam a se locomoverem ao longo do Templo da Criação. A alegoria apresenta alguns desses seres fantásticos habitantes do Templo. Além disso, na saia do carro alegórico, há adereços – cabeças adornadas com seus motivos, formas e cores – que fazem conexão do espaço com o orixá Exu. Afinal, ele foi o responsável por levar as crianças ao Templo da Criação e é ele, também, quem guiará as crianças e os demais orixás pelos caminhos. Não é à toa que ele está no topo da alegoria, enquanto os demais orixás encenam ao redor da parte superior.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Paulo Barros

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;"><b>Tripé 02</b> <b>O MUNDO FANTÁSTICO DAS</b> <b>ÁGUAS</b></p>  <p style="text-align: center;"><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução do tripé.</i></p>	<p>Nesse momento, as crianças testemunham a beleza do mundo marinho, conhecendo os segredos dos arrecifes e a riqueza dessa formação gerada pelo acúmulo de animais marinhos e algas. Os arrecifes são um ecossistema dentro do próprio ecossistema marinho, promovendo uma reciclagem de nutrientes entre si que ajuda a manter e preservar a vida dentro desse microuniverso. Recheado de corais, algas e conchas, o tripé também mostra diversos seres marinhos, compondo o ecossistema que encanta as crianças. A presença de peixes, golfinhos, cavalos marinhos e polvos cria o cenário para que façamos a exaltação desse mundo fantástico. Por fim, é necessário destacar a baleia como elemento central. Esse mamífero aquático, que hoje tem muitas de suas espécies ameaçadas de extinção, chama a atenção das crianças por seu grande porte e exuberância.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

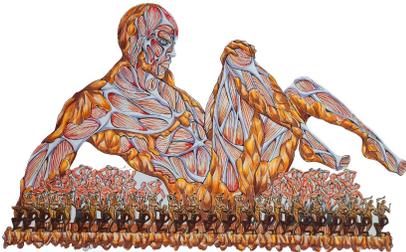
Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Paulo Barros

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p data-bbox="293 625 626 695"><b>A NATUREZA E SEUS ENCANTOS</b></p>  <p data-bbox="220 1654 699 1822"><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	<p data-bbox="716 625 1432 1612">Ao longo do segundo setor, as crianças tomaram conhecimento de como foi a criação de diversas formas de vida, além das contribuições que prestam para o mundo. Compreenderam como os peixes e outras formas de vida ocupam as águas dos rios e do mar, assim como aprenderam sobre a importância das flores e das frutas. Ao final dessa parte da jornada, encontram-se com a Mãe Natureza, para que ela lhes conte, um pouco mais, sobre a importância do equilíbrio natural para a perpetuação das espécies e a manutenção da harmonia entre homem e ambiente. Aqui, podemos enxergar como as plantas e as flores integram o corpo da Mãe Natureza, mostrando que sua existência está intrinsecamente ligada à energia vital das florestas e dos seres vivos que nelas habitam. Demonstramos isso, também, a partir da variedade de animais na alegoria, dando uma boa compreensão sobre como a vida desses seres se relaciona com a boa saúde da Mãe Natureza. Vale ressaltar que a presença dos animais no carro alegórico é uma visão artística e carnavalizada que representa a diversidade da fauna no mundo e, assim como a figura mítica da Mãe Natureza, não tem conexão direta com nenhum território ou espaço específico. Isso ocorre, pois as crianças que estão no Templo – que, vale salientar, são de todas as partes do mundo – conhecem sobre a criação da fauna e da flora no planeta. Nesse cenário, a exaltação é para a obra do Criador.</p>

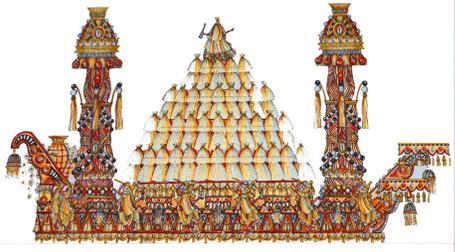
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Paulo Barros		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>A CRIAÇÃO DO HOMEM</b></p> 	<p>Entre as missões que Olorum ordenou a Oxalá, talvez a mais importante delas tenha sido a criação do homem, onde eram necessários esforço e atenção para que pudesse dar vazão à tarefa que lhe seria outorgada: a de promover a paz e a união, ajudando a zelar pelo restante da criação. Seria função do homem ajudar os orixás a cuidarem dos animais, da natureza e do restante dos elementos presentes na Terra. Então, Oxalá promoveu diversas tentativas para conseguir criar o homem, até achar o elemento ideal e perfeito para a tarefa: o barro. Com esse material, Oxalá teria uma matéria-prima que pudesse, ao mesmo tempo, ser maleável para os momentos de escultura, mas que conseguisse adquirir solidez o suficiente para manter o homem firme. Assim, Oxalá consegue cumprir sua missão e criar o homem a partir do barro. A alegoria representa, de forma artística, a origem mitológica da criação do corpo humano e a perfeição de sua anatomia.</p>
	<p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>OMULU – O VALOR DA CURA DO CORPO E DO ESPÍRITO</b></p> 	<p>Segundo a mitologia yorubá, há milhares de anos, a peste tomava conta da população de diversos vilarejos e, frente à gravidade da doença, pouco conseguia ser feito. Nesse momento, os habitantes desses vilarejos começaram a rogar pela intervenção de Omulu, e, atendendo a essas preces, o orixá visitou residência por residência, limpando as chagas da peste, promovendo a cura e afastando a doença das pessoas. A partir daí, teria sua chegada celebrada, em todos os lugares, pois, ali, estava a personificação da cura. Esse é um entre tantos itans que contam sobre Omulu, que é, segundo Reginaldo Prandi e Pierre Verger, o orixá que rege os caminhos da cura. Ao apresentá-lo para as crianças, elas aprendem sobre a importância de valorizar os cuidados com a saúde do corpo, da mente e do espírito, para garantir que todos tenham o direito de cuidar do seu próprio bem-estar. Promover esses ideais é essencial para a construção de um mundo mais igualitário, justo e respeitoso, se unindo a todos os valores que foram apresentados no quarto setor. Na alegoria, alguns dos elementos característicos de Omulu criam a sua representação, de forma que possamos clamar pelo valor da energia curativa que o Senhor da Terra promove.</p> <p><b>Observação:</b> Os componentes, coreografados por André Lúcio, encenam um ritual de cura e saúde com passos característicos do orixá. A caracterização de Omulu com o rosto totalmente coberto está na figura central da alegoria. Por uma questão de segurança, no caso dos bailarinos, optou-se por apresentá-los com os rostos parcialmente cobertos.</p>
	<p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Paulo Barros		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
06	<p><b>O SAGRADO BATISMO</b></p> 	<p>Terminada a jornada! Após entenderem sua missão de ensinar aos habitantes da Terra tudo o que viram no Templo da Criação e, assim, lutar por um mundo melhor, as crianças retornam da viagem. Mas, antes disso, são rebatizadas nas águas sagradas do Templo, a fim de voltarem purificadas para reiniciarem sua jornada na Terra. Festejam, cantam, dançam... Afinal, Oxalá está curado e, com a alma cheia de amor, se enche de esperança na transformação de sua própria criação. Axé! Nossa alegoria representa o sagrado batismo das crianças nas águas do Templo da Criação, para seu retorno à Terra. Martinho da Vila, o grande sacerdote, rege o ritual de batismo, auxiliado por componentes da Velha-Guarda da escola. Pombas brancas adornam a lateral do carro alegórico, simbolizando a salvação de Oxalá e a energia de paz que irá se instaurar no mundo. Salve a pureza das crianças!</p>
	<p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da alegoria.</i></p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 01 - Chassi 01</u></b>  <b>Ednelson Pereira</b> - Fantasia: <b>Aura Doente de Oxalá</b></p> <p><b><u>Alegoria 01 - Chassi 02</u></b>  <b>Hoffstater</b> - Fantasia: <b>Senhor do Fogo</b></p> <p><b><u>Alegoria 02</u></b>  <b>Garrido</b> - Fantasia: <b>O Deus dos Deuses, Olorum</b>  <b>Mary The France</b> - Fantasia: <b>Guardiã do Templo</b>  <b>Wilson Alves</b> - Fantasia: <b>Exu</b></p> <p><b><u>Tripé 02</u></b>  <b>Jussara Calmon</b> - Fantasia: <b>A Pérola dos Mares</b></p> <p><b><u>Alegoria 03</u></b>  <b>Hermínia Paiva</b> - Fantasia: <b>Beleza e Esplendor da Natureza</b></p> <p><b><u>Alegoria 05</u></b>  <b>Hugo Raphael</b> - Fantasia: <b>Omulu</b>  <b>Andrea</b> - Fantasia: <b>O Segredo das Cabaças</b>  <b>Fábio</b> - Fantasia: <b>Cura de Todos os Males</b>  <b>Edmundo</b> - Fantasia: <b>Energia de Omulu</b></p> <p><b><u>Alegoria 06</u></b>  <b>Martinho da Vila</b> – Fantasia: <b>O Grande Sacerdote</b>  <b>Marcos Teixeira</b> - Fantasia: <b>Luz de Oxalá</b></p>	<p>Empresário</p> <p>Comissário de Bordo</p> <p>Empresário</p> <p>Estilista</p> <p>Empresário</p> <p>Empresária</p> <p>Aposentada</p> <p>Empresário  Analista Financeira  Assistente Administrativo  Servidor Público, Biomédico e Professor</p> <p>Cantor, Compositor, Escritor e Presidente de Honra da Unidos de Vila Isabel  Empresário</p>
<p><b>Local do Barracão</b>  Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>  Moisés Carvalho</p>	

<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Joãozinho	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Futica
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Alex Salvador e Max Muller	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro Assis
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Moisés Carvalho	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Robson Saturnino

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**

Luiz Martins	- Diretor de Barracão
Felipe “Gordinho” Sobral	- Diretor de Compras
Paulo Barros	- Criador do Projeto Plástico das Alegorias
Paulo Barros e Júnior Barata	- Desenhistas e Figurinistas
Nino	- Fibra
Hildenberg Batista	- Engenheiro
Rogério Kennedy (Fuca)	- Iluminação
Sandro Marcio e filhos	- Vidraceiros
Alex Salvador	- Movimentos
Célio	- Almoxarife
Fábio Costa	- Direção Artística
Guto	- Projetista
Daiany Almeida	- Aderecista Chefe
Alexsandro Maia	- Cortador
Gomes	- Porteiro
Batista	- Vigia

**Outras informações julgadas necessárias**

**Diretor de Barracão: Luiz Martins** – Luiz Fernando Martins, 35 anos, produtor cultural, natural de São Paulo, mas residente na cidade do Rio de Janeiro. Profissional do carnaval há 18 anos, exercendo funções como; Adereço e Decoração, Direção de Harmonia, Projeto Social, Eventos, Comissão de Carnaval, Direção de Carnaval e, hoje, exerce a função de Direção de Barracão na Unidos de Vila Isabel, onde completará nove anos na escola.

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Fogo que Devasta as Florestas</b></p> 	<p>O setor apresenta alguns dos males que fizeram com que Oxalá adocesse e o primeiro apresentado, aqui, são as queimadas. Um dos maiores problemas do mundo contemporâneo, seja por consequência das mudanças climáticas e do aquecimento global, seja pelos incêndios criminosos realizados nas florestas por gananciosos fazendeiros, garimpeiros e grileiros, as queimadas causam danos irreversíveis ao meio ambiente. Por exemplo, segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), “a Amazônia registrou alta de 65% na área queimada de janeiro a abril de 2023, em comparação com os quatro primeiros meses do ano anterior. O bioma teve 1,3 milhões de hectares atingidos pelo fogo, ou 91% de tudo o que queimou no Brasil no período”. Levar esses dados em consideração não deixa dúvidas da urgência em enfrentarmos essa situação com seriedade para que tenhamos alguma chance de reverter esse quadro e de como, em nosso enredo, tal problemática afetou a saúde de Oxalá.</p>	Comunidade (2023)	André Lúcio de Oliveira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<b>Fogo que Devasta as Florestas (Continuação)</b> 	<p>Os elementos das árvores, em tons de marrom e formato retorcido, nos oferecem a sensação de secura proveniente dos efeitos do fogo. A presença de formas que fazem alusão aos tocos de árvores remete ao desmatamento, uma das consequências mais graves do processo das queimadas. As folhas verdes nos ombros e na cabeça demonstram a vegetação que resta nas árvores e que ainda são passíveis de serem consumidas pelo fogo. Os componentes da ala trazem, ainda, elementos cenográficos de mão, cujos movimentos coreografados dão a impressão da vivacidade do fogo. Além disso, há a presença das cores que remetem ao fogo na saia do figurino, arrematando o conjunto da fantasia</p>	Comunidade (2023)	André Lúcio de Oliveira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>Soldados da Guerra</b></p> 	<p>A segunda ala representa as guerras e sua consequência nefasta para o planeta. Ao longo de toda a história, as guerras foram um elemento-chave para compreender as transformações da nossa realidade. Quando observamos o impacto gerado pelas guerras no mundo – como podemos observar, recentemente, nos conflitos entre Rússia e Ucrânia, Palestina e Israel, entre outros –, nosso olhar se volta para a consequência mais imediata e cruel desse processo: as vidas perdidas. Oxalá, ao constatar que o mundo criado está mergulhado em diversos conflitos movidos pela ambição e ganância humana, se entristece. Trazendo referências visuais que remetem aos militares, com a predominância do verde-escuro, a ala tem a presença de materiais bélicos, como bombas, mísseis e armas, elementos visuais que proporcionam a leitura e a representação da guerra como mensagem.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>A Química Perversa</b></p> 	<p>A musa representa a poluição através do despejo de produtos químicos no planeta Terra. Geralmente atrelada à utilização de agrotóxicos ou do despejo ilegal de poluentes por parte de fábricas ou outras empresas, a presença desses compostos químicos geram prejuízos em longo prazo para todos os seres vivos.</p>	<p>Destaque de Chão – Musa Paula Bergamin (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Terra, Planeta Lixo</b></p> 	<p>Quando falamos, aqui, dos males que adoeceram Oxalá, é impossível não trazer a questão da poluição e de seu impacto negativo sobre o ecossistema mundial. Não faltam dados e bases de estudo sobre a urgência do problema. Nos oceanos, por exemplo, segundo parceria do Um Só Planeta com o Globo, cerca de 13 milhões de toneladas de lixo são despejados todo ano só nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, o que prejudica a biodiversidade da natureza, gerando malefícios às águas do planeta. Em relação à emissão de gases poluentes, há um esforço global, dirigido pela Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, para o enfrentamento da questão. No caso do Brasil, os dados são preocupantes: segundo o Instituto de Energia e Meio Ambiente, o país teve aumento de 12% na emissão de gases poluentes de 2020 para 2021, conforme levantamento realizado para a edição do conselho da COP 27.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Terra, Planeta Lixo (Continuação)</b></p> 	<p>A fantasia traz elementos relacionados ao assunto: as torneiras, com água escura, representam a poluição das águas, enquanto as plumas de coloração preta representam a emissão de gases na atmosfera. A estampa do planeta Terra, simulando um saco de lixo, funciona como um símbolo carnalizado de como o planeta deve atentar-se para a questão ambiental visando a sua sobrevivência.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>Caçadas Desenfreadas</b></p> 	<p>As caçadas desenfreadas também foram um dos motivos para o adoecimento de Oxalá, pois representam uma ameaça para o equilíbrio dos nossos ecossistemas e trazem causas não naturais para a morte de animais. No Brasil, por exemplo, a caça irrestrita é uma atividade ilegal desde a década de 1960 e, mesmo assim, continua a ser praticada sem grandes fiscalizações. Segundo a <i>Revista Pesquisa</i>, da FAPESP, mais de 500 milhões de dólares foram movimentados no século XX com essa atividade, indicando a sua lucratividade. Para a leitura da fantasia, a bota e o chapéu característicos, em versão carnavalizada, remetem à figura do caçador estabelecida no imaginário popular. Elementos visuais fazem alusão aos animais que são vítimas preferenciais do comércio proveniente da caça ilegal no mundo – e, por isso, ameaçados de extinção. As representações imagéticas fazendo alusão ao couro, e outras partes desses animais, visam construir nossa consciência sobre essa questão mundial e a leitura da fantasia.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>Exu: Senhor dos Caminhos, Guia da Esperança</b></p> 	<p>Ao observar o estado adoecido de Oxalá, Olorum, o Deus dos deuses na tradição yorubá, convoca os orixás para salvá-lo. Ordena que crianças de todas as partes do mundo visitem o Templo da Criação, para que compreendam por que o mundo foi criado e, assim, salvem Oxalá com um sopro de esperança inocente e reformador. Nesse momento, cumprindo também sua missão como mensageiro dos orixás, Exu é o responsável por ir à Terra e levar as crianças ao Templo da Criação. Segundo Pierre Verger, tanto no culto em África quanto no culto no Novo Mundo, em Cuba e no Brasil, nada se faz sem Exu. É ele, pois, quem conecta o Orum e o Ayê – o Céu e a Terra.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>Exu: Senhor dos Caminhos, Guia da Esperança (Continuação)</b></p> 	<p>Para transmitir a mensagem, a roupa traz, majoritariamente, o vermelho e o preto, cores associadas ao orixá, além de alguns dos seus símbolos característicos, como a cabeça em formato curvilíneo – demonstrado em vários ensaios fotográficos, como os de Verger, por exemplo –, o Ogó, símbolo fálico que representa a masculinidade, e as chaves, representando a abertura dos cadeados e dos caminhos. Ao utilizar as setas, múltiplas em tamanho e em direção, representamos a diversidade de trajetórias possíveis e regidas por Exu – o orixá dos caminhos que encaminha as crianças ao Templo da Criação. Que comece a jornada!</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
*	<p><b>Guardiã do Templo da Criação</b></p> 	<p>Antes de chegarmos, de fato, ao portal de entrada do Templo da Criação, encontramos com essa guardiã, que exerce a função de guia protetora do planeta. É ela a responsável por preservar a entrada do Templo, permitindo a passagem apenas daqueles cujas intenções representem tudo o que Oxalá reflete, principalmente a bondade e a esperança.</p>	Destaque de Chão – Musa Juliana Souza (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p><b>Peixes de Água Doce</b></p> 	<p>Ao entrar no Templo da Criação, as crianças começam a aprender sobre as maravilhas da criação do mundo natural. No início dessa jornada, conhecem sobre os peixes de água doce e sua importância para a biodiversidade. Fundamentais para o ecossistema, esses seres possuem papel ativo na cadeia alimentar e na dieta humana, atuando como traço importante da cultura alimentícia de diversos povos. Na construção da fantasia, a escolha por símbolos e cores que remetem ao mundo das águas dos rios, com a predominância do azul em diferentes tons, colabora para a representação do pretendido. Além disso, os peixes estão representados na parte superior da indumentária.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Cavalos Marinhos</b></p> 	<p>Continuando a jornada pelo mundo aquático, as crianças conhecem sobre os cavalos marinhos e sua importância para o equilíbrio do ecossistema do mar. Também aprendem sobre a necessidade de garantir que seu modo de vida e sua reprodução sejam respeitados em seus habitats naturais. Para a leitura do significado da indumentária, o costeiro traz, em uma versão carnavalizada, elementos que simulam as barbatanas do animal, bem como a cabeça da fantasia, que é feita no formato da cabeça dos cavalos marinhos. O figurino traz, ainda, cores que remetem às águas do mar.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>O Encanto das Flores</b></p> 	<p>Dando sequência à viagem pelo Templo da Criação, as crianças, agora, conhecem sobre as espécies que habitam a terra firme. Avistam as flores, essenciais para a perpetuação da vida por serem uma das principais responsáveis pela reprodução das plantas e pelo equilíbrio do ecossistema. A fantasia é adornada por pétalas, desde a saia até a cabeça. Nos costeiros, as partes verdes representam as folhas, que as acompanham em grande parte de suas espécies, e os fios dourados representam o estame, órgão responsável pela produção de pólen, referenciando uma de suas funções mais importantes.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Frutas: Sabores e Cores</b></p> 	<p>Nesse momento, as crianças conhecem sobre as frutas e a importância de sua criação para a natureza. As frutas são uma das grandes fontes de alimentação da vida humana e de animais silvestres, cumprindo também um papel de reprodução, já que, ao terem as sementes despejadas em solo fértil pelos animais após a alimentação, têm a capacidade de se reproduzirem em terrenos mais distantes, aumentando a diversidade no ecossistema. Isso chama a atenção para a necessidade de explorar meios mais naturais e saudáveis para a preservação das plantações. A ala conta com cinco figurinos de frutas diferentes: banana, melancia, laranja, abacaxi e limão, de maneira a representar a diversidade de frutas na natureza, onde suas cores e formas remetem a cada elemento com seus símbolos característicos.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Mãe Natureza</b></p> 	<p>A fantasia é uma leitura carnavalizada e poética da figura mítica da Mãe Natureza – associada, aqui, às tradicionais mães do samba, as tias baianas –, que dá ensinamentos às crianças e apresenta a importância de preservar toda a fauna e a flora no mundo. Compreender a importância da preservação da natureza é um debate urgente e complexo, pois há diversas problemáticas que precisam ser combatidas, de pronto, para que possamos ter a possibilidade de ainda salvaguardar os elementos que fazem com que nosso planeta seja habitável e comporte a vida humana. Dessa forma, as crianças se encantam com sua beleza e ouvem, atentamente, seus ensinamentos.</p>	<p>Baianas (2019)</p>	<p>Vera Lúcia Belandi</p>
*	<p><b>Ode à Mãe Natureza</b></p> 	<p>A fantasia representa uma ode à beleza da Mãe Natureza, valorizando suas formas, cores e tamanhos, capazes de criar uma mistura encantadora que arrebatou todos aqueles que podem vê-la.</p>	<p>Destaque de Chão – Musa Andréa Andrade (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Cérebro: Máquina da Vida</b></p> 	<p>Nesse momento, as crianças descobrem o próprio corpo e, através dele, compreendem a verdadeira missão do homem no planeta. O corpo é o próprio templo do homem, e cuidar dele é garantir a continuidade plena de nossa existência individual e coletiva. Ao começar essa jornada de autodescobrimento, as crianças aprendem, primeiro, sobre o órgão que tem a função de processar todas as informações e comandar todas as funções do corpo humano: o cérebro. A quantidade de informações processadas por ele, a cada segundo, faz com que seu gasto de energia se mantenha em uma constante, haja vista que o inconsciente continua trabalhando a todo o momento, em contraste com outros órgãos, que têm uma diferenciação mais clara entre fases ativas e inativas, e, por isso, é considerado um dos principais do corpo humano. A complexidade do cérebro faz com que os estudos sobre suas atribuições, células e funções sejam fundamentais para o avanço da ciência. A fantasia apresenta o órgão na parte superior, como o centro de controle de engrenagens, terminações nervosas e fios que o conectam à máquina do corpo humano.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Genes da Folia</b></p> 	<p>A festa que acreditamos e defendemos realmente está gravada em nossos genes. A conexão com o samba, que passa de mães, pais, avós, tios, primos e todos os familiares para aqueles que estão começando a caminhar em meio ao mundo do samba, é parte essencial da maneira com que construímos a nossa identidade. Não à toa, as relações que se estabelecem dentro das escolas de samba reivindicam os vocativos familiares para aqueles que nos ensinam sobre a mais nobre arte. É por isso que exaltamos os genes da folia, a herança familiar e as memórias que carregamos de forma vívida ao pisarmos na Avenida.</p>	<p>Destaques de Chão – Musas Anna Karolina e Dandara Barreto (2019)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>O Samba está no DNA!</b></p> 	<p>Continuando em sua jornada para descobrir sobre o próprio corpo, as crianças aprendem sobre o DNA. Mesmo que invisível aos olhos, o DNA desempenha uma função fundamental não só para a elaboração da vida em sua concepção, mas também para a preservação e a continuidade da espécie. No DNA, estão armazenadas as informações evolutivas da nossa espécie, e é através dele que carregamos nossos traços e somos capazes de transmitir nossos genes para as gerações futuras. A preservação do que trazemos de nossos ancestrais é essencial para construir nosso futuro; e, em nosso caso, carregamos nossa cultura e, principalmente, o samba. O saber ancestral de dar vida à cultura por meio do próprio corpo mora no exercício da arte dos passistas. É com seus passos que vemos a transmissão dos saberes que vêm de longe, e é dos passistas a missão de mostrar que o samba faz parte do nosso DNA, seguindo uma metáfora popularmente conhecida. Alguns elementos são responsáveis por oferecer a leitura da fantasia, como as duplas hélices – as representações mais conhecidas da estrutura do DNA –, além da malha que compõe a roupa, onde podemos ver ligações orgânicas que remetem às bases nitrogenadas que constituem o DNA.</p>	Passistas (2019)	Gabriel Castro

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Corrente Sanguínea</b></p>  A fantasia Corrente Sanguínea é uma peça de carnaval com um corpo principal em tons de vermelho e branco, adornado com detalhes que sugerem um sistema circulatório humano. O elemento mais proeminente é um grande círculo de penas vermelhas e brancas que se abrem para trás, formando uma espécie de 'coração' ou 'pulmão' estilizado. A fantasia é exibida sobre um fundo branco.	<p>A fantasia representa a corrente sanguínea e, não por acaso, está à frente da bateria, que representa o coração. É ele quem faz o sangue circular pelo corpo e é o sangue quem alimenta o corpo.</p>	<p>Rainha de Bateria Sabrina Sato (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><b>Coração, a Pulsação Perfeita</b></p> 	<p>As crianças conhecem o coração, órgão responsável por bombear o sangue pelo corpo, fazendo com que o sangue rico em oxigênio chegue aos órgãos por intermédio das artérias, assim como bombeia o sangue rico em gás carbônico para o pulmão, que vai fazer a filtragem desse sangue, para que o processo se repita. O pulsar constante do coração nos confere a vida, e é a partir do seu funcionamento que todos os demais órgãos podem cumprir a sua função. Além disso, o coração é a representação humana do lugar onde os sentimentos afloram: amor, tristeza, alegria... A representação, por meio desse símbolo, faz com que a humanidade dê sentido às suas emoções. Em nosso desfile, o coração não poderia ser representado em outra ala que não fosse a bateria. É através da sua pulsação constante e de seu ritmo único que nossa escola ganha vida, cadenciando para que possa tomar as ruas e avenidas. Tubos vermelhos e azuis ocupam toda a extensão da fantasia, representando o fluxo de sangue arterial e venoso, respectivamente, pelo corpo. Esses fios se conectam até a cabeça, onde um coração dá o último complemento na visualidade do figurino.</p>	Bateria (2018)	Mestre Macaco Branco

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>O Que os Olhos Veem</b></p> 	<p>A ala representa os olhos, órgãos importantes para a construção de um dos sentidos do corpo humano, a visão. Aqui, as crianças aprendem sobre suas atividades e a importância de sua preservação para o bom funcionamento do corpo. O figurino apresenta diversos olhos, que, ligados por fios vermelhos – que representam os nervos ópticos e suas ligações nervosas –, decodificam e interpretam a visão capturada do mundo social e concreto. Na parte inferior da fantasia, saias simulam o planeta Terra, dando a dimensão de que os olhos são responsáveis pela construção da nossa visão de mundo. O formato cônico foi escolhido para representar a dinâmica de como funciona a construção da imagem na retina.</p>	Comunidade (2023)	André Lúcio de Oliveira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><b>Estrutura Muscular</b></p> 	<p>Nesse momento, as crianças conhecem a estrutura muscular do corpo humano, que é uma malha intrincada que cobre toda a extensão da nossa estrutura física, sendo responsável pelos movimentos corporais, desde os mais imperceptíveis até as nossas atividades mais complexas. Pensar nos músculos é pensar em uma rede complexa que funciona de maneira integrada e faz com que a máquina que é o corpo humano possa realizar suas funções de forma apropriada. A fantasia traz, em sua representação, algumas veias e artérias, que se ligam aos músculos para a irrigação do sangue ao longo do corpo e são fundamentais para seu funcionamento, além de músculos, em cores avermelhadas, ao longo do figurino. As tiras em formato tubular, que saltam à fantasia, representam os tendões, que cumprem, também, a função de integrar o sistema muscular.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Barro, a Matéria-Prima</b></p> 	<p>Aqui, as crianças conhecem, também, o material utilizado por Oxalá na criação do homem. Segundo o mito yorubá descrito por Reginaldo Prandi, tendo recebido de Olorum, o Deus Supremo, a missão de criar o homem e após realizar o teste com diversos materiais, Oxalá finalmente encontrou no barro o material perfeito para a criação de sua obra-prima. Podemos ver, no figurino, a matéria-prima utilizada pelo criador.</p>	<p>Destaque de Chão – Musa Gabi Martins (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Ogum – O Valor do Trabalho</b></p> 	<p>A fantasia de Ogum abre o quarto setor, onde as crianças aprendem sobre os valores, ensinados e personificados pelos orixás, que se apresentam para elas ao longo da jornada pelo Templo da Criação. O primeiro a se apresentar é Ogum. Pierre Verger relata que, em várias histórias da mitologia nagô, Ogum aparece como o construtor das ferramentas necessárias ao trabalho do homem e, por isso, é o orixá que domina a metalurgia “e de todos aqueles que utilizam esse metal”; e, quando alguém precisa de um trabalho, clama a Ogum. A partir dele, as crianças aprendem o valor do trabalho e sua importância para uma sociedade mais harmônica. Na fantasia, a cor azul, característica do orixá, é predominante. A utilização da espada – símbolo de Ogum – e do martelo representa sua conexão com a metalurgia e a forja das ferramentas necessárias ao trabalho, para os yorubás, como defende Arthur Ramos, em <i>As Culturas Negras</i>, bem como vários itans de Ogum.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>Oxum – O Valor do Amor</b></p> 	<p>Dando continuidade ao conhecimento dos valores, agora quem se apresenta para as crianças é Oxum. Através dela, aprendem a importância do amor e a necessidade de resgatá-lo como um valor importante para a humanidade. Dessa forma, seria possível a construção de uma sociedade melhor e um futuro mais amoroso. Pierre Verger, em <i>Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns</i>, traduz alguns orikis – histórias cantadas e contadas – de Oxum, do yorubá para a língua portuguesa. Um deles diz que “ela é dona do ouro”, maneira a qual disseminou sua imagem no imaginário popular e nas religiões de matriz africana, o que justifica a cor amarela e o dourado da fantasia. A ligação de Oxum com o valor do amor pode ser observada por meio do pesquisador Fernando Ortiz, ao destacar que ela “É uma divindade (...) alegre, atraente (...) a deusa do amor”. No figurino, a presença de corações – símbolo universalmente conhecido para o amor –, dá conta de representar o valor desse sentimento ensinado às crianças. A fantasia traz, ainda, o abebê, espelho utilizado por Oxum em suas representações.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>Xangô – O Valor da Justiça</b></p> 	<p>Um dos ideais mais importantes para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa é a justiça, e é a partir da figura de Xangô que as crianças conhecem mais sobre esse valor. Segundo Pierre Verger, “Xangô é viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e malfeitores”, tendo, assim, assumido a posição de orixá da justiça no panteão dos deuses yorubás. Sua representação se dá a partir da cor vermelha, o que justifica a sua predominância na fantasia. Além disso, é caracterizado pelo uso da coroa, que, ainda segundo Verger, faria alusão ao fato de Xangô ter “sido o terceiro Alafim de Oyó, ou seja, o rei da cidade yorubá de Oyó”, e pelo Oxê, machado de lâmina dupla, que Xangô utiliza em cada uma das mãos para punir os que o desafiarem. Completa a leitura da fantasia a figura da balança, presente no mundo social como uma dos principais símbolos desse ideal apreendido pelas crianças no Templo da Criação.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p><b>Oxumarê – O Valor das Artes</b></p> 	<p>Aqui, as crianças compreendem as artes como um valor potencial para o bem da humanidade. Afinal, como diz o samba, “a beleza é a missão de todo artista”, e a arte nos serve como instrumento potente para reflexão e mudança do mundo. É por isso que Oxumarê, orixá associado à arte, se apresenta às crianças e lhes ensina esse valor. Segundo matéria do jornal <i>Extra</i>, de 02 de outubro de 2014, o babalorixá Paulo de Oxalá descreve o orixá como o “Senhor da sensibilidade. Atividades ligadas à pintura, objetos de arte, joias, decoração, esculturas, artes plásticas, roteiro de cinema e televisão”. Como parte de um processo de ressignificação dos orixás no contexto brasileiro, a partir de múltiplas associações a elementos da natureza, conforme nos aponta Stefania Capone, em <i>A Busca da África no Candomblé</i>, muito da conexão de Oxumarê com as artes se dá devido a uma interpretação do orixá no contexto afro-brasileiro, que associa arte às sete cores do arco-íris.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

19	<p><b>Oxumarê – O Valor das Artes</b></p> 	<p>O compositor Martinho da Vila, em entrevista à equipe de pesquisa, relatou que, em uma livre visão poética, um arco-íris se revela a partir de sete águas, como uma referência à quantidade de cores que formam esse fenômeno. Por isso, para representar o orixá e seu valor associado, trazemos o arco-íris, além da serpente “que morde a própria cauda”, como símbolos característicos do orixá no panteão yorubá. A fantasia também traz máscaras de teatro e notas musicais, reforçando a conexão do orixá com o tema central proposto.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
----	---	--	-------------------	----------

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>Oxóssi – O Valor da Proteção à Natureza</b></p> 	<p>Entre os valores que são essenciais para o resgate do nosso mundo, é imprescindível que as crianças aprendam sobre os relacionados à preservação da natureza. Oxóssi, então, se apresenta como protetor das matas e traz seus ensinamentos para que possamos aprender os caminhos de preservação da criação. Segundo vários autores, como Pierre Verger e Reginaldo Prandi, entre outros, Oxóssi aparece como o orixá responsável pela caça. Com seu ofá – espécie de arco e flecha que mira suas presas, característico dos yorubás –, Oxóssi ensina às crianças que a caça faz parte da natureza humana e dos deuses. Porém, é necessário que se obtenha somente o essencial para a alimentação e a subsistência, não excedendo os limites do necessário. Na fantasia, é representado na cor azul-clara e traz em suas mãos o ofá. Em seu peito, a arara e a onça, símbolos associados ao orixá em diversos itans, representam sua conexão com a natureza e a caça.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p><b>Velha-Guarda – O Valor da Sabedoria Ancestral</b></p> 	<p>A Velha-Guarda representa a sabedoria ancestral, ensinada às crianças pelos mais velhos habitantes do Templo da Criação, como um valor fundamental para a harmonia na Terra.</p>	<p>Velha-Guarda (2019)</p>	<p>Cheila Rangel</p>
*	<p><b>Os Segredos da Cura</b></p> 	<p>Ao pensar nos valores essenciais para a continuidade da vida humana – e também para que a humanidade possa cumprir sua missão de auxiliar Oxalá a tomar conta da criação –, o valor da cura se torna inestimável: não só a manipulação necessária para fazê-la acontecer, mas também a importância de fazer com que a saúde seja acessível a todos. A fantasia representa os segredos dominados por Omulu, orixá que rege a saúde e conhece a cura de todos os males, fazendo, assim, uma exaltação às técnicas e aos caminhos que permitem a cura.</p>	<p>Destaque de Chão – Musa Dandara Oliveira (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantásias**

**Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>O Renascimento das Florestas</b></p> 	<p>Já no final da jornada, as crianças demonstram que aprenderam a lição e compreendem o que devem ensinar aos adultos em seu retorno à Terra. Com isso, apontam as soluções que encontraram para salvar a vida do planeta e, assim, começam a curar Oxalá. Aqui, vemos alguns dos conceitos que foram apresentados durante o primeiro setor sendo revertidos e mudados pela essência das crianças, que, após seu aprendizado, dão as alternativas necessárias para que possam cumprir a missão de resgatar o mundo, Oxalá e toda a sua criação. Entendem que é necessário maior cuidado com as florestas para que a humanidade e a natureza possam se perpetuar, ainda, por muito tempo. Vislumbram, então, o renascimento das florestas, que se revestem do branco – energia de Oxalá que se estende como um conceito do setor, pois, afinal, ele está sendo curado! –, onde as árvores começam a retomar sua coloração natural verde. Podemos observar, também, a presença de pássaros diversos, representando a possibilidade do retorno das espécies aos seus habitats naturais, anteriormente destruídos pelas queimadas e pelo desmatamento.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>Soldados da Paz</b></p> 	<p>Na fantasia dessa ala, vemos os elementos da guerra sendo subvertidos em prol da paz, onde as crianças entendem que devem lutar para um mundo em que se criem soldados que batalhem de maneira constante para a manutenção da paz no mundo, fazendo tudo o que é possível para encontrar os caminhos para encerrar os conflitos. Aqueles que uma vez foram portadores das guerras e da morte carregam os símbolos da paz e da esperança para construir um mundo mais pacífico, justo e seguro para todos. No figurino, podemos ver a subversão de alguns elementos utilizados no primeiro momento de nosso desfile: a predominância do branco representa a energia e a influência da energia de Oxalá nesses soldados, e os lugares que antes eram ocupados por bombas e foguetes, agora têm a presença de pombas brancas, animais universalmente conhecidos por serem o símbolo da paz e, também, de Oxalá. Além disso, a arma que empunham solta flores brancas ao invés de projéteis, representando mais uma simbologia da paz e da esperança.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p><b>Terra: Planeta Limpo!</b></p> 	<p>Quando apresentamos as mazelas no primeiro setor, pudemos ver a gravidade que está inserida no problema da poluição no mundo. Entretanto, as crianças entendem que os processos de despoluição das águas e do ar são urgentes e necessários e, sendo assim, tal mensagem deve ser ensinada a toda a humanidade o quanto antes. No figurino, ao pensar a oposição entre o que enxergamos nesse último setor e no primeiro, que retratava as mazelas que adoeceram Oxalá, o primeiro ponto de mudança é a água que derrama das torneiras. A presença da coloração branca e azul dá a sensação de águas limpas. Além disso, a coloração branca das penas, que representa a fumaça das chaminés, passa a mensagem de maior limpeza. Para finalizar, o globo na cabeça e em cores vivas, onde pousa uma borboleta, cria a visão de um mundo recuperado e renovado.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>A Transformação da Vida</b></p> 	<p>A musa representa a capacidade da natureza se renovar e encantar a vida, apesar das agressões que sofre, pois sempre resta a inspiração da mudança no voo suave de um novo tempo.</p>	<p>Destaque de Chão – Musa Kauany da Glória (2023)</p>	<p>Harmonia</p>
25	<p><b>A Preservação Animal</b></p> 	<p>Já chegando ao final da jornada, as crianças compreendem a importância de disseminar a mensagem da preservação dos animais para a manutenção do equilíbrio ambiental. Se, no primeiro setor, vimos que a caça desenfreada foi um dos motivos do adoecimento de Oxalá, aqui as crianças enxergam a importância de defender a vida das espécies animais, principalmente as que estão em extinção. Nos figurinos, trazemos a representação de animais dançando livremente. A ala conta com sete figurinos diferentes: arara, zebra, panda, tartaruga, girafa, onça e mico-leão-dourado, todos ameaçados de extinção em algum lugar do planeta, segundo o Greenpeace.</p>	<p>Comunidade (2023)</p>	<p>Fábio Costa</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>“A Criança é a Esperança de Oxalá”</b></p> 	<p>Cumprida a missão e encerrada a jornada no Templo da Criação, as crianças, personagens principais de nosso enredo, se preparam para voltar à Terra. É por intermédio da sua inocência, mas também da inteligência que lhes é inerente, que poderemos superar os problemas da nossa sociedade e salvar o nosso mundo. A ala das crianças traz figurinos que representam variadas etnias e costumes culturais, fazendo alusão ao chamado de crianças de todo o planeta para a viagem ao Templo da Criação. O esforço de salvar Oxalá e a Terra é global, sendo necessário que todos os povos do mundo aprendam os ensinamentos recebidos pelas crianças para o bem viver.</p>	Crianças (2023)	Flayanne Ruzia e Perolina Sodré de Souza

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Cores de Um Novo Tempo</b></p> 	<p>A musa traz as cores de um novo tempo, festivo e alegre, inspirando o sonho de um futuro de paz e alegria através da pureza das crianças.</p>	<p>Destaque de Chão – Musa Natacha Horana (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Paulo Barros

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p><b>Poetas do Templo da Criação</b></p> 	<p>Os compositores da Vila Isabel representam os poetas do Templo da Criação, que festejam e embalam o retorno das crianças à Terra, com muita música e festa.</p>	<p>Compositores (2019)</p>	<p>Thalles Henrique</p>
28	<p><b>A Vila é Resgatar, Salvar!</b></p> 	<p>Amigos, convidados e colaboradores da Unidos de Vila Isabel encerram o desfile com a alegria de quem semeia a esperança!</p>	<p>Amigos da Vila (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Local do Atelier**

Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão N° 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba

**Diretor Responsável pelo Atelier**

Fábio França

**Costureiro(a) Chefe de Equipe**

Dailze

**Chapeleiro(a) Chefe de Equipe**

-

**Aderecista Chefe de Equipe**

Daiany Almeida

**Sapateiro(a) Chefe de Equipe**

Zé

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**

Paulo Barros - Criador do Projeto Plástico das Fantasia

Paulo Barros e  
Júnior Barata - Desenhos e Figurinos

Paula - Espuma

Badu - Placas

Vitor - Vime

Paulo - Arames

Jorge Abreu - Maquiagem

Leandro Assis - Pintura

Alexsandro Maia - Corte

**Outras informações julgadas necessárias**

As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Diretor do Ateliê: Fábio França** – É coordenador de Produção da eLlabore.Kom participando das seguintes produções: Iyamesan, Debandada, Central Deriva, Temperos de Frida e Entrefolhas. Também é diretor de produção da Flor da Luz Entretenimento e Participações, produtora que tem como objetivo a promoção da cidadania por meio da educação, cultura e qualificação profissional, motivando a sociedade a identificar valores culturais das comunidades a que pertencem. A instituição se transformou em uma rede multiplicadora de soluções artísticas, culturais, sociais e educacionais, produzindo 27 espetáculos teatrais, entre eles, *Oboró - Masculinidades Negras*, ganhador do Prêmio Shell nas categorias de melhor figurino e melhor dramaturgia, indicado em três categorias do prêmio APTR e ganhador de prêmio Ubuntu em sete categorias. Em 2020, foi diretor de produção de projetos como: *O Amor Como Revolução* e *Yabas – Mulheres Negras*. Em 2021, produziu *Capiroto*, *Moda é Para Todos*, dança afro com Valéria Monã, e *Macbeth Preto*. No audiovisual, foi produtor executivo do clipe *Ombrinho*, do cantor Projota, dirigido por Lázaro Ramos, através da Universal Music; *Macbeth Preto*, documentário de Rodrigo França. Em 2021, trabalhou nas produções cinematográficas da Produtora A Fábrica: em *Barba, Cabelo e Bigode*, 2022 e na série *Sem Filtro* (Netflix). Participou também na produção do documentário *Enredos da Liberdade*, da Produtora Couro de Rato para o *streaming* Globoplay. Neste ano, ainda participou na produção da segunda temporada da série da Netflix, *A Sogra que te pariu*, da Suburbanos. Em 2023, como produtor de frente, trabalhou na produção da quinta temporada da série *Impuros*, da Fogo Cerrado, e no longa-metragem *Coreografia da Vida*, da TV Zero. Fez a produção executiva do curta-metragem *O Esperançar de Um Poeta*, com direção de André Rodrigues e Luciano Xavier. Trabalhou como produtor executivo, ao longo de 14 anos, nas Escolas de Samba: Império Serrano, Grande Rio, Porto da Pedra, Portela, Mangueira e Vila Isabel. Atualmente, é idealizador e diretor de produção do evento mensal "Samba no Museu", uma roda de samba no Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB-RJ).

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Autor(es) do Samba-Enredo** Martinho da Vila

**Presidente da Ala dos Compositores**

Thales Nunes

**Total de Componentes da  
Ala dos Compositores**

60  
(setenta)

**Compositor mais Idoso  
(Nome e Idade)**

Jonas da Vila  
86 anos

**Compositor mais Jovem  
(Nome e Idade)**

Douglas Santos  
29 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

Meu Deus  
O grande criador adoeceu  
Porque a sua geração já se perdeu  
Quando acaba a criação  
Desaparece o criador  
Pra salvar a geração  
Só esperança e muito amor

Então, foram abertos os caminhos  
E a inocência entrou no templo da criação  
Lá os guias protetores do planeta  
Colocaram o futuro em suas mãos  
E através dos orixás se encontraram  
Com o Deus dos deuses, Olorum

E viram... Viram como foi criado o mundo  
Se encantaram com a mãe natureza  
Descobrimo o próprio corpo compreenderam  
Que a função do homem é evoluir  
Conheceram os valores do trabalho e do amor  
E a importância da justiça  
Sete águas revelaram em sete cores  
Que a beleza é a missão de todo artista

**Gbalá é resgatar, salvar  
E a criança é a esperança de Oxalá  
Gbalá, resgatar, salvar  
A criança é a esperança de Oxalá  
Vamos sonhar...**

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

**Outras informações julgadas necessárias**

**JUSTIFICATIVA DO SAMBA**

*“Meu Deus  
O grande criador adoeceu  
Porque a sua geração já se perdeu  
Quando acaba a criação  
Desaparece o criador”*

No começo do samba, a letra nos coloca no cenário inicial do enredo, que é o adoecimento de Oxalá, em virtude da destruição do mundo pelo próprio homem. Ao ver a geração humana se perdendo de seu propósito e promovendo a destruição do mundo e de si mesma, o criador adoece. Isso nos leva a uma proposição que será apresentada como reflexão de todo o nosso desfile: Se não formos capazes de restaurar a criação e ela desaparecer, também desaparecerá o criador.

*“Pra salvar a geração  
Só esperança e muito amor  
Então, foram abertos os caminhos  
E a inocência entrou no templo da criação  
Lá os guias protetores do planeta  
Colocaram o futuro em suas mãos”*

Frente ao adoecimento de Oxalá, a solução encontrada por Olorum e pelos orixás, para recuperar a geração que se perdeu, é depositar sua esperança nas futuras gerações. É por isso que a inocência das crianças, com suas almas puras e livres da ganância dos adultos, é escolhida para promover esse resgate. Serão elas, então, que entrarão no Templo da Criação para aprender como o mundo foi criado, conduzir o nosso planeta à salvação e, por consequência, salvar o próprio criador.

*“E através dos orixás se encontraram  
Com o Deus dos deuses, Olorum  
E viram... Viram como foi criado o mundo  
Se encantaram com a mãe natureza”*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**JUSTIFICATIVA DO SAMBA**

**(continuação)**

Depois de chegarem ao Templo da Criação, guiadas por Exu, mensageiro, as crianças se encontram com os orixás, que, por sua vez, as levam para conhecer o “*Deus dos deuses, Olorum*”. Aqui, o samba elucida sobre como as crianças receberam a missão de salvar o planeta. Na jornada ao Templo da Criação, se deparam com criaturas marinhas, plantas, animais, se sensibilizando com o encanto e a beleza da Mãe Natureza.

*“Descobrimo o próprio corpo compreenderam  
Que a função do homem é evoluir”*

Logo após, as crianças tomam conhecimento de como o homem foi criado. Podem ver o barro utilizado por Olorum para a criação, assim como aprendem mais sobre as partes do seu corpo e como elas devem contribuir para a evolução do homem, trabalhando, amando e sendo justas.

*“Conheceram os valores do trabalho e do amor  
E a importância da justiça  
Sete águas revelaram em sete cores  
Que a beleza é a missão de todo artista”*

Depois de saber sobre a criação do homem, as crianças aprendem, com os orixás, os valores que são essenciais para a vida. Os ideais de trabalho justo, amor ao próximo, a importância da justiça e da igualdade, assim como a necessidade de valorizar e promover as artes – onde, em uma livre visão poética do autor do samba, as sete cores do arco-íris se revelam a partir de sete águas. Esses ensinamentos são essenciais para que a humanidade possa entrar novamente no curso da sua missão.

*“Gbalá é resgatar, salvar  
E a criança é a esperança de Oxalá  
Gbalá, resgatar, salvar  
A criança é a esperança de Oxalá  
Vamos sonhar...”*

O samba é finalizado com a mensagem central do enredo – a necessidade de resgatar e salvar a criação, e isso é feito a partir das crianças. É necessário depositar nossa esperança e nosso futuro nas mãos infantis, para que elas possam curar a criação e, assim, curar o criador e sonhar com um mundo melhor!

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestre Macaco Branco

**Outros Diretores de Bateria**

Birinha, Cativeiro, Cassiano, Cirilo, Geraldo, Ivo Francis, Jorge Pedro, Malcon, Mangueirinha, Mariozinho, Salgadinho, Pivete, P.V, Thayane, Thalita e Wolverine

**Total de Componentes da Bateria**

270 (duzentos e setenta) componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	13	16	0	0
<b>Caixa</b>	<b>Tarol</b>	<b>Tamborim</b>	<b>Tan-Tan</b>	<b>Repinique</b>
50	50	36	02	40
<b>Prato</b>	<b>Agogô</b>	<b>Cuíca</b>	<b>Pandeiro</b>	<b>Chocalho</b>
<b>0</b>	<b>0</b>	<b>24</b>	<b>04</b>	<b>24</b>

**Outras informações julgadas necessárias**

**Xequerês – 02 Componente**

**Bateria**

**Nome da Fantasia: Coração: a Pulsação Perfeita**

**O que representa:** As crianças conhecem o coração, órgão responsável por bombear o sangue pelo corpo, fazendo com que o sangue rico em oxigênio chegue aos órgãos por intermédio das artérias, assim como bombeia o sangue rico em gás carbônico para o pulmão, que vai fazer a filtragem desse sangue, para que o processo se repita. O pulsar constante do coração nos confere a vida, e é a partir do seu funcionamento que todos os demais órgãos podem cumprir a sua função. Além disso, o coração é a representação humana do lugar onde os sentimentos afloram: amor, tristeza, alegria... A representação, por meio desse símbolo, faz com que a humanidade dê sentido às suas emoções. Em nosso desfile, o coração não poderia ser representado em outra ala que não fosse a bateria. É através da sua pulsação constante e de seu ritmo único que nossa escola ganha vida, cadenciando para que possa tomar as ruas e avenidas. Tubos vermelhos e azuis ocupam toda a extensão da fantasia, representando o fluxo de sangue arterial e venoso, respectivamente, pelo corpo. Esses fios se conectam até a cabeça, onde um coração dá o último complemento na visualidade do figurino.

**Rainha de Bateria: Sabrina Sato**

**Nome da Fantasia: Corrente Sanguínea**

**O que representa:** A fantasia representa a corrente sanguínea e, não por acaso, está à frente da bateria, que representa o coração. É ele quem faz o sangue circular pelo corpo e é o sangue quem alimenta o corpo.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Diretor Geral de Bateria: Mestre Macaco Branco** – O percussionista Anderson Andrade, mais conhecido como “Macaco Branco”, nasceu em Vila Isabel e, como bom representante do bairro de Noel, começou ainda criança a frequentar a escola de samba. O amor pela música vem desde então, quando a latinha de refrigerante e o palito de churrasco formavam o tamborim improvisado. Seu interesse e vocação eram notórios e, por isso, ganhou de presente um instrumento de verdade. Logo começou a desfilar na bateria de escolas mirins, como Herdeiros da Vila e Aprendizes do Salgueiro. Aos 14 anos, fez sua estreia na bateria da escola de samba G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel e, um ano mais tarde, já era o responsável pela ala de tamborins, além de dar aulas de percussão no projeto desenvolvido pela agremiação. Macaco Branco deu, aos 18 anos, um importante passo em sua carreira quando conheceu Márcia Alvarez, empresária, que reconheceu seu talento e o convidou para fazer parte da nova banda da cantora Mart’nália. Trabalhando ao lado da cantora, aprendeu a tocar outros instrumentos de percussão que ampliaram seu horizonte para além do universo das escolas de samba. Tal vivência foi fundamental para aprimoramento e lhe permitiu fazer shows ao lado de artistas como Alcione, Celso Fonseca, Emílio Santiago, Luiz Melodia, Márcia Castro, Maria Rita, Paulinho Moska e Zélia Duncan. Também participa de gravações de trilhas sonoras e do CD das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Atualmente, o percussionista faz parte da banda do cantor Dudu Nobre, Pedro Luis, Hamilton de Holanda e Mart’nália, além de tocar junto à equipe do Samba de Santa Clara. Na carreira profissional, Macaco também atua dando aulas e workshops pelo Brasil afora. O músico já ministrou cursos de percussão na Colômbia e ocupou o posto de diretor musical da Unidos de Vila Isabel e da Acadêmicos do Sossego, onde também atuou como mestre de bateria. Além disso, Macaco Branco trabalha como produtor musical. Atualmente, Macaco ocupa o posto de mestre de bateria da Unidos de Vila Isabel. Sua estreia no cargo ocorreu no carnaval de 2019, tendo, antes disso, atuado em diversas funções dentro da bateria, como ritmista, diretor de tamborim e diretor de marcação. Com trajetória bem sucedida no comando da escola, Macaco Branco já conquistou dois Estandartes de Ouro, o de Revelação, em 2019, e o de Melhor Bateria, em 2020. Ainda no carnaval, o mestre Macaco Branco também vai para o seu quarto ano como o produtor musical do álbum dos sambas de enredo do Grupo de Acesso do Rio de Janeiro da Liga RJ, com trabalho altamente admirado e reconhecido entre os pares e foliões do carnaval. Em seu quinto carnaval à frente da Swingueira de Noel, coordenará os 270 ritmistas da agremiação.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Comissão de Harmonia: Moisés Carvalho, Diego Mendes, Fernando da Silveira Veiga, Joelma Veiga, José Francisco do Souto (Chico Branco), Yuri da Silva Maia e Wanderson Sodré (*in memoriam*)

**Outros Diretores de Harmonia**

Valter Ferreira (Valtinho). Júlio César (Tio Júlio), Edson Guilherme, Expedito Azevedo, Sérgio Fernando (Preto Velho), Marco Antônio (Marcão), Ednelson dos Santos (Didi), Alair Farias, Gilberto da Silva (Cabeça Rica) e Jorge Luiz Pitanga

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

70 (setenta) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Tinga

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Douglas Rodrigues (Cavaco), Léo Antunes (Cavaco), Wandré Moreno (Cavaco) e Kayo Calado (Violão)

**Outras informações julgadas necessárias**

**Cantores de apoio:** Juan Briggs, Rafael Tinguinha, Yanick Mazonni, Breno, Henrique, Gera e Felipe D’Paula

**Comissão de Harmonia:**

**Moisés Carvalho** - Moisés traz em sua bagagem mais de 20 anos de vivência na direção de escolas de samba. Após 15 anos dirigindo a Unidos do Porto da Pedra e uma passagem pela Portela em 2017, chega em 2024 coordenando com maestria seu sexto projeto na Vila Isabel.

**Diego Mendes** - Iniciou no carnaval, em 2011, no Acadêmicos do Salgueiro. Em 2019 ingressou no Departamento de Harmonia da Unidos de Vila Isabel, além de passar por diversas escolas do Grupo de Acesso. Atualmente, faz parte da comissão de Harmonia da Vila Isabel para o carnaval 2024.

**Fernando da Silveira Veiga** - Começou no carnaval, em 1984, como componente da Ala das Crianças. Integrou diversos segmentos até chegar à Harmonia, em 2008. Hoje, integra a Comissão de Harmonia da escola.

**Joelma Veiga** - Produtora e agitadora cultural de Vila Isabel, atua na área desde 2015, como Diretora de Harmonia na Herdeiros da Vila. Em 2017, assumiu o cargo de vice-presidente administrativa da G.R.C.E.S.M. Herdeiros da Vila, escola mirim que, hoje, fomenta os sambistas à produção do ofício do carnaval o ano inteiro. Atuou como diretora de Harmonia nas escolas Império da Tijuca (2014), Lins de Vasconcelos (2022), Beija-Flor (2018), Cubango (2017), UPM (2018), Grande Rio (2020) e Em Cima da Hora (2023), entre outras. Diretora de shows e eventos da Vila Isabel e Herdeiros da Vila. Atualmente, integra a Comissão de Harmonia da Unidos de Vila Isabel.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Comissão de Harmonia  
(Continuação):**

**José Francisco do Souto (Chico Branco)** - Em 1979, iniciou como componente de ala na Imperatriz Leopoldinense, passando a integrar a Harmonia de ala da escola, em 1990. Em 1992, passou à Harmonia, foi diretor-geral de Harmonia, em 2001, e, em 2010, integrou a Comissão de Carnaval da escola. Em 2014, entrou para a Harmonia Vila Isabel e, em 2023, passou a integrar a Comissão de Harmonia da escola.

**Yuri da Silva Maia** - Iniciou no carnaval em 2010, na escola de samba Gaviões da Fiel, de São Paulo. Migrou para o Rio de Janeiro e teve sua primeira experiência na Acadêmicos da Rocinha, em 2012, no segmento Harmonia. Ao longo desses anos, passou por diversas escolas dos grupos de Acesso e Especial e, na Vila Isabel, atua desde 2020. Atualmente, faz parte da Comissão de Harmonia para o carnaval 2024.

**Wanderson Sodré (*in memoriam*)** - Iniciou no carnaval em 1991, como Mestre-Sala. Atuou como diretor de Harmonia desde 2015, onde, na Unidos de Vila Isabel, esteve desde 2018, passando a integrar a Comissão de Harmonia da escola, em 2023.

**Intérprete Oficial: Tinga** – Anderson dos Santos, o Tinga, é oriundo do G.R.C.E.S.M. Herdeiros da Vila. De 2002 a 2004, fez parte do carro de som do G.R.E.S. Unidos da Tijuca. Morador da comunidade do Morro dos Macacos, atuou como primeiro intérprete do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, durante 10 anos, entre 2004 e 2013. Em 2014, Tinga tornou-se a voz oficial do G.R.E.S. Unidos da Tijuca e, em 2019, retornou para defender com sua voz marcante sua escola de origem.

**Diretor Musical: Douglas Rodrigues** – Nascido e criado no bairro de Vila Isabel, é mais conhecido como DG Magia. Começou na Herdeiros da Vila, em 2001, onde foi aluno dos grandes nomes da escola, como Mestre Trambique, Mestre Mug e Mestre Mangueirinha, e, desde então, nunca mais saiu de sua escola do coração. Em 2005, assumiu o cargo de cavaquista da Unidos de Vila Isabel, realizando seu grande sonho. Fez vários trabalhos como cavaquista em outras escolas de samba. É professor da oficina de cavaquinho no projeto social do Instituto Celeiro de Bambas, onde já fez com que a música mudasse a vida de mais de 150 pessoas. Desde 2022, é Diretor Musical do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Moisés Carvalho

**Outros Diretores de Evolução**

Edenelson Santos (Didi), Euza Borges, Alair Farias, Marco Antônio (Marcão), Sérgio Fernando (Preto Velho), Luiz Carlos (Kaká), Gilberto (Cabeça Rica), Eloisa (Tia Elo), Luzimar Fernandes (Bolinha) e Nilton do Nascimento

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

76 (setenta e seis) componentes

**Principais Passistas Femininos**

Anna Karolina Carvalho, Ênya Christine, Juliana Moraes, Elaine de Oliveira e Rafaela Xavier

**Principais Passistas Masculinos**

Hudson Gaspar (Estandarte de Ouro 2019), Edson Cunha, Pedro Gaspar, Baltazar Júnior e Jairo Cruz

**Outras informações julgadas necessárias**

**Diretor Geral de Evolução: Moisés Carvalho** – Moisés traz em sua bagagem mais de 20 anos de vivência na direção de escolas de samba. Após 15 anos dirigindo a Unidos do Porto da Pedra e uma passagem pela Portela em 2017, chega em 2024 coordenando com maestria seu sexto projeto na Vila Isabel.

**Coordenador da Ala de Passistas: Gabriel Castro** – Neto de Mestre Telinho da Mangueira e afilhado de batismo de João Nogueira, foi o diretor de passistas mais novo da história da Sapucaí, aos 17 anos, em 2007. Recebeu do jornalista e colunista Hélio Ricardo Rainho o apelido de "Reizinho de Madureira" e é, também, o Diretor/Coordenador mais premiado do carnaval, destacando-se entre eles: 02 Estandartes de Ouro, 03 S@mbaNet, 04 Troféu SRZD, 02 Troféu Jorge Lafond e 03 Troféu Jornal do Sambista. Em 2023, conquistou o Prêmio Estandarte de Ouro, como Diretor, pela Ala de Passistas da Unidos de Vila Isabel.

**Nome da Fantasia da Ala de Passistas: O Samba está no DNA!**

**O que representa:** Continuando em sua jornada para descobrir sobre o próprio corpo, as crianças aprendem sobre o DNA. Mesmo que invisível aos olhos, o DNA desempenha uma função fundamental não só para a elaboração da vida em sua concepção, mas também para a preservação e a continuidade da espécie. No DNA, estão armazenadas as informações evolutivas da nossa espécie, e é através dele que carregamos nossos traços e somos capazes de transmitir nossos genes para as gerações futuras. A preservação do que trazemos de nossos ancestrais é essencial para construir nosso futuro; e, em nosso caso, carregamos nossa cultura e, principalmente, o samba. O saber ancestral de dar vida à cultura por meio do próprio corpo mora no exercício da arte dos passistas. É com seus passos que vemos a transmissão dos saberes que vêm de longe, e é dos passistas a missão de mostrar que o samba faz parte do nosso DNA, seguindo uma metáfora popularmente conhecida. Alguns elementos são responsáveis por oferecer a leitura da fantasia, como as duplas hélices – as representações mais conhecidas da estrutura do DNA –, além da malha que compõe a roupa, onde podemos ver ligações orgânicas que remetem às bases nitrogenadas que constituem o DNA.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b>		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Moisés Carvalho		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b>		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> Flayanne Ruzia de Araújo Silva e Perolina Sodré de Souza		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>  108 (cento e oito)	<b>Quantidade de Meninas</b>  -	<b>Quantidade de Meninos</b>  -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Vera Lúcia Belandi		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b>  70 (setenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b>  Clementina Ricardo Augusto 88 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b>  Geisa Anacleto 28 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Cheila Rangel		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b>  64 (sessenta e quatro)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b>  Terezinha de Jesus Cardoso 92 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b>  Rosenberg de Jesus Cardoso 58 anos

**Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)**

Martinho da Vila (Presidente de Honra) e Sabrina Sato

**Outras informações julgadas necessárias**

**Vera Lúcia Belandi** – Moradora de Vila Isabel desde os 16 anos, passou a acompanhar a escola na década de 1960 e a integrar a Ala das Baianas da Vila Isabel em 2000. Desde 2018, é diretora da ala.

**Clementina Ricardo Augusto** – Baiana mais antiga da escola, Clementina desfilou em *Kizomba, Festa da Raça*, em 1988, e continua na ala até hoje.

**Cheila Rangel** – Foi passista da escola, composição de alegoria, conselheira, assessora da presidência, diretora de eventos especiais, diretora social, diretora dos passistas da Herdeiros da Vila e da Vila Isabel, dirigente da ala comercial “Samba Legal”. Hoje, além de presidente da Velha-Guarda, é presidente do Conselho Fiscal da Herdeiros da Vila e Benemérita da escola.

Em 2024, 57 dos 64 componentes da Velha-Guarda vão desfilar na Avenida, sendo 34 senhoras e 23 senhores.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Alex Neoral e Marcio Jahú

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Alex Neoral e Marcio Jahú

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
14 (quatorze)	03 (três)	11 (onze)

**Outras informações julgadas necessárias**

**Comissão de Frente – “Pra salvar a geração, só esperança e muito amor!”**

**O que representa:** A cada dia que passa, a criação padece mais e mais... A doença se instaurou pelo mundo e o homem já não cumpre com o papel que lhe foi outorgado por Oxalá, e, além de não proteger mais a natureza e as demais criaturas, contribui para o seu fim. Chegamos a um ponto onde a destruição se faz personificada, e conseguimos vê-la vagando pelo mundo, desafiando as ordens de Oxalá e atormentando o criador. Podemos ver Oxalá doente e perturbado por aqueles que insistem em destruir, e seus olhos transparecem uma infinita tristeza. Entretanto, ainda há possibilidade de salvação: a esperança reside em nossas crianças, e é a partir da sua inocência e da sua capacidade de fazer florescer o amor que seremos capazes de acabar com a destruição de nosso planeta e construir um futuro mais gentil e mais próspero. Nesse cenário, uma criança, que representa todas as crianças do mundo, encontra Oxalá sendo perturbado por esses seres destrutivos e, através da sua inocência e do seu amor, livra o criador de seus algozes. Ao serem confrontados com a pureza da criança, os emissários da destruição abandonam seu caminho, dando espaço ao florescer da criança que mora dentro de cada um de nós. Quando esses emissários são expurgados, podemos ver os humanos salvos por sua criança interior. É a partir delas que seremos capazes de restabelecer o criador e a criação, dando vazão para um mundo melhor, mais justo, igualitário e repleto de amor.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre os Coreógrafos:**

**Alex Neoral:** Carioca, iniciou os estudos em dança em 1994. Como bailarino, fez parte de importantes companhias, como: Cia de Dança Deborah Colker, Cia Nós da Dança, Grupo Tápias e Cia Vacilou Dançou. Em 2000, fundou a Focus Cia de Dança, experimentando suas primeiras criações, sendo atualmente uma das companhias mais atuantes do Brasil, já tendo se apresentado em mais de 100 cidades brasileiras e países como Alemanha, Itália, Panamá, França, Portugal, Estados Unidos, Canadá, México, Costa Rica, Bolívia e Colômbia. Como professor de dança contemporânea, ministrou aulas em Washington DC, Canadá, México e na Itália, além de vários workshops pelo Brasil. Como coreógrafo convidado, fez inúmeros trabalhos, destacando para o City Dance Ensemble de Washington DC, Lamondance em Vancouver, peças inéditas para o Teatro Bolshoi no Brasil, Cia Nós da Dança e São Paulo Cia de Dança, além de musicais e peças teatrais. Em 2016, sua Cia foi agraciada com a Comenda Ordem do Mérito Cultural, o prêmio mais importante do Ministério da Cultura. Em 2017, passou seis meses em Paris, residente na Cité des Arts. No carnaval, Alex atua como coreógrafo de comissões de frente há 13 anos, já tendo passado pelas escolas de samba Imperatriz Leopoldinense, Unidos da Tijuca e Unidos do Viradouro. Em 2020, fez história na agremiação de Niterói, com a aclamada comissão de frente da “sereia”, conquistando diversos prêmios da categoria, como o Estandarte de Ouro. Desde 2023, Alex está de volta à Unidos de Vila Isabel, comandando a Comissão de Frente da terra de Noel, com Marcio Jahú.

**Marcio Jahú:** Bailarino carioca formado pelo Centro de Dança Rio e graduado em licenciatura em dança pela UniverCidade, em 2004 e 2005, respectivamente. Ingressou na Focus Cia de Dança, em 2006, onde atuou por 14 anos, participando de diversas criações de espetáculos e turnês pelo Brasil e exterior, dançando em palcos da França, EUA, Alemanha, Panamá, Canadá e outros, além de quase todas as capitais brasileiras. Foi indicado como melhor bailarino pelo Primeiro Prêmio Cesgranrio de Dança, em 2019, além de indicações e prêmios pela Focus Cia de Dança, como Melhor Elenco. Ao lado de Alex Neoral, desde 2009, assina coreografias em comissões de frente do carnaval carioca (atualmente, integram juntos a Unidos de Vila Isabel). Marcio é hoje diretor artístico da Focus - Espaço de Criação.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Marcinho Siqueira	<b>Idade</b> 31 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Cristiane Caldas	<b>Idade</b> 39 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Jackson Senhorinho	<b>Idade</b> 38 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Bárbara Dionísio	<b>Idade</b> 24 anos

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

##### Nome da fantasia: Luz da Esperança

**O que representa:** A fantasia do 1º Casal representa a luz da esperança. O Casal inicia sua apresentação com efeitos de iluminação que mostram como a desordem está se sobrepondo à humanidade e à criação de Oxalá. Porém, durante a apresentação, essa desordem será substituída por uma iluminação dotada de poder e energia, passando, assim, a reproduzir uma espécie de centelha da esperança, servindo como a luz que guia a escola durante seu desfile. A partir da luz emanada pelos defensores do pavilhão da Unidos de Vila Isabel, compartilhamos o sentimento de esperança e paz e, através de nosso desfile, buscamos inspirar a todos para um caminho melhor para a humanidade.

#### Figurinos do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia: Força e Energia das Águas**

**O que representa:** A fantasia do 2º Casal representa a força e a energia das águas do mar, que, no bailar do pavilhão, simulam a força das ondas e das marés. A indumentária traz elementos das profundezas dos oceanos, como corais, conchas e peixes, representando a energia das águas.

**Figurinos do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### Sobre o 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

**Marcinho Siqueira:** Dando seus primeiros passos na arte do Mestre-Sala na Escola de Mestre Manoel Dionísio em 2005, Marcinho estreou na função já em 2006, como segundo Mestre-Sala da Unidos de Villa Rica. Em 2007, foi para a União da Ilha, como terceiro Mestre-Sala. De 2008 a 2011, desfilou como Mestre-Sala na Tradição. Retornando à União da Ilha, em 2010, como terceiro Mestre-Sala, passa para segundo no carnaval de 2012, estreando, em 2014, como primeiro Mestre-Sala da escola, ao lado de Cristiane Caldas, e ganhando o Estandarte de Ouro de Revelação. Saindo da escola, em 2016, Marcinho defendeu a União do Parque Curicica, em 2017, e voltou a dançar com sua atual Porta-Bandeira, em 2018 e 2019, na Mocidade Independente de Padre Miguel, ganhando o Prêmio Sambanet de Melhor Casal já na estreia. Após um ano na Acadêmicos do Sossego, Marcinho defende o pavilhão da Unidos de Vila Isabel, desde o carnaval de 2022.

**Cristiane Caldas:** Iniciando sua trajetória como Porta-Bandeira na Acadêmicos da Abolição e Vizinha Faladeira, na década de 1990, Cristiane sobe para o Grupo Especial com a Paraíso do Tuiuti, em 2000, e, com apenas 17 anos, ganha o Estandarte de Ouro de Revelação pela escola, em 2001. Passando pela Portela, de 2002 a 2004, e Caprichosos de Pilares, em 2005, retorna a Paraíso do Tuiuti, em 2008. Fez sua primeira passagem pela Mocidade Independente, em 2010, indo para a Porto da Pedra, em 2012, e chegando à União da Ilha, em 2013. Na escola, dançou pela primeira vez com Marcinho, em 2014, e retornou à Mocidade Independente, em 2016. Nela, reencontrou Marcinho, em 2018, seguindo junto a ele para a Acadêmicos do Sossego, em 2020. Desde 2022, Cristiane está na Unidos de Vila Isabel, defendendo o pavilhão da branca e azul de Noel.

**Coreógrafa do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Ana Formighieri** – Coreógrafa, professora e bailarina, Ana é formada em dança pela UFRJ e pós-graduada em Conscientização do Movimento, pela Faculdade Angel Vianna, tendo formação técnica nas modalidades jazz, balé clássico e dança contemporânea. Fez parte da Cia Nós da Dança, sob direção de Regina Sauer, por 10 anos, participando como bailarina de shows e programas de televisão. Foi também assistente de ensaios na Focus Cia de Dança, de Alex Neoral, e, desde 2015, é integrante da comissão artística do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. No carnaval, participou de comissões de frente como intérprete e assistente de coreógrafos. Já coreografou carros e alas em diferentes escolas do Grupo Especial e do Grupo de Acesso. Há 10 anos, desenvolve um reconhecido trabalho de coreografia e preparação corporal/artística para casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Nesse trajeto, conquistou importantes prêmios, notas máximas e reconhecimento junto aos casais com os quais trabalhou. Desde 2017, prepara o primeiro casal da Unidos de Vila Isabel e, na jornada intensa de cada carnaval, acredita que, compartilhando sua experiência e unindo forças, se alcança o melhor resultado. Para isso, em 2024, o trabalho de Ana Formighieri com Cristiane Caldas e Marcinho Siqueira traz para a Avenida uma apresentação que se fundamenta em uma dança que se preocupa em lapidar o talento do casal, buscando acabamento impecável e qualidade técnica, sem deixar de se preocupar com a majestosa e tradicional forma de dançar o bailado do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira apresentando seu pavilhão!

# G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA



GUANAYRA FIRMINO

**PRESIDENTE**



# “A NEGRA VOZ DO AMANHÃ”



GUILHERME ESTEVÃO E ANNIK SALMON  
**Carnavalescos**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> A NEGRA VOZ DO AMANHÃ					
<b>Carnavalesco</b> Guilherme Estevão e Annik Salmon					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Guilherme Estevão, Annik Salmon e Sthefanye Paz					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Guilherme Estevão, Annik Salmon e Sthefanye Paz					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Guilherme Estevão, Annik Salmon e Sthefanye Paz					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Canto de Rainhas	Leonardo Bruno	Agir	2021	Todas as páginas
02	Maranhão Encantado: encantaria maranhense e outras histórias.	Mundicarmo Maria Rocha Ferretti	UEMA Editora	2000	Todas as páginas
03	Dossiê do Tambor de Crioula	Coordenação, Yêda Barbosa	IPHAN	2016	Todas as páginas
04	Dossiê do registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão.	IPHAN	IPHAN	2011	Todas as páginas
05	A dinâmica do fofão maranhense: historicidade, celebrações e composições estéticas.	Dalton Costa das Chagas	UFMA	2022	Todas as página

06	Memórias de velhos: depoimento volume 6.	org. por Zelinda de Castro Lima	São Luiz	2008	Todas as páginas
07	Perfis da cultura popular.	Maria R. Ferrete.	São Luiz	2015	Todas as páginas
08	Mangueira, paixão em verde e rosa	Célia de Assis, Alexandre Martins e Valquiria Daher	São Paulo: Prêmio	2005	Todas as páginas

**Outras informações julgadas necessárias**

**Perfil e Histórico dos Carnavalescos:**

**Annik Salmon**

Annik Salmon, carnavalesca da Estação Primeira de Mangueira, única mulher assinando carnaval no Grupo Especial. É formada pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) no curso de Belas Artes (Indumentária e Cenografia) e pós-graduada em Educação Artística com formação para docentes pela Universidade Cândido Mendes (Ucam). Ao formar-se, em 2003, começou a estagiar na Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, num acordo entre a Liga das Escolas de Samba (Liesa) e a Faculdade de Belas Artes. Em 2004 já era assistente e figurinista do Carnavalesco Alexandre Louzada, com quem trabalhou até 2007 para agremiações diferentes: Porto da Pedra, Vila Isabel e Beija-Flor. Nos anos seguintes trabalhou na Vila Isabel, como Assistente do Alex de Sousa e Paulo Barros, até que em 2009 foi para Unidos da Tijuca, com o Paulo Barros, onde foi sua assistente até o carnaval de 2014. Após, passou a integrar a Comissão de Carnaval da Unidos da Tijuca de 2015 a 2019, sendo vice campeã em 2016. Em 2020 assume como carnavalesca solo a Unidos da Porto da Pedra que assina a até o carnaval de 2022 onde a escola consegue o vice-campeonato. É também professora da Faculdade CENSUPEG, nas disciplinas de Figurino e Fantasia; Materiais e acabamentos têxteis. Completa seu segundo carnaval à frente da Estação Primeira de Mangueira.

**Guilherme Estevão**

Guilherme Estevão, 29 anos, carioca, o mais jovem carnavalesco do Grupo Especial. Arquiteto formado pela UFRJ, carnavalesco da Estação Primeira de Mangueira. Fez parte da equipe de figurino da TV Record. Integrou a equipe de criação de figurino da abertura e encerramento da Copa América 2019.

No carnaval, teve passagens como figurinista e projetista alegórico pela União da Ilha, Porto da Pedra, Renascer de Jacarepaguá, Sossego, Arame de Ricardo, Sereno de Campo Grande, Unidos de Lucas, Acadêmicos do Dendê. Fez parte da comissão de carnaval da Leandro de Itaquera, em SP, além de ter realizado trabalhos para Morro da Casa Verde, Tatuapé, Dom Bosco e Tradição Albertinense. Assinou o carnaval da Independente de Olaria em 2019, dois anos como carnavalesco do Império da Tijuca, em Uruguaiana pelos “Os Rouxinóis”, “Bambas da Alegria” e “Imperadores do Sol”. Completa seu segundo carnaval à frente da Estação Primeira de Mangueira.

### **Perfil da Pesquisadora:**

Sthefanye Paz é doutoranda em Antropologia no Museu Nacional/UFRJ e Mestre em Ciências Sociais pela UFRJ. Única pesquisadora mulher e negra do Grupo Especial, é professora de Sociologia da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Desenvolveu pesquisa etnográfica para sua tese durante os últimos cinco anos no barracão da Mangueira, onde é também pesquisadora da Estação Primeira de Mangueira, atuando no desenvolvimento da pesquisa de enredo junto aos carnavalescos Annik Salmon e Guilherme Estevão, pelo segundo ano consecutivo. A pesquisadora estreou na função em 2023, com o enredo “As Áfricas que a Bahia canta!” conquistando 40 pontos no quesito.

### **Fontes de Pesquisa para o enredo:**

Os carnavalescos e a pesquisadora da Estação Primeira de Mangueira, fizeram uma viagem de pesquisa para a cidade de São Luís/MA no início do mês de junho, onde foram recebidos por representantes da secretaria de cultura do Estado e do Município. Visitaram diversos museus voltados para a cultura maranhense e suas manifestações populares, como “Casa do Tambor de Crioula”, “Cafua das Mercês”, “Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho”, “Casa do Maranhão” e “Museu de Artes Visuais”. Por se tratar de um período de festejos juninos estiveram nos tradicionais arraiais da Igreja de Santo Antônio, da Praça Maria Aragão e do IPEM, onde tiveram contato com os diferentes sotaques de bumba meu boi e tambor de crioula. Além disso, estiveram na “Casa das Minas”, tradicional casa de matriz africana ligada ao culto de voduns, onde foram recebidos pelo chefe da casa, Eusébio Pinto. Além disso, buscamos diferentes referências visuais presentes nas redes sociais a respeito das manifestações culturais maranhenses.

<https://www.youtube.com/watch?v=bWntnwq6UHo&t=634s>

<https://www.youtube.com/shorts/PFEksnFN4Tc>

<https://www.youtube.com/watch?v=IvwNNWpnCes>

<https://www.youtube.com/watch?v=6J1ypEvNF98>

[https://www.youtube.com/watch?v=Nc71\\_IB71A4](https://www.youtube.com/watch?v=Nc71_IB71A4)

<https://www.youtube.com/watch?v=WnDw-eHc36o&t=234s>

### **Entrevista:**

Ao longo de todo processo de desenvolvimento do enredo, extensas entrevistas foram realizadas tanto com a homenageada, sempre solícita, quanto com seu assessor pessoal e suas irmãs. Estas contribuições com relatos a respeito da trajetória da artista e contando histórias familiares colaboraram de forma decisiva para a construção do desfile. Destaco aqui os principais dias em que esses encontros ocorreram.

Entrevista com a Alcione (10/04 e 20/04)  
Entrevista com as irmãs da Alcione (10/04 e 20/04)  
Entrevista com seu assessor (07/04 e 18/04)

Além dessas, buscamos como fonte de pesquisa outras entrevistas concedidas pela homenageada ao longo da sua carreira a diferentes veículos midiáticos.

<https://www.youtube.com/watch?v=ErFlpX6Z-SY>

<https://www.youtube.com/watch?v=AwQh5QAJW-A>

<https://www.youtube.com/watch?v=Owest9xl3Oc&t=18s>

[https://www.youtube.com/watch?v=AOY9a\\_5qdTI](https://www.youtube.com/watch?v=AOY9a_5qdTI)

### **Referências Audiovisuais:**

ALCIONE 50 ANOS NO TEATRO MUNICIPAL. Direção: Solange Dias Nazareth. Produção Marrom Music. Brasil: Biscoito Fino, 2023.

ALCIONE. Som Brasil apresenta Alcione, Rio de Janeiro: TV Globo, 11 de outubro de 2023. Programa de TV.

O SAMBA É PRIMO DO JAZZ. Direção: Angela Zoé. Produção Documenta Filmes. Brasil: O2 Play, 2021.

### **Músicas:**

A música é um dos principais vetores deste desfile, já que a homenageada é uma das grandes cantoras do país e estabeleceu conexão com essa forma de arte desde a sua infância. Desse modo, ao longo da pesquisa e construção do enredo, seu vasto repertório guiou os caminhos que percorremos. São 50 anos de carreira, somando 30 álbuns de estúdio, 9 álbuns ao vivo e 7 compilações que inspiraram e deram forma a este desfile-homenagem.

### **Outras referências bibliográficas consultadas para a pesquisa:**

BESSA, Waldemberg Araújo; DE SOUSA FEITOSA, Luziane. O DIÁLOGO POÉTICO E CULTURAL ENCONTRADO NA INTERPRETAÇÃO DE ALCIONE NA MÚSICA MARANHÃO, MEU TESOURO MEU TORRÃO, TOADA DE BUMBA MEU BOI. **REVISTA FOCO**, v. 16, n. 7, p. e2487-e2487, 2023.

Borges, Guilherme da Silva. "Geografias maranhenses na discografia de Alcione." (2021).

[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62196/3/2021\\_tcc\\_gsborges.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62196/3/2021_tcc_gsborges.pdf)

CRUZ, Luciana de Oliveira Miranda da et al. Vozes negras: a estética da diáspora no canto e na performance de cantoras negras brasileiras. 2021.

<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/24071/1/Luciana%20de%20Oliveira%20Miranda%20da%20Cruz.pdf>

Ferretti, Sergio. "Festa do divino no Maranhão." (2005).

<https://repositorio.ufma.br/jspui/bitstream/1/295/1/Festa%2520do%2520Divino%2520no%2520Maranhao.pdf>

Leal, João. "TAMBOR DE MINA E DIVINO ESPÍRITO SANTO: ARTICULAÇÕES, DIVERSIDADE, CRIATIVIDADE TAMBOR DE MINA AND THE HOLY SPIRIT: ARTICULATIONS, DIVERSITY, CREATIVITY." (2021).

[https://run.unl.pt/bitstream/10362/118324/1/Jo\\_o\\_Leal\\_Tambor\\_de\\_Mina\\_e\\_Divino\\_Esp\\_rito\\_Santo.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/118324/1/Jo_o_Leal_Tambor_de_Mina_e_Divino_Esp_rito_Santo.pdf)

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

RECHETNICOU, Mirian Marques. A, B, C, D do samba: construção da identidade vocal no samba: papel das cantoras Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes e Dona Ivone Lara. 2019.

[http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/34851/1/2018\\_MirianMarquesRechetnicou.pdf](http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/34851/1/2018_MirianMarquesRechetnicou.pdf)

## **HISTÓRICO DO ENREDO**

O sonho que me criou tinha som!  
Canto de voz negra, de mulher,  
De São Luís do Maranhão.  
De sangue Nazareth, do amor de Seu João Carlos e Dona Felipa.  
Conduzida pela fé, pelos encantos de sua gente e solos de piston.  
Pelo desejo de ser, o destino em vencer, pela vontade em tecer  
Novos caminhos aos sambistas e mulheres de uma nação.  
Da esperança fez seu afã;  
De sucesso, sou eu, o seu amanhã.

Nasci a sombra de um velho cajueiro,  
Templo de memórias de minha pequena,  
Cuja família farta foi sua primeira devoção.  
Dos filhos, era a quarta,  
De uma infância de bonecas feitas à mão,  
Ao som dos metais, ensinados pelo pai,  
Em sua instrumental criação.  
Na sua vida, logo a música marcou presença  
Mergulhada, também, em tantas crenças, preces e procissões  
De seu povo que lhe ensinou desde cedo  
Que a fé vai muito além das religiões.  
Tudo é questão de crer numa força maior e do bem,  
Seja Encantado ou de amém.  
Adorê as almas! Que se afaste de nós todo quebranto!  
Xangô nos guie com Iansã  
Na graça de Deus, da Virgem Maria e do Espírito Santo!

Me bordei com ela em fitas, rendas e flores  
Se encantou com os tambores  
Que falam com pandeirões e matracas;  
Caixas e maracas fazendo tremer o chão!  
Em ladainhas de reisado, em folhas de Fofão,  
Em louvor a São Marçal, São Pedro e São João.  
Quem “inda” não viu Tambor de Crioula do Maranhão?  
Rodam saias de coreiras em cortejo colorido,  
Pés descalços, canto preto, coração a São Benedito!  
Cazumbá chegou e o boi se levantou  
Riscou a ponta na terra que o terreiro poeirou,  
Brincaram caboclos no balançar das penas,

Desfilaram vaqueiros montando a cena.  
Pra festejar o touro negro que a encantou.  
Cresci ao viver o que a cultura popular lhe proporcionou!

Me arriscou pra se fazer mais forte!  
Sob a batuta de seu velho, cantou os primeiros acordes  
Educou e buscou a própria sorte após uns solos de trompete.  
Desembarcou num Rio Antigo  
E, através dos discos, seguiu o sonho da canção.  
Buscou a sua “grande chance” sendo o som das madrugadas,  
Das turnês, clubes e baladas  
Até se tornar a Marrom.  
O cantar marcante que entoava  
As poderosas divas negras, até ser notada  
Como aquela que seria a grande voz  
Do Swing e da ginga; do soul e mandinga;  
Do banzo e Blues;  
Do partido alto e seu primo Jazz,  
Afro-mestiço, preto de olhos azuis.  
Recebeu, enfim, seu anel de bamba  
Começava, ali, a sua história com o samba.

Ganhei corpo malandreado e um gostoso requebrado  
Que a levou às paradas de sucesso, ao tão sonhado estrelato  
Obviamente, não foi fácil, mas onda forte não derruba quem tem fé  
Nem machuca quem tem Figa de Guiné!  
Seu surdo te escutava e chorava para o povo se alegrar  
E aí foi que eu sambei, comadre  
Com seu companheiro, o amigo pandeiro,  
Que apanha sorrindo pra gente cantar. Que sufoco!  
Amor louco pelo samba, que me vira a cabeça e envenena,  
Mas que sempre vale a pena, pois é garoto maroto, menino sem juízo,  
E já aprendemos a te aceitar assim, faz bem pra mim e pra todo mundo.  
Você o transformou, também, como bandeira de luta, dando um alerta geral  
Sobre a importância da música nacional, a nossa negra cultura ancestral,  
Através de seu cantar, como um ser de luz, um eterno sabiá,  
Tornou-se o vício das massas, a porta voz de sua raiz,  
A estranha loucura de um país. A loba escondida de várias mulheres,  
A cor marrom de tantos Brasis.

Mas eu não estaria completo se não chegasse onde você queria,  
Na comunidade em que deixo de ser apenas seu, para ser de tantos, como magia.

Onde o ébano desce o morro,  
Se vestindo em verde e rosa e encantando a poesia,  
Além da menina, que via fotos das baianas pelas páginas do Cruzeiro  
E se deu como missão encontrar os baluartes e partideiros  
Da Primeira Estação, fazendo desse chão seu novo terreiro.  
Mas não bastava apenas desfilar, era preciso transformar aquele lugar,  
Pois seu dom sempre foi, além de cantar, estar pronta para alegrar e ajudar.  
Mangueira é uma mãe que escolheu você como filha  
Que não nasceu no Buraco Quente, mas veio de amorosa ilha  
Para transformar o “Amanhã” dessa gente que hoje brilha  
Como rainhas e ritmistas, cantores, casais e assistas  
Crianças que se transformaram e encantam como artistas.  
De uma escola onde não sou apenas amanhã,  
Sou hoje!  
Que luta com você para nunca deixar o samba morrer!  
De um povo que te ama, que na avenida te espera e aclama  
Por te conhecer ao longe,  
A minha negra voz, a nossa amada Alcione!

## **JUSTIFICATIVA DO ENREDO**

“A Mangueira está na minha história, está na minha vida e eu diria até que meu sangue é verde e rosa” (Alcione, 2023).

A Estação Primeira de Mangueira tem como uma de suas tradições homenagear, através de seus enredos, baluartes, personalidades mangueirenses e figuras de importância na cultura nacional, demonstrando seu legado, a partir de carnavais inesquecíveis. Assim, para o ano de 2024, a escola ouviu o clamor de sua comunidade e irá homenagear, em seu desfile, Alcione, uma das maiores mangueirenses, aquela que propagou ao longo de sua carreira o nome da instituição em suas apresentações e álbuns, se envolvendo de maneira singular com a comunidade da agremiação, em especial as crianças, além de ser uma das maiores vozes brasileiras.

Alcione completa 50 anos de carreira e, ao longo de 2023 e 2024, foram realizadas diversas comemorações, entre elas shows nos maiores festivais nacionais e internacionais, homenagens em programas de TV, grandes premiações, como o Prêmio da Música Brasileira, o maior reconhecimento do cenário musical atual, moções governamentais e foi imortalizada pela Academia Brasileira de Cultura. Sempre levou o nome de sua agremiação consigo, tendo 2024 como o ano que marca, também, os 50 anos de chegada de nossa homenageada à Estação Primeira de Mangueira. Este desfile coroa, portanto, esse momento singular de sua vida e eterniza Alcione como uma das grandes estrelas da imensa constelação verde e rosa.

A comunidade da Mangueira, assim como sua presidente e seus carnavalescos, já nutria o desejo de honrar Alcione com um enredo. A movimentação para que este acontecesse ocorreu no final de 2023, quando o carnaval “As Áfricas que a Bahia canta” ainda era finalizado. Neste momento, era inaugurada, a poucos metros da quadra da agremiação, uma pintura de Marrom. A obra faz parte do projeto “Negro Muro”, composta por símbolos escolhidos por ela, ligados à sua fé, à Mangueira, ao Maranhão, seus caminhos e a música, integrados junto a sua imagem. Os carnavalescos vislumbraram essa imagem como uma espécie de “sinal” de que era o momento certo para promover a grande homenagem a Alcione, iniciando assim um pensamento sobre o ainda possível enredo de 2024.

Nas primeiras semanas após o encerramento do ciclo de 2023, conversamos com Alcione e sua família sobre a proposta de enredo. A cantora aceitou prontamente receber a homenagem de sua agremiação do coração e, desde então, tornou-se ferramenta fundamental para a construção da narrativa, dedicando-se e participando de seu desenvolvimento, através de uma série de encontros e entrevistas, nos quais deu esclarecimentos, sinalizou aspectos decisivos, revalidando e retificando informações determinantes a respeito de sua trajetória para a equipe de criação da Mangueira, sendo protagonista na construção dos caminhos estabelecidos no enredo.

A narrativa é marcada pelo elo entre a construção de vida da Alcione com sua atuação, em especial no projeto de escola mirim, fazendo uma correlação entre a própria homenageada com o nome escolhido por ela para essa agremiação: A Mangueira do Amanhã. Desse modo, é o caminho percorrido pela cantora na construção de seu Amanhã, o fio condutor desta narrativa, pois é por ele que Alcione torna-se referência para a construção de tantos outros Amanhãs, pensando no futuro do samba e de sua comunidade, criando possibilidades e oportunidades para aqueles que a cercam, sendo

uma mulher negra à frente de seu tempo, que tem a música como uma missão de vida e faz dela o motor de seus ideais. Desta maneira, encara-se Alcione como a “Negra Voz do Amanhã”.

Destacamos, ainda, que Alcione é uma mulher negra que construiu sua vida a partir do enfrentamento de dificuldades, promovendo mudanças estruturais em sua trajetória para que sua missão como cantora pudesse se realizar. Encarou o machismo e o racismo em diversos momentos e de formas distintas, mas, através de sua luta e, principalmente, de sua arte, resistiu e tornou-se ícone feminino brasileiro, transformando sua voz em referência para tantas, sobretudo.

A Mangueira que hoje desfila e eterniza Alcione na avenida é formada por diversos desses Amanhãs influenciadas diretamente pela cantora, através de sua ação na escola mirim. Essas flores desabrocham em nosso desfile atuando em diversos quesitos da Estação Primeira, como ritmistas e mestres, direção musical, mestres-salas e porta-bandeiras, rainha de bateria, intérpretes, assistentes e outros segmentos. De alguma maneira, esse Amanhã sonhado por ela torna-se o presente e acolhe outros possíveis, ressaltando a ideia de imortalidade e continuidade de um legado em Mangueira, destacando que “aqui o samba não morrerá jamais”.

Alcione ergueu sua voz, talento, esforço e empenho para forjar um novo futuro. Cantou sua fé e sua crença, em uma defesa intransigente da pluralidade religiosa e do respeito. Encantou o país ao cantar as belezas do seu torrão, fazendo da sua voz um veículo de propagação das riquezas do Maranhão. Abraçou o samba, sendo figura decisiva na afirmação definitiva do gênero na música popular brasileira. Sem reivindicar qualquer rótulo, transformou-se na voz das mulheres brasileiras, em seu orgulho e altivez. Sonhou com um destino melhor para as crianças da Mangueira e fundou, junto a Neuma, Zica e Alice, a Mangueira do Amanhã, responsável pela formação artística de milhares de estrelas deste céu no chão em verde e rosa que hoje se apresenta para reverenciar e agradecer aquela que tanto lhe deu.

A abordagem deste enredo se dá por alguns elementos essenciais da trajetória de Alcione. Primeiramente, a fé e a crença da cantora, que se apresentam de maneira múltipla, construídas, inicialmente, a partir dos valores de sua família, sendo os alicerces e guias de seu Amanhã. Na sequência, as manifestações culturais maranhenses, as quais vivenciou desde jovem, absorvendo saberes e características de seu povo, formatando-a como uma artista popular e difundindo, mais tarde, essa cultura pelo Brasil através de sua arte.

Em seguida, mostramos a busca e luta pelo sonho de cantar, ao mudar-se ainda jovem para a cidade do Rio de Janeiro e iniciar sua carreira na noite, apresentando os diversos caminhos percorridos e reafirmando seus elos, sobretudo, com a musicalidade negra, construindo o início de um repertório e carreira musical. Posteriormente, prosseguimos vislumbrando e consolidando o seu Amanhã, ao se tornar uma sambista de sucesso e se destacar como cantora plural, ao longo de cinco décadas, sendo pioneira em sua área de atuação, ao transformar sua voz e ofício em ferramentas de brasilidade, multiplicidade musical, luta e empoderamento feminino.

Por fim, abordaremos a sua relação com a Mangueira e o carnaval, ressaltando todo seu amor, nutrido desde a infância, alimentado a partir de seu pensamento de futuro através da arte e da cultura. Tendo como base, principalmente, o projeto em que compartilha os saberes adquiridos nessa trajetória e atua diretamente na formação e transformação da realidade de crianças da comunidade, colaborando para que se tornem potências criativas e novas sementes de amor pela Mangueira.

Hoje várias delas formam a Estação Primeira, perpetuando um legado do samba como um eterno Amanhã e da escola como um bastião da cultura popular.

A musicalidade de Alcione se confunde com sua própria vida. Sendo assim, ao longo do enredo, utilizaremos canções de Marrom como inspiração e ilustração para a concepção de fantasias e alegorias. No quarto setor, cuja abordagem estará diretamente vinculada à apresentação das décadas de carreira, ligados a diversos pontos específicos de sua trajetória, militância e musicalidade, as canções se organizam em ordem cronológica. No entanto, ao longo de todo enredo, as demais obras não necessariamente se encontrarão no tempo dos fatos destacados em cada setor, mas servem para aproximar ainda mais o legado artístico e o ofício da cantora com sentimentos e momentos vividos por ela na fase de vida apresentada naquele momento pela narrativa. Além disso, possibilita uma maior compreensão e assimilação do público presente, por deter um elo estreito com a homenageada, principalmente, a partir de suas canções.

Por todo o exposto, o enredo é composto por cinco setores, que evidenciam e se inspiram nessas fases da vida de Alcione, mostrando sua própria construção pessoal a partir dos elos fundamentais que formam seu Amanhã. Apresentamos, agora, de maneira mais aprofundada, esses eixos temáticos que nortearam a realização de nossa “Negra Voz do Amanhã”.

#### 1º SETOR: A FILHA DE TODA FÉ E SUA CRENÇA NO AMANHÃ

A fé é considerada por Alcione seu principal alicerce de vida e instrumento de condução de seu Amanhã, sendo apresentada pela cantora logo em nosso primeiro contato para a construção do enredo. Esse vetor torna-se fundamental e inicial para a narrativa por encaminhar todos os demais pontos de destaque dos outros setores e está intimamente ligado à sua formação familiar, sendo, portanto, o primeiro aspecto a moldá-la enquanto indivíduo, proporcionando uma visão ampla da religiosidade da cantora e, por consequência, influenciando toda a sua vida. Alcione é, assim, a filha de toda fé.

Inauguramos a história mostrando como sua fé se estabelece inicialmente a partir das lembranças de família, sua primeira grande devoção. A figura do “Cajueiro Velho” é um elemento de rememoração que poeticamente simboliza parte importante da crença em sua família, tornando-se símbolo de recordações da cantora em seu Maranhão, terra natal, e revelando signos que estarão presentes ao longo de toda a sua caminhada, remetendo a valores e crenças que Alcione forma a partir do elo familiar e que a conduzem ao longo toda vida. “Cajueiro Velho” é uma canção composta por seu pai, João Carlos, que marca, logo de início, o vínculo entre a família Nazaré e a música, expressada também pela educação musical estabelecida neste núcleo.

A partir da família de Alcione, é possível estabelecer uma série de conexões que irão influenciar a maneira como a homenageada enxerga suas crenças e devoções, de formas múltiplas e que se cruzam ao longo de toda vida. Essas estão representadas, neste setor, através do catolicismo e a encantaria indígena herdada de sua mãe, além da relação com os cultos afro-brasileiros que lhe foram apresentados por seu pai.

A homenageada é mangueirense, devota de Nossa Senhora de Conceição, dos caboclos e dos Pretos Velhos, filha de Xangô e Iansã. A cantora se apoia no que acredita serem forças do bem, transcendendo os elos inter-religiosos e transformando outros valores como amizades, instituições e a musicalidade com um valor único na sua própria caminhada, assim como santos, entidades e orixás. Alcione nos guia em sua sabedoria e bondade pelos caminhos e trânsitos de sua trajetória que tanto nos inspira. É

a sua fé que se torna, portanto, ponto de partida e norte para a condução de seu Amanhã. Como diria Marrom, seguiremos com a benção de Deus, a Virgem Maria e o Espírito Santo.

## 2º SETOR: MARANHÃO, MEU TESOURO, MEU TORRÃO

O segundo setor do desfile parte da vivência de Alcione, crescendo em meio às manifestações culturais do Maranhão, estado natal da homenageada e fonte de inspiração das canções que interpreta. Este contexto é responsável por modelar a cantora nos ensinamentos aprendidos em sua terra, que mais tarde usaria como base na construção de sua carreira artística popular, levando parte do Maranhão consigo por todo o seu Amanhã.

A homenageada nasceu e cresceu em São Luís, capital do estado, que foi responsável pela sua imersão na cultura popular e na arte, sendo palco de algumas práticas festivas com as quais a intérprete teve vivência. Ao longo do setor, seguimos o calendário anual dessas festas, tendo como inspiração a perspectiva da própria homenageada a respeito das temáticas e manifestações.

Iniciamos os festejos na “Queimação de Palhinha” em Dia de Reis, em que, na companhia de seu pai João Carlos e seus irmãos, Alcione cantava ladainhas. Durante os carnavais, conheceu a “Turma do Quinto”, primeira escola de samba com a qual teve contato, e passou a ser torcedora. A folia maranhense também é marcada pela presença de um personagem importante, os “fofões”, um símbolo da arte popular. A “Festa do Divino” simboliza um momento de relevância nas celebrações maranhenses, da qual a homenageada fazia parte e nutria o desejo de ser imperatriz.

Nos festejos onde louvam-se os santos juninos, se concentra a maior realização de manifestações populares maranhenses, marcando esse momento como o de maior potência artística e festiva do estado. Estando presente, também, o “Tambor de Crioula”, patrimônio cultural do Brasil, de participação de seus pais, e cantado por ela ao longo de sua carreira. No mesmo período, brinca-se, principalmente, de Bumba Meu Boi, onde Alcione e sua família viam seu pai dançar como caboclo de fita no “Boi de Leonardo”, estreitando de maneira determinante seu elo com essa prática. Revive suas memórias de menina no “Boi de Maracanã”, gravando, anos depois, uma de suas toadas mais importantes: “Maranhão, meu tesouro, meu torrão!”, uma canção de Humberto Maracanã que dá nome a este setor justamente por simbolizar a ligação entre Alcione e a cultura popular de seu povo.

Os festejos maranhenses são, então, o espaço de modelar o seu Amanhã enquanto artista popular, já que, para além de festa, estamos falando sobre as formas de manifestações de uma população, além da valorização de sua cultura local e elos afetivos, musicais e familiares.

## 3º SETOR: CAMINHOS DE UMA NOVA ESTRELA NEGRA

O terceiro setor tem como foco o momento em que a homenageada passa a construir sua carreira e, assim, estabelecer os caminhos para a formação do seu Amanhã enquanto cantora, no início de sua fase jovem adulta. Destacando, também, a ênfase da instrumentalidade dos metais e de repertório inicial com a pluralidade da musicalidade negra.

Ainda no Maranhão, a intérprete se forma como professora e utiliza a música como instrumento de ensino para seus alunos. Esse foi justamente o motivo de sua demissão, fazendo com que ela tivesse coragem para mudar-se para o Rio de Janeiro em busca do sonho de ser cantora.

A homenageada chegou a sua nova cidade no final dos anos 1960, trazendo consigo seus valores e seu piston, instrumento de sopro que se tornaria companheiro na construção de seu Amanhã. Seu primeiro contato com a música na cidade maravilhosa se deu como vendedora na loja “Império dos Discos”. Aos poucos, iniciou sua caminhada cantando e tornou-se, passo a passo, conhecida, recebendo diversos convites de trabalho que a levaram a se apresentar também na capital paulista, fazendo turnês pelo Brasil e pelo mundo e, entre elas, a que a apelidou de Marrom.

A cantora também se destacou nos programas de auditório, tornando-se uma conhecida atração musical desse período, ampliando ainda mais sua participação nas noites, em bares e clubes noturnos, sendo os primeiros palcos daquela que se tornaria um ícone nacional. Nesse momento, cantou diversos gêneros musicais de influência negra como jazz, bolero, blues, em especial obras interpretadas por vozes femininas, mas era o samba que mudaria sua vida, ao tornar-se uma das principais cantoras do gênero após ser contratada por uma gravadora, nascendo assim uma nova estrela negra.

#### 4º SETOR: O PODER FEMININO EM UMA VOZ BRASILEIRA

O quarto setor faz referência às diversas canções emplacadas pela homenageada, enfileirando sucessos e construindo a identidade única de sua voz, marcada pela potência e volteios vocais, que eternizaram hinos ao público. Ao mesmo tempo, apresenta sua diversidade musical tanto em relação aos gêneros quanto às temáticas abordadas, evidenciando, sobretudo, a pluralidade e o empoderamento feminino através de suas obras. Desta maneira, mostra-se como sucesso da menina Alcione foi alcançado e hoje ela completa 50 anos de uma carreira sólida e que serve de inspiração para diversos artistas e voz de luta em diversas causas.

A narrativa pode ser compreendida em dois momentos, que seguem a cronologia de lançamentos da intérprete. O primeiro tem como foco a consolidação de Alcione como cantora de samba, vindo a se tornar um de seus maiores expoentes, emplacando inúmeros sucessos e revelando, através de suas canções, diversas particularidades que estreitam, de maneira definitiva, o elo da intérprete com o gênero, a partir da pluralidade do próprio samba, gravando obras de samba-canção, samba de roda, sambalção entre outros subgêneros.

Um novo momento da carreira de Alcione está intimamente ligado à sua passagem como apresentadora do programa “Alerta Geral”, cujo foco era exaltar a música brasileira em uma época na qual o estrangeirismo era massivo. A atração estreou em 1979 e recebeu diversos cantores e amigos de Alcione, sendo exibido até o início de 1981. Esse momento marca, em definitivo, a atuação da cantora, através de sua carreira, em diversas causas sociais e na militância por valores que estão intimamente ligados à sua própria vida, como o regionalismo, sua ancestralidade, a cultura nacional e a causa feminina. Esses aspectos também guiaram o Amanhã de sucessos da homenageada.

Mais do que destacar lançamentos importantes na vida de Alcione, as canções selecionadas evidenciam essa pluralidade de temáticas, ritmos e sua versatilidade musical. Grande parte vem sendo exaltada e lembrada por ela em seu repertório de comemoração dos 50 anos de carreira.

O setor se inicia no período em que Alcione foi lançada como primeira cantora negra a gravar samba, tendo como trabalho inicial, um EP contendo a faixa “Figa de Guiné”, no início dos anos de 1970. Desde então, são mais de 40 discos lançados, colecionando prêmios em 50 anos de carreira, cercados

de muitos sucessos que acompanharam a homenageada ao longo de sua trajetória, marcando, pelo menos, três gerações de brasileiros. Consolidou, assim, seu Amanhã musical.

Alcione, enquanto cantora, destacou-se, principalmente, ao utilizar sua carreira para demonstrar como a mulher pode cantar seus sentimentos e posicionamentos, sendo um reflexo artístico da alma feminina e trilha sonora de tantos brasileiros, a grande voz de tantas mulheres. Reafirmou-se como uma referência para as meninas jovens que buscam seus sonhos, representatividade e empoderamento através de suas canções. Buscamos ainda destacar, neste setor, como as músicas interpretadas pela homenageada estão relacionadas a aspectos de sua vida, evidenciando como essas obras fazem parte da própria cantora e refletem sua identidade.

#### 5º SETOR: O AMANHÃ EM MANGUEIRA É HOJE

No último setor, ressaltamos os laços estabelecidos por Alcione com a verde e rosa, com o carnaval e sua atuação direta em prol do samba e de seu legado, fazendo do seu Amanhã norte e instrumento de atuação na formação de tantos outros Amanhãs a partir da arte e promoção da cultura.

Destacamos que o encantamento da intérprete com a Estação Primeira de Mangueira se estabelece desde o Maranhão, quando a menina se apaixonou pela ala de baianas através de revistas antigas, que retratavam o desfile da agremiação. Sua paixão pela escola a fez se aproximar, em terras cariocas, dos baluartes, partideiros e lideranças femininas da comunidade, passando a desfilar e tornando o amor pela Mangueira ainda maior e longo.

É a partir do laço com a verde e rosa que Alcione se aproxima das demais escolas de samba, sendo elas fundamentais em sua carreira ao abraçá-la em suas apresentações ao longo dos anos, e sendo pautadas, também, por ela em seus projetos musicais, gravando diversos sambas-exaltação e enredo. Ao mesmo tempo, valorizou o significado ancestral e cultural dessas manifestações.

A partir desta compreensão e de seu olhar para o povo, expandiu sua participação no universo dessas instituições, tornando-se militante e pioneira na atuação comunitária através do projeto de escola mirim. Em 12 de agosto de 1987, fundou a “Mangueira do Amanhã” ao lado de Dona Zica, Dona Neuma e Tia Alice, tendo seu primeiro samba composto por Hélio Turco, que passou a receber as crianças do morro para ensinar ofícios artísticos, como mestre-sala e porta-bandeira, intérprete, mestre de bateria, entre outros. Assim, a partir de seu Amanhã, transformou o Amanhã da própria agremiação, de seus frutos e tornou-se rainha do “Palácio do Samba”.

Desta maneira, Alcione reafirma o que canta, ao lutar para não deixar o samba morrer, semeando, pela arte, os valores e saberes da cultura do samba e vendo diversas flores do morro brilharem e brotarem na avenida. Em Mangueira, o Amanhã é hoje e tem Alcione como sua negra voz!

## **ROTEIRO DO DESFILE**

**Comissão de Frente:  
Feita pra vencer!**

**1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira:  
Amanhã**

**1º Setor:  
A filha de toda fé e sua crença no Amanhã**

Ala 1 – Raiz Mangueirense  
Símbolos e memórias de “piquena”

**Pede passagem:  
Recordações em um Velho Cajueiro**

Ala 2 – Velha-Guarda  
Devoção aos Pretos Velhos

**Musa:  
Encantado das águas salgadas**

**Musa:  
Encantado das águas doces**

Ala 3 – Ala coreografada:  
A energia dos encantados das matas

Ala 4 - Ala das Baianas:  
A crença no Espírito Santo

**Abre-Alas:  
O altar de sua fé**

**2º Setor:  
Maranhão, meu tesouro, meu torrão**

Ala 5 – Ala Mimosas, Au au au e Moana  
Queimação de palhinha de Reisado

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira:  
A folia da Turma do Quinto**

Ala 6 – Nação Verde e Rosa  
Carnaval de Fofões

Ato cênico - Avante Mangueira  
Festa do Divino

Ala 7 - Carcará, Vendaval e Realidade  
Festa aos santos juninos

Ala 8 - Coreografada  
O mistério do Tambor de Crioula

**Musa:  
A dança das penas**

**Musa:  
O bailado das fitas**

**Musa:  
O Amanhã em São Luís**

**Carro 2:  
Arraiás Maranhenses: fundamentos de um  
Amanhã popular**

**3º setor:  
Caminhos de uma nova estrela**

Ala 9 – Panteras, Estrela Iluminada e Seresteiros  
A partida: “formando” o sonho da canção

Ala 10 - Apaixonados pela Mangueira  
“Império dos Discos”: A chegada ao Rio de Janeiro

**Grupo de Musos:  
Tributo à Agnaldo Timóteo, Ângela Maria e  
Núbia Lafayette**

Ala 11 – Passistas  
Caminhos: A trupe de Marrom

**Rainha de Bateria:  
As negras divas do Jazz**

Ala 12 - Bateria  
A estrela das noites

Ala 13 – Coração Verde e Rosa  
A nova voz do samba

**Musa:  
Noites de um Rio Antigo**

**Carro 3:  
O negro som das madrugadas**

**4º Setor:  
O poder feminino de uma voz brasileira**

Ala 14 - Acauã, Gatinhas e Gatões, Amigos do  
Embaló  
Figa de Guiné

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira:  
O surdo**

Ala 15 – Sempre Mangueira  
Ilha de Maré

Ala 16 - Ala dos Compositores  
Pandeiro é meu nome

Ala 17 - Sambar com a Mangueira  
Sufoco

**Musa:  
Eu sou Marrom**

**Musa:  
Todos cantam a sua terra**

**Tripé:  
Alerta Geral**

Ala 18 - Somos Mangueira  
Ser de Luz

Ala 19 - Ala da Escola  
Afreketê

**Musa:  
Meu vício é você**

**Musa:  
Além da cama**

Ala 20 - Paixão Mangueirense  
A loba

Ala 21 -Raiz Verde e Rosa  
Meu ébano

**Musa:**  
**Uma nova paixão**

**Musa:**  
**Coração de Porcelana**

**Carro 4:**  
**A voz do Amanhã de tantas mulheres**

**5º Setor:**  
**O Amanhã em Mangueira é hoje**

Ala 22 - Eternamente Mangueira  
Encanto pela Mangueira

Ala 23 - Casais Mirins  
Florescendo em Mangueira

Ala 24 - Ala da Escola  
Nobre “exaltação” aos sambas

Ala 25 - Ala das Crianças  
“Pequenas” realezas do Amanhã

Ala 26 - Nação mangueirense  
Não deixe o samba morrer

**Musa:**  
**O Amanhã é hoje**

**Musa:**  
**Flores de Mangueira**

**Carro 5:  
Meu Palácio tem rainha**

Grupo de Amigos

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo):**

Annik Salmon e Guilherme Estevão

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
<p>* </p>	<p><b><u>RECORDAÇÕES EM UM VELHO CAJUEIRO</u></b></p>  <p>As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.</p>	<p>A narrativa do cortejo em homenagem à cantora Alcione se estrutura a partir da construção de seu Amanhã e de sua atuação na transformação de tantos outros amanhãs, estabelecendo-o como personagem e narrador da história. A partir dele, inauguramos a primeira passagem da vida da artista através de sua fé, definindo o “Cajueiro Velho” como elemento de recordação que nos leva às memórias de sua família, a sua primeira grande devoção, relembrando suas raízes e recordações de infância.</p> <p>O cajueiro é um símbolo do cenário maranhense no qual Alcione cresce, eternizado pela composição “Cajueiro Velho”, do LP “Morte de um Poeta” de 1987, que foi escrita por seu pai, João Carlos, e que reflete sobre o seu processo de envelhecimento, ao se retratar como a própria árvore. Vê o crescimento e amadurecimento de seus frutos.</p> <p>A partir dessa perspectiva, o cajueiro representa, poeticamente, seu pai, enquanto as borboletas fazem referência a sua mãe, Dona Felipa, que sempre disse aos filhos que, ao partir, se encantaria nelas. Ambos foram fundamentais na construção de seu Amanhã. O elemento alegórico dialoga com a primeira ala, formando um conjunto de elementos e símbolos que marcam essas lembranças da infância e família de Alcione, iniciando a abordagem do setor. Ao mesmo tempo, a música também representa a homenageada, ao completar seus 50 anos de carreira, vendo os frutos que plantou crescerem, florescerem e tornarem-se grandes artistas através do samba.</p>

01 **O ALTAR DE SUA FÉ**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

Encerrando e sintetizando o setor que aborda os elos de crenças e devoções, evidenciados por Alcione como elementos fundamentais de sua vida e, em consequência, pilares para a condução de seu Amanhã, o Abre-Alas da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira traz a representação alegórica do altar particular de sua fé. Inspirado no íntimo de seus elementos de devoção e afetos, que a acompanham ao longo de sua vida, carregam histórias e relações particulares que envolvem pessoas e suas experiências. A alegoria busca materializar esses seus sentimentos, afetos e a pluralidade das forças do bem em que acredita.

O altar é um ponto de ligação entre o humano e o divino. Ao longo da história das religiões, esteve presente como um elemento importante na construção de ritos e símbolos, sendo encontrado em diversos povos e crenças. Nos altares domésticos, como os da casa de Alcione, são colocados lado a lado elementos de procedências distintas e que se ligam a partir da fé daqueles que os fazem, estabelecendo uma relação entre os objetos, que é particular de cada um, e produzindo efeitos uns sobre os outros e sobre o mundo ao redor de maneira individual. Esses elementos combinam arte, crença e sentimento, pois criam devoção ao mobilizarem um prazer estético e subjetivo, funcionando como um elemento decorativo e afetivo doméstico ao unir as relíquias de toda uma família. Produzindo uma pluralidade de significados e de memórias, fazendo com que haja uma forma de se relacionar com as crenças e com a fé, cada altar é um retrato particular da alma de cada pessoa.

A construção do Amanhã da homenageada está intimamente relacionada com sua fé e suas crenças, já que se trata da base que a conduz em sua caminhada, segundo ela, sendo o seu alicerce nos momentos de dificuldade. Alcione acredita no poder divino que é múltiplo e diversificado. Além disso, suas crenças abarcam elementos para além do religioso, como a

<p>01</p>	<p><b><u>O ALTAR DE SUA FÉ</u></b></p>  <p>As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.</p>	<p>família, seu estado natal, a Mangueira, a música e os amigos.</p> <p>Assim, os altares de Alcione são espaços que cuidadosamente combinam imagens de santos católicos, entidades da umbanda, orixás do candomblé, além de diferentes objetos relacionados ao sagrado, a sua terra natal, fotos da família e amigos, a música, bandeiras e objetos e práticas particulares, que estão retratados nesta alegoria.</p> <p>Os pretos velhos abrem a alegoria, carregando lateralmente a imagem dos pais da homenageada, sendo acompanhados em sequência de representação dos caboclos da Umbanda e seus orixás de cabeça: Xangô e Iansã, além da centralidade do padroeiro de seu Maranhão: São José do Ribamar, rodeado de ostensórios em movimento, buscando a ideia de energia divina.</p> <p>Ao alto, as imagens dos arcanjos rodeiam relicários formados por diversas imagens de forte devoção de Alcione, vinculadas às suas práticas e crenças populares, com a reprodução da coroa do Divino presente em seu altar particular e a imagem do Espírito Santo, que se torna brasão da Estação Primeira de Mangueira. Ao longo do carro, também se encontram Nossa Senhora de Nazaré, Aparecida, São Benedito, Padre Ciço, Jesus da Umbanda, Omulu e, principalmente, Nossa Senhora da Conceição, santa de maior devoção da artista. Fazem-se presentes também, altares dedicados à música e a sua família e amigos, entendendo sua importância também como crença e devoção de Alcione.</p> <p><b>Composições comunidade – “A fé no Amanhã”</b> As indumentárias se inspiram nas múltiplas crenças de Alcione e representam sua fé no Amanhã e como ela o conduz tendo um papel fundamental em sua trajetória.</p>
-----------	---	--

<p>01</p>	<p><b><u>O ALTAR DE SUA FÉ</u></b></p>  <p>As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.</p>	<p><b>Frontal esquerdo Avancê – Dona Gilda</b> A presidente da Velha Guarda da Estação Primeira de Mangueira representa a devoção da homenageada à própria instituição.</p> <p><b>Frontal direito Avancê – Dona Chininha</b> A Presidente de Honra da Mangueira representa, de forma poética, as entidades da Primeira Estação, os baluartes da agremiação.</p> <p><b>Convidados Centrais – Irmãos de Alcione</b> Os irmãos da homenageada representam a devoção e a crença de Alcione em sua família.</p> <p><b>Central Frontal Chassi 1 – Ludmilla Aquino – Nossa Senhora da Vitória</b> A indumentária representa Nossa Senhora da Vitória, santa católica padroeira da cidade de São Luiz do Maranhão, onde nasceu Alcione.</p> <p><b>Central Superior Chassi 2 – Dill San – Poder Divino</b> O figurino representa o “Poder Divino”, a fé e as crenças da homenageada que guiam sua vida.</p> <p><b>Lateral Esquerdo Chassi 2 – Fabio Lima – Santo Expedito</b> A indumentária representa Santo Expedito, santo do panteão católico e que é conhecido por resolver as causas impossíveis de seus fiéis.</p> <p><b>Lateral Direito Chassi 2 – Carlos Padim – São Jorge</b> O figurino representa o santo da Igreja Católica, São Jorge, conhecido por seu arquétipo de guerreiro e por lutar pelas causas dos seus fiéis. A homenageada é devota do santo e possui diversas imagens dele em sua casa.</p>
-----------	---	---

02

**ARRAIÁS MARANHENSES:  
FUNDAMENTOS DE UM AMANHÃ  
POPULAR**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

A alegoria que encerra o segundo setor faz uma homenagem ao estado natal de Alcione, o Maranhão, através de alguns dos principais festejos culturais que contribuíram para a construção do Amanhã artístico popular da homenageada: os arraiás, destacando especialmente a prática do bumba meu boi, estrela principal dessas festas, com quem a artista mantém laços afetivos, já que os frequentava juntos aos seus familiares, tendo como grande referência seu pai, João Carlos, que atuava como caboclo de fita.

Os arraiás são, antes de tudo, uma grande celebração que articula significados lúdicos, místicos e religiosos. Assim, trata-se de uma manifestação cultural que reúne fé, devoção, arte, crenças, mitos, alegria, cores, dança, música, teatro e artesanato. A arte está presente no bumba meu boi através da música, dos bordados no couro dos bois, nas indumentárias dos diversos personagens e nas danças dos brincantes, comprovando o poder criativo da cultura popular maranhense, presentes na alegoria.

Há ainda uma relação entre os grupos de bumba-boi com santos católicos e que se estabelece através das promessas feitas a São João, São Pedro, São Marçal e Santo Antônio. Essa importância dos santos fica destacada através da arte do maranhense Wal Paixão, materializada como elemento escultórico na alegoria. Os festejos ocorrem no período junino, época do ano em que se comemoram estes santos e que os grupos de Boi se apresentam nos arraiás dedicados a eles.

02

**ARRAIÁS MARANHENSES:**  
**FUNDAMENTOS DE UM AMANHÃ**  
**POPULAR**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

A multiplicidade dos personagens também é uma característica marcante destes grupos, que podem alterar de nomenclatura de acordo com o sotaque adotado pelo bumba-boi, ou seja, pelo instrumento principal que direciona a musicalidade daquele grupo cultural. Toda a ritualística da manifestação gira em torno de um boi de pano, animado pelo miolo, amo (cantador), caboclos de fita, caboclos de pena, cazumbas, tapuios e tapuias, representados nesta alegoria através de diversos elementos.

A realização dos arraiás se dá, sobretudo, nas praças e ruas, tendo, como plano de fundo, os azulejos e casarios, marcas fundamentais da arquitetura maranhense.

Faz parte da realização musical dos arraiás, a prática de danças de tambor de crioula nos momentos de festejo ao bumba meu boi, com a presença dos tambores e pandeirões, afinados pelo calor de fogueiras, normalmente realizados pelos mestres. Estes são homenageados na alegoria através da figura de alguns dos mais reconhecidos na cultura maranhense, sendo: Mestre Zé Paulo, Mestre Donato, Mestre Canuto, Mestre Apolônio Melônio, Mestre Diomar Sousa e Mestre Antero Viana. A imagem desses percussionistas é retratada no couro dos pandeirões, referência da Casa do Maranhão.

Alcione carrega, ao longo de toda a sua carreira, a importância da cultura de seu povo. Marca essa identidade artística em suas canções e manifestações múltiplas de lembrar sua terra natal, evidenciando, assim, como seu Amanhã como artista popular está diretamente vinculado às práticas festivas e aos saberes de sua cultura fazendo desses arraiás também palco de suas apresentações ao longo de sua extensa carreira.

02

**ARRAIÁS MARANHENSES:  
FUNDAMENTOS DE UM AMANHÃ  
POPULAR**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

**Composições comerciais – Tapuios (homens) e Tapuias (mulheres) do boi**

As “índias” e “índios” estão presentes em todos os estilos de bumba meu boi. Recebem também a denominação de “tapuias” e “tapuios”. Durante as apresentações do boi, dançam em cordão ou fila, em conjunto, com marcações definidas de movimento. A indumentária é inspirada no figurino tradicional desses personagens do boi.

**Central Frontal – Alain Taillard – São Marçal**

Segundo a tradição católica, São Marçal foi enviado de Roma para Limoges, na Gália, atual França.

Lá se estabeleceu como o primeiro bispo do local e evangelizou a população, e foi martirizado no século III junto com outros dois presbíteros de sua diocese. Sua imagem geralmente o apresenta com os trajes tradicionais de um bispo. Apesar da forte devoção popular que recebeu tanto no Maranhão quanto em Limoges, São Marçal não é um santo oficial da Igreja Católica.

Há diferentes versões para a chegada dos festejos ao santo no Maranhão, mas, de modo geral, todas relacionam a crença em São Marçal à proteção dos brincantes de boi, de forma que a prefeitura de São Luís tornou a festa do santo um bem cultural e imaterial da cidade e decretou o 30 de junho como Dia do Brincante de Bumba Meu Boi, quando também encerra o período de festas.

**Central – Roberto dos Santos – Cazumbá**

Os cazumbás são personagens presentes na estrutura do bumba-boi do Maranhão. Segundo a tradição, podem ser um bicho da mata, um animal da fazenda e espíritos protetores da floresta, isso porque são figuras híbridas, que estão entre o animal e o humano, tratando-se de seres fantásticos.

02

**ARRAIÁS MARANHENSES:**  
**FUNDAMENTOS DE UM AMANHÃ**  
**POPULAR**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

Têm como características o uso de batas que cobrem o corpo inteiro, utilizam máscaras em formato animalesco e túnicas longas bordadas ou pintadas em que essa indumentária se inspira.

**Laterais Esquerdo e Direito – Jhonatan Avelino e Brenno Santos– Bordados e Fitas do Bumba Boi**

Os bordados e as fitas são ornamentos tradicionais dentro dos figurinos do bumba-boi, se fazendo presentes na indumentária de quase todos os personagens dessa manifestação cultural e inspirando este figurino.

**Frente Esquerdo – Pai Darío – Flores e Matracas**

As flores estão presentes através do adorno nos figurinos dos personagens do boi. Além disso, a matraca é um tipo de instrumento utilizado no bumba-boi.

**Frente Direito – Ned – Tambores e Rendas**

Os tambores estão presentes como instrumento musical na estrutura sonora do bumba-boi e do tambor de crioula, enquanto as rendas são utilizadas como adornos nos figurinos.

03

### **A RAINHA DAS MADRUGADAS**



**As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.**

A alegoria que marca a conclusão do terceiro setor da escola está inserida no contexto de desenvolvimento do Amanhã da homenageada como cantora, de forma a apresentar os caminhos que ela percorre para isso, influências musicais fundamentais na construção de seu repertório inicial e de sua atuação como intérprete.

A conjuntura política brasileira no final dos anos de 1960 e durante os anos 1970 afetava o mundo artístico de maneira singular através da censura, mas essa não impediu por completo que ocorresse, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo, uma resistência cultural que resultou no crescimento de uma boêmia em torno de clubes noturnos.

Cantores que gravaram inúmeros discos e, através deles, fizeram muito sucesso começaram sua vida artística nesses bares e boates, entre eles nossa homenageada Alcione. Temos alguns desses espaços fundamentais em seu início de carreira como Beco das Garrafas, Little Club, Di Monaco, Galera Alaska, Blow Up, Katakombi, Preto 22, Black House e Catedral do Samba representados por seus letrados na alegoria.

Alcione teve seu repertório marcado por inúmeros gêneros musicais de influência negra, tais como jazz, blues e bolero, transitando por suas musicalidades e instrumentalidades, marcadas fortemente pela presença dos metais. Esses símbolos musicais se destacam na alegoria e compõem a cênica de uma apresentação de Alcione tocando aquele que foi seu maior companheiro: o pistão. O cenário da noite musical é o retrato dos grandes sucessos de uma época, marcada pelos discos de ouro dos grandes cantores e cantoras, das quais Alcione passaria a fazer parte a partir daquele momento.

A conjuntura social não era simples e a cantora evidencia, em suas entrevistas, que sofreu racismo e machismo enquanto tentava sua ascensão como artista. Inclusive chegou a ser levada para a delegacia quando voltava de um de seus shows por policiais que a confundiram com

03 **A RAINHA DAS MADRUGADAS**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

garota de programa e só foi liberada depois de tocar seu trompete e explicar que era cantora.

Esta fase da vida de Alcione é marcante por simbolizar uma transição fundamental e determinante para sua carreira como intérprete, ao inserir o samba como gênero de seu repertório, que adquire protagonismo singular ao ser lançada como a primeira cantora negra a ter um LP de samba gravado. Marca também o momento em que a vocalista deixa de se apresentar necessariamente com o trompete e passa a ter a sua voz como protagonista de sua carreira. São, definitivamente, novos caminhos e rumos de seu Amanhã.

Assim, esta alegoria busca representar uma estética desse Rio Antigo e da noite paulistana evidenciando o processo da homenageada em ascensão, ao se tornar uma rainha das madrugadas, ao se destacar como artista em diversos clubes noturnos, promovendo a união e a valorização de vários gêneros musicais de origem negra, gravando posteriormente, por exemplo, a canção o "O samba é primo do jazz", evidenciando, assim, sua pluralidade musical, sua capacidade técnica com os metais e com a sua voz além de sua versatilidade rítmica.

**Composições comerciais – A era de ouro do Disco**

O processo de ascensão de Alcione como cantora se dá em um momento em que os vinis cumpriam um papel fundamental na carreira dos artistas e era o disco de ouro o grande sonho dos cantores, em especial, de Alcione que conquista diversos ao longo da sua carreira.

**Central Frontal – Cris Moratto – O Jazz**

Um dos gêneros musicais cantados por Alcione, o jazz é uma manifestação artística originária das comunidades de Nova Orleães nos Estados Unidos, que se expande pelas noites da cidade e conquista o mundo, surgindo por volta do século XIX, com origem na cultura popular e na criatividade das comunidades negras que ali viviam, tornando-se um dos mais importantes gêneros da música mundial.

03

### **A RAINHA DAS MADRUGADAS**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

### **Central Superior – Lisa Suan – O samba**

O samba é o gênero musical que faz com que Alcione seja reconhecida como grande cantora e é também a sua porta de entrada na indústria musical. Esse se originou entre as comunidades afro-brasileiras que viviam no centro do município do Rio de Janeiro no início do século XX.

É considerado um dos mais importantes fenômenos culturais do Brasil e um dos seus símbolos.

### **Lateral Esquerdo – Almir – O Blues**

O blues tem como inspiração as tradições musicais que se formam no extremo sul dos Estados Unidos no período escravocrata para marcar o tempo de trabalho a partir do fim do século XIX. Muitas vezes, as canções tomavam a forma de uma narrativa livre, relacionando frequentemente os problemas experimentados na sociedade afro-americana. Esse é um dos gêneros musicais que, através da sua sonoridade, influenciou Alcione artisticamente, a partir de suas construções rítmicas e melódicas.

### **Lateral Direito – Sande – Bolero**

O mais romântico dos gêneros musicais cantados por Alcione, naquele momento, era o bolero, de origem cubana, que mescla raízes espanholas com influências locais. Apesar da sua relação com Cuba, tornou-se também bastante conhecido como canção romântica mexicana, onde tornou-se mais lento ao desenvolver com mais evidência a temática romântica. Esse gênero também se expandiu no Brasil, fazendo parte do repertório de Alcione.

\*

### ALERTA GERAL



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

Inserido no setor que presta homenagem à carreira musical de Alcione e que busca apresentar suas canções, sua diversidade musical e sua trajetória enquanto artista, que se torna inspiração e referência musical para tantos outros, o elemento alegórico representa o programa “Alerta Geral” que estreou em 9 de março de 1979 e que leva o mesmo nome do LP lançado em 1978.

O programa musical era exibido na primeira semana de cada mês, como parte da faixa de programação “Sexta Super” da TV Globo, e tinha como mote principal a defesa da música brasileira, como resposta a um processo de massificação da musicalidade estrangeira, em especial a “disco music”, diminuindo o protagonismo da música popular brasileira no mercado fonográfico. Ao longo do programa, Marrom discursou a respeito das dificuldades enfrentadas pelos músicos brasileiros no mercado de trabalho e do fim das grandes orquestras, assim como sobre sua negritude e o papel da mulher no cenário musical.

A atração musical recebeu, como convidados, vários artistas consagrados da época para cantar seus sucessos, como Beth Carvalho, Ângela Maria, João Nogueira, Dorival Caymmi, Dona Ivone Lara, Emílio Santiago Martinho da Vila, Elza Soares e Clara Nunes.

As gravações do Alerta Geral ocorriam no Teatro Fênix, no Rio de Janeiro. O tripé se inspira em um dos cenários do programa, prestando também homenagem a esses diversos artistas que por ali passaram a se apresentar. O “Alerta Geral” esteve presente na programação até o dia 07 de maio de 1981, quando o programa saiu do ar de vez. Essa fase profissional marca um momento na carreira de Alcione, estreitando de maneira mais intensa sua arte e canto com pautas de importância social.

04

**A VOZ DO AMANHÃ DE TANTAS MULHERES**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

A alegoria que encerra o quarto setor tematiza algumas das canções de sucesso através de representações cotidianas e da pluralidade feminina. Apresenta o processo de transformação da homenageada em uma poderosa voz, responsável por retratar a diversidade musical brasileira, através das obras que abordaram, nas últimas décadas, a temática dos sentimentos, sobretudo.

Dona de uma enorme lista de hits, Alcione emplacou inúmeras canções que se tornaram hinos e ilustração musical do dia a dia. Ela construiu uma grande legião de fãs que acompanham seu crescimento enquanto ícone da cultura nacional, destinando sua completa gratidão e carinho nas inúmeras gravações e apresentações que realizou por todo país, ao longo dos 50 anos de carreira, construindo o seu “Brasil em tom Marron”

Além disso, a homenageada representa o empoderamento, mesmo antes desta palavra ou conceito se tornar popular, já que, desde muito nova, enquanto nordestina, mulher e negra, a cantora precisou enfrentar o mundo e quebrar barreiras para que fosse reconhecida e tivesse sua carreira consolidada.

Através da sua voz, alcançou e conquistou gerações de mulheres, propagando valores, promovendo, de maneira poética, pela música e arte, concepções diversas de feminino, atuando na defesa de mecanismos de proteção e valorização delas.

Atualmente, podemos afirmar que Alcione é uma das principais vozes femininas, por sua arte, atuação e figura pública, transcendendo classes, idades e gêneros, sendo expoente e espelho para novas vozes, principalmente femininas que transformam também a sua obra como instrumento de empoderamento e de perpetuação de valores e direitos. Torna-se uma referência para as diversas cantoras brasileiras da nova geração, como Maria Rita, Iza, Ludmila, Luedji Luna, MC Tha, Gaby Amarantos, Tereza Cristina, entre outras, demonstrando, assim, que, pela construção do seu Amanhã, tornou-se

04 **A VOZ DO AMANHÃ DE TANTAS MULHERES**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

fundamental para a formação de tantos outros Amanhãs femininos e musicais no Brasil.

O carro se materializa como uma grande homenagem à pluralidade feminina, musical e da própria cantora ao longo de sua carreira, sendo a grande negra voz do Amanhã dessas mulheres. Representamos suas canções através de cênicas em diversos palcos, revelando algumas dessas trilhas fundamentais do repertório da artista e da vida dos brasileiros, além das diversas “versões” da cantora ao longo do tempo. Ainda destacamos as imagens plurais desse feminino exaltado por ela, no qual se revelam múltiplos sentimentos, posturas, características, mas que todas elas se unificam a partir de uma única voz que as representa e empodera.

**Composição cênicas:**

Alcione é reconhecida nacionalmente como uma cantora de samba, mas, ao longo de sua carreira, escolheu ter, em seu repertório, diversos gêneros musicais que a inspiram e que colaboram sonoramente para a sua vida como intérprete. As temáticas dessas canções estão principalmente relacionadas à experiência romântica feminina.

Assim, buscamos transportar, através de composições cênicas, o show de Alcione para o cotidiano de seu público a partir de algumas de suas músicas, como “Forró do Xenenhém”, “Faz uma loucura por mim”, “Você me vira a cabeça”, “Ou ela ou eu”, “Depois do prazer” e “Garoto maroto”, que retratam sua diversidade musical e a forma como é representada a mulher em suas canções. Ao mesmo tempo, se descortinam visões diferentes da mesma Alcione, muito marcadas através de seus álbuns.

**Composições comerciais – Entidade (mulheres)**

“Entidade” é um dos seus maiores sucessos, lançado em 1996 que inspira este figurino. A canção busca, de maneira poética, representar as diversas personas presentes em uma mesma mulher, que tomam controle do próprio corpo em contextos e sentimentos diferentes.

**Central Superior – Meime – Mulher Ideal**

04

**A VOZ DO AMANHÃ DE TANTAS MULHERES**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

A indumentária se inspira na canção “Mulher ideal”, lançada no CD de 1997 “O Melhor da Alcione – Ao vivo” e, em seus versos, que diz: “Eu sou aquilo que sou, e se quiser me mudar/ Você vai se arrepender, pois foi assim que gostou/ Foi desse jeito que amou, além do bem e do mal/ Sou a mulher ideal”. Que reforça a autovalorização feminina e o entendimento de que a mulher ideal é qualquer pessoa que se considere mulher. A mulher ideal, aqui, é representada por uma histórica drag queen, que trabalhou por anos com Alcione.

**Semi-Destaque: Perdeu, Perdeu**

O figurino se inspira poeticamente em uma das obras mais recentes de Alcione. A canção retrata o empoderamento da mulher que escolhe não estar mais submissa às decisões do companheiro no relacionamento, e inclusive decide por terminá-lo por entender que assim é melhor para ela.

05 **MEU PALÁCIO TEM RAINHA**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

“Só peço a Deus que me acompanhe, me abençoe onde quer que eu vá

Eu tô na vida, eu tô no mundo, eu tô aonde o destino mandar

Tô aqui no pé da ladeira

De frente pro morro da mangueira”

Encerramos o desfile da Estação Primeira de Mangueira em homenagem a Marrom inspirados pela canção “Mangueira é uma Mãe”, que contribuiu de forma poética para a construção desta alegoria e da própria trajetória de Alcione na escola, sendo esta uma filha que não nasceu no morro, mas que foi acolhida como parte da comunidade. Essa mãe ampara os seus frutos e busca desenvolver o Amanhã através de sua cultura e tradições do samba.

Dessa forma, há uma potência artística nas crianças da comunidade enxergada por Alcione e outros baluartes da escola, que buscam fomentá-la, a partir de inúmeras iniciativas sociais, entre elas, em especial, o projeto “Mangueira do Amanhã”, que é a segunda escola mirim da história do carnaval carioca e que existe há mais de 30 anos.

Assim, é através da visão infantil que esta alegoria ressignifica a própria agremiação, sua comunidade e todo morro, construindo, por essa ótica, a Mangueira como um grande palácio em exaltação ao samba, que tem Alcione como sua rainha e que materializa de forma carnavalesca a figura da Mãe Mangueira, como alguém que acolhe todos esses filhos, incluindo a homenageada. Onde os nobres futuros brotam como rosas no morro, tendo como referências as pratas da casa e a sua própria comunidade, que são formadas, principalmente, a partir da “Mangueira do Amanhã”, projeto que se estrutura pelo desenvolvimento de ofícios através de canto, dança e percussão.

Por essas diversas crianças que revelam, ao mesmo tempo, a inocência e seu imaginário infantil sobre a própria Mangueira, é que se reafirmam as potências e belezas dos segmentos da escola de samba. Alcione é coroada, ao final do desfile, cercada por esses pequenos que

05

### **MEU PALÁCIO TEM RAINHA**



As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.

foram e são símbolos de sua vitalidade e atuação eterna no morro de Mangueira.

Graças a ela, em Mangueira, o Amanhã é hoje! Esse amanhã, que narrou toda a trajetória da rainha de nosso palácio, materializado como personagem pela figura de nosso casal, encerra na traseira da alegoria como a imagem do casal criança, representando esse Amanhã que se renova em Mangueira.

#### **Composições infantis – O Amanhã da Mangueira**

O figurino representa o futuro da Mangueira e daqueles que manterão suas tradições ao longo dos tempos, inspirados pelos seus ancestrais e baluartes da agremiação.

#### **Composições – Verde e Rosa Dinastia**

O verde e rosa de Mangueira é um símbolo da música e da cultura do Brasil, carregando, ao longo de quase um século de existência, uma dinastia de artistas sambistas que fazem desse lugar tão especial. É visando a perpetuação dessa dinastia que a Mangueira do Amanhã, fundada por Alcione, foi criada e atua, mantendo o legado e a missão de nunca deixar o samba morrer.

#### **Central Superior – Garrido – O Amanhã verde e rosa**

A indumentária busca enfatizar que o Amanhã é verde e rosa, as cores pelas quais a Estação Primeira de Mangueira é mundialmente conhecida, de modo que é a agremiação, ao lado das suas coirmãs, uma das maiores manifestações culturais do mundo e que busca, através das crianças da sua comunidade, promover o samba enquanto tradição.

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Ludmilla Aquino Dill San Fabio Lima Carlos Padim Alain Taillard Roberto dos Santos Jhonatan Avelino Breno Santos Dario Ned Cris Moratto Lisa Suan Almir Fabio Sande Meime Garrido	
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadávia Correa, nº 60 – Barracão 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Tânia Bisteka e Diego Firmino	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Devalci e Carlos Alberto (Jhow)	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Washigton
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Patrick Colares, Willian Mansur, Algles Ferreira, Leonardo Batista e Flávio Policarpo	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro Assis
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Fuca e Sergio	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Deco
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  <b>Equipes de Adereço:</b> Cigano e Equipe Rafael e Equipe Adriano e Equipe Luciano e Equipe	

**Movimento:**

Agles  
Loracio

**Fibra:**

Renato

**Efeitos Especiais:**

Allan

**Iluminação:**

Fuca e Serginho

**Maquiagem:**

Guilherme Camilo

**Perfil dos Diretores de Barracão:**

**Tania de Fátima Souza Lima**, Tania Bisteka, nascida no morro da Mangueira, aos 8 anos iniciou sua vida como desfilante em uma das alas da escola. Passou um período viajando o mundo como bailarina e ao voltar para o Brasil foi incorporada ao time de passistas show da escola. Em 1999 participou e ganhou o concurso de Rainha da Bateria da escola da Mangueira, levando também o estandarte de passista daquele ano, a primeira a conseguir tal feito. Em 2001 desfilou também em como Rainha de Bateria, após sair do cargo ocupou diferentes cargos na escola, como de coordenadora da ala de passista, coordenadora de musa e vice-presidente de eventos da agremiação. No ano de 2013 passa a integrar o time de funcionários do barracão da escola, tornando-se chefe do almoxarifado. Para o ano de 2023 recebeu o convite da presidente Guanayra para se tornar diretora de barracão.

**Diego Firmino Santiago Sales**, nascido e criado no Morro da Mangueira, iniciou sua trajetória na Mangueira do Amanhã aos seis anos na bateria mirim e, após crescer, compôs a bateria da G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira.

Em 2012, integrou a equipe de barracão da agremiação, passando por cargos como auxiliar de diretor de carnaval e de diretor de barracão. Atualmente faz dupla com Tânia Bisteka na direção de barracão pelo segundo ano consecutivo.

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Annik Salmon e Guilherme Estevão				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
Ala 1	<p>SÍMBOLOS E MEMÓRIAS DA “PIQUENA”</p> 	<p>As memórias são formas de contar histórias e de relembrar períodos passados das trajetórias dos indivíduos, mas elas também auxiliam no entendimento do presente e do futuro daqueles que as narram. Registrando os sons da infância, como as vozes do pai, mãe e irmãos, as músicas que embalaram os momentos festivos e religiosos, as brincadeiras e os demais signos, é através das memórias afetivas de Alcione e seus parentes que inauguramos o desfile da verde e rosa, iniciando a abordagem sobre suas crenças e devoções, estabelecendo a família como primeira grande fé da “piquena”.</p>	<p>Raiz Mangueirense (2013)</p>	<p>Laura, Alex, Paulo e Flávio</p>

<p>Ala 1</p>	<p>SÍMBOLOS E MEMÓRIAS DA “PIQUENA”</p> 	<p>A indumentária busca materializar as lembranças desta devoção inicial pela família, através da imagem do “bumba meu boi branco” e do “caboclo de fita”, personagens da crença popular maranhense, carregando um conjunto de símbolos que abrem os caminhos para nossa narrativa. Como um signo de fé, o boi branco é considerado historicamente no Maranhão como um “boi de promessas”, que carrega, em seu couro, elementos de desejos, clamores e pedidos a serem concretizados, enquanto o caboclo de fita faz parte da realização do auto do boi, sendo o item representado por seu pai durante os festejos.</p> <p>Essas duas figuras foram escolhidas, principalmente, pelo forte elo afetivo que remete a toda a família da homenageada e ao cenário das memórias infantis de Alcione. Na base dessa roupa, adornam: bonecas de pano, feitas por ela e seus irmãos para as brincadeiras; as borboletas que representam poeticamente sua mãe; o caboclo de fita, encenado por seu pai no auto do boi e representado na indumentária através do chapéu na cor branca</p>	<p>Raiz Mangueirense (2013)</p>	<p>Laura, Alex, Paulo e Flávio</p>
--------------	---	--	---------------------------------	------------------------------------

<p>Ala 1</p>	<p>SÍMBOLOS E MEMÓRIAS DA “PIQUENA”</p> 	<p>com penas variando entre as tradicionais cores da escola o verde e o rosa; os bordados musicais e instrumentos, que fazem menção direta à sua construção musical.</p> <p>A família se configura, dessa maneira, como o elemento de devoção inicial de Alcione e que vai determinar suas escolhas e ligações de fé, fundamental para a construção de seu Amanhã e para a realização de seus clamores e pedidos enquanto criança.</p>	<p>Raiz Mangueirense (2013)</p>	<p>Laura, Alex, Paulo e Flávio</p>
<p>Ala 2</p>	<p>DEVOÇÃO AOS PRETOS VELHOS</p> 	<p>A fé de nossa homenageada inicialmente é, em boa parte, fruto das relações estabelecidas entre seus familiares. Por isso, se constrói de maneira ampla e múltipla, abarcando uma série de santos e entidades de credos distintos, que, para ela, representam as forças do bem. É através dos laços ancestrais, sobretudo de sua avó e seu pai, que Alcione estabelece uma conexão profunda e afetiva com as figuras oriundas das religiosidades afro-brasileiras, entre elas os pretos velhos.</p>	<p>Velha Guarda (1953)</p>	<p>Dona Gilda</p>

<p>Ala 2</p>	<p>DEVOÇÃO AOS PRETOS VELHOS</p> 	<p>Essas entidades são elementos de sua devoção e a quem Alcione dedica parte de suas preces, pedidos e agradecimentos. Os pretos velhos estão relacionados aos cultos da Umbanda e à relação fundamental com as benzedeiras, atividade a qual sua avó paterna realizava. Eles são homenageados com festas no dia 13 de maio e se apresentam às suas comunidades através do arquétipo de idosos africanos que teriam vivido nas senzalas, no período pré-abolição.</p> <p>São considerados divindades sábias, ternos e pacientes, dão amor, fé, esperança e conselhos aos seus afilhados, podendo remeter diretamente à figura das Velhas Guardas das agremiações, responsáveis por carregar os saberes ancestrais de suas comunidades. O figurino busca retratar, portanto, a imagem dessas entidades que, tradicionalmente, utilizam o cachimbo e as ervas, elementos presentes como adereço, assim como o chapéu nos homens e o turbante das mulheres, sendo a roupa predominantemente em branco e detalhes em xadrez.</p>	<p>Velha Guarda (1953)</p>	<p>Dona Gilda</p>
--------------	--	---	----------------------------	-------------------

Musa	<p>ENCANTADA DAS ÁGUAS DOCES</p> 	<p>Os rios, lagos, poços e nascentes estão relacionados às entidades das águas doces, que são, em sua maioria, figuras femininas como a Mãe d'Água que inspiram esta indumentária.</p>	Musa	Thay Barbosa
Musa	<p>ENCANTADA DAS ÁGUA SALGADAS</p> 	<p>A Encantaria é uma expressão religiosa presente na crença popular maranhense. Há uma ampla diversidade de encantados, entre eles aqueles que estão diretamente relacionados às águas, incluindo a de água salgada, representada nessa fantasia.</p>	Musa	Laysa Rebeca

Ala 3	<p>A ENERGIA DA ENCANTARIA DAS MATAS</p> 	<p>Alcione possui uma ascendência indígena, diretamente ligada aos seus antepassados maternos, à qual fazemos referência através dos encantados, tendo em vista sua devoção a eles. Essas entidades fazem parte da Encantaria, forma de manifestação espiritual e religiosa afro-ameríndia praticada no Maranhão. Segundo a crença popular local, acredita-se que essas figuras teriam desaparecido misteriosamente e se “encantaram” na natureza, manifestando-se em formas da estética indígena, categorizadas de acordo com os tipos de energias naturais às quais estão ligadas, entre elas o povo da mata.</p> <p>No Maranhão, o termo “encantado” se relaciona às crenças populares de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente, pois faz parte da natureza deles não se mostrarem às pessoas. ‘</p>	Ala Coreografada	Barbara e Anderson
-------	--	---	---------------------	-----------------------

<p>Ala 3</p>	<p>A ENERGIA DA ENCANTARIA DAS MATAS</p> 	<p>Acredita-se que eles podem ser vistos e ouvidos em sonho por aqueles que possuem algum nível de vidência ou mediunidade. Pelo elo de crença de Alcione, a ala se inspira, especialmente, na energia dos caboclos das matas, encantados de devoção da artista.</p> <p>A forte presença da cultura indígena no Maranhão é mais um vetor dos credos religiosos da homenageada, que auxiliam na condução de seu Amanhã, como entidades de proteção e na crença positiva de suas forças. Sendo uma ala coreografada, utilizam-se como base a estética indígena, dos elementos das matas, e da reflexividade material para remeter à ideia de energia e da movimentação dos caboclos das matas.</p>	<p>Ala Coreografada</p>	<p>Barbara e Anderson</p>
--------------	--	--	-----------------------------	-------------------------------

<p>Ala 4</p>	<p>A CRENÇA NO DIVINO ESPÍRITO SANTO</p> 	<p>As mães do samba da Mangueira, nossas baianas, farão referência direta ao elo de Alcione ao legado de sua mãe, fundamental para sua religiosidade: o catolicismo, presente no Maranhão através de suas crenças e devoções populares. Entre tantos santos e entidades da doutrina cristã, a homenageada tem na figura do Espírito Santo um dos símbolos mais fortes de sua fé. Dentro dessa prática religiosa, ele representa a manifestação do Cristo vivo. Esse elemento, nas religiões cristãs, é entendido como uma das três pessoas que compõem, metaforicamente, a Santíssima Trindade, representada por Deus Pai, Filho e Espírito Santo.</p> <p>A ligação estabelecida, principalmente, por sua mãe, em sua família, entre o catolicismo e a cantora foi incorporada de maneira tão intensa em sua vida que Alcione tem o costume de se despedir das pessoas que convive através da frase “Vá com Deus, a Virgem Maria e o Espírito Santo”, abençoando os seus.</p>	<p>Baianas (1958)</p>	<p>Edina Vitalina</p>
--------------	--	---	-----------------------	-----------------------

<p>Ala 4</p>	<p>A CRENÇA NO DIVINO ESPÍRITO SANTO</p> 	<p>O figurino é construído, majoritariamente, em cima da representação popular do Espírito Santo no Brasil. Isso se realiza através de suas cores e da imagem da pomba branca, em um ostensório dourado e o sagrado coração, acompanhado da chama do espírito. Traz, também, através dos elementos reflexivos presentes no figurino, a ideia celestial de luz divina ligada a essa manifestação da fé católica.</p>	<p>Baianas (1958)</p>	<p>Edina Vitalina</p>
<p>Ala 5</p>	<p>QUEIMAÇÃO DE PALHINHA DE REISADO</p> 	<p>O Amanhã de Alcione enquanto artista popular é reflexo da sua construção vinculada à cultura de sua terra natal e às festividades do povo maranhense. Sendo assim, inauguramos o setor que representa essas celebrações e a importância de seu papel na vida artística da homenageada.</p> <p>Apresentamos uma das festas mais tradicionais e uma das primeiras do calendário festivo do Maranhão: a Queimação de Palhinha.</p> <p>De origem no catolicismo europeu, torna-se parte da cultura popular por todo o Estado após a colonização e integra um conjunto de práticas festivas de participação de nossa homenageada.</p>	<p>Mimosas (1963) Au au au (1986) Moana (1980)</p>	<p>Chininha, Guezinha e Paulo Ramos</p>

<p>Ala 5</p>	<p>QUEIMAÇÃO DE PALHINHA DE REISADO</p> 	<p>A festividade encerra o ciclo natalino ao celebrar a visita dos três Reis Magos à manjedoura do menino Jesus, no dia 6 de janeiro, dia em que, no Brasil, comemora-se também o Dia de Reis. O momento mais importante dessa festa ocorre na retirada da murta em palha que enfeita o presépio. Essa é lançada ao fogo, ao som das ladainhas, entoadas em latim e na língua portuguesa enquanto são feitos pedidos de paz e esperança para o ano que se inicia.</p> <p>A festividade é realizada tradicionalmente, em casas, igrejas católicas e terreiros de religiões de origem africana no Maranhão. Nossa homenageada costumava, quando criança, participar dos festejos junto a sua família, em especial de seu pai, com quem aprendeu a cantar as ladainhas. O figurino se inspira nos trajes dos reis magos, utilizando simbolicamente a caldeira com as palhas lançadas ao fogo como adereço.</p>	<p>Mimosas (1963)                  Au au au (1986)                  Moana (1980)</p>	<p>Chininha, Guezinha e Paulo Ramos</p>
--------------	---	---	--	---

Ala 6	<p data-bbox="248 191 578 218">CARNAVAL DE FOFÕES</p> 	<p data-bbox="695 191 1032 842">Dando continuidade à exaltação da cultura maranhense através de suas festividades e personagens pela ótica de Alcione, apresentamos uma figura tradicional dos festejos de carnaval e da infância da artista: o Fofão. É um personagem inspirado na folia europeia, que chega ao Maranhão junto a uma série de outros costumes, além de ser uma figura que apresenta características circenses e teatrais.</p> <p data-bbox="695 888 1032 1465">Os fofões coloreem as ruas durante o carnaval e têm, como sua característica principal, o figurino e máscara, muitas vezes feita de papel machê, com pinturas e estampas locais, inspirando, assim, a fantasia. É composto, também, por largo macacão de chita e uma máscara em careta, que tem o intuito de assustar e divertir ao mesmo tempo, além de pompons coloridos.</p> <p data-bbox="695 1512 1032 1938">Esse personagem faz parte do carnaval popular vivido por Alcione durante a sua infância no Maranhão, que a inspirou durante sua carreira musical e através de suas ações como ativista da cultura brasileira, entendendo o papel da arte na formação do Amanhã.</p>	Nação Verde e Rosa (2013)	Robson, Vania e Sarinha
-------	---	---	---------------------------	-------------------------

<p>Ato Cênico</p>	<p>FESTA DO DIVINO (CÊNICA)</p> 	<p>A Festa do Divino é um dos muitos festejos que fazem parte da cultura popular maranhense que se relaciona com a Igreja Católica, mas que também pode ser eventualmente organizada pelos terreiros de Tambor de Mina, religião de matriz africana fundada no estado. Realiza-se sete domingos depois da Páscoa, no dia de Pentecostes. Existem uma série de festas do Divino espalhadas por todo o Maranhão, que possuem características distintas de acordo com o território inserido. Focaremos no festejo vivenciado por Alcione em sua vizinhança na capital São Luís, especialmente o realizado pela Casa das Minas, onde a homenageada participava junto ao seu pai.</p> <p>Esta festividade teve origem no século XIV em Portugal e foi introduzida no Maranhão pelos colonos açorianos.</p>	<p>Avante Mangueira (2013)</p>	<p>Selma, Elisangela e Marcia</p>
-----------------------	--	---	--	---

<p>Ato Cênico</p>	<p>FESTA DO DIVINO (CÊNICA)</p>  	<p>Uma de suas características é a existência de “caixeiras”, senhoras que inauguram o cortejo e que cantam e tocam as caixas do divino por todas as etapas da cerimônia, assim como os porta-estandartes, com a pomba do divino, que margeiam, com seus trajes, os demais personagens. São populares, geralmente vestidos com figurinos simples, feitos de cetim, macramê, fitas e fuxicos.</p> <p>Possuem centralidade no cortejo, as figuras do casal formado pela Imperatriz e o Imperador, Mordomo e Mordoma-Mor e Mordomo e Mordoma-Régia, vestidos em trajes que remetem à nobreza, nas cores vermelho e azul, historicamente associados à celebração, marcando uma linha de sucessão pelos cortejos anuais. Durante esses festejos junto com seu pai, a adolescente Alcione cantou ladainha, mas seu grande sonho era ser Imperatriz da festa. Neste ato, carnalizamos a celebração buscando retratar parte da cerimônia e de seus integrantes.</p>	<p>Avante Mangueira (2013)</p>	<p>Selma, Elisangela e Marcia</p>
-----------------------	--	---	--	---

<p>Ala 7</p>	<p>FESTA AOS SANTOS JUNINOS</p> 	<p>O festejo popularmente conhecido como “Festa Junina” tem origem nas tradições pagã e europeia, que se espalharam pelo Brasil ganhando novos contornos. No Maranhão, tornou-se a sua maior celebração popular, adquirindo estéticas e características particulares, ocorrendo principalmente entre os meses de junho e julho, quando se festejam diversos santos, como São João, São Pedro e São Marçal, este celebrado apenas no Maranhão, encerrando as comemorações.</p> <p>Nessas festas centenárias e populares que ocorrem por todo o Estado e reúnem muitas pessoas e grupos de bumba meu boi, principal manifestação artística desse festejo.</p> <p>Entre os integrantes do auto do boi, está o caboclo de pena, cuja ligação com Alcione é forte, por ser interpretado em diversos anos do festejo por seus familiares, tendo uma vivência intensa ao longo de sua adolescência.</p>	<p>Carcará (1992) Vendaval (1982) Realidade (1986)</p>	<p>Selma, Clarice e Djean</p>
--------------	---	--	--	-------------------------------

Ala 7	<p data-bbox="305 258 613 289">ARRAIÁ AOS SANTOS</p> 	<p data-bbox="695 275 1032 930">É característica de sua vestimenta, a presença de fuxicos, pedrarias e bordados com diversos santos católicos além dos festejados nos arraiás juninos, como Nossa Senhora. Desta maneira, a roupa se apoia nessas características utilizando esses signos artísticos e símbolos da artesanaria maranhense, além da figura dos barcos de São Pedro, que também marcam a arte popular manual do Maranhão e ilustram os festejos.</p>	<p data-bbox="1073 268 1203 485">Carará (1992) Vendaval (1982) Realidade (1986)</p>	<p data-bbox="1256 268 1373 373">Selma, Clarice e Djean</p>
-------	--	--	---	---

<p>Ala 8</p>	<p><b>O MISTÉRIO DO TAMBOR DE CRIOLA (COREOGRAFADA)</b></p> 	<p><i>Se Deus quiser, Jesus e Nossa Senhora</i>  <i>Se Deus quiser, Jesus e a dona da casa (Olha a Dona Felipa aí)</i>  <i>Se Deus quiser, Jesus e Seu João Carlos (É)</i>  <i>Se Deus quiser, e a turma lá do meu bairro (É São Pantaleão!)</i></p> <p>O Tambor de Crioula é uma das manifestações culturais populares do Maranhão praticadas com mais frequência durante os festejos juninos, em especial nas ritualísticas que envolvem os arraiás com bumba meu boi, sendo, desta forma, imagem popular e musical fortemente presente na vivência de Alcione e família, ao longo de seu crescimento em São Luís. Trata-se de uma forma de expressão de origem afro-brasileira que envolve a dança circular, o canto e a percussão de tambores. Destaca-se por estar inserido por todo o Estado e por fazer parte da cultura cotidiana das cidades.</p> <p>Os tambores conduzem o ritmo e dão o tom de mistério à dança, que consiste em dançarinas tocarem o ventre umas das outras, nos passos miúdos e nos rodopios que ocorrem no meio da roda formada para que se possa dançar.</p>	<p>Avante Mangueira</p>	<p>Deise, Claudinho e André</p>
--------------	---	---	-------------------------	---------------------------------

<p>Ala 8</p>	<p>O MISTÉRIO DO TAMBOR DE CRIOLA (COREOGRAFADA)</p> 	<p>Nessa prática brincante e ancestral, cantam-se, ainda, músicas em louvação a São Benedito, santo que é padroeiro da manifestação cultural. Em 2007, o Tambor de Crioula foi registrado como forma de expressão e patrimônio cultural do Brasil no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.</p> <p>O figurino carnavaliza as roupas tradicionalmente usadas pelas dançarinas, que, em geral, são simples e formadas por saias rodadas com estampas florais, em cores vivas, blusas rendadas e decotadas brancas, além de usar, como adornos, turbantes com flores e colares que terminam de compor a caracterização da dançante. A performance é formada fundamentalmente e majoritariamente por mulheres, tendo a presença de poucos homens exclusiva para o toque dos três tipos de tambores, em tamanhos distintos, além do canto das músicas. Esses homens trajam calça branca, chapéu de palha e camisa estampada. A coreografia busca representar, de forma carnalizada, a configuração dessa dança.</p>	<p>Avante Mangueira</p>	<p>Deise, Claudinho e André</p>
--------------	--	---	-------------------------	---------------------------------

<p>Musa</p>	<p><b>A DANÇA DAS PENAS</b></p> 	<p>Dentro da estrutura dos bumba-bois, há personagens que se utilizam das penas na construção de suas indumentárias e essas ganham um movimento particular conforme a dança ocorre.</p>	<p>Musa</p>	<p>Sashya Jay Brito</p>
<p>Musa</p>	<p><b>O BAILADO DAS FITAS</b></p> 	<p>As fitas de cetim estão presentes dentro dos figurinos das diversas manifestações culturais maranhenses, e são elementos que se destacam por suas cores e pelo movimento que adquirem durante o bailado dos brincantes.</p>	<p>Musa</p>	<p>Claudienne Roberta</p>
	<p><b>O AMANHÃ EM SÃO LUÍS</b></p> 	<p>São Luís do Maranhão é a cidade natal da homenageada e cenário principal da condução do Amanhã artístico popular da artista, baseado na vivência dos festejos de sua terra.</p>	<p>Musa</p>	<p>Jeniffer Dias</p>

<p>Ala 09</p>	<p>A PARTIDA: “FORMANDO” O SONHO DA CANÇÃO</p> 	<p>O terceiro setor tem como foco apresentar a construção do Amanhã de Alcione a partir da trajetória que a artista percorreu para alcançar seu sonho como cantora, atuando, enfim, com a sua voz. Desde menina, a homenageada foi criada em uma família musical que tinha como pilar, o seu pai, o maestro João Carlos, responsável também por ensinar aos filhos sobre o ofício.</p> <p>Alcione foi ensinada a cantar, ler partituras e a tocar instrumentos de sopro, como o piston, cantando para o público pela primeira vez aos nove anos junto da orquestra de seu pai, mas ainda assim não foi incentivada a seguir a carreira musical. Para sua família, a menina deveria casar e ter filhos, como faziam as outras mulheres no início dos anos de 1960. Persistente, a jovem arrumou meios para convencer seus pais de que esse era o seu caminho a ser trilhado.</p> <p>Assim, para que tivesse aprovação e pudesse realizar seu sonho, a jovem Alcione deveria primeiro se formar e ter uma profissão.</p>	<p>Panteras (1970), Estrela Iluminada (2005) Seresteiros (1973)</p>	<p>Auréa, Isabel e Deise</p>
---------------	--	--	---	------------------------------

<p>Ala 09</p>	<p>A PARTIDA: “FORMANDO” O SONHO DA CANÇÃO</p> 	<p>A escolhida por ela foi a de professora, função que exerceu em sua terra natal e deixou de praticar através de uma “ousadia musical” em sala de aula, que a libertou para que pudesse partir em busca de seu sonho como cantora, seguindo rumo ao Rio de Janeiro.</p> <p>O figurino se estrutura a partir da união entre signos do universo educacional e musical que são reconstruídos de maneira carnavalizada, centralizado na figura do piston, elemento musical fundamental nessa transição profissional de Alcione, acompanhado também de símbolos da artesanaria maranhense, como fuxicos, indicando que essa nossa jornada viria acompanhada dos elementos formadores construídos em sua terra natal.</p>	<p>Panteras (1970), Estrela Iluminada (2005) Seresteiros (1973)</p>	<p>Auréa, Isabel e Deise</p>
---------------	--	--	---	--------------------------------------

<p>Ala 10</p>	<p>“IMPÉRIO DOS DISCOS”: A CHEGADA AO RIO DE JANEIRO</p> 	<p>Um novo momento para o seu Amanhã se inicia com a chegada de Alcione ao Rio de Janeiro em 1967, morando com parentes na Zona Norte da cidade. Precisando garantir uma forma de se sustentar e viabilizar seu Amanhã como cantora, a jovem, que não conhecia a indústria musical e o meio artístico, tentou uma forma de se inserir nesse mundo: através de uma loja de discos.</p> <p>Assim, seu irmão lhe ajuda a conseguir um emprego na loja "Império dos Discos", localizada no Centro, como balconista. Nesse comércio, a homenageada se aproximou da música em terras cariocas, mesmo que longe do seu objetivo, servindo para que tivesse contato, por meio dos discos, com os principais cantores da época, como Roberto Carlos, Núbia Lafayette, Ângela Maria, Agnaldo Timóteo, entre outros. Estes artistas embalavam as vendas e rendiam grandes comissões a Alcione, além de servirem como inspiração para a futura cantora, que passava boa parte do expediente ouvindo e estudando as músicas e a forma de cantar.</p>	<p>Apaixonados pela Mangueira (2013)</p>	<p>Claudia e Luiz</p>
---------------	--	---	--	-----------------------

Ala 10	<p data-bbox="386 260 760 359">"IMPÉRIO DOS DISCOS": A CHEGADA AO RIO DE JANEIRO</p> 	<p data-bbox="808 260 1146 919">A indumentária faz referência ao nome da loja, trazendo, assim, a estética imperial como norte de sua concepção. Além disso, busca, também, homenagear os cantores que eram os sucessos da época de atuação de Alcione nesse ofício, através de sua estampa e do disco de ouro, elemento central do figurino, que marca as canções mais tocadas dos anos 1960 e o desejo da cantora para o seu Amanhã musical.</p>	Apaixonados pela Mangueira (2013)	Claudia e Luiz
--------	--	--	-----------------------------------	----------------

<p>Grupo de Musos</p>	<p><b>TRIBUTO A AGNALDO; TIMÓTEO, ÂNGELA MARIA e NÚBIA LAFAYETTE</b></p>   	<p>Alcione inicia sua trajetória como cantora no Rio de Janeiro, no início dos anos 1970, através de apresentações em bares e casas noturnas. Ainda sem repertório de canções próprias, utilizava as músicas de seus maiores ídolos, entre eles Agnaldo Timóteo, Ângela Maria e Núbia Lafayette. Desta maneira, os figurinos fazem um tributo a esses grandes nomes da música popular brasileira que tanto inspiraram a artista e foram fundamentais no começo de sua carreira.</p>	<p>Musos</p>	<p>Pablo, Amanda e Fernanda</p>
-----------------------	---	---	--------------	---------------------------------

<p>Ala 11</p>	<p>CAMINHOS: A TRUPE DE MARROM</p> 	<p>Alcione foi, aos poucos, crescendo como uma nova cantora da noite carioca, tornando-se conhecida por tocar trompete e piston ao mesmo tempo que cantava. Durante essa época, surgiram alguns convites para viajar em turnê. Dentre as mais marcantes e importantes para sua carreira, estava a que aconteceu com os comediantes Luiz Jacinto da Silva e Irandir Peres da Costa, uma dupla de palhaços que fazia sucesso na TV no programa “Alô, Brasil, aquele abraço”, na TV Globo.</p> <p>Com eles, Alcione, parte para uma viagem no Nordeste, onde se apresentava no intervalo dos números dos comediantes, cantando e tocando. Durante a longa viagem, um dos humoristas agraciou a homenageada com o apelido de “Marrom”, que a fez conhecida em todo o Brasil ao longo de sua trajetória.</p>	<p>Passistas</p>	<p>Pablo, Amanda e Fernanda</p>
---------------	--	---	------------------	---

Ala 11	<p data-bbox="284 226 634 289">CAMINHOS: A TRUPE DE MARROM</p> 	<p data-bbox="695 226 1031 655">Além das viagens com a trupe de comediantes, mais tarde Marrom viajou em turnê pela Europa, que durou cerca de dois anos, passando por países como Portugal, Itália e Irã, lhe rendendo encontros com renomados artistas internacionais que a influenciaram em seu modo de fazer arte.</p> <p data-bbox="695 701 1031 1314">O figurino faz referência direta à dupla de palhaços da turnê nordestina que a nomeou como Marrom, valendo-se de uma estética circense inspirada em características do vestuário regional. Além disso, traz como estampa, compondo esse figurino, os selos de diversos países e cidades pelos quais passou cantando e tocando durante suas viagens em turnê, antes de se consagrar nacionalmente.</p>	Passistas	Pablo, Amanda e Fernanda
--------	--	---	-----------	--------------------------------

<p>*</p>	<p><b>AS NEGRAS DIVAS DO JAZZ</b></p> 	<p>Alcione ganha grande notoriedade no cenário musical por suas apresentações de canto acompanhado do trompete. Um dos gêneros musicais fundamentais nesses shows, que se constituiu como influência internacional para a cantora desde a infância, foi o jazz, tendo as canções de mulheres negras, sobretudo, como parte integrante de seu repertório.</p> <p>O figurino da rainha da bateria faz, portanto, uma homenagem a essas divas do jazz que também inspiraram Alcione ao longo de sua carreira, já que se trata de mulheres negras que foram pioneiras na música e quebraram barreiras raciais e patriarcais tornando-se grandes artistas, como Nina Simone, Ella Fitzgerald, Aretha Franklin e Billie Holiday.</p> <p>A indumentária se inspira poeticamente em figurinos, penteados e adereços utilizados por essas divas negras americanas, refletindo suas musicalidades, empoderamento e superação.</p>	<p>Rainha da Bateria</p>	<p>Valéria</p>
----------	---	---	--------------------------	----------------

<p>Ala 12</p>	<p>BRILHA UMA ESTRELA NA NOITE</p> 	<p>Ao voltar das turnês, Alcione buscou meios de se projetar ainda mais como cantora. Para isso, passou a se inscrever em programas de calouros, como “Sendas do Sucesso”, da TV Excelsior, e “Grande Chance”, da TV Tupi, onde após ganhar o concurso foi contratada e passou a fazer exhibições regulares, especificamente três vezes por semana durante quatro meses. Ao mesmo tempo, Marrom passou a se apresentar e a brilhar como uma estrela em casas noturnas renomadas desse período no Rio de Janeiro e em São Paulo, fazendo também amigos como Tânia Maria, Benito di Paula, Trio Mocotó, Elymar Santos e, especialmente, Jair Rodrigues, fundamental na construção de sua carreira artística.</p>	<p>Bateria (1959)</p>	<p>Taranta Neto e Rodrigo Explosão</p>
---------------	--	--	-----------------------	--

Ala 12	<p data-bbox="386 226 760 289">BRILHA UMA ESTRELA NA NOITE</p> 	<p data-bbox="808 226 1146 699">A bateria da Estação Primeira tem o figurino inspirado nos elegantes trajes dos anos 1970, amplamente utilizados pelos músicos da noite carioca e paulistana, principalmente. Traz como adereço um camafeu, do lado esquerdo do peito, que carrega a fotografia de Alcione.</p> <p data-bbox="808 779 1146 1062">As estrelas são elementos principais do figurino, como forma de destacar o papel da homenageada neste cenário musical, além de refletir sobre esse momento de ascensão da cantora ao estrelato.</p>	Bateria (1959)	Taranta Neto e Rodrigo Explosão
--------	---	--	----------------	---------------------------------

<p>Ala 12</p>	<p>BRILHA UMA ESTRELA NA NOITE</p> 	<p>Ao voltar das turnês, Alcione buscou meios de se projetar ainda mais como cantora. Para isso, passou a se inscrever em programas de calouros, como “Sendas do Sucesso”, da TV Excelsior, e “Grande Chance”, da TV Tupi, onde após ganhar o concurso foi contratada e passou a fazer exhibições regulares, especificamente três vezes por semana durante quatro meses.</p>	<p>Bateria (1959)</p>	<p>Taranta Neto e Rodrigo Explosão</p>
<p>Ala 13</p>	<p>A NOVA VOZ DO SAMBA</p> 	<p>No início dos anos 1970, Alcione já era uma das grandes vozes da noite. A gravadora Polygran, na pessoa do produtor Roberto Menescal, buscava uma sambista negra para seu time de cantores e, então, Jair Rodrigues, que era amigo de ambos, indicou Marrom para integrar a equipe.</p>	<p>Coração Verde e Rosa (2013)</p>	<p>Neném, Marcelo Galeno</p>

<p>Ala 13</p>	<p>A NOVA VOZ DO SAMBA</p> 	<p>Na época, Menescal estava à procura de uma voz feminina e marcante que pudesse cantar samba e assim disputar espaço no cenário musical com Beth Carvalho e Clara Nunes, que já eram cantoras com discos gravados. Alcione, princípio, teria recusado o convite já que não se via como sambista, mas sim como uma cantora de jazz, blues e bolero, de forma que precisou ser convencida pelo empresário a aceitar a proposta.</p> <p>Focada em seu sonho em ser uma cantora de sucesso nacional, Marrom aceita ser a nova voz do samba da gravadora, trilhando um novo caminho para seu Amanhã e promovendo, em seu repertório, um novo elo entre gêneros musicais de influência negra. A ala é composta por dois figurinos que se inspiram na figura da baiana e do malandro sambista carnavalizados, dois personagens que compõem o imaginário tradicionalmente associado ao samba, em tons de preto, branco, rosa e ouro carregando consigo a imagem da nova voz do samba: Alcione!</p>	<p>Coração Verde e Rosa (2013)</p>	<p>Neném, Marcelo Galeno</p>
---------------	--	--	------------------------------------	------------------------------

<p>Musa</p>	<p><b>NOITES DE UM RIO ANTIGO</b></p> 	<p>O figurino busca representar as noites do Rio antigo que Alcione percorria durante suas apresentações em seu processo de ascensão como cantora. A artista, posteriormente, grava a música de Chico Anysio, “Rio Antigo” que ilustra parte do cenário e dos costumes da época.</p>	<p>Musa</p>	<p>Karinah</p>
<p>Ala 14</p>	<p><b>FIGA DE GUINÉ</b></p> 	<p>O quarto setor de nosso enredo busca apresentar a construção do repertório de sucessos de Alcione, transitando por sua diversidade musical e pelas décadas de gravações que fizeram com que ela alcançasse um grande reconhecimento no cenário musical, transformando nossa homenageada em um ícone feminino negro.</p> <p>Ao mesmo tempo, a partir dessas canções, a cantora construiu uma imagem de Brasil, de pluralidade feminina, de representatividade em diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileira. Consolidando seu Amanhã de sucesso.</p>	<p>Amigos do Embalo (1971), Acauã (2001) Gatinhas e Gatões (1974)</p>	<p>Nilcemar e Wallace</p>

<p>Ala 14</p>	<p>FIGA DE GUINÉ</p> 	<p>Ao mesmo tempo, a partir dessas canções, a cantora construiu uma imagem de Brasil, de pluralidade feminina, de representatividade em diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileira. Consolidando seu Amanhã de sucesso.</p> <p>Iniciamos essa abordagem ao apresentar que, após aceitar o convite da gravadora Polygram, em 1972, é lançado o primeiro EP de nossa homenageada, trazendo como canção de trabalho um samba, do subgênero “sambalanço”, do também estreado Nei Lopes e do já conhecido Reginaldo Bessa: “Figa de Guiné”. A música marca, de alguma forma, a transição do repertório de outras musicalidades negras como jazz e soul para o samba na vida de Alcione. Fala de fé e proteção, além de dialogar com as múltiplas crenças de Marrom, temática recorrente em sua carreira.</p>	<p>Amigos do Embalo (1971), Acauã (2001) Gatinhas e Gatões (1974)</p>	<p>Nilcemar e Wallace</p>
---------------	--	---	---	---------------------------

Ala 14	<p data-bbox="350 226 570 258">FIGA DE GUINÉ</p> 	<p data-bbox="695 264 1032 695">A canção inclusive faz parte de um conjunto de regravações de Alcione em comemoração aos seus 50 anos de carreira, tornou-se também uma música cantada por outras artistas negras da atualidade para homenagear Marrom e por se verem representadas nesta obra.</p> <p data-bbox="695 730 1032 1308">O figurino traz a figa como principal elemento de sua composição, adornado com búzios, que nos remetem à fé nas religiões afro-brasileiras citadas na música, assim como laços e babados que compõem este figurino. A figa, para além da canção, adquire um simbolismo importante, através de sua fé e estético para Alcione, estando presente em capas de obras gravadas e em seus shows.</p>	Amigos do Embalo (1971), Acauã (2001) Gatinhas e Gatões (1974)	Nilcemar e Wallace
--------	--	---	--	--------------------

<p>Ala 15</p>	<p>ILHA DE MARÉ</p> 	<p>Nossa homenageada tem, como vetor de sua carreira, cantar músicas com diversas temáticas e gêneros musicais, ampliando também o seu próprio repertório de sambas, ao evidenciar uma grande variedade de tipos desse gênero, entre eles o samba de roda, muito característico do Norte e Nordeste no Brasil e que, por isso, possuem especificidades sonoras diversificadas, se aproximando da musicalidade destas regiões.</p> <p>Uma delas é a canção “Ilha de Maré”, de autoria do baiano Walmir Lima, gravada primeiramente por ela e que, ao longo dos anos, foi regravada por diversos artistas, do disco “Para que chorar”, de 1977. A canção é inspirada na tradicional Lavagem do Bonfim que ocorre em Salvador na segunda quinta-feira após do Dia de Reis, contando como é o dia dos fiéis que se propõem a fazer o cortejo sambando, cantando e dançando ao longo do percurso.</p>	<p>Sempre Mangueira (2013)</p>	<p>Omar, Paulo Chaves e Adilson</p>
---------------	---	--	--------------------------------	-------------------------------------

<p>Ala 15</p>	<p>ILHA DE MARÉ</p> 	<p>O figurino é inspirado nos trajes usados pelas baianas que vêm na frente do cortejo até a Igreja do Bonfim, tendo um adereço de mão em forma do jarro por elas usado, onde se carrega água de cheiro para benzer os fiéis. Na cabeça, a imagem de Nossa Senhora da Conceição simboliza o lugar de onde parte o cortejo.</p>	<p>Sempre Mangueira (2013)</p>	<p>Omar, Paulo Chaves e Adilson</p>
<p>Ala 16</p>	<p>PANDEIRO É MEU NOME</p> 	<p>A música “Pandeiro é meu nome”, do disco de 1977, é um samba de autoria de Chico da Silva e interpretada por Alcione. De uma forma poética, canta sobre o pandeiro e como ele soa durante o samba: seu sofrimento é apanhar para que os outros possam sambar e cantar. A música dialoga com o sucesso anterior da cantora, “O Surdo”, destacando principalmente o fortalecimento da relação de Alcione com o samba e introduzindo, sobretudo, seu laço com as agremiações de carnaval.</p>	<p>Ala dos Compositores (1939)</p>	<p>Pedro Terra</p>

<p>Ala 16</p>	<p>PANDEIRO É MEU NOME</p> 	<p>A tradicional ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira, que tem nomes como Cartola e Hélio Turco, tem o seu terno inspirado na canção, já que esta faz menção à Mangueira e ao samba, utilizando o pandeiro como elemento principal da indumentária.</p>	<p>Ala dos Compositores (1939)</p>	<p>Pedro Terra</p>
<p>Ala 17</p>	<p>SUFOCO</p> 	<p>Um dos maiores sucessos interpretados por Alcione, a canção “Sufoco” de Chico da Silva e Antônio José, foi um sambacanção gravado no LP “Alerta Geral” de 1978. A música, que é um hit da cantora até os dias atuais, colaborou para o sucesso de venda do LP em seu lançamento.</p> <p>Destaca-se por ser uma das primeiras músicas na voz de Alcione que tem como foco as dores e os amores vividos pela mulher apaixonada. Este samba canção é responsável por tratar, de maneira figurada, um relacionamento abusivo, já que há um desencontro do casal nas questões afetivas e essa mulher compara o sentimento a estar sufocada.</p>	<p>Sambar com a Mangueira (2013)</p>	<p>Marcelo Cascaes e Thaynara</p>

Ala 17	<p style="text-align: center;"><b>SUFOCO</b></p> 	<p>O figurino busca representar a canção e a ideia de sufoco de maneira metafórica e carnavalizada através das diversas mãos presentes na indumentária. Utilizando a imagem de corações, remendos e retalhos, valendo-se de tons escuros e intensos, visamos remeter aos sentimentos dessa relação intensa, possessiva e dolorida retratada na canção.</p>	Sambar com a Mangueira (2013)	Marcelo Cascaes e Thaynara
Musa	<p style="text-align: center;"><b>EU SOU MARROM</b></p> 	<p>A indumentária se inspira no samba canção que tem no título o apelido de nossa homenageada, “Eu sou Marrom”, lançada em 1978 no LP “Alerta Geral”. Alcione canta sobre suas raízes negras e sua cor marrom de forma poética, destacando seu lugar de mulher negra, além dos obstáculos que teve que vencer para ocupar seu atual espaço de sucesso.</p>	Musa	Keila Mara

<p>Musa</p>	<p><b>TODOS CANTAM A SUA TERRA</b></p> 	<p>Alcione, desde seu primeiro LP, busca homenagear sua terra natal, o Maranhão, através de canções compostas por artistas de lá e que, em sua maioria, refletem sobre a cultura do estado. A música “Todos cantam a sua terra”, também uma canção de 1978 presente no LP “Alerta Geral”.</p>	<p>Musa</p>	<p>Juliana Diniz</p>
<p>Ala 18</p>	<p><b>SER DE LUZ</b></p> 	<p>A amizade sempre foi um elemento forte na vida musical de Alcione, tendo vários de seus amigos como parceiros de repertório, composições e condução da carreira, entre eles Clara Nunes, uma das maiores de suas amizades. Após a morte da cantora mineira, Marrom recebeu do também amigo, João Nogueira, a canção “Ser de Luz”, que foi gravada no LP “Almas e corações”, de 1983, como uma forma de homenageá-la, além de materializar o sentimento em forma de canção. Sendo assim, foi a primeira a entoar esta obra que seria regrava por diferentes cantores ao longo dos anos.</p>	<p>Somos Mangueira (2013)</p>	<p>Sarah e Vinicius</p>

<p>Ala 18</p>	<p style="text-align: center;"><b>SER DE LUZ</b></p> 	<p>O elo com Clara Nunes e a sua morte influenciaram Alcione em outros aspectos de sua carreira, conduzindo a demais gravações que estariam vinculadas à cantora e ao projeto que mais tarde, em 1999, lançaria: o CD "Claridade", em tributo à amiga.</p> <p>O figurino é composto por uma série de elementos característicos dos trajes de Clara Nunes como os búzios, conchas, pedrarias que adornavam, em especial, sua cabeça, além do uso amplo de rendas e tramados em cores claras. Buscando alcançar o efeito de luz, a roupa se vale de elementos reflexivos e ainda centraliza a imagem da cantora como grande tributo.</p>	<p>Somos Mangueira (2013)</p>	<p>Sarah e Vinicius</p>
<p>Ala 19</p>	<p style="text-align: center;"><b>AFREKETÊ</b></p> 	<p>Alcione já se consagrava grande cantora de samba quando, no início dos anos de 1980, viaja para Angola e lá fortalece seu elo com sua africanidade. Comovida com as relações que estabelece, passa a reafirmar essa experiência, incluindo nos seus próximos discos obras influenciadas pela cultura angolana e transformando a própria estética.</p>	<p>Ala da Escola</p>	

Ala 19	<p data-bbox="488 226 654 258">AFREKETÊ</p> 	<p data-bbox="808 226 1146 474">Desta maneira, Alcione reafirma a sua própria ancestralidade e marca um período de sua carreira no qual esse aspecto irá se materializar em álbuns e canções.</p> <p data-bbox="808 514 1146 1016">Entre os álbuns que se destacam nessa perspectiva de reafirmação de seus laços ancestrais, está “Nosso nome é resistência”, lançado em 1987, que se dedica, especialmente, a cantar as suas raízes africanas e reafirmar seu papel social como artista negra na luta contra o racismo na sociedade brasileira.</p> <p data-bbox="808 1056 1146 1381">Mostrando sua versatilidade musical nesse disco, gravou a canção “Afreketê”, um afoxé que dá nome a ala, em homenagem a Xangô, orixá da justiça, que rege também a vida da cantora e inspira todo o figurino.</p>	Ala da Escola	
--------	---	---	---------------	--

Musa	<p><b>MEU VÍCIO É VOCÊ</b></p> 	<p>A partir do final dos anos de 1980, Alcione passa a retratar com mais frequência a pluralidade de sentimentos e a vivência feminina a partir deles, de forma que passa a interpretar diversas canções que têm essa temática.</p> <p>No álbum “Nosso nome é resistência” de 1987, a canção “Meu vício é você”, que inspira este figurino, revela uma das diversas facetas sentimentais cantadas por Marrom, buscando representar o amor como uma dependência, assim como o jogo, o cigarro e a bebida cantando nos versos da música.</p>	Musa	Thaynara OG
------	--	--	------	-------------

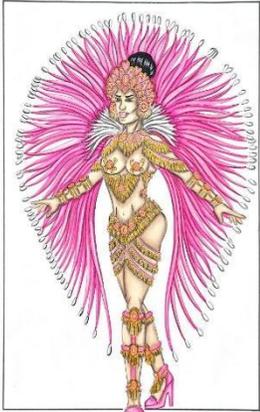
Musa	<p style="text-align: center;"><b>ALÉM DA CAMA</b></p> 	<p>Mais uma das canções que retratam o amor do ponto de vista feminino, “Além da cama” é uma obra de 1997, do CD “Ao vivo da Alcione”. É mais um dos grandes sucessos de Marrom que se tornou um hino das mulheres brasileiras e que inspira esta indumentária, retratando a mulher que buscava uma relação para além do amor carnal, mas que foi rejeitada, impedindo seu sonho de matrimônio.</p>	Musa	Patrícia
------	--	---	------	----------

<p>Ala 20</p>	<p>A Loba</p> 	<p>Para muitas, o hino da mulher brasileira, “A loba”, foi escutado pela primeira vez enquanto Alcione buscava músicas para seu CD ao vivo de 1997. A cantora relata que, assim que ouviu os primeiros versos que dizem “Sou doce, dengosa, polida, fiel como um cão, sou capaz de te dar minha vida...”, decidiu que iria interpretar a canção.</p> <p>Essa se tornaria um dos maiores sucessos de sua carreira e seguiria como uma das músicas mais ouvidas ao longo dos anos. É também nessa época que Marrom se firma definitivamente como uma intérprete que dá voz às mulheres e aos seus sentimentos, se tornando uma das pioneiras em cantar os amores e dissabores através do olhar e da voz feminina. A canção, para os fãs de Marrom, sobretudo, inaugura um momento em que as pautas ligadas à luta feminina e ao empoderamento começam a se popularizar, em processo que se reflete também na sociedade brasileira.</p>	<p>Paixão Mangueirense (2013)</p>	<p>Sandra e Ciro</p>
---------------	---	--	-----------------------------------	--------------------------

<p>Ala 20</p>	<p>A Loba</p> 	<p>O figurino ressalta esse aspecto empoderado se inspira na dualidade de sentimentos materializada entre o elo da gata, por sua cabeça, com a loba, figura central da indumentária, que há dentro de cada mulher, destacando sua sensualidade, as múltiplas formas de feminilidade e a pluralidade sentimental da cada uma.</p>	<p>Paixão Mangueirense (2013)</p>	<p>Sandra e Ciro</p>
---------------	---	--	-----------------------------------	--------------------------

Ala 21	<p style="text-align: center;"><b>Meu Ébano</b></p>  	<p>Mostrando um momento em que a mulher brasileira se encontra empoderada, possibilitando demonstrar seu interesse e desejo por um homem sem ser reprimida, algo impensável até poucos anos antes, “Meu ébano”, no CD “Uma nova paixão”, torna-se um dos maiores sucessos da carreira recente de Alcione.</p> <p>A música repercute nacionalmente e entra para seu repertório consagrado, fazendo parte da trilha sonora do personagem José Feitosa, interpretado por Ailton Graça, na novela “América”, colaborando ainda mais para a construção de um imaginário estético em cima da composição.</p> <p>Dentro da construção popular imagética do Ébano, aliado à definição da própria canção do homem idealizado como um “príncipe negro”, o figurino busca retratar de forma carnalizada essas perspectivas, contando com mais uma indumentária que faz referência à própria Alcione e à sua caracterização naquele período de lançamento da obra.</p>	Raiz Verde e Rosa	Henny e David Renan
--------	--	--	-------------------	---------------------

<p>Ala 21</p>	<p><b>Meu Ébano</b></p>  	<p>Em uma ala coreografada, esses homens negros evoluem e cortejam, desejando a homenageada, assim como cantado por ela nos versos da música.</p>	<p>Raiz Verde e Rosa</p>	<p>Henny e David Renan</p>
---------------	--	---	--------------------------	----------------------------

<p>Musa</p>	<p><b>UMA NOVA PAIXÃO</b></p> 	<p>A obra “Uma nova paixão” integra o álbum de mesmo nome lançado em 2006, que tem como temática principal o romance, refletindo um novo momento da mulher brasileira ao cantar seus sentimentos que teve Alcione como porta-voz. A canção que inspira esse figurino retrata o momento em que uma mulher deseja se separar por já não se sentir amada pelo companheiro, buscando um novo amor.</p>	<p>Musa</p>	<p>Erica Mantovani</p>
<p>Musa</p>	<p><b>CORAÇÃO DE PORCELANA</b></p> 	<p>A canção que inspira esta indumentária foi lançada em 2006 e é mais uma das obras interpretadas por Alcione que buscam refletir sobre as dores e os amores. “Coração de porcelana” é sobre o sofrimento amoroso de uma mulher que se entrega à paixão e não é correspondida.</p>	<p>Musa</p>	<p>Ingrid Mantovani</p>

<p>Ala 22</p>	<p>ENCANTO PELA MANGUEIRA</p> 	<p>Encerramos a homenagem a Alcione neste quinto e último setor mostrando como, a partir da construção do seu próprio Amanhã, apresentado ao longo desse cortejo, a homenageada colabora fundamentalmente para a formação e construção de tantos outros Amanhãs, externando, sobretudo, o elo que se dá com esses pela Estação Primeira de Mangueira e o carnaval.</p> <p>Foi no início dos anos de 1960 que Marrom, ainda uma criança no Maranhão, conheceu a Mangueira através das fotografias presentes na revista “O Cruzeiro”, retratando as baianas da agremiação nas tradicionais cores da escola, encantando a menina.</p> <p>O encanto pelo verde e rosa era tanto que ganhou, de sua mãe, fantasias de baianinhas inspiradas nesses registros fotográficos da revista. A indumentária apresentada reflete essa paixão da Alcione pela agremiação e tem como referência o figurino que despertou o amor da homenageada pela Mangueira em suas cores tradicionais.</p>	<p>Eternamente Mangueira</p>	<p>Nani e Renata Calixto</p>
---------------	---	--	------------------------------	------------------------------

Ala 23	<p>O SEU FLORESCER EM MANGUEIRA</p> 	<p>A paixão da homenageada pela Estação Primeira norteou seu destino ao mudar-se do Maranhão para o Rio de Janeiro, tornando-se um grande desejo da cantora em conhecer e integrar a comunidade da escola. A homenageada afirma que chega em 1974 à Mangueira, quando encontra com os baluartes da escola e, junto a eles, constrói uma relação de amizade, admiração e, futuramente, de atuação social.</p> <p>Seu primeiro desfile ocorreu em 1979, quando um destaque da escola falta e a cantora é convidada a assumir a posição já na concentração, tendo assim seu momento de estreia e florescer na agremiação.</p> <p>A indumentária se inspira nos figurinos utilizados pelos casais mestre sala e porta bandeira da instituição nos anos 1970 e presta uma homenagem a alguns dos inúmeros baluartes de Mangueira, que estabeleceram relação próxima com Alcione e que foram fundamentais na sua integração social com a comunidade, através dos pavilhões, como Tia Neuma, Tia Zica, Tia Alice, Hélio Turco e Cartola.</p>	Casais Mirins	
--------	---	---	---------------	--

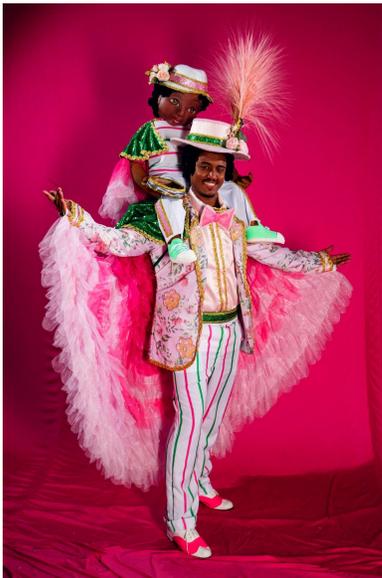
<p>Ala 23</p>	<p>O SEU FLORESCER EM MANGUEIRA</p> 	<p>As flores desabrochadas representam o sonho realizado da cantora de conhecer e participar da agremiação.</p>	<p>Casais Mirins</p>	
<p>Ala 24</p>	<p>NOBRE “EXALTAÇÃO” AOS SAMBAS</p> 	<p>Alcione se inseriu no mundo das escolas de samba através de sua agremiação de coração, Mangueira, mas se tornou uma grande difusora da arte dessas instituições, a partir da década de 1980, principalmente, ao gravar tantos sambas exaltação. Através de um projeto consolidado ao longo de sua carreira, fez homenagens, por exemplo, às agremiações Portela, Beija-Flor, União da Ilha, Unidos de São Carlos, Salgueiro, Mocidade e Imperatriz.</p> <p>O projeto destaca a história de Marrom com as escolas de samba do Rio de Janeiro e seu compromisso de cantar e levar, para o Brasil, a nobre tradição dos carnavais cariocas, através da sua musicalidade.</p>	<p>Ala da Escola</p>	

<p>Ala 24</p>	<p>NOBRE “EXALTAÇÃO” AOS SAMBAS</p> 	<p>Desse modo, é, também, instrumento de perpetuação da memória e da cultura carnavalesca dessas instituições, utilizando sua voz como estandarte de luta.</p> <p>A indumentária tem como referência as cores das agremiações que tiveram seus sambas cantados por Marrom, além de se inspirar na estética carnavalesca dos anos 1980, principalmente das comissões de frente, nobremente trajadas com cartolas, capas e carregando estandartes.</p>	<p>Ala da Escola</p>	
<p>Ala 25</p>	<p>“PEQUENAS” REALEZAS DO AMANHÃ</p> 	<p>Para a homenageada, não bastava desfilar e participar dos eventos da Mangueira; era preciso demonstrar sua paixão pela verde e rosa de um modo mais efetivo e ativo. Após conhecer o projeto de escola mirim Império do Futuro, Alcione traz a ideia para a Estação Primeira e, junto com Neuma, Zica e Alice, funda, em 1987, a “Mangueira do Amanhã”.</p>	<p>Ala das Crianças (1987)</p>	<p>Catarina, Yuri e Carlinhos</p>

<p>Ala 25</p>	<p>“PEQUENAS” REALEZAS DO AMANHÃ</p> 	<p>A intenção é promover arte e cultura para os pequenos nobres do Morro de Mangueira, através de oficinas de passistas, ritmistas, canto e casal, fazendo, assim, que o Amanhã da escola fosse pensado a partir de seu próprio território, além de organizar, para o desfile anual, as crianças e jovens que dele participavam.</p> <p>Alcione inspirou-se na sua própria história, já que foi criada em uma família musical que possibilitou que ela tivesse o sonho de ser cantora. Através desse projeto, vários artistas surgiram na Mangueira e estão hoje à frente de diversos segmentos da escola. O figurino inspira-se na estética de realeza, trazendo as cores verde e rosa em diversos tons, tendo, em seu esplendor, o sol, símbolo da agremiação escola mirim, remetendo ao Amanhã.</p>	<p>Ala das Crianças (1987)</p>	<p>Catarina, Yuri e Carlinhos</p>
---------------	--	--	--------------------------------	-----------------------------------

<p>Ala 26</p>	<p>NÃO DEIXE O SAMBA MORRER</p> 	<p><i>“Antes de me despedir Deixo ao sambista mais novo O meu pedido final Não deixe o samba morrer Não deixe o samba acabar”</i></p> <p>A Estação Primeira de Mangueira traz sua última ala do desfile que exalta Alcione, através desses versos que se tornaram, a partir da canção “Não deixe o samba morrer”, hino atemporal e guia fundamental da carreira da cantora, sendo uma espécie de símbolo do elo estabelecido por ela com o carnaval, as escolas e a própria Estação Primeira. Mais do que um norteador de sua trajetória, transformaram-se em um lema de luta, um desejo de Amanhã eterno para os sambistas.</p> <p>Esta canção é responsável por impulsioná-la a atingir um outro patamar enquanto artista. A obra fez com que Alcione ficasse, aos 28 anos de idade, por mais de 20 semanas nas primeiras paradas de sucesso das principais rádios do final dos anos de 1970.</p>	<p>Nação Mangueirense (2013)</p>	<p>Patricia, Robson Ramos e Cristiane</p>
---------------	---	---	----------------------------------	---

<p>Ala 26</p>	<p>NÃO DEIXE O SAMBA MORRER</p> 	<p>A música reflete sobre a permanência do samba como manifestação cultural e sobre o legado que se deixa para as futuras gerações, além de destacar que o Amanhã irá existir através dos futuros sambistas que darão continuidade às tradições.</p> <p>A obra acaba se manifestando como um retrato da própria atuação da cantora como figura pública, sambista e ativista social, pois manifesta seu desejo de continuidade e perpetuação de memórias, saberes, fazeres e legados ancestrais do samba a partir do próprio projeto “Mangueira do Amanhã”. Reafirma-se, desta maneira, que seu Amanhã foi fundamental na formação e referência de tantos outros Amanhãs a partir de sua atuação em Mangueira, sendo a escola, atualmente, a concretização dessa ideia, ao trazer diversos de seus segmentos que hoje brilham na avenida como frutos dessas sementes plantadas por Alcione.</p>	<p>Nação Mangueirense (2013)</p>	<p>Patricia, Robson Ramos e Cristiane</p>
---------------	---	--	----------------------------------	---

<p>Ala 26</p>	<p><b>NÃO DEIXE O SAMBA MORRER</b></p> 	<p>O figurino tem como inspiração um dos trajes tradicionais usados no carnaval, do malandro sambista, carregando consigo a imagem desse Amanhã materializado na figura das crianças que irão perpetuar a cultura do samba e carregar, como diz a música, “o anel de bamba” destinado pelo sambista mais velho. O figurino busca ser, poeticamente e de forma carnavalizada, um símbolo da transição de um legado e de um desejo de longevidade ao samba e à Alcione enquanto sua porta-voz.</p>	<p>Nação Mangueirense (2013)</p>	<p>Patricia, Robson Ramos e Cristiane</p>
<p>Musa</p>	<p><b>O AMANHÃ É HOJE</b></p> 	<p>O figurino inspira-se nos diversos segmentos da Estação Primeira que passaram pelos projetos de arte e cultura da Mangueira do Amanhã enquanto crianças e que hoje desempenham funções importantes na agremiação-mãe, demonstrando assim que o Amanhã da Mangueira já se faz presente hoje na escola.</p>	<p>Musa</p>	<p>Andressa Verdino</p>

Musa	<p><b>FLORES DE MANGUEIRA</b></p> 	<p>A indumentária representa, de maneira simbólica, o desabrochar das crianças e jovens do Morro da Mangueira através da arte e da cultura, promovidos pelo projeto “Mangueira do Amanhã”.</p>	Musa	Luciana Faustini
*		<p>Este item não faz parte da narrativa do enredo. O Grupo de Amigos de nossa homenageada celebram a importância de Alcione em sua vida e seu legado como artista. Estarão uniformizados com uma bata branca.</p>	Amigos da Alcione	

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, nº 60 – Barracão 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Yuri Ferreira dos Santos	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Valéria e Simone	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b>
<b>Adrecista Chefe de Equipe</b> Rogério, Gustavo, Augusto, Laerte, Sarah e Adelmo	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Alberto
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Vitor – Vime Hugo, Moreno e Almir – Ferragem Ariel Portes – Assistente Ester Domingos – Assistente	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  As imagens aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile, cabendo adequação e alterações dos elementos.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>		
Lequinho, Junior Fionda, Gabriel Machado, Guilherme Sá, Paulinho Bandolim e Fadico.		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b>		
Pedro Terra		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
100 (cem)	Nei da Candelária (86 anos)	Cacá Nascimento (14 anos)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
1 – INTRODUÇÃO (PROCESSO CRIATIVO)		
<p>O enredo “A Negra Voz do Amanhã” traz uma homenagem à Alcione Dias Nazareth, uma das principais artistas da música popular brasileira e mangueirense atuante. Sendo Alcione uma das fundadoras da escola mirim Mangueira do Amanhã, o enredo incorpora a relação entre a construção do Amanhã da artista – o sonho de atuar no meio musical – com a transformação de tantos Amanhãs que a escola mirim que ela fundou representa para milhares de crianças do Morro da Mangueira, em busca de um futuro melhor por meio do aprendizado de diversos fazeres artísticos ligados ao universo da escola de samba.</p> <p>Tendo em vista a ideia do Amanhã como narrador do enredo trazida pela sinopse, adotamos como eu lírico da narrativa do samba-enredo esse personagem reconhecido e integrado à Mangueira do Amanhã, levando em conta a tradição mangueirense de formar artistas para serem da “escola mãe”, a Estação Primeira. Em Mangueira, ritmistas, cantores e passistas mirins são o Amanhã da Estação Primeira.</p> <p>A letra privilegia uma poesia menos descritiva, traz a cronologia dos fatos da trajetória de vida da homenageada de uma forma mais lírica revelando quase sempre as informações na percepção deste narrador em relação à sua condutora, Alcione, como se ele estivesse presenciando os acontecimentos sendo uma construção simultânea, coroada pela fundação da escola mirim Mangueira Tendo em vista a ideia do Amanhã como narrador do enredo trazida pela sinopse, adotamos como eu lírico da narrativa do samba-enredo esse personagem reconhecido e integrado à Mangueira do Amanhã, levando em conta a tradição mangueirense de formar artistas para serem da “escola mãe”, a Estação Primeira. Em Mangueira, ritmistas, cantores e passistas mirins são o Amanhã da Estação Primeira do Amanhã.</p>		

## **2 – DETALHAMENTO DA OBRA**

### *TRECHO DA SINOPSE:*

*O sonho que me criou tinha som! Canto de voz negra, de mulher, de São Luís do Maranhão. De sangue Nazareth, do amor de Seu João Carlos e Dona Felipa. Conduzida pela fé, pelos encantos de sua gente e solos de piston. Pelo desejo de ser, o destino em vencer, pela vontade em tecer novos caminhos aos sambistas e mulheres de uma nação. Da esperança fez seu afã; De sucesso, sou eu, o seu amanhã.*

*(...)Mergulhada, também, em tantas crenças, preces e procissões de seu povo que lhe ensinou desde cedo que a fé vai muito além das religiões. Tudo é questão de crer numa força maior e do bem, seja Encantado ou de amém. Adorê as almas! Que se afaste de nós todo quebranto! Xangô nos guie com Iansã. Na graça de Deus, da Virgem Maria e do Espírito Santo!*

### **TRECHO DO SAMBA:**

***“XANGÔ CHAMA IANSÃ / QUE A VOZ DO AMANHÃ/ JÁ BRADOU NO MARANHÃO/  
TAMBOR DE MINA, ENCANTADOS A GIRAR/ O DIVINO NO ALTAR, A FILHA DE TODA  
FÉ/ SOB AS BÊNÇÃOS DE MARIA, BATIZADA NAZARETH”***

### **DETALHAMENTO:**

A abertura da narrativa se dá com o nascimento da menina Alcione e sua relação de fé que vem de família, conduzindo seu Amanhã, que conta essa história como cena inicial onde a “filha de toda fé”, a “Negra Voz do Amanhã”, é conduzida por forças do bem na luta para cumprir a sua missão futura de cantar e essa fé que irá guiá-la por toda vida. A chegada de Alcione é testemunhada por Xangô e Iansã (seus Orixás de cabeça), os Encantados girando em torno dela ao som dos tambores de Mina do Maranhão, o Divino Espírito Santo e a Virgem Maria, todos abençoando a ainda criança: Alcione Dias Nazareth. Buscamos dessa forma retratar a sua religiosidade, uma fé plural baseada nas crenças e inter-religiosidades, que incluem diversas Entidades, Santos e Orixás. Para esta abertura, na parte musical recorreremos à tonalidade de Mi Menor para trazer a densidade que a letra transmite com os elementos religiosos. O trecho melódico é finalizado na nota tônica para reforçar o desfecho desse “primeiro ato” e abrir o cenário para a sequência da narrativa do trecho seguinte.

### *TRECHO DA SINOPSE:*

*Nasci à sombra de um velho cajueiro, templo de memórias de minha pequena, cuja família farta foi sua primeira devoção. Dos filhos, era a quarta, de uma infância de bonecas feitas à mão, ao som dos metais, ensinados pelo pai, em sua instrumental criação. Na sua vida, logo a música marcou presença.*

### **TRECHO DO SAMBA:**

***“QUIS O DESTINO QUANDO O TEMPO FOI MAESTRO /SOPRAR A VIDA AOS PÉS DO  
VELHO CAJUEIRO/ GUARDAR NO PEITO A SAUDADE DE MAINHA”***

#### DETALHAMENTO:

O primeiro verso deste trecho traz a noção do Amanhã como condutor do nosso enredo, gerindo o tempo, conforme descrevemos na introdução. Abre um capítulo da vida da homenageada: o ambiente familiar e a importância desta para a sua formação.

Seu pai, Seu João Carlos, maestro da Orquestra Jazz Guarani e da Banda da Polícia Militar do Maranhão, foi quem lhe colocou em contato com o universo musical, seu primeiro professor e incentivador. Os instrumentos de sopro trompete, clarinete e saxofone alto permearam sua infância. E foi justamente Seu João Carlos o autor da música “Cajueiro Velho”, um dos primeiros sucessos da carreira de Alcione, gravada em 1976 no álbum “Morte de um Poeta”. Cajueiro Velho se materializa como elemento de lembranças e saudades da homenageada. Em seguida, citamos o afeto e a lembrança de sua mãe, alicerce fundamental de uma família numerosa e que tantos ensinamentos lhe transmitiu.

Na parte musical, modulamos a tonalidade para Sol Maior criando um novo colorido para retratar a doçura desse afeto que o ambiente familiar lhe traz.

#### TRECHO DA SINOPSE:

*Me bordei com ela em fitas, rendas e flores. Se encantou com os tambores que falam com pandeirões e matracas; caixas e maracas fazendo tremer o chão! Em ladainhas de reisado, em folias de Fofão, em louvor a São Marçal, São Pedro e São João. Quem “inda” não viu Tambor de Crioula do Maranhão? Rodam saias de coreiras em cortejo colorido, pés descalços, canto preto, coração a São Benedito! Cazumbá chegou e o boi se levantou, riscou a ponta na terra que o terreiro poeirou, Brincaram caboclos no balançar das penas, Desfilaram vaqueiros montando a cena, pra festejar o touro negro que a encantou. Cresci ao viver o que a cultura popular lhe proporcionou!*

#### TRECHO DO SAMBA:

**“DO REISADO A LADAINHA,/ SÃO LUIS O SEU TERREIRO /Ê BUMBA MEU BOI! Ê BOI DE TRADIÇÃO! /TEM QUE RESPEITAR MARACANÃ QUE FAZ TREMER O CHÃO”**

#### DETALHAMENTO:

As manifestações culturais maranhenses também tiveram um papel fundamental na formação da menina Alcione e moldaram seu Amanhã popular. Foi nas ladainhas de reisado que ela teve o primeiro contato com a arte de cantar, participando do coral com as irmãs. E mesmo depois, quando futuramente se torna uma artista de expressão nacional, Alcione nunca deixou de exaltar em sua obra a cultura maranhense, especialmente o Bumba Meu Boi. São diversas toadas gravadas em diversos álbuns citando o famoso Boi Maracanã, um grupo que se enquadra no chamado sotaque de matraca pelo qual Alcione é torcedora. Citamos, a título de exemplo, a toada “Maranhão, Meu Tesouro, Meu Torrão” gravada no álbum “Ouro e Cobre” de 1988:

*“No mês de Outubro no Maracanã (...) No mês de Junho tem o bumbá-meu-boi/ Que é festejado em louvor a São João / O amo canta e balança o maracá / A matraca e pandeiro é que faz tremer o chão”*

O nosso verso “Tem que respeitar Maracanã que faz tremer o chão” traz o duplo sentido para “Maracanã” fazendo também menção ao famoso surdo Treme-Terra da bateria da Mangueira.

A harmonia musical no verso “Ê Bumba meu Boi” ataca com o acorde B7 deslocando novamente o samba para a tonalidade de Em. Além da dolência da tonalidade menor, característica das toadas maranhenses, o efeito do acorde dominante no início do trecho remete à toada “Boi de Lágrimas” gravada no álbum “Uma Nova Paixão” em 2005, que também exalta o Boi Maracanã e o seu poder de “treme o chão”, e cuja melodia do trecho abaixo nos serviu de inspiração:

*“Chiador, levantou maioba / Chão tremeu, quem fez? / Foi Maracanã / Ê boi, chegou Batalhão da Mata/ Enfrenta o contrário no cordão... Ê boi”*

**TRECHO DA SINOPSE:**

*Me arriscou pra se fazer mais forte! Sob a batuta de seu velho, cantou os primeiros acordes. Educou e buscou a própria sorte após uns solos de trompete. Desembarcou num Rio Antigo. E, através dos discos, seguiu o sonho da canção.*

**TRECHO DO SAMBA:**

***“TOCA TAMBOR DE CRIOULA, FIRMA NO BATUQUEJÊ / Ô PEQUENA FEITA PRA VENCER / VEM BRILHAR NO RIO ANTIGO, MOSTRA SEU PODER DE FATO / FINA FLOR QUE NÃO SE CHEIRA NÃO ACEITA DESACATO”***

**DETALHAMENTO:**

Ainda citando elementos regionais do Maranhão como o Tambor de Crioula, o refrão do meio trata de um momento decisivo da trajetória de Alcione em que ela deixa a profissão de professora primária em sua terra natal e resolve partir para o Rio de Janeiro levando na bagagem a sua cultura em busca do sonho de cantar profissionalmente. Citando “Rio Antigo”, sucesso gravado no álbum “Gostoso Veneno” em 1979, apresentamos uma jovem Alcione que, com apenas 20 anos de idade, mulher preta e nordestina, revela ao mundo a personalidade de quem não teme o desafio de encarar o Rio de Janeiro do final da década de 60, outrora capital e uma sociedade impregnada de racismo e machismo, para, enfim, vencer num lugar tão distante da família. A “pequena”, regionalismo usado no Maranhão como carinhosa forma de tratamento, gravou “Pode Esperar” no álbum “Alerta Geral” (1978) e que nos serviu de inspiração para retratar a força de Alcione.

*“Mas sou flor que não se cheira / É melhor se prevenir pra não cair / Sou mulher que encara um desacato”*

**TRECHO DA SINOPSE:**

*Buscou a sua “grande chance” sendo o som das madrugadas, das turnês, clubes e baladas até se tornar a Marrom. O cantar marcante que entoava as poderosas divas negras, até ser notada como aquela que seria a grande voz. Do Swing e da ginga; do soul e mandinga, do banzo e Blues; do partido alto e seu primo Jazz, afro-mestiço, preto de olhos azuis. Recebeu, enfim, seu anel de bamba. Começava, ali, a sua história com o samba.*

**TRECHO DO SAMBA:**

***“VAI PROVAR QUE O SAMBA É PRIMO DO JAZZ”***

**DETALHAMENTO:**

Os primeiros passos de Alcione como cantora profissional nas noites do Rio de Janeiro são conduzidos por uma riqueza de estilos musicais. Assim como a sua fé e as referências da cultura maranhense, também é plural a sua musicalidade. Ao encontrar as noites cariocas e, posteriormente, o samba com toda sua bagagem acumulada, nasce uma estrela singular: é impossível dissociar o seu jeito de interpretar e desenhar com sua voz as melodias dos partideiros da sua vivência de tocar instrumentos de sopro (em especial o piston) muito usados no jazz e no blues, gêneros de influência negra como o samba. Aqui citamos “O samba é primo do jazz” – que dá título a uma música de Nei Lopes e Magno Souza e também a um documentário sobre a sua vida – em que optamos pela pronúncia aportuguesada da palavra jazz, com o fonema /a/ aberto, usado recorrentemente na música popular brasileira como em “Influência do Jazz” (Carlos Lyra), “Sina” (Djavan), “Se não vira jazz” (Djavan), “Sonho de Ícaro” (Piska, Claudio Rabello, sucesso na voz de Biafra), “A bossa nova é foda” (Caetano Veloso) e tantas outras.

A harmonia musical aqui modula para Mi Maior trazendo o acorde diminuto no terceiro compasso que busca imprimir uma riqueza harmônica remetendo à musicalidade dos diversos gêneros musicais vivenciados por Alcione.

#### TRECHO DA SINOPSE:

Ganhei corpo malandreado e um gostoso requebrado que a levou às paradas de sucesso, ao tão sonhado estrelato. Obviamente, não foi fácil, mas onda forte não derruba quem tem fé nem machuca quem tem Figa de Guiné! Seu surdo te escutava e chorava para o povo se alegrar. E aí foi que eu sambei, comadre. Com seu companheiro, o amigo pandeiro, que apanha sorrindo pra gente cantar. Que sufoco! Amor louco pelo samba, que me vira a cabeça e envenena, mas que sempre vale a pena, pois é garoto maroto, menino sem juízo, e já aprendemos a te aceitar assim, faz bem pra mim e pra todo mundo. Você o transformou, também, como bandeira de luta, dando um alerta geral sobre a importância da música nacional, a nossa negra cultura ancestral. Através de seu cantar, como um ser de luz, um eterno sabiá, tornou-se o vício das massas, a porta-voz de sua raiz, a estranha loucura de um país. A loba escondida de várias mulheres, a cor marrom de tantos Brasis.

#### TRECHO DO SAMBA:

***FALAR DE AMOR COMO NINGUÉM FAZ/ NAS HORAS INCERTAS, CURAR  
DISSABORES / FEITO UMA LOBA IMPOR SEUS VALORES***

#### DETALHAMENTO:

O romantismo marca especialmente a segunda metade da carreira de Alcione. Diversos autores perceberam não só a potência da sua voz, mas também o traço da sua personalidade de quem, além de dar vazão aos sentimentos femininos diante das alegrias e decepções amorosas, assume um posicionamento firme para exaltar a força da mulher. E também de quem tem como valores a defesa da cultura nacional como em “Alerta Geral”, programa televisivo por ela apresentado, que também deu título ao seu álbum gravado em 1978. Assim Alcione recebeu e gravou sambas-canções que se tornaram sucessos nacionais como “A Loba”, “Estranha Loucura”, “Meu Vício é Você”. Através de sua voz, empoderou mulheres e militou em diversas frentes sociais, tornando-se uma das maiores referências femininas do país.

Neste trecho, o desenho melódico e o conjunto harmônico – ainda em Mi Maior porém com uma rápida modulação para Sol Maior – busca-se imprimir o romantismo que tanto marca essa segunda metade da sua carreira.

**TRECHO DA SINOPSE:**

*Mas eu não estaria completo se não chegasse onde você queria, na comunidade em que deixo de ser apenas seu, para ser de tantos, como magia. Onde o ébano desce o morro, se vestindo em verde e rosa e encantando a poesia, além da menina, que via fotos das baianas pelas páginas do Cruzeiro e se deu como missão encontrar os baluartes e partideiros da Primeira Estação, fazendo desse chão seu novo terreiro. Mas não bastava apenas desfilar, era preciso transformar aquele lugar, pois seu dom sempre foi, além de cantar, estar pronta para alegrar e ajudar. Mangueira é uma mãe que escolheu você como filha que não nasceu no Buraco Quente, mas veio de amorosa ilha para transformar o “Amanhã” dessa gente que hoje brilha como rainhas e ritmistas, cantores, casais e passistas. Crianças que se transformaram e encantam como artistas de uma escola onde não sou apenas Amanhã, sou hoje!*

**TRECHO DO SAMBA:**

**“E SEJA O PILAR DA ESPERANÇA / DAS ROSAS QUE NASCEM / NO MORRO DA GENTE / SAMBANDO, TOCANDO E CANTANDO / SE ENCONTRAM PASSADO, FUTURO E PRESENTE”**

**DETALHAMENTO:**

Chegamos ao ponto em que os caminhos do narrador e da homenageada alcançam novos Amanhãs no morro de Mangueira pela Mangueira do Amanhã. Assim como em toda a narrativa do samba, o tempo presente é usado dando ideia de continuidade: o pilar da esperança, legado de Alcione, é feito o tronco forte de uma Mangueira que jamais vai morrer dando novos frutos a cada geração.

Aqui, em tom de agradecimento, o narrador se dirige à homenageada, uma das fundadoras da escola mirim, reconhecendo o seu papel de levar a esperança por dias melhores às “rosas”, as crianças do Morro do Mangueira, numa citação à famosa canção de Cartola, “As rosas não falam”. Por meio do ensino do canto, do toque e da dança, diversas meninas e meninos do morro que um dia foram o “futuro” se tornaram o “presente”. Na atual Estação Primeira, nomes como Dowglas Diniz (intérprete), Evelyn Bastos (rainha de bateria), Taranta Neto e Rodrigo Explosão (mestres de bateria), que hoje são referências na escola, foram forjados na Mangueira do Amanhã sob as bênçãos e olhares de Alcione. E assim, citando “Os Meninos da Mangueira”, se encontram passado, futuro e presente.

*“E onde é que se junta o passado / O futuro e o presente / Onde o samba é permanente / Na Mangueira minha gente”*

**TRECHO DO SAMBA:**

**“MANGUEIRA! DE NEUMA E ZICA / DOS VERSOS DE HÉLIO / QUE HONRARAM MEU NOME / LEVO A ARTE COMO DOM / UM BRASIL EM TOM MARROM / QUE HERDEI DE ALCIONE”**

**DETALHAMENTO:**

Ao abordar a tradição como herança aos jovens do Morro da Mangueira, além de Neuma, Alice e Zica, fundadoras da Mangueira do Amanhã do lado de Alcione, o narrador exalta o compositor Hélio Turco, maior vencedor de sambas da Estação Primeira que nos deixou em 2023. Hélio compôs dois sambas-enredo para a Mangueira do Amanhã, sendo um o primeiro da agremiação e *“Mangueira, berço do samba, de ontem, hoje e amanhã”* (1992), o samba pelo qual tem maior memória afetiva dentre todos que compôs, inclusive para a escola mãe, conforme entrevista conhecida a Fernando Paulino na página oficial da Estação Primeira. A letra deste samba é lembrada também no livro *“Três Poetas do Samba-Enredo”*, dedicado a Hélio Turco, David Corrêa e Aloisio Machado:

*“Brilhou a semente de um amor tão lindo/ Brilhou a estrela que vem surgindo/ Teu samba, o amor puro de raiz/ Me traz a paz ao coração... Me faz cantar, me faz feliz/ Mangueira, você é madeira de lei/ ô menino, você nesta festa é um rei”*

Como se vê, além de homenagear as crianças da escola mirim, o próprio título deste samba se conecta com o nosso verso *“Se encontram passado, futuro e presente”*. Também é herança o legado musical deixado por Alcione em sua vasta discografia: o Brasil em tom marrom é um Brasil plural, expresso em cada álbum seu reunindo sambas, toadas, baiões, sambas-exaltação. Por coincidência, o agradecimento do narrador cita a canção *“Obrigada”* gravada por Alcione em 2005 no álbum *“Uma nova paixão”*:

*“Deus me deu a arte como dom/ Foi como nascer numa avenida”*

Buscando dar vida ao saudosismo trazido pela letra, optamos aqui por um desenho melódico característico de antigos sambas da agremiação, com notas longas que propiciam um canto mais aberto

**TRECHO DA SINOPSE:**

*Que luta com você para nunca deixar o samba morrer! De um povo que te ama, que na avenida te espera e aclama por te conhecer ao longe, a minha negra voz, a nossa amada Alcione!*

**TRECHO DO SAMBA:**

***“ELA É ODARA, DEUSA DA CANÇÃO / NEGRA VOZ, ORGULHO DA NAÇÃO / MEU PALÁCIO TEM RAINHA E NÃO É UMA QUALQUER / “ARREDA HOMEM QUE AÍ VEM MULHER” / VERDE E ROSA DINASTIA PRA HONRAR MEUS ANCESTRAIS / AQUI O SAMBA NÃO MORRERÁ JAMAIS”***

**DETALHAMENTO:**

Finalizando a obra, a narrativa usa dois refrões em sequência para exaltar a homenageada, figura amada pela enorme nação verde e rosa. O narrador, mangueirense nato que chama sua quadra de ensaios de “Palácio do Samba”, reconhece em Alcione não apenas a sua madrinha: o carnaval de 2024 é a coroação da sua Rainha, a Marrom. Ela que, com sua personalidade forte, costuma brincar e dizer em terceira pessoa nas entrevistas: “Alcione nunca foi e nunca será uma qualquer”. Seu maior sucesso, gravado em 1975, já dizia:

*“Deixo ao sambista mais novo/ O meu pedido final /Não deixe o samba morrer /Não deixe o samba acabar”*

E o nosso narrador, ou narradora, atentos às tradições ensinadas de geração em geração, reafirmam o compromisso perante sua Rainha:

*“Aqui o samba não morrerá jamais”*

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestres Taranta Neto e Rodrigo Explosão

**Outros Diretores de Bateria**

Márcio Santana (desde 2000), José Campos, (desde 1984), Alex Lima, (desde 2023), Felipe Neves, Jaguará Filho (desde 2010), Richardson Vieira (desde 2000), Alexandre Marrom (desde 1989), Petterson Oliveira, Biraney (desde 1996).

**Total de Componentes da Bateria**

270 (duzentos e setenta) ritmistas

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

<b>Marcação</b> 21	<b>Matraca</b> 60	<b>Pandeirão</b> 8	<b>Reco-Reco</b>	<b>Ganzá</b> 17
<b>Caixa</b> 58	<b>Surdo- Mor</b> 30	<b>Tamborim</b> 30	<b>Timbaus</b> 7	<b>Repinique</b> 36
<b>Xequerês</b> 18	<b>Agogô</b> 10	<b>Cuica</b> 20	<b>Timbaque</b> 7	<b>Chocalho</b>

**Outras informações julgadas necessárias**

Uma das maiores tradições da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira é que a sua Bateria é comandada por seus meninos, que nascidos e criados em Mangueira são os legítimos herdeiros de Mestre Waldomiro Tomé Pimenta, Homero José dos Santos (Seu Tinguinha), Lúcio Pato e China Florípedes. Foram eles que criaram a batida do surdo sem resposta, que junto com os tamborins fazem a tradição de nossa bateria “Tem que Respeitar meu Tamborim”. Por mais um ano nossa bateria, que gabaritou o quesito ano passado, tem à sua frente, uma vez mais, seus filhos fiéis Taranta Neto e Rodrigo Explosão. Este ano, a Estação Primeira de Mangueira apresenta o enredo “A Negra Voz do Amanhã”, homenageando a grande mangueirense ícone da cultura nacional: Alcione, que é fundadora da escola mirim “Mangueira do Amanhã” que gerou e gera tantos frutos para a nossa escola e, que hoje ocupam papéis de destaque em nossa agremiação.

Nossa bateria trás em suas bossas a sonoridade maranhenses através de instrumentos tradicionais que compõem a musicalidade dos bumba-boi, para que isso ocorra alguns de componentes trocam neste momento seus instrumentos de origem por matracas e pandeirões.

**Perfil e Histórico dos Mestres:**

**Hudson de Oliveira Brito**, conhecido como Taranta Neto, tem 30 anos e é cria do Morro de Mangueira, além de neto do saudoso Mestre Taranta. Hudson esteve à frente da bateria da “Mangueira do Amanhã” por 10 Anos e no ano de 2011 iniciou sua trajetória como diretor de bateria da G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira. Obteve também experiências como Mestre na Acadêmicos da Abolição 2016, Imperadores Rubro Negros 2020 e 2021, Acadêmicos de Jacarepaguá 2022, além de ser diretor na Renascer de Jacarepaguá em 2019 e na Acadêmicos do Sossego em 2021 e 2022. Atualmente ocupa o posto de Mestre de Bateria da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira junto com Rodrigo Explosão.

**Rodrigo Explosão**, pelo segundo ano consecutivo, é filho de Alcir Explosão que ocupou o mesmo posto que o filho na bateria da Mangueira sendo campeão em 1998. Rodrigo iniciou sua trajetória na Bateria da Mangueira do Amanhã com um ano de idade, desfilando no colo da sua mãe com um tamborim pequeno como era de costume na escola. Seu primeiro desfile na bateria da Mangueira mãe foi em 1998 com nove anos de idade, desfilando como mascote tocando tamborim, desde então não deixou mais de ser integrante da bateria tocando repique e surdo no decorrer dos anos. Como ritmista foi campeão em 1998 e 2002. Aos 14 anos de idade foi convidado para ser diretor de Bateria da Mangueira do Amanhã, onde ficou por cinco anos. Em 2007 com 17 anos foi convidado para fazer parte do quadro de diretor de Bateria da Estação Primeira de Mangueira, onde durante sete anos exerceu o cargo, aprendendo o ofício de mestre com outros nomes importantes da escola como, Mestre Taranta, Mestre Russo, Mestre Marrom, Mestre Jaguará Filho, Mestre Ailton e Ivo Meireles. Em 2014 recebeu o convite do então presidente Chiquinho da Mangueira para ser o mestre de bateria junto com Vitor Art, onde permaneceu no posto entre os anos de 2015 a 2018, sendo campeão do Carnaval no ano de 2016. Entre os anos de 2018 e 2022 voltou a ser ritmista tocando surdo e, para o carnaval de 2023 recebeu o convite da atual presidenta Guanayra Firmino para ser novamente mestre da bateria junto ao seu amigo Taranta Neto.

### **Perfil e Histórico da Rainha da Bateria**

**Evelyn Bastos**, é neta de Dona Cecília, mãe de santo e benzedeira do morro da Mangueira, filha de Valéria Bastos, rainha da bateria da Estação Primeira de 1987 a 1989. Evelyn Bastos, nascida e criada no Morro da Mangueira, cresceu dentro da quadra. Começou na Mangueira do Amanhã aos 4 anos de idade, na escola mirim foi passista, princesa e rainha da bateria mirim com 10 anos. Se tornou passista da Mangueira mãe com 11 anos, algo inédito na escola até então. Aos 15 anos se tornou musa da agremiação. Aos 18 venceu o concurso musa do carnaval 2012 no caldeirão do Huck, aos 19 venceu o concurso momesco, se tornando uma das rainhas do carnaval mais jovem da história do RJ. Aos 20 anos, toda a trajetória de vitórias da passista cria do morro tem êxito, realizando o sonho maior de ser rainha de bateria da Mangueira, 25 anos depois de sua mãe no mesmo cargo. Evelyn Bastos é Rainha da bateria da Mangueira há 10 anos, sendo cria e criadora de novas passistas dando continuidade ao sonho de nossa homenageada, é também professora de Educação física, estudante de História e ativista social e agora, se arrisca de apresentadora de programas em redes sociais e na TV. Uma história de coragem, representatividade e resistência.

### **Sobre as bossas da bateria:**

Para o Carnaval 2024 nossa bateria apresentará quatro bossas enquanto estiver evoluindo na Sapucaí.

“**Quis o destino quando o tempo foi maestro...**” usamos como referência a musicalidade nordestina, trazendo assim o nordeste para o nosso desfile.

“**Ê bumba meu boi, Ê boi de tradição...**” executaremos duas bossas nessa parte. A primeira utilizará matracas e pandeirões que são instrumentos tradicionais da música maranhense, com ênfase para o canto de toda a escola nessa parte de comunhão ao boi de tradição maranhense.

A segunda bossa é um desenho “solo” de tamborim que é o instrumento tradicional do nosso carnaval, sendo um dos mais marcantes dentro da bateria da Mangueira.

**“Sambando, tocando e cantando...”** essa bossa é desenho rítmico que acompanha a melodia do samba, explorando parte da história da homenageada com a Mangueira, que é a fundação da “Mangueira do Amanhã” que ganha ênfase nesse momento onde temos “crias” da Alcione, sambando, tocando e cantando durante o cortejo em diferentes segmentos, sendo eles: Evelyn Bastos, Matheus Olivério, Renan Oliveira e Débora Almeida, Rodrigo Explosão e Taranta Neto, Dowglas Diniz, Vitor Art, Helton Dias, entre tantos outros. Essa bossa também tem um descanso com ênfase para o canto de toda a escola, como forma de saudar a Estação Primeira e a Negra Voz do Amanhã, Alcione.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Helton Dias

**Outros Diretores de Harmonia**

Marcelo Radar, Lourival Martins, Shaiana, Dalton Ferreira, Erick, Paulo Asprila, Alexandre Dias, Bernard Oliveira, Bernardo Gonçalves, Danilo, Marcelo Torres, Marcio Silva, Fábio Vinicius, Renato Kort, Lacir, Valnei, Simone Rosa, Izadora Neves e Ruan.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

20 (vinte) Componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Intérpretes principais: Marquinhos Art'Samba e Dowglas Diniz

Cantores de Apoio - Cacá Nascimento (Camila Russo do Nascimento) e Nina Rosa (Nina Letícia Bulhões Rosa) / Leandro Santos (Leandro Pereira dos Santos) / Daniel Silva/ Aldo Ribeiro/ Bico Doce (Cremilson de Jesus Silva)

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Digão do Cavaco (Cavaco); Luiz Paulo (Cavaco com afinação de bandolim); Alex Senna (Violão de 6 cordas); Thiago Almeida (Violão de 7 cordas)

**Outras informações julgadas necessárias**

Harmonia em desfile de Escola de Samba é o entrosamento entre o ritmo e o canto, definição do manual do julgador da LIESA para o quesito. No passado, ao início dos desfiles das escolas de samba, existiram aquelas personalidades que dominavam toda a apresentação da agremiação, podendo citar no âmbito da Mangueira Seu Júlio, Chico Porrão e o maior de todos, Mestre Xangô, que, no apito reunia todo povo de Mangueira. Podemos afirmar que, atualmente, a Harmonia é um compromisso de toda a escola, mas para isso torna-se necessário um longo processo de preparação de cada segmento para que tudo esteja perfeitamente adequado no desfile. Destacamos como é importante o trabalho das tradicionais alas técnicas da Estação Primeira de Mangueira: “Periquitos”, “Bohêmios” e “Só Para Quem Pode”. Com função primordial de dar suporte à direção de Harmonia da Mangueira, seus componentes, são bases importantes para o processo de evolução e harmonia de nosso desfile. Após a definição do samba enredo, a direção de carnaval e de harmonia estabeleceram um cronograma de ensaios de canto e de rua, tais treinos realizados inicialmente no Palácio do Samba, envolveram os integrantes do carro de som e as alas da comunidade; posteriormente foram recebendo os grupos teatralizados que terão a missão de engrandecer alguns momentos de nosso enredo. Em todos esses ensaios contamos com a participação de nossos ritmistas sob o comando dos Mestres Rodrigo Explosão e Taranta Neto.

Inicialmente optamos por realizar apenas ensaios de canto, nos quais foram enfatizadas as passagens melódicas de nosso samba, trabalhando frase a frase, nossa comunidade. A cada dia nossos ensaios eram mais concorridos e os ensaios de rua foram se transformando em um grande espetáculo, ao mesmo tempo que serviam de preparação para o grande dia do Desfile de 2024. Assim, simulando o desfile da Sapucaí, estabelecemos as metas para o grande treino no campo de jogo, ou seja, o ensaio técnico na Sapucaí, quando mais uma vez aproveitamos o momento para ajustar os mínimos detalhes de nossa apresentação.

Após os ensaios sempre fizemos reuniões de avaliação, com o objetivo de oferecer a todos um grande desfile, no qual o “chão” de nossa escola mostre que além de samba no pé tem o samba no gogó e um coração que pulsa no ritmo de nossa bateria. Ressaltamos, que o arranjo concebido para o nosso samba nos permitiu proporcionar um desempenho confortável aos componentes buscando o perfeito entrosamento entre o canto e o ritmo em nossa apresentação.

#### **Perfil e Histórico do Diretor Geral de Harmonia:**

**Helton Dias** começou sua trajetória no mundo do samba ainda criança, cria do morro de Mangueira fez parte do projeto de percussão da escola, com 05 anos de idade já desfilava na Mangueira do Amanhã como ritmista. Em 1998 estreou com pé direito desfilando pela Mangueira “mãe” na ala das crianças, na ocasião a escola foi à campeã do Carnaval. Oriundo de bateria, no carnaval de 2002 fez sua estreia desfilando na Bateria a convite de Mestre Russo (que era muito amigo do seu pai), tocando reco-reco, a escola consagrou-se campeã do carnaval; permaneceu como ritmista da escola até o ano de 2017, em 2016 também conquistou o título do carnaval como ritmista. Em 2004 participou do concurso pé do futuro da TV Globo, das baterias mirins do Rio de Janeiro, ficando em segundo lugar com a Bateria Mirim da Mangueira. Teve passagens nas escolas: União do Parque Curicica (2014 e 2016), Caprichosos de Pilares (2015) e Unidos de Bangu (2017). Em 2018 foi convocado para equipe de Alegorias, Montagem e Concentração da Estação Primeira de Mangueira, sendo também volante no desfile. Em 2019 foi harmonia da bateria (“puxando a bateria”), fazendo sua estreia na função, ajudando a escola a conquistar seu 20º título. No ano de 2020 foi convidado para ser o 2º Diretor de Harmonia, que configurou até 2022. Para o Carnaval de 2023 assume a Direção Geral de Harmonia da escola no ano do centenário do Xangô da Mangueira (um dos maiores diretores de Harmonia da Estação Primeira de Mangueira e do Carnaval), sendo o Diretor de Harmonia mais novo do Grupo Especial.

#### **Perfil e Histórico dos Diretores Musicais:**

**Rodrigo Alexandre**, conhecido como Digão do Cavaco, possuía facilidade e talento para a música desde a infância, aos 11 anos Digão partiu para os estudos do Cavaquinho com seu Pai, desenvolvendo técnicas e conceitos básicos. Estudou e aperfeiçoou-se em aulas práticas de Cavaco, Harmonia funcional, Percepção musical, Improvisação musical, Oficina de Arranjo dentre outros tipos de aprendizado. Neste tempo teve o prazer de ter aulas com grandes mestres como: Linconl de Lima, Leco Carvalho e Ian Guest. Em 2019 se formou em Licenciatura em Música, no conservatório Brasileiro de Música Centro universitário no Rio de Janeiro. Idealizou alguns grupos de Samba e Pagode, a saber: Grupo Pura Art, Só Moleque, Kaso Sério. Com vasta experiência foi convidado a integrar o Grupo Art Junior, que permaneceu até o ano de 2016. Em 2011 foi destaque do carnaval da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, sendo um dos responsáveis pela Roda de Samba que atravessou a Sapucaí no meio da Bateria (Famoso Parádão da Mangueira). Essa performance contou com nomes como: Dudu Nobre, Alcione, Xandy de Pilares, Sombrinha e Luizito. Desde então, Digão Faz parte do carro de som da Mangueira como cavaquinista. Nesta vida musical acompanhou diversos artistas, tais como: Chico Buarque, Maria Bethânia, Alcione, Jorge Aragão, Monarco, Dudu Nobre, Xandy de Pilares, Rappin Hood, Belo, Almir Guineto, Reinaldo, Mr. Catra, Benito de Paula, Alexandre Pires, Thiaguinho, Péricles, Martnalia, Ivo Meirelles e outros. Em 2016 foi Campeão pela G.R.E.S.

Estação Primeira de Mangueira e, no mesmo ano, o músico foi convidado pela escola a participar da celebração do centenário do samba na Argentina e em turnê na Europa, mais especificamente Suíça, nas cidades de Genebra, Gruyères e Laussane fazendo shows e workshops sobre cavaquinho e a cultura do samba no Le Musés Olympique. Logo após, viajou para Suécia, sendo destaque do Carnaval de Estocolmo, fazendo shows e workshops pelas cidades de Uppsalla e Estocolmo, desde então virou diretor musical do carnaval de Estocolmo e desde 2019 um dos coordenadores e professores do encontro anual do samba na Suécia o S.E.S. Em 2017 e 2018 fez show com a Mangueira na África. Em paralelo atua com o cantor e compositor Carlos Caetano, como diretor musical, cavaquinista e arranjador O resultado desta parceria musical foi a gravação de 2 cd's e 1 DVD. Neles com destaque nos arranjos das músicas: Invasão, A procura acabou, Se eu largar o Freio, Nossa senhora do Brasil (Part. Milton Nascimento). Em 2018 a grande oportunidade de produzir mais um DVD com 24 Arranjos. Em 2018 foi convidado também a produzir alguns grupos de pagode e samba tais como: RDP, Kazen Sorriso, Grupo Brasilerô, Xandão Oliveira, T do Tuiuti. Além de atuar em show e gravações, Digão, planta sementes compartilhando seus conhecimentos como educador musical em um projeto social na Quadra da Mangueira chamado Comunidade verde e rosa em ação; dá aulas particulares de Percepção musical, Prática de cavaco, Banjo e Violão.

**Vitor Hugo Esteves Pereira**, conhecido artisticamente como Vitor Art, é um músico, cantor, compositor, produtor musical e engenheiro de produção. Desde pequeno, mostrou seu imenso interesse pela música, sempre muito fascinado pelo ritmo aos 6 anos de idade foi iniciado na música entrando para a escola de samba mirim Mangueira do Amanhã, aos 8 anos já fazia parte do coral da Comlurb, o qual sua mãe participava, aos 15 já era músico percussionista da Estação Primeira de Mangueira e da Orquestra Afro Brasileira. Logo em seguida o menino prodígio da Mangueira formou o seu primeiro grupo de pagode batizado de Art Junior, se tornou intérprete oficial da Mangueira do Amanhã e também já compunha suas primeiras músicas. Estudioso das várias linguagens da percussão e da diversidade cultural brasileira, Vitor, não demorou para começar a trilhar sua carreira. Aos 18 anos iniciou na escola de música Vila Lobos e logo começou a colher seus frutos como profissional, viajando o mundo com a Mangueira, acompanhando e dividindo palco com artistas de renome como: Jamelão, Seu Jorge, Nelson Sargento, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Ivo Meirelles, Perlla, Mc Frank, Mc Sapão, Xandy de Pilares, Anderson Leonardo, Deny de Lima, Alcione, Djavan, Gal Costa, Toquinho, Leandro Lehart, Hamilton de Holanda, Péricles, Fernanda Abreu, Waguinho, Revelação, Sambaí, Mc Leozinho, Mumuzinho, Max Viana, Leci Brandão, Clareou, Orlando Moraes, Renatinho Partideiro, Bom Gosto, Maria Rita, Tony Garrido e tantos outros. Em 2014 se tornou mestre de bateria da Estação Primeira de Mangueira e em 2016 foi campeão do carnaval do Rio de Janeiro com o enredo contando a história da cantora Maria Bethânia. Nesse mesmo ano participou da abertura das olimpíadas do Rio como produtor musical e mestre de bateria. Vitor fez parte de diversos projetos musicais importantíssimos para a sua evolução como músico, intérprete e artista, tais como: Mangueira do Amanhã, Bateria da Mangueira, Orquestra Afrobrasileira, Art Júnior, Star Brazil, Maracatu Brasil, Stomp, Fun na Lata, MPB Samba, Monobloco, Tô que tô, Samba Mix Carioca, Imperatriz Leopoldinense, Samba do Carlinhos, Balacobloco, Stylo Ralé, D-Funk in Samba, Ginga Brazil, Batuque Samba Show, Viva Batucada, Brasil Samba Congress e Funk Samba Club. Com todo esse tempo de estrada adquirindo conhecimento e influências, Vitor Art acaba de lançar seu primeiro trabalho audiovisual chamado “Balancinho do Vitor Art”, que se encontra disponível em todas as plataformas digitais.

E, paralelo a isto, o nosso artista multifacetado está de volta as(às) suas “Origens de Mangueira”, no Carnaval de 2023 exercendo agora a função de Diretor Musical da agremiação cargo em que se manteve no Carnaval de 2024, sendo também o Arranjador junto com o Digão do Samba Enredo “A Negra Voz do Amanhã”, retribuindo a (à) nossa Alcione o muito que ela contribuiu na formação de todos esses meninos e meninas, que hoje estão à frente de postos chaves em nossa Escola.

#### **Sobre o Arranjo Vocal:**

Para o carnaval 2024 o departamento musical da Mangueira pretende explorar uma faceta marcante da Alcione que são os arranjos vocais! A partir disso, o samba terá intervenções de contracanto, aberturas de voz e vocalizes! Com isso pretendemos levar um pouco da influência da Negra Voz do Amanhã para Marquês de Sapucaí. Liderados por Marquinhos Art Samba e Dowglas Diniz (que foi o intérprete da Mangueira do Amanhã mais premiado), as vozes da Mangueira contam com um grande time de quem os acompanham, Cacá Nascimento (intérprete da Mangueira do Amanhã), Leandro Santos (6 anos intérprete da Mangueira do Amanhã), Nina Rosa, Aldo Ribeiro, Daniel Silva e Clemilson Bico Doce. O time musical conta com os instrumentistas, Luiz Paulo - Cavaco GDAE (Cavaquinista da Mangueira do Amanhã durante 6 anos), Thiago Almeida - Violão 7 cordas, Alex Senna - Violão 6 cordas. A direção musical e arranjos ficam sob a batuta de Rodrigo Alexandre - Cavaco DGBD e Vitor Art.

#### **Observação Geral:**

É muito importante destacar que em nossa Harmonia e carro de som estarão algumas das “rosas que nascem no morro da gente” e que, “sambando, tocando e cantando”, ocupam cargos dos mais relevantes desses segmentos, sendo frutos do projeto de nossa homenageada: Mangueira do Amanhã. Desta maneira, estarão unindo “o passado, futuro e presente” deixando claro que em Mangueira o samba não morrerá jamais.

#### **Perfil dos Intérpretes:**

**Marcos Pereira Antônio**, mais conhecido como Marquinhos Art' Samba trilhou um árduo caminho passando por diversas escolas do grupo de acesso e grupo especial e integrando carros de som, como da Unidos der Padre Miguel, Império Serrano e Imperatriz Leopoldinense. Chegou a Estação Primeira de Mangueira, em 2019, quando assumiu o cargo de Intérprete Oficial e brindou a toda Sapucaí com uma bela performance cantando o enredo “História que a História Não Conta” dando voz a personagens que a História Oficial sempre tentou ocultar. Depois da pandemia mais uma vez Marquinhos emocionou a avenida defendendo o samba sobre “Angenor, José e Laurindo”. Em 2023 já na gestão da Presidenta Guanayra Firmino Marquinhos continuou a frente do microfone agora dividindo com Dowglas Diniz a responsabilidade de ser a voz da Estação Primeira

**Dowglas Diniz** é cria do Morro da Mangueira. Seus primeiros passos no mundo do samba foram através da Mangueira do Amanhã aos 4 anos de idade; de 2010 em diante o jovem cantou na escola mirim – onde ganhou 3 prêmios de melhor intérprete e um estandarte de ouro de samba mirim – e desfilava como ritmista na escola mãe. Em 2016, chegou para reforçar o carro de som da Estação Primeira. Nos carnavais de 2020 e 2022 defendeu o microfone principal da Engenho da Rainha garantindo dois prêmios de melhor intérprete. Dowglas em 2023 defendeu o microfone principal ao lado do intérprete e parceiro Marquinhos Art' Samba.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

<b>Diretor Geral de Evolução</b> Helton Dias
<b>Outros Diretores de Evolução</b> Conselho de Carnaval
<b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 23 (vinte e três) componentes
<b>Principais Passistas Femininos</b> Evelyn Bastos, Laisa Rebeca, Andressa Verdino, Thay Barbosa, Claudiene, Amanda, Fernanda, Luciana Faustino, Nicolle Vitoria e Janaina Marques.
<b>Principais Passistas Masculinos</b> Ramon Lero, Pablo Luís, Rick Chesther, Luís e Cláudio.
<b>Outras informações julgadas necessárias</b> <p>A Mangueira, ao longo de sua história, construiu uma característica fundamental em promover grandes homenagens a personalidades importantes da escola e da cultura brasileira. O enredo “A Negra Voz do Amanhã” é sem dúvidas, umas das mais aguardadas de nossa agremiação, por falar de Alcione, a grande cantora maranhense que tem sua trajetória artística e de vida ligada aos caminhos dos últimos 50 anos de nossa escola. Alcione pensou e criou uma escola de samba mirim, há 37 anos, com muito trabalho, educação, empenho e dedicação promovendo a manutenção da cultura do samba.</p> <p>Ver que a Mangueira foi junto com a homenageada o “pilar da esperança” “das rosas que nascem no morro da gente”, que desabrocharam “sambando, tocando e cantando” unindo o “passado, futuro e presente”, trazendo essas “crias” para ocuparem os postos chaves da condução de nosso desfile, é um imenso orgulho para todo mangueirense.</p> <p>Após a disputa de samba iniciamos os ensaios de canto na quadra, nos quais nossa bateria e a comunidade foram integrando o canto, o ritmo e a dança. Realizamos ensaios específicos, de diferentes segmentos, de modo a trabalhar de maneira individual determinados aspectos para que juntos nossa apresentação do desfile do Carnaval 2024 seja exitosa.</p> <p>Entraremos na passarela dos desfiles com garra, amor, paixão e muito coração em verde e rosa, de modo a arrebatá-los, o público, a mídia e os milhões de amantes de nossa escola. O Rio e o Maranhão se unem nessa homenagem à “negra voz do Brasil e do Amanhã”, recebendo as “flores em vida” como sempre nos ensinou outro grande mangueirense: Nelson Cavaquinho.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Moacyr Barreto		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Amauri Wanzeler e Junior Cabeça		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> Conselho de Carnaval		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> Yuri, Catarina e Carlinhos		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>  80 (oitenta)	<b>Quantidade de Meninas</b>  40 (quarenta)	<b>Quantidade de Meninos</b>  40 (quarenta)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Edina Vitalina da Costa		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Vilma Teixeira (Vilma da Candê) 70 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Naomi Nascimento 27 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Gilda Moreira		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 70 (setenta)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Dona Ilca (97 anos)	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Seu Carlinhos (70 anos)
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Alcione, Leci Brandão e Rosemary,		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <b>Perfil da Presidente:</b> <b>Guanayra Firmino</b> , nascida no Morro da Mangueira, Guanayra é descendente da lendária Tia Fé (Benedita de Oliveira), benzedeira que criou, em 1910, o Rancho “Pérolas do Egito”, e que era avó de Seu “Sinhozinho”, Darque Dias Moreira, presidente da Verde e Rosa entre 1974 e 1976.		

De uma família que vive e respira Mangueira, seu bisavô, Júlio Dias Moreira, foi o segundo presidente da Estação Primeira, nos idos de 1935 a 37. Foi também seu primeiro ensaiador, no Buraco Quente, no Morro da Mangueira. Guanayra, que é filha da baluarte e presidente da Velha Guarda da Mangueira, Emergenilda Dias Moreira, a Dona Gilda, e de Roberto Firmino, presidente de 1992 a 95.

**Perfil Vice-Presidente:**

**Moacyr Barreto**, Vice- Presidente da Estação Primeira de Mangueira desde junho de 2022, possui uma longa história com a agremiação. Foi componente das alas Última Chance da Mangueira de 1976 a 1983 e da Ala Técnica Boêmios da Mangueira de 1983 a 1995, além de passar por diferentes cargos dentro da estrutura da instituição como vice-presidente de projetos especiais e vice-presidente administrativo. É atualmente Membro do Conselho de Carnaval (1996/2006) e (2013 até o momento), Benemérito do GRES Estação Primeira de Mangueira, desde 2019 e Representante da Estação Primeira de Mangueira na LIESA.

**Perfil dos Diretores de Carnaval:**

**Amauri Ribeiro Wanzeler**, carioca, nascido de parteira no morro da Mangueira, 58 anos, começou na Estação Primeira na bateria mirim em 1974, tocando repique. Só deixou a bateria em 1992, quando passou a fazer parte da direção da escola como membro da Comissão de Carnaval e do Conselho Deliberativo e Fiscal. Desde então, participou de todas as Comissões de Carnaval. Exerceu também os cargos de vice-presidente de Patrimônio e vice-presidente de Eventos. Em 2022, na administração de Guanayra Firmino, assumiu a vice-presidência de Carnaval da escola do seu coração.

**Junior Cabeça**, tem experiência como diretor de carnaval, harmonia e barracão; com passagens por escolas como Viradouro, Imperatriz, Porto da Pedra, Tuiuti, União da Ilha entre outras. Além disso, Cabeça tem experiência da Liesa na equipe de Concentração e Deslocamento. Em 2024, Junior atuará ao lado de Amauri Wanzeler na direção de Carnaval da Mangueira.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Lucas Maciel e Karina Dias		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Lucas Maciel e Karina Dias		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	08 (oito)	07 (sete)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p><b>COMISSÃO DE FRENTE: Feita pra vencer!</b></p> <p>Inspirado no verso “feita pra vencer” de nosso samba enredo, a comissão de frente da Estação Primeira Mangueira abre o desfile buscando apresentar, em quadros, resumos da carreira vitoriosa de nossa cantora homenageada, Alcione, ao longo de seus 76 anos de idade e 50 anos de carreira e Mangueira.</p> <p>Partimos do Maranhão, onde a pequena Alcione, cercada por seus pais e irmãos, começa a ser envolvida pela música, iniciando aquilo que seria um Amanhã de vitórias. Seu pai, João Carlos, introduziu a vida musical aos seus filhos. A menina aprendeu, no seio familiar, a cantar e a tocar instrumentos de sopro, encantando-se, especialmente, pelo trompete. Esse universo familiar também a desperta para as manifestações culturais de seu Maranhão, em especial, do Bumba meu Boi que tem no Caboclo de Fita, um de seus personagens, uma relação familiar e de força afetiva, principalmente vinculada ao pai.</p> <p>Com as bênçãos de sua família, Alcione se muda para a cidade do Rio de Janeiro, iniciando sua trajetória ao lado de seu amigo e companheiro, o trompete, e vislumbrando um Amanhã de sucessos. A “Marrom” mergulha em um cenário musical que perpassa gêneros e estilos marcantes dos anos 60 e 70 e passa a ser reconhecida, encantando a todos com o seu talento. Nas voltas que o disco dá, seus sucessos se apresentam ao longo de décadas de trabalho, revelando sua versatilidade artística, marcando tendências e gerações em diversos sentidos, cantando dores, amores e paixões e se tornando uma referência feminina brasileira.</p>		

Por fim, vitoriosa de sua carreira, Alcione faz da Estação Primeira de Mangueira sua própria casa, plantando as suas próprias sementes nesse jardim artístico, cujas flores germinaram através do projeto Mangueira do Amanhã, enxergando o futuro da comunidade e do próprio samba pelas crianças que sambam, tocam e cantam naquele lugar e que constroem um novo futuro para a escola-mãe, fazendo de Alcione pilar da esperança e sua rainha. Em mais uma vitória de nossa Marrom e do próprio samba, reafirmando seu legado de não deixá-lo morrer. É com essa energia, que Alcione pisa e saúda a avenida pra vencer!

**Lucas Maciel:**

Graduado em Jazz, Ballet Clássico e Contemporâneo em instituições como a Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, atual Escola de Dança do Theatro Municipal. Coursou durante quatro anos Ballet Clássico pelo Studio de Dança Com-passos, onde se aprimorou em Jazz Sapateado e Contemporâneo. Lucas Maciel carrega na bagagem profissional vastos conhecimentos na área artística em participações como bailarino em novelas e programas de entretenimento da TV Globo (Novela Avenida Brasil e programa Domingão do Faustão). Atuou também, no passado, como assistente coreográfico do casal Priscila Motta e Rodrigo Negri para a Black das Black do Magazine Luiza, contracenando com Anitta, Glória Groove, Zé Vaqueiro, entre outros. Atualmente, é Diretor Artístico do Studio de Dança Com-passos e Professor de Jazz e Sapateado no Centro de Movimento Déborah Colker (CMDC). No Carnaval Carioca, iniciou sua trajetória em 2009, integrando o corpo de baile da Comissão de Frente do casal Priscila Motta e Rodrigo Negri. Com a consagrada dupla, Lucas participou de comissões de frente históricas e reconhecidas até hoje, como a da Unidos da Tijuca de 2010 (É Segredo!), 2012 (Gonzaguinha), 2014 (Ayrton Senna), Grande Rio 2015 (Baralho) e 2017 (Ivete Sangalo), Mangueira 2019 (História de Ninar Glasente Grande) e Mangueira 2022 (Angenor, José e Laurindo). Nesse período, foram inúmeros prêmios. Com maturidade e ampla experiência, o bailarino passou para a função de coreógrafo na Série Ouro. Atuando nos anos 2020 e 2022 pelo Império da Tijuca e em 2023 pela São Clemente, conquistou relevantes prêmios da categoria, incluindo o Estandarte de Ouro pela G.R.E.S. Paraíso da Tuiuti em 2023, sendo aclamado pelo público e pela crítica como um dos grandes talentos de sua geração.

**Karina Dias:**

Reconhecida como um dos maiores talentos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a coreógrafa iniciou seus estudos em dança na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa (escola oficial do TMRJ). A profissional ingressou no Corpo de Baile do Theatro Municipal, através de concurso público, estreando como solista no ano de 1998. Desde então, passou a trabalhar com renomados profissionais da dança internacional como: Nanon Thibon, Dora Lipka, George Garcia, Tatiana Leskova, Márcia Haydée, Pierre Lacotte, Elisabeth Platel, Leonard Meek, Wally Wolfgruber, Uwe Scholz, Oscar Arraiz, Mario Galizzi, Eugenia Feodorova, entre outros. No Carnaval, Karina atuou como assistente de coreografia da comissão de frente da São Clemente e foi jurada do quesito casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, na Série Ouro. Atualmente, além de ser bailarina e professora do Ballet do Theatro Municipal do RJ e Escola de Danças Maria Olenewa, é Diretora e Maitre de Ballet Clássico da École de Danse KDias. Em 2023, ao lado de sua dupla, Lucas Maciel conquistou o Estandarte de Ouro de Comissão de Frente pela G.R.E.S Paraíso do Tuiuti.

**Assistente de Produção da Comissão de Frente:** Danilo Costa Pereira e Ana Clara Lyra  
**Assistentes Coreográficos da Comissão de Frente:** Josué Seguro e Romilton Santana

**Elenco:**

Alexandre Ferreira da Silva  
Amora Marques Nicodemos  
Ana Caroline Fernandes Prado  
Beatriz da Conceição Barros  
Camila Costa Lino de Castro  
Carlos Antonio Dos Santos De Souza  
Carlos Eduardo Leite Cespedes  
Carlos Mayck Dos Santos Ferreira  
Daniel de Oliveira  
Danyella Faria Baptista de Souza  
Dáwison Salustiano da Silva  
Deivid da Costa Vital  
Fábio da Silva Barboza  
Filipe Nascimento de Lima  
Flávia de Souza Macedo  
Gheíse Ângeles da Silva  
Jonatan Luiz Cruz da Silva  
Júlia Maria Costa Silva Carneiro Penha  
Juliana Messias da Rosa  
Lucas Matheus Da Silva Santos  
Michel Henrique Alves Dias  
Natan Lopes da Silva  
Nayara Pastor Rosa  
Patrick Lima Meirelles da Silva  
Rafael Brahiam Noberto Cabral  
Sofia da Silva Marques  
Stephanie Vanira da Silva Ferreira  
Thayssa Amanda E. de Souza  
Wendell Ananias Pires  
Wesley Leonardo Santos Rangel

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Matheus Olivério	<b>Idade</b> 36
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Cintya Santos	<b>Idade</b> 37
<b>2º Mestre-Sala</b> Renan Oliveira	<b>Idade</b> 33
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Débora de Almeida	<b>Idade</b> 37
<b>3º Mestre-Sala</b> Maycon Ferreira	<b>Idade</b> 26
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Lorena Brito	<b>Idade</b> 20

**Outras informações julgadas necessárias**



**1º CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA: O AMANHÃ**

A dupla que irá defender o 1º pavilhão G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira é formada, pelo segundo ano consecutivo, pela porta-bandeira Cintya Santos, pertencente a uma linhagem tradicional de mulheres negras que também fizeram história ao desempenharem essa mesma função, e por Matheus Olivério, descendente de mangueirenses consagrados, sendo “cria da casa” e formado artisticamente pelo projeto social Mangueira do Amanhã fundado pela homenageada deste enredo, desfilando como mestre sala a oito anos.

Com um bailado tradicional pautado na ancestralidade do samba e respeitando os fundamentos essenciais de defensores de um pavilhão de uma agremiação, o casal traça a indumentária que representa “o Amanhã”, elemento central na construção da narrativa em homenagem a Alcione. Ele que conduz a história de vida da cantora de forma poética, sendo a imagem figurada de sua trajetória, valores, crenças, sonhos, sucessos, experiências musicais, a leitura da cultura popular e da própria atuação e paixão pela Estação Primeira de Mangueira. O casal, é, portanto, a materialização deste Amanhã como personagem da narrativa.

O enredo se estrutura, portanto, pela construção do Amanhã de Alcione e como ela torna-se referência musical, artística e feminina para tantos outros amanhã, em especial, o de tantas crianças a partir da Mangueira do Amanhã. O sonho de uma escola mirim, visando um futuro para o samba, tornou-se realidade hoje, sendo responsável por tantos novos sambistas que brilham na avenida. Logo, esse Amanhã carrega consigo os signos de toda uma trajetória de vida, como os elementos de fé, da família, da musicalidade, de seu Maranhão natal e da Mangueira, adornando, assim, o figurino do casal.

**CINTYA SANTOS**, mãe de três filhos e ex- diarista, é fruto de uma linhagem de porta-bandeiras, iniciada através de sua avó Dona Dina e sua mãe Angélica, que defenderam o pavilhão da extinta GRES Acadêmicos do Sossego. Ingressou a partir dos anos 2000 e durante oito anos integrou o projeto de casais mirins da GRES Porto da Pedra. A longa caminhada de Cintya como porta-bandeira fez com que ela tivesse passagem por diversas escolas, entre elas, GRES Imperial do Rio Branco; GRES Engenho da Rainha; GRES Unidos da Ponte, onde, em 2004 como primeira porta-bandeira alcança os 40 pontos; GRES Leão de Iguazu; GRES Paraíso do Tuiuti e GRES Porto da Pedra, onde defendeu o pavilhão entre 2013 até 2022, assumindo o posto de primeira porta-bandeira da escola em 2018, tirando a nota máxima em três carnavais. A dança de Cintya é marcada pela vitalidade de seus movimentos em um bailado único, sendo essas características, sobretudo, que levaram a direção da escola a convidá-la para defender as cores verde e rosa no carnaval de 2023, quando ganhou o Estandarte de Ouro pela GRES Estação Primeira de Mangueira, onde se integrou ao projeto que ensina a arte do bailado do Mestre-sala e da Porta- Bandeira a crianças da comunidade da agremiação, desenvolvido por seu partner Matheus Olivério.

**MATHEUS OLIVÉRIO** ingressou na verde e rosa com apenas oito anos de idade na ala das crianças. Fez parte dos projetos sociais da Vila Olímpica da Mangueira, onde se tornou destacado instrutor e personalidade festejada no ensino de samba no pé à crianças e adultos. Premiado com Estandarte de Ouro - entre outros prêmios - de melhor passista, não demorou para que sua habilidade com as tradições do samba levasse o jovem ao posto de segundo mestre-sala da escola. Na função exercida durante uma década, Matheus amadureceu e aperfeiçoou o bailado tradicional atribuído à exibição do mestre-sala, para que, em 2017, recebesse o convite que lhe possibilitaria defender o primeiro pavilhão do GRES Estação Primeira de Mangueira.

#### **DADOS SOBRE A ORIENTADORA DO PRIMEIRO CASAL:**

Celeste Lima iniciou seus estudos de dança em Fortaleza -CE. Aos 18 anos foi agraciada com uma bolsa de estudos de 3 anos para a escola do American Ballet Theatre em Nova York, EUA. Ingressou para o corpo de baile do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1981, onde permanece até hoje como ensaiadora e remontadora das obras clássicas e modernas da companhia.

Ao longo de sua trajetória no carnaval carioca contribuiu como coreógrafa de diversos casais de Mestre Sala e Porta Bandeira em grande parte das escolas de samba do Grupo Especial e da Série Ouro. A coreógrafa busca valorizar em seu trabalho o bailado do casal, sem perda da identidade que os caracteriza. Tendo atenção e foco na valorização e amplitude de movimentos, volumetria dos corpos, plasticidade coreográfica e manutenção das raízes ancestrais que caracterizam o quesito.

## **2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira: A FOLIA DA TURMA DO QUINTO**



O segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Estação Primeira de Mangueira, Renan Oliveira e Débora de Almeida, que desfilam pelo sexto ano juntos, está inserido no setor que faz referência ao estado natal de Alcione através de suas tradicionais festas populares e de como estas impactam na construção musical, estética e artística da homenageada na condução de seu Amanhã como artista popular.

O figurino do casal faz uma homenagem à “Turma do Quinto”, escola de samba de São Luís do Maranhão que Alcione frequentava junto ao seu pai, que é a primeira instituição desse modelo com a qual teve contato, tornando-se a agremiação maranhense de torcida da cantora.

Fundada em 25 de dezembro de 1940, é a terceira escola mais antiga existente na cidade, reconhecida pelas cores azul e branco. É a escola que detém mais títulos de campeã e seus enredos quase sempre tratam sobre a cultura maranhense.

Alcione chegou a desfilar na escola nos anos em que estava afastada dos festejos cariocas. A indumentária do casal se inspira nas roupas dos antigos casais e nas cores da agremiação, além de possuir os tradicionais fuxicos maranhenses e a trama de rendas.

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: *O Surdo***



O terceiro casal da Estação Primeira de Mangueira é formado por Lorena Brito e Maycon Ferreira que, pelo segundo ano, cumprem a função de serem um dos casais portadores do pavilhão verde e rosa. Estão inseridos no quarto setor do enredo, que busca relembrar os sucessos da homenageada e, através deles, valorizar aspectos culturais e nacionais, sendo, também, fonte de inspiração para tantas outras mulheres. O figurino do casal tem como inspiração mais um samba interpretado pela homenageada: “O surdo”, que é também um elemento importante dessa agremiação, sendo seu símbolo, e evidenciando o laço crescente da homenageada com a escola e as instituições carnavalescas.

A música reflete sobre a relação do sambista com o instrumento personificado e como ela se constrói a partir da “dor” deste objeto ao ser manuseado na avenida enquanto o desfile ocorre.

A canção é lançada como “música de trabalho” do LP “A voz do samba”, de 1975, que foi um ponto decisivo na carreira de Alcione, já que se tratava de uma última oportunidade de fazer sucesso como contratada da gravadora Polygram, após o lançamento de alguns EPs com baixa vendagem e também devido à crise do petróleo, que abalava o mundo e fazia com que os orçamentos fossem reduzidos.

O último investimento da gravadora repercute de maneira importante no mundo da música e faz valer a pena o esforço, já que o disco se torna um grande sucesso e transforma para sempre a carreira de Alcione. O figurino traz o surdo como elemento central da indumentária.

**DADOS SOBRE A ORIENTADORA DO SEGUNDO E TERCEIRO CASAL:**

Viviane Martins - Graduada em licenciatura plena em Educação física pela UFRJ, mestra em Artes pela UERJ com pesquisa no Bailado do mestre-sala e porta-bandeira. Experiências como jurada, coreógrafa e instrutora de casais de mestre-sala e porta-bandeira. Fundadora e instrutora do Projeto Minueto do Samba para casais de mestre-sala e porta-bandeira. Atuou com casais de mestre-sala e porta-bandeira nas escolas de samba: Unidos de Padre Miguel, Renascer de Jacarepaguá, Cubango, Portela, São Clemente, Rocinha e atualmente está na Mangueira e Imperatriz com os segundos e terceiros casais, além de atuar como orientadora do primeiro casal da G.R.E.S. Império da Tijuca. Além de realizar trabalho com casais de Vitória - ES e Porto Alegre - RS. É diretora cultural da ABRAMESPEB e membro da comissão de casal de mestre-sala e porta-bandeira do Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro.

# **G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI**



**PRESIDENTE  
RENATO RIBEIRO MARINS  
(RENATO THOR)**



# Glória ao Almirante



**Carnavalesco**  
**JACK VASCONCELOS**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> <i>Glória ao Almirante Negro!</i>					
<b>Carnavalesco</b> Jack Vasconcelos					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Jack Vasconcelos					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Jack Vasconcelos					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Jack Vasconcelos e Joaquim Sotero					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Um herói, uma história, uma canção. O discurso poético e os processos de significação em O mestre-sala dos mares, de João Bosco e Aldir Blanc.	ANDRADE, Edwilson da Silva.	Cadernos da FaEL.	2009	Todas
02	O adeus do marujo.	BOMFIM, Flávia.	Pallas.	2022	Todas
03	Pontos e bordados: escritos de história e política.	CARVALHO, José Murilo de.	Topbooks.	2021	Todas
04	João Cândido, o almirante negro.	CHEUICHE, Alcy.	RS: L&PM.	2020	Todas
05	João Cândido	GRANATO, Fernando.	Selo Negro.	2010	Todas
06	Cisnes negros: uma história da revolta da Chibata.	MAESTRI, Mário.	Moderna.	2000	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
07	1910: a revolta dos marinheiros.	MAESTRI FILHO, Mário José.	Global.	1982	Todas
08	A revolta da chibata	MOREL, Edmar	Paz e Terra,	2021	Todas
09	A ressaca da marujada: recrutamento e disciplina na armada imperial.	NASCIMENTO, Álvaro Pereira..	Arquivo Nacional.	2001	Todas
10	Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910.	SILVA, Marcos Antonio.	Brasiliense.	1982.	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Histórico do Carnavalesco:**

**Jack Vasconcelos:** "O carnavalesco Jack Vasconcelos é desenhista, figurinista e pesquisador. Formado em Artes Cênicas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Desenho Artístico pelo Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, além de ter sido professor de desenho de fantasias, alegorias e desenvolvimento de enredo nos cursos de graduação e pós-graduação em Figurino e Carnaval da Universidade Veiga de Almeida.

Iniciou a carreira como carnavalesco em 2004 assinando o desfile da Império da Tijuca. Passou por escolas como Acadêmicos de Santa Cruz (2005), União da Ilha do Governador (2006, 2007, 2008, 2009, 2016), Império Serrano (2007), Império da Tijuca (novamente, em 2010), Unidos do Viradouro (2011), Estácio de Sá (2013, 2014), Paraíso do Tuiuti (2012, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019), Mocidade Independente de Padre Miguel (2020), Unidos da Tijuca (2021/2022) e retornou para o Paraíso do Tuiuti para assinar o carnaval de 2024.

Vencedor de várias premiações carnavalescas como o Estandarte de Ouro de Melhor Enredo e criador da Melhor Ala no ano de 2019, Estrela do Carnaval de melhor carnavalesco e enredo de 2018, Samba-net de melhor enredo de 2017, todos pela Paraíso do Tuiuti. Em 2022 venceu o prêmio Feras do Carnaval no quesito Ousadia pelo desfile da Unidos da Tijuca.

Assinou desfiles emblemáticos no grupo especial como "Meu Deus, meu Deus... Está extinta a escravidão?" (Tuiuti 2018) e "Elza Deusa Soares" (Mocidade 2020) e é considerado pela crítica especializada como um dos artistas de maior relevância de sua geração."

# HISTÓRICO DO ENREDO

## GLÓRIA AO ALMIRANTE NEGRO!

*Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre País. Hoje o rubro lampejo da aurora acha irmãos, não tiranos hostis. Somos todos iguais!*

*Brasil, entre o crepúsculo do século dezenove e a alvorada do século vinte.*

João Cândido Velho e Inácia Cândido Velho conheceram bem a escravidão e o suor cotidiano do trabalho duro insistia em não reconhecer diferença entre presente e passado; mas o filho deles, João Cândido Felisberto, nascera sob a sombra da liberdade que abriu as asas sobre nós, porém ele não escaparia de sua herança.

Altivo como um lanceiro negro de lenço encarnado lá se ia o menino montando o alazão pelas terras gaúchas da fazenda na vila da Encruzilhada. Negrinho do pastoreio na lida com a boiada de guizos e fitas, guri pés na terra, vento nas ventas, olhos no horizonte e cabeça nas embarcações que via flutuarem pelos rios levando arroz, trigo, animais... Vagando... Navegando... Era a vida, árdua labuta vestida de sonho para melhor ser cumprida.

Já rapazote, sem arreio que lhe coubesse e futuro que garantisse, seu fado foi ancorar na Marinha. Destino este, aliás, de muitos dos desamparados pela tal liberdade alada. Lutadores inglórios, piratas, farofeiros, cachaceiros, feiticeiros, os que não tinham a dignidade de um mestre-sala serviriam para serem marinheiros. Entre alistamentos desesperados, delegacias e casas de correção se recrutava a marujada, enquanto a boa cepa das classes sociais superiores estrelava os cargos de chefia, altas patentes. Hierarquia distintiva tradicionalmente mantida à força bruta. Maus-tratos e pagamento vergonhoso aos marinheiros eram legitimados pela “casa grande”, sempre com sua estimada chibata em punho. Convés era altar para o fetiche colonial que sangrava as costas dos santos entre cantos e rufar de tambores em solenidade normalizada. Tronco tocado de mastro. Porão de negreiro. Tatuagens da escravidão que marcavam as carnes do pessoal do porão.

O tempo e o vento na capital federal fizeram o jovem João Cândido, habilidoso, dedicado, carismático entre os parças e bem aceito pelos oficiais, tornar-se marinheiro de primeira classe. A carreira militar o levou a singlar mares nunca dantes imaginados pelo menino da fazenda: conheceu portos de vários países, navegou pela Amazônia e até rompeu mata em luta armada na floresta pela expulsão dos bolivianos das terras acreanas. Viajou a Inglaterra para acompanhar a construção e aprender o manejo dos poderosos encouraçados ‘dreadnoughts’, batizados Minas Gerais e São Paulo, encomendados pelo Brasil para reforçar o poder de fogo e valorizar a Armada. Considerada por muitos uma ação deveras ostentosa num cenário sem guerra iminente para enfrentar e com o quadro de praças tão debilitado. Lá assistiu com seus

companheiros uma reunião sindical pela primeira vez. Os ouvidos da marujada foram semeados com histórias sobre greves, movimentos pela melhora da situação dos marinheiros, a grande rebelião ocorrida no encouraçado russo Potemkin, que se levantou contra a má alimentação a bordo. Sentiram soprar um vento fresco sobre seus cascos cansados de humilhações ao saberem das conquistas de melhores condições e tratamento pelos colegas estrangeiros. Com lições na bagagem e coragem no

peito, voltariam diferentes. Determinados a se levantar contra as injustiças sofridas. Ao cruzar a linha do Equador no regresso à pátria, a bordo do Minas Gerais, com galões de comandante nos punhos, João Cândido é aclamado deus Netuno pela guarnição na tradicional comemoração de retorno. Salve as sereias, baleias, tritões- marinheiros! Salve o Netuno negro! Era o símbolo de uma aliança. Nascia um líder. A insatisfação da marujada ficaria cada vez mais evidente, externada até, e o movimento de insurreição foi tomando forma entre os porões dos navios e em comitês. Rebelar era preciso.

Foi então que um acontecimento fez precipitar os planos. Uma ordem de aplicar duas centenas e meia de chibatadas num marinheiro acusado pelo “crime” de levar cachaça para o navio avermelhou as águas da Guanabara em um espetáculo de crueldade. O sentimento de indignação, que há muito se represava, estourou e, como diz a famosa canção de gesta moderna, o Dragão do Mar do Ceará reapareceu no bravo marinheiro João Cândido em plena baía carioca. Naquela noite os toques de clarim do Minas Gerais não pediram recolhimento e sim combate. Bradando “liberdade” e “abaixo a chibata” os revoltosos travaram batalha contra os oficiais, rubras cascatas jorraram das fardas brancas, e tomaram o controle. Líder da revolta, João, de lenço vermelho no pescoço tal qual um lanceiro negro do Rio Grande, comandou as etapas. O Rio de Janeiro, então capital da República, se deparou com navios de guerra dos mais modernos e poderosos do mundo com os seus canhões direcionados para ela, de bandeiras vermelhas hasteadas e exigindo o fim da fome e da chibata. Os estrondos dos primeiros tiros de canhão tremeram a cidade. O recém-empossado presidente, marechal Hermes da Fonseca, deixou o baile no Clube da Tijuca à toque caixa para o Palácio do Catete onde recebeu o aviso vindo dos amotinados com suas reivindicações e a ameaça de bombardeio a cidade e as embarcações que não aderiram ao movimento em caso de recusa do governo. Foi um assombro tamanha audácia.

Pela manhã, a população se amontoou nas praias e morros para ver a movimentação magistral dos imponentes Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Deodoro pela baía, a maravilha daquele momento, mas a curiosidade logo cedeu assento para o desespero quando mais alguns tiros de canhões de baixo calibre foram disparados para assustar os governantes e provocou uma movimentação de fuga desesperada (dos mais abastados) para a região serrana e (dos menos favorecidos) para os bairros do subúrbio. Jornais e periódicos repercutiram a situação extraordinária mais alto que o som dos disparos. Rapidamente fizeram famosa a figura do tão comentado “almirante negro”, como o escritor João do Rio passou a chamá-lo no Gazeta de Notícias.

Depois de alguns dias de trapalhadas políticas frente a algo tão inusitado, o governo cedeu e prometeu melhorar as condições de tratamento, trabalho, e extinguiu a chibata do modus operandi da Marinha. O senado, apoiado pelo inflamado discurso de Rui Barbosa, aprovou uma lei de anistia para os marinheiros revoltosos. Com essas medidas as bandeiras vermelhas foram arriadas, os canhões se desarmaram. A marujada conseguiu. O almirante negro venceu. Ninguém mais passaria fome. Ninguém mais apanharia da chibata.

Só não contavam com a traição do marechal presidente em não cumprir o acordo de anistia e mandar parte dos revoltosos para prisão e o restante para tenebrosa viagem sem volta no navio Satélite. Jogado mais de uma dezena de companheiros numa pequena cela insalubre na ilha das cobras, João os viu sucumbir envenenados pela cal jogada no cárcere. Sobreviventes? Apenas ele e mais um. Mesmo com a saúde abalada continuou preso. Agrilhado às alucinações e pesadelos daquela câmara do terror, devolveu ao mundo delicadeza bordando em velas-tecidos de esperança que desfraldavam seu amôr e desejo de liberdade. A forte tormenta que atravessava o marinheiro o fez atracar no Hospital de Alienados na praia Vermelha. Diziam estar louco aquele homem do mar.

Tempos depois, livre da fantasia da insanidade, sob o manto protetor da Irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário que providenciou sua defesa, foi julgado pelo Conselho de Guerra. Finalmente absolvido, mas desligado da Marinha, continuou sendo perseguido pelas autoridades. O grande chefe rebelde que garantiu a vitória da revolta da esquadra passaria a ganhar a vida como pescador nas mesmas águas da baía que foi palco de sua aventura, nas pedras pisadas do cais da Praça XV. O mar era seu amigo, nunca deixou faltar.

Brasil, depois do século vinte e caminhando no século vinte e um.

João Cândido Felisberto conheceu a herança da escravidão, virou símbolo de luta contra injustiças, de liderança. É saudado no povo. Cantado, versado, escrito, representado, pintado, tatuado, homenageado em escolas de samba... Salve o Almirante Negro! O maior herói da NOSSA pátria. O herói do povo. Erguido em bronze, assentou praça de frente para a baía de Guanabara. Necessário monumento amplificador de vozes contra a chibata que ainda insiste em ser acionada em nossa sociedade atualmente.

Nós nem cremos que os escravos de outrora ainda sejam vistos e tratados como em tão nobre País. Hoje o rubro lampejo da aurora não acha irmãos, mas tiranos hostis. Não somos todos iguais!

Enquanto houver quem defenda ditaduras haverá uma chibata empunhada, afinal não faz muito tempo...

**Jack Vasconcelos**  
**(Carnavalesco e Autor do Enredo)**

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

### *“Navegando entre correntes e contracorrentes”*

Se tem gente que diz que o Brasil necessita de heróis, nesse carnaval exaltaremos o mais importante deles. O marinheiro João Cândido Felisberto entrou para a história por ser o principal líder do levante que ficou conhecido como “A Revolta da Chibata”, assim batizado no livro do jornalista e escritor Edmar Morel, no qual os marujos da Marinha do Brasil se rebelaram contra os maus tratos físicos e psicológicos que eram submetidos pelos oficiais.

Mesmo após o fim da escravidão no país havia na Marinha, e no Brasil em geral, uma questão destacada que era a elitização que ainda mantida nesta força militar do início da república. Defendendo a dignidade da condição humana, João Cândido foi o principal líder da Revolta da Chibata. Seja pela atividade que exerceu durante a rebelião, seja pelo reconhecimento dos companheiros de Armada que o aclamaram líder.

Pressionado tanto pelas ameaças dos marujos quanto de políticos, o recém- empossado como presidente da república, Marechal Hermes da Fonseca, acabou “aceitando” os termos propostos pelos marinheiros de terminar com as chibatadas que lhes eram impostas e pôs fim aos castigos físicos na Marinha em 26 de novembro de 1910, prometendo anistia a todos os envolvidos.

Com isso, os marinheiros depuseram as armas e a revolta terminou. Porém, os marinheiros foram traídos, presos, torturados e expulsos da Marinha. João Cândido, o líder da Revolta, foi um dos que mais sofreu perseguições. Depois de julgado acusado de conspiração, foi inocentado e terminou sua odisseia como pescador nas águas da baía de Guanabara. Justo ali, onde tudo aconteceu.

Nosso desfile tem como missão glorificar João Cândido como um herói brasileiro, o que de fato ele foi e é. Lutou pelo seu povo, enfrentou forças superiores como nunca antes havia acontecido e virou referência na luta por direitos humanos. Nosso Almirante Negro é o nosso herói.

### **SETOR 01**

#### *“Navegando entre correntes e contracorrentes”*

Nele apresentamos os elementos que ajudam a compor o cenário de introdução da nossa história: o mar e a promessa republicana no período pós escravidão.

### **SETOR 02**

#### *“Veio dos Pampas para as águas da Guanabara”*

Aqui acompanhamos um pouco da infância do menino João Cândido no interior do Rio Grande do Sul, seu encaminhamento para a Marinha e a chegada ao Rio de Janeiro. Do sonho em navegar pelo mundo ao pesadelo da fome e da chibata, os azuis do mar abraçam e conduzem a navegação do guri dos pampas por sua escalada.

### **SETOR 03**

#### *“O tempo e o vento do marujo”*

João Cândido se torna um marinheiro de primeira classe. Destacamos algumas das mais importantes missões nas quais embarcou e o crescimento de sua consciência e liderança entre a marujada. Dos frios tons das águas do oceano atlântico e dos rios- mares brasileiros, aos acalorados e metálicos tons

revolucionários nos quais João navegou, o setor faz uma amostra do caminho de transformação do cisne branco ao “Netuno negro”.

#### **SETOR 04**

##### ***“Revolta Vermelha”***

“As carnes de um servidor da pátria só serão cortadas pelas armas dos inimigos, mas nunca pela chibata de seus irmãos”, declarou João Cândido em depoimento ao jornal Correio da Manhã em 1910. O vermelho da revolta toma conta da marujada após o castigo extremamente cruel a um companheiro. O espírito do Dragão do Mar, o jangadeiro cearense Chico da Matilde, ressurge na figura de um bravo marinheiro.

#### **SETOR 05**

##### ***“Nascia um herói libertador”***

Os altos oficiais da Marinha, alimentados por teorias racistas, duvidavam que pessoas pretas tivessem tamanha competência para sustentar uma insolência como aquela. Soberba que duraria até o primeiro disparo de canhão. Quem poderia imaginar o quão longe poderia ir aquela bala? A imprensa e a população da época já imaginavam.

#### **SETOR 06**

##### ***“Foram traídos, mas não traíram jamais”***

Aqui acompanhamos a traição do Palácio do Catete, sua trama diabólica para burlar a opinião pública e pôr em prática suas intenções de apagamento da revolta e da existência dos revoltosos. O vermelho do sangue dos marinheiros continuou a escorrer, mas aqui vão se misturar a tons mais sombrios e frios para simbolizar o martírio ao qual João e seus companheiros foram submetidos.

#### **SETOR 07**

##### ***“O cais da luta ancestral”***

A luta ancestral por dignidade é reconhecida nesse setor final. Do julgamento e absolvição de João Cândido ao legado deixado por ele e pela revolta, celebraremos a figura do herói brasileiro que veio do povo e se mantém na memória e na cultura popular. O clima e os tons são mais acolhedores e festivos para saudar nosso herói, o Almirante Negro João Cândido. Ele é vivo dentro de nós na constante luta contra essa maldita chibata que ainda insiste em ser empunhada em nossa sociedade.

***“Glória a todas as lutas inglórias,  
Que através da nossa história não esquecemos jamais!  
Salve o almirante negro,  
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais!”***

**\*trecho da música O Mestre-Sala dos Mares, de Aldir Blanc e João Bosco.**

**GLÓRIA AO ALMIRANTE NEGRO!  
DO POVO, PELO POVO, PARA O POVO!**

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **ABERTURA**

#### **1º SETOR – NAVEGANDO ENTRE CORRENTES E CONTRACORRENTES**

**Comissão de Frente  
Elemento Cenográfico**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Raphael  
Rodrigues e Dandara Ventapane  
CALUNGA GRANDE, O MAR**

**Guardiões do  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira  
FALANGE DOS MARINHEIROS**

**Ala 01 – Comunidade  
LIBERDADE, ABRA AS ASAS SOBRE NÓS**

**Alegoria 01 – Abre-Alas  
REPÚBLICA, ABRA AS ASAS SOBRE NÓS: UM  
NOVO VELHO PORVIR**

#### **2º SETOR – VEIO DOS PAMPAS PARA AS ÁGUAS DA GUANABARA**

**Ala 02 – Comunidade  
BARQUINHO DO GURI**

**Ala 03 – Comunidade  
LIDA NA FAZENDA**

Ala 04 – Comunidade  
SONHANDO COM NAVIOS

Ala 05 – Comunidade  
ALMIRANTE ALEXANDRINO

Ala 06 – Baianas  
ÁGUAS DA GUANABARA

**Musa 01**  
**Fernanda Florentino**  
**SOBRE AS ONDAS DA GUANABARA**

**Alegoria 02**  
**ERAM NAVIOS DE GUERRA, SEM PAZ**

**3º SETOR – O TEMPO E O VENTO DO MARUJO**

Ala 07 – Comunidade  
CISNE BRANCO

Ala 08 – Comunidade  
EXPEDIÇÃO AMAZÔNICA

Ala 09 – Comunidade  
MARUJOS BRITÂNICOS

Ala 10 – Comunidade  
REVOLTA DO POTEMKIN

**Musa 02**  
**Dayse Castro**  
**ÁGUAS DO ATLÂNTICO**

**Tripé 01**  
**NETUNO NEGRO**

**4º SETOR – REVOLTA VERMELHA**

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Léo Thomé e Rebeca Tito**  
**A VELHA COMPANHEIRA DOS MARUJOS**

Ala 11 – Comunidade  
COMANDANTE CRUEL

**Rainha de Bateria**  
**Mayara Lima**  
**FOGO E FÚRIA**

Ala 12 – Bateria  
SANGUE DE MARUJO

**Destaque de Chão**  
**Alex Coutinho**  
**SER MARINHO**

Ala 13 – Passistas  
ÁGUAS DA BAÍA ENCARNADA

Ala 14 – Comunidade  
MOTIM

Ala 15 – Comunidade  
DRAGÕES DO MAR

**Musa 03**  
**Mylla Ribeiro**  
**MAR REVOLTO**

**Alegoria 03**  
**O “DRAGÃO DO MAR” REAPARECEU NA**  
**FIGURA DE UM BRAVO MARINHEIRO**

**5º SETOR – NASCIA UM HERÓI LIBERTADOR**

Ala 16 – Comunidade  
FOGO NOTURNO

Ala 17 – Comunidade  
DAMAS NA BEIRA-MAR

Ala 18 – Comunidade  
ESQUADRA ENCOURAÇADA

Ala 19 – Comunidade  
ARMADA PELA LIBERDADE

Ala 20 – Comunidade  
EXTRA! EXTRA!

**Musas 04 e 05**  
**Maria Eduarda e Escarlet Cristina**  
**ALVORECER NAS ÁGUAS DA BAÍA**

**Tripé 02**  
**CONHECIDO COMO ALMIRANTE**

**6º SETOR – NASCIA UM HERÓI LIBERTADOR**

Ala 21 – Comunidade  
MARECHAL MASCARADO

Ala 22 – Comunidade  
DISFARCE TRAIÇOEIRO

Ala 23 – Comunidade  
CORVÍDEO GOLPISTA

Ala 24 – Comunidade  
'AMNISTIA' FANTASMA

**Musa 06**  
**Mari Mola**  
**ILHA DAS COBRAS**

**Alegoria 04**  
**A DOR E A LOUCURA DE ANTIGAS NAUS**

**7º SETOR – NASCIA UM HERÓI LIBERTADOR**

Ala 25 – Comunidade  
JUSTIÇA

Ala 26 – Comunidade  
LIBERDADE NO CORAÇÃO

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Matheus Silva e Anna Clara**  
**O CHAMADO DO MAR**

Ala 27 – Comunidade  
“SEIO DO MAR” DE IEMANJÁ

Ala 28 – Comunidade  
O MAR É MEU AMIGO

Ala 29 – Comunidade  
GLÓRIA AOS HUMILDES PESCADORES

**Musa 07**  
**Ana Clara Barcelos**  
**MAR EM FESTA**

**Alegoria 05**  
**MONUMENTO AO MESTRE SALA DOS MARES**

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>REPÚBLICA, ABRA AS ASAS SOBRE NÓS: UM NOVO VELHO PORVIR</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>A escravidão havia sido abolida por lei pouco tempo antes da Proclamação da República brasileira. Ainda ecoava altivamente na sociedade a herança de um período escravista de horror e as consequências de uma abolição que não foi feita de forma correta. O pensamento elitista de exclusão continuou à galope como um soldado fiel do país. O hino da República que se instalava, de autoria de José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque e Leopoldo Miguez, bradava versos como:</p> <p><i>“Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós! Nós nem cremos que escravos outrora Tenha havido em tão nobre País... Hoje o rubro lampejo da aurora Acha irmãos, não tiranos hostis. Somos todos iguais!”</i></p> <p>Parecia alvissareiro. Mas nem tanto. Os pais de João Cândido Felisberto ainda eram escravizados quando ele nasceu. Mesmo “libertados”, continuaram a viver na mesma fazenda e trabalhando para o mesmo senhor. E essa era a realidade da maioria da população que foi jogada a própria sorte após a assinatura da lei Áurea e que a águia republicana e patriótica não conseguiu, ou nunca quis, acolher e lhes dar condições de dignidade. O poder mudou de mãos, mas a elite do país seguia tendo suas riquezas produzidas e sustentadas pelo povo. Para a população pobre, marginalizada, a república era uma novidade que já raiava velha no horizonte do Brasil.</p> <p>Por isso as esculturas e algumas partes do cortejo do abre-alas tem um aspecto envelhecido. A coroa, símbolo da agremiação, está presente contextualizando que vários conceitos e símbolos da época colonial e monárquica forma preservadas, como, por exemplo, as cores verde (da</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>REPÚBLICA, ABRA AS ASAS SOBRE NÓS: UM NOVO VELHO PORVIR</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>casa dos Bragança) e o amarelo (da casa dos Habsburgo) como integrantes das cores nacionais. Esculturas grandes e robustas, que lembram figuras de homens escravizados, nos fazem refletir sobre a exploração do trabalho do povo empobrecido pelo sistema abusivo. Refêns dessa realidade excludente, “sustentavam” a riqueza que lhes era negada o acesso. A figura feminina de feição acadêmica eurocêntrica, que representa uma alegoria à República, tem as asas da liberdade que irá abrir sobre nós. Mas ela parece estar disposta a sombrear apenas as cabeças brancas, nobres e de “boa procedência”. Nem “para baixo” ela olha. Na base do cortejo, as composições que representam o povo, dispostas na parte mais baixa das alegorias, e as fantasias mais ricas nas partes superiores nos dão uma leitura de divisão social e econômica. Parece familiar?</p> <p><b>Destaque central Carruagem:</b> Marcelo de Almeida  <b>Fantasia:</b> Glória Republicana</p> <p><b>Destaque central acoplado:</b> Paulo Cezar  <b>Fantasia:</b> General Republicano</p> <p><b>Composições femininas nos cavalos:</b> Soldados</p> <p><b>Composições femininas:</b> Águias</p> <p><b>Composições masculinas:</b> Guardiões da República</p> <p><b>Composições laterais baixo:</b> Povo</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p style="text-align: center;"><b>ERAM NAVIOS DE GUERRA, SEM PAZ</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>O jovem João Cândido encontrou uma dura realidade nos navios da Marinha. A procedência geral dos marinheiros era de população mais pobre e marginalizada. Muitos vinham de casas de correção, delegacias ou entregues por famílias desesperadas para dar algum encaminhamento na vida de seus filhos devido a total falta de perspectivas. Descendentes dos séculos de escravidão, da violência colonialista. Enquanto os militares de altas patentes e com planos de carreira eram, expressiva e evidentemente, brancos de origens tradicionais e elitizadas. O tratamento dado aos marujos era desumano. Entre abusos físicos e psicológicos, fome e humilhações de vários tipos, ainda existiam as punições “corretivas” como o bolo (um tipo de palmatória) e a famigerada chibatada. Mesmo a escravidão estando extinta há anos, ainda havia a chibatada como modus operandi na Marinha brasileira. Oficialmente, as chibatadas foram proibidas em 1890 na Marinha do Brasil, mas o castigo era frequentemente utilizado.</p> <p>A alegoria tem forma de um navio visivelmente dividido em classes. Na parte de cima, mais nobre, os oficiais de altas patentes e suas origens na elite da sociedade, trazem figurinos que lembram fardas com uma inspiração fetichista, pois a maioria se satisfazia com a aplicação dos castigos físicos que objetivavam os corpos pretos e pobres dos marinheiros. No convés do navio avistamos alguns marujos sendo banhados em seus sangues para lembrar a violência das chibatadas. Havia um recurso utilizado por muitos marujos de tatuar nas costas símbolos cristãos na tentativa de sensibilizar o carrasco e deixar o castigo mais leve. Na parte de baixo, correspondente aos porões, há nichos que lembram celas de cativeiro.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p style="text-align: center;"><b>ERAM NAVIOS DE GUERRA, SEM PAZ</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>No fundo, reproduções de algumas aquarelas do pintor francês Jean-Baptiste Debret, que retratou o cotidiano do Brasil colonial, fazem uma comparação com os castigos dados aos escravos do passado com o tratamento que era dado aos marujos naquela época. Seria um navio de guerra da marinha brasileira ou uma versão de um abjeto navio negreiro?</p> <p><b>Destaque personagem central alto proa:</b>  <b>Fantasia:</b> João Cândido jovem</p> <p><b>Destaque central baixo frente:</b> Samile Cunha  <b>Fantasia:</b> Rainha das águas da Guanabara</p> <p><b>Semi-destaque lateral direito:</b> André Severiano  <b>Semi-destaque lateral esquerdo:</b> Vinicius Sousa  <b>Fantasia:</b> Seres aquáticos da Guanabara</p> <p><b>Destaque central médio:</b> Ruan Mendes  <b>Fantasia:</b> Oficial carrasco/feitor</p> <p><b>Destaque central alto:</b> Luiz Vigneron  <b>Fantasia:</b> Almirante</p> <p><b>Composições:</b> Patentes Alta</p> <p><b>Composições chafarizes da proa do navio:</b>                  Marinheiros castigados</p> <p><b>Composições laterais convés do navio:</b> Marujos</p> <p><b>Composições laterais porão do navio:</b> Pessoal do porão</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;"><b>Tripé 01</b></p> <p style="text-align: center;"><b>NETUNO NEGRO</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>No período na Inglaterra, João Cândido se espantou com o melhor tratamento dado aos marinheiros britânicos, adquiriu noções de inglês e aprendeu importantes lições de navegação. Grande parte dos marinheiros voltaram conscientizados de que algo precisava ser feito para mudar a dura realidade dos maus tratos na Marinha brasileira.</p> <p>Na viagem de volta, na tradicional comemoração realizada ao cruzar a linha do Equador, João Cândido é escolhido para representar o deus Netuno pela guarnição do encouraçado Minas Gerais. Uma distinção só concedida a praças respeitados pela marujada. Assim, João Cândido consolidou sua liderança entre os marinheiros e o movimento de revolta ganhou força.</p> <p><b>Destaque personagem central baixo frente:</b>  <b>Fantasia:</b> João Cândido retornando</p> <p><b>Destaque central alto:</b> Marcinho  <b>Fantasia:</b> Netuno</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Jack Vasconcelos		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>O “DRAGÃO DO MAR” REAPARECEU NA FIGURA DE UM BRAVO MARINHEIRO</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>“Não podíamos admitir que na Marinha do Brasil um homem ainda tirasse a camisa para ser chicoteado por outro homem”, declarou João Cândido, em entrevista ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro em março de 1968.</p> <p>Aos gritos de “viva a liberdade” e “abaixo a chibata”; a marujada içou bandeiras vermelhas de insurreição. “Bandeira de desafio” para indicar que não haveria rendição. Decidiram que suas costas não seriam mais usadas para marcar a violência. Mais de dois mil e trezentos marinheiros se rebelaram contra a chibata. Entenderam que povo organizado é arma potente. João Cândido amarrou um lenço encarnado no uniforme, como um bravo lanceiro negro gaúcho também portava, e liderou o levante que mudaria a história do Brasil para sempre. Cerca de 80 canhões dos navios Dreadnought mais modernos do mundo foram apontados para o Rio de Janeiro. Os encouraçados, ou couraçados, eram navios de guerra fortemente blindados, armados com artilharia de longo alcance, e os Dreadnought foram o tipo predominante de navio de guerra encouraçado no início do século XX.</p> <p>O “Dragão do Mar”, apelido do jangadeiro cearense Chico da Matilde” (que liderou um movimento que se recusou a transportar escravizados), inspira a alegoria como exemplo de luta, resistência. O espírito de revolução e o sangue derramado avermelham a embarcação.</p> <p><b>Destaque personagem central médio frente:</b> <b>Fantasia:</b> João Cândido líder da revolta</p> <p><b>Destaque central alto:</b> Carla Close <b>Fantasia:</b> A revolta do Dragão do mar</p> <p><b>Composições:</b> Marinheiros Rebelados</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 02</b></p> <p><b>CONHECIDO COMO ALMIRANTE</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>Os marinheiros foram apoiados pela população e ganharam destaque na imprensa. A sublevação dos marujos foi o principal assunto do país. Jornais e revistas ilustradas A imprensa passa a chamar João Cândido de o Almirante Negro. O apelido foi dado pelo escritor João do Rio, que trabalhava no jornal Gazeta de Notícias e “viralizou”.</p> <p>As notícias contagiaram soldados e marujos no Brasil. Durante cinco dias, a cidade do Rio de Janeiro e o país pararam para ver a revolta liderada por João Cândido. A máquina fotográfica do fotógrafo Augusto Malta foi testemunha histórica e uma das principais responsáveis em registrar e dar rostos aos, anteriormente invisibilizados, marinheiros.</p> <p><b>Destaque personagem central baixo frente:</b> Ernesto Xavier  <b>Fantasia:</b> João Cândido conhecido como “Almirante Negro”</p> <p><b>Destaque central alto:</b> Jorge Amarelloh  <b>Fantasia:</b> Fotógrafo Augusto Malta</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>A DOR E A LOUCURA DE ANTIGAS NAUS</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>Dos marujos revoltosos, mais de mil foram expulsos da Marinha, outras centenas foram presos e mais um grande montante foi obrigado a embarcar nos porões do navio Satélite, rumo à Amazônia, para trabalhos forçados na produção da borracha. Dezenas deles nunca chegaram ao destino. Foram fuzilados durante a viagem e tiveram seus corpos jogados ao mar. João Cândido foi preso, interrogado. Mais um cativo como se o passado escravista insistisse em não passar. Em um calabouço onde só caberiam seis prisioneiros, dividiu a solitária com dezessete companheiros. Com o pretexto de desinfetar a masmorra, imunda por causa da superlotação e falta de assistência, os carcereiros jogaram água com cal dentro do cárcere. Os marinheiros ficaram por três dias sem ter o que comer ou beber e debaixo de um sol escaldante. Apenas dois sobreviveram: João Cândido e João Avelino Lira. Os demais sucumbiram asfixiados.</p> <p>Após a experiência traumática na Ilha das Cobras, João Cândido foi encaminhado para o Hospital Nacional de Alienados, no bairro da Urca. Segundo uma junta formada por médicos da Marinha, ele foi considerado louco por afirmar ter visões e ouvir os gritos de agonia de seus companheiros mortos. No alto da alegoria, como as velas do navio imaginário assombrado pelos companheiros vencidos pela traição, réplicas dos bordados que João Cândido bordou no período de cárcere. No “Adeus do Marujo” ele bordou as palavras “ordem” e “liberdade” sobre duas mãos que se cumprimentam em sinal de união, enquanto no bordado intitulado “Amôr” se vê um coração ferido por uma espada envolto por flores e pássaros. João respondeu a tanta dor com arte e delicadeza.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>A DOR E A LOUCURA DE ANTIGAS NAUS</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p><b>Destaque central frente:</b> Walter Costa <b>Fantasia:</b> O veneno da traição</p> <p><b>Destaque central proa do navio:</b> Claudio Hillary <b>Fantasia:</b> Comandante fantasma</p> <p><b>Destaque personagem central alto mastro do navio:</b> Aleh Silva <b>Fantasia:</b> João Cândido bordador</p> <p><b>Composições femininas laterais baixo:</b> Prisioneiros da Ilha das Cobras</p> <p><b>Composições laterais médio:</b> Algozes</p> <p><b>Composições laterais navio:</b> Marinheiros Fantasmas</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;"><b>MONUMENTO AO MESTRE SALA DOS MARES</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p>A figura de João Cândido se tornou emblemática, virou símbolo de luta contra injustiças, de liderança. É saudado no povo.</p> <p>Uma das homenagens mais contundentes é a música “o mestre-sala dos mares”, de Aldir Blanc e João Bosco, composta nos anos 70 e que imortalizou João Cândido e a Revolta da Chibata no imaginário popular. A letra da música teve que ser modificada várias vezes por conta da censura na época da ditadura militar. “O problema é essa história de negro, negro, negro...”, disse um censor aos compositores. Aldir Blanc foi obrigado a mudar “marinheiro” por “feiticeiro” e “almirante” por “navegante” para atender aos “sábios” censores da ditadura militar.</p> <p>A alegoria traz na proa do barco o filho mais novo de João Cândido, Alberto Cândido, conhecido como Seu Candinho, no comando dessa nau-homenagem que celebra o legado de seu pai. Nas velas dos barquinhos dos pescadores nas laterais da alegoria, que homenageiam o ofício exercido por João após o desligamento da Marinha, reproduções de algumas manchetes de notícias que expõem o racismo latente nas relações sociais ainda atualmente. Exemplos da importância de exaltar uma revolução tão importante para história brasileira.</p> <p>Salve o Almirante Negro! O maior herói da NOSSA pátria. O herói do povo. Sentinela da libertação erguido em bronze, sua estátua assentou praça de frente para a baía de Guanabara como um necessário monumento amplificador de vozes contra a chibata que ainda insiste em ser empunhada em nossa sociedade.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Jack Vasconcelos

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;"><b>MONUMENTO AO MESTRE SALA DOS MARES</b></p>  <p><i>*Essas imagens são dos croquis originais e servem como referências</i></p>	<p><b>Destaque personagem central proa navio:</b> Seu Candinho  <b>Fantasia:</b> Almirante Negro</p> <p><b>Composições Familiares de João Cândido, João Bosco e Aldir Blanc:</b> Marujada de João</p> <p><b>Composições Velha Guarda:</b> Tripulantes</p> <p><b>Composições laterais baixo:</b> Sereias</p> <p><b>Composições laterais nos barquinhos:</b> Pescadores</p> <p><b>Composições laterais alto Cia. Cerne de Teatro:</b> Bloco do mestre-sala dos mares</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Carro 01 (Abre-Alas) -República, abra as asas sobre nós: um novo velho porvir</u></b></p>	
<p><b>Destaque central Carruagem:</b> Marcelo de Almeida</p>	<p>Figurinista</p>
<p><b>Fantasia:</b> Glória Republicana</p>	
<p><b>Destaque central acoplado:</b> Paulo Cezar</p>	<p>Maquiador</p>
<p><b>Fantasia:</b> General Republicano</p>	
<p><b><u>Carro 02 - Eram navios de guerra, sem paz</u></b></p>	
<p><b>Destaque central baixo frente:</b> Samile Cunha</p>	<p>Professor, figurinista e Ator</p>
<p><b>Fantasia:</b> Rainha das águas da Guanabara</p>	
<p><b>Semi-destaque lateral direito:</b> André Severiano</p>	<p>Empresário</p>
<p><b>Semi-destaque lateral esquerdo:</b> Vinicius Sousa</p>	<p>Estudante</p>
<p><b>Fantacias:</b> Seres aquáticos da Guanabara</p>	
<p><b>Destaque central médio:</b> Ruan Mendes</p>	<p>Modelo</p>
<p><b>Fantasia:</b> Oficial carrasco/feitor</p>	
<p><b>Destaque central alto:</b> Luiz Vigneron</p>	<p>Empresário</p>
<p><b>Fantasia:</b> Almirante</p>	
<p><b><u>Tripé 01- Netuno Negro</u></b></p>	
<p><b>Destaque central alto:</b> Marcinho</p>	<p>Dançarino</p>
<p><b>Fantasia:</b> Netuno</p>	
<p><b><u>Carro 03 - O “Dragão do Mar” reapareceu na figura de um bravo marinheiro</u></b></p>	
<p><b>Destaque central alto:</b> Carla Close</p>	<p>Empresária e Modelo</p>
<p><b>Fantasia:</b> A revolta do Dragão do mar</p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
<p><b><u>Tripé 02- Conhecido como Almirante</u></b>  <b>Destaque personagem central baixo frente:</b>                      Ernesto Xavier  <b>Fantasia:</b> João Cândido conhecido como “Almirante Negro”</p> <p><b>Destaque central alto:</b> Jorge Amarelloh  <b>Fantasia:</b> Fotógrafo Augusto Malta</p> <p><b><u>Carro 04 - “A dor e a loucura de antigas naus”</u></b>  <b>Destaque central frente:</b> Walter Costa  <b>Fantasia:</b> O veneno da traição</p> <p><b><u>Carro 05 - “Monumento ao Mestre Sala dos Mares”</u></b>  <b>Destaque personagem central proa navio:</b> Seu Candinho  <b>Fantasia:</b> Almirante Negro</p>	<p>Jornalista</p> <p>Dançarino</p> <p>Professor</p> <p>Aposentado</p>
<p><b>Local do Barracão</b>                      Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>                      Luiz Adriano e Renan Marins</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b>                      Alan Duque</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b>                      Brian Vieira</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b>                      Silvio Freitas</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b>                      Andrew Viana</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b>                      Natanael Ferreira</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b>                      Jones da Silva Melo</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**

Fernanda Teixeira	- Projetista
Joaquim Sotero	- Assistente de Carnavalesco
Lane Santana	- Direção Artística
Antonio Vieira	- Ilustrador
Cláudio Cruz	- Estagiário
Henrique Gouveia	- Luminotécnica
Paulinho da Luz	- Luminotécnica
Ivete Dibo	- Maquiagem Artística
Alan Fernando Silva	- Efeitos especiais
Zeli e Argeu	- Equipe Parintins
Varão	- Fibra
Luis Felipe, Fernando, Anderson Bona, Quinzinho, Luizinho	- Decoradores Carro

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respektivas Funções**

Fernanda Teixeira - uma arquiteta apaixonada pela arquitetura clássica e pelo mundo das escolas de samba. Com formação em Arquitetura e Urbanismo, e especialização em Figurino e Carnaval, já atuou como projetista em diversas escolas de samba do Rio de Janeiro. Apaixonada em criar construções alegóricas que combinam com sua expertise em arquitetura com a energia e a criatividade únicas do Carnaval carioca. Sempre em busca de novos desafios, busco constantemente unir tradição e inovação em cada projeto, contribuindo para a magia dos desfiles carnavalescos.

Antonio Vieira - Atua como Diretor de Arte e Ilustrador, tendo trabalhado em agências de publicidade e escritórios de design. Mestre em Artes pela UERJ, tem como objeto de interesse as culturas populares urbanas da cidade do Rio de Janeiro, especialmente, a construção carnavalesca das escolas de samba.

Joaquim Sotero - Historiador e figurinista, graduando em Artes Cênica Indumentária pela UFRJ. Tem pesquisa em carnaval e festas populares.

Paulinho da Luz - Responsável pela iluminação cênica das alegorias, instalando cabeamento, plugs, equipamentos como dimmers, refletores e mesa de comando, possibilitando uma luz cênica e criativa aos carros alegóricos.

*Ivete Dibo - Professora de Artes Plásticas, Visagista e Adrecista. Atua em teatro, cinema, tv e nas Agremiações Carnavalescas, assinando a Maquiagem Artística de Comissões de Frente, Alas e Destaques.*

*Henrique Gouveia - Trabalha com Iluminação de shows, eventos e carnaval há 25 anos, faz parte da equipe de iluminação dos shows das cantoras AnaVitória e foi estandarte de ouro com a comissão de frente da Paraíso do Tuiuti 2023.*

*Alan Fernando Silva - Adrecista e especialista em efeitos cênicos diversos, atualmente trabalha na empresa de cenografia Casablanca na área de efeitos especiais, com trabalhos na Rede Record nas novelas Gênesis (2022) e A terra prometida (2023).*

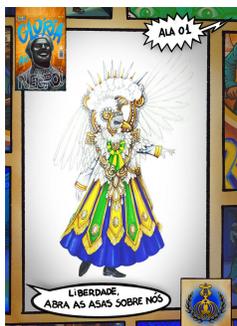
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Liberdade, abra as asas sobre nós</b></p> 	<p>João Cândido, filho de escravizados, nasceu antes da assinatura da lei Áurea (que abolia a escravidão) e após a lei do Ventre Livre (que não considerava cativos os filhos de escravos nascidos a partir da implementação da lei) numa fazenda em Encruzilhada do Sul, interior gaúcho. Logo após a abolição da escravatura a Monarquia foi “saída” de cena e a República se anunciou como novo regime. A águia republicana simbolizava a soberania que se pronunciava e prometia no hino que a liberdade abriria as asas sobre nós. Inspiração militar norteia a concepção visual da fantasia, pois a proclamação foi liderada por militares.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
02	<p><b>Barquinho do guri</b></p> 	<p>Lá vai o barquinho do menino-marinheiro levado pelas correntes de sonhos, sopradas pelo desconhecido aventureiro. O pequeno João Cândido Felisberto, filho de ex-escravizados, brinca com seu barquinho de papel nas margens dos rios que serpenteiam os pampas gaúchos, em uma fazenda do interior do Rio Grande do Sul, na pequena Encruzilhada do Sul, ...</p> <p>(Continua)</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>Barquinho do guri</b></p> 	<p>... profetizando que aquele guri estava predestinado ao mar. Como estamos abordando um período de lembranças infantis, memórias e olhares mais inocentes, a fantasia traz uma representação de um barquinho de papel “navegando” sobre o componente. A fantasia utiliza alguns materiais encontrados em expressões folclóricas gaúchas para dar, sensorialmente, em cores e brilhos, a percepção das águas dos rios.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
03	<p><b>Lida na Fazenda</b></p> 	<p>Depois da abolição da escravatura, João Cândido Velho ganhou permissão de continuar com a família na fazenda de João Felipe Corrêa. Criado solto pela fazenda, o menino João Cândido assiste a lida com os animais. Montava como “gente grande”, acompanhava os tropeiros com suas boiadas em comitivas ao longo da fronteira e tomou gosto pelas viagens e histórias contadas pelos peões. Particularmente as que envolviam os Lanceiros Negros, que lutaram na Revolução Farroupilha, com seus lenços vermelhos. A ala traz dois figurinos diferentes: o tropeiro e a boiada.</p> <p style="text-align: right;"><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Lida na Fazenda</b></p> 	<p>Há um perfume folclórico e infantil na solução visual dos figurinos, pois nesse período do enredo ainda estamos sob o olhar e o sentimento das experiências passadas pelo menino João Cândido na fazenda no interior do Rio Grande do Sul.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
04	<p><b>Sonhando com navios</b></p> 	<p>Pequenos navios faziam o transporte fluvial entre a capital gaúcha e Rio Pardo. João acompanhava o pai, que conduzia o gado para ser embarcado. A verve aventureira de João Cândido fazia-o sonhar com as embarcações que via nos portos dos rios Jacuí e das Pombas, que escoavam as produções da região. Fantasiava comandá-las rio afora. O menino queria ganhar o mundo e vislumbrou seu destino marinho.</p> <p style="text-align: right;"><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>Sonhando com navios</b></p> 	<p>A fantasia faz uma tradução lúdica dos elementos como o barco na cabeça, a roupa estilizada de marinheiro, um sol em forma de timão como resplendor e a água que se derrama por debaixo da casaca e escorre na cabeça representada com materiais que trazem o entendimento visual brincando com texturas e volumes. O olhar romântico da criança maruja.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
05	<p><b>Almirante Alexandrino</b></p> 	<p>Como um castigo pelo seu temperamento (considerado um tanto impetuoso demais “para um jovem preto”), o Almirante Alexandrino de Alencar, consagrado na Marinha pela liderança exercida na Guerra do Paraguai e amigo da família de João Felipe Corrêa, proprietário da fazenda em que a família de João Cândido ainda vivia, levou o jovem João para a capital do estado, Porto Alegre, onde viria a ser aprendiz de marinheiro e orientou atenciosamente aquele menino que sonhava com os navios. Aos quatorze anos de idade ingressou na Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Sul o filho de ex-escravizados, onde...</p> <p style="text-align: right;"><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>Almirante Alexandrino</b></p> 	<p>...receberia uma atenção especial, recomendada pelo próprio Almirante, nunca antes dada a um “daquela condição”. A fantasia busca, em suas cores (branco para a Marinha, azul para o mar e dourados para as glórias conquistadas), ornamentos e silhueta, dar um aspecto imponente à figura do Almirante Alexandrino como um agente de força e importância para o cenário da época.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
06	<p><b>Águas da Guanabara</b></p> 	<p>No final de mil oitocentos e noventa e cinco, João Cândido é destacado para o Rio de Janeiro e entra para a Marinha do Brasil efetivamente, como praça da Quadragésima Companhia do Corpo de Marinheiros Nacionais, então aos quinze anos de idade. A fantasia traz elementos marinhos e tons azuis, com ornamentos em ouro e prata para trazer a sensação de reflexo cintilante que as águas da baía de Guanabara tem ao entardecer. O figurino traz um encantamento de figura mitológica ao personificar a baía de Guanabara como uma espécie de deusa marinha, musa da cidade do Rio de Janeiro, e como a visão extraordinária da Guanabara impactou o jovem João Cândido. Um amor à primeira vista.</p>	Baianas (1952)	Alexandre Federici

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Sobre as ondas da Guanabara</b></p> 	<p>O encantamento que a baía de Guanabara causou no jovem marinheiro João Cândido o fez ouvir como música o som cantado pelas ondas das águas da baía.</p>	Musa 01	Fernanda Florentino
07	<p><b>Cisne Branco</b></p> 	<p>Qual cisne branco, que em noite de lua vai deslizando num lago azul – como diz a letra da Canção do Marinheiro, que ficou conhecida como Cisne Branco e virou hino da Marinha, autoria de Antônio Manuel do Espírito Santo – João Cândido despontou em sua nova vida. Se destacou tanto nas habilidades técnicas de manobras nos exercícios quanto no desembarço em questões entre os marujos e oficiais. Em pouco tempo chegou a instrutor de aprendizes-marinheiros e foi destacado para missões internacionais. A fantasia faz uma representação dessa passagem utilizando os signos do cisne branco, para aludir a transformação do próprio João Cândido ...</p> <p style="text-align: right;"><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Cisne Branco</b></p> 	<p>correlacionando-o à música, canção do marinheiro, o timão com a rosa dos ventos no centro como símbolo de habilidade, liderança e os vários lugares que João conheceu e que ainda iria conhecer. A parte inferior da fantasia predomina o azul para não esquecermos de que esses caminhos são deslizados sobre o mar.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
08	<p><b>Expedição Amazônica</b></p>   	<p>João Cândido se candidata para uma missão de demarcação de terras no norte do país, quando o Brasil disputava com a Bolívia a posse do território do Acre. De Manaus rumo para o Acre, terra boliviana na época, onde o jovem marinheiro viveu onze meses na floresta amazônica, presenciou e participou de luta armada na mata. A ala traz dois núcleos de fantasias: o primeiro núcleo representa as águas dos rios amazônicos navegados por João Cândido onde o figurino estiliza o “espelho d’água” dos rios com a influência da cultura indígena. O segundo núcleo traz três variações de formas arbóreas para, em conjunto com o primeiro núcleo, comporem as duas experiências de João Cândido na expedição amazônica: a aquática e a terrestre.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<b>Marujos britânicos</b> 	<p>Já como marinheiro de primeira classe, João Cândido foi para a Europa assistir a construção dos navios encouraçados encomendados a Inglaterra pela Marinha brasileira. O grupo de marujos no qual era inserido tinha a missão de aprender o manejo dos novíssimos navios de guerra. Nos estaleiros de New Castle, João Cândido e seu grupo assistiram pela primeira vez, por intermédio dos marinheiros ingleses, uma reunião sindical. Conheceram um dos mais politizados e organizados proletariados do mundo e tomaram conhecimento do movimento pela melhora da situação da marujada inglesa acontecido anos antes. A fantasia traz materiais que lembram a textura metalizada presente nas estruturas e cascos dos navios, estruturando e dando robustez ao traje do marinheiro, como se eles estivessem fortalecidos pela luta por seus direitos. No adereço de mão o punho erguido, ou cerrado, simboliza unidade e força nas questões de luta, pertencimento e resistência.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Revolta do Potemkin</b></p> 	<p>Pelos marinheiros ingleses, os marinheiros brasileiros também conheceram da revolta ocorrida anos antes na Marinha russa. Os marujos do navio encouraçado Potemkin se rebelaram contra a má alimentação a bordo e que ganhou fama mundial. O figurino mescla ludicamente elementos de ornamentação russa com a textura metálica dos navios encouraçados. Canhões que tipificavam os navios de guerra encouraçados compõem o resplendor junto com as bandeiras vermelhas, que eram hasteadas nos atos de levante. Nesta fantasia, o adereço de mão de punho erguido, ou cerrado, traz cores mais frias para se diferenciar da ala anterior e exemplificar que a mesma luta pode acontecer e ser necessária em qualquer parte do mundo, em qualquer cultura.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
*	<p><b>Águas do Atlântico</b></p> 	<p>As águas do oceano Atlântico testemunharam o retorno de João Cândido ao Brasil e que trazia mais do que grandes e novíssimos navios de guerra. Trazia uma revolução em sua cabeça.</p>	Musa 02	Dayse Castro

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Comandante cruel</b></p> 	<p>O capitão-de-mar-e-guerra João Batista Neves, mesmo com um passado rebelde na Revolta da Armada, era dos oficiais mais cruéis que comandavam a tortura e não hesitava em oprimir os marinheiros. Foi com prazer fetichista que ordenou o castigo ao marinheiro Marcelino Rodrigues de Menezes, o Baiano: uma pena brutal de 250 chibatadas (e não 25 como era “costume”). O figurino da ala faz um diálogo entre referências de um uniforme militar e signos que remetem a fetichização da dor. A máscara faz um alusivo macabro ao rosto do capitão, com seu indefectível bigode.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
*	<p><b>Fogo e fúria</b></p> 	<p>A fantasia da rainha da Super Som representa o fogo que sobe pelo corpo dos marinheiros e faz o sangue ferver para lutar por justiça e que será o combustível que inflamará a revolta que se iniciará.</p>	Rainha de Bateria (2024)	Mayara Lima

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>Sangue de Marujo</b></p> 	<p>Os tambores soaram alto para o ato solene de “correção” e a guarnição em formação testemunha a torturante seção de 250 chibatadas que desenharam as costas do marinheiro Marcelino Rodrigues de Menezes com dor e raiva. Contam que o sangue foi tanto que se espalhou pelo convés do navio e escorreu para o mar da baía de Guanabara. A fantasia da Super Som tem a predominância da cor vermelha para simbolizar o sangue que jorrou das costas não só do marinheiro Marcelino, mas também de todos os marinheiros através da história. Sangue que ferveu nas veias da marujada cansada de injustiça. Casacas e chapéus foram bordados à mão em paetês vermelhos e dourados para dar cintilância às cores e imprimir o brilho do mar avermelhado pelo sangue do marujo.</p>	Bateria (2024)	Mestre Marcão
*	<p><b>Ser marinho</b></p> 	<p>A fantasia do presidente da ala de passistas simboliza o mar da baía de Guanabara avermelhado de sangue e revolta.</p>	Destaque de Chão (2024)	Alex Coutinho

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Águas da Baía encarnada</p> 	<p><i>O figurino da ala representa poeticamente as águas do mar da baía de Guanabara avermelhadas pelo sangue escorrido do casco do navio vindo das chibatadas dadas como castigo ao marinheiro Marcelino Rodrigues de Menezes. Cores quentes bordam em cristais e paetês as figuras marinhas aquecidas pelo sentimento de revolta que avermelhou a baía</i></p>	<p>Passistas (1952)</p>	<p>Alex Coutinho e Jorge Amarelloh</p>
14	<p>Motim</p> 	<p>Começava a revolta. Nos navios, as chamadas das dez horas não pediria silêncio, mas combate. Cada marujo assumiu seu posto com a ordem de neutralizar qualquer um que tentasse impedir o levante. Na fantasia da ala nota-se escrito nas bóias os nomes dos encouraçados tomados: Minas Gerais, São Paulo e Bahia. A baioneta como adereço de mão sinaliza que houve confronto armado dentro das embarcações.</p> <p>(Continua)</p>	<p>Comunidade (2024)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Motim</b></p> 	<p>A representação do punho erguido, ou cerrado, no chapéu simboliza o espírito de união, organização e força que se manifestava e que fora absorvido nas reuniões sindicais presenciadas na Inglaterra. Também se estiliza na roupa de marinheiro os tons e texturas metálicas para aludir às embarcações e dar uma percepção mais “armada” na forma. A faixa vermelha escrita “ordem e liberdade” foi utilizada pelo marinheiro cearense Francisco Dias Martins, conhecido como “Mão Negra”, um dos principais líderes da revolta ao lado de João Cândido.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
15	<p><b>Dragões do mar</b></p> 	<p>O levante dos marinheiros é deflagrado. Emergiu das águas avermelhadas da carioca baía de Guanabara o espírito heroico e combativo do jangadeiro cearense Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde. Enfrentou as autoridades e liderou uma greve no porto de Fortaleza e se negou, ele e seus companheiros jangadeiros, a transportar pessoas escravizadas. Foi apelidado pelo abolicionista José do Patrocínio de Dragão do Mar e virou referência de coragem e liderança na resistência ao sistema escravista.</p> <p style="text-align: right;"><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><b>Dragões do mar</b></p> 	<p>A fantasia traz uma representação de um dragão de inspiração marinha se erguendo sobre o marinheiro como se este estivesse tomado pelo sentimento de revolta que arrebatou o cearense Chico da Matilde em mares cearenses anteriormente.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
*	<p><b>Mar revolto</b></p> 	<p>Até as águas do mar se revoltaram em redemoinhos com os ventos da revolução que sopraram pelos navios inflamados pelo desejo de justiça.</p>	Musa 03	Mylla Ribeiro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16		<p>A revolta foi anunciada com um tiro de canhão. Quando terminou a luta no convés do encouraçado Minas Gerais, João Cândido ordenou o disparo de um tiro de canhão como sinal de alerta para os outros navios rebelados. O estrondo do primeiro tiro fez tremer o Rio de Janeiro. Pouco depois um novo tiro disparado provocou estragos em vidros e esquadrias em casas na cidade. Também enviaram um comunicado via rádio para o Palácio do Catete: “Não queremos a volta da chibata. Isso pedimos ao presidente da República e ao ministro da Marinha. Queremos resposta já e já. Caso não tenhamos, bombardearemos a cidade e navios que não se revoltarem. Assinado: guarnições Minas Geraes, São Paulo e Bahia”. A fantasia traz na sua composição um “confronto” entre tons quentes e frios, o fogo do combate e dos tiros de canhões contrastando com o a frieza e escuridão da noite.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<b>Damas na Beira-Mar</b> 	<p>Que tiro foi esse? Durante a madrugada a população não tinha explicações para os tiros escutados e nem suspeitava que uma revolta tinha sido deflagrada na Marinha.</p> <p>Porém, pela manhã uma multidão curiosíssima vai para as praias, morros e avenidas à beira-mar para assuntar, acompanhar os acontecimentos de perto e acaba por ver os navios revoltosos na baía de Guanabara. O figurino da ala traz nas saias das damas uma representação da vista da região do cais da praça quinze de novembro, no centro do Rio de Janeiro, um dos lugares que a população mais procurou para avistar as embarcações.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
18	<b>Esquadra Encouraçada</b> 	<p>Como a ideia inicial era mais de assustar as autoridades, o comportamento dos navios era mais de presença do que guerra, outros tiros de canhões foram disparados sobre o Rio de Janeiro. O movimento dos encouraçados era feito com maestria. Sempre com correta disposição e precisão na evolução, guardando distancias regulares e mantendo a marcha rigorosa entre eles. Uma exibição de habilidade e poder sob o sol da manhã carioca na baía de Guanabara.</p> <p style="text-align: right;"><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<b>Esquadra Encouraçada</b> 	<p>O conceito de uma máquina de guerra norteia a concepção visual da fantasia da ala, onde os marinheiros e os próprios navios são amalgamados com referências de armaduras e tanques.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
19	<b>Armada pela liberdade</b> 	<p>Inspirada em uma fotografia de Augusto Malta, publicada na revista ilustrada Careta, que mostra um grupo de marujos rebeldes no encouraçado São Paulo, maltrapilhos, exibindo panelas, leiteira e pratos vazios e exibindo um cartaz com dizeres “viva a liberdade” (viva a liberdade) escritos de forma rústica e que denotava evidente carência de escolaridade. A fantasia traz no resplendor uma réplica das duas páginas do manifesto dos marinheiros – este bem redigido, com boa caligrafia e atribuído ao marujo Adalberto Ferreira Ribas – enviado para o presidente da República recém- empossado, Marechal Hermes da Fonseca, no qual reivindicavam melhores condições de tratamento e a abolição da chibata e dos castigos físicos em forma geral.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>Extra! Extra!</b></p> 	<p>Nas primeiras horas da manhã os principais jornais já estamparam as manchetes sobre a revolta dos marinheiros e o assunto caiu na boca do povo. Os jornalheiros anunciavam as notícias sobre o extraordinário levante na Marinha e seus protagonistas. O sensacionalismo de alguns alarmou a cidade e parte da população, temendo até um possível bombardeio, fugiu para onde pôde. O adereço de mão da fantasia traz uma reprodução de página de jornal da época com chamadas sobre a revolta e o figurino faz alusão aos jovens jornalheiros que vendiam os jornais de forma ambulante pelas ruas do Rio de Janeiro do início do século vinte.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
*	<p><b>Alvorecer nas águas da baía</b></p> 	<p>As fantasias das musas representam o amanhecer de um momento extraordinário na história da cidade do Rio de Janeiro e do país.</p>	Musa 04 e 05 (2024)	Maria Eduarda e Escarlet Cristina

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p><b>Marechal Mascarado</b></p> 	<p>Surpreendido com os tiros de canhão em uma noite em que comemorava sua posse e com a cidade cheia de autoridades e líderes importantes, o então novo presidente da república brasileira, o marechal Hermes da Fonseca, estava enfurecido com tamanha insolência dos marinheiros. Comentava-se que até já havia determinado o bombardeio aos navios rebelados. Diante da impossibilidade de agir com violência contra os revoltosos, como homem “da guerra” que era, fingiu aceitar o recuo usando de estratégia ardilosa. Mascarou suas verdadeiras intenções, de punição, com a aparente aceitação de um acordo de anistia. A fantasia da ala retrata o então presidente marechal com sua faixa presidencial como um mascarado endiabrado, pois boa intenção não tinha.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>Disfarce Traíçoeiro</b></p> 	<p>Com o Governo impotente para enfrentar os amotinados, foi aprovado, às pressas, no Senado e na Câmara, um projeto de anistia aos revoltosos. Confiantes na palavra do Governo, que decidira acabar, terminantemente, com o castigo de chibatadas nos navios, os marinheiros deixaram... as embarcações e se apresentaram às autoridades em terra. Os jornais da época divulgaram amplamente a “anistia” concedida para satisfazer o interesse do povo pela questão. A fantasia traz uma reprodução de primeira página de jornal onde manchetes anunciam a anistia aos rebelados. O adereço de mão lembra os clarins utilizados para chamar a atenção do público para anúncios e comunicados importantes. Há uma inspiração nos trajes de farsas teatrais e se utiliza da figura do escorpião que, para o imaginário popular, carrega a reputação um animal traíçoeiro. A tão comemorada anistia seria uma armadilha, uma farsa.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>Corvídeo Golpista</b></p> 	<p>Nem dois dias a anistia durou. Rumores de um golpe contra os marujos que participaram da revolta começaram a circular. Em virtude de um clima de tensão na Marinha com a publicação do decreto presidencial revogando a anistia, o governo tramou um estado de sítio. Logo os marujos relacionados a revolta, anteriormente anistiados pelo palácio do Catete, começam a ser presos acusados de conspiração. A força policial destacada para iniciar a apreensão dos marinheiros é retratada na fantasia da ala em tons sóbrios e aliada aos carniceiros corvídeos, como corvos que são popularmente associados ao mal presságio.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
24	<p><b>'Amnistia' Fantasma</b></p> 	<p>Vários marinheiros foram retirados de suas casas em plena madrugada e lotaram as celas da sede dos Fuzileiros Navais, na Ilha das Cobras. A fantasia faz uma alusão ao uniforme listrado que está fixado no entendimento popular como um signo para prisioneiro, como também correntes e tranças também carregam significados de aprisionamento. No peito, uma representação das pedras das celas da prisão. Uma figura macabra envolve o folião completando a composição da fantasia com uma faixa desgastada por tantos conflitos</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p><b>‘Amnistia’ Fantasma</b></p>  <p>Cartão de fantasia com o título 'AMNISTIA FANTASMA' e o número 'ALA 24'. A ilustração mostra uma figura com cabelo vermelho longo, máscara branca com olhos vermelhos, e um corpo com listras pretas e brancas. Ela está segurando uma arma e tem uma coroa de espinhos dourados.</p>	<p>onde se lê a palavra “amnistia” – com a grafia da época – com uma interrogação, para o que, outrora, era uma certeza. Os marinheiros foram traídos e levados à intenção da morte.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
25	<p><b>Ilha das cobras</b></p>  <p>Cartão de fantasia com o título 'ILHA DAS COBRAS' e o número 'MUSA 06'. A ilustração mostra uma figura com uma coroa de penas azuis vibrantes e um corpo dourado com detalhes em azul.</p>	<p>A fantasia faz referência ao nome da ilha sede dos Fuzileiros Navais, a Ilha das Cobras, para onde João Cândido e seus companheiros foram levados presos.</p>	Musa 06	Mari Mola

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p><b>Justiça</b></p> 	<p>João Cândido e seus companheiros sobreviventes foram julgados no Conselho de Guerra por três advogados ilustres na época (Evaristo de Moraes, Caio Monteiro de Barros e Jerônimo de Carvalho) contratados pela Irmandade da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, uma irmandade importantíssima na luta pela abolição da escravatura, fundada por escravos alforriados e que abrigava e protegia cativos na época da escravidão. Os advogados só aceitaram a missão com a condição de não serem pagos para servir a causa. A fantasia traz signos que representam a justiça como a espada e a balança.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
26	<p><b>Liberdade no Coração</b></p> 	<p>Apesar de absolvido das acusações, João Cândido foi expulso da Marinha. Contam que pela primeira vez, desde o início da revolta, João chora tomado pela emoção. Após o julgamento, porém, não conseguiu se estabilizar em nenhum emprego na sua área de atuação, habilidoso e altamente capacitado que era, pois foi perseguido para que não pudesse mais exercer suas atividades. Até conseguiu trabalho em barcos particulares, como timoneiro e carregador, entre outros, mas em</p> <p><b>(Continua)</b></p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>Liberdade no Coração</b></p> 	<p>todos esses empregos foi demitido por pressão de oficiais da Marinha sobre os patrões. Mais um novo tipo de aprisionamento. Mas o espírito de liberdade estava, e sempre esteve, em seu coração. Mesmo sofrendo com a intensa tentativa de apagamento, João tinha a alma livre. Era um herói.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
27	<p><b>“Seio do mar” de Iemanjá</b></p> 	<p>Sofrido pela história, com o corpo maltratado pela luta, João Cândido é acolhido por pelas águas maternas de Iemanjá e volta para o mar. O mar da baía de Guanabara, o seio do mar. O azul do mar borda a saia da fantasia em seu formato arredondado, lembrando a ancestralidade das travessias da calunga grande (o próprio mar), ponto de força e de domínio da Senhora das Águas Grandes, nossa mãe Iemanjá. Flores brancas adornam a composição para saudar e presentear a rainha do mar.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p><b>O mar é meu amigo</b></p> 	<p>O nome Guanabara vem do tupi-guarani e significa “o seio de onde brota o mar”fazendo referência a seu formato arredondado e à fartura de peixes e animais marinhos que eram encontrados na região. João Cândido costumava dizer que o mar era seu amigo. Que nunca o havia desamparado. E assim seria. A ala traz quatro combinações diferentes de cores para salientar a diversidade marinha, envolvidos pelo azuis do mar da baía de Guanabara.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia
29	<p><b>Glória aos humildes pescadores</b></p> 	<p>O almirante negro penou até conseguir adquirir uma modesta embarcação para pescar no centro do Rio e vender peixes no mercado do cais Pharoux (Praça XV de novembro), na baía de Guanabara. O mar era, verdadeiramente, seu amigo e nunca deixou seus cestos vazios. João Cândido viveu por quatro décadas como pescador artesanal, na mesma condição de milhões de trabalhadores pobres: lutando com dificuldade e criatividade para ganhar o sustento, sentindo na carne a “chibata” da negação dos direitos humanos básicos.</p>	Comunidade (2024)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Jack Vasconcelos

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Mar em festa</b></p> 	<p>O mar festeja a homenagem ao seu amigo, João Cândido.</p>	<p>Musa 07</p>	<p>Ana Clara Barcelos</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Lane Santana e André Gonçalves	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Flávia Jacob.	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Lane Santana
<b>Adrecista Chefe de Equipe</b> Lane Santana e Fernando Kieer	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Alexandre Araújo
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
<b>Jack Vasconcelos</b>	- Criador do Projeto Plástico de Fantasia
<b>Lane Santana</b>	- Desenhos e Figurinos
<b>Joaquim Sotero</b>	- Assistente de Carnavalesco
<b>Flavia Jacob</b> <b>Anderson Bona</b> <b>Fernando</b> <b>Leo Cata Preta</b>	- Ateliê de Fantasia
<b>Felipe</b> <b>Denis</b> <b>Dudu</b> <b>Aryadne</b> <b>Anderson</b> <b>Claudia</b> <b>Elbert Santos</b>	
<b>Paulo do Arame</b>	- Ferreiro Fantasia
<b>Vitor do Vime</b>	- Vime
<b>Lucia Luiza</b>	- Almojarifado
<b>Jorge Gomes</b>	- Espuma
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	
As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Autor(es) do Samba Enredo:** Claudio Russo, Moacyr Luz, Gustavo Clarão, Júlio Alves, Alessandro Falcão, Pier Ubertini e W. Correia

**Presidente da Ala dos Compositores**

Aníbal Marenga

<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
80 (oitenta)	Moacyr Luz (65 anos)	Gabriel Russo (27 anos)

**Outras informações julgadas necessárias**

**Liberdade no coração**  
**O dragão de João e Aldir**  
**A Cidade em louvação**  
**Desce o Morro do Tuiuti**

**Nas águas da Guanabara**  
**Ainda o azul de Araras**  
**Nascia um herói libertador**  
**O mar com as ondas de prata**  
**Escondia no escuro a chibata**  
**Desde o tempo do cruel contratador**  
**Eram navios de guerra, sem paz**  
**As costas marcadas por tantas marés**  
**O vento soprou à negrura**  
**Castigo e tortura no porão e no convés**

**Ôôô, a Casa Grande não sustenta temporais**  
**Ôôô, veio dos Pampas pra salvar Minas Gerais**

**Lerê, lerê**  
**Mais um preto lutando pelo irmão**  
**Lerê lerê**  
**E dizer nunca mais escravidão**

**Meu nego, a esquadra foi rendida**  
**E toda gente comovida**

**Vem ao porto em saudação  
Ah! Nego, a anistia fez o flerte  
Mas o Palácio do Catete  
Preferiu a traição**

**O luto dos tumbeiros  
A dor de antigas naus  
Um novo cativeiro  
Mais uma pá de cal  
Glória aos humildes pescadores  
Yemanjá com suas flores  
E o cais da luta ancestral**

**Salve o Almirante Negro  
Que faz de um samba enredo  
Imortal!**

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessária:**

**Defesa do Samba:**

O samba enredo do Paraíso do Tuiuti para o carnaval de 2024 rememora a luta histórica e a vida difícil e gloriosa de João Cândido Felisberto, gaúcho dos Pampas, militar brasileiro e herói nacional. A letra do samba busca, de forma poética, salientar os momentos que construíram tão importante caminhada e, acima de tudo, através da linguagem popular levar João Cândido ao lugar de destaque que merece quem lutou, sofreu e jamais se entregou em prol de seus ideais, sobretudo o fim dos castigos físicos na Marinha do Brasil.

A obra criada por Claudio Russo, Moacyr Luz, Gustavo Clarão, Júlio Alves, Alessandro Falcão, Pier Ubertini e W. Correia embala o desfile da azul e amarelo de São Cristóvão com os acontecimentos visuais propostos pelo carnavalesco Jack Vasconcelos sobre o heroico Almirante Negro, João Cândido para a Paraíso do Tuiuti 2024.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Destrinchando o Samba:**

NAS ÁGUAS DA GUANABARA

AINDA O AZUL DE ARARAS

NASCIA UM HERÓI LIBERTADOR

O MAR COM AS ONDAS DE PRATA

ESCONDIA NO ESCURO A CHIBATA

DESDE O TEMPO DO CRUEL CONTRATADOR

Um samba feito pra cantar com a voz do coração, que carrega um acentuado caráter emocional e se derrama na Baía de Guanabara, palco da Revolta da Chibata - 1910, para navegar pelas águas ainda no tom do mais bonito azul e que testemunharam o nascimento de um herói, estas águas por muito tempo escutaram o chicote e a chibata estalarem sem perdão no tempo de um Brasil escravocrata, terra de senhores, traficantes e contratadores.

ERAM NAVIOS DE GUERRA SEM PAZ

AS COSTAS MARCADAS POR TANTAS MARÉS

O VENTO SOPROU À NEGRURA

CASTIGO E TORTURA

NO PORÃO E NO CONVÉS

O Brasil nesta época tinha uma das maiores marinhas do mundo e mesmo assim continuava com a prática cruel de “castigo e tortura no porão e no convés (...)” Sim, meus senhores, a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, marcada por ser no último país escravocrata do mundo, tinha sido proclamada há 22 anos e a Marinha ignorava a lei em seus navios de guerra, onde os marinheiros com as costas marcadas não tinham um dia se quer de paz.

Ô Ô Ô Ô A “CASA GRANDE” NÃO SUSTENTA TEMPORAIS

Ô Ô Ô Ô VEIO DOS PAMPAS PRA SALVAR MINAS GERAIS

LERÊ LERÊ MAIS UM PRETO LUTANDO PELO IRMÃO

LERÊ LERÊ E DIZER NUNCA MAIS ESCRAVIDÃO

No dia 22 de novembro eclode a revolta no encouraçado Minas Gerais, e logo após se espalha por outros navios. O Brasil dos privilégios e das heranças da Casa Grande não sustenta a força e a luta dos marinheiros liderados por aquele que veio ao Rio de Janeiro e se lançou de corpo e alma na dor de sua gente, um preto e pobre por pretos e pobres, “pra salvar Minas Gerais (...)”.

MEU NEGO

A ESQUADRA FOI RENDIDA

E TODA GENTE COMOVIDA

VEIO AO PORTO EM SAUDAÇÃO

AH! NEGO

A ANISTIA FEZ O FLERTE

E O PALÁCIO DO CATETE

PREFERIU A TRAIÇÃO

A letra do samba, neste momento, adquire a forma de um breve diálogo, admiração e intimidade daquele que canta para o “Negro” cantado com louvor. Lembra que a cidade ficou em polvorosa e comovida; lembra também que depois de prometer o fim dos castigos físicos e a anistia aos líderes da revolta, ao término do movimento, o governo brasileiro, sediado no Palácio do Catete, voltou atrás e preferiu a traição a sua palavra!

O LUTO DOS TUMBEIROS, A DOR DE ANTIGAS NAUS

UM NOVO CATIVEIRO, MAIS UMA PÁ DE CAL

A resposta do governo chega com toda frieza e crueldade características das repressões já acontecidas nestas águas, era a volta do cativo Marinha do Brasil, “um grande navio negreiro que

negava a abolição”. Revive-se a tortura e a morte. Alguns são exilados no Acre com trabalhos forçados, outros são fuzilados, presos e torturados na Ilha das Cobras, os líderes, vão morrendo por asfixia decorrente da cal jogada nas celas, dos 18 presos nesta situação somente dois sobreviveram, um deles: João Candido!

GLÓRIA!

AOS HUMILDES PESCADORES

YEMANJÁ COM SUAS FLORES

E O CAIS DA LUTA ANCESTRAL

SALVE O ALMIRANTE NEGRO

QUE FAZ DE UM SAMBA ENREDO

IMORTAL!

João, herói da gente, da pátria e da nossa pauta, resiste, sobrevive e se mantém forte. Expulso da Marinha torna se pescador, ele nunca abandonaria o mar de Yemanjá e o cais que viu seus antepassados chegarem presos aos ferros. João, hoje está inscrito no livro de heróis e heroínas da pátria, não obstante a Marinha do Brasil se recusar silenciosamente a aceitar a anistia e a sua luta. Este é um dos grandes capítulos escritos com sangue, suor e glória em nossa história de imensas desigualdades. João é monumento, Canção emblemática de outro João, o Bosco com Aldir Blanc e a voz de nosso samba de enredo. João é imortal!

LIBERDADE NO CORAÇÃO

O DRAGÃO DE JOÃO E ALDIR

À CIDADE EM LOUVAÇÃO

DESCE O MORRO DO TUIUTI

Que a liberdade seja o motivo maior de cada coração; Que o Dragão e o Mestre Sala dos mares, dos grandes compositores, continuem costeando estas marés. Porque rumo á cidade em louvação, o Morro do Tuiuti desce pra cantar a um dos maiores homens que este país conheceu: João Candido Felisberto! Salve o Almirante Negro!!!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre os Compositores:**

**Claudio Russo:** Consagrado compositor carioca e ganhador de diversos prêmios, como os Estandartes de Ouro de Melhor Samba-Enredo, nos anos de 2007, 2015 e 2017, é integrante da ala de compositores do Paraíso do Tuiuti desde 2015. Em 2016, compôs o samba-enredo que ajudou a Escola a subir para o Grupo Especial e, em 2018, compôs o marcante samba que conduziu o Tuiuti à conquista do vice-campeonato do Grupo Especial. O samba enredo de 2023 da Paraíso do Tuiuti recebeu o Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

**Moacyr Luz:** Mestre do samba carioca, possui 13 CDs gravados, trazendo em cada trabalho importantes referências à música brasileira. Com mais de 100 composições gravadas por diferentes intérpretes da MPB, Moacyr ganhou vários prêmios no Carnaval carioca, como o Estandarte de Ouro de Melhor Samba-Enredo de 2015, além de ser co-autor do antológico samba do Paraíso do Tuiuti no ano de 2018. O samba enredo de 2023 da Paraíso do Tuiuti recebeu o Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

**Gustavo Clarão:** Um dos mais celebrados compositores do samba nacional, tendo mais de 20 anos de atuação no Carnaval carioca. Clarão, como é carinhosamente chamado, detém importantes premiações, como o Estandarte de Ouro, e títulos. Foi um dos autores do samba do Paraíso do Tuiuti em 2023 que recebeu o Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

**Júlio Alves:** Compositor carioca com várias vitórias no Carnaval. Possui músicas gravadas por Alcione, além de ser um dos autores do samba do Paraíso do Tuiuti em 2020 e 2023, que recebeu o Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

**Alessandro Falcão:** É, acima de tudo, um torcedor fervoroso da agremiação e morador do bairro imperial de São Cristóvão. Composto no Paraíso do Tuiuti desde 1999, teve sua primeira vitória em 2020. O samba enredo de 2023 da Paraíso do Tuiuti recebeu o Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

**Pier Ubertini:** Do amor ao samba faz seu trabalho diário há 28 anos, trabalhando com artistas consagrados como: grupo Raça Negra, Fundo de Quintal e Mumuzinho. Desfilando no Tuiuti desde 2016, é um dos compositores do samba de 2022 e 2023 do Paraíso.

**W. Correia:** Mais um apaixonado pelo samba e por compor, Correia possui algumas vitórias além de ser um dos autores do samba de 2016 do Paraíso do Tuiuti. O samba enredo de 2023 da Paraíso do Tuiuti recebeu o Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestre Marcão

**Outros Diretores de Bateria**

Marquinhos Jr., Jota, Yan Machado, Guilherme (Sapão), Celso Frazão, Claudinho Tuiuti, Jeferson, George, Yan Santos, Washington Paz, Felipe D’Lelis, Kauã (auxiliar do mestre) e Marfim (auxiliar diretoria)

**Total de Componentes da Bateria**

250 (duzentos e cinquenta) componentes.

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	13		
<b>Caixa</b> 110	<b>Tarol</b>	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b>	<b>Repinique</b> 33
<b>Prato</b>	<b>Agogô</b>	<b>Cuica</b> 24	<b>Pandeiro</b>	<b>Chocalho</b> 20

**Outras informações julgadas necessárias**

**Bateria**

**Nome da Fantasia:**

**O que representa:**

**Rainha de Bateria: Mayara Lima**

**Nome da Fantasia:**

**O que representa:**

**Mestre Marcão:** Marco Antônio da Silva é um dos mais respeitados mestres de bateria do Carnaval. Ele tem passagem pelas escolas de samba Império da Tijuca, Salgueiro, Cova da Onça (Escola de Uruguaiana), Camisa Verde e Branco e Império da Casa Verde (com Mestre Zoinho, SP). No comando da bateria do Salgueiro, onde ficou por 15 anos consecutivos, acumulou diversos prêmios da categoria, como dois Estandartes de Ouro e Tamborim de Ouro, assim como notas máximas dos jurados. Marcão atua na direção de bateria da escola de samba Cova da Onça, na cidade de Uruguaiana (RS), e na agremiação Imperadores do Samba, em Porto Alegre.

Em 2022, Marcão fez a estreia como Mestre de Bateria do Paraíso do Tuiuti e levou nove prêmios para casa, como Estrelas do Carnaval, SRZD, Troféu Bateria e em 2023 foi Estandarte de Ouro do jornal O Globo.

Para o Carnaval 2024, o Mestre Marcão e a “SuperSom” é conhecida a bateria da azul e amarelo de São Cristóvão. Temos bossas acopladas, passando por momentos no qual emitimos uma sonoridade que remete a chibatadas, a parte triste que ocorria nos porões e convés, passando pela ancestralidade com batuques que correspondem ao que é cultuado pela nossa raça, e dança em festa, sendo usado sonoramente com o jongo; Fazemos uma saudação com uma alusão a um toque militar com execução de alguns naipes, quando é bem expressivo na letra do samba a parte do João Cândido o nosso grande herói;

Como tudo isso foi visto como um ato heroico, a emoção foi tomada pelo povo, a liberdade é aclamada e quando fala em emoção, mostramos o sentimento através das batidas do coração sonoricamente e em forma de coreografia e Finalizamos com a batucada envolvente, porque é a nossa Escola e o Morro do Tuiuti descendo para contar esse grande ato de heroísmo de homem negro que não se acovardou para os abusos sofridos pela sua raça.

O morro desce em festa com o super ritmo da Super Som para lutar pelo título do Carnaval 2024.

**Mayara Lima:** Um verdadeiro fenômeno. A descrição para a Rainha de bateria do Paraíso do Tuiuti não poderia ser resumida de maneira diferente. Mayara Lima, de 26 anos, começou aos 10 anos no Aprendizes do Salgueiro. Em 2011, virou passista da vermelho e branco e, no mesmo ano, começou a desfilar no Tuiuti. Na agremiação de São Cristóvão, passou pela ala de passistas, virou Musa, Princesa da bateria, e agora é a Rainha de bateria da SuperSom e referência para meninas das comunidades. Foi coreógrafa da escolha da Corte Carnavalesca para o carnaval de 2024.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Luiz Carlos Amâncio e Jeferson Carlos

**Outros Diretores de Harmonia**

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

60 (sessenta) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Pixulé (intérprete oficial)

Auxiliares: Hudson Luiz, Leonardo Bessa, Dodo, Gabriel Sales, Júlia Alan, Luanna Mahara, Roger Linhares,, Rafael Santos, Vandinho e Bel Barbosa

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

**Direção Musical:** André Felix / Cavaco: Tico do Cavaco e André Felix / Violão: Kayo Calado

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre os Diretores de Harmonia:**

**Luiz Carlos Amâncio:** Iniciou como Diretor de Harmonia, em 1998, na Imperatriz Leopoldinense. Foi Diretor de Carnaval e Harmonia das escolas de samba Boi da Ilha do Governador (2003 a 2005), Império da Tijuca (2007 a 2014), Renascer de Jacarepaguá (2008 a 2010), Acadêmicos do Cubango (2011 a 2013) e Inocentes de Belford Roxo (2018 e 2019). Luiz Carlos Amâncio também foi Diretor Geral de Harmonia do Paraíso do Tuiuti em 2015, 2016 e 2017, retornando ao cargo nos anos de 2021 e 2022.

**Jeferson Carlos:** Tem atuação como músico e ocupou o cargo de Diretor de Harmonia e Carnaval em diversas escolas tradicionais do Carnaval do RJ, SP, PA: Mangueira (1993-2013), Mocidade Alegre – SP (2012-2013), Salgueiro (2014-2016), Curicica (2014 e 2016), Caprichosos de Pilares (2015), Tamandaré – SP (2014-2020), Restinga – PA (2017), Grande Rio (2017), Viradouro (2018), U. Bangu (2019), Paraíso do Tuiuti (2019), Unidos de Padre Miguel (2020- 2022). retornando para a escola em 2023.

**Sobre o intérprete:**

**Pixulé:**

Roosevelt Martins Gomes da Cunha, conhecido como Pixulé, iniciou no mundo do samba muito cedo, sendo componente da bateria da Leão de Nova Iguaçu. Começou a cantar na GRES Arrastão de Cascadura, depois passou pela GRES Inocentes de Belford Roxo como intérprete principal em 2000. Passou por várias agremiações como apoio de carro de som, tais como GRES Portela, GRES São Clemente e GRES Unidos da Tijuca. Foi o intérprete oficial do GRESE Império da Tijuca de 2009 a 2015. Nos anos seguintes teve passagem pelo GRES Império Serrano, GRES Unidos de Padre Miguel e GRES Unidos de Bangu. Desde 2018 é intérprete da Barroca da Zona Sul em São Paulo.

Vencedor dos prêmios Sambanet de melhor intérprete no Grupo A (2001 pela Leão de Nova Iguaçu e 2010 e 2013 pela Império da Tijuca), Sambario de melhor intérprete do Grupo A (2009) e Estrela do Carnaval de intérprete da Série A (2010, 2011 e 2013) e Especial (2014). e para 204 irá defender a GRES Paraíso do Tuiuti na Marquês de Sapucaí.

**Sobre o Diretor Musical:**

**André Felix:** Músico, produtor musical, técnico de áudio e diretor musical. André Felix iniciou a carreira no samba em 1990, produzindo grupos de pagode na Zona Oeste do Rio e na Acadêmicos de Santa Cruz como cavaquinista. Desde então, nunca mais parou. O músico tem passagens por agremiações como Porto da Pedra, Cubango, Estácio de Sá, Viradouro, Águia de Ouro (SP), VaiVai (SP), entre outras. Por dois anos consecutivos foi responsável pela produção do CD das escolas de samba do Amapá. Atualmente, é o diretor musical do carro de som do Paraíso do Tuiuti para este Carnaval de 2023.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

André Gonçalves, Jeferson Carlos e Luiz Carlos Amâncio

**Outros Diretores de Evolução**

Todos os diretores de Harmonia + coreógrafos das alas

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

70 (setenta) componentes

**Principais Passistas Femininos**

Thayane Oliveira e Tais Luíza

**Principais Passistas Masculinos**

Mauro César

**Outras informações julgadas necessárias**

**Do trabalho de Evolução:**

Os componentes do Tuiuti são reconhecidos pela alegria, garra e espontaneidade no ato de desfilar. A direção defende, portanto, que eles tenham uma evolução livre e espontânea dentro das alas, dando liberdade de se divertirem. Algumas alas trarão movimentos coreografados, com o objetivo de abrilhantar e contextualizar a leitura visual do desfile.

**Nome da Fantasia da Ala de Passistas:** Águas da Baía encarnada

**Responsáveis pela Ala de Passistas:**

**Alex Coutinho:** Desfila no Tuiuti desde 2002, sendo convidado para ser o responsável da Ala de Passistas no Carnaval de 2008. É o responsável pelo desenvolvimento do elenco feminino da ala. Fundou o projeto “Samba no Pé aos Passos do Paraíso”, que consiste em formar futuros passistas a desenvolver o dom de sambar e defender essa nobre arte. O diretor é, atualmente, uma referência em matéria de samba, sendo convidado a ministrar workshops em diversas cidades do país e do exterior, tais como: São Paulo, Manaus, Buenos Aires, Moscou e Londres.

**Jorge Amarelloh:** Responsável por recrutar e formar o elenco masculino da ala, Jorge chegou ao Paraíso do Tuiuti em 2010. Desde então, acumulou prêmios. Para o diretor, o passista não pode perder a essência do “malandro sambista” tão cultivada no imaginário popular.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Renato Marins, o “Renatinho”		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> André Gonçalves, Júlio César Garcia e Lane Santana		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> Bruno Valle (Diretor Executivo Geral)		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b>		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>	<b>Quantidade de Meninas</b>	<b>Quantidade de Meninos</b>
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Alexandre Federici		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Lecy Vicente Pereira (78 anos)	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Jaqueline de Jesus Duarte (36 anos)
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Maria Vitória		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 24 (vinte e quatro)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Ivone dos Santos (93 anos)	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Regina Santos (61 anos)
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Aleh Silva ,Alberto Cândido, seu Candinho, único filho vivo de João Cândido, o jornalista e apresentador Ernesto Xavier, filhas do compositor Aldir Blanc e o compositor e cantor João Bosco e Cia Cerne.		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b>Sobre a Direção Geral de Carnaval:</b>		
<b>Diretor Geral de Carnaval: André Gonçalves</b>		
<p>Iniciou a trajetória no Carnaval carioca, no ano de 2000, integrando o carro de som do G.R.E.S. Tradição. Em 2011, assumiu a importante função de Diretor Financeiro do G.R.E.S. Império Serrano, adquirindo vasta experiência na área artística, operacional e gerencial dos desfiles das escolas de samba. No G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, iniciou a trajetória no ano de 2015. Em 2016, contribuiu significativamente para a conquista do sonhado acesso ao Carnaval do Grupo Especial. Em 2018, atuou como Diretor de Carnaval, ajudando a comunidade de São Cristóvão a conquistar o vice-campeonato do Grupo Especial, em um desfile histórico. A agremiação saiu da Avenida aclamada pelos amantes do Carnaval, rendendo o título de “Campeã do Povo”. No Carnaval de 2020, André Gonçalves exerceu a importante função de Diretor de Operações, sendo responsável pela montagem da logística do barracão, criação de metas e gerenciamento dos prazos. Desde 2021, voltou a atuar como Diretor de Carnaval da agremiação. Nos ensaios de rua, busca sempre aprimorar o canto da comunidade e zela pela organização e evolução das alas.</p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Diretor Geral de Carnaval: Lane Santana**

Formado em Marketing pela Universidade Estácio de Sá. Tem técnico em desenho de estrutura e edificação, curso livre de cenografia, e especialização em artes plásticas (Uniasselvi). No Carnaval, integrou a equipe de criação do renomado carnavalesco Joãozinho Trinta nos anos de atuação dele na Unidos do Viradouro, inclusive, no ano do primeiro campeonato da agremiação em 1997. Lane ainda atuou como carnavalesco em diversas escolas de samba no eixo Rio-São Paulo tanto nos grupos de Acesso como Especial, com boas colocações em agremiações como São Clemente (2002), Unidos da Tijuca (2007), e Portela (2009). desde 2023, integra a comissão de carnaval do Paraíso do Tuiuti.

**Diretor Geral de Carnaval: Júlio César Garcia**

Morador da comunidade do Tuiuti, em São Cristóvão, Júlio César Garcia começou a desfilar na agremiação em 2008, em alas da comunidade. Em 2011, passou a integrar a bateria da escola. A partir de 2012, passou a integrar a equipe de barracão, chegando a ocupar o cargo de diretor de barracão. Em 2022, assumiu a Direção de Carnaval da Unidos de São Cristóvão. Atualmente, também integra a Direção Geral de Carnaval do Tuiuti.

**Aleh Silva** - Ator, dançarino e artista circense, natural de São João do Miriti, estará no elenco da próxima novela das 19h da Rede Globo, “Família é tudo”(2024).

**Alberto Cândido, seu Candinho:** Único filho vivo de João Cândido, o Almirante Negro, nosso grande homenageado. Seu Candinho luta pela guarda da memória e reconhecimento do herói que foi seu pai.

**João Bosco:** Cantor, compositor e violonista, compositor da música “Mestre-Sala dos Mares” (1974), composta no período da ditadura militar, é uma homenagem a João Candido (1880-1969), marinheiro negro, líder da revolta da Chibata em 1910 que foi censurada em seu lançamento.

Aldir Blanc (In memoriam) : Foi um Letrista, poeta e escritor., compôs com João Bosco a música “Mestre-Sala dos Mares” (1974). estará representado por sua família em nosso desfile de 2024.

**Ernesto Xavier:** Jornalista, escritor e neto da grande atriz Chica Xavier. Como autor, escreveu as obras “DR” e “Senti Na Pele”, foi roteirista e produtor do Curta-documentário “Histórias de Pescador” (2005), sobre a degradação da Baía de Sepetiba, no Rio de Janeiro. Será um dos “João Cândido” do desfile de 2024.

**Cia Cerne:** Grupo de Teatro fundado em 2013 na cidade de São João do Meriti, cidade que acolheu nosso homenageado até sua morte. O grupo trabalha com temáticas sócio política, fazendo em 2019 seu espetáculo Turmalina 18-50, no Cinquentenário da Morte de João Cândido, refazendo os caminhos percorridos pelo “Almirante Negro” e o combate o apagamento de sua memória.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Claudia Mota e Edifranc Alves

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Claudia Mota e Edifranc Alves

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	7 (sete)	8 (oito)

**Outras informações julgadas necessárias**

**Nome da Comissão de Frente: Heróis do mar, heróis brasileiros, herói da pátria.**

*Gente do mar. A pesca artesanal é uma atividade milenar, que contém elementos culturais profundos, tradicionalmente passada por gerações. Através dos costumes familiares e comunitários, os mais experientes, aqueles que detém os conhecimentos empíricos como horário das marés, posição dos ventos e dos locais ideais para uma boa pescaria, transmitem seus conhecimentos para os mais jovens. Assim, o presente sempre vai aprendendo com o passado.*

*Nesse conceito, um grupo de pescadores e suas redes poéticas nos traz do mar do passado um “tesouro” da nossa história. O dourado do sol do Rio de Janeiro tinge os humildes trabalhadores dando-lhes um tratamento de nobreza que, de fato, merecem. A ancestralidade da dedicação à vida no mar é força que não se vence. Heróis do nosso povo que enfrentaram as intempéries, foram castigados e marcados pela violência imposta aos mais pobres. E João Cândido Felisbert veio do povo, lutou pelo povo e foi aclamado pelo povo. O Almirante Negro é elevado ao patamar de grande herói e aclamado o maior herói da pátria.*

*Viva o Almirante negro João Cândido! Viva o herói do povo brasileiro!*

*A memória é presença!*

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Nome do Elemento Cênico:**

**Criação do Elemento Cênico:** Jack Vasconcelos, Claudia Mota e Edifranc Alves

**Equipe Parintins:** Zeli e Argeo

**Sobre os coreógrafos:**

**Claudia Mota:**

É PRIMEIRA BAILARINA DO TMRJ E REPRESENTANTE ARTÍSTICA YAGP INTERNACIONAL

Primeira Bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretando todos os primeiros papéis do repertório clássico e contemporâneo da Companhia, com sucesso de público e crítica, Cláudia é Formada pela Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, Escola oficial do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Tendo outras vivências:

- Diplomada pelo grande Maître cubano, Fernando Alonso, em Excelência da Técnica Cubana, recebendo um contrato para sua Companhia, o Ballet de Camagüey, Cuba.
- Prêmio de Melhor Bailarina da América Latina, eleita pelo Conselho Latino-americano de Dança, pela versatilidade técnica e grande potencial artístico.
- Diplomada Embaixadora do Turismo da Cidade do Rio de Janeiro.
- Representa o Brasil em Galas e Companhias Internacionais na América do Sul, América Latina, Estados Unidos, Canadá e master classes na Europa.
- Ministra Master Classes e workshops por todo o Brasil e em países como:
  - Argentina - Buenos Aires Ballet;
  - Portugal - Conservatório Nacional de Dança e Annarella Escola de Ballet;
  - Uruguay - Ballet Nacional Sodre;
  - Alemanha - Dortmund Ballet
  - USA - YAGP finals.

Em abril deste 2023, a convite dos Fundadores do Youth American Grand Prix, Larissa Saveliev e Gennadi Saveliev, dançou a grande obra “Le Parc”, de Angelin Prejocaj, na Gala dos 25 anos do YAGP, no Lincoln Center, em NY, ao lado de algumas das maiores estrelas mundiais da dança, na atualidade. Claudia hoje é Bailarina Exclusiva Só Dança e representada pela agência internacional StageField Management.

No carnaval, atua desde 2005 no grupo especial, como assistente de coreografia nas escolas, Tradição, Unidos da Tijuca, Unidos do Viradouro, estreando como coreógrafa em 2012 no grupo especial, na São Clemente, passando posteriormente para série ouro na Estácio de Sá e, posteriormente, no Império Serrano, em ambas recebendo a nota máxima e todos os prêmios da série ouro.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

Devido ao grande sucesso e visibilidade, recebeu o convite do Sr Luiz Pacheco Drumond para coreografar a comissão da Imperatriz Leopoldinense, onde permaneceu por dois anos consecutivos. Após sua passagem pela Imperatriz, trabalhou na Paraíso do Tuiuti, Mangueira e este ano, retorna ao Paraíso do Tuiuti.

Seu trabalho como coreógrafa de primeiro casal, veio através do convite de Leandro Jaider, para a Grande Rio, em 2015, passando assim a se estabelecer também neste quesito, desde então.

**Edifranc Alves:**

É PRIMEIRO SOLISTA DO BALLETO DO THEATRO MUNICIPAL DO RJ, Edifranc é natural da Bahia, possui Curso Superior em Dança pela Universidade Federal da Bahia e UniverCidade do Rio de Janeiro.

Começou seus estudos de ballet em Alagoinhas, sua terra natal, com Jô Corrêa, na La Dance Academia. Mais tarde aperfeiçoou seus estudos com o mestre Carlos Moraes, em Salvador, na Escola de Ballet do Teatro Castro Alves (EBATECA).

Ainda em Salvador, cursou a Oficina de Teatro da Fundação Cultural da Bahia, com o professor Marcos Malhado. Integrou as Companhias de Dança Moderna e Contemporânea de Roque Anthonio e Jorge Silva, e também a Companhia do Teatro Vila Velha, em Salvador. Integrou o Ballet do Teatro Castro Alves por 2 anos. Logo após prestou concurso público para o Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Desde então, vem se apresentando em todas as temporadas desta Cia, incluindo obras de Balanchine, Frederik Ashton, Uwe Scholz e Roland Petit, trabalhando com grandes nomes da dança, como: Dalal Achcar, Eugénia Feodorova, Tatiana Leskova, Natalia Makarova, Sir Peter Wright, Desmond Kelly, Glen Tetley, Richard Cragun, Márcia Haydeé, Vladimir Vasiliev, Yelena Pankova, David Parsons, entre outros.

Seus maiores destaques são:

Hilarion -Giselle;

Conde Von Rothbart -O Lago dos Cisnes;

Grand Brahamane -La Bayadère;

Teobaldo -Romeu e Julieta;

Príncipe Gremin -Onegin;

Fauno -La-Prés-Midi d'un Faune;

Macunaima;

Don Quixote.

Participou do espetáculo Três Momentos de Amor, como partner de Ana Botafogo, viajando por todo o país.

Também como partner de Cecilia Kerche, dançou o Pas-de-Deux de Carmen, como El Matador, de Alberto Alonso, no Festival Internacional de Dança de Santa Catarina.

Com a “DC” Cia de Dança, sob a direção de João Wlamir, participou da tournée Européia apresentando-se na Alemanha, Áustria, Suíça e Holanda.

Protagonizou recentemente Othello( de W.Shakespeare) no Espetáculo ST.TRAGÉDIAS, com Coreografia e Direção de Marcelo Misailidis e Codireção de Ana Botafogo.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Assistente de Produção da Comissão de Frente:**

Rodolfo Saraiva (Bailarino do Theatro Municipal do RJ )

Simone Lima (Produtora do Theatro Municipal do RJ)

**Assistentes Coreográficos da Comissão de Frente:**

Bruna Faccini ( Bailarina profissional formada, professora, ensaiadora e coreógrafa de ballet )

**Elenco:**

1. Júlio Cesar Rocha de Oliveira
2. Victor Ribeiro
3. Marlon Chagas
4. Allan Wagner theotonio site
5. Wanderson Bezerra Cirilo
6. José Roberto Cristiano Júnior
7. Henrique Seixas
8. Deivison Garcia Braga
9. Tharles Medeiros passos
10. Altamiro Ramos Soares ( Altamiro Barcellos)
11. Victor Luiz Costa Vieira ( taiwo)
12. Talison Alves Coelho
13. Luigi Gabriel Moraes lima
14. Thiago Santos
15. Douglas Bezerra de FreitasO
16. Luiz Fernando Oliveira Martins
17. Hugo Lopes de Almeida
18. João Pedro
19. Luiz Júnior Lopes
20. Luiz Felipe Damazio
21. Patrique Mattos
22. Ugo basaglia Pietro
23. Agatha Oliveira
24. Anna Clara dos Santos Aguiar Melo
25. Luciana Xavier monteiro
26. Raquel Ferreira da Silva
27. Julia Rios
28. Sara Reis
29. Karen Rodrigues Ribeiro de Lima

**Destacamos:** Julio Cesar Rocha de Oliveira, Bailarino/Dançarino., Músico (percussionista) e Produtor cultural, que será o pivô da Comissão de Frente, dando vida a João Cândido.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Raphael Rodrigues	<b>Idade</b> 39 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Dandara Ventapane	<b>Idade</b> 32 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Leo Thomé	<b>Idade</b> 28 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Rebeca Tito	<b>Idade</b> 22 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Matheus Silva	<b>Idade</b> <b>20 anos</b>
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Anna Clara	<b>Idade</b> 20 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira**

**Nome da Fantasia:** Calunga grande, o mar.

**Criação do Figurino:** Jack Vasconcelos

**Confeção:** Ateliê Aquarela Carioca

**Coreógrafo(a):** Claudia Mota

**O que representa:** O mar é um portal onde nasce a vida, lugar onde ondulam memórias, sonhos e também batalhas; escreveu a escritora Flávia Bomfim em seu livro “O adeus do marujo”. Animados pelo espírito da conquista e da aventura, sempre respondemos aos apelos que murmuram das ondas calmas ou gritam das marés mais revoltas. João Cândido tinha o Mar em si, seu habitar mais desejado e que nunca, mesmo com os percalços sofridos, o deixou desamparado. O mar era a imagem que compunha sua visão, no qual se poderia chamar de liberdade; esplêndido com seu horizonte líquido tão grande que na sua junção mais universal e cósmico como a ponta do céu estrelado. Para o psicoterapeuta Carl Gustav Jung, o mar é o símbolo das águas maternas, fecundas e criadoras, símbolo do inconsciente. Nos sonhos ou nas fantasias, o mar ou toda extensão vasta de água, designa o inconsciente. Enxerga a natureza viva que carrega dentro de si, reconhecendo sua ancestralidade. Fio da memória, fio da identidade. Ancestralmente, sempre que chegarmos perto do mar, devemos ter respeito, saudar aqueles que atuam nele e sua rainha: nossa mãe Iemanjá. Seja à beira da praia ou frente às ondas, é importante pedir licença para entrar.

*\* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.*



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia: Falange dos Marinheiros**

**Criação do Figurino: Jack Vasconcelos**

**O que representa:** O mar é ponto de força da linha de Marinheiros, fazendo a ronda na Calunga Grande no Reino de Iemanjá. Os Guias Marinheiros, na Umbanda, surgem para levarem ao mar tudo que causa dor e sofrimento, ajudando aqueles que os procuram, auxiliam os desencarnados e os encarnados. O marinheiro que se entregou à missão de guia espiritual teve várias adversidades durante a vida terrena e dedicou a maior parte dela em devoção ao mar. Por estarem no Trono da Geração, os Marinheiros de Iemanjá levam as boas vibrações aos seus filhos, já que irradiam a energia positiva da calunga grande (o oceano), distribuindo o amor da mãe das águas para todos aqueles que necessitam de amparo.



**Raphael Rodrigues:** O 1º Mestre-Sala do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti é um dos mais consagrados e respeitados da festa. Raphael já defendeu os pavilhões das seguintes agremiações do Rio de Janeiro: G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel (2005 a 2007 e 2017 a 2020), G.R.E.S. Unidos do Viradouro (2008), G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (2009), G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (2010 a 2016). O profissional atuou como professor na Escola de Mestre Sala e Porta-Estandarte Manoel Dionísio e fez diversos workshops e desfiles pelo país, em cidades como Florianópolis, Porto Alegre, Alegrete, Cruz Alta, Uruguaiana, Manaus e Macapá. Também participou do Carnaval fora de época da África do Sul, em 2011, 2012 e 2013.

**Dandara Ventapane:** Atua desde 2013 no Carnaval carioca como Porta-Bandeira. Por sua experiência com o samba no pé, comissões de frente, casais de mestre-sala e porta-bandeira e dança de salão, também ministra aulas. Bacharel em Dança Contemporânea pela UFRJ, trabalha as danças influenciadas pela cultura negra como princípio gerador de movimento. Entre suas apresentações, há trabalhos solos na Cia. CCC, com direção de Isnard Manso, e na Cia. Étnica, com direção de Carmen Luz; shows de artistas brasileiros, como Martinho da Vila, Mart'nália, Arlindo Cruz, Beth Carvalho, Carlinhos Brown e Lucy Alves, entre outros;

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

turnês no Brasil e na Europa, com grandes nomes da dança mundial, como o diretor Carlos Segovia, no espetáculo Brasil Brasileiro, além de participações em programas e novelas da TV Globo. No Carnaval, participou de comissões de frente e foi passista da Unidos de Vila Isabel, onde desfilou como 3ª Porta-Bandeira (2013 e 2014) e 1ª Porta-Bandeira (2015 e 2016). De 2017 a 2020, foi a 1ª Porta Bandeira da União da Ilha do Governador. A partir de 2022, começa a desfilar como 1ª Porta Bandeira do Paraíso do Tuiuti.

**Ensaiaadora do Primeiro Casal: Claudia Mota:**

É PRIMEIRA BAILARINA DO TMRJ E REPRESENTANTE ARTÍSTICA YAGP INTERNACIONAL

Primeira Bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretando todos os primeiros papéis do repertório clássico e contemporâneo da Companhia, com sucesso de público e crítica, Cláudia é Formada pela Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, Escola oficial do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Tendo outras vivências:

- Diplomada pelo grande Maître cubano, Fernando Alonso, em Excelência da Técnica Cubana, recebendo um contrato para sua Companhia, o Ballet de Camagüey, Cuba.
- Prêmio de Melhor Bailarina da América Latina, eleita pelo Conselho Latino-americano de Dança, pela versatilidade técnica e grande potencial artístico.
- Diplomada Embaixadora do Turismo da Cidade do Rio de Janeiro.
- Representa o Brasil em Galas e Companhias Internacionais na América do Sul, América Latina, Estados Unidos, Canadá e master classes na Europa.
- Ministra Master Classes e workshops por todo o Brasil e em países como:
- Argentina - Buenos Aires Ballet;
- Portugal - Conservatório Nacional de Dança e Annarella Escola de Ballet;
- Uruguay - Ballet Nacional Sodre;
- Alemanha - Dortmund Ballet
- USA - YAGP finals.

Em abril deste 2023, a convite dos Fundadores do Youth American Grand Prix, Larissa Saveliev e Gennadi Saveliev, dançou a grande obra “Le Parc”, de Angelin Prejocaj, na Gala dos 25 anos do YAGP, no Lincoln Center, em NY, ao lado de algumas das maiores estrelas mundiais da dança, na atualidade. Claudia hoje é Bailarina Exclusiva Só Dança e representada pela agência internacional StageField Management.

No carnaval, atua desde 2005 no grupo especial, como assistente de coreografia nas escolas, Tradição, Unidos da Tijuca, Unidos do Viradouro, estreando como coreógrafa em 2012 no grupo especial, na São Clemente, passando posteriormente para série ouro na Estácio de Sá e, posteriormente, no Império Serrano, em ambas recebendo a nota máxima e todos os prêmios da série ouro.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

Devido ao grande sucesso e visibilidade, recebeu o convite do Sr Luiz Pacheco Drumond para coreografar a comissão da Imperatriz Leopoldinense, onde permaneceu por dois anos consecutivos. Após sua passagem pela Imperatriz, trabalhou na Paraíso do Tuiuti, Mangueira e este ano, retorna ao Paraíso do Tuiuti. Seu trabalho como coreógrafa de primeiro casal, veio através do convite de Leandro Jaider, para a Grande Rio, em 2015, passando assim a se estabelecer também neste quesito, desde então

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** A velha companheira dos marujos

**Criação do Figurino:** Jack Vasconcelos

**Confecção:** Ateliê Aquarela Carioca

**O que representa:** “Ô MARTIM PESCADOR QUE VIDA É A SUA?

BEBENDO CACHAÇA E CAINDO NA RUA!

NÃO VÁ BEBER... NÃO VÁ SE EMBRIAGAR!

NÃO VÁ CAIR NA RUA PRA POLÍCIA TE PEGAR!

EU JÁ BEBI... EU JÁ ME EMBRIAGUEI!

EU JÁ CAÍ NA RUA E A POLÍCIA NÃO PEGOU!”

Em 21 de novembro de 1910, na cidade do Rio de Janeiro, voltando de uma folga, o marinheiro Marcelino Rodrigues, tentou embarcar no navio Minas Gerais portando duas garrafas daquela que era a companheira dos marujos que viviam em duras condições: a cachaça. Flagrado, ele tentou resistir e chegou a ferir um cabo.

Pela infração e insubordinação, recebeu uma pena severa de 250 chibatadas. Dez vezes mais do que era o máximo previsto para uma falta como a dele. Isso tudo 22 anos depois da abolição da escravatura em 1888. A cachaça, nunca por acaso, cumpriu um papel importante na trama da revolta que foi inglória para seus realizadores, mas bem-sucedida ao levar à abolição dos castigos corporais na Marinha brasileira.



*\* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.*

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Leo Thomé:**

Leonardo Thomé iniciou a trajetória no Carnaval, na ala das crianças da Beija-Flor de Nilópolis, passando a integrar a ala de passistas, em 2006, onde ficou até despertar a vontade de ser como o Mestre-Sala Claudinho. Assim, ingressou na escola do Escola de Manoel Dionísio, em 2010. Desde então, surgiram oportunidades de desfilar em escolas como Matriz de São João de Meriti, Sereno de Campo Grande, Em Cima da Hora, Acadêmicos da Abolição, Lins Imperial, Leão de Nova Iguaçu e Alegria da Zona Sul. A partir de 2022, começou a defender o pavilhão do Paraíso do Tuiuti.

**Rebeca Tito:**

Começou no samba como passista da escola mirim Tijuquinha do Borel aos 4 anos de idade. Conheceu o projeto “Madureira toca, canta e dança”, vinculado à Portela, se apaixonando ainda criança pela arte do “Padedê com Bandeira” e dando o pontapé inicial no segmento. Com passagem pelas escolas mirins Inocentes da Caprichosos e Filhos da Águia, estreou em uma escola “adulta” na Unidos de Vila Kennedy, onde permaneceu de 2008 a 2010. Rebeca teve a responsabilidade de empunhar seu primeiro pavilhão na Unidos de Maricá, aos 13 anos de idade, atuando de 2011 a 2014. No Carnaval de 2015, venceu o concurso de 3ª Porta Bandeira do Paraíso do Tuiuti. Em 2016, foi promovida ao posto de 2ª Porta-Bandeira da agremiação, cargo ocupado com segurança e elogios até os dias atuais.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** O chamado do mar

**Criação do Figurino:** Jack Vasconcelos

**Confecção:** Ateliê Aquarela Carioca

**O que representa:** *O mar é minha família, o mar é meu amigo.*

João Cândido e a Baía de Guanabara, eram velhos amigos. Sem outras oportunidades de trabalhos devido a perseguição extraoficial que sofria, voltou seus olhos para o mar. A baía de Guanabara sempre fora sua amiga, pois ali ele sempre renascia. Do mesmo modo como a bela baía, a sexta do mundo, sofrendo com sua forte poluição, ela não está morta.



*\* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.*

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Matheus Silva:**

Começou no projeto de Mestre-sala e Porta-bandeira do Mestre Dionísio aos 4 anos, desfilou por 12 anos na Escola Mirim Mangueira do Amanhã, sendo que 8 anos como Primeiro Mestre-sala. Em 2016 ganhou o Prêmio Estandarte de Ouro por Revelação pela GRES Estação Primeira de Mangueira e desde 2019 é 1º Mestre-sala da GRES Flor de Mina do Andaraí. Em 2023 participou do com do concurso para escolha do 3º casal da GRES Paraíso do Tuiuti para o carnaval de 2024, fazendo par com a Porta-bandeira Anna Clara.

**Anna Clara:**

Teve início sua carreira no projeto de Mestre-sala e Porta-bandeira do Mestre Dionísio aos 5 anos de idade. Desfilou pela Escola mirim Golfinhos da Guanabara, depois pela AESM-Rio e ficando dos 13 aos 18 anos na Escola mirim Herdeiros da Vila. Passando como 2º Porta-bandeira nas agremiações GRES Flor da Mina do Andaraí, GRES Alegria da zona Sul e GRES Acadêmicos do Engenho da Rainha. Em 2023 participou do concurso para escolha do 3º casal da GRES Paraíso do Tuiuti para o carnaval de 2024.



# G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO

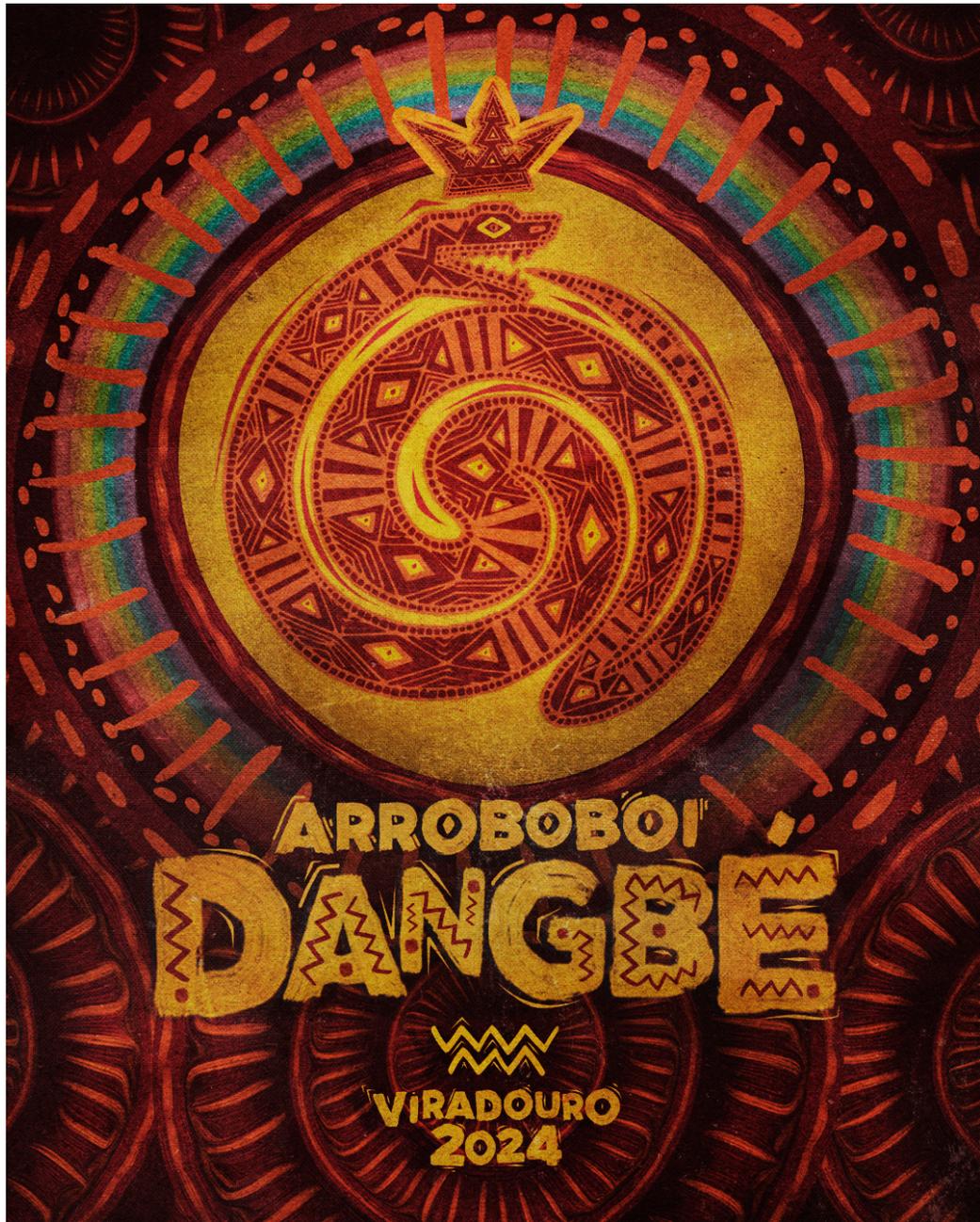


**PRESIDENTE  
HÉLIO NUNES**

**PRESIDENTES DE HONRA  
JOSÉ CARLOS MONASSA BESSIL (EM MEMÓRIA) E  
MARCELO CALIL PETRUS**



# “Arroboboi Dangbé”



**Carnavalesco**  
**TARCÍSIO ZANON**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> “Arroboboi Dangbé”					
<b>Carnavalesco</b> Tarcísio Zanon					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Tarcísio Zanon					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Tarcísio Zanon e João Gustavo Melo					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Tarcísio Zanon e João Gustavo Melo (Consultoria: Rennan Carmo)					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Fongbé, Voduns, Nagotização e o Candomblé (Artigo)	CARMO, Rennan	Revista da Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ).	2018	142 a 155
02	Warrior Women: The Amazons of Dahomey and the Nature of War	EDGERTON, Robert B.	Westview Press	2000	Todas
03	Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: Devoção Mariana no Recôncavo Baiano	FALCÓN, Gustavo	Editora Solisluna	2021	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
04	O Culto da Serpente no Reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia: séculos XVII e XVIII	LARANJEIRA, Lia Dias	EDUFBA	2015	Todas
05	Enciclopédia Brasileira de Diáspora Africana	LOPES, Nei	Selo Negro	2011	Todas
06	Sacerdotisas Voduns e Rainhas do Rosário: Mulheres Africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII)	MAIA, Moacir; RODRIGUES, Aldair	Chão Editora	2023	Todas
07	O Huín do Vodum: Carnaval como instrumento de desnagotização	MENDES, Lorraine Pinheiro; CARMO, Rennan Elias de Oliveira	Revista Policromias	2020	723-738

08	Imagens do Daomé: Edmond Fortier e o Colonialismo Francês na Terra dos Voduns (1908-1909)	MOREAU, Daniela; PARÉS, Luis Nicolau	Martins Fontes	2018	Todas
09	Contribuição ao Estudo da Cosmologia e do Ritual entre os Jêje no Brasil: Bahia e Maranhão	SOGBOSSI, Hippolyte Brice	Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro	2004	Todas
10	A Formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia. 3ª Edição: Revisada e Ampliada. Campinas	PARÉS, Luis Nicolau	Editora Unicamp	2018	Todas
11	O Rei, o Pai e a Morte: a religião Vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental.	PARÉS, Luis Nicolau	Companhia das Letras	2016	Todas

12	A Morte É Uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX	REIS, João José	Companhia das Letras	1991	Todas
13	Notas sobre o Culto de Orixás e Voduns	VERGER, Pierre	EDUSP	2023	Todas

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

**Tarcísio Zanon** é designer gráfico formado pela Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes e pós-graduado em Carnaval e Figurino pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). A carreira do artista nas escolas de samba começou em 2014 como assistente do carnavalesco Jack Vasconcelos na Estácio de Sá, na antiga Série A (atual série Ouro). No ano seguinte, Zanon assumiu o Carnaval da vermelho e branco com um enredo em homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. Logo na estreia, Tarcísio foi campeão, levando a Estácio de Sá para o Grupo Especial e sendo premiado como Revelação do ano.

Já em 2016, no Grupo Especial, junto com o carnavalesco Chico Spinoza, conquistou o Estandarte de Ouro pela Melhor Ala de Baianas. Em 2017, levou o prêmio Zilka Sallaberry pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pela cenografia da peça “João e o Alfaiate”, da companhia Etc. e Tal. A partir de 2018, passou a assinar sozinho os desfiles da Estácio de Sá.

O profissional assumiu também a função de figurinista do carnavalesco Alexandre Louzada, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Em 2019, conquistou mais um título da Série A pela Estácio de Sá, levando a agremiação de volta para o Especial. Trabalhou na equipe de figurinos da novela “Jesus”, da TV Record. No Carnaval, em 2020, ao lado de Marcus Ferreira, conquistou o campeonato com a Unidos do Viradouro no enredo sobre as Ganhadeiras de Itapuã.

Em 2022, conquistou a terceira colocação do Carnaval, garantindo todas as notas máximas nos quesitos que defendia: Alegorias e adereços, fantasias e no premiado enredo “Não Há Tristeza que Possa Suportar Tanta Alegria” - uma ode ao carnaval carioca pós-pandemia de 1919. É o figurinista da peça teatral “O Futuro Chegou Ontem”, de Kleber Di Lázzare, inspirada no enredo de 22.

Firmando-se como artista de traço intuitivo e pesquisador de temas que abordam o cristianismo preto e seus desdobramentos estéticos, em 2023, traz o enredo “Rosa Maria Egípcíaca”, personagem que traduz os laços ancestrais da fé do povo brasileiro, garantindo novamente notas máximas em quesitos de sua responsabilidade e conquistando o vice-campeonato.

Atualmente é docente de pós-graduação do curso "Gestão e Design em Carnaval" da Universidade CENSUPEG. A partir do caminho místico manifestado em 2023 apresenta “Arroboboi Dangbé”, enredo baseado no misticismo e intuição, no qual mais uma vez se lança a investigar as origens das crenças de um Brasil profundo.

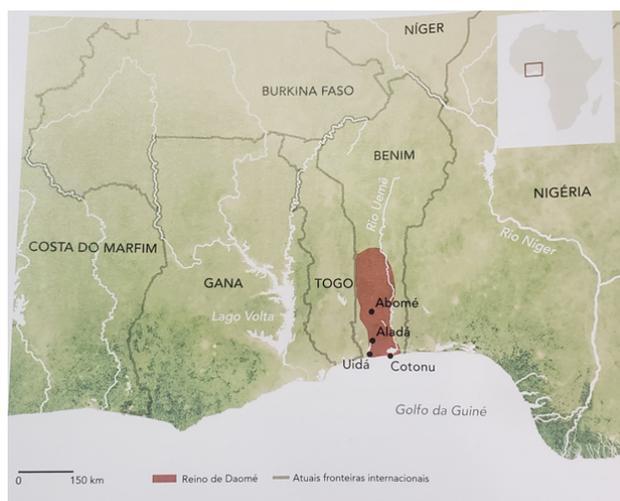
## FICHA TÉCNICA

Enredo

### Outras informações julgadas necessárias:

Para melhor compreensão sobre aspectos gerais do enredo, disponibilizamos as imagens a seguir:

**FIGURA 1**



Mapa indicativo dos reinos de Aladá, Uidá e a capital do antigo reino do Daomé, Abomé.

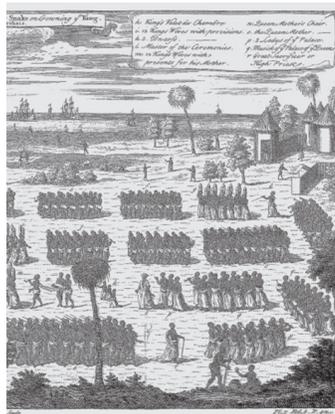
**FIGURA 2**



Imagem de uma bandeja de *Fá*, sistema oracular dos povos de origem *Fon*.

**Outras informações julgadas necessárias**

**FIGURA 3**



Cortejo ao Deus Serpente Dangbé em direção ao palácio do Rei de Uidá, em 1725.

**FIGURA 4**

Sacerdotisa e sacerdote da serpente em Uidá



Fonte: Autor desconhecido, 1919-1939.

Em Uidá, o culto a Dangbé continuou por séculos e permanece até a atualidade.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**FIGURAS 5 e 6**



Nos altares móveis, pássaros e outros símbolos eram representados de forma recorrente em metal.

**FIGURA 7**



O Takará, ferramenta dos iniciados aos Voduns da família de *Dan*.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**FIGURA 8**



Busto erguido no bairro da Federação, Salvador, em homenagem a Doné Runhó. Na base, está a inscrição: “Sem água e sem mata, o Jeje não sobrevive”.

# HISTÓRICO DO ENREDO

## ARROBOBOI DANGBÉ

...Alafiou!

Caminhos abertos para a Viradouro! A predição do oráculo, senhor de todos os conselhos, prenuncia um tempo de grandes batalhas. Tempo de luta. É tempo de vitória!

A manutenção das crenças dos povos da região da Costa da Mina vive na perseverança das sacerdotisas Voduns, mulheres escolhidas e iniciadas em ritos de louvor à serpente sagrada, cujas trajetórias místicas se entrelaçam em combates épicos, camuflagens táticas e resiliência vital.

Arroboboi: “Salve o espírito infinito da serpente”!

## **DANGBÉ – O CULTO À SERPENTE**

Um facho sinuoso desliza sobre o chão, chacoalha as folhas, estremece a terra e borbulha as águas. É Dangbé, o Vodum da proteção, do equilíbrio e do movimento. Nele, nada principia nem finda, tudo avança, tudo retorna. É o constante rodopio do universo, sentido materializado pela imagem da cobra engolindo a própria cauda.

Foi assim que resplandeceu Dangbé entre os povos de Uidá, na Costa da Mina, após a épica batalha contra o reino vizinho de Aladá.

A serpente atravessou os campos onde estava o exército de Aladá, indo se unir ao lado adversário. O grande Sacrificador ergueu o animal para que fosse visto pela tropa inimiga, prostrada diante da serpente. Após intenso ataque, foi consagrada a vitória de Uidá. A nação vencedora passou a levar oferendas e a realizar grandiosas procissões em direção ao templo erguido para reverenciar a divindade.

Mais tarde, a adoração a Dangbé se uniria aos demais cultos aos Voduns ofídicos presentes no reino do Daomé, que expandiu seus domínios após intensas lutas contra os reinos próximos. Batalhas nas quais teve destaque um poderoso exército feminino, preparado espiritualmente pelas sacerdotisas Voduns.

## **O PACTO MÍSTICO DAS GUERREIRAS MINO**

Como o rio que serpenteia inundando a mata, a tropa irrompe o horizonte. Rastro encarnado de sangue sobre a terra, na insanidade da guerra e na dignidade da luta. Língua de brasa e cipó de fogo que fazem crepitar a palha seca, ataque com destemor e fúria a revelar o poderio de mulheres-soldados consagradas na fé e nas batalhas, protegidas pelo sobrenatural.

As guerreiras *Mino*, as mulheres mais temidas do mundo, eram esposas e guardiãs do palácio do Rei do Daomé, além de audazes caçadoras de elefantes, cujos marfins eram utilizados como matéria-prima em cerimônias oficiais e religiosas.

Ao serem recrutadas, participavam de um ritual de iniciação conduzido pelas sacerdotisas Voduns, senhoras do trono da magia e dos encantos. Nessa sagrada assembleia, realizavam um pacto místico para que nunca traíssem umas às outras. O espírito de coletividade forjava a arma mais poderosa de que dispunham: o valor inegociável da lealdade.

Com inteligência e fé, formavam mais que um exército: organizavam uma poderosa irmandade, aliança consagrada pela força encantatória dos Voduns. Assim, tornavam-se belicamente implacáveis e espiritualmente invulneráveis. Atributos espalhados aos ventos por lideranças femininas do Daomé em outras lutas, desta vez pela manutenção do sagrado em novos territórios onde as herdeiras da serpente fincassem pés e *pejis*.

Os valores místicos das guerreiras atravessaram o Atlântico no baú de memórias e crenças de uma sacerdotisa do Daomé, que chegou ao Brasil em trono de Gu Rainha. Pouco se sabia sobre o seu passado. Mas muito se conheceria sobre o seu futuro.

## **LUDOVINA PESSOA E A HERANÇA VODUM NA BAHIA**

Com a missão de perpetuar os cultos Voduns no Brasil, Ludovina Pessoa, que segundo a tradição oral seria uma guerreira *Mino*, ondeou pelo imenso oceano na companhia mística dos seus antepassados. Tornou-se o pilar de terreiros consagrados aos Voduns, entre eles o *Seja Hundé*, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e o terreiro de Bogum, erguido no coração de Salvador. Fazia parte da missão levantar uma terceira casa dedicada ao Vodum Sakpatá, que não chegou a ser fundada por Ludovina. Mas o destino estava cumprido ao fincar a crença Jeje na Bahia.

No Bogum, casa centenária de liderança feminina, foram plantadas sementes de liberdade, tornando-se importante local de apoio à Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador na primeira metade do Século XIX.

A palavra “bogum” historicamente remetia a um aldeamento próximo à Costa da Mina. Já segundo a tradição oral, o termo também se referia ao baú onde se guardavam o ouro e os donativos destinados a financiar a insurreição popular que reuniu o povo negro contra a escravidão.

Se por um lado a revolta foi sufocada, por outro, os laços entre as sacerdotisas e a fé dos povos trazidos ao Brasil se fortaleceram. Assim como as ancestrais guerreiras do Daomé, foi preciso lançar mão da lealdade para que suas práticas de magia atravessassem tempos e fronteiras nesse novo território marcado pela perseguição às suas crenças. Irmandades que contribuíram para a inserção social e religiosa dessas sacerdotisas, líderes de uma legião de irmãs de fé.

## **ENTRE A CRUZ E A SERPENTE: TEMPLOS SINCRÉTICOS**

Agora não só os Voduns protegiam as mulheres. Com as irmandades, as mulheres também protegiam os Voduns. Assim, tornaram-se senhoras da cura, da fortuna, da fertilidade, das adivinhações, dos conselhos e do destino. Orientações espirituais feitas inclusive a brancos e brancas que repudiavam publicamente o culto aos espíritos, mas que rogavam auxílio à magia nos fundos dos templos de adoração católicos.

Em Cachoeira, no terreiro do Seja Hundé, Ludovina foi o elo entre muitas das sacerdotisas reunidas em irmandades, estabelecendo laços de pertencimento entre os clãs. Unidas, teciam uma rede matriarcal associativa, erguida com devoção e lealdade, pacto firmado sob a cruz e a serpente para que nunca abandonassem umas às outras.

Entre batuques e rezas, tambores e ladainhas, reuniam-se em louvações e procissões aos santos católicos, sem abrir mão de preceitos ancestrais, dentre eles cozinhar e distribuir alimentos, perpetuando a missão de prover sua gente de fartura e proteção.

Professavam fés que não se excluíam ao mesclar ritos ligados às divindades da costa africana e à barroca expressão do catolicismo. Constituíam, assim, um tipo de devoção feminina e solidária que transbordava também no gestual, na língua, no cabelo, nos cheiros, nos talismãs, nos balangandãs, nos paramentos, nos alimentos, no jeito de dançar e de cantar, enfim, de ser e de estar no mundo. Poder que se eterniza na constante luta pela crença Vodum, suas encantações, ritos e mistérios.

## **TERRA, TERREIRO CÓSMICO**

*“Sem água e sem mata, o Jeje não sobrevive”*

(Doné Runhó, sacerdotisa que liderou o Bogum até 1975, imortalizada em busto esculpido no bairro do Engenho Velho da Federação, em Salvador).

E cá estamos nós, Viradouro e *Jeje*, cruzando energias e tambores. A formação do Candomblé na Bahia passa pelo legado da crença Vodum, manifestada no *aguidavi*, que comanda o toque do *adahun*. Está nos ritos e nas divindades que se religaram a outras matrizes religiosas africanas, fluindo como rio serpenteando pela mata, rumo ao mar. E, assim como as ofídicas, sobrevivem e se expandem em peles que se renovam.

Energia que renasce no culto aos Voduns, hoje espalhado pelo Brasil em diversas casas consagradas às entidades. E se você se perguntar que força poderosa é essa, sinta que ela mora na dor e no prazer da criação, na natureza das coisas, na explosão sonora do trovão, na respiração das folhas e no correr das águas. Está na magia lunar. Vive no cair da chuva que rega o planeta, este terreiro mágico a flutuar no cosmos. Está no poder infinito da Serpente, dona de tudo o que não finda nem principia, no eterno rodopio do universo.

Arroboboi! Saudação e evocação da energia que transita entre o céu e a Terra! Entidade visível no encantamento do arco-íris, a ponte sagrada que liga os humanos às divindades Voduns. E que nos conecta aos ensinamentos das eternas herdeiras de Dangbé: SABEDORIA, LUTA, UNIÃO e VITÓRIA!

Alafiou...

**Carnavalesco e autor do enredo: Tarcísio Zanon**

**Texto: João Gustavo Melo**

**Glossário:**

*Adahum*

Ritmo contínuo e frenético que evoca os Voduns, provocando o transe.

*Aguidavi*

Varetas de árvores sagradas utilizadas para a percussão dos atabaques em cerimônias religiosas do candomblé *Jeje e Ketu*.

*Alafiar*

Confirmação ou permissão pelos oráculos, indicando caminhos abertos para determinado empreendimento ou ação.

*Afê*

Casa, morada.

*Ayi*

Terra ou evocação à energia dos elementais terrestres.

*Bogum*

Terreiro em atividade até os dias atuais, que teve Ludovina Pessoa como liderança em meados do Século XIX, localizado no bairro do Engenho Velho da Federação, em Salvador. O nome africano do terreiro é *Zoogodô Bogum Malê Rundô*.

*Crepitar*

Produzir estalos pela ação de fogo ou brasa.

*Daomé*

Antigo reino da costa ocidental da África, onde hoje se localiza o Benin. Tinha como capital a cidade de Abomé. Seus habitantes se tornaram conhecidos como povo de Dan. Após intensas batalhas contra Uidá, foi incorporado a adoração à serpente Dangbé, ao lado de outras divindades ofídicas já cultuadas no reino.

*Gu Rainha*

Vodum no qual Ludovina Pessoa era iniciada, sendo uma variação do Vodum do ferro e da tecnologia, chamado de *Gu*.

*Gume Kujo*

Pátio sagrado onde são realizados alguns rituais.

*Jeje*

O termo Jeje foi cunhado pelo Iorubás, tendo como significado literal “estrangeiro” ou “forasteiro”. Refere-se aos povos originários da África Ocidental, da região onde se localizava o antigo reino do Daomé. O Candomblé Jeje se refere ao culto dos Voduns trazidos por grupos étnicos da região, como o povo *Fon*.

*Kolofé*

Saudação que equivale a um pedido de bênção.

*Mino*

Nome dado às guerreiras do Daomé, que significa “nossa mãe”, em português. As guerreiras Mino eram também conhecidas como ahosi ou ahwansi, que quer dizer “esposa do rei”, cuja linhagem era representada pela pantera (ou Vodum Kpó). A tropa feminina também era denominada de Agoodjie, que, em fongbé, significa “última muralha de resistência que deve ser atravessada para se chegar ao rei”.

*Ofidico*

O que é relativo ou próprio das serpentes.

*Peji*

Altar sagrado onde se colocam imagens,oringas, alimentos e outras oferendas às divindades.

*Sacrificador*

Autoridade religiosa com poderes premonitórios, responsável pelas procissões e oferendas à serpente sagrada.

*Seja Hundé*

Terreiro erguido na cidade de Cachoeira, na Bahia, cujo nome africano é *Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé*, que teve participação ativa de Ludovina Pessoa em sua fundação. Também conhecido como Roça do Ventura.

*Vodum*

Para os povos do Golfo do Benin, Vodum é o nome usado para designar as divindades ou forças invisíveis do mundo espiritual.

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

*Nú bǐ vodú nyì mesísí kpéná gòòn*

*(A todos os Voduns, meus mais profundos respeitos)*

Antes de tudo, saudar e agradecer...

Durante a construção deste enredo, contamos com fundamental direcionamento espiritual, histórico e experiencial de lideranças dos terreiros do Bogum e do Seja Hundé, além do apoio na pesquisa dos professores Moacir Maia, Luís Nicolau Parés, Hamilton Barbosa, Tadeu Goes, Rennan Carmo, Mejitó Cleber de Bessen e Ivana Muzenza, grandes entusiastas deste projeto. A Unidos do Viradouro agradece imensamente pela participação e generosidade das casas, dos professores e amigos ao longo desse processo.

### **Do ventre de uma rosa, nasceu um novo enredo**

No carnaval de 2023, todo o envolvimento afetivo com a pesquisa sobre Rosa Maria Egípcíaca resultou em um crescente interesse sobre os Voduns e a relação com os escravizados trazidos da Costa da Mina. Os saberes e encantos ancestrais vindos do outro lado do Atlântico são um grande manancial de pensamentos originais sobre os segredos do universo. Energias que instigam investigações profundas acerca de assuntos ligados à conexão umbilical entre o continente africano e o Brasil. São fluxos e refluxos de uma trama ainda muito pouco conhecida por grande parte da nossa população, fiando redes de saberes que se entrecruzam na dimensão mística do sagrado.

“Arroboboi Dangbé” busca uma interconexão com um conjunto de práticas de magias que compõem um legado ancestral trazido ao nosso país por lideranças cujo apagamento faz parte de um projeto colonialista de morte dolosa do pensamento erguido por diversas etnias africanas, fundamentais para a construção cultural e religiosa do que chamamos de Brasil. Frente a essa realidade, os nossos tambores dobram mais alto para despertar memórias dormentes e propagar cantos ancestrais.

Essa é a urgência que nos impulsiona a seguir na missão que Rosa Maria nos deixou.

As escolas de samba se consolidam como linguagem artística que alcança imensa repercussão. Sendo assim, tal interpretação por meio das muitas artes envolvidas em um desfile não se pretende como verdade absoluta e irrefutável, mas se estabelece como poética original de uma obra coletiva baseada na vivência comunitária e herança histórica, tendo responsabilidade com a representação do sagrado dos povos da diáspora, que são base da comunidade da Unidos do Viradouro.

Alguns elementos dispostos neste enredo são frutos de estudos acadêmicos de incontestável qualidade. Entretanto, ao lado dessas pesquisas, está a força e a grandeza da sabedoria oral que se cultiva nos terreiros, legítimos museus e bibliotecas do sagrado, instituições constituídas por quem se dedica ao longo de gerações às energias e aos preceitos ancestrais dos Voduns.

Por meio de entrevistas, vivências, leituras e imersões, buscamos construir, em conjunto, um percurso narrativo que se encadeia na poética do enredo que revela o principal elemento e razão da existência

da nossa agremiação: o SAMBA! Cada componente irá nos conduzir por essa experiência artística, revolvendo imaginários sobre povos que erguem este país-terreiro.

Unindo a força dos cultos Voduns aos saberes ancestrais, percorremos juntos esse caminho, que amplia nosso horizonte rumo a um Brasil mais africano, verdadeiramente livre, religiosamente diverso e socialmente igualitário.

### **O Poder que Rasteja na Terra**

Para o mundo cristão, a imagem da serpente foi constituída a partir de um viés negativo e reduzida ao campo do maligno, sendo apresentada como a figura mitológica que induziu ao pecado original no Jardim do Éden. Tal construção cultural e religiosa legou às cobras, em suas variadas manifestações, aversão em grande parte da América Católica. Mas para diversos sistemas de crenças, o animal tem poderes de regeneração, vida, transformação e recomeço. Visão ancestral que nos desafia a continuar criando conexões com a finalidade de reorganizar imaginários.

O culto às serpentes, realizado por diversas matrizes religiosas africanas, não é um bloco monolítico. A divindade das cobras, por exemplo, “é conhecida como *Dan* pelos *Mahis* na região de Porto Novo, como *Adogblofensou* pelos povos *Hulas* de *Badagri* e como *Osumaré* pelos *Iorubás*, em regiões do Benin e Nigéria. Cabe notar que *Dan*, raiz do nome Dangbé, significa serpente ou cobra nas línguas *gbé* da região, como os povos *Fon*, *Hueda*, *Mahi etc*” (LARANJEIRA, 2015, pág. 22). Há, portanto, uma série de gradações e incorporações, mas buscamos conduzir a narrativa segundo o culto ofídico ligado ao de matriz Jeje.

Ao longo do desfile, a figura da serpente irá aparecer representada de diversas maneiras: encantada, guerreira, cultuada, camuflada e manifestada por meio das cores do arco-íris. A sinuosidade trazida em alguns elementos de alegorias e fantasias revelam formas próprias das serpentes que volteiam no chão deixando rastro de encantamento sobre os territórios que atravessam.

Especificamente no episódio histórico da batalha entre Uidá e Aladá, a serpente píton surge como personagem mítico determinante para a vitória. Por não possuir veneno, é considerada uma espécie benigna. Mas seu poder divino foi qualificado por europeus do Século XVIII como fator de ameaça e estranhamento, uma espécie de “veneno civilizatório”, seguindo a visão cristã expressa em discursos registrados nos diários de viajantes franceses como Lablat, Bosman e Des Marchais.

Subvertendo o pensamento comum, o veneno torna-se uma metáfora sobre a sanha intolerante que demoniza as religiões de matriz africana, fenômeno ainda mais potencializado quando se aborda o culto aos Voduns. Por se tratar de um conjunto de magias que conserva muitos mistérios - alguns deles restritos aos praticantes como estratégia de proteção – os ritos religiosos são deturpados e hostilizados, especialmente ao serem representados na forma de estereótipos, com caracterizações simplistas e reduções superficiais.

Ao desenvolver o enredo sobre a energia do culto a Dangbé e seus desdobramentos a partir da matriz Jeje, a Unidos do Viradouro tem o propósito de nos conduzir, por meio de uma narrativa épica presente na linguagem artística carnavalesca, à interpretação sensível sobre uma força sobrenatural, trazendo informações históricas e saberes conservados pela oralidade. Possibilita também interpretações

imagéticas de acordo com discursos de lideranças religiosas que nos conduziram pelos rastros da serpente.

Que o veneno da intolerância se transforme em antídoto e poder de regeneração para um maior conhecimento sobre a saga de Dangbé, seus desdobramentos e a difusão do sagrado Jeje no Brasil como forma de sobrevivência de um modo de vida e de culto que sofreu - e infelizmente ainda sofre - sucessivas formas de silenciamento e demonização.

### **Outra Areia, Mesmo Mar**

*“Vodum é Vodum. Orixá é Orixá. Inquice é Inquice”*. Essa advertência foi passada por lideranças religiosas do Jeje a integrantes da nossa agremiação durante a pesquisa. Quem acompanha regularmente os desfiles das escolas de samba tem no imaginário informações e visualidades recorrentes de outras variações religiosas africanas, como o culto aos Orixás, divindades bastante presentes nos terreiros do Brasil. Entretanto, reforçamos a vocalização das especificidades do povo Jeje, embora algumas vezes haja entrecruzamentos de cultos e expressões entre os povos que, por meio de incorporações, foram moldando divindades e liturgias que em alguns momentos acabaram convergindo.

Assim, buscamos conservar durante o desfile nomenclaturas e aspectos próprios do culto Jeje, bem como possíveis variações incorporadas por algumas casas tradicionais. Entretanto, esta crença no Brasil passou por algumas transformações capitais. Afinal, estamos tratando de “um culto agregador, tornando algumas dessas práticas fluidas e abertas à incorporação de elementos novos, sobretudo em contextos marcados por contatos culturais e inter-étnicos” (MAIA, 2023, pág. 127).

A energia de Dangbé é guia deste enredo. Força espiritual que incorpora em cada componente, o *eu-lírico* do samba de enredo, transformando cada voz da escola em narradora da saga e do sentimento ancestral Vodum. Por isso, buscamos construir a narrativa apresentada com respeito e escuta, imbuídos na missão de unir nosso canto ao de uma nação regida por uma entidade mística de tantas dobras e sentidos.

Dangbé é energia sinuosa que se expande, que se sente, o couro da serpente a se manifestar pela união de tambores que se cruzam na dobra do tempo.

Os desdobramentos dos setores serpenteiam de forma a criar uma narrativa sensorial, sem perder a direção indicada pelos rastros deixados pelos povos da diáspora. A intuição muitas vezes nos trouxe a uma sequência que antes não estava previamente mapeada quando o enredo ainda era apenas uma ideia. Podemos dizer que a própria energia da serpente conduziu a escola por esse caminho que parte de uma batalha histórica permeada de misticismo, culminando na manifestação de Dangbé e a família das cobras de culto Jeje como o sagrado arco-íris, ponte a ligar o humano às divindades. É missão irrenunciável falar sobre um culto que reúne uma trama de saberes em que a natureza é altar e regente de tudo sob o pálio do infinito. É o Sagrado Terreiro Cósmico onde bailam as energias dos Voduns que comandam a vida, o sentimento e o destino.

Que Dangbé derrame sobre nós proteção e boas energias para esta grande luta!

**Alafiou!**

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **ABERTURA – O CULTO A DANGBÉ**

**Comissão de Frente  
ALÁFIA!**

**Elemento Cênico  
NINHO DA SERPENTE**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Julinho Nascimento e Rute Alves  
“SALVE O ESPÍRITO INFINITO DA SERPENTE”**

**Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta  
Bandeira  
SÉQUITO OFÍDICO**

**Ala 01- Comunidade  
A BATALHA DE ALADÁ CONTRA UIDÁ**

**Tripé I  
DANGBÉ: ENERGIA DA VITÓRIA  
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, a  
destaque performática poderá descer do tripé e fazer  
uma encenação com a Ala 01)**

**Ala 02- A- Comunidade  
PROCISSÃO E OFERENDAS AO DEUS-SERPENTE  
(Obs: Somente alguns componentes virão com adereços  
de mão)  
(Obs2: Entre esses adereços, alguns virão sobre  
rodinhas)**

**MUSA 1**

Caroline Macharethe

**OFERENDA AO REI DE UIDÁ**

**Alegoria 01- Abre-Alas**

**A FORÇA DO VODUM DO INFINITO**

Ala 02- B- Comunidade

**PROCISSÃO E OFERENDAS AO DEUS-SERPENTE**

(Obs: Somente alguns componentes virão com adereços de mão)

(Obs2: Entre esses adereços, alguns virão sobre rodinhas)

Personagem de Chão I

Tia Cléia

**SAGRADA VODÚNSI**

Ala 03- Baianas

**SACERDOTISAS DA SERPENTE DIVINA**

Musa II

Jamilly Marques

**INICIAÇÃO A DANGBÉ**

**Alegoria 02**

**PREDIÇÃO ORACULAR: CAMINHOS ABERTOS**

**2º SETOR – AS GUERREIRAS DO DAOMÉ**

Ala 04- Comunidade

**RITOS SERPENTÁRIOS: O PACTO DE LEALDADE**

Ala 05- Comunidade  
**A CAÇA AO MARFIM: BRAVURA E MISTICISMO**  
(Obs: Alguns componentes conduzem costeiros sobre rodas, representando elefantes)

Ala 06- Comunidade  
**O PODER TRANSCENDENTE DO MARFIM**

Destaque Performático de Chão I  
Luana Bandeira  
**TASSI HANGBÉ**  
(Obs.: Em determinados momentos do desfile poderá interagir com a Ala 07)

Ala 07- Comunidade  
**AHOSI – AS MULHERES DO REI**

Grupo Performático I  
**GUERREIRAS EM LUTA**  
(Obs.: Circundam a alegoria 03. Em determinados momentos do desfile poderão interagir com a alegoria)

**Alegoria 03**  
**AS GUERREIRAS MINO: PROTEÇÃO MÍSTICA  
E LEALDADE**

**3º SETOR- LUDOVINA PESSOA E A FORMAÇÃO DO  
CANDOMBLÉ JEJE NA BAHIA**

Ala 08- Comunidade  
O MAR MEMORIAL DE LUDOVINA

Ala 09- Comunidade  
ASSENTAMENTOS

Personagem de Chão II  
Valci Pelé  
PEJIGÃ  
(Obs.: Valci Pelé- coordenador da ala- virá  
acompanhado de uma das passistas femininas)

Ala 10- Passistas  
ENERGIA DE GU RAINHA: MAGIA E  
MOVIMENTO

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Thiago Mendonça e Amanda Poblete  
LIBERDADE FORJADA EM LUTA**  
  
**Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-  
bandeira  
BAÚ METAFÓRICO**

Rainha de Bateria  
Erika Januza  
TAKARÁ

Mestre de Bateria  
Ciça  
MESTRE ALUFÁ LICUTAN

Ala 11- Bateria  
A REVOLTA DOS MALÊS

Grupo Performático II  
ENTRE ÁFRICA E BRASIL: O VOO DO PÁSSARO  
MISTERIOSO

Ala 12- Comunidade  
ALTARES MÓVEIS

Musa III  
Lore Improta  
ENCANTO DE FOGO

**Alegoria 04**  
**LUDOVINA DE GU RAINHA E A FORMAÇÃO**  
**DOS TERREIROS JEJE NA BAHIA**

**4º SETOR- TEMPLOS SINCRÉTICOS: ENTRE A CRUZ E A SERPENTE**

Ala 13- Comunidade  
ESCUDOS SINCRÉTICOS

Ala 14- Comunidade  
SENHORAS DA CURA E DA SORTE (FOLHAS E  
FIGAS)

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
João de Oliveira e Duda Martins  
DEVOTOS DE SÃO BARTOLOMEU**

**Guardiãs do 3º Casal de Mestre-Sala e Porta-  
bandeira  
SENHORAS DA FARTURA  
(Obs: as guardiãs do Terceiro Casal desfilam com o  
mesmo figurino do Grupo Performático III -  
Senhoras da Fartura)**

**Ala 15- Projeto de Casais de Mestres-Salas e Porta-  
Bandeiras  
QUITUTES DA FESTA DE SÃO BARTOLOMEU**

**Grupo Performático III  
SENHORAS DA FARTURA  
(Obs.: Circundam o Tripé II)  
(Obs.2: O Grupo Performático III – Senhoras da Fartura  
- desfila com o mesmo figurino das Guardiãs do  
Terceiro Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira).**

**Tripé II  
A SANTA CEIA NEGRA**

**Ala 16- Comunidade  
IRMANDADE DA BOA MORTE**

**Ala 17- Compositores  
IRMANDADE DE BOM JESUS DOS MARTÍRIOS**

Ala 18- Velha-guarda  
A IRMANDADE DO SAMBA

Musa IV  
Thays Busson  
DANÇA AOS DEUSES AFRO-BAIANOS

**Alegoria 05**  
**TEMPLOS SINCRÉTICOS**

**5º SETOR - TERREIRO CÓSMICO**

Ala 19- Comunidade  
CRUZANDO TAMBORES: O TOQUE SAGRADO  
DO *ADAHUM*

Ala 20- Comunidade  
“SEM ÁGUA E SEM MATA O JEJE NÃO  
SOBREVIVE”

Ala 21- Juvenil  
MAGIA LUNAR – A NOITE

Ala 22- Comunidade  
O CAIR DA CHUVA

Ala 23- Comunidade  
O PODER MÍSTICO DO TROVÃO

Musa V  
Bellinha Delfim  
REFRAÇÃO DA LUZ

**Alegoria 06**  
**SAGRADO TERREIRO CÓSMICO**

Grupo IV  
KOLOFÉ! SAUDAÇÃO ÀS VODÚNSIS E  
LIDERANÇAS ESPIRITUAIS

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé I <b>DANGBÉ: ENERGIA DA VITÓRIA</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>Antes de ser divinizado como Vodum, o píton sagrado teve um papel preponderante ao atravessar o campo de batalha durante o combate entre Aladá e Uidá, revelando o destino na histórica luta entre os dois reinos. Em destaque, a serpente protege a coroa, símbolo da escola. Na traseira da alegoria, as armas de luta se impõem para selar a vitória do povo de Uidá. O poder ofídico se manifesta nos tons vibrantes apresentados nos grafismos e nas imagens inscritas em relevo na coroa. Sobre a abóbada central, o destaque representa O Grande Sacrificador, sacerdote supremo do culto a Dangbé, com poderes de adivinhação. À frente, sobre o corpo de Dangbé, a poderosa energia ofídica é incorporada pela destaque performática que rege a direção e o destino da misteriosa cobra. Da união entre a coroa e a serpente, surge o poder real e espiritual que a entidade passa a exercer sobre os territórios da região.</p> <p><b>Destaque Central:</b> Maurício Pina <b>Fantasia:</b> <i>Beti</i> - O Grande Sacrificador</p> <p><b>Destaque Performático:</b> Duda Almeida <b>Fantasia:</b> A Energia de Dangbé</p> <p>(Obs.: em momentos específicos do desfile, a destaque performática Duda Almeida poderá descer da alegoria e interagir com a ala 01 para compor a cena da batalha entre os reinos de Aladá e Uidá).</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>A FORÇA DO VODUM DO INFINITO</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>O poder da serpente se manifestava nas procissões realizadas em Uidá em honra à poderosa divindade ofídica. Um imponente andor estilizado é reproduzido nesta alegoria, que forma um só conjunto com a ala que a antecede e que a segue (Alas 2A e 2B). No alto da alegoria, Dangbé, em pujante aparição, é sustentado por colunas em formas femininas transmutadas em serpentes. A procissão ocorrida em 1725 foi descrita pelo etnógrafo francês Jean Baptiste Labat como “a maior cerimônia à serpente”, em um grandioso cortejo que reuniu quase toda a população de Uidá. Os movimentos em espiral nas laterais reinterpretem a visão mística diante dos que caminham em direção ao palácio e avistam o réptil em seu majestoso andor. Os tons cítricos remetem à manifestação do poder ofídico por meio das cores, destacadas para nos conduzir ao campo do onírico.</p> <p><b>Composições femininas:</b> Serpentárias</p>
02	<p><b>PREDIÇÃO ORACULAR: CAMINHOS ABERTOS</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>Precedida por cinco serpentes, a alegoria traz formas circulares – abóbadas em gradação de cores vibrantes - que cercam a grande sacerdotisa. É a divinização de Dangbé já no reino do Daomé, após a batalha de 1727, vencida sobre Uidá. Após o combate, Daomé incorporou as crenças da população conquistada. A partir desse episódio histórico, Dangbé passou a ser cultuado entre outras cobras que já faziam parte do panteão Vodum no Daomé. A escultura simboliza o poder feminino que consulta <i>Fá</i> - o oráculo do povo Jeje - e vê no tabuleiro de adivinhação as predições do futuro. Sob a bandeja de <i>Fá</i> e seus búzios, a bandeira da Viradouro representa um amanhã de luta e vitória da crença Jeje, eternizada no desfile. <i>Alafiou!</i></p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>PREDIÇÃO ORACULAR: CAMINHOS ABERTOS (continuação)</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>Eis a senha de confirmação dada pelo oráculo, indicando caminhos abertos. Por meio da visão premonitória da grande sacerdotisa, é revelada a saga do culto Vodum, cuja trajetória mística está entrelaçada com os mistérios de Dangbé.</p> <p><b>Destaque Lateral Esquerdo:</b> Edmilton Paracambi  <b>Fantasia:</b> O Grande <i>Fatono</i>  (Poderoso iniciado Vodum responsável pelas oferendas aos deuses)</p> <p><b>Destaque Lateral Direito:</b> Paulo Rodrigues  <b>Fantasia:</b> O Supremo <i>Vodunon</i>  (Representa o sumo sacerdote, misto de divindade ofídica e realeza terrena)</p> <p><b>Semi-destaque (Sobre a cobra central frontal):</b>  Victoria Castelhana  <b>Fantasia:</b> Incorporação de Dangbé</p> <p><b>Composições Femininas (sobre quatro das cinco cobras frontais):</b> Serpentárias</p> <p><b>Composições Femininas (sobre as abóbadas laterais):</b> Encanto das Ofídicas</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>AS GUERREIRAS <i>MINO</i>: PROTEÇÃO MÍSTICA E LEALDADE</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>Pela proteção espiritual dos Voduns, as guerreiras <i>Mino</i> (também conhecidas como <i>Agojie</i> – caçadoras de elefantes) eram recrutadas e treinadas para proteger o reino do Daomé. Elas serviam à dinastia de reis consanguíneos do império, cuja insígnia real era identificada pelo símbolo da grande pantera, <i>Kpó</i>. Há na oralidade dos povos <i>Fon</i> um mito-fundador de que Daomé teria sido criado por um Vodum pantera - <i>Kpósú</i> (Possu). As rainhas-mães eram chamadas de <i>Kpojítós</i> (pojítós), cuja tradução significa “aquela que engendra a pantera”, em virtude da importância que tinham na manutenção dos costumes da família real. A alegoria traz as guerreiras em treinamento entre os espinhos reproduzidos na base do chassi. As <i>Mino</i> só eram consideradas aptas ao combate após rituais em louvor aos ancestrais. Em cerimônias secretas, tornavam-se invioláveis física e espiritualmente. A alegoria destaca a bravura feminina diante das provas de preparação para as batalhas, além de desenvolverem estratégias de camuflagem entre a paisagem típica da planície costeira daomeana. Na parte traseira da alegoria há a presença de um barco <i>Vodum</i>, cujo simbolismo se dá de duas formas: (1) representando a travessia transatlântica a que os daomeanos foram submetidos no processo escravista; (2) a constituição de um barco de iniciação religiosa no candomblé brasileiro. A ideia de barco vem das religiões de matriz afro-brasileira e consiste na reunião de um grupo de pessoas que juntas serão submetidas aos ritos iniciáticos, tornando-se assim irmãs indissociáveis. Tal estrutura faz uma conexão com o setor seguinte, que trata da vinda de Ludovina Pessoa ao Brasil.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>AS GUERREIRAS MINO: PROTEÇÃO MÍSTICA E LEALDADE (continuação)</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p><b>Destaque Central Médio:</b> Cristiano Morato  <b>Fantasia:</b> Insígnias de Tebessu – O Grande Rei Pantera</p> <p><b>Destaque Superior (sobre o elefante):</b> Egili Oliveira  <b>Fantasia:</b> Na Huanjile (Misteriosa sacerdotisa Vodum e <i>Kpojító</i>- rainha-mãe - no <i>Daomé</i>)</p> <p><b>Composições Femininas:</b> <i>Kposi</i> – As Favoritas do Rei Pantera</p> <p>(Obs: Ao lado do carro alegórico, poderá haver performances coreográficas do <b>Grupo 1, Guerreiras em Luta</b>, que em determinado momento podem subir e descer da alegoria)</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>LUDOVINA DE GU RAINHA E A FORMAÇÃO DOS TERREIROS JEJE NA BAHIA</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Ludovina Pessoa chegou ao Brasil em meados do Século XIX com a missão de perpetuar o culto Jeje e dar acolhimento espiritual aos filhos da diáspora vindos da região da Costa da Mina, especialmente do <i>Daomé</i>. Segundo a tradição oral recolhida nos terreiros baianos, ela seria uma guerreira <i>Mino</i>, que transitava regularmente da África à Bahia através da transformação em pássaro. Mas a batalha que viria a encampar no Brasil era outra: erguer casas de santo dedicadas aos Voduns em solo baiano. Assim, a líder religiosa teve papel fundamental nos assentamentos do candomblé Jeje entre as cidades de Cachoeira e Salvador. Segundo os mais antigos, a grande matriarca do Daomé seria filha do Vodum <i>Gu</i>, senhor do metal e da guerra. O termo <i>Gu Rainha</i> determinava uma qualificação específica da entidade que regia Ludovina. O carro é uma grande oferenda a <i>Gu</i>, tramado em ferro, ornado com elementos de culto Vodum. A representação do metal permeia toda a base e a decoração da alegoria, que traz a imponente sacerdotisa, cujo corpo surge como uma mística esfinge, figura feminina constituída a partir do ferro.</p> <p><b>Destaque Central Médio:</b> Alex Araújo <b>Fantasia:</b> Três Reis Voduns</p> <p><b>Destaque Central Baixo:</b> Rodrigo Totti <b>Fantasia:</b> Pássaro da Travessia Atlântica</p> <p><b>Composições femininas e masculinas:</b> Artefatos de <i>Gu Rainha</i></p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé II <b>A SANTA CEIA NEGRA</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>Das guerreiras Mino, as mães do Jeje herdaram as estratégias de camuflagem na luta pela sobrevivência das crenças e encantos do seu povo. No terreiro do <i>Seja Hundé</i>, na cidade de Cachoeira, Ludovina, também chamada de negra de “partido alto” (ou seja, africana liberta), projetou-se como liderança espiritual das filhas e filhos da serpente. A pretexto de realizar enterros dignos às irmãs e irmãos, muitas conseguiram arrecadar donativos para também dar dignidade em vida aos filhos da diáspora, comprando alforrias e celebrando unidas a fartura e a solidariedade. Em reuniões e festividades, a partilha de alimentos representava os laços nunca desfeitos com os seus antepassados. O tripé traz uma reinterpretação tridimensional do famoso afresco “A Última Ceia”, de Leonardo da Vinci, uma das imagens cristãs mais difundidas em todo o mundo ocidental, mesclando as tradições católicas às celebrações ritualísticas do candomblé Jeje. Ao centro, Ludovina Pessoa se apresenta como a grande líder, ao lado de outras doze sacerdotisas de terreiros na Bahia, simbolizando a descendência matriarcal do <i>Seja Hundé</i> e do <i>Bogum</i>. Entre as representadas estão: <i>Gayaku Maria Agorensi</i> de <i>Bessen</i>, Maria Epifânia (Sinhá Abalhe), Adalgisa Combo Pereira (<i>Pararasi</i>), Eliza Gonzaga de Souza (<i>Aguesi</i>), Augusta da Conceição Marques, <i>Gayaku</i> Luiza, Valentina de <i>Sogbò Adaen</i>, Maria Emiliana da Piedade (Miliana), Maria Romana (Romaninha), <i>Doné Runhó</i>, Mãe Nicinha e <i>Nadoji Índia</i>. A mesa em formato oval reproduz o mobiliário característico do Daomé, os quais praticamente não apresentam quinas ou retas. Os ornatos na parte traseira trazem insígnias católicas misturadas à arte decorativa afro-baiana.</p>

<p>*</p>	<p style="text-align: center;"><b>Tripé II</b> <b>A SANTA CEIA NEGRA</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>É a ancestralidade presente na batalha espiritual pela manutenção dos cultos trazidos do Daomé.</p> <p><b>Destaque Central:</b> João Helder <b>Fantasia:</b> Ornatos do Altar Jeje-baiano</p>
----------	---	--

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>TEMPLOS SINCRÉTICOS</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>Veneráveis associações de solidariedade, centros de ajuda mútua, as irmandades constituíram uma forma de camuflagem para inserção social. Como a cobra que muda de pele, mas sem perder a essência, matriarcas do Jeje conservaram seus valores, encantos e magias da crença Vodum por meio de laços associativos e de lealdade. O <i>kpeji</i> (peji) do candomblé Jeje e o altar católico traduzem visualmente as respectivas devoções: à frente, a grande escadaria inspirada na arte do Daomé remete aos espaços sagrados onde ocorrem cerimônias e rituais. Na parte de trás, os degraus com ornamentação barroca representam a inserção das celebrações católicas em templos como as Igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha, em Salvador, e a do Rosário, em Cachoeira. A formação dessas irmandades e a participação ativa nas festividades e procissões mantiveram os laços ancestrais, mesmo em uma realidade adversa e opressora. Assim, foram criados mecanismos de preservação e difusão do sistema de magias de um povo de muitas lutas, assim como a criação de formas de sobrevivência, não de joelhos diante da cruz, mas altivas, sob a proteção da serpente.</p>

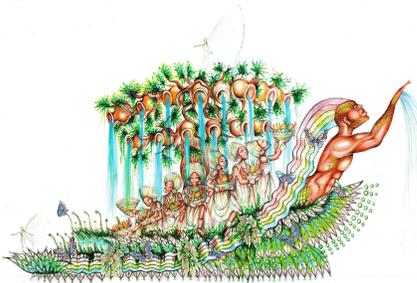
05	<p><b>TEMPLOS SINCRÉTICOS</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p><b>Personagem Central (no trono real do Daomé):</b> Nadoji Índia (Zaildes Iracema de Mello, liderança religiosa do Bogum) <b>Fantasia:</b> Matriarca do Jeje</p> <p><b>Personagem Central (no púlpito):</b> Déo Garcez <b>Fantasia:</b> Sacerdote Católico</p> <p><b>Balé Afro: Batuque para <i>Dan</i></b> (Na escadaria frontal)</p> <p><b>Liturgia a São Bartolomeu</b> (Na escadaria traseira)</p> <p><b>Composições (nas varandas laterais baixas):</b> Irmandade Jeje-baiana</p>
----	--	---

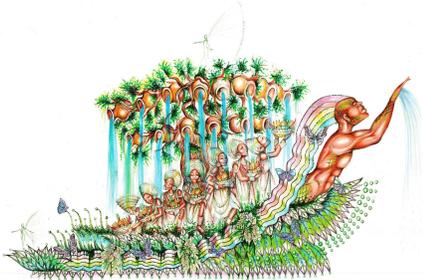
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p style="text-align: center;"><b>SAGRADO TERREIRO CÓSMICO</b></p>  <p>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p>A natureza é o grande terreiro-altar do Jeje. Uma nação forjada no respeito às entidades que descem ao <i>gume-kujo</i>, o pátio sagrado, onde são feitos alguns dos seus ritos. Aos pés de <i>Loko</i>, o Vodum que habita as grandes árvores, reverenciamos a figura de <i>Doné Runhó</i>, eterna sacerdotisa do <i>Bogum</i>, que cunhou a frase “<i>Sem água e sem mata, o Jeje não sobrevive</i>”. As esculturas em oferenda ao grande Vodum revelam a imagem que congela no tempo a memória que nunca se apagou na chamada “árvore do esquecimento”, plantada na entrada do porto de <i>Uidá</i>, de onde partiu a saga de Dangbé. O violento ritual a que os escravizados eram submetidos ao serem trazidos forçadamente às Américas consistia em dar voltas em torno de uma árvore, com fins de apagamento da memória dos filhos da diáspora, impondo-lhes um novo nome e uma nova crença. Em desfile, a oferenda é parte do ritual de memória do legado ancestral. Onde nada principia nem finda, estará a grande serpente a comandar o movimento do universo. No alvorecer, o supremo Dangbé, em sua forma de Bessen, patrono do candomblé <i>Jeje-mahi</i>, atravessa o rio-Sapucaí rumo ao mar-Apoteose para derramar proteção sobre cada um de nós, e, assim, cumprir a missão de ser o elo entre os humanos e as divindades. Ao decompor-se em sete cores, irradia a luz das sete magias sobre uma nação de muitas batalhas, cuja luta só irá cessar quando houver de fato respeito aos cultos tradicionais africanos.</p> <p>O espírito de Dangbé sempre existirá enquanto houver água, mata, folha e fé. Arroboi!</p>

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p data-bbox="396 352 737 464"><b>SAGRADO TERREIRO CÓSMICO (continuação)</b></p>  <p data-bbox="347 779 781 835">*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</p>	<p data-bbox="813 359 1365 436"><b>Destaque Central Alto:</b> Luanda Ritz <b>Fantasia:</b> <i>Aidó-wedó</i> – O Grande Arco-íris</p> <p data-bbox="813 485 1495 562"><b>Destaque Central Médio:</b> Talita Monassa <b>Fantasia:</b> Kwenkwen - A Natureza Feminina de Dan</p> <p data-bbox="813 611 1344 688"><b>Destaque Central Baixo:</b> Susie Monassa <b>Fantasia:</b> Energia Telúrica</p> <p data-bbox="813 737 1511 814"><b>Grupo de Convidados Jeje</b> (Lideranças religiosas de casas da Bahia e do Rio de Janeiro)</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Tripé I - Dangbé: Energia da Vitória</u></b>  <b>Destaque Central:</b> Maurício Pina                      Fantasia: <i>Beti</i> - O Grande Sacrificador</p>	<p>Cabeleireiro</p>
<p><b>Destaque Performático:</b> Duda Almeida                      Fantasia: A Energia de Dangbé</p>	<p>Modelo</p>
<p><b><u>Alegoria 02 - Predição Oracular: Caminhos abertos</u></b>  <b>Destaque Lateral Esquerdo:</b> Edmilton Paracambi                      Fantasia: O Grande <i>Fatono</i></p>	<p>Assessor Executivo</p>
<p><b>Destaque Lateral Direito:</b> Paulo Rodrigues                      Fantasia: O Supremo <i>Vodunon</i></p>	<p>Advogado</p>
<p><b>Semi-destaque (Sobre a cobra central frontal)</b>                      Victoria Castelhana                      Fantasia: Incorporação de Dangbé</p>	<p>Estudante</p>
<p><b><u>Alegoria 03 - As Guerreiras Mino: Proteção Mística e Lealdade</u></b>  <b>Destaque Central Médio:</b> Cristiano Morato                      Fantasia: Insígnias de Tebessu – O Grande Rei Pantera</p>	<p>Designer de Moda</p>
<p><b>Destaque Superior (sobre o elefante):</b> Egili Oliveira                      Fantasia: Na Huanjile</p>	<p>Bailarina</p>
<p><b><u>Alegoria 04 - Ludovina de Gu Rainha e a Formação dos Terreiros Jeje na Bahia</u></b>  <b>Destaque Central Médio:</b> Alex Araújo                      Fantasia: Três Reis Voduns</p>	<p>Cabeleireiro</p>
<p><b>Destaque Central Baixo:</b> Rodrigo Totti                      Fantasia: Pássaro da Travessia Atlântica</p>	<p>Gerente de Marketing</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
<p><b><u>Tripé II - A Santa Ceia Negra</u></b>  <b>Destaque Central:</b> João Helder                      Fantasia: Ornatos do Altar Jeje-baiano</p>	Cirurgião Plástico
<p><b><u>Alegoria 06 - Sagrado Terreiro Cósmico</u></b>  <b>Destaque Central Alto:</b> Luanda Ritz                      Fantasia: <i>Aidó-wedó</i> – O Grande Arco-íris</p>	Professora
<p><b>Destaque Central Médio:</b> Talita Monassa                      Fantasia: Kwenkwen - A Natureza Feminina de Dan</p>	Empresária
<p><b>Destaque Central Baixo:</b> Susie Monassa                      Fantasia: Energia Telúrica</p>	Empresária
<p><b>Local do Barracão</b>                      Rua Rivadavia Corrêa, nº 60- Barracão nº 01- Gamboa- Rio de Janeiro- Cidade do Samba</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>                      Hilton Rosa do Nascimento Filho (Niltinho)</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b>                      João Lopes e Nego</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b>                      Edson de Lima (Futica)</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b>                      Flavinho Policarpo, Alex Salvador e França</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b>                      Leandro Assis</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b>                      Júlio</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b>                      Cal</p>
<p><b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b></p> <p>João Torres - Projetista</p> <p>Nícolas Gonçalves - Assistente de Carnavalesco</p> <p>Alan (Carvalho JPC) - Iluminação e efeitos especiais</p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**

Alessandro Malta - Técnico de Segurança

Bebeto - Decorador (Carro 03, 04 e 06 e Comissão de Frente) e Forrador

Biano Ferraro - Decorador (Carro 01, 02, Tripé I)

Orlando Espuma - Decorador (Carro 05, 06 e Tripé II) e Espuma

Fabio Moura e Vanderson Torres - Almojarifado

Luiz - Borracharia

Nildo - Parintins

Nino - Fibra e Pastelação

Vilmar Almeida - Espelho

Vitor Negromonte - Vime

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>A Batalha de Aladá Contra Uidá</b></p> 	<p>Uidá e Aladá eram territórios vizinhos, localizados na costa Atlântica da África, atual Benin. No ano de 1660, houve uma intensa luta entre os dois reinos. Durante o combate, a serpente que habitava Aladá se uniu ao exército de Uidá, enfraquecendo a tropa inimiga, prostrada diante da iminente derrota. Tornou-se, assim, o grande Vodum cultuado por essa população, tida como forte e coesa. No desfile, a distinção entre os dois reinos é marcada essencialmente pela cor: Uidá com a predominância da cor laranja, e Aladá, marcado principalmente pelo verde. Os componentes desta ala coreografada trazem nas mãos referências ao píton sagrado, apresentando-se com trajes cerimoniais estilizados.</p> <p>(Obs.: Em momentos específicos do desfile, a destaque performática Duda Almeida poderá descer da alegoria e interagir com a ala 01 para compor a cena da batalha entre os reinos de Aladá e Uidá)</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02 A	<p><b>Procissão e Oferendas ao Deus-serpente</b></p> 	<p>Periodicamente, os povos de Uidá caminhavam rumo ao grande templo erguido em honra à serpente, manifestando a crença na divindade ofídica. Durante as peregrinações, animais como o carneiro (<i>àgbó</i>, na língua <i>Fongbé</i>), crocodilo (<i>agèlò</i>) e a cobra (<i>dân</i>) possuíam grande importância e simbolismo na manutenção do culto <i>Nesuhue</i> – crença tradicional <i>Vodum</i> anterior ao processo de diáspora. A representação do poder encantatório das cobras se apresenta nos tons fluorescentes utilizados nos trajes e adereços de mão, deslocando o desfile para os domínios do fantástico. A ala referente à grande procissão se coloca diante da alegoria e se prolonga até a parte de trás, representando a notável devoção de Uidá ao <i>Vodum Dangbé</i>.</p> <p>(Obs.: Somente alguns componentes virão com adereços de mão)</p> <p>(Obs2.: Entre esses adereços, alguns virão sobre rodinhas.)</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

*	<p><b>Oferenda ao Rei de Uidá</b></p> 	<p>A procissão à casa da Grande Serpente era comandada pela mãe e pelas esposas do Rei de Uidá. Na ocasião, as mulheres dançavam e cantavam, e eram ofertados alimentos e presentes às divindades e à realeza.</p>	Musa I	Carolina Macharethe
02 B	<p><b>Procissão e Oferendas ao Deus-serpente</b></p>   	<p>A Ala 02-B é a continuação da Ala 02-A, apresentando figurinos e adereços idênticos.</p> <p>O texto explicativo da respectiva Ala, portanto, é o mesmo, dispensando a repetição</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p><b>Sagrada Vodúnsi</b></p> 	<p>Liderança espiritual venerável e ativa, a sagrada vodúnsi tinha a missão de recrutar novas mulheres que seriam devotadas à serpente.</p>	Personagem de Chão I	Tia Cléia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Sacerdotisas da Serpente Divina</b></p> 	<p>Mais tarde, em 1727, Uidá sucumbiu diante do poder central do Daomé. A adoração a outros deuses serpentes já existia em Abomé, capital do reino. Mas o culto específico ao Vodum Dangbé passa a ser incorporado, num fenômeno de entronização/aglutinação, pelo rei daomeano e seus súditos. Em grandiosas celebrações, as mulheres tinham um notável protagonismo nas cerimônias em honra às serpentes. Altivas e respeitadas, representavam o poder místico feminino que liderava a multidão a formar um rastro de encantamento pelas terras do Daomé. As sacerdotisas eram responsáveis pelo recrutamento e iniciação de jovens que seriam devotadas ao espírito da serpente, dando continuidade às memórias e às crenças dos seus ancestrais. A partir de ritos iniciáticos, essas mulheres se tornavam vodúnsis - aquelas que constituíram laços matrimoniais com o Vodum. Nossas misteriosas sacerdotisas, incorporadas no rodopio místico, revelam toda a magia feminina no culto às serpentes.</p>	Baianas (1946)	Tia Cléia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Iniciação a Dangbé</b></p> 	<p>Anualmente, durante cerca de quinze noites, as sacerdotisas percorriam todo o reino em busca de jovens para serem recrutadas e iniciadas no culto a Dangbé. O percurso só era interrompido quando o número de meninas fosse suficiente. Cada jovem era conduzida para as casas das sacerdotisas, onde passavam por rituais em honra à serpente e instruídas sobre lealdade e respeito aos Voduns.</p>	Musa II	Jamilly Marques
04	<p><b>Ritos Serpentários: O Pacto de Lealdade</b></p> 	<p>No reino do Daomé, as iniciadas no culto Vodum faziam ritos de louvação às serpentes. Em cerimônias secretas, o pacto de lealdade entre as guerreiras <i>Mino</i> era firmado em sangue e fogo para que nunca traissem umas às outras. A união entre o mundo dos vivos e o mundo espiritual era selado pelo espírito de Dangbé, representado na misteriosa carcaça que mimetiza o corpo humano e o poder divino da serpente.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>A Caça ao Marfim: Bravura e Misticismo</b></p> 	<p>No exército feminino daomeano, uma das formas de recrutamento das guerreiras <i>Mino</i> era a caça aos elefantes para a extração do marfim. A prática era uma forma de provar a bravura e a proteção mística adquirida nos rituais Voduns. Esta ala é composta por dois figurinos: (1) o que representa a caça ao marfim; e (2) o que traz imponentes elefantes dos quais eram extraídas as presas.</p> <p>(Obs.: Alguns componentes conduzem costeiros sobre rodas representando elefantes estilizados)</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
06	<p><b>O Poder Transcendente do Marfim</b></p> 	<p>Utilizado nos ritos de adivinhação e de louvor às divindades da linhagem de <i>Dan</i>, as presas dos grandes elefantes ganhavam aura sobrenatural. Os dentes do animal eram extraídos e levados às casas de magia para ritos em louvor ao espírito infinito da serpente. Os oráculos eram esculpido em marfim e utilizados para predizer o futuro e dar proteção às guerreiras <i>Agojie</i> (o outro nome dado às <i>Mino</i>).</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Tassi Hangbé</b></p> 	<p>De acordo com alguns historiadores, como o beninense <i>Bievenu Akoha</i>, <i>Tassi Hangbé</i> foi a primeira guerreira <i>Mino</i>. Filha do rei <i>Houegbadja</i>, era irmã gêmea do rei <i>Akaba</i>. Com a morte do irmão, em 1708, assumiu não apenas o trono do reino, como também o comando militar do exército do Daomé. Com a força dos Voduns ligados ao poder real dos felinos, desempenhou ofícios que antes eram exclusivamente masculinos, como a caça de animais selvagens, incentivando outras mulheres a fazê-lo. Determinou o recrutamento de guerreiras que realizavam intensos treinamentos bélicos e a preparação espiritual Vodum para a defesa do reino.</p> <p>(Obs.: Em determinados momentos do desfile, o destaque performático de chão irá interagir com a Ala 07)</p>	Destaque Performático de Chão	Luana Bandeira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><i>Ahosi - As Mulheres do Rei</i></p> 	<p><i>Ahosi</i> (que significa em língua <i>Fon</i> “As Mulheres do Rei”) é um dos nomes atribuídos às guerreiras <i>Mino</i>, tamanha importância histórica que tiveram na proteção do império do Daomé. A tropa feminina era a última muralha de resistência a ser atravessada para se chegar ao rei, cujo poder era simbolizado pela pantera (<i>Kpò</i>), que simboliza a linhagem real. A bravura das guerreiras do reino de <i>Dan</i> é simbolizada por esta ala exclusivamente feminina, que incorpora a lealdade e a coragem das <i>Ahosi</i>.</p> <p>(Obs.: Em determinados momentos do desfile, o destaque performático de chão irá interagir com a Ala 07)</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

<p>*</p>	<p><b>Guerreiras em Luta</b></p> 	<p><i>“Lealdade em brasa rubra, fogo em forma de mulher”.</i> Reunindo esses valores, as guerreiras do <i>Daomé</i> formaram o mais temido exército feminino de que já se teve notícia. Uma das mais duras provas a que eram submetidas consistia em atravessar densos arbustos cravejados de espinhos. Com proteção espiritual e senso de coletividade, estavam preparadas para as muitas batalhas pela expansão do reino e pela sobrevivência da crença Vodum. Este grupo feminino interage com a Alegoria 3, entre os espinhos que se projetam da vegetação na base do chassi.</p> <p>(Obs.: Circundam a alegoria 03. Em determinados momentos do desfile poderão interagir com a alegoria)</p>	<p>Grupo Performático I</p>	<p>Harmonia</p>
----------	--	--	-----------------------------	-----------------

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>O Mar Memorial de Ludovina</b></p> 	<p><i>“Já sangrou um oceano / pro seu rito incorporar / num Brasil mais africano, outra areia, mesmo mar”</i>. O barco Vodum (trazido nos fundos da alegoria 03) atravessa o Atlântico na pele, na memória e na crença de sacerdotisas como Ludovina Pessoa. Natural do Daomé, ela trouxe as práticas de magia, ondeando pelo grande oceano encarnado e branco que carrega os mistérios da costa da Mina para outras areias, singrando o mesmo mar que une Brasil e África. Nesta ala, assim como em outras deste setor, são aplicadas as figuras dos tapetes ideográficos do Daomé (chamadas também de telas de aplique, ou tapetes proverbiais), representando a memória trazida pelos filhos da diáspora que cultivaram no Brasil o sistema de magias ligados à crença Vodum e futuramente constituirão o Candomblé brasileiro, especificamente a nação Jeje.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Assentamentos</b></p> 	<p>A Bahia foi um dos territórios escolhidos pelas divindades para a instalação dos seus locais de culto. Com a missão de erguer terreiros consagrados aos Voduns, Ludovina Pessoa participou ativamente da fundação e fortalecimento de casas importantes para o culto do candomblé <i>Jeje</i> na Bahia: o <b>Zoogodô Bogum Malê Rundó</b>, em Salvador; e o <b>Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé</b>, assentado na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. O <i>Bogum</i>, forma coloquial sintética como é mais referido pelos adeptos da religião, foi erguido por Ludovina, e dedicado ao Vodum <i>Sogbò</i>. A sacerdotisa também foi responsável pela fundação do <i>Sejá Hundé</i>, em honra à serpente <i>Dan</i>. Um terceiro terreiro, dedicado ao Vodum <i>Sakpatá</i>, não chegou a ser fundado por ela, mas sua liderança se manifesta nas casas e nos cultos fincados na Bahia.</p> <p>Assim, Ludovina expandiu os territórios como forma de sobrevivência dos cultos e mistérios dos povos <i>Fon</i>. O elemento cerimonial (boneco) na cabeça dos componentes representa os objetos de encanto que se instalaram nos terreiros. Na mão desse elemento está o Takará, artefato sagrado dos iniciados de <i>Dan</i>. Presentes no corpo dos componentes, as cabaças representam o ventre feminino que guarda os segredos da criação.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Pejigã</b></p> 	<p>Pejigã significa “o senhor que zela os altares sagrados”. O título de Pejigã (<i>Kpejigan</i> em <i>Fon</i>) é dado exclusivamente aos homens que não entram em transe e foram submetidos à iniciação do culto Vodum. Por conta de suas atribuições específicas, é aquele responsável por lidar diretamente com os assentamentos da casa de santo, tendo protagonismo e domínio do conjunto material votivo, que são os itens de encantamento do sagrado.</p> <p>(Obs.: Valci Pelé- coordenador da ala- virá acompanhado de uma das passistas femininas)</p>	Personagem de Chão II	Valci Pelé

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Energia de Gu Rainha – Magia e Movimento</b></p> <p><b>Feminino</b></p>  <p><b>Masculino</b></p> 	<p>Ludovina Pessoa foi uma mulher iniciada para Vodum <i>Gu</i>. Por conta das trocas entre etnias anteriores ao processo de diáspora, especialmente por causa dos conflitos bélicos do império do Daomé com os povos vizinhos, a figura de <i>Gu</i> passou por um processo de vodunização do ancestral de origem <i>Yorùbá Ogum</i>. Assim, os domínios do <i>Vodum Gu</i>, respeitando aqui as especificidades que o candomblé Jeje tem na manutenção do culto deste ancestral, são as forças de constituição e proteção das tecnologias e avanços sociais. Sob a proteção e os desígnios espirituais, a entidade foi guia de Ludovina, e se manifesta no movimento dos corpos que sambam ao som da Furacão Vermelho e Branco, a nossa bateria. Tal nomenclatura designa uma simbiose entre o papel social que ela exercia enquanto líder e seus respectivos enredamentos ancestrais. O encantamento de <i>Gu</i> viaja ao Brasil com Ludovina, a grande senhora que dedicou seus ensinamentos e ações pela perpetuação do sagrado Vodum na Bahia.</p>	Passistas (1946)	Valci Pelé

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Takará</b></p> 	<p>A rainha da bateria Furacão Vermelho e Branco vem empunhando a arma característica de Vodum <i>Dan</i>: o Takará. Consiste num instrumento ritualístico pontiagudo utilizado pelos iniciados da família das cobras no processo de transe. As danças em que o Takará é ativado tendem a ser aquelas relacionadas aos perigos e à força de <i>Dan</i>, como divindade de salvaguarda da comunidade e do território da casa de santo, o próprio <i>Hunkpame</i>.</p>	Rainha de Bateria	Erika Januza
*	<p><b>Mestre Alufá Licutan</b></p> 	<p>Um dos líderes da Revolta dos Malês foi o mestre alufá Licutan. O movimento foi um levante contra a escravidão que reuniu <i>hauçás, iorubanos, mandingas, mandês, fulás</i> e o povo <i>Jeje</i>. Uma reunião de diversos grupos étnicos em nome da liberdade coletiva e da dignidade aos povos submetidos à escravidão.</p>	Mestre de Bateria	Mestre Ciça

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>A Revolta dos Malês</b></p> 	<p>Dobrem os tambores para propagar a união mística entre o sagrado e as batalhas de libertação. De acordo com as lideranças do <i>Bogum</i>, o terreiro protegeu as sementes de uma legião de fê que resistiu ao tempo. A Revolta dos Malês, ocorrida em 1835, teve o Bogum como ponto de apoio e Joaquim Jeje, integrante dessa centenária casa religiosa, como um dos heróis do levante. Os figurinos (masculino e feminino) são inspirados nos trajes muçulmanos da etnia que protagonizou aquela que é considerada a maior revolta de escravizados da história do Brasil. As aplicações dos desenhos estampados nos tapetes ideográficos do Daomé representam a inserção do povo Jeje nessa batalha que uniu diversos povos escravizados. As lutas do outro lado do oceano agora eram travadas em solo brasileiro, desta vez em nome da liberdade e sobrevivência dos cultos.</p> <p>(Obs: Em alguns momentos poderá acontecer, de forma não obrigatória, uma performance realizada por integrantes que estarão na bateria, representando os rituais de proteção do povo Jeje durante a Revolta dos Malês - fantasia branca ao lado).</p>	Bateria (1946)	Mestre Ciça

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Entre África e Brasil: O Voo do Pássaro Misterioso</b></p> 	<p>Segundo a tradição oral, Ludovina era uma africana livre, autoridade religiosa que se deslocava regularmente entre o Daomé e a Bahia. Alguns dos seus seguidores a descreviam como uma ave misteriosa capaz de percorrer distâncias inimagináveis para fincar sua fé nas duas areias que margeiam o Atlântico. O trânsito entre os dois mundos é a essência de Ludovina Pessoa: a matriarca de uma nação que assentou seus encantos na Bahia para perpetuar as magias da crença Vodum.</p>	<p>Grupo Performático II</p>	<p>Harmonia</p>
12	<p><b>Altars Móveis</b></p> 	<p>Os altars móveis representam em imagem o culto místico que atravessou o Atlântico nos encantos Voduns e se fixou no Brasil. Esculpidos em metal do Vodum <i>Gu</i>, os artefatos simbolizam a mobilidade e o trânsito de crenças fincadas na Bahia a partir da liderança de Ludovina Pessoa.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Encanto de Fogo</b></p> 	<p>Representa os fundamentos de <i>Gu</i>, no fogo que forja o ferro em brasa e transforma a matéria bruta em artefatos e encantos. Vale ressaltar que Vodum <i>Gu</i> é aquele responsável pelos avanços tecnológicos, e neste contexto a manipulação do fogo é compreendida como uma tecnologia, sobretudo na confecção de armas constituídas a partir da bênção do ancestral nas lutas de libertação.</p>	Musa III	Lore Improta
13	<p><b>Escudos Sincréticos</b></p> 	<p>A luta pela manutenção do sagrado do povo Jeje tem na formação das irmandades um capítulo fundamental. Os cultos de origem africana se misturavam às liturgias católicas, em celebrações sincréticas. Essas associações religiosas se valiam da negociação social para sobrevivência dos mistérios Voduns. Tratava-se de um escudo simbólico que permitiu a proteção dos cultos afro-barrocos que se instalaram na Bahia. Ao longo de todo esse setor, o corpo da serpente se insinua nas fantasias em meio a símbolos ligados à visualidade católica e às joias de crioula, elementos decorativos e adornos feitos em metal e pedras.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Senhoras da Cura e da Sorte (Folhas e Figs)</b></p> 	<p>As dobras místicas da serpente se misturam a elementos dos santos católicos para expressar o cruzamento das fés. Sacerdotisas vindas do outro lado do Atlântico utilizavam seus poderes encantatórios para curar e para predizer o futuro. Santos de altares e Voduns se cruzavam para que a missão de perpetuar as tradições da Costa da Mina nunca se apagasse. As manifestações sincréticas se dão nas relações de costumes de povos distintos que passam a coexistir ou se adaptar ao contexto local.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>
15	<p><b>Quitutes da Festa de São Bartolomeu</b></p> 	<p>O revoar dos pavilhões anuncia os casais mirins, que trazem os quitutes e a alegria presente nas festividades a São Bartolomeu.</p>	<p>Projeto de Casais do Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Kátia Paz</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Senhoras da Fartura</b></p> 	<p>Os laços de solidariedade praticados por meio de ações de ajuda mútua eram fortalecidos por festejos ancestrais, com oferendas e partilha de alimentos. Sob esses valores e práticas sociais e espirituais, procissões e festas de padroeiros tinham a participação ativa de associações religiosas em prol da manutenção de práticas do culto Jeje na Bahia. Era também uma forma de manter os laços de lealdade entre as herdeiras de Ludovina para que nunca abandonassem umas às outras. Este grupo emoldura o tripé (na frente e na lateral), complementando a cena em que as senhoras da fartura oferecem seus quitutes.</p> <p>(Obs.: As componentes do grupo circundam o Tripé II)</p> <p>(Obs 2: Grupo Performático III - Senhoras da Fartura desfilam com o mesmo figurino das guardiãs do Terceiro Casal)</p>	<p>Grupo Performático III</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Irmandade da Boa Morte</b></p> 	<p>Em Cachoeira, no terreiro do <i>Seja Hundé</i>, Ludovina Pessoa foi o elo entre muitas das sacerdotisas reunidas em irmandades, estabelecendo laços de pertencimento entre os clãs. Organizada num contexto histórico de conflitos sociais decorrentes das lutas antiescravistas, a Irmandade da Boa Morte se projetou como associação leiga, de cultos católicos associados às crenças de origens Jeje e Nagô. Para vencer a dor da despedida e proporcionar amparo espiritual na hora da morte, essas associações se instituíram como pilar de afeto, resiliência e cidadania no Brasil. Uma das mais queridas irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Boa Morte da casa de <i>Seja Hundé</i> foi Maria Epifânia dos Santos, Sinhá Abalhe, que comandou o terreiro entre as décadas de 1930 e 1950. Tanto a imponência do vestuário como a utilização de joias de metal revelam a altivez com que essas matriarcas se impuseram material e espiritualmente ao longo do tempo, reforçando o pacto de lealdade firmado sob a cruz e a serpente.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>Irmandade do Bom Jesus dos Martírios</b></p> 	<p>Instituída por escravizados oriundos dos povos do Daomé, em meados do Século XVIII, a Irmandade reuniu em seu entorno diversos adeptos, impulsionando e sendo impulsionados por movimentos abolicionistas. Ainda nos anos de 1700, as atividades da Irmandade foram transferidas para a Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha, instalada no Centro Histórico de Salvador. A união entre irmãos e irmãs surgia de uma rede matriarcal associativa, erguida com devoção e lealdade em nome de benfeitorias e alento para os filhos da diáspora trazidos da Costa da Mina</p>	Compositores (1946)	Harmonia
18	<p><b>A Irmandade do Samba</b></p> 	<p>Guardiões da fé, os integrantes das irmandades da Boa Morte, em Cachoeira, Bom Jesus dos Martírios e do Bom Jesus das Necessidades e da Redenção, em Salvador, encontraram nessas associações leigas uma forma de perpetuação do sagrado por meio de experiências vivenciadas e sabedoria compartilhada. Assim como as velhas-guardas nas escolas de samba, as irmandades preservam o legado dos antepassados com pertencimento e senso de coletividade. São estratégias na eterna luta para manter os cultos à herança dos antepassados por meio da continuidade da crença Vodum na Bahia, bem como a manutenção da essência africana do samba.</p>	Velha-Guarda (1946)	José Luiz França

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Dança aos deuses Afro-baianos</b></p> 	<p>Com muito samba e festa, desfila a brincante devota de São Bartolomeu e Dangbé, cujas celebrações reúnem filhas e filhos do Jeje nas irmandades religiosas baianas.</p>	Musa IV	Thays Busson
19	<p><b>Cruzando Tambores – O Toque Sagrado do Adahum</b></p> 	<p>O <i>Adahum</i> é o toque em ritmo acelerado, quente, forte e contínuo, que provoca o transe, promovendo a incorporação de filhas e filhos de santo. Tambores revelam a morada dos Voduns que se manifestam em uma mística aparição. Os tons das alas deste setor apresentam uma sequência cromática que se completa na última alegoria, evocando Dangbé por meio da transição das cores e da união dos Voduns que se apresentam no encerramento do desfile.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>“Sem Água e Sem Mata, O Jeje Não Sobrevive”</b></p> 	<p><i>Doné Runhó</i>, uma das matriarcas do terreiro do <i>Bogum</i>, em Salvador, dizia que “<i>sem água e sem mata, o Jeje não sobrevive</i>”. Esta frase, definitiva na constituição do candomblé Jeje na Bahia, remete à ligação do culto Vodum às forças da natureza. A energia das árvores e das folhas vive no Vodum <i>Loko</i>, representado a partir dos domínios elementais próprios da manutenção do culto Jeje, conforme defendido por Doné Runhó.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
21	<p><b>Magia Lunar: A Noite</b></p> 	<p>A ala dos adolescentes da Viradouro veste-se em nosso desfile em louvor às divindades Voduns, em sua porção representativa da noite, da lua e das estrelas. É o encantamento do Vodum <i>Mawu</i> a partir dos seus domínios elementais, sobretudo pelas forças lunares, trazendo consigo o poder celeste e noturno da criação, no eterno ciclo que rege o universo.</p>	Juvenil (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>O Cair da Chuva</b></p> 	<p>Entre o céu e a terra, desce o emissário dos deuses. As serpentes da família de <i>Dan</i> possuem relações com os ciclos da água. As gotas que caem do céu, as forças lacustres, o formato de serpente dos rios e igarapés, a capilaridade da água por dentro das árvores. Fenômenos naturais que se manifestam e se apresentam para trazer <i>Dan</i> em rastro luminoso que se espraia quando as <i>Dans</i> deixam a terra (<i>ayí</i>) e voltam para o céu. Completa-se, enfim, o ciclo das águas para manter o equilíbrio do nosso ecossistema.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
23	<p><b>O Poder Místico do Trovão</b></p> 	<p>Entre as águas que se precipitam do alto, os raios dançam nos céus, evocando os Voduns ligados às tempestades. Luz e fogo que ligam o espiritual ao terreno, na energia mística do alvorecer. Com o desfilar da ala que precede a última alegoria, <i>Dan</i> se manifesta por meio da junção das cores deste quadro derradeiro da escola, que reúne os fenômenos da natureza. É a ponte sagrada a conectar os humanos às divindades Voduns. E faz o céu amanhecer para um novo ciclo, mantendo a eterna aliança pelo equilíbrio da Terra, o nosso Terreiro Cósmico.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

N º	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Refração da Luz</b></p> 	<p>A energia de Dangbé se revela em um espectro de movimento e luz, decomposta em sete cores para anunciar a conexão espiritual da serpente com os planos terreno e divino.</p>	Musa V	Bellinha Delfim
*	<p><b>Kolofé! Saudação a Vodúnsis e lideranças espirituais</b></p> 	<p>Nossa escola, encantada e abençoada pelo amanhecer, encerra o desfile com uma ala em homenagem às lideranças do candomblé Jeje no Rio de Janeiro e na Bahia, cruzando os axés e celebrando a ancestralidade Vodum na Avenida.</p> <p><i>Kolofé! Arroboboi!</i></p> <p>Saudamos os filhos da nação de <i>Dan</i> e de todas as energias da natureza.</p>	Grupo IV	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadavia Corrêa, nº 60 - Barracão nº 01 - Gamboa - Rio de Janeiro - Cidade do Samba	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Alessandra Reis	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Equipe Alessandra Reis	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Wladmir Viana, Marcos Sales, Gilmar, Rogério Sampaio.
<b>Adrecista Chefe de Equipe</b> Biano Ferraro, Wladmir Viana, Marcos Sales, Wal Machado, Alexandre Guru, Gilmar, Rogério Sampaio, Cláudio Schneider, Jefferson Ferreira, Flavia Jacob	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José e Deivison
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Roberto Monteiro- Figurinista  Nicolas Gonçalves- Assistente de Carnavalesco  Aline Rainha- Almoxarifado  Júnior- Arame  Paula e Orlando- Espuma  Vitor Negromonte- Vime  Leandro Art- Pintura	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  As imagens nas fichas são originais e servem apenas como referência.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b> Claudio Mattos, Claudio Russo, Julio Alves, Thiago Meiners, Manolo, Anderson Lemos, Vinicius Xavier, Celino Dias, Bertolo e Marco Moreno		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Greide Moreno		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 87 (oitenta e sete)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Heraldo Faria (83 anos)	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Michael (29 anos)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  EIS O PODER QUE RASTEJA NA TERRA LUZ PRA VENCER ESSA GUERRA, A FORÇA DO VODUM RASTRO QUE ABENÇO A AGOYE REZA PRA RENASCER, TOQUE DE ADAHUM LEALDADE EM BRASA RUBRA, FOGO EM FORMA DE MULHER UM LEVANTE À LIBERDADE, DIVINDADE EM DAOMÉ JÁ SANGROU UM OCEANO PRO SEU RITO INCORPORAR NUM BRASIL MAIS AFRICANO, OUTRA AREIA, MESMO MAR  <b>ERGUE A CASA DE BOGUM, ATABAQUE NA BAHIA YA É GU RAINHA, HERDEIRA DO CANDOMBLÉ CENTENÁRIO FUNDAMENTO DA COSTA DA MINA SEMENTE DE UMA LEGIÃO DE FÉ</b>  VIVE EM MIM, A IRMANDADE QUE VENCEU A DOR A FORÇA, HERDEI DE HUNDÉ E DA LUTA MINO VAI SERPENTEANDO FEITO RIO AO MAR ARCO-ÍRIS QUE NO CÉU VAI CLAREAR AYÍ! QUE SEU VENENO SEJA MEU PODER BESSEN QUE CORTA O AMANHECER SAGRADO GUME-KUJO VODÚNSIS O RESPEITAM, CLAMAM KOLOFÉ E OS TAMBORES REVELAM SEU AFÉ  Ê ALAFIOU, Ê ALAFIÁ!		

É O NINHO DA SERPENTE JAMAIS TENTE AFRONTAR!  
Ê ALAFIOU, Ê ALAFIÁ!  
É O NINHO DA SERPENTE PREPARADO PRA LUTAR!

**ARROBOBOI, MEU PAI! ARROBOBOI, DANGBÉ!  
DESTILA SEU AXÉ NA ALMA E NO COURO  
DERRAMA NESSE CHÃO A SUA PROTEÇÃO  
PRA VITÓRIA DA VIRADOURO!**

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

**Outras informações julgadas necessárias**

**Defesa da Letra do Samba-Enredo:**

Nosso samba de enredo para o desfile de 2024 percorre os setores conduzindo componentes e público pelos caminhos de Dangbé ao longo da trajetória desenhada no enredo. Com o *eu-lírico* centrado no próprio componente da escola, torna-se poema de vigor, canto épico para revolver memórias e entrelaçar histórias.

Em imagens poéticas, *Arroboboi Dangbé* assim serpenteia pelo enredo:

*EIS O PODER QUE RASTEJA NA TERRA / LUZ PRA VENCER ESSA GUERRA, A FORÇA DO VODUM / RASTRO QUE ABENÇO A AGOYE / REZA PRA RENASCER, TOQUE DE ADAHUM*

Um facho sinuoso desliza sobre o chão, chacoalha as folhas, estremece a terra e borbulha as águas. **Eis o poder que rasteja na terra.** Foi assim que resplandeceu Dangbé, **luz pra vencer essa guerra, a força do Vodum** entre os povos de Uidá, na Costa da Mina, que triunfou na épica batalha contra o reino vizinho de Aladá. Ao atravessar os campos onde estava o exército de Aladá e unir-se ao lado oponente, a serpente traçou seu encaicho encarnado de sangue sobre a terra. Na insanidade da guerra e na dignidade da luta, a ofídica rabiscou **o rastro que abençoa Agoye**, glorificou a predição do oráculo. Foi consagrada a vitória de Uidá. Reza pra renascer, a nação vencedora reverencia a divindade. A serpente, enfim, renova sua pele. O toque do *adahum* manifesta o transe para prever o destino e vencer batalhas.

*LEALDADE EM BRASA RUBRA, FOGO EM FORMA DE MULHER / UM LEVANTE À LIBERDADE, DIVINDADE EM DAOMÉ*

A adoração a Dangbé se uniria aos demais cultos aos Voduns ofídicos presentes no reino do Daomé, que expandiu seus domínios após intensas lutas contra os reinos próximos. Batalhas em que teve destaque um poderoso exército de mulheres consagradas na fé, as guerreiras Mino. Protegidas pelo sobrenatural, elas realizavam um pacto místico para que nunca traíssem umas às outras. Um pacto de **lealdade em** língua de **brasa rubra** e cipó de **fogo em forma de mulher**, firmado por guerreiras cujas trajetórias místicas se entrelaçam em combates épicos, **um levante à liberdade**, em honra à **divindade em Daomé**.

*JÁ SANGROU UM OCEANO PRO SEU RITO INCORPORAR / NUM BRASIL MAIS AFRICANO, OUTRA AREIA, MESMO MAR*

O rastro encarnado atravessa as águas do Atlântico. Seu poder **já sangrou um oceano pro seu rito incorporar, num Brasil** que, agora com a presença dos cultos Voduns, torna-se **mais africano**. A divindade está em **outra areia**, porém conectada às próprias origens pelo **mesmo mar**. Brasil e África, terras separadas que dividem o mesmo oceano e o mesmo sistema de magias. Os valores místicos das guerreiras cortaram o pélagos no baú de memórias e crenças de uma sacerdotisa do Daomé.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

**Outras informações julgadas necessárias**

*ERGUE A CASA DE BOGUM, ATABAQUE NA BAHIA / YA É GU RAINHA, HERDEIRA DO CANDOMBLÉ / CENTENÁRIO FUNDAMENTO DA COSTA DA MINA / SEMENTE DE UMA LEGIÃO DE FÉ*

Mãe Ludovina *ergue a Casa de Bogum*, ao toque do *atabaque na Bahia*. *Yá* (mãe) é iniciada em *Gú Rainha*, é *herdeira do Candomblé* Jeje e tem por missão perpetuar os cultos Voduns no Brasil. No Bogum, casa de *centenário fundamento* cujo nome remetia a um aldeamento próximo *da Costa da Mina*, ou, segundo a tradição oral ao, ao baú que guardava donativos para a Revolta dos Malês, foi plantada a *semente de uma legião de fé*. Ressaltamos que *Yá* é palavra de origem Iorubá, mas foi incorporada ao samba, uma vez que passou a ser amplamente utilizada para se referir a “*mãe*”, sendo pronunciada em diversos cultos religiosos de origem africana, entre elas o Jeje.

*VIVE EM MIM / A IRMANDADE QUE VENCEU A DOR / A FORÇA, HERDEI DE HUNDÉ E DA LUTA MINO*

*Vive em mim*, desfilante da escola, voz que enuncia a saga de Dangbé na alma de quem entoia esta obra, a *irmandade que*, nos fundos dos templos de adoração católicos, *venceu a dor* pela perseguição às suas crenças. *A força* que trago à avenida *herdei de Seja Hundé*, terreiro que teve em Ludovina o elo entre muitas das sacerdotisas reunidas em irmandades, e *da luta* das guerreiras *Mino*. A matriarca teve participação ativa na fundação do terreiro Seja Hundé.

*VAI SERPENTEANDO FEITO RIO AO MAR / ARCO-ÍRIS QUE NO CÉU VAI CLAREAR*

Estamos nós, Viradouro e Jeje, cruzando energias e tambores. Esta força, que está nos ritos e nas divindades, *vai serpenteando feito rio ao mar*, a inundar a mata e irromper o horizonte. É a evocação da energia que transita entre o firmamento e a terra (*Ayí*), da entidade visível no encantamento do *arco-íris que no céu vai clarear*.

*AYÍ! QUE SEU VENENO SEJA MEU PODER / BESSEN QUE CORTA O AMANHECER / SAGRADO GUME-KUJO / VODÚNSIS O RESPEITAM, CLAMAM KOLOFÉ / E OS TAMBORES REVELAM SEU AFÉ*

Que a energia de Dangbé seja antídoto contra o veneno da intolerância religiosa e todo mal seja revertido em respeito pela liberdade de cultos ancestrais. A nossa escola cruza a avenida, sob a energia de *Bessen* (Dangbé, na cultura Jeje-mahi) *que corta o amanhecer*, a alvorada durante a passagem da Viradouro em 2024. Transmutada em terreiro, a Avenida torna-se um *sagrado Gume-Kujo*. *Vodúnsis*, divindades e espíritos *respeitam* o espírito da serpente, *clamam Kolofé* (bênção) *e os tambores revelam seu afé* (casa, morada), marcam a permanência e a edificação do seu culto no Brasil, por meio da linhagem ancestral do Bogum, do Seja Hundé e, agora também, por meio desta homenagem da Unidos do Viradouro.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

**Outras informações julgadas necessárias**

*Ê ALAFIOU, Ê ALAFIÁ! É O NINHO DA SERPENTE / JAMAIS TENDE AFRONTAR! / Ê ALAFIOU, Ê ALAFIÁ! / É O NINHO DA SERPENTE PREPARADO PRA LUTAR! / ARROBOBOI, MEU PAI! ARROBOBOI, DANGBÉ! / DESTILA SEU AXÉ NA ALMA E NO COURO / DERRAMA NESSE CHÃO A SUA PROTEÇÃO / PRA VITÓRIA DA VIRADOURO!*

*Ê alafiou, ê alafiá, caminhos abertos! Nossa escola é o ninho da serpente, jamais tente afrontar. Encantado pelo espírito infinito da serpente, cada componente está **preparado** para a grande luta. **Arroboboi meu pai, arroboboi Dangbé, destila seu axé na alma** de todos os integrantes e **no couro** da batida de cada instrumento, **derrama nesse chão** da avenida **a sua proteção pra vitória da Viradouro!***

O que se observa é uma letra adequada ao enredo e descritiva dos aspectos essenciais e setores da história que a escola contará na avenida. Buscamos a utilização de versos fortes e potentes, entrosados aos desenhos melódicos da obra. O uso pontual de palavras e expressões em idioma *fon*, língua oficial do antigo reino do Daomé, enriquece a obra e intensifica a ambientação nos cenários delineados pelo enredo. E o mais importante: trata-se, acima de tudo, de um compromisso firmado junto aos terreiros em afiançar a mais fiel retratação da cultura e religiosidade que representam, de forma a vedar equívocos, imprecisões e assegurar a legitimidade histórica da obra. Assim, a letra busca unir o vigor da narrativa, sem abrir mão da riqueza poética.

**Defesa da Melodia do Samba-enredo:**

A primeira estrofe, em tom menor (*Em* - *Mi* menor), [*EIS O PODER QUE RASTEJA NA TERRA (...)* até *NUM BRASIL MAIS AFRICANO, OUTRA AREIA, MESMO MAR*] é marcada por uma melodia crescente, aguerrida, que transporta ao cenário místico das batalhas envolvendo o Reino do Daomé. A beleza dos desenhos melódicos valoriza a intensidade e a riqueza poética da letra, empregando notas graves e agudas conforme o desenvolver da dramaticidade contida na mensagem de cada verso.

O refrão do meio (*Em* - *Mi* Menor) [*ERGUE A CASA DE BOGUM (...)* até *SEMENTE DE UMA LEGIÃO DE FÉ*] conduz à imersão no universo da musicalidade expressa nos terreiros da religiosidade de matriz africana. O balanço desse trecho, o ritmo da melodia, ambienta a chegada das casas do culto à serpente no Brasil.

Na passagem para a segunda grande estrofe, há uma modulação para *C#m* (Dó suspenso Menor), tonalidade relativa de *E* (*Mi*). Os versos [*VIVE EM MIM (...)* até *A FORÇA, HERDEI DE HUNDÉ E DA LUTA MINO*] são os mais dolentes da melodia e convidam o componente da escola a cantar com intensa comoção e imergir na letra do samba. De forma natural, no decorrer de vários versos, ocorre uma modulação para o tom maior (*E* - *Mi*). A partir de *VAI SERPENTEANDO FEITO RIO AO MAR* até *SAGRADO GUME-KUJO*, a melodia transita da dolência ao vigor e volta a entrar numa dinâmica gradativa. Buscando as notas mais agudas a partir de *AYÍ, QUE SEU VENENO SEJA MEU PODER,* os

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

desenhos melódicos reportam à veemência do desenvolvimento da história contada na letra, a busca do poder para cortar o amanhecer na avenida, valendo-se do ardor incitado pela tonalidade maior.

Retomando a tonalidade menor (*Em* - *Mi* menor), os versos finais da segunda grande estrofe [*VODÚNSIS O RESPEITAM, CLAMAM KOLOFÉ / E OS TAMBORES REVELAM SEU AFÉ*], em oferta de imenso respeito a Dangbé, empregam notas mais graves e preparam para a força do pré-refrão.

Permanecendo em *Em* (*Mi* Menor), a melodia do pré-refrão [*Ê ALAFIOU, Ê ALAFIÁ! (...)*] é assaz aguerrida, um chamado à batalha, um grande grito de guerra caloroso que predispõe à mensagem do refrão, cujos dois primeiros versos estão em tonalidade maior (*E* - *Mi*) [*ARROBOBOI MEU PAI, ARROBOBOI DANGBÉ! / DESTILA SEU AXÉ NA ALMA E NO COURO*], evocando a saudação à divindade, e os dois versos finais na tonalidade de *Em* (*Mi* Menor) [*DERRAMA NESSE CHÃO A SUA PROTEÇÃO PRA VITÓRIA DA VIRADOURO!*], refletindo, na beleza do tom menor, o clamor pela benção para alcançar o triunfo.

A melodia do samba da Unidos do Viradouro para o carnaval 2024, portanto, prima por soluções e variações bem delineadas junto à letra, preza pelo bom gosto dos desenhos musicais e estimula os desfilantes a cantar os trechos da obra com força e energia.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Mestre Ciça
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Marquinho, Romildo, Mauro, Monique, Marcos Passo, Pierre, Avelar, Juan, Ulisses, Guilherme, Ana Beatriz
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 275 (duzentos e setenta e cinco) componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	13	-	-
<b>Caixa</b> 114	<b>Tarol</b> -	<b>Tamborim</b> 40	<b>Tan-Tan</b> -	<b>Repinique</b> 30
<b>Prato</b> -	<b>Agogô</b> -	<b>Cuíca</b> 24	<b>Pandeiro</b> -	<b>Chocalho</b> 24

**Outras informações julgadas necessárias**

Agogô de duas bocas – 02

Atabaques – 06

**Ala 10- Bateria**

**Nome da Fantasia:** A Revolta dos Malês

**O que representa:** Dobrem os tambores para propagar a união mística entre o sagrado e as batalhas de libertação. De acordo com as lideranças do *Bogum*, o terreiro protegeu as sementes de uma legião de fê que resistiu ao tempo. A Revolta dos Malês, ocorrida em 1835, teve o Bogum como ponto de apoio e Joaquim Jeje, integrante dessa centenária casa religiosa, como um dos heróis do levante. Os figurinos (masculino e feminino) são inspirados nos trajes muçulmanos da etnia que protagonizou aquela que é considerada a maior revolta de escravizados da história do Brasil. As aplicações dos desenhos estampados nos tapetes ideográficos do Daomé representam a inserção do povo Jeje nessa batalha que uniu diversos povos escravizados. As lutas do outro lado do oceano agora eram travadas em solo brasileiro, desta vez em nome da liberdade e sobrevivência dos cultos.

(Obs: Em alguns momentos poderá acontecer, de forma não obrigatória, uma performance realizada por integrantes que estarão na bateria, representando os rituais de proteção do povo Jeje durante a Revolta dos Malês.)

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Rainha de Bateria: Erika Januza**

**Nome da Fantasia:** A Revolta dos Malês

**O que representa:** A rainha da bateria Furacão Vermelho e Branco vem empunhando a arma característica de Vodum *Dan*: o Takará. Consiste num instrumento ritualístico pontiagudo utilizado pelos iniciados da família das cobras no processo de transe. As danças em que o Takará é ativado tendem a ser aquelas relacionadas aos perigos e à força de *Dan*, como divindade de salvaguarda da comunidade e do território da casa de santo, o próprio *Hunkpame*.

**Mestre Ciça:** Tendo a ousadia como uma de suas principais marcas, Ciça é um dos mais técnicos e também dos mais respeitados mestres de bateria de todos os tempos. E o sucesso que faz não é à toa: ele possui uma marca única, de estar há 34 carnavais ininterruptos no comando de uma bateria.

1988 – 1997: Estácio de Sá

1998 – Unidos da Tijuca

1999 – 2009: Unidos do Viradouro

2010 – 2014: Grande Rio

2015 – 2018: União da Ilha do Governador

2019 – 2024: Unidos do Viradouro

A história que construiu fez de Ciça um dos personagens mais aguardados da Sapucaí. Os olhares - e ouvidos - ficam todos mais atentos quando o Mestre cruza a pista de desfiles, palco que transforma os maiores sonhos e fantasias em realidade. E ele mesmo adora essa expectativa em torno de seu trabalho. E, como um mantra, costuma repetir em seus incontáveis ensaios para suas centenas de ritmistas: “Se for para fazer feijão com arroz, fico em casa!”.

Muitos foram os momentos eternizados na história do Carnaval e que marcaram a carreira dessa lenda do samba. Para citar alguns, em 1992 o trabalho de Ciça abrilhantou significativamente o desfile campeão da Estácio de Sá, com o enredo "Paulicéia Desvairada, 70 Anos de Modernismo no Brasil". Desde que chegou à Viradouro, em 1999, Ciça fez sempre marcantes passagens na Avenida com a escola, como no carnaval de estreia, em 1999, com "Anita Garibaldi - Heroína das sete magias"; na homenagem à dama do teatro Bibi Ferreira (2003); e em 2007, com "A Viradouro Vira o Jogo", quando cumpriu com maestria o desafio de desfilar com seus percussionistas no alto de um carro alegórico.

Ciça voltou à Viradouro para o Carnaval de 2019, contribuindo para o vice-campeonato ao marcar os 30 pontos no quesito. E, já no ano seguinte, alcançou todas as notas máximas no desfile que

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Outras informações julgadas necessárias**

cantou as Ganhadeiras de Itapuã, ajudando a Viradouro na conquista do belo título do Grupo Especial. Em 2022, a "Furacão Vermelho e Branco" chegou mais uma vez com suas convenções criativas, trazendo pratos e mudança de ritmo, tudo elaborado de forma a surpreender a Avenida. E no último carnaval, conduziu com excelência o belo samba "Rosa Maria Egípcia", contribuindo com o vice-campeonato da Unidos do Viradouro.

Tais resultados são consequência de muita técnica, aplicada em incontáveis treinos, e de muita criatividade. Ao longo da bem-sucedida carreira, Mestre Ciça acumulou muitos prêmios, entre eles um Estandarte de Ouro (honraria concedida aos melhores da festa pelo Jornal O Globo), recebido após o desfile da União da Ilha, em 2017.

Com um efetivo de 275 ritmistas, distribuídos conforme o quadro acima, essa orquestra de sons percussivos está afinadíssima para seguir encantando a Passarela do Samba. Serão apresentadas por Ciça até quatro bossas, todas fiéis às características do mestre, da escola, e ainda buscando sempre um alto nível técnico musical, proporcionando ao público um grande espetáculo.

Para 2024, a bateria da Unidos do Viradouro irá respeitar o sentimento e a densidade musical do samba. Com foco no apuro rítmico, a Furacão Vermelho e Branco propõe adequações musicais no andamento para melhor performance do samba e proporcionar maior conforto ao canto coletivo da escola.

A limpeza dos naipes é outra característica a ser destacada. Outro ponto importante é o desenho de tamborins, marcado pela fluidez e encaixe dentro da melodia, especialmente na segunda do samba.

Destacamos, ainda, a utilização de atabaques e agogôs, inspirado nos toques do *Adahum* do Candomblé Jeje, alcançados no intercâmbio cultural com os ogãs do terreiro do Bogum, em Salvador.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Jefferson Coutinho, Marcos Mendes e Dudu Falcão

**Outros Diretores de Harmonia**

Igor Modesto, Michell Bvermil, César Lima, Hélio Alves, Paulinho Lins, Nélio Azevedo, Gilberto Gonzales, Daniele Martins, Romeu Lima, Rodrigo Baeta, Julio Cesar, Daniele Assad, Gabriel Sequeira, Wendell Eleuthério, Rui Mendes, Leonardo Morais, Karla Mendonça, Victor Souza, Laerte Tinoco e Andreia Serique

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

72 (setenta e dois) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Wander Pires

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Hugo Bruno (Cavaco Afinação Bandolim), Roberto Migans (Cavaco) e Rodrigo Araújo (Violão

7

Cordas)

**Outras informações julgadas necessárias**

**Jefferson Coutinho**, cria da Viradouro, começou sua trajetória como Diretor de Harmonia no ano de 2008, tendo sido convidado pelo então Diretor Geral, Guilherme Nóbrega. Após alguns anos desfilando e se destacando na ala de comunidade, em 2017, após chegada de nova Direção de Carnaval, sob comando de Alex Fab e Dudu Falcão, foi galgando seu espaço, e através do seu trabalho e comprometimento, desempenhou diversas demandas técnicas nos desfiles, com destaque na função de chefe de setor e volante. Até que no carnaval de 2022, recebeu o convite para assinar a Direção Geral de Harmonia juntamente com Marcos Mendes, onde o canto e o chão da comunidade foram muito elogiados. Em 2023, assinou um trabalho completo e implantou todo o processo e metodologia que lhe compete, na intenção de alcançar as notas máximas nos quesitos, e obteve total sucesso, tendo nota máxima em evolução e novamente o canto e vibração da comunidade foram muito elogiados. Por esse trabalho, foi agraciado como Melhor Diretor de Harmonia do Grupo Especial pelos prêmios Plumaz e Paetês e Melhores do carnaval. Para o carnaval 2024, continua como Diretor Geral de Harmonia, reforçando a intensidade e seriedade do trabalho apresentado no ano passado, para que conquistem êxito novamente.

**Marcos Mendes**, nascido e criado em Madureira, desde criança frequentando a quadra da GRES Portela, começou sua trajetória como Diretor de Harmonia em 2006 através de Júnior Escafura e no decorrer dos anos galgando espaço com o trabalho e comprometido pelo segmento, recebeu mais responsabilidades como Chefe de Setor, volante e se responsabilizando com o andamento de toda escola. Em 2013 a convite da direção de Carnaval da Caprichosos de Pilares, assumiu a Direção Geral de Harmonia da escola ficando no cargo até 2015, onde também desempenhava paralelamente função de Harmonia na GRES Portela, onde em 2017, sagrou-se campeão do Grupo Especial executando a função de puxar a Escola e manter o melhor andamento. Em 2018, a direção de carnaval da Viradouro fez o convite para integrar o time de harmonia da agremiação, onde permanece até a presente data. Em 2022, foi concedida a oportunidade de assumir a Direção

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

Geral de Harmonia juntamente com Jefferson Coutinho onde, diante do bom trabalho, foram convidados a permanecer à frente do trabalho para 2023, e obtiveram êxito em suas responsabilidades, com pontuação máxima em evolução e tendo o chão e o canto da comunidade muito elogiados. Por esse trabalho, foi agraciado pelos Prêmios Plumas e Paetês e Melhores do Carnaval como Melhor Diretor de Harmonia do Grupo Especial deste ano. Para o carnaval 2024, continua como Diretor Geral de Harmonia, reforçando a intensidade e seriedade do trabalho apresentado no ano passado, para que conquistem êxito novamente

**Do Trabalho da Harmonia:**

Pautado no comprometimento, responsabilidade, ética e educação, o trabalho técnico da Direção de Harmonia atua na delegação de funções, através de uma Coordenação, dividida em: 2 “volantes”, (Rodrigo Baeta e Michell Bvermil), 10 Chefes de setor, (Igor Modesto, Rui Mendes, Danielle Assad, Hélio Alves, Nelio Azevedo, Romeu Lima, César Lima, Gilberto Gonzáles, Paulinho Lins e Daniele Martins), 01 Harmonia de Bateria (Dudu Falcão) e 02 Harmonias fazendo a entrada da escola “joelho” (Wendel Eleuthério e Thiago Viana), cada qual cobrindo área determinada, todas sob supervisão atenta da Direção Geral, o que garante toda cobertura e eficiência na gestão do desfile. Sob o mantra de fazer do componente o verdadeiro dono da festa, a Direção de Harmonia através de todo seu escopo, busca deixá-los mais cômodos, para que desfile cantando e evoluindo com garra, alegria e amor por sua Escola do coração.

**Da Harmonia do Carro de Som:**

Com base nas notas e justificativas do último carnaval, a Viradouro buscou atender às exigências pontuadas, acreditando em um novo trabalho no carro de som. O cantor Wander Pires, em seu trigésimo carnaval seguido como voz principal, traz seis cantores de apoio (4 homens e 2 mulheres) que dão equilíbrio à sua voz grave.

Sob a direção musical do experiente Hugo Bruno, a escola segue investindo na qualificação dos seus cantores e músicos, não medindo esforços para obter os melhores resultados na Avenida e atender à correta e crescente exigência musical que o espetáculo merece.

A nova voz principal da escola, Wander Pires, atual Estandarte de Ouro, é dono de um timbre único. Interpreta o samba com profundidade e emoção. Outros pontos de destaque do cantor são a clara dicção e a afinação com recursos na região grave e aguda, ressaltando a beleza de seus vibratos. Wander busca imprimir junto aos seus apoios e à bateria do mestre Ciça um ritmo que permite à escola ter um desempenho de qualidade em Evolução e Harmonia.

A execução da obra tem como prioridade a clareza e uniformidade entre canto do carro de som, canto dos componentes, harmonia musical e bateria. O carro de som, junto ao intérprete oficial, tem a missão de conduzir a sustentação do canto da escola, manter a afinação com padronização das vozes e do conjunto harmônico.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

Observação: O cantor oficial fará a condução limpa e audível, dando, em certos momentos, toques na interpretação da melodia (emoção e dramatização). O conjunto harmônico formará a base sustentável do andamento e em alguns trechos perceberemos as nuances entre cavacos (DGBD), (GDAE) e violão de 7 cordas.

Um ponto a se destacar é que em momentos do desfile, na realização de uma das bossas (no refrão principal) a bateria furacão vermelho e branco de Mestre Ciça fará uma pausa no trecho “derrama nesse chão/ a sua proteção/ pra vitória da Viradouro”, na qual o cantor, as cordas (cavaquinho e violão) fazem a frase “eis o poder” como se fosse o próprio caco/chamada do samba.

**Wander Pires (Intérprete oficial)-** Vander Nunes Pires, mais conhecido como: Wander Pires, é um destacado intérprete de samba brasileiro. Nascido em Bangu, no Rio de Janeiro, sua trajetória artística está intrinsecamente ligada ao Carnaval carioca, onde se firmou como uma das vozes mais emblemáticas do gênero.

Iniciando sua carreira como intérprete oficial na década de 1990, Wander Pires ganhou reconhecimento ao emprestar sua voz envolvente a diversos sambas-enredo, tornando-se uma figura proeminente nos desfiles das escolas de samba. Sua atuação notável inclui passagens marcantes por agremiações como Mocidade Independente de Padre Miguel (onde iniciou sua trajetória), Portela, Salgueiro, Grande Rio, União da Ilha, Paraíso do Tuiuti entre outras onde sua interpretação intensa e carismática conquistou o público e no último carnaval (2023) o Estandarte de Ouro como melhor intérprete.

Além de seu papel icônico nos desfiles carnavalescos, Wander se caracteriza pela riqueza musical em seus sambas. Sua voz tem características únicas marcadas por graves e uma extensão aguda potente, unindo a habilidade em transmitir a essência da melodia e da letra, tornando-o uma referência incontestável no cenário da música brasileira. Foi um dos primeiros intérpretes a enfatizar maior destaque harmônico com aberturas de vozes e contracantos, tendo como objetivo valorizar ainda mais de uma forma suave e enriquecendo a melodia, o enredo que se é contado por meio do samba.

Ao longo de sua carreira, Wander Pires contribuiu significativamente para a preservação e evolução do samba, consolidando-se como um verdadeiro guardião desse gênero musical tão enraizado na cultura brasileira. Sua dedicação à arte do samba e sua capacidade de emocionar através da música solidificam seu lugar como uma das personalidades mais importantes no panorama musical do Carnaval e do Brasil como um todo.

Com muita expectativa para o ano de 2024, Wander Pires traz toda a força e garra com o enredo: “Arroboboi, Dangbé” juntamente com seu diretor musical Hugo Bruno. Juntos, eles pretendem construir um trabalho focado principalmente na conjuntura melódica do samba alinhados com o belo ecoar da comunidade vermelha e branca.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Cantores de Apoio:**

- **Guto:** Músico, compositor e intérprete, não apenas de samba de enredo. Compõe uma banda blues em Friburgo, onde mora. O conhecimento vocal e musical do artista passeia por vários estilos, o que abre muitas possibilidades de trabalho, tamanha versatilidade. Além de participação ativa e com destaque nas agremiações friburguenses, Guto alcançou notoriedade no Carnaval carioca. Por dois anos, defendeu a Acadêmicos do Sossego e também defendeu a Unidos de Padre Miguel. O agudo imponente e o balanço harmônico no médio e grave, à base de muita técnica, fazem dele uma peça vital para o equilíbrio das vozes. Na Viradouro, faz a diferença há quatro anos.

- **Debora Cruz:** É carioca da gema e vem de uma família de sambistas. Seu pai Acyr Marques e seu tio Arlindo Cruz já falam por si. Aos 19 anos, deu início à carreira com participações em várias rodas de samba. Em 2002, participou do Festival Fábrica do Samba, alcançando o 6º lugar. Foi convidada pelo intérprete Ciganerey para o carro de som do Arranco em 2007. Em 2008, desfilou no Paraíso do Tuiuti. Depois da gravação do CD e DVD de Arlindo Cruz MTV, passou de novo na Paraíso do Tuiuti (2009) e Arranco (2010). Em 2013, Reinaldo, o eterno Príncipe do Pagode, convidou Debora Cruz para seu DVD. Em 2014, desfilou pela Inocentes de Belford Roxo. Em 2015, veio na Em Cima da Hora. Em 2016, cantou na Unidos do Viradouro com Zé Paulo Sierra. Em 2017, com Wander Pires, estreou na Mocidade Independente de Padre Miguel. Em 2018 além da Mocidade, entrou para Unidos de Vila Maria em São Paulo. Em 2020, cantou com Wander na Unidos do Tamandaré, em Guaratinguetá. Após o carnaval de 2023, teve início um “novo” ciclo, voltando à Viradouro para 2024.

- **Luana Mahara:** Nascida no Irajá e criada em Madureira, bairros tradicionais do Samba Carioca, Luana Mahara iniciou sua carreira artística aos 13 anos, em Igreja Evangélica. A partir de 2007, enveredou-se no mundo do Samba e da MPB, realizando apresentações no Cacique de Ramos, Rio Scenarium e no Grêmio de Olaria, incentivada e apoiada pelo percussionista Waltis Zacarias, músico que já gravou e fez shows com Zeca Pagodinho e outras celebridades.

Com o grupo de seu primo Beto Coutinho (atual vocalista do grupo Seligãê) fez parte de várias rodas de samba pelo RJ. Em 2013, participou do concurso de novos talentos no TV Xuxa, na Rede Globo. Em 2014 participou do quadro "Mulheres que brilham" do programa do Raul Gil, no SBT. Participou também do DVD de Juca Ferreira (SP), já gravou CDs e DVDs com Renato da Rocinha. Também gravou com Gabrielzinho do Irajá e Grupo Pirraça, DVD do Grupo Tom Carioca, EP de Juninho Thybau e projeto Universidade do Samba, com Jorge Aragão e Diogo Nogueira em Niterói. Recentemente fez participação no audiovisual do já citado Waltis Zacarias, dentre outros projetos e gravações. Inspira-se em Dona Ivone Lara, Clara Nunes, Mauro Duarte, Paulo César Pinheiro, João Nogueira, Nelson Cavaquinho e outros bambas.

Atualmente, a cantora, que integra a nova geração do samba, segue sua trajetória com seu projeto Resenha da Mahara, tanto na Zona Norte do Rio, como na região dos Lagos, e faz *backing vocal* e

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

participações em vários eventos e rodas de samba, não somente na cidade do Rio bem como em vários estados do país, contando com o apoio de nomes como Cassiana Belfort, filha da partideira Jovelina Pérola Negra, e Débora Cruz, filha do compositor Acyr Marques.

Já exibiu seu talento em outras agremiações, dentre elas, a Paraíso do Tuiuti (RJ). Também atuou com Wander Pires na Unidos de Vila Maria (SP). Ainda no Carnaval, participou de disputas de escolha de samba em várias agremiações como a Estação Primeira de Mangueira. Mahara brilha pela país com o seu timbre que mistura doçura e força e, ao mesmo tempo, potência, agindo com muito carisma e humildade.

- **Rafael Santos:** Rafael Santos, 31 anos, oriundo de escolas mirins, começou sua trajetória na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio, no ano de 2003. Em 2013, foi promovido ao carro de som da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, onde ficou por seis anos, conquistando com o cantor Emerson Dias um estandarte de ouro no ano de 2014. Foi autor do samba enredo no ano de 2015 da tricolor de Caxias. Em 2020, passou a integrar, a convite do cantor Wander Pires, seu time de apoio, passando por Mocidade e Paraíso do Tuiuti, onde fez parte da equipe de carro de som que conquistou o prêmio Estandarte de Ouro no ano de 2023.

- **Roger Linhares:** É filho do grande compositor Toco, mais conhecido como o Poeta maior da Mocidade Independente de Padre Miguel. Ingressou no samba influenciado pelos pais. Aos onze anos de idade, já era o primeiro cantor Mirim da Mocidade Independente de Padre Miguel onde ficou de 1981 a 1984. Em 1985, recebeu o convite da Alegria da Passarela, escola mirim dos Acadêmicos do Salgueiro, para ser o cantor oficial onde esteve até o ano de 1989. Em 1997, a convite do amigo Wander Pires, foi contratado pela Mocidade como cantor de apoio. Juntos, conquistaram o primeiro Estandarte de Ouro.

Passagens por escolas:

Em 1999, foi a voz oficial da União da Ilha.

Entre 2002 e 2008, foi intérprete do Boi da ilha do Governador.

Intérprete da Império de Casa Verde (SP) em 2003.

Intérprete oficial da Mocidade Independente de Padre Miguel em 2005.

Como compositor, venceu quatro disputas de sambas no Boi da Ilha do Governador e quatro pela União da Ilha nos carnavais de 2012, 2015, 2016 e 2019.

Teve longa passagem como cantor de apoio do intérprete Ito Melodia na União da Ilha onde esteve com ele na conquista de quatro Estandartes de Ouro.

Em 2011, foi campeão no Vai-Vai, em São Paulo, juntamente com o Wander Pires

Esteve na equipe de apoio de Wander Pires, na Paraíso do Tuiuti, que conquistou o Estandarte de Ouro de melhor intérprete do Carnaval de 2023.

Para 2024, estreia na Unidos do Viradouro com a alegria e garra de repetir os grandes feitos da carreira.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

- **Vandinho Pires:** Aos seus admiráveis 15 anos, já trilha um caminho brilhante na música, seguindo os passos extraordinários de seu talentoso pai, o renomado cantor Wander Pires. Com passagens marcantes pela Estrelinha da Mocidade, Pimpolhos da Grande Rio e Vila Maria (SP), Vandinho é atualmente a voz oficial da Virando Esperança, escola mirim da Unidos do Viradouro.

Sua jornada musical é uma sinfonia de conquistas e dedicação, destacando-se não apenas pela herança artística que carrega, mas também por sua própria e única expressão vocal. Vandinho Pires é a promessa de uma nova geração, moldando seu próprio caminho com uma voz que transcende fronteiras e emociona a quem tem o privilégio de ouvi-lo pois carrega muita técnica e afinação.

Assim como seu ilustre pai, Vandinho não apenas incorpora a tradição musical, mas redefine-a, trazendo frescor e autenticidade a cada nota. Sua qualidade vocal excepcional é a manifestação de um talento que floresce, prometendo ser uma referência no cenário musical.

Ao assumir o papel de intérprete na Virando Esperança, Vandinho Pires não apenas carrega o legado da família, mas também inspira esperança e encanto por onde passa. Já na escola mãe, Unidos do Viradouro, exerce um papel de extrema importância como apoio do departamento musical, sustentando notas altas e dando o suporte e equilíbrio necessário em conjunto com o time de canto.

**Músicos:**

- **Hugo Bruno:** Diretor musical da Unidos do Viradouro. Músico com bastante experiência em diversos projetos, impõe-se como um dos melhores cavaquinistas da Avenida. Dono de uma “paletada” inconfundível, que dá um balanço fora do comum na execução com sua afinação de bandolim (GDAE), esbanja talento quando o assunto é leitura e respeito fiel ao arranjo. Hugo é, hoje, um dos músicos mais requisitados tanto para o carnaval, quanto para gravações diversas no mundo do samba, dentre as quais as faixas dos Sambas de Enredo do Grupo Especial do Carnaval carioca, da Série Ouro (Liga RJ) e Super Liga. É da Viradouro há seis anos.

- **Roberto Migans:** Robertinho, como é conhecido desde os tempos de escola mirim em Niterói, passou a ser um músico de respeito e de referência na cidade. Atualmente, dá aulas particulares no instituto Cigam (Centro Musical). Com pegada firme na “paletada”, faz o cavaco base (afinação base D G B D). Obediente e fiel à leitura do arranjo, tem a função de manter o ritmo durante todo o desfile.

- **Rodrigo Araújo:** Renomado e respeitado no meio da música, além das escolas de samba que passou (Portela, Mocidade e União da Ilha), Rodrigo Araújo já foi violonista de Marquinhos Satan, Wander Pires, Preto Joia, e sempre figura nas principais produções do Maestro Jorge Cardoso. Requisitado para gravações de compositores e para participações no disco oficial da Liesa, nosso violão de 7 cordas se destaca pela leitura fácil do arranjo e baixarias sutis e limpas, que evitam a poluição da letra. Na base, mantém o andamento com muito swing, segurança e qualidade ímpar. Excelente músico, dedicado, estudioso e fiel à leitura do arranjo, completa a harmonia de cordas da Unidos do Viradouro.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Jefferson Coutinho e Marcos Mendes

**Outros Diretores de Evolução**

Igor Modesto, Michell, César Lima, Paulinho Lins, Nélio, Gilberto, Jonathan, Romeu, Alexandre Pequeno, Rodrigo Baeta, Dani Assad, Rui Mendes e Wendell.

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

72 (setenta e dois) componentes

**Principais Passistas Femininos**

Hérica Isabel, Jhenifer Menezes e Juliana Dornellas

**Principais Passistas Masculinos**

Pablo Jales, Flávio Smith e Felipe Soares

**Outras informações julgadas necessárias**

**Do trabalho de Evolução:**

Encaramos o trabalho de canto e Evolução de forma muito intensa e comprometida, sendo espelho e cobrando afincos dos componentes, para que absorvam a essencial importância do papel de cada um deles no desfile, sendo os principais responsáveis pelo alcance dos objetivos propostos... Arroboboi, Dangbé é um enredo pautado na energia e vibração da Serpente Sagrada, para 2024, a Viradouro desfilará em sua maioria com mulheres divididas em todos os setores. Por terem potência vocal e timbre diferenciado, fazemos ensaios intensos de canto e Evolução, em dias que não são padrões, o que eleva a excelência e uniformidade de cada componente, para que assim fortaleçamos todo coletivo

**Sobre a ala de passistas:**

**Nome da Fantasia:** Ala 10 – Energia de Gu Rainha – Magia e Movimento

O que representa: Ludovina Pessoa foi uma mulher iniciada para Vodum *Gu*. Por conta das trocas entre etnias anteriores ao processo de diáspora, especialmente por causa dos conflitos bélicos do império do Daomé com os povos vizinhos, a figura de *Gu* passou por um processo de vodunização do ancestral de origem *Yorùbá Ogum*. Assim, os domínios do Vodum *Gu*, respeitando aqui as especificidades que o candomblé *Jeje* tem na manutenção do culto deste ancestral, são as forças de constituição e proteção das tecnologias e avanços sociais. Sob a proteção e os desígnios espirituais, a entidade foi guia de Ludovina, e se manifesta no movimento dos corpos que sambam ao som da Furacão Vermelho e Branco, a nossa bateria. Tal nomenclatura designa uma simbiose entre o papel social que ela exercia enquanto líder e seus respectivos enredamentos ancestrais. O encantamento de *Gu* viaja ao Brasil com Ludovina, a grande senhora que dedicou seus ensinamentos e ações pela perpetuação do sagrado Vodum na Bahia.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Coordenador de Passistas: Valci Pelé**

Único ganhador de dois estandartes de ouro de sua categoria, o passista Valci Pelé conta com um vasto currículo no Carnaval. À frente, como diretor, das Alas de Passistas das GRES Unidos do Viradouro e Estácio de Sá, coreografa a Comissão de Frente da GRES União Parque Acari. Autor do livro infantil Passo dos Sonhos e do Manual da Dança do Samba, é fundador do ICCPP, que transforma a vida de jovens em situação de vulnerabilidade social.

**Alas e grupos coreografados:**

**Ala 01- A Batalha de Aladá Contra Uidá**

Dois grupos que encenam coreograficamente uma batalha avenida. Um deles comandada por uma Serpente, interpretada por Duda Almeida, vê sua vitória certa se esvaír quando a mesma muda de lado. Apresenta uma coreografia de movimentos sinuosos, primando pela interpretação e interação com o Pede Passagem.

**Ala 07 – *Ahosi* - As Mulheres do Rei**

Guerreiras comandadas por Tassi Hangbé interpretada na avenida pela destaque de ala Deisiane de Jesus. Uma coreografia de forte apelo cênico e que tem como ponto principal a dramaticidade e o vigor da dança afro.

**Grupo 1 – Guerreiras em Luta**

Grupo de mulheres que desfilam nas laterais da alegoria, executando uma coreografia forte e assertiva.

**Ala 08 – O Mar Memorial de Ludovina**

Esta ala tem um trabalho de movimentos circulares e de aproximação, para dar sensação do balanço do mar. A coreografia mostra um mar ora calmo, ora bravio.

**Grupo 2 – Entre África e Brasil: O Voo do Pássaro Misterioso**

A formação do grupo simula um elegante bater de asas, dando um toque de continuidade de voo místico de Ludovina Pessoa.

**Grupo 3 – Senhoras da Fartura**

Este grupo de mulheres executa uma coreografia na qual distribuirão quitutes celebrando lealdade e fartura.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Alex Fab e Dudu Falcão		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> -		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala Juvenil</b> Renan Soares		
<b>Total de Componentes da Ala Juvenil</b> 80	<b>Quantidade de Meninas</b> 55	<b>Quantidade de Meninos</b> 25
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Tia Cléia		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 70	<b>Baiana mais Idosa</b> Dona Leda Rosa 88 anos	<b>Baiana mais Jovem</b> Cristiane Nunes 35 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> José Luiz França		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 65	<b>Componente mais Idoso</b> Ilza Moura 94 anos	<b>Componente mais Jovem</b> Márcia da Conceição 55 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Lorena Improta (Apresentadora), Duda Almeida (Modelo), Luana Génot (Ativista), Erika Januza (Rainha de Bateria – Atriz), Emanuelle Araújo (Atriz e cantora), Déo Garcez (Ator).		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b><u>Do trabalho de Direção de Carnaval</u></b> Direção de Carnaval ao longo de toda formação do projeto, buscou equilíbrio entre as plataformas técnicas, artísticas e administrativas. Acreditando nessa ferramenta como instrumento para um bom desempenho.		

- **Alex Fab:** Filho de um baluarte da Portela e criado entre os maiores bambas de Oswaldo Cruz e Madureira, não seria surpresa que aquele jovem iria mais cedo ou mais tarde se dedicar ao ofício do carnaval, e assim ocorreu. Começando em 1982, na ala das crianças, passando por alguns segmentos, até chegar à harmonia em 2002. Quatro anos depois já assumiria o cargo de gestão de harmonia implantando sua forma de organização, oriunda das bases de formação acadêmica e militar. Em 2008, assumiu a direção de carnaval da Portela, naquele ano, a escola voltava a figurar entre as campeãs do carnaval, fato que ocorreu por quatro anos consecutivos, permanece na escola até 2013, após as passagens por Caprichosos de Pilares e Imperatriz Leopoldinense, Alex chega no final de 2016 à vermelha e branca de Niterói num momento crítico da escola, mas com muito

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

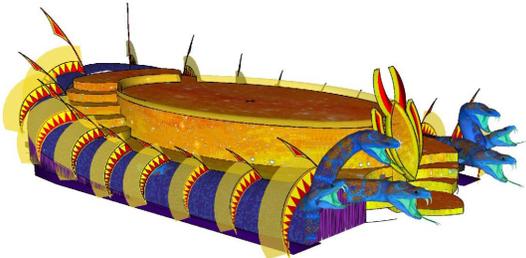
**Outras informações julgadas necessárias**

equilíbrio e dedicação participa da equipe que levaria a escola ao vice campeonato de 2017 e ao tão projetado campeonato de 2018 que gabaritou a Viradouro a disputar o grupo especial de 2019 onde se sagrou vice-campeã do mesmo ano. Em 2020 o criterioso trabalho foi premiado com o título do carnaval onde o empenho da direção de carnaval junto a presidência e segmentos, fez a escola ser considerada como uma das mais organizadas do Rio de Janeiro. Em 2022 e 2023, mantendo a qualidade do trabalho, ajudou a escola em outros bons resultados, o terceiro lugar, e o vice-campeonato, respectivamente. Vem implementando ferramentas de logística e gestão na rotina do barracão, fato este que faz seu nome sempre ser citado quando o assunto é gestão da linha produtiva de carnaval, esse reconhecido desempenho faz com que receba reiterados convites de participação em palestras e seminários, para exemplificar o modelo de gestão proposto pela agremiação. Destaca-se em sua carreira o prêmio Plumas Paetês de melhor diretor de carnaval dos últimos quatro anos consecutivos no Grupo Especial.

- **Dudu Falcão:** Iniciou sua carreira no carnaval em 2009 como diretor de ala na Portela e Renascer, poucos anos depois, ao mesmo tempo em que ganhava espaço na azul e branco de Madureira passou a assinar a direção de harmonia da Caprichosos de Pilares. Após passagens expressivas por Mangueira e Imperatriz, passou a assinar juntamente com seu irmão Alex Fab a direção de carnaval da Viradouro, onde juntos ajudaram a reverter um quadro ruim da escola, que passou de uma possibilidade perto de enrolar a bandeira para um vice-campeonato do Acesso A em 2017, seguindo para o título de 2018 do mesmo grupo, e assim, ao chegar no Especial, o projeto de direção de carnaval contribuiu com o vice-campeonato de 2019 para escola de Niterói. Em 2020 a coroação do trabalho feito em parceria com Alex Fab veio através do título do Grupo Especial, destacando como diretriz a boa organização da escola campeã. No carnaval de 2023 o trabalho ajudou a escola de Niterói a voltar no Sábado das Campeãs, com mais um vicecampeonato. Citamos entre alguns prêmios, o Plumas Paetês de melhor diretor de carnaval do ano de 2019 a 2023. Atualmente, acumula a função de diretor de Carnaval da União da Ilha do Governador, na Série Ouro

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Priscilla Mota e Rodrigo Negri		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Priscilla Mota e Rodrigo Negri		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 14 (catorze)	<b>Componentes Masculinos</b> 10 (dez)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b><u>Nome da Comissão de Frente:</u></b> Aláfia!		
<p>Os búzios revelam: caminhos abertos!</p> <p>Durante a preparação das guerreiras Mino para as batalhas em nome do reino de Daomé, são forjados o vigor físico e a inviolabilidade espiritual. A grande sacerdotisa lê na bandeja de <i>Fá</i> o destino do seu povo e conduz o rito de proteção.</p> <p>À senhora dos mistérios e das adivinhações, cabe o recrutamento das iniciadas no culto a Dangbé, que lhes dá força nas batalhas e coragem para lutar. Estratégias e valores perpetuados no pacto firmado entre as guerreiras do Daomé, o exército feminino mais temido do mundo.</p> <p>Recolhidas, as guerreiras se camuflam para se proteger e se fortalecer.</p> <p>No Ninho de Dangbé, surge o poder encantatório Vodum, trazendo consigo a energia primordial do movimento e da transformação.</p> <p>Força que faz pulsar o ventre de <i>Ayi</i>, a terra sagrada, e que se anuncia espiritualmente como um ser etéreo que se camufla para sobreviver e se expandir com seu grande poder de mutação.</p> <p>E o destino, enfim, se completa! Alafiou!</p> <p>Eis a sagrada conexão entre Terra e céu, dada pela manifestação em cores da energia que irá nos guiar na luta para a vitória!</p>		
<b><u>Nome do Tripé Comissão de Frente:</u></b> Ninho da Serpente		
		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Priscilla Mota e Rodrigo Negri:** Bailarinos e coreógrafos cariocas. Primeiros solistas do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, são também os coreógrafos mais premiados do carnaval carioca. Com passagens pela Unidos da Tijuca, Grande Rio e Mangueira, e pelo segundo ano assinam a comissão de frente da Unidos do Viradouro. Em 15 anos de carnaval, já ganharam 4 campeonatos e mais de 70 prêmios.

Entre algumas honrarias concedidas ao casal, estão 3 Estandartes de Ouro, Prêmio O Globo de melhor Comissão de Frente da História do Carnaval, onde bailarinas trocavam de roupa em segundos pela Unidos da Tijuca em 2010 e a Medalha do Mérito Artístico pelo Conseil International de La Danse - UNESCO.

Juntos são diretores criativos da Art+ Entretenimento, empresa que transita entre espetáculos de dança, teatro musical, shows e eventos corporativos. Com a Art + assumem o compromisso de movimentar a economia criativa da cultura, com ênfase nos profissionais da dança do Rio de Janeiro, por terem como propósito o crescimento dos artistas do carnaval para além do calendário da festa, ao acreditar na sua importância como manifestação cultural.

Sua atuação proporcionou parcerias com as mais importantes empresas do setor cultural como a SRCOM. Juntos já desenvolveram grandes trabalhos como: O Show do Século - Alok, Copa do Brasil, 50 anos do projeto Aquarius e no ano de 2022 foram os coreógrafos do Show em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil e da Reinauguração do Museu do Ipiranga em São Paulo, onde também participaram na construção do roteiro do espetáculo.

Criaram performances e ativações para Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos 2016, Expo Dubai 2020, além de experiências para Coca-Cola, Bradesco, Renault, Polishop, DöTerra, entre outros. Para Rede Globo, criaram coreografias para o Big Brother Brasil, The Voice Kids, Caldeirão do Huck e Globo 50 anos. Fizeram show especial para família Obama em visita ao Brasil e coreografaram o show de Ivete Sangalo para o Rock in Rio 2017. Em 2019, a Art+ recebeu a comenda de empreendedorismo artístico pelos Embaixadores do Rio de Janeiro.

**Equipe:**

Figurinos - Tarcísio Zanon

Confecção de Figurinos - Ateliê Avant Premiere

Cenografia - Tuca Mariana

Assistente de coreografia e produção - Tenara Gabriela e Luiz Kerche (KBMK Empreendimentos Culturais)

Preparação Teatral - Tauã Delmiro

Maquiagem - Christina Gall

Ensaiaadora - Bárbara Mesquita

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

- **Avant Première Atelier:** é um ateliê Carioca, Criado pelos figurinistas Adriano Oliveira e Vanessa Castro, figura no mundo da arte há 13 anos.

Atualmente a empresa se consolida de forma expressiva entre os mais famosos e relevantes carnavalescos cariocas, produzindo protótipos das fantasias que serão apresentados nos desfiles da Sapucaí. Com os coreógrafos Priscilla Mota e Rodrigo Negri possuem uma parceria com 10 anos com passagem pelas seguintes agremiações: Acadêmicos do Grande Rio, Estação Primeira de Mangueira e Unidos do Viradouro. Nessa história acumulam diversos prêmios além do campeonato em 2019 e o vice-campeonato de 2023. A parceria seguiu também para figurinos nas artes cênicas (dança contemporânea e musicais), shows e eventos corporativos.

- **Tuca Mariana:** Arquiteta e urbanista, trabalhou na área de restauro do patrimônio histórico por oito anos, com passagem em instituições como o Museu Nacional de Belas Artes e a Casa Rui Barbosa. Desde 2014 se dedica a trabalhos de arte para o teatro, cinema e tv (onde foi aderecista para a novela "Meu Pedacinho de Chão").

No teatro, assinou cenografias de espetáculos de diretores como Pedro Brício e Isabel Cavalcanti. Foi indicada ao prêmio CBTIJ de teatro como aderecista em 2015 e 2018; fez diversas assistências e adereços tanto no teatro quanto no audiovisual trabalhando com cenógrafas consagradas como: Aurora dos Campos, Dina Salem Levy, André Cortez e Bia Lessa.

Em 2022 foi a cenógrafa responsável pela comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira que foi consagrada com diversos prêmios incluindo o Estandarte de Ouro e Estreou na Viradouro em 2023 ao lado da dupla Priscilla e Rodrigo, com a comissão de frente, Rosa Maria Egpcíaca.

- **Tenara Gabriela e Luiz Kerche:** Produtores da KBMK Empreendimentos Culturais, atuam no Carnaval produzindo a comissão de frente sob a direção dos coreógrafos Rodrigo Negri e Priscilla Mota desde 2011. Em 2020 e 2022, ganharam o Prêmio Plumas e Paetês como assistentes de coreógrafos de comissão de frente no Grupo Especial e no Grupo de Acesso, respectivamente. No currículo, além de diversos espetáculos de dança, tanto para companhias oficiais (como a Companhia de Ballet da Cidade de Niterói) como para grupos independentes, e teatro, atuam também na elaboração de livros de arte, conteúdo audiovisual e eventos de arte, cultura, educação e esporte.

São responsáveis pelo projeto Nave de Luz com idealização de Paulo Cesar Medeiros e cenografia de Sérgio Marimba.

- **Tauã Delmiro:** Atua, dirige, escreve e compõe para teatro e entrou para lista "Forbes Under 30" como um dos jovens que mais impactaram no setor das artes dramáticas em 2021.

Recentemente com o seu trabalho autoral, "As Metades da Laranja", ganhou o Prêmio do Humor nas categorias "Melhor Direção" e "Melhor Espetáculo". Sua performance na peça também foi prestigiada com as indicações de "Melhor Autor" no Prêmio APTR e "Melhor Ator em Teatro Musical" no Prêmio Cesgranrio.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

Como ator integrou o elenco da versão brasileira de musicais da Broadway como “Beetlejuice, O Musical”, “Bob Esponja - O musical” e “Barnum - O rei do show”. Entre os trabalhos que dirigiu estão, “Gay Card”, “Benjamin - O Palhaço Negro” e “[nome do espetáculo]” que ganhou o prêmio de Melhor Espetáculo no Prêmio do Humor RJ em 2018.

- **Christina Gall:** Com mais de 20 anos de profissão na área, Christina Gall é visagista, pioneira em *airbrush* no Brasil, carregando o título de ser a primeira a utilizar essa técnica no rosto das noivas. Foi premiada internacionalmente, por três anos consecutivos, como melhor maquiagem de noiva pelo ZANKYOU, prêmio ZIWA. Trabalhou com maquiagem de caracterização e efeito especial para a TV Globo, moda, publicidade, maquiagem artística e beleza. Há três anos, assina a maquiagem da Viradouro.

- **Bárbara Mesquita:** Bailarina formada pela Escola de Dança Spinelli e Escola Estadual de Danças Maria Olenewa. Segue na cena como bailarina, atriz e cantora em grandes eventos, carnaval, teatro musical, shows e audiovisual. Atua no carnaval há 10 anos.

**Protagonistas:**

**A grande sacerdotisa - Laíza Bastos**

Mulher preta, periférica e carioca. Atuante no carnaval desde 1992 e trabalhando profissionalmente com samba desde 2004, com expertise em shows nacionais e internacionais de cultura brasileira, samba no pé, dança afro e comissões de frente.

Professora Sociocultural em cultura popular e aquilombamento em projetos sociais por 4 anos. Bacharel em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense e pós graduanda em Jornalismo pela Faculdade de Minas Gerais.

**Dangbé (o espírito da serpente) - Sarah Melissa**

Formada em 2018 pela Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (FAETEC), que possui o Curso Técnico em Dança com matriz curricular integrada ao Ensino Médio, como atriz-bailarina. Atualmente está cursando Bacharelado em Dança na UFRJ e integrando o núcleo de formação pela Escola de Artes da Maré, com criação e direção de espetáculo de Lia Rodrigues.

Foi intérprete-criadora da Cia Vivá, com direção e coreografia de Diego Endrigo e Carlos Fontenelle e do espetáculo “Virgula” da Cia Gente, com direção do antropólogo e dramaturgo Paulo Emílio Azevedo.

**Elenco:** - Adilson dos Santos Silva - Aline Ribeiro - Allan Bastos Silva da Rocha - Ana Lúcia Alves Gregório - Anna Luísa Landim Souza - Annie Luise da Silva - Edcarlo Vieira Jardim - Enya Christine Moreira da Silva - Evandro Ricardo Machado - Fernanda dos Santos - Gabriel dos Santos Pereira - Gustavo da Silva Santos Leandro - Ingrid da Silva França Schulte - Janaína Candeias - João Victor dos Santos - Larissa Costa - Laryssa Cristine - Leonardo Teixeira - Lucas Esteves - Marcos Vinicius Oliveira - Mariana Nascimento - Tatyane do Amparo de Oliveira - Thamyres Nunes Oeda - Wesley Joao dos Santos Torquato - Yuri Nascimento Ferreira

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Julinho Nascimento	<b>Idade</b> 50 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Rute Alves	<b>Idade</b> 50 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Thiaguinho Mendonça	<b>Idade</b> 34 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Amanda Poblete	<b>Idade</b> 27 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> João de Oliveira	<b>Idade</b> 23 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Duda Martins	<b>Idade</b> 27 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** Salve o Espírito Infinito da Serpente

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Fernando Magalhães

**O que representa:** O espírito das ofidicas é saudado na dança do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira. O pavilhão vermelho e branco se une à paleta multicolor aplicada na fantasia de Rute e Julinho, que trazem consigo a herança do culto às serpentes em suas variadas manifestações. A energia de Dangbé se materializa nos giros, gestos e mesuras do par, que risca no chão da Avenida toda a ancestralidade e saberes dos povos da Costa da Mina. E, assim, destilam seu axé e reverenciam *Dan* por meio dos seus movimentos, que saúdam “o espírito infinito da serpente”, aquela que pisa a terra para trazer os mistérios e encantos, no eterno elo com o sagrado. *Arrobobo!*



\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

**Outras informações julgadas necessárias**

**Guardiões 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** Séquito Ofídico

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Bianco Ferraro

**O que representa:** Para a proteção do Infinito Espírito da Serpente, um poderoso séquito se apresenta como a comitiva mística a guardar os segredos e as magias Voduns da família de *Dan*. (Obs: Os dez componentes se dividem em dois grupos: um grupo de cinco componentes com a alegoria de mão com predominância de laranja, outro grupo com a predominância de verde, representando a linha de frente dos exércitos aludidos na ala de abertura).



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

Julinho e Rute, uma das duplas mais vitoriosas da história dos desfiles das escolas de samba, trazem para 2024 uma coreografia plenamente integrada ao samba, conservando os fundamentos da dança do casal de mestre-sala e porta-bandeira. Com bailado tradicional e inserção de movimento e reverências à energia do Vodum Bessen, eles bailam tendo a letra e a melodia como elemento condutor da dança. O casal equilibra suavidade e vigor no bailado, em medidas e riscados lapidados ao longo de anos de parceria e cumplicidade artística. Tudo isso sob o olhar artístico de Juliana Meziat, ensaiadora com larga experiência no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, além de passagens por companhias renomadas, como Deborah Colker, e o premiado Grupo Corpo.

**Julinho Nascimento:** Começou sua trajetória no samba em 1986, no Corações Unidos do CIEP, como mestre-sala mirim. Em 1988, passou a integrar o G.R.E.S. Tradição, e, em 1990, aos 16 anos, recebeu a missão de ocupar o posto de primeiro mestre-sala da agremiação, dançando com sua madrinha, a lendária porta-bandeira Vilma Nascimento. A história com a Viradouro começou em 2006, mas Julinho também emprestou seu sofisticado bailado a outras coirmãs, como Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca. Em 2018, o dançarino voltou a defender o pavilhão da Viradouro e

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### **Outras informações julgadas necessárias**

com Rute Alves, com quem forma um dos pares mais respeitados do Carnaval, ajudou a fazer da escola de Niterói a campeã da temporada da Série A. Na carreira, o mestre-sala da vermelho e branco tem três títulos do Grupo Especial: 2013, Vila Isabel; 2014, na Unidos da Tijuca; e 2020, Unidos do Viradouro. Julinho também foi agraciado em quatro edições do Estandarte de Ouro, conceituada premiação do jornal O Globo (2009, 2010, 2011, 2012). Com isso, o casal segue sendo referência quando o assunto é elegância, leveza e beleza na arte do bailado

**Rute Alves:** São 27 anos como porta-bandeira, 17 deles dançando ao lado de Julinho Nascimento. Essa experiência se traduz em segurança e técnica na hora de encarar a responsabilidade de se apresentar para o público e jurados da Avenida. Ingressou na Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte presidida por Manoel Dionísio em 1996. No ano seguinte, estreou na Marquês de Sapucaí, sendo escolhida em concurso para ser a primeira porta-bandeira da São Clemente, embora estivesse concorrendo para o posto de segunda porta-bandeira. Com passagens por agremiações de grande relevância no Carnaval, como Portela, Porto da Pedra, Salgueiro, Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca, ganhou duas vezes o Prêmio Estandarte de Ouro e foi por quatro vezes campeã no Grupo Especial. Em 2024, tornou-se também ensaiadora do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Estácio de Sá, escola tradicional do carnaval carioca, que atualmente desfila pela Série Ouro.

#### **Ensiadora do Primeiro Casal:**

**Juliana Meziat** é formada pela Escola de Dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde foi bailarina solista consagrada, brilhando em palcos do Brasil e do exterior. Juliana começou em 2023 como a ensaiadora de Julinho Nascimento e Rute Alves, nosso primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira. Professora de Ballet clássico e coreógrafa, já emprestou seu talento ensaiando e coreografando atores e bailarinos para filmes e inúmeras peças publicitárias como o filme « Ypioca » com o astro John Travolta. Seu último trabalho foi a preparação corporal com a atriz Suzana Pires para o longa metragem “Câncer com Ascendente em Virgem”. Trabalhou na Companhia de Dança de Deborah Colker, com passagem pelo renomado Grupo Corpo. Atualmente, é coordenadora, ensaiadora e coreógrafa da Petite Danse, escola que forma e exporta grandes bailarinos. Seu trabalho Coreográfico se destaca com premiações em grandes festivais de dança como Festival de Dança de Joinville, Instituto Passo de Arte e MovRio.

**Tatyane Amparo (consultora de dança afro)** - Iniciada aos 15 anos na dança, sua trajetória começou na dança de salão e posteriormente na dança afro, danças populares e samba no pé na Pimpolhos da Grande Rio. Tem estudo aprofundado nas danças de Reis e Rainhas dos Blocos Afros. Participou da Cia de teatro Os Dionísios. Foi professora de samba no pé e afro no Carnaval Experience durante 2 anos, Dançarina do Bloco Afro Filhas de Gandhi; Coreógrafa e dançarina do bloco Agytoê desde 2017. Como bailarina de comissão de frente tem passagem pela Unidos de Bangu, Unidos do Viradouro e Alegria da Zona Sul aonde foi assistente coreográfica levando a apresentação ser premiada como melhor comissão de frente pela revista explosão in. Coreógrafa e dançarina do Espetáculo João Bosco Em Verso e Dança.

Desde 2015 é professora de dança de Salão na Lona Cultural de Vista Alegre; Dançarina e preparadora corporal da cantora Doralyce desde 2022.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

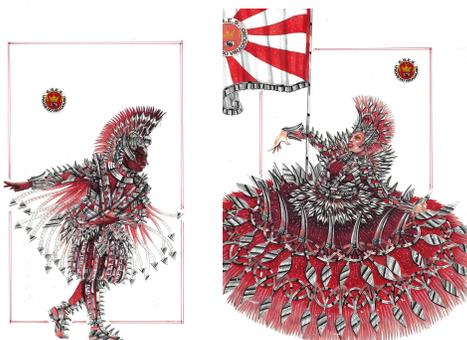
**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** Liberdade Forjada em Luta

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Fernando Magalhães

**O que representa:** Lanças em ferro e artefatos de combate vestem o segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira. O processo de libertação não foi uma concessão do colonizador. Deu-se por meio de estratégias forjadas em luta constante, muitas vezes apagadas para silenciar os escravizados como agentes da própria história. No caso das Revolta dos Malês, diversas casas religiosas, como o *Bogum*, contribuíram para a formação de uma rede solidária de apoio ao levante. Na Revolta dos Malês, as armas empunhadas não eram apenas materiais, mas também religiosas e intelectuais. Da união, estratégia e lealdade entre os povos de África, nasceu a integração entre diversas etnias em nome da liberdade.



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

**Guardiões 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** Baú Metafórico

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Wal Machado

**O que representa:** Segundo a tradição oral, o termo “*Bogum*” se referia ao baú onde se guardavam os donativos destinados a financiar a Revolta dos Malês.



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

No desfile de 2024, será apresentada uma coreografia com elementos de dança dentro da proposta do enredo, sem deixar de apresentar movimentos tradicionais da dança do casal. A magia e o encantamento surgem nos giros da porta-bandeira e movimentos de braços e riscados do mestre-sala.

**Thiaguinho Mendonça:** Dançou pela primeira vez como mestre-sala em 2011 na Mocidade Unida da Cidade de Deus e Renascer de Jacarepaguá, onde permaneceu até 2016. Passou por escolas como Dificil É o Nome e Portela. Em 2017, chegou à Imperatriz Leopoldinense, onde esteve por seis carnavais. Atualmente, defende a União da Ilha do Governador (como primeiro mestre-sala), e a Unidos do Viradouro, onde atua como segundo mestre-sala. Thiaguinho também teve passagens por agremiação em Brasília, Juiz de Fora, Campos dos Goytacazes, e Porto Alegre. Acumula prêmios como S@mbaNet, Jorge Lafond, Ziriguidum, Estrelas do carnaval, SRZD Carnavalesco, Jornal do Sambista, Samba na Veia e outros.

**Amanda Poblete:** É licenciada em Educação Física e pós-graduada em Dança e Consciência Corporal. Em 2024, completa 15 anos como porta-bandeira, tendo passagens por agremiações como Sereno de Campo Grande, Unidos de Padre Miguel, Mocidade Unida de Jacarepaguá, Renascer de Jacarepaguá, Paraíso do Tuiuti, Vila Isabel e São Clemente. Ao longo de sua trajetória, conquistou prêmios como S@mbaNet, Estrela do Carnaval, Jornal do Sambista, Samba na Veia e foi bicampeã do Prêmio Jorge Lafond. Atualmente, Amanda e Thiaguinho formam o segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, e também o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da União da Ilha do Governador.

**Ensaiaadora do Segundo Casal:**

**Marluce Medeiros:** Bailarina e coreógrafa, é pós-graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas e graduada em Educação Física. É diretora do Studio Talento e Arte Escola de Dança e diretora residente do espetáculo “Bem Sertanejo - o Musical”. É presidenta do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. Atua como profissional da dança em TV, teatro, filmes, comerciais, novelas e musicais. Atualmente é coreógrafa de Amanda Poblete e Thiaguinho Mendonça na Unidos do Viradouro e União da Ilha do Governador, bem como do terceiro casal da Viradouro Duda Martins e João Oliveira.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

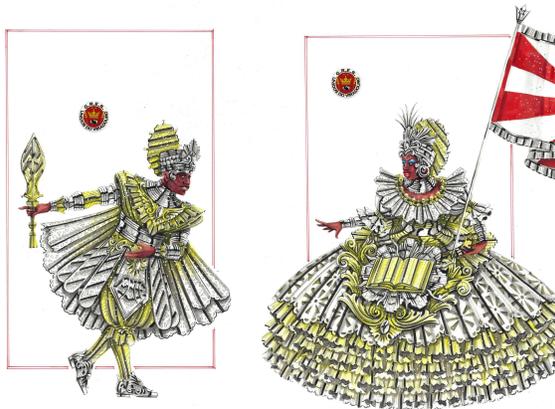
**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** Devotos de São Bartolomeu

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Atêlie Alessandra Reis

**O que representa:** São Bartolomeu foi um dos doze apóstolos de Cristo. O culto ao Santo foi sincretizado com a divindade das cobras. Em algumas casas de Candomblé e irmandades baianas, como a de Nossa Senhora da Boa Morte, o dia dedicado a São Bartolomeu (24 de agosto) também é a data das celebrações a *Dan* e aos Voduns da família ofídica.



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

O terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira desfilará com o pavilhão apresentando as cores azul e rosa, uma estilização a partir do desenho original com que a Unidos do Viradouro se apresentou até a mudança para as cores definitivas (vermelho e branco), ocorrida entre o final da década de 1960 e início dos anos de 1970.



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Guardiãs 3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** Senhoras da Fartura

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Wladimir Viana

**O que representa:** Os laços de solidariedade praticados por meio de ações de ajuda mútua eram fortalecidos por festejos ancestrais, com oferendas e partilha de alimentos. Sob esses valores e práticas sociais e espirituais, procissões e festas de padroeiros tinham a participação ativa de associações religiosas em prol da manutenção de práticas do culto *Jeje* na Bahia. Era também uma forma de manter os laços de lealdade entre as herdeiras de Ludovina para que nunca abandonassem umas às outras. Este grupo emoldura o tripé (na frente e na lateral), complementando a cena em que as senhoras da fartura oferecem seus quitutes. (Obs: as guardiãs do Terceiro Casal desfilam como o mesmo figurino do Grupo Performático III - Senhoras da Fartura)



Dois jovens dançarinos que têm na agilidade uma das suas grandes marcas. Giros fortes e precisos, aliados a uma coreografia vigorosa fazem com que esse jovem casal, escolhido no concurso realizado pela Viradouro em 2022, tenha a certeza de uma apresentação de excelência. A coreografia é de Marluce Medeiros, também responsável pela preparação do segundo casal.

**João de Oliveira:** João de Oliveira atua como mestre-sala desde os 14 anos, quando foi revelado por Daniel Ghanen para dançar na escola mirim da União da Ilha do Governador. O jovem tem passagens como 2º mestre-sala do GRES Arrastão de Cascadura, 1º mestre-sala do GRES Nação Insulana, onde por dois anos garantiu a nota máxima para a agremiação. Ele teve ainda participações em projetos de casais de mestre-sala e porta-bandeira da Portela, Renascer de Jacarepaguá e Viradouro. Com notável reconhecimento, foi convidado pela diretoria da vermelho e branco de Niterói para assumir o posto de terceiro mestre-sala neste Carnaval.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Duda Martins:** Começou a dançar com apenas cinco anos, na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio. Além de fazer parte do projeto de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, onde participou e ganhou o concurso para defender o terceiro pavilhão da agremiação para 2022.

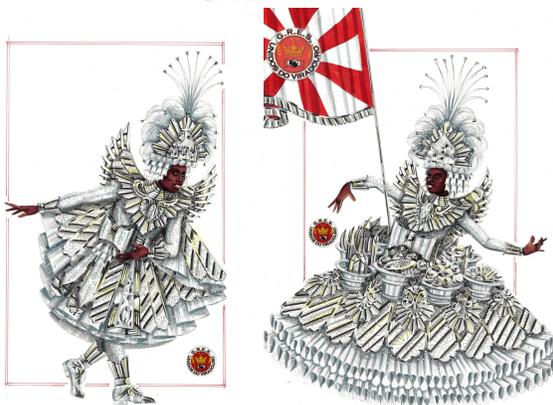
**Ala 15- Grupo de Casais de Mestre-Salas e Porta-Bandeiras Mirins**

**Nome da Fantasia:** Quitutes da Festa de São Bartolomeu

**Criação do Figurino:** Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Alessandra Reis

**O que representa:** O revoar dos pavilhões anuncia os casais mirins, que trazem os quitutes e a alegria presente nas festividades a São Bartolomeu.



**\*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

